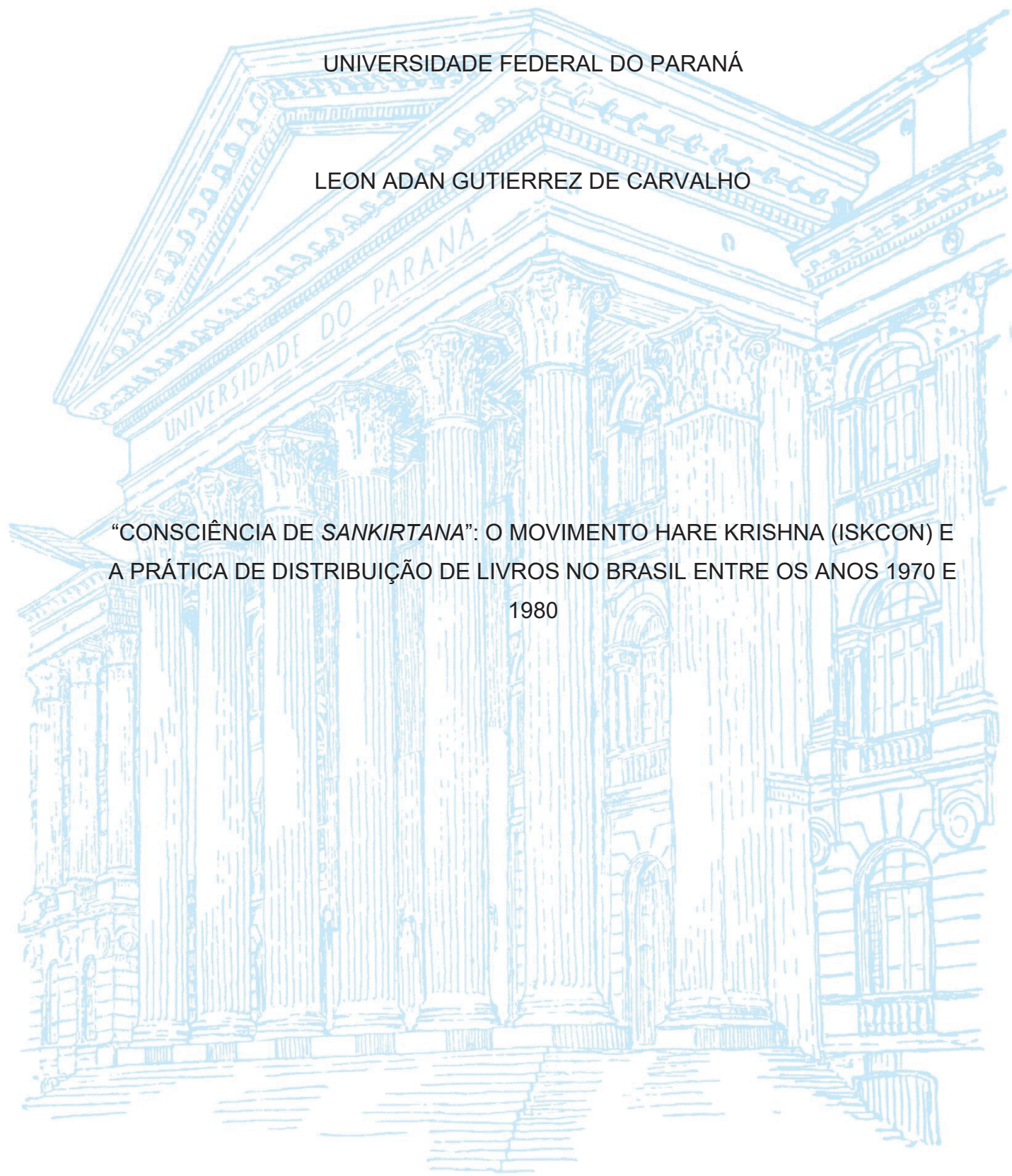




UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEON ADAN GUTIERREZ DE CARVALHO

“CONSCIÊNCIA DE SANKIRTANA”: O MOVIMENTO HARE KRISHNA (ISKCON) E
A PRÁTICA DE DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS NO BRASIL ENTRE OS ANOS 1970 E
1980

CURITIBA

2022

LEON ADAN GUTIERREZ DE CARVALHO

“CONSCIÊNCIA DE *SANKIRTANA*”: O MOVIMENTO HARE KRISHNA (ISKCON) E
A PRÁTICA DE DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS NO BRASIL ENTRE OS ANOS 1970 E
1980

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, Setor de Humanas, na Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à
obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Carvalho, Leon Adan Gutierrez de
"Consciência de *Sankirtana*" : o Movimento Hare Krishna (Iskcon)
e a prática de distribuição de livros no Brasil entre os anos de 1970 e
1980. / Leon Adan Gutierrez de Carvalho. – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Doutorado (Tese em História) – Universidade Federal do Paraná,
Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Kosicki Bellotti

1. Hare Krishnas - Brasil. 2. Religiões - História. 3. Hinduísmo -
Brasil. 4. Religião e a imprensa. I. Bellotti, Karina Kosicki, 1978-.
II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em
História. III. Título.

Bibliotecária : Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **LEON ADAN GUTIERREZ DE CARVALHO** intitulada: "**Consciência de Sankirtana**" : o Movimento Hare Krishna (ISKCON) e a Prática de Distribuição de Livros no Brasil entre os anos 1970 e 1980, sob orientação da Profa. Dra. KARINA KOSICKI BELLOTTI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Setembro de 2022.

Assinatura Eletrônica
02/09/2022 14:45:27.0
KARINA KOSICKI BELLOTTI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
02/09/2022 16:48:03.0
JORGE MIKLOS
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE PAULISTA)

Assinatura Eletrônica
02/09/2022 15:57:35.0
MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB)

Assinatura Eletrônica
02/09/2022 20:06:55.0
CARLOS ANDRÉ SILVA DE MOURA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO)

Assinatura Eletrônica
02/09/2022 19:44:40.0
PRISCILA PIAZENTINI VIEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos sempre são atos seletivos e excludentes, uma vez que muitos foram os atores que contribuíram para eu pudesse concluir a tese, direta e indiretamente. Ainda assim, penso ser necessário citar pelo menos alguns nomes de maneira sucinta para que o apreço e o afeto sejam imortalizados através da escrita.

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Rosário Carvalho e ao meu filho Nitai por serem a fonte de toda inspiração e terem dado tanto apoio emocional e amor ao longo de todos os anos da tese.

Meu apreço também às pessoas que me auxiliaram de forma indireta, com diversos tipos de apoio: Angélica Pignata (mãe do meu filho); Luciana de Carvalho (irmã querida); Cida (por me abrigar nos primeiros meses na cidade); aos amigos de vida e “sofrência” acadêmica, Nicolle Taner, Ingrid Frandji, Lorena Fernanda; ao amigo conterrâneo e mestre Carlinhos Ferraz (que me ambientou na cidade); meus irmãos Adriano e Juliano; minha tia Eleonora Carvalho (*in memoriam*); minha fisioterapeuta Fernanda Karam (que tem me curado dos males que a própria atividade acadêmica causaram ao meu corpo); e, especialmente, minha psicóloga, Thaís Frauendorf, por todo o cuidado e atenção que tem tido ao longo desses anos que têm sido os mais difíceis da minha vida adulta.

Agradeço à professora Karina Kosicki Bellotti por ter aceito o desafio de orientar uma tese sobre um objeto de estudo ainda pouco explorada pela academia brasileira. Importante citar também as contribuições recebidas ao longo das disciplinas cursadas durante o doutoramento, especialmente do(a)s professore(a)s Priscila Piazzentini, Marcos Gonçalves, Ana Paula Vosne, Roseli Boschilia e Marion Brepohl. Meu muito obrigado aos professores e professoras que compuseram a banca e adicionaram contribuições importantes ao texto da tese: Maria Lúcia Abaurre, Priscila Piazzentini, Carlos André Moura e Jorge Miklos.

Meu agradecimento especial à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pela concessão de uma bolsa integral, sem a qual essa pesquisa não teria sido desenvolvida.

Por último, agradeço a todo(a)s aquele(a)s que resistiram e lutaram contra o autoritarismo e o fascismo que se apoderaram do Brasil nos últimos anos, levando adiante esperança, afeto, conhecimento e educação em um país em luto.

Em memória de todas as vítimas da pandemia de Covid-19 do Brasil.

RESUMO

O Movimento Hare Krishna, difundido pela *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON) no Brasil a partir de 1973, inaugurou uma fase de intensa produção e distribuição/venda de livros, revistas e outros artigos (religiosos ou não), através de uma prática chamada de *sankirtana*. Entre os anos 1970 e 1990, a ISKCON do Brasil realizou diversos esforços para que as mídias impressas produzidas pela sua editora, a Bhaktivedanta Book Trust (BBT), fossem distribuídas em massa no Brasil, através dos seus adeptos que elaboraram táticas de venda desses produtos, visando a manutenção, difusão e perpetuação da religião. Nesse processo, as mídias seculares, em especial, os jornais de grande circulação, passaram a reportar matérias sobre os membros, as práticas e crenças Hare Krishna, no período, construindo uma série de representações sobre a religião e os religiosos, entrando em disputas que eram tanto simbólicas, quanto sociais. A presente tese tem por escopo observar como o Movimento Hare Krishna (ISKCON) no Brasil foi influenciada pelo (e influenciou o) processo de midiaticização da religião e como isso imprimiu características próprias na identidade e no desenvolvimento histórico da religião. Para tanto, conceitos e métodos desenvolvidos a partir da História Cultural, dos Estudos Culturais, além das reflexões levantadas pelos estudiosos de Mídia e Religião e História das Religiões - reunindo autores como Michel de Certeau, Roger Chartier, Stewart Hoover e Karina Bellotti - foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa. Analisando fontes como mídias impressas religiosas (jornais e revistas Hare Krishna), documentos institucionais (do acervo da ISKCON) e jornais seculares (como *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*), pude perceber que o Movimento Hare Krishna conseguiu se expandir no Brasil graças ao seu intenso projeto de distribuição de livros, entre os anos 1970 e 1990 e que as disputas de representação por uma identidade religiosa travadas nas páginas dos jornais de grande circulação, acabaram definindo muitas das representações que ainda hoje pairam sobre a religião.

Palavras-chave: Movimento Hare Krishna; Hinduísmo no Brasil; Novos Movimentos Religiosos; Mídia e religião; História das religiões.

ABSTRACT

The Hare Krishna Movement, spread by the International Society for Krishna Consciousness (ISKCON) in Brazil from 1973 on, started a phase of intense production and distribution/sale of books, magazines and other kind of products (religious or not), through a practice called *sankirtana*. Between the 1970s and 1980s, the Brazilian ISKCON made several efforts for the mass distribution of the printed media produced by its publisher, The Bhaktivedanta Book Trust (BBT). This was done through its supporters, who developed sales tactics for these products, aiming at the maintenance, diffusion and perpetuation of religion. In this process, the secular media, especially the most popular newspapers, began to publish articles on the members, practices and beliefs of Hare Krishna of the period, constructing representations about the religion and the religious meant, starting disputes that were both symbolic and social. The aim of this thesis is to analyze how the Hare Krishna Movement (ISKCON) in Brazil was influenced and also influenced the process of mediatization of religion and how this, in turn, imprinted its own characteristics on the identity and historical development of the religion. To do so, I borrowed concepts and methods from Cultural History, Cultural Studies, in addition to reflections raised by scholars of Media and Religion and History of Religions – with authors such as Michel de Certeau, Roger Chartier, Stewart Hoover and Karina Bellotti - which were crucial for the development of this research. Analyzing sources such as religious press media (Hare Krishna newspapers and magazines), institutional documents (from the ISKCON collection) and secular newspapers (such as *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* and *O Estado de São Paulo*), I could see that the Hare Krishna Movement could expand in Brazil thanks to its intense book distribution project, between the 1970s and 1990s, and that the disputes of representation for a religious identity fought in the pages of major newspapers, ended up defining many of the representations that still hang over in the religion today.

Key words: Hare Krishna Movement; Hinduism in Brazil; New Religious Movements; Religion and Media; History of religions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bhaktivinoda Thakura	88
Figura 2 - Bhaktisiddhanta Sarasvati.....	91
Figura 3 - Bhaktivedanta Swami Prabhupada	94
Figura 4 – <i>De volta ao Supremo</i> (n. 6, 1980)	190
Figura 5 – Hridayananda Dasa Goswami.....	192
Figura 6 – Capa da <i>Carta de Sankirtana</i>	202
Figura 7 - Charge de anúncio da Maratona de Verão de 1985	211
Figura 8 - Ilustração da <i>Carta de Sankirtana</i> e <i>Back to Godhead</i>	213
Figura 9 – Detalhe do slogan da <i>Carta de Sankirtana</i>	233
Figura 10 - Catálogo de livros pequenos da BBT (com detalhe).....	267
Figura 11 - Divulgação do livro <i>Soluções 2</i>	267
Figura 12 - Catálogo de livros médios da BBT	268
Figura 13 - Catálogo de livros grandes da BBT.....	270
Figura 14 - Catálogo de livros “ <i>maha-grandes</i> ” da BBT	271
Figura 15 - Publicidade do Shrimad Bhagavatam	272
Figura 16 - Jornal <i>Desafio Espiritual</i>	276
Figura 17 - Jornal <i>Cultura Védica</i>	278
Figura 18 - Anúncio de livros no jornal <i>Cultura Védica</i>	279
Figura 19 - Anúncio A de livros na revista <i>De volta ao Supremo</i>	280
Figura 20 - Anúncio B de livros na revista <i>De volta ao Supremo</i>	280
Figura 21 - Convite para o templo do jornal <i>Hare Krishna Informa</i>	282
Figura 22 - Convite para o templo da revista <i>De volta ao Supremo</i>	282
Figura 23 - Tirinha sobre o <i>sankirtana</i> na <i>Folha de São Paulo</i>	291
Figura 24 - Criança <i>hare krishna</i> com o presidente João Figueiredo	303
Figura 25 - Adesivo da campanha contra as drogas	312
Figura 26 - Catálogo de produtos do jornal <i>Cultura Védica</i>	312
Figura 27 - Anúncios da revista <i>Volta ao Supremo</i>	314
Figura 28 - Anúncio A do jornal <i>Hare Krishna Informa</i>	315
Figura 29 - Anúncio B do jornal <i>Hare Krishna Informa</i>	315
Figura 30 - Reportagem de <i>O Globo</i> em 13 fev. 1977	357
Figura 31 - Charge da <i>Folha de São Paulo</i>	361
Figura 32 - Publicidade do Sé Supermercados	409

Figura 33 - Charge sobre o cotidiano do Rio de Janeiro no <i>Jornal do Brasil</i>	413
Figura 34 - Charge sobre o cotidiano do Rio de Janeiro no <i>Jornal do Brasil</i> [excerto]	413
Figura 35 - Cartoon da <i>Folha de São Paulo</i> sobre as tribos urbanas.....	415

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados anuais do <i>sankirtana</i> mundial (1973-2021).....	166
Gráfico 2 - Resultados de <i>sankirtana</i> anuais dos EUA (1979-2021)	168

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pontuação das maratonas de <i>sankirtana</i> (1976-1980).....	196
Tabela 2 – Sistema de pontuação da BBT internacional.....	196
Tabela 3 - Livros impressos pela BBT Brasil (1975-1982)	197
Tabela 4 - Quantitativo de livros da BBT distribuídos no Brasil (1981-1996)	219

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

BBT	- The Bhaktivedanta Book Trust
BTG	- <i>Back to Godhead</i>
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CGB	- Corpo Governamental Brasileiro
CS	- Carta de Sankirtana
EUA	- Estados Unidos da América
FSP	- <i>Folha de São Paulo</i>
GBC	- Governing Body Commission
ISKCON	- International Society for Krishna Consciousness
ISKCON Brasil	- Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna do Brasil
JB	- <i>Jornal do Brasil</i>
MJ	- Ministério da Justiça
NMRs	- Novos Movimentos Religiosos
OESP	- <i>O Estado de São Paulo</i>
OG	- <i>O Globo</i>
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
USP	- Universidade de São Paulo
WSN	- <i>World Sankirtana Newsletter</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 HARE KRISHNA E MÍDIA: CONCEITOS, HISTÓRIAS E REFLEXÕES	36
2.1 CONCEITUANDO O MOVIMENTO HARE KRISHNA.....	36
2.1.1 As tipologias religiosas	39
2.1.2 Os problemas e limites das tipologias	45
2.1.3 O conceito de “novos movimentos religiosos”	52
2.1.4 Limitações do conceito de NMRs	61
2.1.5 Religião	68
2.1.6 Em busca de uma definição histórica do Movimento Hare Krishna	75
2.2 MÍDIA E RELIGIÃO	102
3 DO CANTO AOS LIVROS: A GENEALOGIA DO SANKIRTANA E A MIDIATIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA	112
3.1 O SANKIRTANA COMO PRÁTICA FUNDANTE DO VAISHNAVISMO GAUDIYA 114	
3.2 A MODERNIZAÇÃO VAISHNAVA GAUDIYA NA ÍNDIA BRITÂNICA.....	120
3.3 A SUPERLATIVAÇÃO DO SANKIRTANA: PRABUPADA E A DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS COMO MEIO E FIM DE UMA RELIGIÃO.....	132
3.3.1 O <i>sankirtana</i> de Prabhupada.....	133
3.3.2 O <i>sankirtana</i> mundial da Bhaktivedanta Book Trust (BBT)	146
3.4 A PRÁTICA DO SANKIRTANA DOS MEMBROS DA ISKCON	157
3.5 O SANKIRTANA PÓS-PRABHUPADA	166
4 O SANKIRTANA NO BRASIL ENTRE OS ANOS 1970 E 1990	180
4.1 “ISSO VAI SER A GLÓRIA DO BRASIL”: O SANKIRTANA COMO PRIORIDADE DA ISKCON BRASIL.....	182
4.1.1 Primeiras experiências Hare Krishna no Brasil (1973-1975).....	183
4.1.2 “No Brasil cantando dá”: O início do <i>sankirtana</i> em larga escala no Brasil (1975-1980).....	186
4.1.3 Em busca da “consciência de <i>sankirtana</i> ”: a distribuição de livros no Brasil a partir da <i>Carta de Sankirtana</i> (anos 1980 e 1990)	201
4.2 ASPIRAÇÕES POR UM “SANKIRTANA FANÁTICO”.....	224
4.2.1 Cobranças por resultados e lógica de mercado	226
4.2.2 Quem não gosta de <i>sankirtana</i> , bom sujeito não é	238

4.2.3 “Nós nos ‘estuporamos’”: os sacrifícios da prática do <i>sankirtana</i> como sinônimo de avanço espiritual	243
4.2.4 A psicologia do <i>sankirtana</i>	252
4.2.5 Resistências ao “ <i>sankirtana</i> fanático”	257
5 PRÁTICAS E MODOS DE FAZER O SANKIRTANA NO BRASIL	265
5.1 “UM LIVRO NÃO TEM HORÁRIO DE EXPEDIENTE E NUNCA SE CANSA”: OS LIVROS, REVISTAS E JORNAIS DE SANKIRTANA.....	265
5.1.1 Livros pequenos e médios.....	266
5.1.2 “Não somos um movimento de livrinhos”: os livros grandes e “ <i>maha</i> -grandes” 270	
5.1.3 Revistas e jornais	275
5.1.4 Representações sobre os livros	283
5.2 MODALIDADES E LUGARES DE SANKIRTANA	287
5.3 O SANKIRTANA MODERNO, PARA ALÉM DOS LIVROS.....	307
5.3.1 O “ <i>sankirtana</i> multimídia”: outros usos de mídias no <i>sankirtana</i>	308
5.3.2 A “coleta”: outro nome e função para o <i>sankirtana</i>	318
5.4 “O FIM JUSTIFICA OS MEIOS”: QUESTÕES ÉTICAS SOBRE O SANKIRTANA 324	
5.4.1 Argumentos sobre a “enganação” no <i>sankirtana</i>	324
5.4.2 “Quero um <i>sankirtana</i> limpo”: A desonestidade como fator negativo para o <i>sankirtana</i>	329
6 O SANKIRTANA E O HARE KRISHNA PELAS LENTES DA GRANDE IMPRENSA NO BRASIL NOS ANOS 1970 E 1980	336
6.1 OS JORNAIS ABORDADOS.....	339
6.1.1 O <i>Globo</i>	340
6.1.2 A Folha de São Paulo.....	343
6.1.3 O Jornal do Brasil.....	346
6.1.4 O Estado de São Paulo.....	348
6.2 “FOI CANTANDO HARE KRISHNA QUE ELES ENRIQUECERAM”: REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA NOS ANOS 1970	350
6.2.1 Hare Krishna: exotismo, periculosidade e os excessos de uma “seita”, segundo a imprensa de grande circulação.....	351
6.2.2 Representações do <i>sankirtana</i> nos jornais.....	365

6.3 “UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA A FAMÍLIA”: ESCÂNDALOS NA MÍDIA DOS ANOS 1970	375
6.3.1 Família Ferrari	378
6.3.2 Ana Davis	382
6.3.3 Marcelo Rodrigues	388
6.3.4 Consequências sofridas pelo Movimento Hare Krishna	392
6.3.5 Reações e táticas do Movimento Hare Krishna.....	398
6.4 A IMPRENSA E O MOVIMENTO HARE KRISHNA NOS ANOS 1980	405
7 CONCLUSÃO	420
REFERÊNCIAS.....	430
APÊNDICE 1 – DICIONÁRIO DE VERBETES ISKCONIANOS	462
APÊNDICE 2 - GLOSSÁRIO	466
APÊNDICE 3 – NÚMERO DE REPORTAGENS E SEÇÃO DE CADA JORNAL ..	469
APÊNDICE 4 - DEFINIÇÕES SOBRE O MOVIMENTO HARE KRISHNA NOS JORNAIS	472

1 INTRODUÇÃO

“Por onde andam os *hare krishna*?”. Essa é uma pergunta que ouvimos muitas vezes (quando falamos hoje sobre o tema) de pessoas que viveram entre os anos 1970 e 1990 nas grandes cidades brasileiras. Nessas conversas, acompanham comentários do tipo: “uma vez eu fui ao templo...”; “já comprei livros/incenso de um ‘hare’ na rua...”; ou “eu tinha um(a) amigo(a)/parente que ‘virou’ *hare krishna*...”.

Nesse período, era bastante comum ver os monges *hare krishna* em locais públicos, cantando mantras, fazendo pregações e, principalmente, vendendo livros, revistas e outros objetos como incensos, adesivos, bombons, etc. Esse conjunto de práticas constituía a principal atividade missionária e econômica do Movimento Hare Krishna – ou mais precisamente, da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON)¹ – no Brasil, até fins dos anos 1990.

A instituição religiosa foi fundada em 1966, em Nova Iorque, pelo guru indiano A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977), na época, um monge idoso adepto do vaishnavismo *gaudiya*² que foi aos Estados Unidos da América (EUA) na tentativa de ajudar na missão do seu próprio mestre de difundir a sua tradição religiosa pelo mundo. O Movimento Hare Krishna se difundiu rapidamente nos países ocidentais seguindo a esteira das transformações sociais, culturais, políticas e religiosas que o Ocidente passou entre os anos 1960 e 1970.

Seguindo a tradição do vaishnavismo, Bhaktivedanta ajudou a difundir no Ocidente, uma teologia que se diferenciava tanto da cultura judaico-cristã, quanto de outras correntes hindus (como a do *hatha-yoga*, por exemplo) que também se difundiam naquele momento. O Movimento Hare Krishna acredita que o deus hindu Krishna é a “Suprema Personalidade da Deus”, que implica que, mesmo tendo muitas encarnações (*avatara*), Krishna é a principal e a fonte de todas as demais. Além disso, Krishna é uma divindade que se relaciona com as almas espirituais (*jiva*) através da devoção (*bhakti*) e por isso o processo de desenvolvimento da “consciência de

¹ Do inglês: *International Society for Krishna Consciousness*.

² O vaishnavismo *gaudiya* surgiu na atual região da Bengala Ocidental, na Índia, através da figura carismática de Chaitanya (1486-1534). Veremos nos próximos capítulos, informações de talhadas sobre esse ramo do hinduísmo.

Krishna” deve ser alcançado pelo indivíduo através do “serviço devocional” – ou seja, através da prática da *bhakti-yoga* (ioga da devoção). Essa seria uma forma de espiritualidade que não focava na execução de posturas, na respiração ou na adoração de divindades diversas, mas, na adoração e glorificação de Krishna, de suas encarnações (ou “expansões”) e seus devotos³.

A prática do serviço devocional deve se dar com a orientação de um guru, um mestre espiritual que tem a capacidade de reestabelecer a relação da alma com Krishna, explicar ao discípulo as revelações das escrituras e guiá-lo corretamente nas práticas espirituais após dar-lhe a iniciação espiritual.

No momento da iniciação, além de receber um “nome espiritual” e de se tornar formalmente um membro da ISKCON, o devoto se compromete a seguir alguns princípios e práticas: o iniciado deve se abster de comer alimentos que não fazem parte da dieta lactovegetariana; de jogar jogos de azar; de consumir substâncias intoxicantes (drogas lícitas e ilícitas, incluindo bebidas com cafeína); e de praticar sexo fora do casamento (e que não tenha o objetivo de procriar crianças “conscientes de Krishna”). Além disso, o devoto iniciado deve cantar um número prescrito de vezes o mantra *Hare Krishna*⁴, ler os livros traduzidos e comentados por Bhaktivedanta Swami, engajar-se em serviços devocionais e seguir as instruções do guru.

Embora muitas dessas práticas, princípios e escrituras usadas já fossem comuns na Bengala desde o século XVI, o vaishnavismo inserido por Bhaktivedanta no Ocidente era uma versão modernizada da religião hindu. Desde o século XIX, com o processo de modernização da Índia impulsionado pela colonização britânica na região, as religiões hindus passaram a se adaptar a novos formatos e promover institucionalizações e reformas⁵.

³ O principal livro adotado pelos *hare krishna* e pelos seguidores de Chaitanya é o *Bhagavata Purana* (também chamado de *Shrimad Bhagavatam*) que conta as histórias (*purana*) de Krishna, de seus *avatara* (encarnações) e de grandes santos e devotos. A sua escrita é, provavelmente, anterior à Era Cristã. Este livro foi publicado por Bhaktivedanta Swami, em uma coleção de 18 volumes e foi a obra em que mais dedicou tempo de tradução e elaboração de comentários. PRABHUPADA, A. C. B. S. (trad.). **O Srimad Bhagavatam**: com tradução e comentários de A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo: BBT, 1995.

⁴ O iniciado tem o dever de cantar diariamente o mantra acompanhado de um colar de 108 contas que é repetido 16 vezes, totalizando 1.726 entoações do mantra: *Hare Krishna, Hare Krishna / Krishna Krishna, Hare Hare / Hare Rama, Hare Rama / Rama Rama, Hare Hare*.

⁵ Cf. SILVEIRA, Marcos S. da. New age & neo-hinduismo: uma via de mão dupla nas relações culturais entre Ocidente e Oriente. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 7, n. 7, p. 73–

Não podemos dizer que Bhaktivedanta criou uma religião nova. Ele apenas reinterpretou e fez novos usos da teologia *vaishnava*, utilizando como base a teologia e o modelo institucional que seu próprio guru já vinha desenvolvendo com a Gaudiya Math na Índia das primeiras décadas do século XX⁶. Uma das principais inovações foi o caráter missionário que o vaishnavismo *gaudiya* adquiriu nesse processo. O desejo de tornar uma religião de cultura bengali em um movimento universal, embora já estivesse presente desde os primórdios do nascimento dessa tradição, foi somente com as ações e desejos de gurus indianos entre os séculos XIX e XX e, principalmente, com Bhaktivedanta Swami, que o vaishnavismo *gaudiya* se expandiu pelo mundo, através daquilo que aprendemos a chamar de Movimento Hare Krishna.

Segundo narram os seus biógrafos, o guru indiano chegou aos Estados Unidos em 1965 sem recursos financeiros e sem conhecer uma única pessoa no país. Um ano após a sua chegada, ele fundou a ISKCON em Nova Iorque com a ajuda de seus primeiros simpatizantes e três anos depois, seus discípulos já levavam o movimento para Europa. Nos anos 1970, a ISKCON já despontava como uma instituição religiosa internacionalizada, presente nos principais centros urbanos do mundo⁷.

Apesar de não ter atingido um número expressivo de seguidores, o Movimento Hare Krishna teria sido “a face mais visível das religiões orientais exportadas para o Ocidente durante as décadas de 1960 e 1970 e muito contribuiu para definir as representações populares sobre o Hinduísmo no período”⁸. A contribuição religiosa e cultural Hare Krishna, juntamente com outras tradições, ideias, concepções e práticas, no conjunto daquilo que se convencionou chamar de “novos movimentos religiosos”⁹,

101, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2278/983>. Acesso em: 03 jun. 2018.

⁶ A Gaudiya Math and Mission, foi uma instituição fundada em 1920 na Índia por Bhaktisiddhanta Sarasvati (1874-1937), guru de Bhaktivedanta Swami. Veremos esse ponto com mais detalhes nos próximos capítulos.

⁷ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 1:** Toda uma vida de preparação - Índia/1896-1965. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008a; GOSWAMI, Satsvarupa. D. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 2:** Plantando a semente - Nova Iorque/1965-1966. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008b.

⁸ BRYANT, Edwin F; EKSTRAND, Maria L. Introduction. In: BRYANT, Edwin F; EKSTRAND, Maria L. **The Hare Krishna Movement:** The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University Press, 2004, p. 1.

⁹ Iremos fazer uma problemática do termo no próximo capítulo.

teria causado um significativo impacto e seria grande a sua visibilidade na composição religiosa da sociedade brasileira¹⁰.

Todo o desenvolvimento que tomou o Movimento Hare Krishna só foi possível, graças à grande “galinha dos ovos de ouro” da ISKCON que foi o *sankirtana*. A prática – que nos primeiros séculos do vaishnavismo *gaudiya* consistia em reunir os devotos em locais públicos para cantar e dançar ao som de instrumentos e mantras em glorificação à Krishna –, com Bhativedanta Swami, passou a englobar, também, outras práticas, como a venda de incensos e outros artigos e, principalmente, a venda e distribuição pública de livros e revistas produzidos pela ISKCON.

O *sankirtana* passou a ser a grande porta com a qual novos membros passaram a fazer parte da ISKCON, além de ocasionar uma aparente onipresença pública de uma religião que era nova no cenário ocidental. Foi através do *sankirtana* que a ISKCON conseguiu chegar aos mais diversos lugares do mundo, abrir novos templos e manter funcionando as suas “missões”. A singularidade da ISKCON, segundo suas próprias representações, seria a de trazer a “essência” da cultura espiritual da Índia. Seus livros, seus mestres e seus membros seriam os representantes da “autêntica” e milenar espiritualidade indiana que agora se encontrava disponível ao público ocidental¹¹.

No Brasil, os primeiros membros da ISKCON chegaram em 1973, mas, a instituição só foi formalizada em 1975, justamente no período em que houve um interesse institucional de promover o *sankirtana* na região. A partir da sua institucionalização formal, a prática passou a ser a grande característica do Movimento Hare Krishna no país. Toda uma estrutura foi montada com a finalidade de realizar o *sankirtana*, incluindo editora, equipes, revistas, jornais e, principalmente, os “sankirtaneiros” (distribuidores/vendedores de livros e produtos).

Esses últimos passaram a ter sua rotina devocional completamente voltada para o ato de vender livros e produtos com a finalidade de propagar e de manter a instituição religiosa. Com essa finalidade, os líderes espirituais e institucionais

¹⁰ GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 16.

¹¹ CARVALHO, Leon A. G. de. O movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição”? **Diálogos**, v. 23, n. 1, p. 193–212, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Diálogos/article/viewFile/42922/pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

estimularam incessantemente que fosse desenvolvida uma “consciência de *sankirtana*” que, em poucas palavras, seria uma conscientização por parte dos membros da ISKCON de que o principal objetivo da religião era produzir e distribuir incansavelmente a literatura religiosa de Bhaktivedanta Swami.

E, assim, o *sankirtana* se deu em ritmo frenético no Brasil até o fim dos anos 1990, quando por uma série de motivos que iremos abordar mais à frente, o *sankirtana* entrou em decadência no país, fazendo com que o Hare Krishna passasse a atuar de uma maneira diversa daquela que o público conheceu até então. Foi observando a importância que a prática do *sankirtana* teve para o Movimento Hare Krishna no Brasil que acabei por selecioná-la como objeto da presente tese de doutorado em história.

Tenho pesquisado o Movimento Hare Krishna desde 2013, quando iniciei uma especialização que culminou com uma monografia sobre a comunidade rural da ISKCON, “Nova Vraja Dhama”, situada em Caruaru-PE e que funcionou como sede Norte e Nordeste da ISKCON do Brasil, a partir de 1987¹². Naquela pesquisa, busquei entender como os devotos da comunidade rural se relacionavam com a sociedade caruaruense (e vice-versa) através das narrativas de um jornal local.

Na dissertação de mestrado, iniciada em 2015, optei por fazer uma introdução à história do Movimento Hare Krishna em Pernambuco e no Brasil, procurando observar também as representações que a mídia pernambucana construiu sobre os *hare krishna* e como estas foram decisivas para o entendimento do que seria a religião na esfera pública¹³.

Na presente tese de doutorado, o foco da pesquisa foi perceber como o processo de mediatização afetou e moldou o *vaishnavismo gaudya* através do que conhecemos como Movimento Hare Krishna no Brasil dos anos 1970 e 1980. Procurei

¹² CARVALHO, Leon A. G. de. **Uma movimentação estranha na capital do Agreste**: a história do movimento Hare Krishna na cidade de Caruaru-PE (1986-2013). Monografia (Especialização em História do Brasil). Caruaru, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA), 2014.

¹³ CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. “**A suave invasão**”: práticas e representações do movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Recife, 2017. Essa dissertação foi publicada e adaptada no formato de livro: CARVALHO, Leon A. G. de. **Hare Krishna**: das origens do movimento à chegada e expansão no Brasil. São Paulo: Terceira Via, 2018. Na presente tese, ao me referir à essa pesquisa, irei dar preferência ao formato do livro, devido ao refinamento que o texto passou na etapa de adaptação antes de ser publicado.

focar em algumas questões fundamentais que ainda não haviam sido exploradas por mim ou por outros estudiosos do tema: sendo o Movimento Hare Krishna um desdobramento do processo de modernização do vaishnavismo *gaudiya*, qual a influência disso nas práticas da ISKCON? Quais as consequências da dinâmica de “mídiação da religião” no Movimento Hare Krishna? Por que a ISKCON deu tanta ênfase ao *sankirtana* entre os anos 1970 e 1990 no Brasil? Que métodos utilizou para alcançar sucesso na distribuição de livros? Que práticas e representações foram construídas por seus membros acerca do *sankirtana*? Como os jornais de grande circulação no Brasil representaram o Hare Krishna a partir desse modelo de atuação religiosa?

As hipóteses iniciais para essa problemática apontada acima giram em torno dos seguintes pontos: (1) O Movimento Hare Krishna procurou representar uma tradição do hinduísmo (o vaishnavismo *gaudiya*) fora do seu contexto original (a Índia) e, para isso, precisou realizar adaptações e negociações com a modernidade e com a cultura ocidental; (2) a difusão cada vez mais profusa de periódicos e de literatura produzida por seus próprios meios acabou se constituindo na principal prática religiosa adotada pelo Movimento Hare Krishna no Brasil e no mundo, evidenciando um processo de mídiação intenso da religião; (3) a ênfase absoluta no aspecto missionário da produção e distribuição de literatura religiosa deu ao Movimento Hare Krishna brasileiro uma característica peculiar; (4) as práticas de *sankirtana* adotadas no país possibilitaram uma rápida difusão do Movimento, despertaram a atenção da mídia e da sociedade, ainda que se tratasse de uma religião de pouquíssimos membros; (5) as mídias, sobretudo, os jornais impressos, passaram a construir representações sobre o que seriam os *hare krishna*, suas práticas e seus objetivos e as lutas de representações impactaram as próprias maneiras com as quais o Movimento Hare Krishna passou a atuar.

Neste ponto, o leitor pode estar se perguntando como surgiu o interesse em pesquisar uma religião tida por muitos como “exótica” e que, apesar de marcar presença no campo religioso brasileiro, não possui expressividade numérica na população. No final da minha graduação (2009) passei a frequentar o templo da ISKCON em Recife e dois anos depois me tornei um membro oficial da instituição. Naquele momento, a ISKCON era uma instituição religiosa bastante diversa daquela do período que tratamos na presente tese (anos 1970 e 1980). Dos anos 2000 em

diante, a grande maioria dos membros da instituição era de pessoas inseridas na sociedade, que estudavam, trabalhavam e constituíam família, reunindo-se aos domingos no templo para congregar. E os relatos orais que tratavam dos “tempos áureos” do Movimento Hare Krishna me pareciam como um “outro” que já não existia¹⁴.

Dessa forma, eu comecei a minha pesquisa sobre o Movimento Hare Krishna como um *insider* (interno) e, após a conclusão do mestrado, já me considerava um *outsider* (externo). Assim, gostaria de elencar algumas reflexões metodológicas sobre esse ponto.

Rochford Junior realizou uma pesquisa sobre o Movimento Hare Krishna nos EUA e como parte de sua metodologia, incluiu uma série de pesquisas de campo em que procurou tomar parte ativamente das atividades diárias dos devotos para ter uma visão de “*insider*”, mesmo sendo um “*outsider*”. Essa postura certamente o influenciou de muitas maneiras à medida que o seu envolvimento se tornava cada vez maior e os membros da ISKCON passaram a tratá-lo como um *bhakta* (devoto)¹⁵.

Ao contrário da metodologia adotada por ele, ao longo dos anos de pesquisa sobre o Hare Krishna acabei desenvolvendo o sentido inverso: minha curiosidade inicial me levou a ser um “*insider*” e, algum tempo após a minha graduação, procurei estudar academicamente o Movimento. Esse período de estudos acadêmicos (incluindo a especialização e o mestrado), juntamente com minhas próprias questões subjetivas, foi me deslocando para uma posição cada vez mais “*outsider*”, buscando um olhar historiográfico que me desse outro panorama daquilo que eu, até então, havia vivenciado como um participante “de dentro” e de um Movimento Hare Krishna do passado que já não existia mais da mesma forma.

¹⁴ Eu mesmo havia conhecido a comunidade Nova Vraja Dhama em Caruaru-PE nos anos 1990, quando criança e a ISKCON ainda vivia no regime de monaquismo e missionarismo. Tratei desse tema, sucintamente, em um artigo: CARVALHO, Leon A. G. de. Representações, memórias e subjetividades: um estudo sobre a história do Movimento Hare Krishna em Caruaru (1986-1996). **Semina** (UPF), v. 16, p. 155-169, 2017. Sobre as diferenças vividas pelo Movimento Hare Krishna nos anos 2000, um artigo definia essa mudança como sendo uma “versão *light*” do Movimento. Cf. NEVES, Maria Laura. Hare Krishna versão light. **Época**, São Paulo, 20 nov. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/B9GaKG>. Acesso em: 28 mai. 2016.

¹⁵ Conferir o capítulo 2 “*Field work and membership*” do livro do autor: ROCHFORD JUNIOR, E. B. **Hare Krishna in America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985, p. 21-42.

Com o tempo, deixei de me identificar como um *hare krishna* – embora carregue comigo as memórias e sensibilidades das experiências vividas como *insider*. Deixei paulatinamente de ter interesse pelas experiências e práticas religiosas, ao mesmo tempo em que crescia a vontade de continuar desenvolvendo a pesquisa historiográfica sobre o Hare Krishna no Brasil.

Ambos os lugares que ocupei enquanto pesquisador (tanto *insider*, quanto *outsider*) possibilitaram diferentes abordagens e aproximações com o objeto de estudo. E essa relação com o objeto me fez pensar como a escrita da história é um processo que envolve, inevitavelmente, questões referentes ao lugar que o historiador ocupa e o tempo em que ele se insere.

Michel de Certeau evidencia que a história seria, ao mesmo tempo, uma “prática” e um “discurso”, pois a pena que escreve a narrativa histórica está indissociavelmente ligada a um “lugar social”. Em outras palavras, o historiador ao realizar a “operação historiográfica” deixa nas entrelinhas de sua narrativa os “não-ditos” de sua instituição, de sua filiação e do que ele deseja dar formato de “realidade histórica”¹⁶. Para Certeau, uma análise criteriosa da escrita da história pode revelar aquilo que os historiadores buscavam ocultar em sua narrativa: suas motivações, filiações, crenças, sentimentos, ideologias, etc., enfim, os aspectos de sua subjetividade.

Diante desse quadro, a minha dificuldade durante os anos de pesquisa, incluindo o doutorado, foi tentar observar o passado desse objeto sem que as minhas vivências com ele determinassem uma escrita que não fosse compreensível ao leitor. Tentei ao máximo exemplificar nas páginas que se seguirão, os termos técnicos, questões teológicas, conceitos do sânscrito e bengali e, principalmente, a “atmosfera” cultural que envolve as crenças e práticas Hare Krishna, para tentar deixar a leitura do texto o mais clara possível. No apêndice, além de um glossário de termos nas línguas estrangeiras citadas acima, elaborei também um “dicionário de verbetes” de expressões usadas em sentidos específicos pelos membros da ISKCON, a fim de esclarecer ainda mais a cultura religiosa dos devotos.

¹⁶ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 29-119.

Se para o historiador é impossível ser “imparcial” e, simplesmente, ignorar a sua subjetividade¹⁷, a minha saída foi buscar o “estranhamento” ao meu objeto de estudo, como forma de observá-lo sem que a minha proximidade com ele me fizesse passar despercebido detalhes importantes para a construção do texto. Segundo Carlo Ginzburg, o estranhamento seria “um antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade”¹⁸. A noção de “estranhamento”, para o autor, não diz respeito somente a “descrever as coisas como se vistas pela primeira vez”¹⁹ ou apenas como um “meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade”²⁰. O estranhamento seria um recurso para expor as coisas não como o autor “sabia que eram”²¹.

Considero que a minha abordagem se difere tanto do discurso iskconiano - que preza pela “pureza” ou “santidade” de seus membros, práticas e história -, quanto dos jornais do período aqui proposto que, via de regra, representaram o Hare Krishna como um “outro” ameaçador, exótico ou inferior. Foi necessário adotar uma postura crítica tanto em relação aos discursos institucionais religiosos, quanto às representações das mídias seculares sobre a religião, para se compreender com maior precisão a complexidade histórica envolta nessas questões.

Outra face da minha metodologia de pesquisa, diz respeito à pesquisa histórica em si. O Movimento Hare Krishna no Brasil foi um tema pouco pesquisado pela academia e boa parte da bibliografia (escassa em português), está disponível em outros idiomas, com maior dificuldade de acesso.

Partindo dessa dificuldade, decidi realizar uma intensa leitura e fichamento das minhas fontes como primeira ação da pesquisa. Observando o caráter inédito, inexplorado delas, a minha “fé” me levou a acreditar que elas me dariam o que procurava. Afinal de contas, o historiador é também um “crente”: acredita que a leitura

¹⁷ Como diria Rago: “Construímos, pois, uma trama e uma narrativa do passado a partir das fontes existentes, dos recursos teórico-metodológicos escolhidos e de um olhar, dentre vários outros possíveis, marcado por nossa atualidade, vale dizer, por nossa inserção cultural e social, enfim, por nossa própria subjetividade”. RAGO, Margareth. *A história repensada com ousadia*. In: JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 10.

¹⁸ GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 41.

¹⁹ Ibidem, p. 36.

²⁰ Ibidem, p. 37.

²¹ Ibidem, p. 38.

de suas fontes e textos, através de questionamentos críticos e dos instrumentos próprios da “operação historiográfica”²², trará a “revelação” do objeto histórico.

Assim, depois de ter mergulhado num amontoado de fontes de diversos tipos sobre a ISKCON no Brasil e cheio de instigantes reflexões, parti para a leitura (e releitura) de textos teóricos e metodológicos que, constantemente, remeterem-me de novo às fontes, com novos olhares, *insights* e reflexões, fazendo-me estabelecer diálogos constantes entre fontes, bibliografia, meu lugar social e a escrita da história.

Desde as primeiras pesquisas sobre o meu tema, trabalhei com fontes inéditas. Se nos primeiros momentos elas pareciam ser escassas já que, a ISKCON do Brasil não desenvolveu um arquivamento sistemático de seus documentos ao longo da história, com o tempo, pude descobrir que as fontes eram, na verdade, abundantes e variadas.

No acervo documental da Bhaktivedanta Book Trust (BBT) do Brasil (localizado em Pindamonhangaba-SP), a editora oficial da ISKCON, pude encontrar uma documentação variada, entre fontes institucionais da ISKCON e BBT (ofícios, relatórios de reuniões), manuais de instrução, além de exemplares (incompletos ou avulsos) de diversas revistas e jornais Hare Krishna²³.

Em acervos digitais ligados à ISKCON, pude encontrar, em inglês, toda a bibliografia de Bhaktivedanta Swami, além de cartas, palestras, conversas e outros escritos relacionados ao fundador da instituição²⁴ e um banco de dados internacional relativo à distribuição de livros da BBT²⁵. Algumas lacunas que ficaram nessa documentação, busquei preencher com a realização de duas entrevistas com personagens que vivenciaram o período aqui proposto enquanto “devotos de Krishna”: uma com Isvara (diretor da BBT entre 1977 e 1997) e Advaya Dasa (distribuidor de livros que vivenciou de perto o *sankirtana* nos anos 1970 e 1980).

²² Cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

²³ Esse acervo encontrava-se em caixas no depósito de livros da editora sem qualquer organização ou tratamento. Para ter acesso à documentação, ofereci ajuda para limpar e organizar o acervo.

²⁴ VANIPEDIA [online]. Disponível em: https://vanipedia.org/wiki/Main_Page; VEDABE [online]. Disponível em: <https://vedabase.io/en/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

²⁵ WORLD SANKIRTANA NEWSLETTER. Disponível: <http://wsnl.net/wsnhome.htm>. Acesso em: 03 jul. 2021.

Além disso, reuni uma grande coleção de fontes relacionadas ao Movimento Hare Krishna na imprensa de grande circulação do país, em jornais como *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e o *Jornal do Brasil* que, ao menos entre os anos 1970 e 1980 (período em que o Hare Krishna estava em maior evidência na mídia brasileira), figuravam entre os jornais de maior circulação do país. Todos os jornais foram pesquisados em hemerotecas e acervos digitais²⁶ e servirão para uma análise da prática do *sankirtana* a partir das representações das mídias e dos atores sociais que falam a partir delas.

Com a grande disponibilidade de fontes, tornou-se difícil a seleção dos temas que poderiam entrar na pesquisa já que, as possibilidades se tornaram amplas. No entanto, como nos alerta Michel de Certeau, “enquanto a pesquisa é interminável, o texto deve ter um fim”²⁷. Assim, a leitura das fontes e a “operação historiográfica” em si, levaram o texto da presente tese com mais precisão até o nosso objeto: a distribuição de livros e o Movimento Hare Krishna no Brasil (anos 1970-1980).

A escolha do período aqui delimitado é justificada pelo início do Movimento Hare Krishna no país – a partir de 1973 com a chegada dos primeiros membros e a oficialização em 1975 -, e pela derrocada de uma economia e forma de organização social da ISKCON do Brasil baseadas no *sankirtana* que se deu paulatinamente a partir de meados dos anos 1990, chegando ao fim da década em verdadeiro colapso. Assim, os anos 1970 e 1980 foram os períodos de maior intensidade do *sankirtana* no Brasil.

Até onde pudemos constatar, nosso trabalho anterior constituiu a primeira abordagem acadêmica de pós-graduação em história sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil. Até então, havia predomínio exclusivo de antropólogos, sociólogos e cientistas da religião sobre o tema. O silêncio da historiografia no país sobre este e outros temas correlatos é, de certo modo, compreensível, já que, entre as décadas de 1970 e 1990, a academia tinha como preocupação majoritária as questões

²⁶ Os acervos dos referidos jornais estão disponíveis em acervos digitais próprios, para os três primeiros: <https://acervo.oglobo.globo.com/>; <https://acervo.folha.com.br/index.do>; <https://acervo.estadao.com.br/>; já o acervo do *Jornal do Brasil* se encontra digitalizado no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 03 jul. 2021. As palavras pesquisadas foram: “Hare Krsna”; “Hare Krishna”; “Krsna”; “Krishna”; e “ISKCON”.

²⁷ CERTEAU, 2008, p. 94.

socioeconômicas e ao observar o tema das religiões privilegiava as instituições e as lutas de classes. As análises sobre os aspectos culturais, das subjetividades e das construções de sentidos se fariam mais fortemente presentes a partir dos anos 2000 (ainda que timidamente). Michel de Certeau defende que “a ciência histórica vê crescer, com seu progresso, as regiões silenciosas do que não atinge”, dos objetos “perdidos” pela história ou dos “objetos que não compreende mais”²⁸. Nesse sentido, pretendemos com esta tese atingir uma pequena parte dessas “regiões silenciosas”.

O Movimento Hare Krishna se tornou popularmente conhecido por duas questões principais. Primeiramente, por suas práticas: o cantar de mantras (hinos hindus entoados repetidamente), acompanhados de instrumentos musicais; pela “distribuição” ou venda de livros, revistas e incensos em espaços públicos (ruas, praças, parques, rodoviárias e aeroportos). Ambas as práticas são facetas daquilo que se tornou conhecido como “*sankirtana*”. E, por outro lado, os *hare krishna* se tornaram distinguidos pela forma estética utilizada por seus monges e monjas: coloridas roupas religiosas tradicionais da Índia; os homens tinham as cabeças raspadas com apenas um tufo de cabelos atrás; e, alguns símbolos e adereços “exóticos” ainda complementariam a vestimenta padrão de um Hare Krishna.

A inserção das práticas e da estética Hare Krishna no contexto social brasileiro constitui um fator importante para a compreensão de como determinados atores sociais recepcionaram aquilo que se apresentava como uma exterioridade, incluindo aí os conflitos resultantes. É no âmbito das práticas que podemos perceber mais claramente um determinado ator social, especialmente no campo religioso. Segundo Certeau, “as práticas permitem apreender os modos de uma nova combinação: elas definem, com efeito, o campo onde se efetua o deslocamento que irá refluir sobre as ideologias”²⁹.

Dessa forma, ao analisar a importância do *sankirtana* no Movimento Hare Krishna, na presente tese, observei como a prática foi entendida por seus membros ao longo do tempo, as suas mudanças de percepção, como ela foi alvo de disputas ou competições entre seus praticantes e como agentes externos ao Movimento a representaram.

²⁸ CERTEAU, 2008, p. 50.

²⁹ Ibidem, p. 160

A “representação” constitui um conceito fundamental na tese, já que é através das representações das práticas pelo “outro” que podemos perceber o lugar social de onde partem os discursos, as intenções de (des)legitimação e as “lutas de representações”. Como diria Roger Chartier:

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais³⁰.

Na tese, iremos perceber como os membros do Movimento Hare Krishna procuraram representar a si mesmos, as suas práticas (principalmente o *sankirtana*), a sua religião e “os outros” (os não-devotos). Veremos também como esses “outros” (através da imprensa) procuraram representar os *hare krishna*, suas crenças e suas práticas. Uma análise dessas querelas, internas e externas ao Movimento, ajuda a compreender melhor o que está em jogo no campo das disputas sociais e religiosas já que “o estabelecimento de representações não é pacífico nem consensual, mas conflituoso, pois se cada grupo ou indivíduo se compreende de uma determinada forma, a legitimação de uma identidade passa pela desqualificação de outras”³¹.

Outrossim, para uma abordagem das representações das práticas e das crenças de determinados atores sociais foi imprescindível ter como base as reflexões levantadas pela História Cultural. Segundo Chartier (2002, p. 19), deve-se pensar em uma História Cultural:

[...] Que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.

A História Cultural se preocupa, dessa maneira, com a produção dos sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado, manifestos em palavras, discursos, imagens e práticas. A realidade do passado só chega ao historiador por meio das representações contidas nos documentos³².

³⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Algés: DIFEL, 2002, p. 17.

³¹ BELLOTTI, 2004, 104.

³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 10.

Lidar com um objeto de pesquisa que envolve as religiões e religiosidades é especialmente importante para a História Cultural, já que essa abordagem observa os diferentes atravessamentos que elas passam ao longo do tempo:

Pensar as religiões pelo prisma da História Cultural significa considerá-las enquanto crenças, práticas, discursos e representações sujeitos a construções históricas de instituições e sujeitos em contextos específicos. Tenho em vista as condições em que as religiões encontram-se na era contemporânea ocidental, sujeitas à secularização e às adaptações à modernidade, à urbanização, à destradicionalização e à desinstitucionalização³³.

É nesse sentido que entendemos o estudo das religiões. Complementando as definições já ditas, as “religiões seriam representações culturais que aspiram uma universalidade” e só podem ser entendidas como “produtos culturais historicamente determinados”³⁴. Assim, a presente pesquisa foi realizada de acordo com a História Cultural das Religiões, pois, segundo Solange Andrade:

O estudo da religião a partir da história cultural nos permite compreender como a religião pode ser um elemento importante na análise de vários grupos sociais a partir de suas formas de sociabilidade, de contato com a alteridade e de como esses grupos se apropriam de uma realidade que é social³⁵.

Concordamos, também, com a ideia de Benatte de que “a relação entre história, religião e cultura é hoje tão umbilical que dificilmente podemos imaginar a história religiosa abstraída do campo da história cultural”³⁶. Complementando ainda a ideia de que a história das religiões deve ser analisada de uma perspectiva eminentemente cultural, Karina Bellotti descreve:

O que devemos fazer é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e grupos que as adotam, em contextos históricos específicos. Assim, a religião [...] é concebida dentro da história cultural como algo construído historicamente. Não pode ser vista como uma instância à parte da vida social [...] ou subordinada a estruturas econômicas³⁷.

³³ BELLOTTI, Karina K. As religiões tradicionais na internet. In: Moreira, A; Lemos, C. Quadros, E. (Org.). A religião na mídia e a mídia na religião. 1ª ed. Goiânia: Editora América, 2012, v. 1, p. 127.

³⁴ SILVA, Eliane M. Introdução – Religião: da fenomenologia à história. In: SILVA, Eliane M; BELLOTTI, K. K; CAMPOS, L. S. (org.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p. 13, 14.

³⁵ ANDRADE, Solange Ramos. História das Religiões e Religiosidades: uma breve introdução. In: MARANHÃO FILHO, E. M. A. (org.). **(Re) conhecendo o Sagrado**: reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religião e religiosidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 12.

³⁶ BENATTE, Antônio Paulo. A história cultural das religiões: contribuição a um debate historiográfico. In: ALMEIDA, Néri de Barros; SILVA, Eliane Moura da (orgs.). **Missão e pregação**: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história da religião. São Paulo: Fap-Unifesp, 2014, p. 63.

³⁷ BELLOTTI, Karina K. Mídia, religião e história cultural. **Rever**, São Paulo, PUC, n. 4, 2004, p. 100.

A necessidade do estudo das práticas religiosas na presente pesquisa se dá pela importância que elas adquiriram na difusão do Movimento Hare Krishna pelo mundo e na maneira como se desenvolveu no Brasil. O *sankirtana*, como prática fundante e perpetuadora dessa religião, é uma questão central para se compreender os sucessos e fracassos da difusão Hare Krishna.

Ao analisarmos a história da prática do *sankirtana*, fica evidente que a religião do vaishnavismo *gaudiya* passou por um processo de modernização - devido ao contato da tradição com a cultura global e colonial do Império Britânico, incluindo uma das faces da modernização que é a mediação da sociedade e das religiões³⁸. Esse processo se intensificou ainda mais quando Bhaktivedanta Swami fundou a ISKCON nos EUA, transformando a religião indiana em um fenômeno global.

Considerando aqui a necessidade de analisar a história de uma prática religiosa, a influência da mediação sobre ela e a representação desta por seus praticantes, tornou-se imprescindível a utilização de jornais e revistas (religiosos e seculares) como fontes históricas.

Os periódicos são fontes importantes para o estudo de história contemporânea e das representações coletivas. O pesquisador que utiliza esse tipo de fonte deve ter em mente que o jornal ou revista não pode ser tomado como sinônimo ou efeito de verdade, mas sim como representação de grupos sociais sobre si mesmos e a realidade que os cercam. No trato com essas fontes, devemos perceber os diferentes discursos, as tentativas de consolidação de representações, os lugares de onde partem os discursos, suas possíveis intenções, projetos e, mesmo, os silêncios perpetuados pelos grupos midiáticos, pelos editores, jornalistas, etc.³⁹.

Segundo Capelato e Prado:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.

³⁸ Nos pontos 2 e 3 da tese, veremos uma abordagem detalhada sobre os processos de modernização e mediação da religião.

³⁹ SILVA, M. P.; FRANCO, G. Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**. Dourados: UFGD, vol. 4, n. 8, jul./dez. 2010, p. 10.

Os jornais e revistas não trazem dados e fatos prontos e acabados, pelo contrário, constroem suas próprias representações sobre os fatos, indivíduos e grupos sociais que cabe a nós, pesquisadores, investigar. Assim, devemos perceber se os objetos que buscamos analisar nos periódicos foram considerados ou desconsiderados de uma determinada maneira, se foram dignos de registro (ou não) e de que forma foram registrados, com quais intenções e intensidade foram veiculados, a quem estas notícias seriam destinadas e quem as produziu. Como diria Maciel: “[...] a imprensa é uma prática social constituinte da realidade social que modela formas de pensar e agir, define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que [se] pretendem compartilhadas e universais”⁴⁰.

De uma revista ou jornal para o outro, podemos encontrar projetos políticos e sociais que representam diversos e amplos setores da sociedade. Para utilizar a imprensa escrita como fonte histórica, assim como qualquer outro tipo de fonte, deve-se refletir sobre as questões e respostas necessárias ao objeto de pesquisa.

Os periódicos são extremamente importantes para o entendimento da história do Movimento Hare Krishna já que foi justamente através das revistas e livros que a religião conseguiu difundir suas ideias e crenças. Além disso, revistas como a *Carta de Sankirtana* tinham uma função metalinguística, no sentido em que avaliavam periodicamente o próprio processo de distribuição de livros e revistas dos seus membros, estipulando metas, cobrando resultados e estimulando a prática.

Os periódicos externos ao Hare Krishna também serão analisados já que foi através desse meio de comunicação que os membros do Movimento foram mais representados, tanto pelos editores e jornalistas - que faziam circular as definições próprias de um campo - quanto por seus colaboradores e leitores que através dos artigos de opinião e das “cartas” endereçadas “à redação”, deram visibilidade às suas opiniões, suas angústias, aprovações, reprovações, medos e pretensões em relação ao Movimento.

No contexto de inserção de novas práticas e instituições religiosas na sociedade brasileira, os jornalistas, em muitos casos, passaram a assumir o papel de

⁴⁰ MACIEL, Laura A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (orgs.). **Muitas histórias, outras memórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004, p. 15.

“mediadores culturais”, explicando aos seus leitores aquilo que seriam esses novos movimentos religiosos, ou a sua “verdadeira face”. Esse processo pode ser percebido em diversas matérias. Segundo Carlo Ginzburg:

O mediador tem, de qualquer modo, um papel ativo e não passivo, e as suas atividades podem ter efeitos diversos: ele pode atenuar, reforçar ou distorcer os conteúdos culturais. Especialmente interessante é o tipo de distorção que conduz a uma inversão pura e simples do significado dos símbolos culturais. Haverá, pois, casos em que a criatividade do mediador domina por completo o material que transmite⁴¹.

Na tese, iremos observar, na medida do possível, como os jornalistas se colocaram no papel de mediadores culturais, como os próprios *hare krishna* reagiram às representações produzidas pela imprensa e de que maneiras elas influenciaram a história do próprio Movimento no Brasil.

Além de um debate sobre as práticas religiosas e sobre as representações acerca destas, a presente tese dialoga com outros debates acadêmicos, como o dos chamados “novos movimentos religiosos”. Sobre esse ponto, a pesquisa investe numa abordagem histórica, mais do que sociológica ou antropológica sobre o tema, buscando evidenciar que, para além da contribuição desses campos de estudo, uma avaliação histórica das práticas religiosas pode revelar como as religiões se adaptam em termos de “tradição” ou “novidade” para se perpetuar.

Especificamente sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil, acredito que esta tese trará uma contribuição significativa, tendo em vista que, não foram desenvolvidas pesquisas de pós-graduação na área de história sobre o tema e, as demais pesquisas relevantes partiram, basicamente, do ponto de vista etnográfico das ciências sociais⁴².

Em relação a estes trabalhos já desenvolvidos, a documentação ainda inexplorada que analisamos na presente tese poderá dar valorosas contribuições historiográficas ao tema. A análise sobre a influência direta das representações das

⁴¹ GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 132.

⁴² Nesse ponto, destacamos especialmente os trabalhos de: GUERRIERO, Silas. **O movimento Hare Krishna no Brasil**: a comunidade religiosa de Nova Gokula. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais), São Paulo: PUC (SP), 1989; SILVEIRA, Marcos Silva da. *Hari Nama Sankirtana: Etnografia de um processo ritual*. **Série Antropologia**, n. 277. Brasília: Universidade de Brasília, 2000; ADAMI, Vítor Hugo. **O pensamento coletivo Hare Krishna e seus modos de institucionalização**: um estudo sobre comunidades globalizadas e identidades sociais. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia, Universitat Rovira i Virgili, 2013; e também: MOURA, Gustavo Henrique Passos. *O Bhagavata Purana: sua doutrina e contribuições para a teoria educacional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017, 124p.

mídias (religiosas e seculares) sobre a prática do *sankirtana* e o aparato teórico-metodológico da História Cultural, também pode promover contribuições importantes a esse estudo. Assim, acredito estar abrindo uma nova seara no campo historiográfico sobre o debate acerca dos assim chamados “novos movimentos religiosos” e sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil.

Uma outra possível contribuição desta tese se refere ao campo de estudos de mídia e religião. Bellotti e Cunha destacam um panorama recente dos estudos dessa área no Brasil:

Nas duas primeiras décadas do século XXI, um novo caminho tem sido aberto para estudos sobre recepção dos conteúdos veiculados e sobre as representações das religiões em mídias não-religiosas (noticiário e produções de entretenimento). Essas pesquisas inscrevem novas e ricas possibilidades de investigação, para além da clássica compreensão do fenômeno das igrejas da mídia como produtoras e veiculadoras de mensagens. [...] Neste contexto, há ainda, uma lacuna no que diz respeito a abordagens quanto à relação das religiões não-cristãs com as mídias no Brasil [...] ⁴³.

Assim, entendo que a presente tese faz parte desse novo cenário de pesquisas das últimas décadas e que, além disso, pretende preencher um tanto mais as lacunas existentes no que concerne à relação entre as mídias e as religiões não-cristãs no Brasil.

Além disso, as hipóteses da tese se relacionam diretamente com o tema central da pesquisa que é a midiatização da religião. Os trabalhos sobre midiatização, de maneira geral, centram-se nas transformações trazidas pelas mídias digitais ou ainda audiovisuais e, assim, podemos nos perguntar se é possível falar em midiatização a partir de um meio “tradicional”? Se trabalharmos com a ideia de que a midiatização parte do pressuposto que a religião se transforma quando incorpora a mídia, temos, na presente tese, um caso típico de midiatização com mídia impressa.

No capítulo 1⁴⁴, farei uma apresentação histórica sobre o Movimento Hare Krishna, desde suas origens, e uma problematização dos conceitos que têm sido utilizados para se referir a ele - tais como “seita”, “novo movimento religioso” e “religião” - buscando resgatar, também, uma definição histórica para se referir à

⁴³ BELLOTTI, Karina K; CUNHA, Magali do N. Introdução – mídia, religião e cultura: uma interface dinâmica e instigante. In: BELLOTTI, Karina K; CUNHA, Magali do N. (orgs.). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Prismas, 2016, p. 9.

⁴⁴ O formato que enumera a tese desde a introdução é uma exigência do Manual de Normatização da UFPR. Dessa forma, o “capítulo 1” será precedido do número “2” e assim por diante.

ISKCON. Além disso, reflito sobre as implicações e conceitos que envolvem a relação entre religião e mídia que serão importantes para a discussão ao longo da tese.

No capítulo seguinte, o enfoque será dado à prática do *sankirtana* enquanto elemento central no vaishnavismo *gaudiya*, procurando realizar uma genealogia da prática, apontando as mutações e novos sentidos que ela adquiriu ao longo dos anos nesta tradição religiosa, desde as suas origens, no século XVI, até a sua difusão pelo mundo, na segunda metade do século XX, através da ISKCON.

No capítulo 3, veremos como a distribuição de livros e revistas Hare Krishna se deu no Brasil, entre os anos 1970 e 1990, as estratégias institucionais para que a prática do *sankirtana* expandisse cada vez mais no país e as implicações de uma abordagem que foi caracterizada pelos seus próprios membros como um “*sankirtana* fanático”.

No quarto capítulo, iremos observar, na medida do possível, como os membros da ISKCON do Brasil representaram o *sankirtana*, quais eram as “artes de fazer” as “táticas” e “astúcias” utilizadas pelos seus membros para conseguir difundir uma religião “nova” diante de um quadro hegemonicamente cristão da sociedade brasileira⁴⁵.

E no último capítulo, farei uma análise sobre as representações construídas pelas mídias impressas de grande circulação no Brasil acerca da prática do *sankirtana*, entre os anos 1970 e 1980. Também irei abordar, na medida do possível, as possíveis reações dos *hare krishna* brasileiros sobre as representações construídas pela mídia impressa secular e os possíveis impactos dessas sobre as ações iskconianas no Brasil.

Por último, gostaria de fazer um adendo importante sobre as formas de escritas de origem indiana. Na presente tese, não iremos utilizar os termos em *devanagari* (forma de escrita original do sânscrito) e tampouco utilizaremos os diacríticos que constituem a pontuação mais tradicional da transliteração latina dos caracteres do sânscrito e bengali. Como existem muitas formas de se escrever as

⁴⁵ No referido capítulo, iremos abordar com maiores detalhes os conceitos citados entre aspas que derivam da obra de Michel de Certeau e indicam as dinâmicas e lutas sociais que ocorrem na esfera do cotidiano entre os atores sociais desprovidos de um “lugar” de discurso e de poder diante de setores estabelecidos da sociedade. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2012.

mesmas palavras, adotadas por diferentes autores e, sobretudo, nos documentos e revistas Hare Krishna, adotaremos nesta tese, um sistema padronizado que prioriza a adaptação dos termos para uma forma mais contemporânea e mais próxima da fonética do inglês - que é a língua oficial da ISKCON – e que é reproduzida pela cultura iskconiana⁴⁶.

Espero que a leitura desta tese possa render bons frutos e que possa inspirar o desenvolvimento de outros trabalhos sobre o Movimento Hare Krishna (ISKCON e outras vertentes), sobre o *sankirtana*, sobre a relação das religiões não-cristãs com as mídias no Brasil e acerca das práticas e representações das religiões e religiosidades.

⁴⁶ As transliterações latinas de formas de escrita como o *devanagari* obedecem a alguns pré-requisitos, como a inserção de diacríticos. Tomemos como exemplo a palavra “Krishna”: em *devanagari* seria “कृष्ण”; na transliteração latina com os diacríticos, seria “Kṛṣṇa”; e pela dificuldade da escrita com os diacríticos em máquinas de escrever ou computadores, a maioria dos documentos da ISKCON (exceto livros e revistas oficiais), a apresentava no passado como “Krsna”, na forma transliterada, mas, sem os diacríticos; por último, ao perceber a dificuldade dos iniciantes, visitantes e do público em geral em fazer a leitura transliterada (com e sem diacríticos), a ISKCON acabou adotando a forma mais corrente hoje em dia que é “Krishna”. Esta última forma também é a adotada em alguns livros e artigos acadêmicos porque facilita a leitura dos não especialistas em sânscrito e diacríticos e, também, o processo de publicação. Esse é o modelo que iremos adotar aqui e é o mesmo adotado em obras, como: BRYANT, Edwin F; EKSTRAND, Maria L. (ed.). **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004. Duas outras formas ainda poderiam ser utilizadas, como as formas aportuguesadas “Crixna” ou “Krixna” e as bengalis “Krishn” e “Krishno”. Mas elas são ainda menos usuais e, no caso da segunda, são um pouco mais complexas porque alteram a própria forma fonética do original no sânscrito devido a uma característica própria do bengali – como por exemplo, “comer” o som das vogais finais (“Dasa” vira “Das”) e mudar o som de vogais como o “a” (“Rama” vira “Ramo”). Assim, iremos adotar o mesmo padrão usado para o termo “Krishna” nos demais termos do sânscrito ou bengali, mesmo quando aparecerem diferentes nas fontes, para facilitar a leitura e evitar uma poluição de correções, notas de rodapé e uso do “sic”.

2 HARE KRISHNA E MÍDIA: CONCEITOS, HISTÓRIAS E REFLEXÕES

Com o objetivo de observarmos, ao longo da tese, a relação entre o Movimento Hare Krishna e a sua prática de distribuição de livros, revistas e outros itens no Brasil, no presente capítulo, discutiremos alguns conceitos importantes acerca de como o Hare Krishna tem sido definido ao longo do tempo, pelos estudiosos das religiões, elencando seus usos, limites e problemas.

Iremos também fazer um rápido retrospecto da tradição religiosa que culminou na formação do Movimento Hare Krishna para podermos perceber definições conceituais que são próprias de sua historicidade.

Além disso, iremos refletir sobre questões importantes que tratam da relação entre as religiões e as mídias, buscando analisar como esses dois campos exercem influência na sociedade e entre si, alterando as suas expectativas e produtos.

2.1 CONCEITUANDO O MOVIMENTO HARE KRISHNA

“Hare Krishna é uma religião?”, inquiria um artigo recente do portal de notícias online *Terra*⁴⁷. O texto indica que, ainda hoje, há dúvidas sobre “o que é” ou “como classificar” o Movimento e, também, que há alguma demanda em saber mais sobre esse fenômeno.

Desde a minha primeira pesquisa sobre o Movimento Hare Krishna⁴⁸, eu sentia que havia uma grande dificuldade em definir o meu objeto de estudo. “Religião”, “seita” (e derivados como “seita oriental”, “seita hindu”), “filosofia”, “novo movimento religioso”, “hinduísmo”, “tradição religiosa/hindu”, “nova era”, “misticismo oriental”, “cultura védica” e outros, foram termos utilizados para se referir ao fenômeno religioso difundido por Bhaktivedanta Swami Prabhupada e seus seguidores. A dúvida sobre

⁴⁷ BIDU, João. Hare Krishna é uma religião? Conheça a filosofia com origens hindus. **Terra** [online]. 24 fev. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/hare-krishna-e-uma-religiao-conheca-a-filosofia-com-origens-hindus,405d28ac8acabfbf1f1889cbe134ae2blhoe3cco.html>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁴⁸ CARVALHO, 2014.

como conceituar o Hare Krishna era comum, como apontava uma reportagem da *Folha de São Paulo*, em 1976:

Religião, doutrina, filosofia, seita? O fato é que o Movimento Krishna, da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna está se espalhando para o mundo todo [...] reunindo sempre “os que estavam insatisfeitos com a vida material ou ansiosos por ter uma vida além do normal: comer, dormir, se defender, amar”⁴⁹.

Se, por um lado, alguns dos “mediadores culturais” tinham dúvidas sobre como se referir ao Hare Krishna, outros, tinham muitas “certezas” sobre o que ele seria, como o Frei Raimundo Cintra – definido como “especialista em História das Religiões” pelo *Jornal do Brasil* – que teria dito em relação ao Movimento:

Sou contra essas seitas orientais que proliferam no Brasil porque não são hindus. São fundadas por um bando de vigaristas internacionais, deturpadores das verdadeiras e nobres tradições hindus, com base na meditação⁵⁰.

A palavra “seita” foi a mais usada pela mídia no Brasil, ao se referir ao Movimento Hare Krishna entre a segunda metade dos anos 1970 e a primeira metade dos anos 1980, seja através dos próprios jornalistas ou das vozes que os jornais permitiam a fala.

Esses termos foram utilizados, por vezes, de forma contraditória, tanto por jornalistas, quanto pelos próprios religiosos e outros atores sociais, como acadêmicos, intelectuais, especialistas em religiões e outros. Em diversos textos, pudemos perceber a ocorrência de mais de um termo para se referir ao Hare Krishna, como se esses conceitos fossem sinônimos, como na reportagem da *Folha de São Paulo*⁵¹ que utiliza os termos “seita” e “religião”, ou no *Jornal do Brasil*⁵², que traz os termos “filosofia oriental” e “seita religiosa”, para se referir ao Hare Krishna. As duas reportagens, publicadas num mesmo dia, em 1977, revelam que essas definições não eram consensuais e dependiam – como veremos com mais detalhes no último capítulo da tese – das articulações ideológicas de seus atores.

⁴⁹ MACHADO, Helô. As novas missionárias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1976. Nova Mulher, p. 35.

⁵⁰ CINTRA apud COURI, Norma. As seitas da aflição brasileira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 ago. 1977. Revista de Domingo, p. 15.

⁵¹ SANTOS, Daniel dos. Krishna: balançando as colunas do templo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 32.

⁵² JUIZADO de Menores estuda situação dos que aderiram à seita Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 04 fev. 1977. 1º Caderno, p. 23.

Já os próprios religiosos, buscavam, por sua vez, a utilização de outros termos que proporcionassem a eles uma posição mais digna de respeito ou, ao menos, uma posição de igualdade, perante as demais religiões: “[...] seus integrantes o definem como uma cultura, uma filosofia, uma religião”⁵³. Ou ainda, para demonstrar o aspecto longo de sua tradição religiosa, diante das representações que tratavam o seu “novo” religioso, enquanto aspecto ameaçador: o Hare Krishna seria, então, uma “religião de 5 mil anos de existência”, como declarava o presidente do templo do Rio de Janeiro⁵⁴.

Os textos comprometidos com o Movimento Hare Krishna clamam pela antiguidade de uma tradição, enquanto que os demais, buscaram definições que trazem elementos, no mínimo, imprecisos, e em alguns casos, desistoricizantes, etnocêntricos ou pejorativos. Reflexões em torno dessas imprecisões têm sido constantes em meus trabalhos anteriores, embora tenham sido pontuais e inconclusivas⁵⁵.

Mesmo se restringirmos nossa análise apenas à academia, veremos que definições acerca de conceitos como “religião” e “novos movimentos religiosos” estão longe de serem consensuais. Muitas ressalvas foram feitas por mim em trabalhos anteriores e acredito que, embora a história esteja sempre “à beira da falésia”⁵⁶, é chegada a hora de, ao menos, fincar os pés no chão e partir de um lugar conceitual mais preciso.

Assim, devido a todos esses fatores, julgo ser necessário realizar, neste primeiro capítulo, uma análise conceitual de alguns desses termos com o objetivo de contestá-los, verificar os seus limites ou a sua precisão e chegar a um patamar mais sólido sobre o que vem a ser o Hare Krishna. Essas reflexões irão servir de alicerce

⁵³ SILVA, Ana Maria Leopoldo e. Gurus orientais são cultuados na cidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 out. 1983. 3º Caderno, Geral, p. 26.

⁵⁴ JUIZ susta a pedido de mãe casamento da filha com um integrante da Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 set. 1977. 1º Caderno, p. 24.

⁵⁵ Procurei condensar boa parte dessas reflexões em: CARVALHO, Leon A. G. de. O movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição”? **Diálogos**, v. 23, n. 1, p. 193–212, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/viewFile/42922/pdf>>. Acesso em: 13/05/2019.

⁵⁶ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

para o restante da tese e, por conseguinte, os conceitos adotados aqui servirão de bússola a guiar a nossa explanação sobre o tema.

2.1.1 As tipologias religiosas

Termos como “seita”, “igreja” e “misticismo” foram utilizados como conceitos em estudos acadêmicos de religião, a partir do início do século XX, quando se formavam novos campos⁵⁷ de estudos: a “ciência da religião”, a “sociologia da religião” e a “história das religiões”. Termos como esses adquiriram o status de tipologia a partir de Max Weber e, mais precisamente, do seu aluno, Ernest Troeltsch. As tipologias para explicar os fenômenos religiosos ganharam grande repercussão e ao longo do século foram recebendo novas contribuições no intuito de ampliar as discussões originais.

Inicialmente, essas tipologias tinham o objetivo de tentar classificar os fenômenos religiosos em macroesferas ou “tipos” com base na disposição e assimilação sociocultural que o fenômeno e seus adeptos desenvolvem. O pensamento sobre as tipologias é relacional e um conceito só pode ser entendido se for considerada sua contraparte. Não tenho a pretensão aqui de realizar uma exaustiva discussão conceitual sobre alcance dessa tipologia já que ela já foi realizada por uma série de autores (que iremos elencar abaixo).

Mas, na medida do possível, irei destacar as principais questões concernentes a este debate, tendo como foco o nosso objeto de pesquisa. Em outras palavras, irei apontar os motivos pelos quais considero que as tipologias não têm sido muito efetivas para se pensar a história do Movimento Hare Krishna. Ao destacar isso, relembro que o interesse com o presente objeto de estudo é voltado para uma análise histórica e cultural da religião.

Considerando a tipologia “igreja/seita”, a “igreja” seria um tipo de organização religiosa institucionalizada, conservadora e que, aliada ao poder do Estado, teria um

⁵⁷ Aqui utilizo o conceito de campo, conforme Bourdieu: “Um campo se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irreduzíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos. Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo”. BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89.

papel de normatização da sociedade em todos os seus aspectos. Devido a essa pretensão, ela possuiria um diálogo com a ordem secular realizando negociações com a esfera mundana com o objetivo de manter um nível desejável de abrangência social e, conseqüentemente, uma baixa tensão em relação à sociedade. Esse tipo, pode ser definido da seguinte maneira:

A igreja é a instituição dominante que busca o monopólio dos bens de salvação. Ela sustenta uma administração burocrática, portanto, segue uma rotina racionalizada que assegura sua perpetuação, além de ser dogmática, ortodoxa e hierárquica. O trabalho religioso exercido pelo corpo de especialistas, os sacerdotes, treinados para administrar os bens de salvação e a economia da graça, objetiva manter a distância entre estes e os leigos, que são despossuídos do capital necessário para a gestão dos mesmos. A hierarquia típica da igreja deve ser vista como uma estrutura de controle desses bens. O dogma tem por função legitimar o arbitrário na forma de afirmações incontestáveis de fé. A igreja, nesse ponto, institui como verdade inquestionável e imutável certas crenças dadas como imanentes da fé revelada e, portanto, como naturais⁵⁸.

Essa característica estrutural da religião do tipo “igreja”, tem suas raízes no pensamento de Max Weber, muito embora ele ainda não a tivesse sistematizado em “tipos” bem definidos. Ele definiu a igreja como uma organização “hierocrática”:

Uma organização hierocrática é uma associação política que reforça sua ordem através de coerção psicológica, distribuindo ou negando benefícios religiosos (coerção hierocrática). Uma organização hierocrática obrigatória será chamada de “igreja” na medida em que sua equipe administrativa reivindica um monopólio do legítimo uso coerção hierocrática⁵⁹.

A “clássica” tipologia “igreja/seita” seria desenvolvida por Troeltsch, partindo das discussões iniciadas por Weber. Na medida em que ele desenvolveu uma análise teológica e histórica do cristianismo⁶⁰, o autor, defendeu que, com a ascensão da Reforma Protestante, um novo tipo de organização religiosa emergiu, diferindo-se do tipo igreja:

A igreja é esmagadoramente conservadora, aceita a ordem social e domina as massas; conseqüentemente, ela é, em tese, universalista. As seitas, por outro lado, são comparativamente menores, focam numa relação pessoal e

⁵⁸ SANTIAGO FILHO, Elio R. O gradiente seita-igreja como paradigma da cultura. Estudos de Religião, v. 29, n. 2, jul./dez. 2015, p. 93. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/5344>. Acesso em: 04 dez. 2020.

⁵⁹ “A hierocratic organization is a political association which enforces its order through psychic coercion by distributing or denying religious benefits (hierocratic coercion). A compulsory hierocratic organization will be called a ‘church’ insofar as its administrative staff claims a monopoly of the legitimate use of hierocratic coercion”. Max Weber. **Economy and Society**. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1978, p. 54, tradução minha.

⁶⁰ TROELTSCH, Ernst. **Social Teaching of the Christian Churches**. London: Allen & Unwin, 1931. A obra original foi publicada em 1912.

direta entre seus membros e renunciam à ideia de dominar o mundo. A atitude delas em relação à sociedade abrangente é de evasão e pode ser caracterizada pela agressão ou indiferença. Enquanto as igrejas utilizam do Estado e das classes dominantes, tornando-se parte da ordem social vigente, as seitas se conectam com as classes mais baixas e os insatisfeitos. Na igreja, o ascetismo é um meio de adquirir virtude e de demonstrar um alto nível de sucesso religioso, enquanto que em uma seita, ele constitui apenas o princípio de desapego do mundo e oposição às instituições socialmente estabelecidas⁶¹.

A seita, segundo essa tipologia, seria um desvio diante de um quadro religioso mais amplo dominado por uma “igreja” e por isso, elas desenvolveriam forte oposição “ao mundo” e às suas instituições. Elas formariam pequenas células de “*believers*” (crentes) e por fazerem parte dos quadros mais baixos da sociedade, estariam em tensão com as classes religiosas e sociais dominantes.

Troeltsch ainda teria desenvolvido um outro tipo (não abordado por Weber) que seria o “misticismo”, que seria “um terceiro tipo – o de um individualismo religioso que não possui organização externa e [...] emerge como um prenúncio de desenvolvimentos futuros na interação entre igreja e seita”⁶². Em outras palavras, da interação das práticas e disputas religiosas dos dois “tipos” (igreja e seita), surgiria um entremeio composto de uma religiosidade com foco na experiência ou interpretação individual, de forma um tanto desinstitucionalizada.

A tipologia de Troeltsch foi bastante usada para se interpretar o desenvolvimento das religiões na primeira metade do século XX. Estudiosos como Richard Neibuhr ajudaram a ampliar as explicações sobre os dois polos conceituais

⁶¹ “*The Church is overwhelmingly conservative, accepts the social order and dominates the masses; hence, in principle, it is universalistic. Sects, on the other hand, are comparatively small, they aim at direct personal fellowship between members and renounce the idea of dominating the world. Their attitude to the surrounding society is one of avoidance, and may be characterized by aggression or indifference. While churches utilize the state and the ruling classes and become part of the existing social order, sects are connected with the lower classes and the disaffected. In church, asceticism is a means of acquiring virtue and of demonstrating a high level of religious achievement, whereas in a sect it constitutes merely the principle of detachment from the world and opposition to established social institutions*”. TROELTSCH in TINAZ, Nuri. A Social Analysis of Religious Organisations: The Cases of Church, Sect, Denomination, Cult and New Religious Movements (NRMs) and Their Typologies. Islâm Arastirmali Dergisi, Sayı 13, 2005, p. 163-108, tradução nossa.

⁶² “*A third type – that of a religious individualism which has no external organization, and [...] only emerges as a foreshadowing of coming developments in this interplay of Church and Sect*”. TROELTSCH, 1931, p. 381, tradução minha.

de Weber e Troeltsch, observando como as questões teológicas interagem com as dinâmicas sociais e econômicas⁶³.

Já Howard Becker⁶⁴, procurou expandir a tipologia “igreja/seita” para dar conta do contexto estadunidense. Considerando apenas as organizações religiosas cristãs, ele defendeu quatro categorias ou tipos: *ecclesia* (literalmente, “igreja”); seita; denominação; e culto (“*cult*”)⁶⁵.

Aqui nos interessa o conceito de “culto” desenvolvido por Becker que seria resgatado posteriormente por diversos estudiosos para dar conta dos novos fenômenos religiosos que se espalharam no Ocidente do Pós-Guerra. Para ele, o “culto” seria um tipo de pseudogrupo que empreende uma busca individualista por experiências extasiantes:

Aderentes dessa parte amorfa e flexível do tecido da estrutura social são pouco preocupados com a manutenção da estrutura em si mesma da maneira como os membros de igrejas e seitas agem para proteger sua organização. Eles buscam a experiência extática puramente pessoal, a salvação, o conforto e saúde física⁶⁶.

O “culto” seria uma reavaliação de Becker das ideias desenvolvidas por Troeltsch em torno do “misticismo” para dar conta do que as tipologias de “igreja” e “seita” não alcançavam. David Martin, posteriormente, desenvolveria ainda mais a noção de “culto”, ressaltando que seu critério fundamental é o individualismo. O “culto” não seria uma comunidade de adoradores, uma ordem, nem uma pequena comunidade de “eleitos”. A forma característica de “culto” seria aquela que possibilita uma relação pessoal (ou por intermédio de textos e cartas) do membro com um instrutor ou guru. O contato por correspondências seria mais por uma questão de aconselhamento psicológico do que uma leitura devocional⁶⁷.

⁶³ NIEBUHR, H. Richard. **The Social Sources of Denominationalism** (New York & London: A Meridian Book, 1957

⁶⁴ BECKER, Howard. **Systematic Sociology**: on the basis of the Beziehungslehre and Gebildelehre of Leopold von Wiese. New York: John Wiley & Sons, 1932.

⁶⁵ Embora “culto” e “seita” sejam vistos como palavras sinônimas em algumas localidades, como nos Estados Unidos, ao longo dos anos, diversos acadêmicos diferenciaram os termos tornando-os conceitos em suas descrições tipológicas. Veremos essa discussão ao longo desse capítulo.

⁶⁶ “*Adherents of this highly amorphous and loosely knit type of social structure were little concerned with maintenance of the structure itself in the way that church and sect members would attempt to protect their organisation, but were seeking purely personal ecstatic experience, salvation, comfort, and physical healing*”. Ibidem, p. 627, tradução minha.

⁶⁷ MARTIN apud TINAZ, 2005, p. 82-83.

Nelson definiu os “cultos” como grupos baseados em experiências místicas, psíquicas e extáticas. Para ele, o “culto” é uma “experiência extática fundamentalmente pessoal que oferece salvação, conforto e cura física”⁶⁸.

O desenvolvimento de tipologias para explicar o quadro religioso da primeira metade do século XX tornou-se insuficiente para explicar a grande ramificação de denominações cristãs e não-cristãs do Ocidente do Pós-Guerra. E assim, as tradicionais tipologias passaram a se ramificar em subtipos, de acordo com os seus diferentes autores. Milton Yinger⁶⁹, por exemplo, dividiu o tipo “seita” em outras três subcategorias: “seitas de aceitação” (*acceptance sects*), composta de grupos individualistas oriundos da classe média; “seitas agressivas”, composta de membros das classes mais baixas que pretendem reformar a sociedade por considerá-la de maneira negativa; e “seita de evasão” (*avoidance sect*) que corresponderia a uma reação sectária com ênfase em um distanciamento dos seus membros em relação à sociedade mais ampla⁷⁰.

Já Wilson dividiu as “seitas” a partir das respostas e recusas que cada uma dava ao mundo: as “seitas conversionistas” enfatizariam a salvação pela conversão do indivíduo; as “introversionistas” acreditariam que a salvação dos indivíduos só se daria pelo completo abandono do mundo; as “seitas manipulacionistas” empreenderiam métodos sobrenaturais, esotéricos ou ocultos para extrair benefícios do mundo para seus fiéis; as “reformistas” se utilizariam da inspiração divina para reformar o mundo; e as “seitas utópicas” acreditariam que, através da ação do próprio grupo religioso, o Reino de Deus seria construído na Terra⁷¹.

Essas definições tipológicas ganharam força por procurarem ocupar o lugar de “teorias da religião” que tinham a pretensão de explicar e serem aplicadas a quaisquer fenômenos religiosos. Uma dessas teorias gerais da religião foi desenvolvida por Rodney Stark e William Bainbridge⁷².

⁶⁸ “*Purely personal ecstatic experience, offering salvation, comfort and physical healing*”. NELSON apud TINAZ, 2005, p. 84, tradução minha.

⁶⁹ YINGER, Milton J. **The Scientific Study of Religion**. New York: The Macmillan Company, 1970.

⁷⁰ TINAZ, 2005, p. 74.

⁷¹ GUERRIERO, 2006, p. 33.

⁷² STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William S. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

A teoria da religião desses autores procura se afastar daquelas desenvolvidas pelas ciências sociais já que, segundo eles, essas teorias “obscurecem mais do que esclarecem a classificação de fenômenos” religiosos⁷³. No entanto, os conceitos elaborados por eles não são radicalmente opostos aos já discutidos por seus antecessores: a “igreja” seria “uma organização religiosa convencional”; um “movimento de seita” seria “uma organização religiosa desviante, com crenças e práticas tradicionais”; um “movimento de culto” seria “uma organização religiosa desviante, com crenças e práticas novas”⁷⁴.

Com essa definição em mente, Stark e Bainbridge procuraram demonstrar, como outros de seus interlocutores já haviam feito, que a grande diferença entre “igreja”, “seita” e “culto”, seria o nível de tensão social existentes entre a religião em questão e a sociedade⁷⁵. Quanto mais estabelecida nas estruturas sociais, mais se aproximaria de um tipo “igreja” ideal. E quanto mais tensão se desenvolver entre a religião e a sociedade em que está inserida, mais ela se comportaria como uma “seita” ou “culto”.

Em relação ao Movimento Hare Krishna, o termo “seita” foi utilizado para defini-lo, não só pela mídia, mas, também, por acadêmicos estadunidenses dos anos 1970 e 1980⁷⁶. No Brasil, o primeiro trabalho a tratar do Hare Krishna, em 1989, utilizava o conceito de “seita” para defini-lo, com algumas variantes, como “seita oriental”⁷⁷ ou como “uma dentre as inúmeras seitas religiosas do hinduísmo”⁷⁸.

Para Silas Guerriero, a ISKCON seria uma tentativa de institucionalização da “seita *vaishnava*”, no formato de “igreja”:

A ISKCON formada por Prabhupada representa, a nosso ver, a institucionalização, nos moldes de uma igreja, da seita *vaishnava* tradicional.

⁷³ Ibidem, p. 21.

⁷⁴ Ibidem, p. 159.

⁷⁵ Nesse ponto, eles concordam com a definição de Benton Johnson para quem a “igreja é um grupo religioso que aceita o ambiente social em que existe. Uma seita é um grupo religioso que rejeita o ambiente social em que existe”. JOHNSON apud STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 160-161.

⁷⁶ Apesar de não ter tido acesso a alguns desses textos, pela sua indisponibilidade ao público brasileiro, podemos notar que o próprio título dos trabalhos já trazia a definição de “seita” para se referir à ISKCON, como é o caso de: BURR, Angela. **I am not my body: a study of International Hare Krishna sect**. New Delhi: Vikas Publishing House, 1984; HOPKINS, T. J. **Hindu Sects in America: the Krishna Consciousness Example**. In GAEFFKE, P; UTZ, D. A. (Eds.). **Identity and Divisions in Cults and Sects in South Asia**. Philadelphia, 1984, p. 174–88.

⁷⁷ GUERRIERO, 1989, p. 03.

⁷⁸ Ibidem, p. 48.

Ela não existe na Índia enquanto uma igreja, mas sim como um conjunto de seitas dispersas que pregam a adoração a Krishna⁷⁹.

Para o autor, a ISKCON poderia ser considerada enquanto uma “seita”, também, devido à algumas características:

O discurso do Movimento Hare Krishna possui característica marcante de negação da realidade vivida pelos membros que pretende conquistar, resultando numa crítica aparentemente radical aos valores e comportamentos da sociedade industrial ocidental. Há uma forte ruptura entre a vida anterior e posterior à conversão ao Movimento. Os devotos lembram suas vidas anteriores como momentos de *maya*, ilusão temporária. O devoto encontra a força que necessita para escolher um novo modo de orientar a vida, ao acreditar que será salvo, pois, abandonou a vida ilusória em que vivia, e agora dedica sua existência à felicidade de Krishna.
[...] Essas características apontam o Movimento Hare Krishna para o polo da seita⁸⁰.

Assim, o primeiro trabalho acadêmico de pós-graduação sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil, o definia enquanto uma “seita” e, embora houvesse uma justificativa “científica” para o uso do termo que pertencia às discussões estabelecidas por um quadro teórico prévio, o termo carregava os mesmos caracteres daqueles utilizados pejorativamente pela mídia dos anos anteriores.

Essas tipologias foram utilizadas para analisar os movimentos religiosos que surgiram ou se fortaleceram a partir dos anos 1960 no Ocidente e indicavam uma tentativa de descrever novas realidades no campo religioso ocidental que, até então, parecia viver um processo de decadência do interesse pelas religiões.

Longe de querer entrar aqui em todos os pormenores dessas definições tipológicas – o que poderá ser feito com a leitura da bibliografia aqui citada –, partiremos para uma avaliação dos limites de aplicação desses conceitos, tendo como norte o meu objeto de estudo.

2.1.2 Os problemas e limites das tipologias

As tipologias foram importantes para explicar fenômenos religiosos, no início do século XX, quando as religiões ainda eram um novo tópico para as disciplinas que

⁷⁹ Ibidem, p. 76.

⁸⁰ Ibidem, p. 78.

se pretendiam científicas, como a história e as ciências sociais. No decorrer das décadas, tanto essas disciplinas, quanto as próprias religiões, passaram por mudanças significativas e inúmeras reavaliações.

A primeira constatação a se fazer é que a maior parte dessas concepções foram pensadas e usadas em pesquisas sobre a história do cristianismo no Ocidente e daí partiram para se proclamarem (ou serem usadas por terceiros) como explicações universais. Esse deslocamento ficou ainda mais acentuado quando o campo religioso se complexificou na segunda metade do século XX, como diria Tinaz acerca do uso da tipologia de Troeltsch:

O seu uso para analisar organizações religiosas para além do cristianismo possui alguns problemas. Ainda mais sério, a sua aplicação em organizações e movimentos religiosos para além do cristianismo depois do surgimento de controvérsias dos cultos e novos movimentos religiosos (NMRs) no Ocidente, dos anos 1960 em diante, deixou complexidades conceituais na sociologia da religião. Há uma inconsistência óbvia no seu uso pelos sociólogos mais recentes. Enquanto Troeltsch tentou examinar e entender o desenvolvimento histórico das organizações cristãs que o antecederam e aplicou tipos e categorias para o passado, sociólogos posteriores acabaram utilizando as mesmas categorias e tipologias para movimentos e organizações sociais e religiosas em seu próprio tempo⁸¹.

Além dessa questão, existe uma consideração importante a se fazer sobre a historicidade dos termos. Segundo Elio Santiago Filho:

[...] O termo *seita* advém de diversas derivações do latim, tendo origem nos termos *secta*, que significa escola, corrente (de pensamento); *secare*, que significa cortar; *secernere*, que significa separar e *sectari* que significa seguir. Diante desse campo semântico é que o termo *seita* adquire o seu significado. Já o termo igreja deriva do termo latino *ecclesia* e do grego *ἐκκλησία* [*ekklesia*] que significam, genericamente, assembleia. Mais especificamente, fazem referência a uma assembleia ou congregação de cidadãos convidados para ouvir falar o magistrado⁸².

O termo “igreja” foi amplamente utilizado na Bíblia para se referir à congregação dos fiéis, dos que criam nas “boas novas” e formavam as primeiras congregações de crentes em Cristo. Deste sentido, passou a significar as edificações

⁸¹ “*Their use for analyzing religious organisations other than Christianity raises some problems. More importantly, their application to religious organisations and movements other than Christianity after the controversies of the rise and ferment of the Cults and New Religious Movements (NMRs) in the West, from the mid-1960s onwards, has led to conceptual complexities in the sociology of religion. There is an obvious inconsistency in their use by later sociologists. While Troeltsch tried to examine and understand the historical development of Christian organisations which predated him and applied types and categories to the past, later sociologists have attempted to use the same categories and typologies for social and religious movement organisations in their own times*”. TINAZ, 2005, p. 69, tradução minha. Sobre a questão dos novos movimentos religiosos, confira a próxima seção.

⁸² SANTIAGO FILHO, 2015, p. 89.

religiosas em que se reuniam os cristãos e, mais tarde, passou a designar a estrutura social e política que formou para administrar e regular as normas e teologias da cristandade.

O conceito de “igreja”, surgido conjuntamente com a história do cristianismo, traz implicitamente consigo toda uma série de representações do cristianismo sobre si mesmo. Ao pensar no conceito de “igreja”, mesmo de uma perspectiva do senso comum, dificilmente conotações inferiorizantes ou pejorativas são invocadas. “Igreja” é geralmente associada a estrutura social, poder, tradição, organização, mas também, no sentido amplo de “religião”, traduzindo-se como seu sinônimo.

Por outro lado, a ideia de “seita”, não remete a valores de conotação positiva. E as instituições religiosas dominantes tiveram um papel decisivo na história negativa desse conceito, reproduzindo uma ideologia dominante e impondo assimetricamente uma classificação pejorativa⁸³. Apesar de, em sua origem na antiguidade, o termo não se refere exatamente (ou especificamente) a questões religiosas – visto que “religião” também não possuía o sentido estritamente “religioso” que o atribuímos na modernidade⁸⁴. No contexto das Reformas, o termo passou a designar, de forma pejorativa, todos os grupos insurgidos contra a Igreja Católica Romana. O próprio Ernest Troeltsch admite:

A palavra “seita”, no entanto, dá uma impressão errônea. Originalmente, a palavra foi usada em um sentido polêmico e apologético e foi usada para descrever grupos que se separaram da Igreja oficial, embora eles tenham mantido certos fundamentos do pensamento cristão; no entanto, devido ao fato destes grupos estarem de fora da vida corporativa da tradição eclesiástica – uma posição que, de fato, foi geralmente imposta a eles, esses grupos foram vistos como inferiores, secundários, fenômenos ímpares, exageros ou abreviações da cristandade eclesiástica. Esse é, naturalmente, somente do ponto de vista das igrejas dominantes [...] ⁸⁵.

Apesar de ter ciência de toda a carga pejorativa e ideológica que o conceito carrega historicamente, ainda assim, Troeltsch e diversos outros intelectuais

⁸³ SANTIAGO FILHO, 2015, p. 104.

⁸⁴ Sobre essa questão, ver mais à frente a discussão sobre o conceito de religião.

⁸⁵ “The word “sect”, however, gives an erroneous impression. Originally the word was used in a polemical and apologetic sense, and it was used to describe groups which separated themselves from the official Church, while they retained certain fundamental elements of Christian thought; by de very fact, however, that they were outside the corporate life of the ecclesiastical tradition – a position, moreover, which was usually forced upon them – they were regarded as inferior side-issues, one-sided phenomena, exaggerations or abbreviations of ecclesiastical Christianity. That, is naturally, solely the view point of the dominant churches [...]”. TROELTSCH, 1931, p. 333, tradução minha.

continuaram a utilizá-lo amplamente como se, ao imprimir novos significados, valores e usos àquele mesmo conceito, o seu passado fosse apagado e seus sentidos negativos não se perpetuassem⁸⁶. Santiago Filho defende que:

[...] O conceito de seita carrega uma dimensão ideológica inerente ao seu significado. Mesmo após todo o esforço científico para purificar desse conceito, seu uso não se reduziu à academia, sendo utilizado também pelos grupos religiosos para a disputa simbólica dentro do campo religioso. Grupos religiosos dominantes sectarizam os grupos subalternos na intenção de mobilizar um sentido, já em evidência e não tido mais como natural pelos grupos dissidentes. Portanto, não é possível negligenciar que as “seitas” também são construídas, enquanto categoria, a partir de um ponto de vista valorativo normalmente negativo⁸⁷.

Seguindo a mesma reflexão, Carozzi aponta para as consequências de operacionalizar o conceito de “seita” sem levar em conta o impacto de suas representações na “cultura popular”:

Na cultura popular, “seita” associa-se invariavelmente a termos como invasão, destruição, cultos satânicos, fanatismo, risco, perigo, perversidade, lavagem cerebral etc. A estigmatização é suficiente para legitimar, em relação aos sectários, um comportamento que não seria admitido em outros seres humanos. Em consequência, a compreensão do uso do conceito de seita nas disciplinas sociais de forma não-valorativa, baseada em critérios empíricos, invariavelmente encontrará um obstáculo na forma de compreensão do leigo⁸⁸.

Conceitos como “igreja” e “seita”, mesmo sendo analisados de forma científica - ou pretensamente “objetiva” - por diversos pesquisadores, não deixaram de carregar consigo sua historicidade que é marcada por uma densa carga ideológica:

À parte da discussão teórica em torno da definição de seita e de igreja e de suas classificações, chama-se a atenção para outra dimensão em torno do problema: sua dimensão ideológica. Trata-se de perceber que por trás de um debate científico existe a influência de uma visão de mundo arraigada em torno do fenômeno capaz de sobrepujar as análises objetivas⁸⁹.

Assim, ao perpetuar o uso de conceitos que surgiram como fruto de disputas religiosas, os acadêmicos, implícita ou explicitamente, acabaram por dar continuidade às “lutas de representações” que atuam influenciando as ações no mundo social.

⁸⁶ Veremos no capítulo 4 como esse conceito foi amplamente utilizado até, pelo menos os anos 1980, por jornalistas e intelectuais (mesmo acadêmicos) para definir fenômenos religiosos contemporâneos.

⁸⁷ SANTIAGO FILHO, 2015, p. 106.

⁸⁸ CAROZZI, Maria J. Tendências no estudo dos novos movimentos religiosos na América: os últimos 20 anos. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, v. 37, p. 61–78, 1994, p. 71.

⁸⁹ SANTIAGO FILHO, 2015, p. 103.

Apesar do conceito de “seita” ter continuado a ser utilizado até fins do século XX, com a complexificação do campo religioso no Ocidente nos anos 1960 e 1970 e a emergência de inúmeros grupos professando práticas e teologias não-cristãs, o conceito de “culto”, como vimos, foi gradativamente sendo utilizado para descrever esses novos fenômenos, enquanto que “seita” foi se restringindo mais aos grupos que surgiam a partir das igrejas consolidadas⁹⁰.

No entanto, há diversas abordagens e discordâncias entre os estudiosos sobre o que seriam os “cultos”, quais os tipos de culto e o que difere os “cultos” de “seitas”. Roy Wallis argumenta que a análise feita, nos anos 1970, sobre o que viria a ser um “culto” era problemática e seria difícil distinguir, de fato, a “seita” de um “culto”:

Primeiro, desvio e variação são particularmente difíceis de distinguir nas culturas altamente pluralistas das sociedades modernas, como de fato é o “consenso convencional”. [...] Claramente, esta caracterização negativa do culto está longe de ser útil, enfatizando, mais uma vez, seu status como uma categoria residual. Em segundo lugar, ele não consegue distinguir entre formas cúlticas e sectárias de religiosidade desviante, “desvio”... é uma característica distintiva tanto de culto, quanto de seita. Em terceiro lugar, o fato de que as crenças cúlticas são desviantes não é suficiente para explicar as características peculiares de “quase-grupo” dos corpos cúlticos. Embora se possa argumentar que as pessoas que mantêm crenças desviantes sentem a necessidade de se reunir para reafirmação e proteção mútuas em face de uma sociedade hostil ou crítica, é difícil ver por que elas deveriam se reunir em grupos efêmeros e pouco estruturados, em vez de em grupos unidos, permanentes, “sectários”⁹¹.

Dessa forma, o “culto” é uma definição categórica imprecisa que mais parece explicar aquilo que ela não é – uma “igreja” – do que o que ela seria de fato. Ademais, e justamente por esse último fator, ela também carrega o mesmo peso negativo e pejorativo que as “seitas”. E, provavelmente, ainda mais, devido ao fato de carregarem em seu arcabouço, conceitos relacionados como “magia”, “curandeirismo”, “feitiçaria” que são rejeitados pelos próprios grupos a que esses conceitos se referem e também

⁹⁰ Segundo Tinaz, diversos estudiosos defendem que “cultos” seriam os grupos “essencialmente não-cristãos”. TINAZ, 2005, p. 83.

⁹¹ “First, deviance and variance are particularly difficult to distinguish in the highly pluralistic cultures of modern societies as indeed is the ‘conventional’ ‘consensus’. [...] Clearly this negative characterization of the cult is far from helpful, stressing once again its status as a residual category. Secondly, it fails to distinguish between cultic and sectarian forms of deviant religiosity, ‘deviance’... is a distinguishing feature of both cult and sect. Thirdly, the fact that cultic beliefs are deviant is not sufficient to explain the peculiar ‘quasi-group’ characteristics of cultic bodies. Although one could argue that people who hold deviant beliefs feel the need to gather together for mutual reassurance and protection in the face of a hostile or critical society, it is hard to see why they should gather in ephemeral, loosely-structured groups rather than in tight-knit, permanent, ‘sectarian one’. WALLIS apud TENAZ, 2015, p. 85, tradução minha.

carregam valoração inferiorizante já que se referiam a práticas desviantes que proporcionaram punições a seus praticantes, ao longo da história.

Assim, é inevitável que as tipologias se coloquem de forma hierarquizada, trazendo consigo representações de hierarquização e superioridade religiosa e/ou cultural. Até mesmo ao descrever os tipos, as explicações são dadas do pretensamente mais completo, estável, estabelecido ou estruturado – a “igreja” – ao menos complexo ou mais “desviante”: a “seita” e, em último caso, o “culto”.

A questão de medir o nível de “desvio” ou “tensão” de uma “seita” ou “culto” – ou definir o que é exatamente “desvio” em uma sociedade – também é uma limitação para utilização desses conceitos. Se uma “seita” ou “culto” se define pelo seu nível de tensão com a sociedade mais ampla, qual instrumento será utilizado para perceber o nível de tensão e o que viria a ser a tensão? Se a cultura é algo móvel, em constante movimento, a ideia de medir a porcentagem de uma religião para perceber se naquele momento ela é cem ou trinta por cento “culto” - ou de demarcar o momento exato que uma “seita” se torna uma religião – é, no mínimo, confusa. Como aponta Carozzi:

Em primeiro lugar, devemos considerar que a redefinição dos conceitos de igreja e seita, nos termos da tensão com o meio ambiente sócio-cultural, baseia-se no pressuposto — no mínimo, discutível — de uma cultura compartilhada onde o elemento subcultural definir-se-ia como um “desvio”. Se, pelo contrário, considerarmos que toda sociedade possui um alto grau de diversidade cultural interna, surge uma questão básica: em relação a qual “ambiente sócio-cultural”, dentre os vários em que os indivíduos participam, deveríamos estabelecer o grau de tensão, a fim de determinar se um certo movimento religioso é mais ou menos sectário?⁹².

As tipologias não conseguem deixar de carregar em si uma ideia de evolução religiosa, de civilização e, mesmo, de etnocentrismo. Entendendo que existem níveis gradativos, ainda que sutis, os “tipos” religiosos carregam em si a marca indelével de desenvolvimento da “civilização” que tem como base modelar a Europa, a sua religião e a Igreja Romana ou as suas reinvenções, chamadas pretensamente de “igrejas protestantes históricas”. Fora desse eixo, quase todas as demais religiões, “novas” ou “tradicionais”, foram tratadas e definidas em algum momento no Ocidente, como “seitas”, “cultos” ou conceitos similares.

⁹² CAROZZI, 1994, p. 71.

Tratar o Movimento Hare Krishna como uma “seita”, porque ele estaria em “tensão” com a sociedade ocidental (majoritariamente cristã) ou pelo seu caráter de “novidade” – que remete novamente apenas ao Ocidente –, parece bastante limitado. Seria aplicar um conceito advindo das disputas religiosas entre católicos e protestantes que pouco têm relação com o histórico de uma religião que se modernizava, entre os séculos XIX e XX na Índia, e que chegou aos Estados Unidos nos anos 1960 com o objetivo de dar continuidade ao seu projeto de universalização, como veremos mais adiante.

Segundo Cristian Parker, boa parte da utilização dos discursos que “batizaram” uma determinada prática religiosa como “seita” o fizeram no sentido de servir-se de um “instrumento de luta religiosa, ideológica e política”⁹³, revelando um reducionismo simplista da complexidade do fenômeno religioso na contemporaneidade. O autor esclarece que a sociologia, em geral, acabou por tomar o fenômeno religioso a partir de sua “eclesialidade” (de tradição cristã e ocidental) fazendo com que o conceito de “seita” se degenerasse em um conceito ideológico. Nesse sentido, ele declara que: “seria incongruente, por exemplo, considerar como ‘seita’ (um conceito derivado do de igreja) expressões de religiões orientais em países ocidentais, como de fato se fez amiúde com movimentos como o Hare Krishna”⁹⁴.

Já Guerriero, apesar de apontar, como já vimos, a ISKCON enquanto uma “seita”, acaba por observar que, de acordo com as definições tipológicas, ela estaria no espaço entre os dois tipos:

Quando Prabhupada vem ao Ocidente procura formar uma estrutura burocrática semelhante à das igrejas tradicionais do Ocidente. Ao instituir-se como uma igreja, a ISKCON acabou não deixando de lado suas características sectárias. Portanto, podemos pensar que ela se situa no meio termo entre seita e igreja, ora apontando para o lado, ora para o outro⁹⁵.

Assim, a questão da ISKCON se encaixar hora como uma “seita”, hora como uma “igreja”, como considerava o autor, parece dificultar ainda mais a utilização dos termos enquanto ferramentas conceituais precisas.

⁹³ PARKER, C. Seita: um conceito problemático para o estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina. In: CIPRIANI, R; ELETA, P; NESTI, A. **Identidade e mudança na religiosidade latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 79.

⁹⁴ Ibidem, p. 89.

⁹⁵ GUERRIERO, 1989, p. 76.

Por conta dessas incongruências, conceitos tipológicos como “seita”, “igreja” e “culto” - embora ainda sejam usados até os dias de hoje na linguagem do senso comum ou no contexto das disputas entre instituições religiosas – eles foram paulatinamente sendo deixados de lado pelos acadêmicos nas últimas décadas e sendo substituídos por outros conceitos: “Nas últimas décadas, a maior parte dos pesquisadores preferiu abandonar completamente esses conceitos, adotando a expressão ‘novos movimentos religiosos’, mais genérica e menos carregada valorativamente”⁹⁶.

O próprio Silas Guerriero, embora não tenha admitido uma reavaliação conceitual de seus trabalhos anteriores, comentou posteriormente que:

Trazendo alguns complicadores de ordem técnica ou conotação que pode ser até pejorativa, os termos seita e culto não têm sido mais utilizados com frequência, salvo pelos meios de comunicação ou por integrantes de alguma igreja que procura desmerecer sua concorrente (seita é a religião do outro!)⁹⁷.

Assim, a partir dos anos 1970, o conceito de novos movimentos religiosos passou a dominar as discussões sobre novas religiões, de religiões minoritárias ou “em tensão” elevada com a sociedade. Veremos agora sobre as definições e implicações desse conceito que rapidamente foi utilizado para definir o Movimento Hare Krishna.

2.1.3 O conceito de “novos movimentos religiosos”

A partir dos anos 1960 e, mais intensamente, nos anos 1970, uma série de novas religiões (e nem tão novas assim) passaram a ser difundidas e praticadas no Ocidente, deixando perplexos aqueles que acreditavam numa continuidade da hegemonia das grandes religiões estabelecidas ou, pelo contrário, daqueles que

⁹⁶ CAROZZI, 1994, p. 61.

⁹⁷ GUERRIERO, 2006, p. 14-15.

acreditavam nos eminentes e inflexíveis processos de desencantamento⁹⁸ e secularização⁹⁹ do mundo social.

Como vimos, o campo religioso no Ocidente se tornou tão complexo que os conceitos de “igreja”, “seita” e derivados desses, embora ainda amplamente usados nesse período, pareciam não dar mais conta da realidade. A emergência de inúmeras religiões e religiosidades não-cristãs fez com que os estudiosos de religião começassem a refletir e formatar novos termos para se referir à grande diversidade de fenômenos que surgiam. O termo “culto” passou a ser usado para se referir a realidades religiosas um tanto indefinidas, pouco compreendidas ainda pelos acadêmicos, mas, foi sendo evitado ao longo dos anos pelo caráter pejorativo que inevitavelmente carrega.

Assim, o termo “novos movimentos religiosos” (NMRs)¹⁰⁰ passou a ser utilizado cada vez mais frequentemente pelos acadêmicos para se referir a toda uma série de religiões e religiosidades novas ou despercebidas até então, muito embora o conceito não tenha sido, de maneira geral, adotado pela mídia ou pelos discursos públicos não-acadêmicos¹⁰¹.

Como um conceito “novo”, ele não trazia diversos dos problemas dos termos anteriores: não fora extraído de nenhuma religião específica; poderia ser usado para religiões cristãs e não-cristãs; não era depreciativo (ao menos *a priori*); e aspirava a

⁹⁸ O “desencantamento do mundo” foi um conceito criado por Max Weber para descrever o processo de racionalização do mundo e da religião na modernidade. A substituição gradual de elementos culturais e religiosos das sociedades tradicionais ou pré-industrializadas, como a magia, por conhecimentos e práticas produzidas pelas ciências e lógica da sociedade capitalista, estariam tornando as religiões cada vez mais racionalizadas e relegadas à esfera da crença individual, não mais como sistemas de explicações universais como o foram outrora. WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Lisboa: Presença, 2001.

⁹⁹ No contexto da religião no mundo ocidental, podemos entender a secularização como “um processo de longa duração, em que são estabelecidas as normas para se reestruturar o universo religioso e a retirada do controle social do poder eclesiástico. Vista a partir de uma composição global, a secularização colaborou para a ruptura da homogeneidade social estabelecida pelo poder eclesiástico, valorizando, assim, a liberdade individual em meio à sociedade contemporânea”. MOURA. **Histórias cruzadas: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910-1942)**, 2015. Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade Estadual de Campinas, p. 26.

¹⁰⁰ O conceito é convencionalmente abreviado em siglas: NMRs, em português; e NRM (new religious movements), em inglês.

¹⁰¹ Em nossas pesquisas, vimos que termos como “seita” e “culto” continuaram sendo utilizados pela mídia brasileira com frequência até, pelo menos, o início dos anos 1990 e depois passaram a ser evitados em manuais de redação (cf. CARVALHO, 2018). No capítulo 5, veremos como a grande imprensa no Brasil definiu o Movimento Hare Krishna entre os anos 1970 e 1980.

dar conta de uma infinidade de fenômenos religiosos aos quais os acadêmicos tinham dificuldade de classificar e agrupar. Dessa forma, o conceito de NMRs acabou sendo aplicado não pela sua precisão conceitual, mas, pela praticidade e flexibilidade de aplicação:

Apartado de uma tradição religiosa em particular, o termo NMRs pode aspirar ser mais “objetivo”; a natureza mais inclusiva e objetiva do termo NMRs e sua aplicabilidade a qualquer fenômeno religioso, tendência ou movimento novo ofuscou à velha popularidade clássica e uso dos termos seita e culto¹⁰².

É difícil para um pesquisador tratar de um objeto cuja definição é subjetiva, imprecisa ou sem consenso entre os estudiosos. O conceito de NMRs serviu aos pesquisadores para dar nome a toda uma série de objetos de pesquisa que vinham sendo analisados e que possuíam características muito distintas entre si. Ele serviu como um “termo guarda-chuva para uma incrível diversidade de fenômenos, variando entre desvios doutrinários das religiões mundiais e grandes igrejas até modismos passageiros e entusiasmos espirituais de aspecto religioso questionável”¹⁰³.

Para alguns autores, a vantagem do uso do termo seria a sua generalidade, sua capacidade de atingir a todas as religiões que se destacaram pela sua novidade ou diferença:

A ideia de que esses movimentos são novos indica a importância de considerá-los no contexto das tradições religiosas pré-existentes. Todos os novos movimentos necessariamente oferecem algo diferente em relação às religiões existentes. Elas oferecem caminhos mais seguros, curtos, rápidos ou claros para a salvação. O apelo dos novos movimentos é oferecer uma garantia mais convincente acerca da salvação do que as disponíveis até então¹⁰⁴.

Rodrigues salienta que a questão da “novidade” não necessariamente estaria ligada ao “ineditismo” da religião em si, mas, ao fato de ela “emergir” em um dado momento histórico novo propício a esse surgimento:

[...] O significado de emergência está relacionado ao despontar de alguma coisa. É como se algo que estava imerso fosse elevado. Portanto, não seria algo novo, mas algo que veio à tona e, nesses termos, eclodiu em razão de

¹⁰² TINAZ, 2005, p. 91.

¹⁰³ “[...] *umbrella term for an amazing diversity of phenomena ranging from doctrinal deviation within world religions and major churches to passing fads and spiritual enthusiasms of a questionably religious kind*”. WILSON apud TINAZ, 2005, p. 91, tradução minha.

¹⁰⁴ “*The idea that movements can be new indicates the importance of considering them in the context of already existing religious traditions. All new movements necessarily offer something different from existing religions. They offer a surer, shorter, swifter or clearer way to salvation. The appeal of new movements is to offer more convincing reassurance about salvation than was hitherto available*”. TINAZ, 2005, p. 90, tradução minha.

algum motivo. Então, é correto afirmar que os NMRs eclodiram em razão de um cenário histórico propício e que a caracterização “novo” não tem necessariamente a ver com “inédito”¹⁰⁵.

Outros autores expandem a abrangência do termo apontando religiões ou “quase-religiões” que dificilmente poderiam ser encaixadas nos termos das tipologias anteriormente apontadas:

[...] O termo NMRs é talvez um termo mais apropriado porque pode ser utilizado de forma mais geral. O termo também nos parece ser mais objetivo e flexível, podendo ser aplicado a qualquer tipo de movimento religioso, quer se trata de uma religião tradicional, religioso ou quase-religioso, cultos ou organizações de uma religião particular¹⁰⁶.

Apesar de ter essa pretensão ambiciosa, sua definição continuou sem muito consenso entre sociólogos e cientistas das religiões. O que seria exatamente, em termos conceituais, um NMR? Para Silas Guerriero, os NMRs são:

[...] Todos os movimentos de cunho religioso ou espiritualista que tenham surgido recentemente, no bojo do movimento de contracultura, após 1960. Vamos incluir, além desses, os movimentos surgidos até no final do século XIX ou começo do século XX e que permaneceram à margem das grandes religiões, mas se tornaram mais visíveis junto com os demais¹⁰⁷.

Essa definição, comum entre os estudiosos do tema, aponta o contexto histórico de surgimento das instituições como fator que justifica a sua inclusão em uma mesma categoria. Llorente dá uma definição extensa, adicionando algumas das características dos NMRs na Espanha:

[Os NMRs são] organizações especialmente visíveis socialmente a partir da Segunda Guerra Mundial e da aprovação da Constituição de 1978, no caso da Espanha; dão respostas às perguntas existenciais sobre a vida; podem ter origens “exóticas”, na medida em que suas raízes procedem de culturas diferentes àquelas novas que implantam; mantêm valores e normas sociais diferentes em relação aos da igreja ou das igrejas predominantes dos países em que se inserem; contam com algum líder carismático e geralmente com redes sociais internacionais, apesar de também poderem ser encontradas em âmbito exclusivamente local e, nas sociedades em que se inserem, são consideradas suspeitas por parte da opinião pública e pelos meios de comunicação¹⁰⁸.

¹⁰⁵ RODRIGUES, Elisa. A emergência dos novos movimentos religiosos e suas repercussões no campo religioso brasileiro. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, v. 12, n. 1 e 2, p. 45–58, 2009.

¹⁰⁶ “*In particular, the term NRM is perhaps a more appropriate term as it can be more generally applied. The term also appears to be a more objective and flexible concept applicable to any kind of religious movement, whether it be traditional religion, religious or quasi-religious, cultic groups or organizations of a particular religion*”. TINAZ, 2005, p. 107-108, tradução minha.

¹⁰⁷ GUERRIERO, 2006, p. 43.

¹⁰⁸ “[...] *organizaciones especialmente visibles socialmente a partir de la Segunda Guerra Mundial y de la aprobación de la Constitución de 1978, en el caso de España; dan respuestas a las preguntas existenciais sobre la vida; pueden tener orígenes “exóticos”, en la medida en la que sus raíces*

Llorente aponta a “exoticidade”, ou seja, a diferença em relação à cultura religiosa então estabelecida numa dada sociedade, como característica dos NMRs. O carisma dos líderes destas instituições também seria uma característica em comum dos novos grupos. Além disso, a suspeição da sociedade ou as polêmicas na “opinião pública” também são inclusas como características nas definições. Como diria Giumbelli: “O conceito de NMRs inclui ainda como tema essencial de investigação a ‘resposta social’ em relação aos grupos estudados – em outras palavras, as controvérsias sociais acerca deles”¹⁰⁹.

Outras definições, como a de Wilson, procuram destacar as características sociais. Além da “procedência exótica”, os NMRs são caracterizados por:

[...] Um nível de engajamento claramente diferente de uma igreja cristã tradicional; liderança carismática; um quadro predominante de jovens e adultos pertencentes à setores sociais bem instruídos e da classe média; alta visibilidade social; operações internacionais; e emergiram entre meados dos anos 1960 e dos anos 1970¹¹⁰.

A diferença em relação a uma igreja cristã “tradicional” seria fator um dos fatores que justificaria a classificação como um NMR. Guerriero também parece concordar com essa afirmação:

As novas religiões seriam, então, tanto aquelas que fogem completamente dos modelos dessas grandes religiões como também os novos grupos surgidos no interior delas, trazendo novas mensagens e caminhos diferentes para atingir a salvação ou plenitude. Mas pode ser, ainda, uma mistura entre duas ou mais das religiões estabelecidas¹¹¹.

proceden de culturas diferentes a aquellas nuevas en las que se implantan; mantienen valores y normas sociales diferentes a los de las sociedades en las que se insertan; son altamente heterogéneos entre si en cuanto a creencias y prácticas; los sujetos que más se implican con ellos mantienen intensas experiencias de afiliación y desvinculación, con niveles de compromiso diferentes a los de la iglesia o iglesias o iglesias mayoritarias de los países en los que se inscriben; cuentan con algún líder carismático y generalmente con redes sociales internacionales, aunque también pueden encontrarse de ámbito local exclusivamente y, en las sociedades en las que se insertan, se les considera sospechosos por parte de la opinión pública y los medios de comunicación”. LLORENTE, M. DEL M. R. **Nuevos movimientos religiosos en España: contexto y análisis del proceso de afiliación y desvinculación de sus miembros**, 2006. Tese (Doutorado em Sociologia), Granada: Universidad de Granada, p. 57, tradução minha. Disponível em: <https://hera.ugr.es/tesisugr/16160289.pdf>. Acesso em: 16/12/2020.

¹⁰⁹ GIUMBELLI, E. **O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. São Paulo: Attar Editorial, 2002, p. 19.

¹¹⁰ “[...] exotic provenance [...]; new cultural lifestyle; a level of engagement markedly different from that of a traditional church Christianity; charismatic leadership; a following predominantly young and drawn in disproportionate measure from the better-educated and middle-class sections of society; social conspicuity (that is, highly visible); international operation; and emergence within the last decade and a half”. WILSON, B. (ed.). **The social impact of new religious movements**. New York: Union Theological Seminary, 1981, p. v, tradução minha.

¹¹¹ GUERRIERO, 2006, p. 20-21.

Uma outra característica social desses, seria o fato de eles atraírem a juventude, sobretudo, de classe média e interessada pelas ações dos movimentos estudantis e da contracultura. Para Hervieu-Lèger os:

[...] NMRs correspondem a um movimento impulsionado pelas ações políticas estudantis e pela contracultura que no âmbito das classes médias, mesmo a despeito do capital intelectual geralmente atribuído a esse grupo, encontrou terreno fértil para expansão¹¹².

Religiões como o Movimento Hare Krishna, os seguidores de Rajneesh (Osho), a Igreja da Unificação do Reverendo Moon, a Cientologia e os Meninos de Deus (*Children of God*) estão entre os NMRs mais estudados pelos acadêmicos, justamente porque estiveram em maior evidência nas polêmicas que envolviam a opinião pública, os jovens da contracultura e a imprensa no período.

Uma parcela significativa dos jovens ocidentais dos anos 1960 e 1970 aderiu, em diferentes níveis, aos apelos da contracultura por uma reformulação das dinâmicas sociais, em termos políticos, morais, sociais, ambientais e, também, religiosos. Uma das faces mais evidentes da contracultura foi a busca por novas formas de espiritualidade, de teodiceias, paradigmas e práticas que viessem a substituir as formas tradicionais de religiosidade que eram vistas por boa parte da juventude como decadentes ou desinteressantes. Nessa onda de buscas por novos modelos que viessem a satisfazer os anseios de uma juventude inconformada com a sua realidade, a espiritualidade oriental passou a ser vista como uma fonte profunda de elementos para aqueles que desejavam se afastar dos velhos paradigmas ocidentais.

O Movimento Hare Krishna, por exemplo, foi representado em diversas ocasiões, como o símbolo dessa juventude contracultural que aderiu às novas formas de religiosidade, como uma espécie de “religião dos hippies” em que as fronteiras entre a contracultura e a religião *vaishnava* fossem estreitas ou se confundissem¹¹³.

Por isso, muito do que se falou, até os anos 1990, sobre os NMRs, diz respeito mais a esses grupos do que a outros enquadrados no mesmo conceito. Porém,

¹¹² RODRIGUES, E. A emergência dos novos movimentos religiosos e suas repercussões no campo religioso brasileiro. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 12, n. 1 e 2, 2009, p. 50.

¹¹³ Como abordado anteriormente em: CARVALHO, Leon A. G. de. “*Hippies*” ou “*Happies*”? Interseções entre a contracultura e o movimento Hare Krishna no Brasil dos anos 1970. In: L. Kaminski (Org.); **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. p.195–214, 2019. Curitiba, Brasil: Editora CRV.

fenômenos mais holísticos e menos institucionalizados ou tidos como “religiões” são geralmente incluídos como sendo NMRs: Nova Era, as logas, os xamanismos e curandeirismo modernos, entre outros¹¹⁴.

Há uma dificuldade em se elencar as características dos NMRs devido à heterogeneidade dos grupos e à ambição universalizante do conceito:

Entre as características dos NMRs se encontra o alto grau de heterogeneidade entre eles, por tanto, as generalizações iriam subtrair o rigor de qualquer análise. Os diversos movimentos religiosos diferem entre si em origem, práticas, crenças, liderança, organização, estilos de vida, atitudes acerca da mulher, das crianças, da educação, da moral etc.¹¹⁵.

Apesar de apontar essa dificuldade, Llorente, em diálogo com seus interlocutores, elenca as características que seriam mais marcantes dos NMRs: importância da experiência direta e intuitiva do sagrado; líderes carismáticos e autoritários; interação normativa, não reflexiva; e aprendizagem individual das identidades e normas sociais. Além disso, eles teriam a intenção de implantar um novo modelo de sociedade de acordo com suas normas e valores, exigem do indivíduo atitudes mais racionais e menos emotivas e são marcados por um caráter intensamente individualista, onde a preocupação é o desenvolvimento do indivíduo¹¹⁶.

Silas Guerriero aponta, em concordância, que os cientistas sociais e da religião têm:

[...] Por hábito de análise distinguir os novos movimentos religiosos pelo exotismo e distanciamento de suas mensagens e símbolos diante dos padrões culturais estabelecidos. Quanto maior a ruptura, mais nítido seria o caráter de novidade desse movimento¹¹⁷.

Como vimos anteriormente, a questão de “ruptura” na nova religião em relação à anterior, foi uma característica utilizada nas tipologias de “seita” e “culto” para justificar o uso de um novo conceito ou tipo de religião em relação àquelas tidas como “igrejas”.

¹¹⁴ Para uma extensa lista de NMRs do “quadro brasileiro”, cf.: GUERRIERO, 2006.

¹¹⁵ “*Entre las características de los NMRs se encuentra el alto grado de heterogeneidad entre ellos, por tanto, las generalizaciones restarían rigurosidad a cualquier análisis. Los diferentes movimientos religiosos difieren entre sí en el origen, prácticas, creencias, liderazgo, organización, estilos de vida, actitudes hacia la mujer, los niños, la educación, la moral, etc.*”. LLORENTE, 2006, p. 60, tradução minha.

¹¹⁶ LLORENTE, 2006, p. 60-62.

¹¹⁷ GUERRIERO, 2006, p. 19.

Como pretende ser um conceito que engloba uma grande quantidade e diversidade de fenômenos religiosos, podemos ter por certo que “a generalização mais certa sobre os NMRs é que não se pode generalizar acerca dos NMRs”¹¹⁸. Considerando a dificuldade em agrupar essa diversidade sob um mesmo “guarda-chuva” conceitual, alguns autores optaram por estabelecer “tipos” de NMRs, colocando-os em subgrupos que teriam características em comum.

Beckford e Levasseur estabeleceram três tipos ideais de NMRs: os de Refúgio – que procuram proporcionar abrigo do mundo, fornecendo um espaço social que proteja seus membros das adversidades da vida em torno de um bem religioso; os de Reforma, que priorizam a transformação da sociedade através do próprio movimento; e os Libertadores, que acreditam que o próprio indivíduo tem o potencial de tornar sua vida transcendental¹¹⁹.

Guerriero, embora tenha evitado nomear os “tipos” (com essa nomenclatura), estabeleceu quatro grandes grupos em que os NMRs poderiam ser divididos, levando em consideração “o quadro brasileiro” – e, justamente, por isso, vamos detalhar aqui. O primeiro grupo seria composto dos novos grupos surgidos “no interior das grandes religiões cristãs” constituídas no país que teriam como característica o fato de serem “fundamentalistas” e “portadores de uma nova mensagem evangélica”¹²⁰.

No segundo grupo, estariam os “Movimentos religiosos externos às grandes religiões constituídas” que buscam a “negação e ruptura em relação à cultura abrangente e à ortodoxia religiosa” e que “buscam o resgate de uma tradição que se perdeu”. Esses grupos teriam também uma postura “fundamentalista”, por defenderem uma “verdade única e negarem outros caminhos”¹²¹.

¹¹⁸ “[...] *la generalización más acertada sobre los NMRs es que no se puede generalizar acerca de los NMRs*”. LLORENTE, 2006, p. 58, tradução minha.

¹¹⁹ BECKFORD; LEVASSEUR apud LLORENTE, 2006, p. 58-59. Como exemplo, os NMRs de Refúgio seriam o movimento Hare Krishna e os Meninos de Deus; de Reforma seriam a Igreja da Unificação (do Reverendo Moon) e a Cientologia; e, como exemplo dos NMRs Libertadores, teríamos a Meditação Transcendental e o Erhardt Seminar Training (EST).

¹²⁰ GUERRIERO, 2006, p. 97-98. Apesar de admitir que igrejas neo/pentecostais seriam facilmente caracterizadas como NMRs em outros países, o autor não classifica como NMRs no caso brasileiro e elenca apenas algumas como exemplo: A Família (Meninos de Deus); Jesus Freaks; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Testemunhas de Jeová; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons); Ciência Cristã; Exército da Salvação; “entre outros”.

¹²¹ GUERRIERO, 2006, p. 98-100. Para o autor, seriam exemplos desse “tipo”: o Movimento Hare Krishna; Osho (Rajneesh); Ananda Marga; Brahma Kumaris; Organização Sathya Sai Baba; Santo Daime; União do Vegetal; Fé Baháí; Tenrikyô; Vale do Amanhecer; Legião da Boa Vontade; e a

O terceiro tipo seria composto de “novas religiões originadas no Oriente” e teriam sido de forma geral trazida para o Brasil por imigrantes japoneses. Elas teriam por característica, a construção de um novo tempo e se organizariam em torno de um líder carismático¹²².

E um quarto e último tipo seria formado por “grupos diversos, sem liderança fixa, de cunho ocultista e esotérico” que formariam um grupo identificado geralmente como “Nova Era”. A ênfase desses grupos estaria no autoaperfeiçoamento, possuem contornos flexíveis e muitas vezes não se definem como “religiosos”, fazendo com que seus membros possuam “múltipla pertença religiosa”¹²³.

Existe uma dificuldade em utilizar esses termos com precisão para enquadrar uma quantidade grande de fenômenos religiosos. Nos tipos de Beckford e Levasseur citados acima, poderíamos, a depender do ponto de vista, enquadrar o Movimento Hare Krishna nos três modelos, devido as diferentes faces da religião e de sua mobilidade ao longo do tempo.

No modelo estabelecido por Guerriero, o Movimento Hare Krishna pertenceria ao segundo grupo, mas, também poderia ser enquadrado no terceiro, já que a Índia fica no “Oriente”. E, em um trabalho mais recente, o autor defendeu que o Hare Krishna seria um fruto da “Nova Era”, caracterizado pelo seu “*ethos*”¹²⁴.

Isso evidencia o quão difícil é seguir objetivamente na esteira da conceituação dos fenômenos religiosos e como pode ser problemático o estabelecimento de tipos ou de “caixas” onde se enquadram esses grupos. Faremos, a seguir, uma breve avaliação crítica das implicações da aplicação do conceito de NMRs, sobretudo, ao Movimento Hare Krishna.

Meditação Transcendental (de Maharishi Maheshi). Diversos desses movimentos não têm, necessariamente, uma teologia que “nega outros caminhos”. Movimentos como o Hare Krishna não “negam”, apenas afirmam a sua superioridade, mas admitem que outras religiões podem levar ao sucesso espiritual almejado.

¹²² GUERRIERO, 2006, p. 100-101. Exemplos desse tipo seriam: Soka Gakkai; Igreja Messiânica Mundial; Seicho-No-Iê; Mahikari; Igreja da Unificação (do Reverendo Moon); Perfect Liberty; e outras.

¹²³ GUERRIERO, 2006, p. 101-103. Exemplos desse tipo seriam: Wicca; Rosa-Cruz; Cientologia; Nova Acrópolis; Fraternidade Pax Universal; Antroposofia; Eubiose; entre outros.

¹²⁴ GUERRIERO, Silas. O movimento Hare Krishna e o *ethos* nova era: afinidades eletivas e distanciamentos críticos. In: CARVALHO, Leon A. G. de; VALERA, Lúcio (Orgs.). **O movimento Hare Krishna no Brasil**: novos estudos e perspectivas. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

2.1.4 Limitações do conceito de NMRs

Apesar de ter introduzido algumas vantagens e de ter se afastado dos problemas que envolviam termos como “seita” e “culto”, o conceito de NMRs também apresentou novos problemas e limitações que foram sendo percebidas pelos estudiosos ao longo das últimas décadas. Alguns deles foram apontados como escusas pelos próprios defensores do conceito. Como diria Giumbelli: “A expressão NMRs tem servido para apresentar e analisar um conjunto de grupos e fenômenos que, segundo seus próprios proponentes, é extremamente diverso e desarticulado”¹²⁵.

Silas Guerriero, por exemplo, afirma que o termo é “difuso e muitas vezes elástico. A começar pelo próprio termo ‘novos movimentos religiosos’, muitas vezes vago e impreciso”; e, mais adiante, admite que “o conceito de novos movimentos religiosos está diretamente relacionado ao de seita ou culto”¹²⁶.

Apesar de pretender ser isento, o termo NMRs continua de certa forma vinculado àqueles que pretendia substituir:

Como alternativa à noção pública de seita ou culto e a suas marcas pejorativas, no campo dos estudos da religião estabeleceu-se a nomenclatura “novos movimentos religiosos”. O termo [...] articula-se, portanto, temática e historicamente, com as categorias de seita e culto¹²⁷.

Ao elencar novas tipologias e taxonomias e incluir nelas grupos anteriormente tidos por “seitas” ou “cultos”, os estudiosos dos NMRs não se afastaram de todo de alguns dos mesmos problemas que rondavam os termos anteriores, como as representações de serem ameaçadores da “tradição” ou de “corromper” a juventude¹²⁸.

Um outro problema se refere aos termos que compõem o conceito. O “novo” pode não ser uma novidade para um certo grupo social. Alguns dos grupos tidos como “novos” na Europa e América não o eram há décadas em seus locais de origem (como

¹²⁵ GIUMBELLI, 2002, p. 19.

¹²⁶ GUERRIERO, 2006, p. 28.

¹²⁷ MACHADO, C. Novos movimentos religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2010, p. 146.

¹²⁸ Cf. CARVALHO, Leon A. G. de. O “problema das seitas” e os periódicos: uma análise das representações sobre o movimento Hare Krishna nos jornais (1974-1984). **Cadernos de História**, v. 19, n. 31, p. 213–233, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/14657>>. Acesso em: 24/6/2020.

no caso do Hare Krishna, do Zen Budismo, de diversas iogas). Mesmo os defensores do conceito admitem contraditoriamente que os NMRs não necessariamente trazem novas religiões:

Convém lembrar que um NMR não constitui necessariamente uma nova religião. A Soka Gakkai e a ISKCON se baseiam em tradições muito antigas (budismo e hinduísmo, respectivamente), mas são consideradas, sem sobra de dúvida, novos movimentos religiosos¹²⁹.

Além disso, o “novo” não é novo para sempre e isso faz com que o termo acabe perdendo o sentido com o passar do tempo¹³⁰. Os problemas com a terminologia “novo” também são recorrentes quando se pensa os movimentos de vanguarda artística, cultural ou intelectual, na medida em que vão se tornando “velhos”. Questões semelhantes foram apontadas sobre movimentos como a “Nova História” da historiografia francesa, a “Nouvelle Vague” e o “Cinema Novo” na cinematografia, na França e no Brasil. Em termos categóricos, às vezes fica difícil medir o nível de novidade:

Como opção acadêmica desinvestida do tom pejorativo das demais, esse conceito traz suas próprias dificuldades. Uma delas é o impasse em se definir o nível de “novidade” implicado nestes movimentos. Percebe-se, assim, que, embora não haja unanimidade quanto a essa categoria, ela vem sendo aplicada na definição de diversos grupos¹³¹.

A questão do “novo” envolve um referencial. A religião é considerada “nova” não somente porque surgiu cronologicamente em dado período, mas porque é nova para um determinado referente:

Outros grupos, como a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (Hare Krishna) e o movimento da Meditação Transcendental, são mais precisamente descritos como transplantes culturais, de origem asiática, e são novos apenas no sentido que são novos para o Ocidente¹³².

Mesmo sendo uma categoria não-cristã e não-ocidental, o termo NMR acaba adquirindo uma comparação exatamente com esse referente: o cristianismo como

¹²⁹ GUERRIERO, 2006, p. 44.

¹³⁰ Como aponta, introdutoriamente o artigo: BARKER, E. The not-so-new religious movements: changes in ‘the cult scene’ over the past forty years. **Temenos**, v. 50, n. 2, p. 235–256, 2014.

¹³¹ MACHADO, C. Novos movimentos religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2010, p. 146.

¹³² “Other groups, such as the International Society for Krishna Consciousness (Hare Krishna) and the Transcendental Meditation movement, are more accurately described as cultural transplants, often of Asian origin, and are new only in the sense that they are new to the West”. BROMLEY, David G; COWAN, Douglas E. **Cults and new religions**: a brief history. West Sussex, UK: Willey Blackwell, 2015, p. 7, tradução minha.

religião padrão de comparação em relação às outras; as igrejas “históricas” em relação às demais organizações; a cultura ocidental em relação ao restante da cultura mundial. Como aponta Guerriero:

Muitos dos autores consideram apenas o surgimento desses movimentos na Europa ou América do Norte, definindo seus inícios somente após a Segunda Guerra. Nesse sentido, deixaram de considerar suas origens anteriores em outros locais do planeta¹³³.

Além do referente, devemos considerar os usos do termo que, apesar de aparentemente objetivos, podem implementar conotações negativas. O “novo” pode ser operacionalizado como negativo:

Aparentemente, a única característica comum dentre os diversos movimentos que a cultura pública repudia é o seu caráter de “novidade” para aqueles que produzem tal cultura. Como “religião” está conotativamente associada à “tradição”, qualquer movimento religioso percebido como “novo” é automaticamente posto sob suspeita¹³⁴.

Para os conservadores, o novo pode significar uma maneira pejorativa para desmerecer um movimento, dizendo que ele não é sério. Para outros, no entanto, pode ser bandeira de *marketing* anunciando uma novidade a algo que ficou ultrapassado¹³⁵.

Com relação ao Movimento Hare Krishna, o aspecto de novidade foi, por vezes explorado, para mostrar sua diferença em relação às outras linhas hindus difundidas no Ocidente. Por outro lado, quando acusados pela imprensa e movimentos “antisseita” de serem membros de uma “nova” e mal-intencionada “seita”, os *hare krishna* buscaram reforçar os laços que possuem com a tradição *vaishnava*¹³⁶. Assim, podemos entender que o termo “novo” não é uma categoria analítica precisa e envolve operações discursivas que tornam seu uso um tanto problemático. Emerson Giumbelli resume bem as implicações dos termos contidos na expressão NMRs:

Afinal, como conferir ao mesmo tempo precisão e pertinência aos termos “novo” e “movimento”? Decidir se um grupo enquadra-se ao “novo” não apenas pressupõe arbitrar uma data de referência válida para todos os universos considerados; caberia justificar porque este marco seria mais relevante do que outros e aplicá-los com um rigor que, na prática, o conceito de NMRs nunca comportou. A diversidade de formatos e soluções organizacionais tornaria semelhantemente caduca a noção de “movimento”. Além disso, ambos os termos fazem parte da própria controvérsia em que se envolvem os grupos, já que ser “novo” pode adquirir conotação

¹³³ GUERRIERO, 2006, p. 37.

¹³⁴ CAROZZI, 1994, p. 71.

¹³⁵ GUERRIERO, 2006, p. 38.

¹³⁶ Essa discussão foi mais amplamente debatida em: CARVALHO, Leon A. G. de. O movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição”? *Diálogos*, v. 23, n. 1, p. 193–212, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/viewFile/42922/pdf>. Acesso em: 13 mai. 2019.

desqualificante no mundo das “tradições” e constituir um “movimento” pode ser legitimante para uma organização acusada de “totalitarismo”¹³⁷.

O termo “movimento”, como aponta o autor, também traz seus problemas e imprecisões. Antes de ser usado como parte integrante da expressão NMR, o termo já era usado para definir os “movimentos sociais”, por exemplo. Esse caráter de mobilização social talvez tenha sido um dos motivos para justificar a inclusão do termo na expressão NMR¹³⁸.

A expressão “Movimento Hare Krishna”, forjada nos anos 1960, também é anterior ao termo NMR que começou a ser utilizado a partir dos anos 1970. A expressão foi popularizada pela mídia americana, no início da ISKCON, quando Prabhupada e seus discípulos tornaram-se conhecidos por executar *kirtana* (canto de mantras em conjunto acompanhado de música) nos parques públicos de Nova Iorque. Ao cantarem, por horas a fio, o mantra *Hare Krishna*, eles atraíram muitos membros da contracultura - que naquele período, utilizavam dos parques para tocar, cantar e dançar *Rock’ N’ Roll* e utilizar substâncias alucinógenas. Os seguidores de Prabhupada logo se tornaram conhecidos como “os *hare krishna*”¹³⁹.

No entanto, antes mesmo de Prabhupada, ao menos desde o início do século XX, expressões como “Movimento do Senhor Chaitanya”, “Movimento de *Sankirtana*” e “Movimento da Consciência de Krishna” eram utilizados por Bhaktisiddhanta e seus seguidores na Índia, para se referir ao vaishnavismo *gaudiya* ou às reformas religiosas (tidas como “resgate” da tradição) implementadas por eles¹⁴⁰. Esses mesmos termos foram utilizados por Prabhupada para se referir à ISKCON e seus seguidores acrescentaram ainda o termo “Movimento de Prabhupada” para se referir à instituição ou suas atividades.

O termo “Movimento Hare Krishna” foi apropriado pelos membros da ISKCON como sendo representativo de sua religião na esfera pública, muito embora, de maneira formal, seus membros entendam que fazem parte do “movimento para

¹³⁷ GIUMBELLI, 2002, p. 22. O autor ressalta que a partir dos anos 1990, devido aos problemas elencados acima, alguns termos têm sido propostos em substituição à NMRs, como “minorias religiosas”, “movimentos religiosos marginais”, “alternativos” ou “não-convencionais”. No entanto, estes não escapam às muitas das críticas feitas ao primeiro termo ou apresentam ainda outros problemas.

¹³⁸ Como aponta: LLORENTE, 2006.

¹³⁹ Sobre os primeiros *kirtana* em Nova Iorque, cf.: GOSWAMI, S. D. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 2**.

Plantando a semente - Nova Iorque/1965-1966. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008.

¹⁴⁰ Veremos questões relacionadas isso mais à frente no presente capítulo e no capítulo 2.

consciência de Krishna”, como o próprio nome da instituição indica¹⁴¹. Na presente pesquisa, então, utilizo o termo “Movimento Hare Krishna”, não como um indicativo de que o Hare Krishna seja um NMR, mas porque os seus próprios membros utilizam o termo “Movimento Hare Krishna” para definir sua religião e suas práticas.

O termo “religioso” contido na expressão NMR também é apontado como questionável por alguns autores. Como Giumbelli afirma:

Nesse caso, o incômodo é mais do que evidente. Pois sob a categoria NMRs proliferam grupos, uns dizendo-se “religiosos” sem parecê-lo, seja porque desenvolvem com seus fiéis uma relação que os converte em “clientes”, seja porque identificam conglomerados de instituições que se disseminam por esferas bem “seculares”; outros declinando o qualificativo de “religioso” que todas as aparências insistem em lhes conferir¹⁴².

Além disso, existem ainda outras limitações no termo NMRs como, por exemplo, lidar com a dificuldade em definir o que eles têm em comum:

[...] Os NMRs estão constituídos por grupos que têm em comum que socialmente esboçam controvérsias, ainda que, de fato, sejam heterogêneos entre si, tanto que, de um ponto de vista científico, existe um problema ao tentar encontrar os aspectos que têm em comum¹⁴³.

A indefinição de um conceito que pretende abranger e definir uma diversidade muito ampla de fenômenos, acaba causando uma dificuldade enorme em se alcançar, em termos objetivos, uma precisão sobre o que constitui um NMR para além do fato de ele ser “novo” ou, melhor dizendo, pouco conhecido pelo público ou pelos estudiosos. Barker afirma, por exemplo, que “não há uma resposta certa sobre o que é ou não um NMR”¹⁴⁴.

O conceito de NMRs continua sendo utilizado até hoje para definir grupos como o Movimento Hare Krishna por diversos autores¹⁴⁵. Rochford Junior, embora preferira não conceituar objetivamente o que seria o Movimento, o inclui dentro do

¹⁴¹ Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna.

¹⁴² GIUMBELLI, 2002, p. 23. Veremos na próxima seção deste capítulo uma discussão mais pormenorizada dos problemas que envolvem o conceito de “religião”.

¹⁴³ “[...] *los NMRs están constituidos por grupos que tienen en común que socialmente plantean controversias, aunque en realidad son heterogéneos entre ellos, tanto que, desde un punto de vista científico, deviene un problema tratar de encontrar los aspectos que tienen en común*”. LORENTE, 2006, p. 56, tradução minha.

¹⁴⁴ BARKER apud GUERRIERO, 2006, p. 35.

¹⁴⁵ É o caso de: KETOLA. K. **An Indian Guru and His Western Disciples**: representation and communication of charisma in the Hare Krishna movement. Helsinki: Academic dissertation, Faculty of Arts at the University of Helsinki, 2002; CLARKE, Peter B. **Encyclopedia of New Religions Movements**. London/New York, Routledge, 2006; E, como vimos: GUERRIERO, 2006.

“guarda-chuva” dos “NMRs”: o Movimento Hare Krishna é um dos mais controversos NMRs que emergiram nos EUA nos anos 1960”¹⁴⁶. Além disso, utiliza diversos termos genéricos enquanto sinônimos, tais como, “nova religião”, “movimento religioso” e “grupo religioso”¹⁴⁷.

As dificuldades que envolvem a terminologia têm levado a criação de outros conceitos que consigam dar conta dos fenômenos religiosos descritos enquanto “NMRs”:

O termo “NMR”, às vezes, é contestado quando aplicado às estruturas que são, de alguma forma, provenientes de culturas antigas e esquemas tradicionais. O termo “religiões minoritárias” é preferido nesses casos, indicando a antiguidade contextual do grupo e indicando, ao mesmo tempo, a sua difusão limitada. Em algumas publicações recentes, Introvigne usa o termo para sugerir a sua adoção em referência a religiões como a ISKCON ou a Soka Gakkai, ambas ligadas à esquemas culturais de tradição religiosa que as precedem em alguns séculos¹⁴⁸.

As limitações do conceito NMRs não impediram os estudiosos do tema das religiões na contemporaneidade de continuar o utilizando, assim como, eu mesmo, em trabalhos anteriores, utilizei o termo, pedindo licença e desculpas pelos problemas que o mesmo carrega¹⁴⁹. Considero que o conceito de NMRs continua tendo sua pertinência e validade, sobretudo, nos estudos antropológicos e sociológicos, para pensar e comparar comportamentos coletivos entre grupos religiosos na contemporaneidade.

No entanto, na presente pesquisa - que tem como área de concentração a história das religiões - acredito que o conceito não satisfaz com precisão os questionamentos históricos que buscamos. Não podemos, por exemplo, começar

¹⁴⁶ “The Hare Krishna movement is one of more controversial New Religious Movements (NRMs) that emerged in the United States during the 1960s”. JUNIOR ROCHFORD, E. Burke. The Hare Krishna Movement: Beginnings, change, and transformation. In: GALLAGHER, Eugene V; ASHCRAFT, W. Michael (Eds.). **Introduction to new and alternative religions in America**. Vol. 1: History and controversies. Westport/London: Greenwood, 2006, p. 21-45, tradução minha.

¹⁴⁷ Como aparece em: ROCHFORD JUNIOR, 1985; 2007.

¹⁴⁸ “The term “NRM” is sometimes contested when applied to structures which are in some way the offspring of ancient cultural and traditional schemes. The term “minority religions” is often preferred in such cases, implying the antiquity of the group’s background and indicating at the same time its limited diffusion. In some recent publications, Introvigne uses the term to suggest its adoption in reference to religions such as the ISKCON movement or the Soka Gakkai, both being linked to cultural schemes of religious tradition preceding them by many centuries”. SQUARCINI, Federico. In Search of Identity within the Hare Krishna Movement: memory, oblivion and thought style. **Social compass**, 47(2), 2000, p. 253–271. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/003776800047002008>.

Acesso em: 20 jul. 2020, tradução minha.

¹⁴⁹ CARVALHO, 2018.

nossa análise histórica a partir da fundação da ISKCON, em 1966, ignorando o contexto anterior que fez a religião se projetar da Índia para o Ocidente, ignorar o que diz a teologia trazida com Bhaktivedanta Swami, de onde ela veio, por que e como ela chegou até aqui ou perceber como a prática do *sankirtana* se modificou ao longo do tempo¹⁵⁰.

Considero que a escolha do conceito NMR não é categoricamente objetiva, como se pretende. Mesmo se considerarmos o conceito enquanto categoria “científica”, lembremos como Thomas Khann bem disse, que a ciência não é isenta e inocente, e traz verdades que, mesmo tidas como “científicas” (que seguem a metodologia científica padrão), são temporárias e estão inerentemente vinculadas a um período histórico e, certamente, serão reformuladas ou desmentidas pelas próximas gerações¹⁵¹.

Em suma, o conceito de NMR não é tão objetivo e imparcial quanto parece ou quanto parte dos cientistas sociais inspirados nos autores americanos e britânicos o pretendem. Stark e Bainbridge, por exemplo, defendem aristotelicamente a tipologização dos grupos religiosos e sugerem que, para haver “ciência”, é necessária a classificação dos elementos e, assim, não interessa tanto as particularidades, mas, sim, as similaridades entre eles:

A tipologização encorajou os pesquisadores a descobrir como o grupo que estão estudando difere de todos os outros e, à medida que têm sucesso, nada é classificado. A ciência requer que coisas similares sejam agrupadas, não que busquemos demonstrar que nada é parecido¹⁵².

Assim, para alguns autores, as particularidades se apresentam como um “problema científico” no processo de classificação ou definição conceitual. E nada mais revelador das particularidades do que a história. Peter Berger chegou a sugerir que “o problema de Weber” no uso da tipologia “igreja/seita” foi “ter selecionado elementos históricos para realizar uma definição universal”¹⁵³.

¹⁵⁰ Por isso, no tópico 2.2 buscaremos uma definição histórica para conceituar o Movimento Hare Krishna. E no capítulo 2, faremos uma retrospectiva histórica para observar como a prática religiosa do *sankirtana* se transformou ao longo dos anos até ser difundida de uma maneira moderna e em todo mundo, pela ISKCON.

¹⁵¹ KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

¹⁵² STARK; BAINBRIDGE, 2008, p. 22.

¹⁵³ BERGER apud SANTIAGO FILHO, 2015, p. 99.

A presente pesquisa tomou um caminho inverso ao defendido por esses autores. Ao invés de partir de uma teoria geral em direção ao nosso objeto de estudo, partimos de uma leitura deste em direção às teorias. É justamente a particularidade de um fenômeno religioso que interessa: a sua historicidade. Pensando a história de uma religião, buscamos observar não as generalizações, nem “como” ou “se” uma teoria global o explica, mas, procurei perceber os “desvios” ou “zonas silenciosas”, aquilo que escapou aos sistemas de explicação total, ou seja, a particularidade da história do objeto. Como observa Certeau:

O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. “Faz um desvio” para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia, etc., todas elas zonas silenciosas¹⁵⁴.

Motivado por essa questão, procurei partir de um mergulho nas fontes e na história do Hare Krishna para, a partir dessas zonas “ainda silenciosas”, dialogar com as epistemologias existentes e propor novos olhares. Veremos, a seguir, uma problematização do conceito de religião para, a partir dela, buscarmos uma definição histórica acerca do Movimento Hare Krishna.

2.1.5 Religião

Parte da problemática em lidar com o conceito de “novos movimentos religiosos”, reside na dificuldade em se definir o “religioso” ou o que vem a constituir uma “religião”. No sentido do senso comum, pode parecer óbvio o significado da palavra, mas, se utilizarmos um questionamento histórico-crítico, veremos que, como qualquer outro conceito, o termo “religião” possui uma historicidade que revela muito do que está em jogo quando pensamos ou nos referimos a algo como sendo uma “religião”. Originalmente, o termo sequer estava atrelado ao uso que damos hoje:

Religião originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido primeiro indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de

¹⁵⁴ CERTEAU, 2008, p. 87.

manifestação que, contemporaneamente, entendemos como religiosas. Assim, o conceito foi construído histórica e culturalmente, no Ocidente, adquirindo um sentido ligado à tradição cristã¹⁵⁵.

Com o desenvolvimento do cristianismo no seio do Império Romano e, sobretudo, a partir da sua oficialização como religião de Estado, em 380 d.C., o sentido do que seria religião em última instância ficou atrelado ao desenvolvimento da própria religião cristã romana. O cristianismo foi um dos maiores fatores da “ocidentalização do mundo” e, assim sendo, “religião” passou a ser sinônimo de cristianismo e de cultura ocidental.

Todos os fenômenos de ligação com o mundo, com seres ou práticas extrafísicas ou extramateriais não cristãs (e, em última instância, não católicas romanas) receberam outros termos por parte da cultura ocidental, tais como paganismo, bruxaria, magia, etc. Mesmo com o advento da modernidade, do racionalismo, da secularização e dos estudos científicos de religião, os termos e definições utilizados no estudo de religiões, como vimos em parte, continuaram vinculados ao léxico e à cultura cristã, mesmo quando tratam de religiões não cristãs ou mesmo pré-cristãs. Como diria Eliane Silva, “a religião nos limites da razão se revelou como outro nome do cristianismo”¹⁵⁶.

É especialmente custoso trabalhar com a ideia de religião fora do cristianismo, já que “nas línguas de outras civilizações e culturas distintas do Ocidente pós-clássico, não existe um termo para designar religião (no caso da tradição hindu, por exemplo)”¹⁵⁷. No hinduísmo, o termo que mais se aproximaria de religião, seria a noção de *dharma* (dever, obrigação), mas, de maneira nenhuma essa equiparação dá conta do que entendemos por “religião” no Ocidente, já que o *dharma* incorpora noções de “verdade”, “dever”, “ética”, “lei” (inclusive “leis naturais”) que só podem ser entendidas no contexto sociorreligioso do hinduísmo. O *dharma* é a lei que mantém viva, simultânea e indissociavelmente, a sociedade e o cosmos e que determina quem você é e o que você deve e pode fazer em sua vida em termos “materiais” e

¹⁵⁵ SILVA, Eliane. Apresentação. In: SILVA, Eliane. M.; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo S. (Org.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2014, p. 13.

¹⁵⁶ Ibidem, p. 8.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 15.

“espirituais”, por assim dizer. Assim, no hinduísmo, “religião” é mais entendido como aquilo que você pratica do que aquilo que você crê¹⁵⁸.

Às vezes, no hinduísmo, o *dharma*, em seu sentido mais “religioso”, é melhor referido como *sanatana-dharma* (“dever eterno”), invocando a necessidade ou obrigação metafísica e espiritual do ser. Bhaktivedanta Swami, por exemplo, traduziu a palavra *dharma* de textos clássicos hindus, ora enquanto “religião”, ora como “dever”, mas numa perspectiva de práticas sociorreligiosas “mundanas”. Quando queria enfatizar a importância da prática espiritual, para além dos demais deveres “materiais”, ele costumava utilizar o termo *sanatana-dharma*¹⁵⁹.

A ideia moderna de religião, como algo apartado do Estado, relativo à opção de fé ou crença do indivíduo, é ainda mais obscura para entender os fenômenos religiosos não cristãos. Como separar o mundo natural do mundo espiritual para os povos aborígenes, tribais, com suas práticas mediúnicas, xamânicas, etc.? Como entender “religião” nas sociedades fortemente islamizadas, querendo enxergar nelas a separação entre Estado e religião, entre lei e religião, como nos termos ocidentais?¹⁶⁰

Assim, faz-se necessário o entendimento de que o termo “religião” não dá conta da totalidade dos próprios fenômenos que os “estudos de religião” pretendem abarcar. Ainda mais se o termo for colocado no singular. “Religião” no singular é um termo diretamente vinculado à historicidade do cristianismo e, no máximo, permite pensar que o cristianismo é “religião” no sentido completo da palavra, enquanto que as demais são pensadas a partir do referencial cristão. No sentido mais extremo, as demais são tidas como “quase-religiões”, “religiões menores” ou “em desenvolvimento”¹⁶¹.

¹⁵⁸ FLOOD, G. **Introdução ao Hinduísmo**. Juiz de Fora: UFJF, 2014, p. 31-33. Mais à frente (ibidem, p. 80), o autor defende que *dharma* “é um termo intraduzível” e tem sido traduzido como “dever”, “religião”, “justiça”, “lei”, “ética”, “mérito religioso” e, ainda, “direito”.

¹⁵⁹ Cf. PRABHUPADA, A. C. B. S. **O Bhagavad-gita como ele é**. 6ª ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2011, *passim*.

¹⁶⁰ Sobre essa “incompatibilidade”, ver o excelente artigo: GASBARRO, N. Nós e o Islã: uma compatibilidade possível? **Novos Estudos CEBRAP**, v. 67, p. 90–108, 2003. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/101/20080627_nos_e_o_isla.pdf>. Acesso em: 21/10/2016.

¹⁶¹ Weber, por exemplo, começa o seu livro mais famoso observando como o protestantismo de inspiração calvinista foi uma religião que se desenvolveu numa medida em que nenhuma das outras

Para lidar com a enorme diversidade de informações sobre as religiões no mundo, na primeira metade do século XX, alguns estudiosos passaram a recorrer à fenomenologia para poder realizar estudos comparados de religião. O maior expoente dessa vertente, sem sombra de dúvidas, foi o historiador romeno Mircea Eliade. A maneira que ele encontrou para poder estudar as religiões sem submetê-las ao julgamento do cristocentrismo, foi procurando observar qual seria a “essência” presente em todas as religiões, que ele denominou de “sagrado”:

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. [...] Não se trata de uma veneração da *pedra como pedra*, de um culto da *árvore como árvore*. A pedra sagrada, a árvore sagrada, não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são *hierofanias*, porque ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o *sagrado*, o *ganz andere*¹⁶².

A ideia, aparentemente igualitária, contida no conceito de “sagrado” proposto por Eliade, apesar de bastante interessante do ponto de vista da inovação teórica que trouxe, possui graves problemas do ponto de vista histórico científico. Para o autor, “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se *manifesta*, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”¹⁶³. Ou seja, existe uma realidade fenomenológica denominada “sagrado” que “se manifesta” em diversos elementos e que é perceptível pelos homens em diferentes épocas, sociedades, culturas, etc., e cabe ao pesquisador observar como o “*homo religiosus*” percebeu, descreveu e cultuou esse “sagrado”: “o objetivo último do historiador das religiões é compreender, e tornar compreensível aos outros, o comportamento do *homo religiosus* e seu universo mental”¹⁶⁴.

É difícil para um historiador na contemporaneidade conceber a religião nos termos de Eliade visto que, para uma historiografia crítica, as religiões são produtos históricos e culturais de determinadas sociedades que os produziram – e não fenômenos que se manifestam independentemente da história. Elas possuem sua historicidade e devem ser contextualizadas espacial e temporalmente. A ideia de um

jamais teria jamais aspirado. O autor apontava o racionalismo da religião calvinista como um fator civilizacional sem precedentes. WEBER, 2001.

¹⁶² ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 17-18.

¹⁶³ Ibidem, p. 17.

¹⁶⁴ Ibidem, p. 133.

homo religiosus (com uma religião inata ao homem) e de um “sagrado” que se manifesta à revelia do desenvolvimento das civilizações, é desistoricizante e, na busca cega das supostas similaridades dos seus símbolos, apaga a singularidade histórica que produziu a diversidade de culturas religiosas existentes em diferentes contextos¹⁶⁵.

Assim sendo, um estudo de história das religiões não pode submeter a história à fenomenologia já que toda abordagem fenomenológica da religião seria “uma tentativa de compreender religiosa e miticamente a religião, suprimindo as distinções científicas necessárias entre uma historiografia religiosa e a visão religiosa de mundo”¹⁶⁶.

O estudo de história das religiões deve levar em consideração as “diferenças e as originalidades que somente as particularidades históricas conseguem justificar”¹⁶⁷. Não cabe ao historiador inserir interpretações fenomenológicas para explicar os fatos históricos.

Dessa forma, o conceito de “religião”, no singular, torna-se um tanto restrito por todos os motivos aqui discutidos: sua estreita ligação e sinonímia com o cristianismo; a falsa ideia que passa de que pode explicar sozinho a totalidade dos fenômenos religiosos, inclusive os não-cristãos; os diferentes significados que o conceito adquiriu (como na modernidade em que se coloca como algo apartado do Estado e circunscrito à individualidade) – que restringe seu uso apenas à algumas religiões; e uma ideia de religião no singular, portadora de um “sagrado” que se manifesta em diferentes períodos históricos e culturas que nos daria a possibilidade de estabelecer comparações entre uma infinidade de produtos histórico-culturais sem levar em conta as condições de sua produção.

¹⁶⁵ Eliane Silva aponta cinco críticas à perspectiva fenomenológica da religião: (1) Cada religião tem uma história específica e diferente (não dá para se estudar “a” religião englobando tudo, sem incorrer em generalizações e fugas da história); (2) não é possível sustentar que existam estruturas a-históricas de linguagens simbólico-religiosas; (3) pressupostos metafísicos e teológicos para basear as análises dos fatos religiosos parece incoerente; (4) comparar diferentes culturas, tradições e períodos históricos (como povos sem escrita e culturas extintas com outros grupos e períodos) sem os devidos cuidados, pode ser algo irresponsável; (5) colocar mito, religião e sagrado como “essencial aos povos arcaicos”, sem considerar que crenças e ritos fazem parte de diferentes povos e culturas. SILVA, E., 2014, p. 12.

¹⁶⁶ Ibidem, p. 13.

¹⁶⁷ AGNOLIN, A. **História das religiões**: perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 61.

Angelo Brelich resume da seguinte forma a problemática sobre o conceito de religião, nos termos acima discutidos e propõe uma solução:

Não devemos esperar que o conceito de “religião” – nascido como um produto histórico da nossa civilização e, por isso mesmo, sujeito a transformações no decorrer da história – possua um eterno significado preciso, que deveremos eventualmente “redescobrir”; ao contrário, nós devemos “atribuir”, com finalidades científicas, um significado a este conceito vago¹⁶⁸.

Para resolver boa parte dessas questões, a escola italiana (ou romana) de história das religiões (da qual Brelich fez parte) passou a defender que o conceito de religião não deve ser utilizado no singular, mas, no plural. Isso porque a singularidade da ideia de “religião” sempre a vincula, de alguma forma, à história do cristianismo e às limitações já discutidas. Por outro lado, quando se enfatiza a ideia de “religiões”, a pluralidade e diversidade de fenômenos é posta desde seu apontamento. Enquanto que o conceito de “religião” opera uma generalização que pretende apagar as diferenças, a noção de “religiões” evidencia justamente a diversidade e as particularidades. Como diria Agnolin: “‘religião’ significa alguma coisa quando se refere a um denominador (religião, romana, religião chinesa...), ou seja, quando se fala de ‘religiões’ – no plural referencial às culturas – e não de ‘religião’”¹⁶⁹.

Assim, para todos os fins, na presente pesquisa, não iremos restringir o conceito de religião a determinada religião em sentido absoluto. O conceito de religião “deve ser amplo o bastante para compreender em sua universalidade, todas as formas particulares, operar no domínio da pluralidade das religiões e de ser chave de acesso aos sistemas religiosos”. Além disso, não deve “jamais negar ou ocultar a história”, pois, a “dimensão temporal é o pano de fundo das tramas simbólicas das religiões, dos mitos, dos ritos que sempre são fenômenos culturais”¹⁷⁰.

Pensamos que é preciso operar um conceito de religião que atinja a todas as religiões colocando-as em condições de igualdade qualitativa, sem sobreposições culturais ou hierarquizações. Como diz Silva: “É necessário pensar uma moderna noção de religião como categoria analítica e conceitual e uma metodologia de pesquisa aberta as alteridades culturais, incluindo extra-ocidental”¹⁷¹.

¹⁶⁸ BRELICH apud AGNOLIN, 2013, p. 61.

¹⁶⁹ AGNOLIN, 2013, p. 187.

¹⁷⁰ SILVA, E., 2014, p. 13.

¹⁷¹ Idem, 2010, p. 13.

Chegamos, então, a uma definição do conceito de “religião” que considera os pontos elencados acima, considerando que uma religião “é um sistema comum de crenças e práticas relativas a seres sobre-humanos de universos históricos culturais específicos”¹⁷². É possível que essa definição não seja aplicável universalmente, visto que talvez seja impossível chegar a essa pretensão:

Seria inútil [...] procurar uma definição da religião válida “em si”: as definições dedutivas (abstratas) seriam historicamente inutilizáveis, uma vez que qualquer outra definição é ligada a experiências históricas particulares e, portanto, sujeita a modificações¹⁷³.

Apesar de não ter essa pretensão universalizante, considero importante estabelecer no contexto da presente pesquisa a ideia de que religião é um conceito complexo que possui sua historicidade e que deve ser problematizado, como o pretendi acima. Ao tratar do “Movimento Hare Krishna”, irei abordá-lo como sendo parte de uma “religião” específica (o vaishnavismo). Se em algum ponto tecer comentários ou termos comparativos entre Hare Krishna e outras religiões, o farei sem hierarquizações, sem submeter uma ou outra cultura religiosa como sendo “superior” ou “inferior”.

Ao tratar aqui de “religião”, de “religioso”, irei elencar a sua especificidade: “qual religião? qual religioso?”. Assim, ao tratar o Hare Krishna genericamente como uma “religião” ou, mais especificamente, como parte de uma das “religiões” existentes no mundo, evitamos que termos pejorativos, eclesiocêntricos como “culto” ou “seita” sejam utilizados. Evitarei também que esta análise se reduza a um ponto de vista ocidental da religião.

Por isso, a partir do próximo tópico, irei buscar uma definição conceitual que considera a historicidade da tradição religiosa Hare Krishna, buscando nomear, em seus próprios termos, o que ela seria, como ela surgiu e se desenvolveu historicamente.

¹⁷² Loc. cit.

¹⁷³ AGNOLIN, 2013, p. 86.

2.1.6 Em busca de uma definição histórica do Movimento Hare Krishna

Farei agora uma investigação conceitual e histórica que nos servirá para caracterizar o que é o vaishnavismo, o que é o “Movimento Hare Krishna” e a ISKCON. Com essa finalidade, pedimos licença ao leitor para realizar um retrospecto sobre a história e a cultura que produziram essa tradição.

Em minha pesquisa anterior¹⁷⁴, foi traçado um histórico das origens do Movimento Hare Krishna, desde o surgimento de sua teologia, no século XVI, na região da Bengala, na Índia, seu processo de modernização (entre os séculos XIX e XX) e sua universalização através da ISKCON, a partir de 1966. Retornarei rapidamente a este ponto, mas, com um foco específico e que talvez não tenha sido bem resolvido naquela ocasião: a definição conceitual.

Naquele trabalho, respaldado por diversos outros autores¹⁷⁵, vimos que o Hinduísmo não é “uma religião”, mas, um conglomerado de diversas religiões que possuem similaridades (sendo a principal, o respeito à autoridade da literatura dos Vedas e textos subsequentes) e muitas diferenças entre si. Flood divide o hinduísmo em “tradições” principais: as tradições da ortopraxia bramânica, as tradições de renúncia e as tradições populares locais¹⁷⁶.

As tradições bramânicas, por sua vez, são subdivididas em ramos principais: o vaishnavismo (ou vishnuismo, centrado na divindade Vishnu e suas encarnações); o shaktismo (centrado na divindade da Deusa e suas manifestações); o shaivismo (ou shivaismo, centrado na divindade de Shiva); e o smartismo (centrado no culto de algumas divindades específicas do panteão hindu). As tradições de renúncia envolvem práticas de ascetismo, ioga e, até certo ponto, opõem-se às tradições

¹⁷⁴ CARVALHO, 2017.

¹⁷⁵ Sobre tudo por: FLOOD, 2014; e VALERA, L. **A mística devocional (Bhakti) como experiência estética (rasa)**: um estudo do Bhakti-Rasāmṛta-Sindhu de Rūpa Gosvāmī, 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹⁷⁶ FLOOD, 2014, p. 37-41. Ao utilizar o termo “tradições”, Flood, assim como eu, é ciente de que estas surgem em determinados contextos históricos e são produzidas por determinadas circunstâncias sociais e culturais. Ou como apontam Hobsbawm e Ranger, elas são “inventadas”: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

bramânicas centrada nos valores do chefe de família brâmane. E as tradições populares são relativas a cultos locais e se referem às divindades e práticas locais¹⁷⁷.

Além dessas vertentes “tradicionais, existe ainda o neo-hinduísmo – uma nova forma de pensar as tradições religiosas hindus, surgida no século XIX quando a Índia estava sob julgo da colonização britânica. Ela consistiria em uma interpretação moderna das diversas tradições hindus de maneira ecumênica (ou sincrética) e tem sido o discurso dominante sobre as definições populares ou midiáticas do que seria o hinduísmo na contemporaneidade¹⁷⁸.

Assim, se podemos dizer que o cristianismo é formado por um conjunto de religiões e que o protestantismo é uma “religião” centrada na adoração em Cristo ou “Deus”, com seus códigos, rituais, livros, “seres sobre-humanos”, etc., comparativamente, podemos dizer que o hinduísmo é também formado por um conjunto de religiões e podemos chamar de “religião” o vaishnavismo, por exemplo. Se o protestantismo é uma “religião cristã”, por definição, o vaishnavismo deve ser considerado como uma “religião hindu”. Nos termos de Gavin Flood, citados acima, o vaishnavismo seria uma religião hindu de “tradição bramânica”. Bramânica porque são os sacerdotes (brâmanes) que funcionam como mediadores entre os bens divinos e os sujeitos, através de sua prática ritual.

O vaishnavismo e as demais “tradições bramânicas”, centradas na adoração e devoção a divindades específicas, começou a ser gestado na Índia por volta do século IV a.C. e foi se consolidando durante todo o primeiro milênio da era cristã. Seus textos mais importantes foram desenvolvidos ao longo desse período e tomaram um caminho diverso daqueles da religião dos brâmanes do período védico. Em vez de serem compostas como hinários com a exclusiva função de auxiliar os rituais purificatórios – como eram os Vedas, as mais antigas escrituras religiosas hindus - os *Purana*¹⁷⁹ e os *Itihasa* (épicos) traziam narrativas mitológicas de divindades, heróis, “santos” (*sadhu*), iogues e brâmanes realizadores de grandes feitos. Essa disposição textual auxiliou a uma popularização dessas religiões “teístas”¹⁸⁰ no hinduísmo,

¹⁷⁷ Loc. cit.

¹⁷⁸ Ibidem, passim.

¹⁷⁹ Literalmente “estórias de um passado remoto”.

¹⁸⁰ “O teísmo implica a ideia de que existe um Deus (*Bhagavan*) ou uma Deusa (*Bhagavati*) supremo e distinto, que é responsável pela geração do cosmos, por sua manutenção e, finalmente, por sua

inclusive para as classes sociais mais baixas (e os “sem castas”), tornando-as religiões “pan-hindus”¹⁸¹.

Vishnu é uma divindade com características peculiares. Em termos genéricos – como interpretado pelo neo-hinduísmo – ele seria a divindade (responsável pela manutenção do cosmos) que compõe a tríade hindu, ao lado de Brahma (divindade da criação do cosmos) e Shiva (destruição do cosmos). No entanto, para os *vaishnava* (adoradores ou devotos de Vishnu), ele é a divindade suprema, fonte de tudo o que existe e senhor ao qual todas as demais divindades prestam homenagens e serviços.

Uma particularidade de Vishnu é que, segundo os *purana* e *itihasa*¹⁸², ele possui dez encarnações (*avatara*) prescritas, dentre as quais, Krishna e Rama são as mais famosas e cultuadas. Essas divindades de Vishnu alcançaram grande destaque, tanto dentro, quanto fora do vaishnavismo e algumas linhas *vaishnava* passaram a adotá-las como superiores à própria divindade de Vishnu¹⁸³.

A adoração à divindade Vishnu (ou a um de seus *avatara*) foi institucionalizada na Índia através de reis ou líderes de importância local e regional que se converteram ao vaishnavismo através de iniciação com gurus *vaishnava*, sobretudo, a partir do período medieval indiano (500-1.500 d.C.) que é apontado por Flood como uma era de grande difusão do devocionalismo *vaishnava*¹⁸⁴.

Nesse mesmo período, uma outra forma de expansão do vaishnavismo se deu através da cultura e da poesia popular. Entre os séculos VI e IX houve um grande florescimento de poesia devocional *vaishnava* no Sul da Índia através de poetas populares - conhecidos como os *Alvar*¹⁸⁵ - que popularizaram e ajudaram a moldar

destruição; e que possui a capacidade de salvar os entes por ação de sua própria graça”. Ibidem, p. 156.

¹⁸¹ Ibidem, p. 143-171.

¹⁸² Para o vaishnavismo, os principais *purana* são: *Vishnu Bhagavata*, *Naradya*, *Padma*, *Varaha* e o *Bhagavata Purana* (também conhecido como *Srimad-Bhagavatam*). E os principais *itihasa* (épicos) são o *Maha-Bharata* - que conta a história da guerra entre membros de uma mesma família pelo trono de um reino pan-hindu – e dentro deste, está contido o famoso *Bhagavad-Gita*, com orientações do deus Krishna para o príncipe Arjuna; e o *Ramayana* que conta as aventuras do príncipe e deus Rama.

¹⁸³ Este é o caso do vaishnavismo *gaudiya* que, baseando-se no *Bhagavata Purana*, considera o *avatara* Krishna como superior a todos os outros e como sendo a fonte de todos os demais e de tudo o que existe.

¹⁸⁴ Exemplos de monarquias de “cidades-templo” *vaishnava* são: Puri, no atual estado de Orissa e seu famoso templo de Jagannatha; Cidambaram, em Tamilnadu, onde se situa o templo de Nataraja. Ibidem, p. 156.

¹⁸⁵ Cf. FLOOD, 2014, p. 177-178; VALERA, 2015, p. 44-48.

diversas das representações mais difundidas sobre os *avatara* de Vishnu no contexto do hinduísmo. A utilização da língua vernácula tâmil, diferente dos textos clássicos escritos em sânscrito, fizeram com que, mesmo os sem casta tivessem um papel importante da prática e popularização da religião *vaishnava*.

O conceito de *bhakti* (traduzido geralmente como “devoção”), popularizado pelas poesias tâmeis, embora estivesse presente em diversos *Purana* e outros cânones da literatura religiosa hindu, passou a ter importância vital para o vaishnavismo a partir desse período, deslocando a necessidade que os indivíduos tinham da purificação ritualística operada pelos brâmanes e passando a focar na ligação entre indivíduo e divindade, através da devoção. Como consequência:

As tradições *bhakti* tendem a rejeitar as formas institucionalizadas de religião, como é o caso da ritualística dos templos, o *yoga* e a teologia; ao invés, elas tendem a privilegiar uma experiência direta com o divino [...], a efusão emocional do devoto com o divino¹⁸⁶.

Apesar dessa característica do devocionalismo *vaishnava*, é de vital importância (inclusive para o propósito deste tópico) o registro de que uma considerável diversidade de interpretações teológicas e ontológicas no vaishnavismo fizeram emergir, ao longo do período medieval (e logo após), “ordens” conhecidas como *sampradaya*.

“Ordem” não seria um termo exato para se referir às *sampradaya* já que se refere, originalmente, para definir os diferentes grupos monásticos católicos. Há uma dificuldade de tradução do termo, como aponta Flood:

O termo “seita”, “ordem”, ou “tradição” é um equivalente tosco do termo sânscrito *sampradaya* que se refere, basicamente, a uma tradição vinculada a uma divindade, geralmente, de caráter regional, na qual um discípulo é iniciado por um guru. Além disso, cada guru é entendido como parte de uma linhagem de gurus, uma *santana* ou *parampara*, cuja origem remonta a um patriarca fundador ou a uma divindade. [...]. Após a iniciação (*diksha*) à *sampradaya*, o discípulo compromete-se a respeitar os valores da tradição e da comunidade, recebe um novo nome e é iniciado no mantra sagrado da tradição¹⁸⁷.

Vemos que o termo “*sampradaya*” remete à uma tradição ligada à uma linhagem de gurus e discípulo e, assim, considero que é preciso uma contextualização histórica. Tradicionalmente, os *vaishnava* citam quatro *sampradaya* principais, sempre

¹⁸⁶ FLOOD, 2014, p. 177.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 180.

apontando os seus fundadores e suas doutrinas específicas: a Sri Sampradaya, surgida na região de Tamilnadu, fundada por Ramanuja (1017-1137), com a doutrina do “não dualismo qualificado” (*vishishtadvaita*); a Rudra Sampradaya, sistematizada por Vallabha (1473-1531), com a doutrina do “puro não dualismo” (*shuddhadvaita*); a Kumara Sampradaya, fundada por Nimbarka (1125-1162), com a doutrina do “dualismo e não dualismo inerente” (*svabhavika-dvaitadvaita*); e a Brahma Sampradaya de Madhva (1238-1317) com o “dualismo puro” (*dvaita*)¹⁸⁸.

Essas diferentes *sampradaya* apresentavam pequenas diferenças entre si, sobretudo, na esfera da ontologia e metafísica baseados na literatura do *Vedanta*¹⁸⁹: o que vem a ser o ser (*atma*), o que é o *Brahman*¹⁹⁰ e sua relação com o mundo material (*prakriti*). Além disso, algumas centravam o seu foco de adoração no próprio Vishnu e outras, em uma de suas encarnações, como Krishna ou Rama. As *sampradaya* têm uma importância tão grande dentro do vaishnavismo que a tradição acredita que, fora delas não se tem resultados espirituais¹⁹¹.

Todas essas escolas surgiram como uma reação ao grande desenvolvimento, nos séculos anteriores, da doutrina do “não dualismo” (*advaita*) do grande *acharya* Shankara (século IX)¹⁹². Shankara e sua doutrina se tornaram tão difundidos por toda a Índia que até hoje boa parte do que se concebe como “hinduísmo” é influenciado pelas interpretações e comentários das escrituras feitas por ele e seus seguidores.

¹⁸⁸ VALERA, 2015, p. 19. O autor traduz “*sampradaya*” como “escolas teológicas”, o que nos parece mais próximo de como elas se portavam, embora, por si só, não traduzam a complexidade que só o conhecimento histórico sobre elas pode dar.

¹⁸⁹ Os *Vedanta* ou *Brahma Sutra* são textos provavelmente por volta de 100 a.C. e atribuídos à Badarayana ou Vyasa. Sua grande contribuição foi ter realizado um resumo coeso dos ensinamentos das *Upanishad*, textos filosóficos e ontológicos da literatura hindu. Os *Vedanta-Sutra* tratam sobretudo dos seguintes tópicos: (1) a natureza de Brahman como o Absoluto impessoal; (2) respostas às objeções de outras posições filosóficas; (3) os métodos para obter conhecimento válido acerca de Brahman; (4) os benefícios do conhecimento sobre Brahman. SULLIVAN, Bruce M. **Brahma Sutra**. Historical Dictionary of Hinduism. Lanham & London: Scarecrow Press, 1997, p. 46.

¹⁹⁰ O “*Brahman*”, por sua vez, é um princípio metafísico. Seria o “poder sagrado”, o todo espiritual, a “realidade última” para além do mundo fenomenológico. Ibidem, p. 47. No neo-hinduísmo, o conceito de Brahman é às vezes identificado com o de “Deus”, no entanto, o conceito geralmente remete a uma concepção impessoal e amórfica do Absoluto e não a uma concepção personalista, como o segundo conceito sugere.

¹⁹¹ “Fora da tradição discipular (*sampradaya*), o mantra recebido na iniciação não traz resultados”. Essa seria uma citação do *Padma Purana*: cf. VALERA, 2015, p. 200.

¹⁹² A doutrina metafísica do Advaita Vedanta afirma que *brahman* (energia espiritual cósmica) é a única realidade, um sem um segundo, e que é por natureza, consciência e bem-aventurança e que o “eu” ou “si mesmo” (*atman*) é também *brahman*. A palavra “*advaita*”, literalmente, “não dual” indica que o ei individual e o eu universal não teriam distinção. Essa doutrina ficou conhecida como “monismo”. VALERA, 2015, p. 22.

Eles também fundaram inúmeros monastérios (*ashrama*) e templos, tornando o *advaita-vedanta* uma interpretação dominante nos círculos eruditos e teológicos hindus ao longo do período medieval e moderno. A interpretação do *advaita vedanta*:

[...] Estabelece como meta espiritual a realização do ser por meio da fusão ontológica da alma no conhecimento de um Absoluto (*Brahman*), desprovido de qualquer qualidade (*nirguna*) ou variedade (*nirvishesha*), o que levaria à renúncia (*vairagya*) dos desejos e paixões materiais¹⁹³.

A diferença básica entre as *sampradaya vaishnava* e o monismo do *advaita vedanta* partia do ponto em que, para Shankara, as divindades possuíam formas personificadas temporárias, pois, em última instância, a realidade última do ser cósmico (*Brahman*) é sem forma (*nirguna*). Os *vaishnava*, que foram influenciados diretamente pelo devocionalismo (*bhakti*), discordavam da ideia de adorar um “algo” espiritual, sem forma, nem qualidades¹⁹⁴. Ou seja, a grande discordância que envolvia os *advaita-vedantistas* e os *vaishnava* é que os primeiros eram “impersonalistas” e os segundos eram “personalistas”, adoradores de Vishnu como um deus pessoal¹⁹⁵.

No século XVI, uma nova interpretação do vaishnavismo começou a tomar forma na região da Bengala (hoje Bengala Ocidental), conhecida também pelo nome de Gauda, a partir da figura carismática de Chaitanya (1486-1534). Chaitanya, filho de uma família bramânica tradicional, após tomar iniciação espiritual de um guru *vaishnava*, segundo suas hagiografias¹⁹⁶, teria sido tomado por grandes êxtases místicos e passado por experiência emocionais espirituais intensas advindas da prática de cantar mantras em glorificação a Krishna¹⁹⁷. Em relação às discussões metafísicas e ontológicas das tradições *vaishnava* anteriores, o “Chaitanismo” trouxe

¹⁹³ Ibidem, p. 3.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 21-29.

¹⁹⁵ Esse devocionalismo atingiu patamares ainda mais personalistas e “íntimos” com duas encarnações de Vishnu: Rama e Krishna. Cf. SCHWEIG, G. M. Krishna: the intimate deity. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, 13-30.

¹⁹⁶ O termo “hagiografia” tem sido utilizado por diversos autores, para se referir aos escritos sobre a história de Chaitanya e dos grandes devotos *vaishnava*: cf. FLOOD, 2014; BHATIA, 2007.

¹⁹⁷ As principais hagiografias de Chaitanya, nas quais baseio esses comentários, são o *Sri Chaitanya Charitamrta* e o *Sri Chaitanya Bhagavata*: GOSWAMI, K. K. **Sri Chaitanya Caritmarta**. Com trad. E comentários de A. C. B. S. Prabhupada. Los Angeles: BBT, 1974; THAKURA, V. A. S. V. D. **Sri Chaitanya Bhagavata**. Brasília: Associação BBT Brasil, 2010.

como inovação a doutrina da “inconcebível diferença e igualdade simultânea” (*achintya-bhedabheda*)¹⁹⁸.

Utilizando-se do ato de cantar mantras publicamente em voz alta - uma prática rejeitada pela ortodoxia bramânica, já que os mantras recebidos na iniciação eram individuais e deveriam ser entoados solitariamente pelo iniciado – Chaitanya e seus seguidores se tornaram populares na região, estendendo a prática para os membros de castas baixas, os sem castas e os muçulmanos – que naquele período, dominavam politicamente a região através do Império Mughal. Segundo Brzezinski, nos séculos XV e XVI, a obsessão na pureza e na ritualística e a contínua exigência de monopólio sobre as práticas religiosas por grande parte das comunidades bramânicas teve como consequência uma “esterilização da religião” que serviu de enredo para as reformas propostas pelo movimento de Chaitanya¹⁹⁹.

Aos 25 anos de idade, Chaitanya teria sido iniciado na ordem sociorreligiosa dos renunciantes (*sannyasa*) e, a partir de então, passou a pregar fortemente sua visão do vaishnavismo, palestrando por onde passava, derrotando seus oponentes em debates teológicos e convertendo-os. A sua teologia era baseada no cantar de mantras em adoração a Krishna, especialmente, do mantra *Hare Krishna*²⁰⁰, na celebração do amor conjugal de Krishna com Radha, na leitura do *purana* dedicado às histórias de Krishna (o *Bhagavata Purana*) e à adoração aos ícones ou deidades (*murti*) de Krishna em suas diversas formas. O canto dos mantras deveria se dar tanto na forma individual, entoando baixinho com a ajuda de um colar de contas (*japa*), como, principalmente, do canto em voz alta, a ser executado alegremente com outros praticantes com auxílio de instrumentos musicais (*sankirtana*).

¹⁹⁸ A este respeito, Valera defende que: “Na tradição de Chaitanya Mahaprabhu, considera-se que Deus (*isvara*), as almas (*jivas*), e a natureza (*prakrti*) são reais e, de uma forma inconcebível pela razão (*achintya*), são simultaneamente iguais e diferentes. [...] a Realidade absoluta pode ser compreendida diferentemente como *Brahman*, o Ser impessoal onipresente, *paramatma*, a superconsciência localizada em todos os seres e *bhagavan*, a Personalidade Suprema da Divindade”. Assim, o Absoluto ou “Deus” se manifesta de três formas, sendo *bhagavan*, a pessoa divina, a fonte de todas as outras formas, justificando assim, o personalismo da tradição. VALERA, 2015, p. 28-29.

¹⁹⁹ BRZEZINSKI, Jan. Charismatic renewal and institutionalization in the history of gaudiya vaishnavism and the Gaudiya Math. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p. 75.

²⁰⁰ O mantra “*Hare Krishna*” é o mesmo entoado até hoje pelos seguidores do Movimento Hare Krishna: “*Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare / Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare*”.

Chaitanya levou sua doutrina em dois pontos geográficos além da Bengala que eram importantes para a história do vaishnavismo: a vila de Vrndavana, distrito de Mathura (Uttar Pradesh) – local onde a tradição acredita que Krishna teria vivido historicamente – e para a cidade *vaishnava* de Puri, em Orissa (ou Odisha, cidade do templo de Jagannatha, um dos ícones mais famosos e exóticos de Krishna). Em Puri, Chaitanya teria vivido os últimos anos de sua vida, onde instruiu os seus principais seguidores a escrever livros e gerenciar a expansão de sua doutrina²⁰¹.

A formatação do movimento de Chaitanya em uma doutrina com normas, práticas, condutas morais e éticas bem definidas, com cânone literário e demais aspectos teológicos se deu posteriormente com diversos seguidores de Chaitanya, mas, sobretudo, com os “seis *goswami* de Vrindavan” que, após a sua morte, formataram a ortodoxia para o que seria posteriormente conhecido como vaishnavismo *gaudiya*²⁰².

No período pós-Chaitanya, o vaishnavismo *gaudiya* se manteve vivo entre os séculos XVI e XVIII com a continuidade dada pelos discípulos dos *goswami* e pelos discípulos dos seus discípulos (e assim por diante) que se tornaram devotos importantes dentro dessa tradição²⁰³.

No início do século XVIII, um *vaishnava gaudiya* importante na história da tradição foi Baladeva Vidyabhushana (?-1768) que através de seu comentário sobre o *Vedanta Sutra*, intitulado *Govinda Bhashya*, pôde validar o vaishnavismo *gaudiya* perante as demais *sampradaya vaishnava*²⁰⁴.

Baladeva teria escrito o texto depois de ouvir dos sacerdotes da Sri Sampradaya, na corte de Jaipur (no atual Rajastão), que a deidade de Krishna não

²⁰¹ Cf. VALERA, 2015, p. 50-61.

²⁰² Para uma análise completa da teologia do vaishnavismo *gaudiya*, incluindo a literatura dos *goswami*, ver: VALLVERDÚ, J. V. El movimiento Hare Krishna: precedentes históricos y doctrinales. **Ilu. Revista de ciencias de las religiones**, n. 3, p. 275–303, 1998. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=665897>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

²⁰³ Tal foi o caso de três dos mais importantes gurus da história do vaishnavismo *gaudiya* para além dos *goswami* de Vrndavana, narradas na compilação histórico-hagiográfica de: ROSEN, Steven. **The lives of the Vaishnava saints**: Shrinivas Acharya, Narottam Das Thakur, Shyamananda Pandit. Vrndaban: Rasbihari Lal & Sons, 2002.

²⁰⁴ Baladeva foi discípulo de outro grande guru da tradição *gaudiya* que se chamava Vishvanatha Chakravarti. Vishvanatha escreveu comentários sobre textos importantes para o *vaishnavismo*, contribuindo assim para uma ampliação e validação do Chaitanismo entre as tradições *vaishnava*. Como seu discípulo, Baladeva deu continuidade ao seu trabalho.

poderia ser adorada naquele reino à maneira dos *vaishnava gaudiya*, porque essa doutrina não constituía uma *sampradaya* já que não tinha uma interpretação do *vedanta*, como as demais. Assim Baladeva escreveu o *Govinda-Bhasya*, uma interpretação *gaudiya* do *Vedanta* com comentários de Baladeva que dialogava com a literatura dos *goswami* de Vrndavana e dos *acharya* anteriores. Após a escrita do livro e sua defesa oral em plena corte, o próprio rei de Jaipur teria oficializado o vaishnavismo *gaudiya* como *sampradaya* oficial do principal templo da corte (Govinda, em Jaipur), que naquele momento era um dos principais templos *vaishnava* da Índia e que servia de refúgio para a tradição devido à resistência do reino frente a invasão Mughal²⁰⁵.

Apesar do vaishnavismo *gaudiya* ter produzido a maior parte dos seus cânones entre os séculos XVI e XVII e de ter se expandido para fora da Bengala para outras regiões da Índia - como os atuais estados de Uttar Pradesh e Orissa - a tradição acredita que Baladeva foi o responsável por oficializar a tradição no *hall* das demais prestigiadas *sampradaya vaishnava*. De fato, a tradição *gaudiya* ganhou grande destaque como vertente *vaishnava* e hoje constitui uma das mais importantes vertentes do vaishnavismo, ao lado da Sri Sampradaya²⁰⁶.

Dessa forma, depois de passar por um rápido retrospecto sobre a história do vaishnavismo, chegamos a uma compreensão básica do que são as *sampradaya*, dentro do contexto do hinduísmo tradicional. Marcos Silveira chega a igualar o termo como sinônimo de “religião”:

No Hinduísmo não há uma Religião nem uma Igreja no sentido cristão. O que está mais próximo do que o mundo ocidental denomina de “Religião”, enquanto comunidades de pessoas com aspirações comuns e que trilham os mesmos caminhos em direção ao sagrado, são as *sampradaya*, as correntes de sucessão discipular, sejam budistas, jainistas, Shivaístas, Shaktas ou Vaishnavas²⁰⁷.

²⁰⁵ PANIGRAHI, A. K.; SAHU, T. Baladeva Vidyabhushana Prabhu, also known as Govinda Dasa, - a great Vaishnava scholar and philosopher of Odisha. **IOSR Journal of humanities and social science**, v. 23, n. Issue 5, ver. 10, p. 26–30, 2018. O próprio Prabhupada dedicou o seu comentário do *Bhagavad Gita*, texto central para a doutrina da ISKCON, à Baladeva, “que apresentou tão primorosamente o comentário *Govinda-bhashya*” sobre a filosofia Vedanta”. PRABHUPADA, A. C. B. S. **O Bhagavad-gita como ele é**. 6ª ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2011.

²⁰⁶ Cf. FLOOD, 2014, p. 181-189.

²⁰⁷ SILVEIRA, M. S. DA. New age & neo-hinduísmo: uma via de mão dupla nas relações culturais entre Ocidente e Oriente. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 7, n. 7, p. 73–101, 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2278/983>>. Acesso em: 03 jun. 2018, p. 82.

No entanto, acredito que *sampradaya* esteja mais próximo do termo “denominação” do que de “religião”, já que as *sampradaya* seriam ramos distintos de uma “religião” específica (nesse caso, a religião *vaishnava*) que seguem, de maneira geral, livros sagrados em comum, mas com interpretações e “teólogos” diferentes e que possuem congregações de pessoas que se reúnem ao redor de seus preceitos e templos, reafirmando vínculos e suas particularidades religiosas, mesmo que cada uma delas se entenda como “*vaishnava*”, num contexto mais amplo.

Assim, entendo que o vaishnavismo é uma “religião” do hinduísmo (que não é “uma” religião, mas, um conglomerado de “religiões”) e que o vaishnavismo *gaudiya* é melhor descrito como uma *sampradaya* deste, ou seja, uma *sampradaya vaishnava*. Definir o vaishnavismo *gaudiya* ou o “chaitanismo” como uma *sampradaya vaishnava* (e não somente como uma “religião”) nos ajuda a situar historicamente todo esse contexto.

Agora que entendemos esse ponto, podemos passar para a última e mais importante parte da nossa conceituação histórica. Continuemos com a nossa contextualização.

Apesar do vaishnavismo *gaudiya* ter sido oficializado em diversas regiões por monarcas *vaishnava* locais, não havia, como nas igrejas cristãs ocidentais, instituições religiosas que centralizassem o ditado das normas, das teologias etc. Como vimos, as *sampradaya* possuem certa unidade, mas não dependem de um corpo impessoal de especialistas que integram uma instituição, mas, diretamente da interpretação e liderança pessoal dos gurus e *acharya*, ou seja, a tradição se mantém através da sucessão discipular (*parampara*) formadas em torno de um ou alguns gurus que vão atualizando a teologia de tempos em tempos de acordo com os desafios teológicos e sociais que se deparam.

No final do século XIX e início do XX, importantes mudanças se deram no contexto do vaishnavismo *gaudiya*, no hinduísmo e na história política indiana de maneira geral. A colonização britânica na Índia e a presença de diversas instituições ocidentais seculares e religiosas em solo indiano, proporcionou intensas trocas culturais, marcadas, entre outras questões, pela exploração e violência. A Índia foi incorporada ao império britânico em 1858, porém, desde 1757, a Companhia das Índias Orientais, empresa que administrava os empreendimentos coloniais britânicos

na região, havia expulso o *nawab* (monarca) da Bengala e entronado um novo líder favorável à Coroa britânica. Assim, Calcutá, a capital da província, era o epicentro dos negócios britânicos na Índia desde um século antes da oficialização da colonização da Índia.

A presença de missionários, sobretudo, protestantes em Calcutá, e o desenvolvimento, posterior de igrejas, escolas, hospitais e universidades tiveram um impacto imediato nos bengalis, principalmente, sobre as classes mais altas. O extenso comércio exercido pela Companhia das Índias enriqueceu uma pequena elite local de comerciantes. Para lidar com a liderança comercial e, posteriormente, política dos britânicos, boa parte dessa elite bengali passou a enviar seus filhos para estudar nos institutos educacionais britânicos na Índia e também na metrópole. Essa elite passou a adotar certos valores e costumes ocidentais, inclusive religiosos, favorecendo uma hibridização cultural e religiosa²⁰⁸ que culminou naquilo que se costuma chamar de Renascimento Hindu (*Hindu Renaissance*).

O Renascimento Hindu teve como um dos seus epicentros, justamente, a galinha dos ovos de ouro dos interesses comerciais britânicos na Índia, a cidade de Calcutá. Ele seria o resultado de um amplo trânsito de valores e símbolos sociais entre a Índia e o Ocidente, fruto do processo de modernização da Índia²⁰⁹. O primeiro resultado desse trânsito religioso se deu através da figura de Rammohan Roy (1772-1833), “um dos primeiros brâmanes bengalis a ser educado no pensamento ocidental e em língua inglesa, dando início ao diálogo entre a religiosidade indiana e a visão cristã do Ocidente, em Calcutá”²¹⁰.

Ele começou a escrever comentários sobre textos como o *Vedanta Sutra*, sobre os ensinamentos de Jesus e desenvolveu uma doutrina baseada em um

²⁰⁸ Para Canclini, a “hibridização” é um processo em que as estruturas e práticas modernas se fundem com outras formas de cultura e sociabilidade pré-modernas, como as desenvolvidas pelas metrópoles em suas colônias (como é o caso da América Latina e Índia), gerando assim, novos produtos e realidades que nem são totalmente “modernas” e, também, não são mais restritas aos processos anteriores ao desenvolvimento da colonialidade. CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2000. Peter Burke diz que “em um nível coletivo, algumas religiões relativamente novas são exemplos particularmente claros de hibridização”. BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2016, p. 28-29.

²⁰⁹ SILVEIRA, M. S. da. O “neo-hinduísmo” de Calcutá e a orientalização do Ocidente: notas a respeito da dinâmica histórica de trânsitos religiosos contemporâneos. In: L. Macagno; F. R. Ribeiro; P. S. Schermann (Orgs.); **Histórias conectadas e dinâmicas pós-coloniais**. Curitiba: Fundação Araucária, 2008, p. 127-137.

²¹⁰ Ibidem, p. 128.

monoteísmo universal (que mesclava cristianismo e monismo *vedanta*) e na assistência social. Sua concepção era claramente reformista, tanto do hinduísmo, quanto do cristianismo. Em 1828 ele fundou a Brahmo Sabha – mais tarde denominada Brahmo Samaj (“Sociedade de Deus”). A doutrina formulada pela Brahmo Samaj, incluindo também o conjunto de todas as outras religiosidades e instituições que ela influenciou, anos mais tarde, viria a ser conhecida como o “neo-hinduísmo”²¹¹.

A Brahmo Samaj veio a constituir uma verdadeira escola de formação de novos líderes e reformadores do hinduísmo em Calcutá e passou a ser um modelo, tanto para os apoiadores, quanto para os opositores das ideias de Roy. Seus sucessores passaram a inserir novos temas, como Debendranath Tagore que buscou na religiosidade popular do chaitanismo bengali a força para o teor das reformas de massa que pretendia implementar, ou como Keshab Sen que propunha a defesa do vedantismo universalista de Roy. A Brahmo Samaj teria conquistado uma parcela importante da juventude da época “ansiosa por encontrar uma mediação entre os novos valores aprendidos nas escolas britânicas e os valores familiares da cultura bengali”²¹². Keshab Sen, por exemplo, teria ido à Inglaterra, na condição de “cristão” (sendo recebido pela Rainha Vitória) e teria voltado à Índia decepcionado com o cristianismo inglês, reconciliando-se com o chaitanismo. Em 1881, fundou a New Dispensation, uma nova “religião científica” voltada para o mundo moderno²¹³.

Outro líder que se tornou bastante influente no período foi Ramakrishna que teria vivido, ao mesmo tempo, como cristão, muçulmano e incluía elementos da *bhakti* bengali em seus ensinamentos, fornecendo aos jovens locais de classe média e alta, um tipo de religiosidade individualista. O ponto culminante desse neo-hinduísmo criado a partir da Brahmo Samaj se deu com o principal discípulo de Ramakrishna, Swami Vivekananda. Como profícuo orador ele tratava sobre as grandes religiões a partir de uma lógica de unidade universal, ele foi o convidado indiano, em 1893, para participar do I Congresso Mundial de Religiões, em Chicago. Com sua perícia em oratória, seu carisma e sua habilidade em estabelecer sínteses interreligiosas, as

²¹¹ Ibidem, p. 128-129. O autor defende que o termo “neo-hinduísmo” foi criado por acadêmicos para se referir a todo esse processo de reformulação das religiões que, ao entrarem em contato com a modernidade colonial, reformularam as tradições do hinduísmo, tornando-as “adaptadas” ou reformadas para uma realidade de mundo globalizado que se concretizava.

²¹² Ibidem, p. 131.

²¹³ Ibidem, p. 131-132.

ideias de Vivekananda teriam causado grande impacto entre os participantes do congresso, revelando um hinduísmo desconhecido daquele dos típicos indólogos do período. Era o neo-hinduísmo abrindo as portas para um novo interesse do Ocidente pela Índia que se daria durante o século XX²¹⁴.

Vivekananda foi o primeiro guru hindu a fazer discípulos nos Estados Unidos (e, talvez, no Ocidente) e isso o tornou sumamente popular em Calcutá. Ele retornou à Índia apenas em 1897, já com um pequeno grupo de adeptos ocidentais, fundando a Ramakrishna Mission (instituição que existe até os dias de hoje) – voltada para a prática de assistência social, saúde, educação e ensinamentos religiosos. Ele também teria inserido uma politização das condições em que a população bengali vivia, criando as bases para que os *babu* (bengalis ocidentalizados filhos das classes mais abastadas) se tornassem agentes do nacionalismo indiano²¹⁵.

O sucesso das ideias promovidas por instituições como a Brahmo Samaj e da Ramakrishna Mission, tanto dentro, quanto fora da Índia, fez com que diversos outros personagens fossem atraídos para a ideia de uma nova Índia, moderna e em diálogo com o mundo. Mahatma Gandhi, por exemplo, teria criado “sua própria religião, uma mistura idiossincrática de ideias hindus, islâmicas, budistas e cristãs”²¹⁶, além de políticas²¹⁷.

Um dos jovens bengalis influenciados por esse renascimento foi Bhaktivinoda Thakura (1838-1914). Nascido como Kedaranatha Datta, em 1838, membro de uma das famílias mais aristocráticas da Bengala, ele foi “quem realmente construiu o

²¹⁴ Ibidem, p. 133-134. A participação de Vivekananda no congresso é considerado um marco divisório para a abertura da cultura religiosa do hinduísmo para o Ocidente.

²¹⁵ Ibidem, p. 134-135.

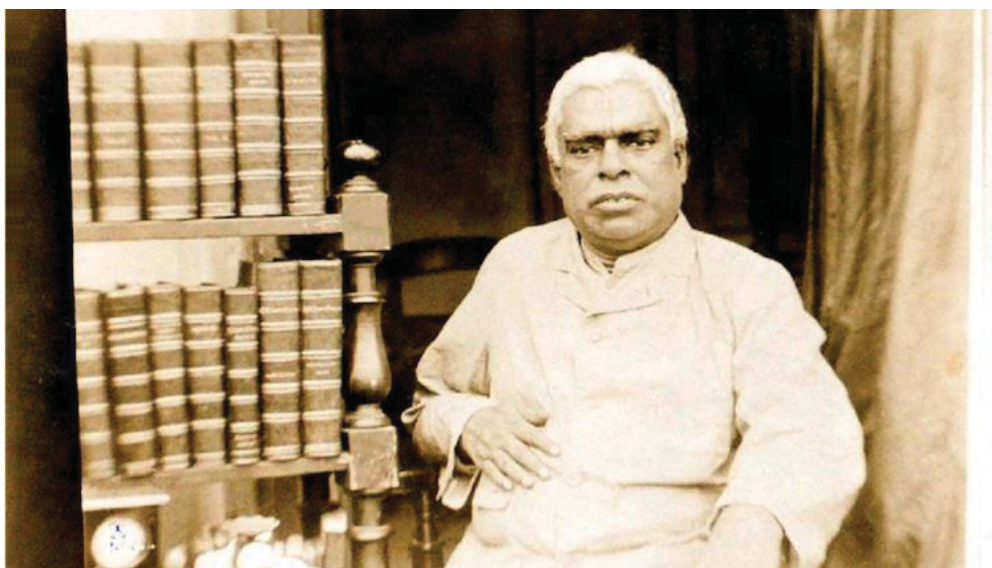
²¹⁶ YOUNG apud BURKE, 2003, p. 28.

²¹⁷ Ou seja, a religiosidade politizada de Gandhi e seus principais seguidores advinha desse novo *ethos* do Renascimento Hindu. Segundo Srinivas, foi essa elite ocidentalizada, criada dentro de valores forjados pelos diversos movimentos inspirados pela *hindu rennaissance*, que teria chegado ao poder, em 1947, com a oficialização da independência da Índia. SRINIVAS apud SILVEIRA, 2008, p. 140. Havia uma mescla entre a nova euforia política e a religiosa. Tanto que durante as manifestações pró-independência em Calcutá, o “povo saía para a rua com seus címbalos e tambores, cantando *Hare Krishna* [e] outras canções devocionais, revivendo o espírito de Chaitanya, desta vez, sob a inspiração dos seguidores de Mahatma Gandhi”. Ibidem, p. 141. O próprio Prabhupada, antes de sua conversão real ao Chaitanismo, fora um defensor das ideias de Gandhi e da independência da Índia, nos tempos de faculdade.

movimento religioso difundido posteriormente no Ocidente”, ou seja, o Movimento Hare Krishna²¹⁸.

Na imagem abaixo, Bhaktivinoda aparece vestido em trajes típicos de um bengali de classe alta posando para uma fotografia, ao lado de uma estante de livros de capa dura de modelo europeu - provavelmente, coletâneas de livros sagrados - que descansavam em uma prateleira de estilo ocidental. Fotos de gurus próximos de livros são muito comuns na cultura hindu, sobretudo nas tradições bramânicas em que a erudição aparece como fator determinante. O fato dele estar sentado em uma cadeira também demonstra adoção de costumes ocidentais – já que na Índia do período, a cultura predominante era de se sentar no chão. Todos esses elementos demonstram um certo nível de hibridização cultural que a Bengala do período passava.

Figura 1 - Bhaktivinoda Thakura



Fonte: ISKCON News²¹⁹

Bhaktivinoda foi educado em escola e faculdade britânicas da Bengala, pôde acompanhar diversos debates na Brahmo Samaj, conhecia a teologia cristã e era fluente em inglês. Em 1858, após se formar na Universidade de Calcutá, passou a trabalhar como magistrado e teria entrado em contato com a literatura devocional do vaishnavismo *gaudiya*. A partir daí, ele começou a estudar seriamente esses textos e

²¹⁸ SILVEIRA, 2008, p. 142.

²¹⁹ BHAKTIVINODA Thakura – The Seventh Goswami. **ISKCON News** [online]. Disponível em: <https://iskconnews.org/bhaktivinoda-thakura-the-seventh-goswami/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

fundou sociedades de estudos, como a Bhagavata Samsad – voltada para estudo do *Bhagavata Purana* (obra primordial para o Chaitanismo) – e a Vidvat Sabha, voltada para o estudo da *bhakti-yoga*²²⁰.

O nome dos dois grupos criados inicialmente por Bhaktivinoda nos dão pistas sobre o que eram esses agrupamentos. A palavra “*samsad*” indica “associação” ou “assembleia” e é mais utilizada no sentido político, como “parlamento”²²¹. Já a palavra “*sabha*” indica uma “assembleia”, “conselho”, comitê”, “sociedade”, “clube” ou “comunidade”²²².

Esses termos bengalis indicam claramente que havia um processo de institucionalização do vaishnavismo *gaudiya* em meados do século XIX em moldes que se assemelhavam a grupos de estudos britânicos na Índia, mas que se agrupavam em torno de membros, tópicos e terminologias locais.

Ao longo dos anos seguintes, Bhaktivinoda, que era patriarca de uma grande família, dedicou-se ao trabalho e, também, à tradução e publicação de livros sobre o vaishnavismo *gaudiya*, incluindo romances (um gênero ocidental moderno), tornando-se um pregador influente. Ele fundou também a Shri Vishva Vaishnava Sabha, voltada para a difusão da *bhakti* ioga entre os membros das classes mais altas da cidade. Ele se tornou amplamente conhecido pelos seguidores de Chaitanya de toda a Índia quando, através de pesquisas escriturais e históricas, teria redescoberto o local de nascimento de Chaitanya, Mayapur, na cidade de Nabadwip. A descoberta foi legitimada por uma série de autoridades religiosas da região e em 1898, ele já inaugurava o templo de Mayapur que levantara fundos para construir. Para garantir uma perfeita gestão do templo, ele fundou a Chaitanya Matha, instituição responsável pelo templo de Mayapur, contendo alojamento para sacerdotes e monges. Aqui é importante destacarmos esse conceito de *matha*.

²²⁰ Ibidem, p. 143-144. O termo *bhakti-yoga* é tido pelas tradições *vaishnava* como sinônimo do vaishnavismo devocional, sobretudo, pelo vaishnavismo *gaudiya*.

²²¹ BISWAS, Sailendra. Samsada. **Samsad Bengali-English dictionary**. 3rd ed. Calcutta, Sahitya Samsad, 2000, p. 969. In: Digital Dictionaries of South Asia [online]. University of Chicago. https://dsal.uchicago.edu/cgi-bin/app/biswas-bengali_query.py?page=969. Acesso em: 19 jul. 2021.

²²² “**Sabha** n. an assembly, a council; a committee; an association, a society, a club, a community”. BISWAS, 2000, p. 983. Disponível em: https://dsal.uchicago.edu/cgi-bin/app/biswas-bengali_query.py?page=983. Acesso em: 19 jul. 2021.

Uma *matha* é uma “associação religiosa” ou “ordem monástica”, dirigida por um guru específico, pelos seus discípulos ou seguidores²²³. Pode ser entendida como uma instituição monástica de *sannyasis* (renunciantes), com seus alunos ou discípulos²²⁴, geralmente situada em torno de um templo ou lugar de peregrinação e vinculada à uma *sampradaya*. O *Samsad Bengali-English Dictionary* define o termo como: “monastério, convento, abadia, santuário, templo ou academia”²²⁵.

A origem das *matha* não se deu no contexto moderno indiano, mas no período medieval com Shankara, o grande difusor do *advaita vedanta*, no século IX²²⁶. As quatro *sampradaya vaishnava* tradicionais, apesar de terem surgido como contraponto teológico ao *advaita vedanta*, se utilizaram de formatos socioreligiosos criados por Shankara e também formaram suas *matha* em diversas localidades.

Não obtive registros bibliográficos para saber se a Chaitanya Matha foi a primeira *matha* oficialmente estabelecida na história do vaishnavismo *gaudiya*. No entanto, podemos afirmar com certeza que ela teve um grande impacto em toda a tradição do vaishnavismo *gaudiya* por simbolizar uma revitalização de Chaitanya, do seu local sagrado de nascimento e de sua doutrina em sua própria terra natal, em um período em que o neo-hinduismo, enquanto teologia sincrética ou inter-religiosa, ganhava cada vez mais visibilidade na Bengala.

Bhaktivinoda buscou elementos de outras religiões para legitimar a sua teologia, como Vivekananda e os membros da Brahmo Samaj o fizeram, embora tenha comentado textos não hindus e feito comparações religiosas. Le buscou atuar mais como alguém que promovia um resgate da ortodoxia dos seis *goswami* – o que teria lhe rendido o título de “o sétimo *goswami*” pela tradição²²⁷. No entanto, ele se utilizou,

²²³ Cf. SILVEIRA, 2005, p. 84.

²²⁴ [THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA](https://www.britannica.com/topic/matha). **Matha**. Encyclopædia Britannica, 22 oct. 2007. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/matha>. Acesso: 13 jan. 2021.

²²⁵ “A monastery or a nunnery, a convent; an abbey; a shrine, a temple; an academy”. BISWAS, 2000, p. 831. Disponível em: https://dsal.uchicago.edu/cgi-bin/app/biswas-bengali_query.py?page=831. Acesso em: 19 jul. 2021.

²²⁶ Por sua vez, Shankara adotou a forma de monastérios – que não existia no contexto anterior do hinduísmo, marcado pelo brahmanismo dos *Vedas* – baseando-se nos mosteiros budistas. Shankara foi, de fato, um reformador bem-sucedido do hinduísmo frente ao grande prestígio intelectual alcançado pelos budistas no início do primeiro milênio da era cristã.

²²⁷ Cf. A biografia oficial da ISKCON sobre Baktivinoda leva essa expressão como título e atribui a ele grande importância: Pode-se dizer que ele foi o principal responsável pela renascência (sic) do movimento para a consciência de Krishna em sua forma original e o mais importante filósofo *vaishnava* na história do vaishnavismo *gaudiya* desde a época de Baladeva Vidyabhushana”. DASA, Rupa V.

a exemplo dos neo-hinduístas, de ferramentas modernas para difundir seu movimento, como romances, artigos de periódicos, textos em inglês e pregação voltada para uma elite social influenciada pela ocidentalização da Índia, visando até mesmo os próprios ocidentais²²⁸.

Ainda mais marcante para a tradição seria a atuação de Bhaktisiddhanta Sarasvati (1874-1937), filho de Bhaktivinoda que daria continuidade ao seu legado. Sendo, desde muito jovem, um aluno dedicado no estudo das escrituras e na prática *vaishnava*, em 1915, após a morte do pai, ele já era reconhecido como erudito e assumiu para si a responsabilidade de dar seguimento a obra pai. Bhaktisiddhanta modernizou substancialmente a teologia *viahsnava gaudiya* e adotava amplamente elementos modernos na sua pregação²²⁹.

Figura 2 - Bhaktisiddhanta Sarasvati



Fonte: Back to Godhead²³⁰

Divina sucessão: biografia dos mestres anteriores a Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Brasília: BBT, 2003, p. 27.

²²⁸ Em sua biografia, há a descrição de que ele teria tido uma visão mística de que, em um futuro próximo, milhares de devotos carregando bandeiras de todos os países do mundo, desfilariam em Mayapur, cantando *Hare Krishna*. Ibidem, passim. Essa “profecia” seria largamente usada pela ISKCON para se legitimar diante da tradição.

²²⁹ Voltaremos a esse ponto mais detalhadamente no segundo capítulo, quando trataremos da evolução do conceito de *sankirtana*.

²³⁰ SRILA Bhaktisiddhanta Saraswato Goswami Maharaj. **Back to godhead** [online]. Disponível em: <https://back2godhead.com/vedanta-morphology-ontology/1969-01-29-06/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Na imagem acima, Bhaktisiddhanta aparece em trajes e estética monástica, cercado de livros e mirando fixamente para a câmera fotográfica. As fotografias de gurus passaram a ser usadas como imagens sagradas no hinduísmo, assim, a pose em sentido meditativo, com trajes formais e livros sagrados é significativa, sobretudo, para os seus discípulos.

Bhaktisiddhanta expandiu o vaishnavismo *gaudiya* para além das fronteiras da Bengala. Em 1918 ele adotou as vestes e o estilo de vida de *sannyasi* (ordem renunciada) e em 1920 ele fundou a Gaudiya Math. Sua pregação forte (dirigida a todos, mas, sobretudo, para a juventude de classe média indiana), seu carisma e seus meios modernos de difusão (como jornais) fizeram com que, no momento de sua morte (1937), ele já tivesse fundado 64 *matha* por toda a Índia, escrito dezenas de livros e fundado alguns jornais como meio de pregação (alguns deles em inglês). Pouco antes disso, em 1933, Bhaktisiddhanta chegou a enviar alguns de seus discípulos para a Europa, fundando centros ou “missões” em Londres e Berlin²³¹.

Em 1922, Bhaktisiddhanta conheceu um dos seus discípulos mais bem-sucedidos e que viria a fundar a ISKCON, anos depois. Abhay Charan De (nome de batismo de Bhaktivedanta Swami Prabhupada) era um jovem de família *vaishnava* de comerciantes bengalis. Assim como muitos jovens de classe média do período, Abhay estudou em escolas britânicas e, como boa parte dos seus colegas, passou a professar as ideias do nacionalismo indiano liderado por Mahatma Gandhi. Segundo a biografia oficial de Prabhupada, apesar de seu pai ser um devoto de Krishna dedicado, o jovem Abhay não se interessava pelos *sadhu*²³² hindus até conhecer Bhaktisiddhanta.

Segundo a biografia oficial do fundador da ISKCON, no primeiro encontro entre os dois, o guru teria dito ao jovem Abhay (que estava acompanhado de um amigo): “Vocês são jovens educados. Por que não pregam a mensagem do Senhor

²³¹ JONES, C. A.; RYAN, J. D. **Gaudiya Math**. Encyclopedia of Hinduism. New York: Facts On File, 2007, p. 165. Essas missões pioneiras no Ocidente, teriam fracassado antes mesmo da morte do guru. O termo “missão”, presente no nome da instituição “Gaudiya Mission Society of London” é indicativo do processo de apropriação por parte do hinduísmo moderno de concepções religiosas cristãs para uma reinvenção de suas práticas e teologias que ajudaram a expandi-lo para fora da Índia.

²³² Figuras sociais características da sociedade indiana. São homens tidos como santos, sábios, devotados, muitos dos quais, sobrevivem apenas de esmolas. Suas atividades incluem dar palestras em locais públicos, servem de guia nos locais de peregrinação, fazem rituais em troca de doações. Alguns fazem dessas atividades uma forma de sobrevivência.

Chaitanya em todo o mundo?”. O jovem teria ficado impressionado com a pregação audaciosa de Bhaktisiddhanta que o teria convencido de que o movimento de Gandhi não era tão importante – visto que era temporário – e que a independência da Índia poderia esperar. Mas o movimento de Chaitanya era eterno, transcendental e precisava ser expandido urgentemente. Abhay teria, nesse encontro, escolhido o seu mestre espiritual. Apesar disso, como já era um chefe de família, Prabhupada não pode tornar-se um monge e viver em um dos templos de Bhaktisiddhanta, mas, passou a ser um leitor e frequentador dos programas da Gaudiya Math. Apenas em 1933 ele foi recebido a iniciação espiritual de seu guru²³³.

Após a morte do seu fundador, em 1937, a Gaudiya Math entrou em uma crise de sucessão. Bhaktisiddhanta não havia apontado um *acharya* sucessor – pois seria de seu desejo que a instituição fosse administrada por uma comissão composta pelos principais líderes da instituição. Esse seria mais um aspecto modernizante introduzido por Bhaktisiddhanta, já que, tradicionalmente, as *sampradaya* eram sucedidas a cada geração por um guru ou *acharya* que deve liderar os discípulos, tentando manter a coesão da tradição dos seus antecessores (ou reformando-as, quando necessário). Essa inovação não foi implementada por parte de vários líderes da Gaudiya Math e, assim, uma “guerra” de sucessão teria desmembrado a instituição em diversas pequenas *matha* independentes, cada uma liderada por um dos líderes da antiga instituição²³⁴.

Abhay não teria tomado partido nas disputas internas da *matha* fundada por seu guru e nem aderido oficialmente a alguma das novas *matha*, embora contribuísse ocasionalmente com as missões dos seus irmãos espirituais. Ele seguiu estudando, contribuindo com artigos para os jornais *vaishnava* e, em 1944, iniciou o seu próprio periódico, o jornal *Back to Godhead* - que ele mesmo escrevia, editava, publicava e distribuía na Índia²³⁵.

²³³ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 1**: Toda uma vida de preparação - Índia/1896-1965. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008a, p. 51.

²³⁴ Ibidem, p. 105-131. As novas *matha* foram se formando ao longo do tempo, na medida em que a instituição original foi se desmembrando. Entre elas estão: a Sri Gaudiya Vedanta Samiti (1940); Sri Chaitanya Saraswat Math (1941); Sri Chaitanya Gaudiya Math (1953); Sri Krishna Chaitanya Mission (1966), entre outras.

²³⁵ ROCHFORD JUNIOR, E. B. **Hare Krishna in America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985, p. 10. Anos mais tarde, já como líder da ISKCON ele reeditaria o periódico como uma revista

Entre 1952 e 1953, Abhay já tinha recebido o título “Bhaktivedanta” de seus irmãos espirituais pela sua habilidade enquanto pregador e conhecedor da literatura do vaishnavismo *gaudiya* e estava praticamente afastado da sua família e de seus negócios, procurando dedicar-se mais intensamente aos seus projetos de pregação. Nesse período, vivendo na cidade de Jhansi, ele fundou a Liga dos Devotos. Seu biógrafo oficial comenta, sobre esse momento:

Como seus irmãos espirituais, que **havam criado novas *matha*** após a dissolução da Gaudiya Math, Abhay estava formando uma **nova ramificação da Gaudiya *sampradaya***, a ser conhecida como “Liga dos Devotos”. Ele não estava simplesmente reivindicando propriedade sobre alguns prédios; estava **estabelecendo uma sociedade consciente de Krishna** que se expandiria até transformar-se em movimento mundial²³⁶.

O biógrafo oficial da ISKCON defende que, assim como seus irmãos espirituais, Abhay estava, com a criação da Liga dos Devotos, intencionando fundar uma “nova ramificação” da *sampradaya vaishnava gaudiya*, ou seja, uma nova *matha*.

Devido a uma série de divergências administrativas sobre a posse e autorização do prédio onde a sociedade estava instalada, Abhay teve de abandonar o projeto da Liga de Devotos, mesmo tendo criado uma “clientela” e tendo feito seu primeiro discípulo na época. A partir daí ele passou a residir, como um renunciante, entre templos de *matha* administradas por seus irmãos espirituais ou nos templos *vaishnava* de Vrindavan, cidade mais sagrada para a religião, dedicando-se a escrever artigos e os seus primeiros livros. Em 1959, ele tomou *sannyasa* através de discípulos mais antigos de Bhaktisiddhanta e adotou o nome de A. C. Bhaktivedanta Swami²³⁷.

Figura 3 - Bhaktivedanta Swami Prabhupada

ilustrada e colorida. Esta seria a revista oficial da ISKCON. Voltaremos a esse assunto no próximo capítulo.

²³⁶ GOSWAMI, S., 2008a, p. 166-167, grifos meus.

²³⁷ Ibidem, p. 183-242.



Fonte: ISKCON Desire Tree²³⁸

Em 1965, após realizar diversos planos para ir ao Ocidente “cumprir a missão” que seu guru lhe dera de pregar o Chaitanismo para o público de língua inglesa, ele finalmente conseguiu uma passagem em um navio cargueiro da Scindia Steam Navigation Company para Nova Iorque. Ele partiu para o Ocidente, praticamente sem dinheiro e sem conhecer ninguém em solo estadunidense, apenas com um endereço de um imigrante indiano²³⁹. No ano seguinte ele fundaria a ISKCON e já despontaria como o guia espiritual dos seus primeiros discípulos ocidentais.

Voltaremos a tratar do desenvolvimento do vaishnavismo *gaudiya*, da ISKCON e das contribuições de Bhaktivedanta no segundo capítulo, quando veremos as inovações teológicas desenvolvidas ao longo do processo de modernização da tradição. Mas, antes de encerrar o tópico, voltemos a pensar qual seria uma definição histórica adequada ao Movimento Hare Krishna.

²³⁸ ACCEPTANCE of *sannyasa* by Srila Prabhupada. **ISKCON desire tree**. Disponível em: <https://iskcondesiretree.com/page/acceptance-of-sannyasa-by>. Acesso em: 22 jul. 2021.

²³⁹ GOSWAMI, S. D. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 2**: Plantando a semente - Nova Iorque/1965-1966. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008b, p. 14-22.

O objetivo de realizar esse trajeto histórico foi evidenciar que é preciso situar historicamente a religião para poder compreendê-la e defini-la com precisão. Uma das questões que mais incomodavam a mim, enquanto pesquisador do Hare Krishna, é que boa parte das análises e definições sobre o que seria o movimento ou a ISKCON, partem de uma linha temporal que começa com a chegada de Prabhupada aos Estados Unidos (1965) e a fundação da ISKCON (1966).

É evidente que esse é um momento marcante e crucial para se entender o que vem a ser chamado de “Movimento Hare Krishna” porque o próprio termo literal surgiu com o desenvolvimento da pregação de Prabhupada e seus discípulos nos EUA. Alguns tipos de perguntas geralmente são feitos para contar a história Hare Krishna: De onde vem esse movimento e sua teologia? Como situar a sua teologia? O que possibilitou a difusão desse movimento para fora da Índia? E as respostas a estas perguntas contextualizam o Ocidente do Pós-Guerra, a Contracultura, os NMRs, a Nova Era, o “reencantamento do mundo” e outros eventos.

No entanto, tais abordagens, apesar de serem relevantes, explicam apenas uma parte do fenômeno e desconsideram os eventos históricos que ocorreram anteriormente: a historicidade do próprio vaishnavismo *gaudiya*, seu desenvolvimento desde o século XVI-XVII, sua legitimação enquanto *sampradaya* perante as tradições *vaishnava* e, principalmente, seu processo de modernização que foi iniciado no século XIX no contexto de revitalização do hinduísmo na Índia, então colônia britânica.

Apontar o Movimento Hare Krishna como uma mera produção ocidental, fruto apenas do desejo de “consumismo espiritual” oriental em voga nos anos 1960 e 1970 no Ocidente, retira dos hindus a própria capacidade de agência, de produzir instituições, sujeitos e uma cultura religiosa que procurava sua “universalização” de maneira institucionalizada desde o século XIX. É preciso situar que, historicamente, a institucionalização do canto de Hare Krishna, da sua teologia, dos seus livros etc., não começou no Ocidente, nem na “era dos hippies”, mas, na própria Índia, com os indianos que se ocidentalizavam, com a mundialização promovida pela colonização britânica. A universalização do vaishnavismo *gaudiya* não foi um fruto exclusivo de

uma escolha unilateral do Ocidente por novas teodiceias²⁴⁰, mas de interações de uma via de mão dupla entre o Ocidente e o Oriente²⁴¹.

A ISKCON, como instituição que difundiu o Movimento Hare Krishna no Ocidente, é fruto de uma “tradução cultural” de Prabhupada, ou seja, uma tentativa de explicar, adaptar e praticar o vaishnavismo *gaudiya* modernizado por seus antecessores, em um Ocidente ainda desconhecedor de sua tradição. O processo de “tradução cultural” se dá quando indivíduos pertencentes à uma cultura, se inserem em outro contexto cultural pretendendo aplicar, explicar, representar conscientemente o contexto da primeira, na segunda. Como aponta Peter Burke, ela é fruto da agência humana, ou seja, fruto de processos históricos postos em prática por indivíduos conscientes disso²⁴².

Prabhupada não pode ser considerado o “criador” do Movimento Hare Krishna visto que ele foi apenas mais um dos membros da Gaudiya Math a difundir teologias, práticas e formas de gerência que são oriundas de gurus antecessores e que se assemelham bastante entre si. Evidentemente, no processo de “tradução”, ele acabou inserindo novos elementos, inclusive teológicos, e negociações para obter sucesso com uma clientela não indiana. Mas o formato moderno adotado, tanto por ele, quanto por seus antecessores, é sinal de uma tradução que não se dá apenas no sentido geográfico – da Índia para o Ocidente -, mas também, em termos de conjuntura: do contexto tradicional, para o moderno. E esse último aspecto começou bem antes de Prabhupada e ainda em solo indiano.

O desenvolvimento do Hare Krishna no Ocidente não foi somente uma questão de consumo religioso dos ocidentais. Embora o consumo desses bens religiosos indianos pelos ocidentais seja um fato, é preciso notar, observando a desenvoltura da própria história do vaishnavismo *gaudiya*, que a ISKCON é fruto de um processo de reação de uma religiosidade bengali que, para se afirmar diante da

²⁴⁰ Como parece sugerir: CAMPBELL, C. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio, v. 18, n. 1, p. 5–22, 1997.

²⁴¹ Cf. SILVEIRA, M. S. da. New age & neo-hinduismo: uma via de mão dupla nas relações culturais entre Ocidente e Oriente. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 7, n. 7, p. 73–101, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2278/983>>. Acesso em: 03 jun. 2020.

²⁴² BURKE, 2003, p. 63.

modernização e, sobretudo, da colonização da Índia, acabou – tal como o nacionalismo indiano –, adotando ferramentas modernas (como a imprensa e o missionarismo das igrejas metropolitanas) para se afirmar.

Prabhupada foi certamente inovador, mas não a ponto de romper com a corrente de sucessão discipular de sua *sampradaya*. Ele seguiu os mesmos moldes da Gaudiya Math estabelecida por Bhaktisiddhanta em 1920 que, por sua vez, se inspirou na obra de seu pai, Bhaktivinoda que, por sua vez, baseou-se nos moldes institucionais neo-hindus bengalis no início do século XIX, como a *Brahmo Samaj*, para promover uma teologia inspirada nos *goswami* e *acharya vaishnava* dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Como movimento religioso inserido no Ocidente, certamente é algo novo. Ainda mais inovador era o fato de estabelecer como epicentro desse movimento, uma influente metrópole ocidental (Nova Iorque) e, partindo dali, e não do local de origem daquela tradição (a Índia), uma sociedade religiosa internacional que visava, sobretudo, a conversão dos ocidentais. Com o sucesso das primeiras levas de convertidos, Prabhupada foi inserindo gradativamente a ortodoxia que ele almejava que seus seguidores tomassem para si, impressionando e impactando a própria tradição *gaudiya* indiana que levou alguns anos para digerir e se adaptar a ISKCON.

Assim, se quisermos levar em consideração a historicidade do próprio objeto religioso estudado em busca de uma definição conceitual precisa, podemos dizer que a ISKCON é uma *matha* ligada à *sampradaya vaishnava gaudiya* e que foi inspirada no desenvolvimento (e desmembramento) de uma instituição anterior, a Gaudiya Math.

Aquilo que foi genericamente entendido no Ocidente como “Movimento Hare Krishna” através da ISKCON se refere a um movimento de modernização e institucionalização da *sampradaya* do vaishnavismo *gaudiya* iniciado no século XIX com Bhaktivinoda e firmado por Bhaktisiddhanta Sarasvati e seus discípulos, incluindo Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

Nesses termos, a ISKCON não é “o” Movimento Hare Krishna em si, mas é, desde a sua fundação, de seu fundador, de seus livros, práticas e doutrinas, uma “*matha*” da *sampradaya vaishnava gaudiya* que se internacionalizou, utilizando-se de meios de pregação modernos, realizando uma tradução da cultura *vaishnava gaudiya*

para os ocidentais, ao mesmo tempo em que ajudou a revitalizar a própria tradição, influenciando-a e sendo influenciada por ela. A ISKCON é parte integrante do “Movimento Hare Krishna” que é a soma de todos os “movimentos” surgidos desde o século XIX com as ações de Bhaktivinodha (e outros bengalis *vaishnava*), passando pela Gaudiya Math de Bhaktisiddhanta e todas as suas ramificações. Desde 1966, a ISKCON passou a representar e se apresentar como sendo “o” Movimento Hare Krishna no Ocidente e, de fato, o foi até os anos 1980, quando “outros movimentos Hare Krishna” que se formaram a partir da ISKCON, como a Missão Vrinda²⁴³, o ISKCON Revival Movement (IRM)²⁴⁴ e diversas *matha* que, na carona dos espaços abertos pela ISKCON no Ocidente, promoveram suas internacionalizações vindos da Índia e também foram identificadas ou identificam a si mesmas enquanto “Movimento Hare Krishna”²⁴⁵.

O Movimento Hare Krishna, do ponto de vista teológico, não segue uma “doutrina neo-hindu” visto que muito do que se entende em termos doutrinários por “neo-hinduísmo” foi definido por Rammohan Roy, Ramakrishna e Vivekananda e se constitui como um apelo universalista e ecumênico, baseando-se no impersonalismo do *Vedanta*, como vimos²⁴⁶. No entanto, o formato de organização e as ferramentas para a difusão da pregação e das práticas *vaishnava* foram os mesmos utilizados por essas instituições, todas elas, surgidas a partir da moderna Calcutá.

O vaishnavismo *gaudiya* se colocou, com Bhaktivinoda e Bhaktisiddhanta, como revitalizador da ortodoxia dos chaitanismo dos *goswami*. No entanto, em termos práticos, essa revitalização se deu com a utilização de meios modernos, como a escrita e publicação de romances, de artigos de jornais, revistas, utilização da língua inglesa e de formatos institucionais semelhantes ao das igrejas cristãs. E a ISKCON,

²⁴³ Sobre a missão Vrinda no Brasil, cf.: THOMAZ, A. T. **Estratégias missionárias do movimento Hare Krishna Vrinda na cidade de São Paulo**, 2015. Monografia (Bacharelado em Teologia), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

²⁴⁴ Cf. DESAI, K; AWATRAMAMI, S; DAS, M. The no change in ISKCON paradigm. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University Press, 2004, p.194-213.

²⁴⁵ No caso da nossa tese, adotamos o termo “movimento Hare Krishna” porque no período em que estamos tratando no Brasil (anos 1970 e 1980), a ISKCON representava sozinha o que seria o movimento Hare Krishna no país.

²⁴⁶ Sobre isso, Silveira comenta: “A preocupação de Bhaktivedanta Swami estava voltada para a influência do impersonalismo da *Ramakrishna Mission* sobre o público ocidental [...]”. SILVEIRA, 2008, p. 154-155.

foi apenas mais um dos frutos dessa modernização, assim como as demais *matha gaudiya*.

Essa é uma posição que mesmo a ISKCON e as outras *matha* têm dificuldade em admitir, devido as divergências entre si e as disputas por espaço e prestígio. A ISKCON por ter se tornado a instituição *gaudiya* de maior poder e alcance, devido a sua capacidade de internacionalização e recursos vindos do Ocidente, coloca-se muitas vezes como “a” continuidade do trabalho de Bhaktisiddhanta ou como “o” movimento de Chaitanya, excluindo ou deslegitimando as demais *matha gaudiya*. Não lembro de ter lido descrições de membros da ISKCON ou de Prabhupada se colocando como “uma das” *matha gaudiya*. O mesmo ocorre com certas declarações de outras *matha* que excluem a ISKCON ou os seus membros ocidentais da herança da tradição *gaudiya*. Algumas delas, chegaram a acusar a ISKCON ou próprio Prabhupada, de não saber dos detalhes “mais íntimos” da teologia *gaudiya* e que, por isso, os ocidentais deveriam ser iniciados por gurus *gaudiya* indianos experientes²⁴⁷.

Mas, em última instância, debates, discordâncias e (des)legitimações entre as diversas *sampradaya*, *matha* e *sanga* (congregações de discípulos de um mesmo guru) ocorrem na Índia desde os tempos de Shankara no período medieval indiano²⁴⁸ e tem sido um fator de revitalização das próprias tradições do hinduísmo por gerações.

Em sentido doutrinário e teológico, as tradicionais tipologias igreja-seita e suas derivadas não me parecem dar conta da complexidade que envolve a história e cultura das tradições do hinduísmo, sobretudo à do vaishnavismo *gaudiya*. Explicar o vaishnavismo *gaudiya* como uma “seita” do hinduísmo ou o Hare Krishna como uma “seita oriental” no Ocidente, parece desconsiderar diversos aspectos históricos de sua trajetória com o intuito de encaixar forçadamente um objeto de análise específico em uma epistemologia criada para pensar o “todo” ou para pensar outros temas específicos que não esse.

²⁴⁷ Esse foi o caso das disputas que envolveram a ISKCON e o guru Narayana Maharaja, um “sobrinho espiritual” de Prabhupada e líder da Sri Keshavaji Gaudiya Matha. Cf. COLLINS, Irvin H. The “routinization of charisma” and the charismatic: the confrontation between ISKCON and Narayana Maharaja. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p. 214-237.

²⁴⁸ O período medieval indiano se deu, aproximadamente, entre 500 e 1500 da Era Cristã, cf.: FLOOD, 2014.

O termo NMRs também, pela sua amplitude, situa apenas uma parte da história, ou seja, a conjuntura do desenvolvimento de formas novas de religião e religiosidade do Ocidente do Pós-Guerra. No entanto, devido à generalização que lhe é própria, tende a apagar as particularidades históricas e teológicas, levando em conta apenas o impacto e as dinâmicas sociais e comportamentais desses fenômenos no Ocidente. Boa parte dos estudiosos dos NMRs vêm da sociologia, teologia, ciências da religião e antropologia. Os estudos que se dedicam à história do hinduísmo e, mais especificamente, ao estudo do vaishnavismo, tendem a situar o Movimento Hare Krishna como parte da tradição do vaishnavismo *gaudiya* e da Gaudiya Math²⁴⁹, ainda que, em alguns casos, continuem utilizando termos como “seita”, na esteira de Weber, para definir as *sampradaya vaishnava*²⁵⁰.

Por outro lado, as alegações de membros da ISKCON – como já apontei em outro trabalho²⁵¹ – de que o Movimento Hare Krishna não é “seita”, mas, sim uma espécie de movimento “cultural”, “filosófico” ou uma continuação, um resgate da “cultura védica” ou “a” continuação do “movimento de Chaitanya”, não pode ser aceita, do ponto de vista de uma definição conceitual histórica precisa e satisfatória.

Por mais que a ISKCON queira se afastar institucionalmente das demais *matha gaudiya*, pretendendo-se como “a” continuidade do “movimento de Chaitanya”, é preciso ressaltar sempre que ela é apenas “uma” das *matha* existentes que representam regional e internacionalmente o vaishnavismo *gaudiya*.

No próximo e último tópico deste capítulo, iremos abordar alguns conceitos acerca da relação entre religião e mídia que serão importantes para o entendimento do segundo capítulo, onde iremos traçar um panorama da modernização da teologia *vaishnava* através do uso intenso de mídias e do quinto capítulo onde veremos os conflitos de representação entre a imprensa de grande circulação e o Hare Krishna no Brasil.

²⁴⁹ A *Encyclopedia of Hinduism*, por exemplo, situa a ISKCON como uma das *gaudiya math*: JONES; RYAN, 2007, p. 165.

²⁵⁰ Como é o caso de: SILVEIRA, 2005, 2008; e TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

²⁵¹ Cf. CARVALHO, 2019.

2.2 MÍDIA E RELIGIÃO

A relação entre mídia e religião na modernidade é mais complexa do que a perspectiva de “secularização do mundo” já pressupôs²⁵². Instituições modernas que se acreditam “seculares” ou “laicas”, como o Estado e a grande imprensa, estão entrecortadas por ideias e representações religiosas que favorecem determinados grupos e ideias religiosas em detrimento de outros e escapam aqui e ali de suas pretensões de laicidade²⁵³.

Por isso é preciso manter uma reflexão sobre as dinâmicas que ocorrem na relação entre mídia e religião na modernidade. A modernidade não diz respeito somente a um período da historiografia ocidental (a “Idade Moderna”), ela se refere a um “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII, e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”²⁵⁴.

Uma das características marcantes da modernidade é que ela funciona sobre os indivíduos de maneira altamente reflexiva, fazendo com que as práticas sociais dos indivíduos sejam constantemente reexaminadas pelo acúmulo de informações recebidas sobre aquelas próprias práticas²⁵⁵. E um dos causadores mais marcantes desse processo de autorreflexividade é a comunicação de massa.

As sociedades do mundo moderno, sobretudo a partir do século XX, vivem em um período denominado por Hoover de *Media Age* (Idade da Mídia), uma era dominada pelo uso intensivo de mídias na vida cotidiana²⁵⁶. O autor descreve que existem três elementos que possibilitaram a comunicação de massa em termos

²⁵² Sobre o debate de “secularização” e “dessecularização” do mundo, cf.: MARIZ, C. L. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 25–39, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/sinais/article/download/2886/2352>>. .

²⁵³ Sobre as incertezas da “laicidade” na legislação brasileira, cf.: RACHEL, A. R. Brasil: a laicidade e a liberdade religiosa desde a Constituição da República Federativa de 1988. **Jus Navigandi**, v. 17, n. 3300. Disponível em: <https://goo.gl/4HHJWd>. Acesso em: 26/11/2018. Sobre a “imparcialidade” religiosa da grande mídia no Brasil, cf.: CUNHA, M. do N. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. **E-compós**, v. 19, n. 1, p. 1–21, 2016. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/viewFile/1204/883>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

²⁵⁴ GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991, p. 11.

²⁵⁵ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019, p. 13.

²⁵⁶ Ibidem, p. 7.

modernos: o barateamento da produção e venda de mídias, advindo da mecanização do trabalho; modificação no que é noticiado, tornando mais ampla a gama de assuntos veiculados; e a mudança na forma como os meios de mídia são capitalizados e financiados – fazendo com que mídia e propaganda se fundam, tornando-se basicamente um mesmo elemento²⁵⁷.

Até os anos 1970 – e, no Brasil, até os anos 1990 -, o debate acadêmico acerca das mídias estava mais interessado em perceber o poder de influência e manipulação das “mídias de massa” (rádios, jornais, televisão e cinema) sobre a sociedade, baseados nos autores da chamada Escola de Frankfurt²⁵⁸, trazendo a reflexão sobre as mídias para próximo do debate das ciências políticas.

É certo que as mídias de massa ganharam uma amplitude sem precedentes com a intensificação da modernidade ocorrida no século XX, fazendo com que concepções ligadas à visão frankfurtiana tivessem a mídia como “onipotente” ou como constituindo o “quarto poder” dos Estados modernos. No entanto, como ressalta Kellner:

Grande parte do que se disse sobre a manipulação e a dominação da mídia, em teorias popularíssimas na década de 1960 e em parte da década de 1970, partia do pressuposto de que meios de comunicação constituem forças onipotentes de controle social que impõem uma ideologia dominante monopolística a suas vítimas. [...] Reagindo a este modelo, muitas teorias mais recentes ressaltaram a capacidade do público de resistir à manipulação da mídia, criando seus próprios significados e usos e fortalecendo-se com a matéria-prima extraída de sua própria cultura²⁵⁹.

Assim como na sociedade em geral, as mídias são espaços de disputa e de poder e não operam de maneira unilateral. Os telespectadores, leitores ou consumidores de mídias não são meros papéis em branco prontos a serem preenchidos pelas mídias.

O grupo de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham²⁶⁰ influenciou novas maneiras de conceber a relação entre mídia e sociedade, valorizando a história

²⁵⁷ HOOVER, 2006, p. 28-29.

²⁵⁸ Autores como Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas são alguns dos mais conhecidos nomes ligados à esta corrente de pensadores.

²⁵⁹ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001, p. 12.

²⁶⁰ Nos anos 1960, a Universidade de Birmingham fundou o *Centre for Contemporary Cultural Studies* e com o intuito de investigar questões culturais do mundo moderno a partir de uma perspectiva histórica. Autores como Raymond Williams, Stuart Hall e E. P Thompson são autores importantes Nessa corrente de pensamento.

e cultura como elementos primordiais para se compreender a relação entre comunicação e sociedade, analisando tanto a circulação, quanto a recepção do conteúdo das mídias para perceber as transformações culturais que a comunicação exerce sobre a sociedade²⁶¹.

Nesse sentido, a presente tese inclina-se mais à uma abordagem derivada dos Estudos Culturais do que à uma do tipo frankfurtiano. No entanto, existem outros grupos acadêmicos e intelectuais que também trabalharam para uma interpretação cultural das mídias e a sua relação com as religiões que também formaram concepções importantes a este trabalho.

O Centro de Estudos de Religião, Mídia e Cultura, da Universidade do Colorado, sobretudo, através da obra de Stewart Hoover, tem sido importante para reformular a ideia de que a mídia se limite a ser um “poder” que manipula a sociedade. Na verdade, a presença das mídias na sociedade contemporânea tem alterado as culturas e religiões em diversos sentidos. As sociedades estão se secularizando, mas, as religiões continuam presentes, através de constantes transformações. E a mídia é um aspecto importante desse fenômeno que faz algo novo emergir: “uma nova cultura da mídia religiosa” ou uma “nova cultura religiosa midiaticizada”²⁶².

Outro grupo de estudiosos importantes para uma análise da relação entre mídia e religião nesta tese é a dos historiadores culturais. No tópico anterior, definimos como a análise da História Cultural é importante para situar as religiões no contexto em que elas surgiram e se desenvolveram. Aqui acrescento que esta abordagem também auxilia este trabalho na medida em que a História Cultural nos faz indagar sobre “a historicidade das mídias e dos grupos ou indivíduos que as produziram, sobre os indícios de sua circulação e apropriação; seus usos e sentidos.

Michel de Certeau, por exemplo, tratou com maestria em *A invenção do cotidiano*²⁶³, sobre as maneiras que o consumidor/leitor/telespectador subverte, resiste e reformula muitas das intenções iniciais dos criadores de conteúdos e

²⁶¹ BELLOTTI, Karina K. Por uma história cultural das religiões e das mídias. In: MOURA, Carlos André Silva de (et al.) (Org.). **História, narrativa e religiões**: diálogos sob o olhar da cultura. Recife: UPE, 2018, p. 26-27.

²⁶² HOOVER, 2016, p. 37.

²⁶³ CERTEAU, M. DE. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2012.

produtos. Através de “táticas” astuciosas, esse consumidor (que se esperava passivo) faz uma outra coisa daquilo que inicialmente era esperado de seu comportamento.

Um exemplo prático disso será discutido nesta tese. No período entre o fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, foi publicada na imprensa de grande circulação do Brasil, uma quantidade considerável de reportagens sobre o Movimento Hare Krishna que tratavam de polêmicas e que o colocavam, quase que unanimemente, como uma “seita” danosa à juventude e à família. No entanto, esse foi justamente um dos períodos de maior vitalidade dessa religião no país, evidenciando que os diversos “ataques” de grandes redes de comunicação ao Hare Krishna não foram capazes de evitar o crescimento do interesse pela religião no período.

Assim, poderia dizer que a presente tese, irá tratar do Movimento Hare Krishna no Brasil através de uma perspectiva da História Cultural das Religiões e das Mídias. Embora essa definição seja recente, ela busca englobar algumas das discussões elaboradas pelos autores citados acima. Para Karina Bellotti, essa abordagem:

[...] Preocupa-se em investigar, dentro de contextos históricos específicos, as relações entre uma ou mais manifestações religiosas e um ou mais meios de comunicação, tomando tais meios tanto como fontes de informações, instruções, crenças e práticas, quanto como agentes históricos, protagonistas na mediação das religiões e na interligação entre tradições/instituições/ sujeitos religiosos e não-religiosos – tais interligações podem contemplar a reafirmação de crenças, seu questionamento, sua negociação ou sua refutação. Portanto, uma história cultural das religiões e das mídias não comporta somente o estudo da transmissão de informações, instruções, crenças e práticas religiosas, mas a incorporação dos meios de transmissão e comunicação na rotina de instituições e indivíduos religiosos²⁶⁴.

Assim, na tese, iremos procurar observar como as mídias foram incorporadas no processo de institucionalização do Movimento Hare Krishna e como essa dinâmica alterou tanto as práticas, quanto as crenças religiosas ao longo do tempo.

Utilizando então, das discussões elaboradas a partir desses campos de estudo, farei uma análise de conceitos utilizados por eles e que serão importantes para a discussão da tese, começando pelo termo central deste tópico que é a “mídia”.

O termo “mídia”, no sentido mais comum, compreende “os suportes de comunicação (livros, revistas, televisão, rádio, cinema, internet, etc.) e os veículos e

²⁶⁴ BELLOTTI, 2018, p. 49.

canais de comunicação (corporações, empresas, editoras, emissoras de TV, etc.”²⁶⁵. Em sentido etimológico, a palavra “mídia” tem origem no termo latino “*médium*” (meio) e, assim, a ideia de “mídia” está ligada à mediação da comunicação humana.

No entanto, além destes tipos de mídias mais evidentes, *outdoors*, *banners*, placas, anúncios, *flyers* (“santinhos”), *folders* e outros meios de publicidade também podem ser tidos como mídias. Há uma infinidade de outros recursos que podem ser considerados também, como chaveiros, *stickers*, pôsteres, marca-páginas, e diversos outros tipos de objetos que são utilizados para comunicar mensagens e ideias²⁶⁶. E todas essas mídias têm sido usadas pelas religiões ao longo das últimas décadas.

O termo “mídia” não poder ser entendido apenas como um conjunto de aparatos tecnológicos. O conceito de mídia, adotado na presente tese, sobretudo, em relação à mídia religiosa, vai além do que se entende numa perspectiva de senso comum: como sinônimo de dispositivos, serviços, publicações e meios de comunicação. Penso a mídia, como Hoover, para quem as mídias são:

[...] Práticas, não somente *instituições, textos ou objetos*. Primeiramente, há um número considerável de coisas que são significantes para as nossas questões aqui que o termo “mídia”, como tradicionalmente é entendido. Por exemplo, performances públicas de vários tipos, assim como espaços sagrados, rituais, encontros de grupos, aulas, seminários, objetos como pinturas, esculturas e artefatos religiosos conhecidos por “*religious kitsch*”, itens que aparecem em nossas entrevistas e em outros estudos como religiosamente significantes. É mais fácil entender que esses objetos podem ser entendidos como religiosos do que entender que eles são também mídia²⁶⁷.

A amplitude dessa definição é bastante oportuna para tratarmos do Movimento Hare Krishna, visto que a tradição do vaishnavismo *gaudiya*, de maneira geral, apresenta diversos elementos estéticos fundamentais que são “midiados”, além dos “midiatizados”. Aqui é importante deixar bem claro, como Hoover propõe, uma diferenciação entre “mídiação” e “midiatização”. Para o autor:

²⁶⁵ Ibidem, p. 21.

²⁶⁶ Essa diversidade de mídias foi bem retratada em: BELLOTTI, K. K. “**Delas é o reino dos céus**”: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 a 2000). São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.

²⁶⁷ “[...] *Practices, not just as institutions, texts, or objects. First, there is a range of things that are significant to our inquiries here that transcend “media”, as traditionally understood. For example, public performances of various kinds, as well as sacred spaces, rituals, encounter groups, classes, seminars, objects such as paintings, sculptures, and what have been called “religious kitsch” items all appear in our interviews and in other studies as religiously significant. That these may be religious is probably less difficult to understand than that they are also media*”. HOOVER, 2006, p. 23-24, grifos do autor.

“Mídiação” refere-se ao fato de que todas as religiões são de alguma maneira “mediadas”. Ou seja, elas envolvem ou mídias impressas, ou histórias, sermões, arte, dança ou rituais. As religiões devem ser celebradas e comunicadas para existir. Elas precisam usar várias “linguagens”²⁶⁸.

Já a “mídiação” da religião:

[...] Significa que através do uso dos meios modernos de comunicação (e por “moderno” me refiro a tudo o que veio de Gutenberg até hoje) algo inteiramente novo é feito com a religião. [...] A essência da “coisa” religião é mudada através de sua interação com a mídia²⁶⁹.

Enquanto o conceito de mídiação envolve processos fundamentais da comunicação humana que são utilizados desde eras pré-modernas, o conceito de mídiação descreve um processo essencialmente moderno e indica “uma forma contemporânea de representação e vivência do religioso” que poderia ser entendido observando “a articulação dos processos sociais – no caso, as concepções e práticas religiosas – com o ambiente midiático ao redor”²⁷⁰.

Diversos autores têm tratado da mídiação na sociedade, tais como Stig Hjarvard²⁷¹, Luís Martino²⁷², Magali Cunha²⁷³, Ronivaldo Souza e Jorge Miklos²⁷⁴. No entanto, embora esses autores tenham dado valiosas contribuições para o entendimento do conceito e da sua aplicação na contemporaneidade, seus objetos de estudos se concentram, majoritariamente, em compreender a mídiação da religião através das mídias digitais, sobretudo com o advento da internet.

²⁶⁸ HOOVER, Stewart. A mídia e suas linguagens religiosas. In: **A religião na mídia e a mídia na religião**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2012. p. 48. Nesses termos a “mídiação” de Hoover estaria mais próximo do conceito de “comunicação” de Guareschi, para quem a “comunicação” seria “toda relação que se dá entre pessoas, tanto em nível pessoal, como social, e não apenas como ‘mídia’ (os meios de comunicação social)”. GUARESCHI, P. A. A mídia no campo religioso. In: MOREIRA, A. DA S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. DE G. (Orgs.). **A religião na mídia e a mídia na religião**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2012, p. 87–109.

²⁶⁹ HOOVER, 2012. p. 48-49.

²⁷⁰ MARTINO, Luís M. S. Mídiação da religião e Estudos Culturais: uma leitura de Stuart Hall. **Matrizes**, v. 10, n. 3, p. 143–156, 2016. Acesso em: 01 fev. 2021.

²⁷¹ HJARVARD, Stig. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, 2014, p. 21-44. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44>. Acesso em 20 jul. 2022.

²⁷² MARTINO, op. cit.

²⁷³ CUNHA, Magali do N. Os processos de mídiação das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Famecos**, v. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.1.30691>. Acesso em 20 jul. 2022.

²⁷⁴ SOUZA, Ronivaldo M. de; MIKLOS, Jorge. Por uma crítica da religião desencantada: mídiação do sagrado na sociedade de consumo. **Paulus: Revista De Comunicação Da FAPCOM**, v. 2, n. 4, 2018, p. 59–70. Disponível em: <https://doi.org/10.31657/rcp.v2i4.67>. Acesso em: 20 jul. 2022.

A presente pesquisa se difere um pouco da abordagem desses autores pela especificidade de seu objeto. A mediatização da religião nesta tese será observada desde seus primórdios. Como veremos no próximo capítulo, o vaishnavismo *gaudiya* apresentava inicialmente diversos elementos midiados para a difusão de sua religião, sobretudo, o *kirtana* – prática de glorificação das divindades através do canto e da dança. No entanto, no processo de modernização dessa tradição, as mídias, sobretudo impressas, tornaram-se um dos principais propulsores de difusão religiosa pelo mundo.

Expoentes como Bhaktivinoda, Bhaktisiddhanta e Bhaktivedanta Swami Prabhupada incluíram mídias como jornais, revistas, romances, *flyers*, pequenos documentários e até mesmo fonogramas, com o objetivo de alcançar um grande público. Esses recursos midiáticos eram a própria prática espiritual em si (o meio) e, também, a forma de alcançar novos membros em potencial, “iluminando-os” (o fim)²⁷⁵.

Um outro ponto importante é que o Movimento Hare Krishna não somente utilizou de mídias religiosas para difusão da religião, mas, também, foi utilizado pela mídia, sobretudo, entre os anos 1960 e 1980. A religião, como tema de jornal, rendeu matérias, audiência e receitas, sobretudo, quando se tratava de polêmicas. Inicialmente tratado como uma “exótica” “seita” hindu moderna que convertia “hippies” ocidentais em “krishnas”, o Movimento passou a ser representado por grandes veículos de comunicação como um grupo envolto em controvérsias e acusações de “lavagem cerebral” e desagregação familiar.

Assim, tanto a utilização das mídias pela religião, quanto os usos que as mídias fizeram do Hare Krishna, alteraram a forma como o Movimento se desenvolveu e como se percebeu (ou foi percebido) ao longo do tempo. E essa reflexividade sobre os atores sociais são fenômenos eminentemente modernos e se enquadram dentro do que podemos entender aqui como mediatização da religião.

Na sociedade moderna, a cultura, os problemas do cotidiano e as possíveis soluções para estes, necessariamente passam pela mídia e são transformados nesse processo. Boa parte das reflexões do que vem a ser o mundo, o ser humano e a vida

²⁷⁵ No próximo capítulo iremos detalhar essa discussão.

cotidiana, além das próprias práticas humanas em sociedade, perpassam pelas mídias e é justamente isso que podemos dizer que vivemos um processo de “mídiação” social.

A mídiação indica “uma nova forma de ser na sociedade em que as lógicas (cultura) das mídias atravessam e permeiam a ordem social e, juntamente com as tecnologias, mediam as formas de ser e perceber o real”²⁷⁶. A mídiação ocorre, segundo Hoover, sob dois aspectos: um que compreende processos sociais específicos desencadeados a partir da lógica das mídias; outro que representa o processo de mídiação da própria sociedade²⁷⁷.

Essa dinâmica tem causado diversas mudanças na maneira como as religiões operavam no passado. De uma maneira “tradicional”, vinculada ao espaço comunitário, da igreja, templo, comunidade ou em meio ao natural, as religiões hoje têm na mídia a forma de uma presença que lhes altera²⁷⁸.

Nesse sentido, elementos tradicionais hindus, como o da relação entre guru e discípulo – que se dava de uma maneira local e pessoal - passaram por transformações iniciadas já na época de Bhaktisiddhanta e amplificadas com Bhaktivedanta Swami quando da universalização da religião: iniciação espiritual à distância – seja por intermédio de outros agentes humanos, de telefonema ou de gravações de fitas K-7; contato regular com o guru através de suas instruções impressas em livros, cartas, aulas gravadas (*vani*), ao invés da presença física (*vapu*).

Stewart Hoover defende que o fenômeno da mídiação tem alterado a maneira como as pessoas vivem, como elas constroem a realidade do mundo social e como as representações culturais têm sido elaboradas através da (ou sendo influenciadas diretamente pela) mídia:

[...] A mídia é hoje a mais confiável fonte de informação social e cultural, configurando a agenda e o contexto de muito do que nós pensamos e sabemos acerca da realidade. A religião, que dirige a si mesma tais questões,

²⁷⁶ CUNHA, 2006, p. 45.

²⁷⁷ BRAGA apud CUNHA, ibidem, p. 51.

²⁷⁸ MOREIRA, A. da S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. de G. Apresentação. In: MOREIRA; LEMOS; QUADRO (Orgs.). **A religião na mídia e a mídia na Religião**. Curitiba: Gráfica e Editora América, 2012. p. 7.

consequentemente passa a ser expressa e vivenciada diferentemente hoje²⁷⁹.

Devido a esse processo, mídia e religião tem convergido de uma maneira tão intensa que se torna difícil distinguir suas fronteiras: “Ambas ocupam os mesmos espaços, servem a muitos objetivos semelhantes e reforçam as mesmas práticas na modernidade tardia. Hoje, talvez seja melhor pensar nelas como elementos relacionados do que separados”²⁸⁰.

Dessa forma, “as mídias não apenas cobrem ou transmitem religião ou ideias religiosas; na verdade, elas ajudam a dar forma à religião contemporânea”²⁸¹. Nesse processo, que tem sido chamado de “convergência entre mídia e religião”, “tanto as instituições religiosas utilizam vários formatos de mídia para apresentar a fé, como a mídia secular coopta as ideias religiosas para gerar a audiências e receitas”²⁸².

Segundo Hoover, as mídias começaram a ser utilizadas mais intensamente pelo mercado religioso no século XVIII, no contexto americano²⁸³. No caso indiano (bem como na América Latina), foi no século XIX que esse processo começou a criar forma e, ao longo do século XX, uma grande variedade de recursos midiáticos passou a integrar indissociavelmente as religiões na prática²⁸⁴.

As mídias não são somente mais um recurso utilizado pelas religiões para alcançar seus objetivos e seu público. Com o processo de midiatização da sociedade, as mídias se tornaram parte constitutiva das religiões na modernidade, nas suas práticas, doutrinas e, até mesmo, nas suas crenças.

Na presente tese, o foco do estudo se dará na maneira como as mídias impressas integraram o processo de difusão do Movimento Hare Krishna, tanto através dos livros, revistas e jornais da ISKCON, quanto, através da maneira como os

²⁷⁹ “[...] *the media are today the most credible sources of social and cultural information, setting the agenda and the context for much of what we think and know about reality. Religion, which addresses itself to such questions, must be expressed and experienced differently today as a result*”. HOOVER, Stewart. **Religion in the media age**. New York: Routledge, 2006, p. 9.

²⁸⁰ “*They occupy the same spaces, serve many of the same purposes, and invigorate the same practices in late modernity. Today, it is probably better to think of them as related than to think of them separate*”. Ibidem, p. 9.

²⁸¹ HOOVER, 2016, p. 38,

²⁸² EINSTEIN, 2012, p. 14.

²⁸³ HOOVER, 2006, p. 61.

²⁸⁴ Veremos mais sobre isso no próximo capítulo.

jornais impressos de grande circulação representaram os religiosos e suas práticas no Brasil.

Assim, veremos como a midiatização da tradição *vaishnava gaudiya*, entre os séculos XIX e XX, através da inserção de jornais e revistas religiosas como meio de difusão da religião, alterou as práticas e crenças religiosas, culminando com a instituição de uma estrutura de produção e distribuição/venda de livros que marcou a história da ISKCON no mundo. Nas próximas páginas, veremos como o vaishnavismo *gaudiya* intensificou o uso de mídias ao longo de seu processo de modernização.

Ao analisar a importância das mídias religiosas para os Hare Krishna, iremos procurar ver como a mídia se integrou na vida cotidiana dos seus membros, mais do que ver seus efeitos nela²⁸⁵. De uma forma ou de outra, a religião sempre foi mediada, mas, como diria Magali Cunha, ela “cada vez mais depende em menor ou maior grau das mídias”²⁸⁶.

No próximo capítulo, faremos uma “genealogia do *sankirtana*” para percebermos como se deu o processo de midiatização do vaishnavismo *gaudiya* e como isso alterou as práticas e crenças da tradição.

²⁸⁵ Como propõe Hoover: “*It wants to propose that the important questions may be in the realm of meaning-making rather than the ‘impact’ of media on behavior. There is also a more fundamental, and interesting, contrast in that what I am developing here – a view that sees media in terms of their integration into daily life rather than in terms of their effects on it.*” HOOVER, 2006, p. 40-41.

²⁸⁶ CUNHA, M. do N. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. In: BELLOTTI, K. K.; CUNHA, M. do N. (Orgs.). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Prismas, 2016, p. 52.

3 DO CANTO AOS LIVROS: A GENEALOGIA DO SANKIRTANA E A MIDIATIZAÇÃO DE UMA PRÁTICA

Bhaktivedanta Swami Prabhupada e os membros da Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON) consideram-se como herdeiros e continuadores do “movimento de *sankirtana*” criado por Chaitanya no século XVI. Se naquele momento, o *sankirtana* se referia, basicamente, ao ato de cantar mantras em glorificação à Krishna de forma coletiva e pública, acompanhado de instrumentos e melodias, na ISKCON, passou a se referir também e, sobretudo, à prática da “distribuição de livros”. Um manual de distribuição de livros da instituição defende:

Não se pode separar o *sankirtana*, ou canto congregacional, da pregação, como mostram o Senhor Chaitanya e Seus seguidores. Pregador quer dizer ocupar outros no *sankirtana-yajna* [o sacrifício do *sankirtana*] de ouvir e cantar o santo nome ou prestar serviço (consciente ou inconscientemente). O meio mais eficaz de difundir o *yuga dharma* [o dever religioso prescrito para a era] é a distribuição de livros²⁸⁷.

Em diversos momentos em suas palestras, livros e cartas, Prabhupada orientava seus seguidores de que os “os livros são a base” do Movimento Hare Krishna: “Os livros são a pedra fundamental de nosso movimento. Tudo o que somos repousa nestes livros. Lê-los e distribuí-los – este deve ser nosso único lema”²⁸⁸. E, também, que a distribuição de livros é a melhor forma de *kirtana* (glorificação à divindade): “Então, para um *kirtana* mais amplo, distribuição de livros é melhor. A distribuição de livros também é *kirtana*”²⁸⁹.

Dessa forma, um membro da ISKCON que distribui livros com regularidade acredita estar desenvolvendo uma prática que o conecta à Prabhupada, à sua missão e, mesmo, à continuidade de uma profecia iniciada na Índia do século XVI. Como veremos adiante, a disseminação dos livros é entendida pelos *hare krishna* enquanto a concretização de profecias sobre a difusão da religião por todo o mundo. E, assim

²⁸⁷ DASA, Atma Tattva. **O néctar da distribuição de livros**: declarações de Srila Prabhupada e seus seguidores sobre a filosofia e prática da distribuição de livros. Brhat Mrdanga, 1997, p. 10.

²⁸⁸ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 40.

²⁸⁹ Ibidem, p. 10.

sendo, o *sankirtana* como atividade que propicia essa difusão é tida por seus praticantes como a “essência” do Movimento Hare Krishna.

A transformação ocorrida na prática do *sankirtana* se deu, como veremos, devido ao processo de midiaticização de uma religião que, ao tentar se manter viva no contexto do século XIX e início do século XX indiano, encontrou nas mídias, sobretudo impressas, o grande meio de seu fortalecimento.

No capítulo seguinte, veremos como os devotos pioneiros do Movimento Hare Krishna no Brasil mergulharam em uma rotina exaustiva de distribuição de livros, fazendo da prática uma das características mais marcantes da religião no país. Mas, antes de entrarmos nessa seara, considero importante realizar, no presente capítulo, uma reflexão mais pormenorizada sobre o que é exatamente a prática do *sankirtana*, tão cara ao Movimento Hare Krishna. Este capítulo irá buscar perceber como a “religião do canto” se transformou na “religião da distribuição de livros” e isso nos levará a entender o que fez com que tantos jovens Hare Krishna a se dedicassem integralmente à esta prática.

Para alcançar esse objetivo, como o título do capítulo indica, iremos realizar uma “genealogia” da prática do *sankirtana*. A genealogia é um conceito utilizado por Michel Foucault para indicar a busca por uma historiografia que não essencialize a história. Ressignificando um termo que foi originalmente tratado pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche, Foucault entende que a genealogia visa “marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los onde menos se esperava e naquilo que é tido como não possuindo história”²⁹⁰. Para o autor, a genealogia serve para definir um processo que se diferencia daquilo que ele chama de busca das “origens” na historiografia: a pesquisa pela “origem” busca a “essência” do objeto; mas a “genealogia” busca a crítica dessa essência²⁹¹.

Assim, nas páginas que se seguem, iremos observar criticamente as diversas mudanças que o *sankirtana* sofreu ao longo dos anos afim de “des-essencializar” a prática e analisá-la em sua historicidade. Ao contrário de tentar buscar uma origem para o que se entende por *sankirtana* hoje, irei apontar justamente a diferença,

²⁹⁰ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 55.

²⁹¹ Ibidem, p. 58-59.

evidenciando que a mediação do vaishnavismo *gaudiya* transformou completamente a prática do *sankirtana*. Este não foi um processo natural, mas, uma construção histórica.

No primeiro tópico veremos algumas definições do conceito e como a prática do *sankirtana* era executada nos primeiros anos de vaishnavismo *gaudiya*. No tópico seguinte, veremos como o processo de modernização da Índia iniciado com a colonização britânica causou uma reinvenção da religião e de suas práticas. Em um terceiro momento, vamos observar as contribuições do fundador da ISKCON para a transformação e difusão do *sankirtana*. Nos dois últimos tópicos, procuro entender como a prática é entendida pelos seus praticantes e como ela se deu nos anos que se seguiram após a morte de Bhaktivedanta Swami.

3.1 O SANKIRTANA COMO PRÁTICA FUNDANTE DO VAISHNAVISMO GAUDIYA

Chaitanya (1486-1533) é tido pelos estudiosos do vaishnavismo *gaudiya* como um líder religioso “carismático”²⁹² que, com suas práticas devocionais, abriu precedentes para transformações sociais e religiosas na Índia, sobretudo na Bengala²⁹³.

Como introduzimos no capítulo anterior, a teologia defendida por Chaitanya estava centralizada na prática do *kirtana*. Gostaríamos agora de apontar algumas definições sobre essa prática e conceito. Em primeiro lugar, uma tradução mais literal do termo sânscrito, segundo o dicionário Monier-Williams, remete ao ato de “mencionar, repetir, dizer, contar”²⁹⁴. No entanto, a palavra já era utilizada desde a antiguidade indiana para descrever as práticas de grupos de recitadores de hinos ou

²⁹² Cf. BRZEZINSKI, Jan. Charismatic renewal and institutionalization in the history of gaudiya vaishnavism and the Gaudiya Math. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004, p. 73-96.

²⁹³ BHATIA, V. **Unforgetting Chaitanya**: vaishnavism and cultures of devotion in colonial Bengal. New York: Oxford University Press, 2017, p. 6. Nesse livro, o autor aponta que a figura de Chaitanya seria resgatada no século XIX como um “reformador” e como símbolo da grandiosidade bengali em contraposição à situação de submissão colonial a qual se encontrava.

²⁹⁴ MONIER WILLIAM. **Kirtana**. Sanskrit-English Dictionary. Oxford University Press, 1899, p. 285. Disponível em: http://www.ibiblio.org/sripedia/ebooks/mw/0300/mw_0318.html. Acesso em: 19 mar. 2021.

contadores de história²⁹⁵. A Enciclopédia Britânica dá uma definição mais aproximada do contexto que a palavra tem hoje, definindo *kirtana* como:

[...] Uma forma de adoração ritual ou devoção coletiva praticada pelas seitas *vaishnava* (seguidores do deus Vishnu) da Bengala. *Kirtana* usualmente consiste em um verso cantado por um solista e depois repetido por um coro e com o acompanhamento de instrumentos percussivos. Às vezes, o canto dá lugar a recitação de poemas religiosos, a repetição dos nomes de Deus (*nama-kirtana*) ou a dança. Frequentemente, as letras dos *kirtana* descrevem a relação entre a alma humana e Deus em termos do amor do divino pastor Krishna e sua amante Radha. Uma noite de *kirtana* pode durar por várias horas, geralmente proporcionando a seus participantes um estado de exaltação religiosa. *Kirtana* como uma forma de adoração foi popularizada entre os séculos XV e XVI pelo místico bengali CHaitanya, que constantemente empenhava-se por uma experiência emocional mais direta com Deus²⁹⁶.

A prática do *kirtana* está diretamente ligada ao desenvolvimento de *bhakti* (devoção) entre o ser individual e a divindade adorada. No vaishnavismo bengali, a manifestação da devoção se dá, sobretudo, através da performance do *kirtana*. A prática não surgiu na Bengala do período de Chaitanya. Como já apontamos, o vaishnavismo *gaudiya* sofreu influência do vaishnavismo tâmil do período medieval e de poetas como Jayadeva (século XII), que escreveu o famoso *Gitagovinda*, um cântico de glorificação ao amor de Krishna e Radha. No período de Chaitanya, o *kirtana* “já era um gênero de performance devocional bem desenvolvido na Bengala, com regras estabelecidas quanto a forma e a música”, incluindo o desenvolvimento de “subgêneros”²⁹⁷.

O *kirtana* não é uma prática exclusivamente bengali e esteve presente nos períodos medieval e moderno, tanto no Sul, quanto no Norte da Índia. No entanto, na Bengala, a prática adquiriu características peculiares. Os instrumentos utilizados

²⁹⁵ BROWN, Sara Black. Krishna, Christians, and Colors: The Socially Binding Influence of Kirtan Singing at a Utah Hare Krishna Festival. *Ethnomusicology*, v. 58, n. 3, 2014, p. 454–480. Disponível em: www.jstor.org/stable/10.5406/ethnomusicology.58.3.0454. Acesso em: 19 mar. 2021.

²⁹⁶ “[...] form of musical worship or group devotion practiced by the vaishnava sects (followers of the god Vishnu) of Bengal. Kirtana usually consists of a verse sung by a soloist and then repeated by a chorus, to the accompaniment of percussion instruments. Sometimes the singing gives way to the recitation of a religious poem, the repetition of God’s name (*nama-kirtana*), or dancing. Frequently the kirtana songs describe the relationship between the human soul and God in terms of the love of the divine cowherder Krishna and his favourite, Radha. An evening of kirtana may last for several hours, often bringing about in the participants a state of religious exaltation. Kirtana as a form of worship was popularized by the 15th–16th-century Bengal mystic Chaitanya, who continually strove for more direct emotional experience of God”. BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. *Kirtana*. Encyclopedia Britannica, 13 out. 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/kirtana>. Acesso em: 17 mar. 2021, tradução minha.

²⁹⁷ BHATIA, 2007, p. 77.

tradicionalmente nos *kirtana* bengalis eram o *khol* (ou *mrdanga*) e os *kartal*²⁹⁸. E a forma de execução da performance não se dava sentado ao chão dentro de um templo ou casa (como era mais comum em outros lugares), mas de pé, por um grupo de aproximadamente cinco pessoas, em local aberto, embaixo de uma árvore ou pátio de um espaço religioso²⁹⁹.

É atribuído ao próprio Chaitanya duas contribuições importantes para a performance do *kirtana*: ele democratizou a prática por torná-la aberta a todos, independente da casta; e por introduzir novas formas de *kirtana*, conhecidas como *nagar-kirtana* e *nama-kirtana*³⁰⁰. Sobre isso, Bhatia descreve:

Nessas formas, *kirtana* consiste não em cantar versos líricos sobre os jogos amorosos de Krishna e Radha, mas em cantar alto e repetitivamente os nomes das divindades, acompanhado de dança, pelas ruas. Esta forma de *kirtana* é performada coletivamente, em grandes grupos, na esfera pública, ao contrário de antes, quando o *kirtana* era liderado por um cantor e seus acompanhantes em frente a uma audiência que aderira ao canto somente no refrão. Isso introduziu uma ruptura radical na tradição das performances de *kirtana*. E pela primeira vez inseriu essa forma de prática devocional na esfera pública³⁰¹.

As principais hagiografias de Chaitanya³⁰² descrevem, a todo momento, como ele e seus associados entravam em estados de êxtase inconcebíveis durante as execuções de *kirtana*: pular e dançar freneticamente, cantar muito alto, gritar pelo nome da divindade, rolar pelo chão ou, mesmo, desmaios, eram tidos como elementos

²⁹⁸ O *khol* ou *mrdanga* é um tambor bengali que possui um corpo tradicionalmente feito em barro e possui duas extremidades percussivas. Seu som é utilizado para embalar o ritmo e dança durante o *kirtana*. Veremos no próximo tópico como esse instrumento foi metaforicamente transformado em imprensa, no processo de difusão do *sankirtana*. Os *kartal* (ou *karatala*) são címbalos de mão usados para acompanhar o *khol* e o canto durante o *kirtana*. Ambos instrumentos foram popularizados no mundo através da difusão do Movimento Hare Krishna, no século XX.

²⁹⁹ Ibidem, p. 78.

³⁰⁰ Ibidem, p. 78-79.

³⁰¹ “In this form, kirtan consisted not of singing lyrical verses on the love- play of Radha and Krishna, but of repetitively and loudly singing the name of Krishna accompanied with dancing through the streets. This style of kirtan was performed collectively, in large groups, in the public sphere, unlike previously when kirtan would be performed by a lead singer and his accomplices in front of an audience that joined in only at the refrain. This introduced a radical break in the tradition of kirtan performance. It at once inserted this form of devotional performance into the public sphere”. Ibidem, p. 79.

³⁰² Aqui nos referimos à: *Chaitanya Charitamrita* de Krishna Dasa Kaviraj (provavelmente escrita no início do século XVII), e o *Chaitanya Bhagavata* de Vrindavana Dasa Thakur (provavelmente do século XVI).

do êxtase derivado da prática do *kirtana* e são considerados pela tradição como sintomas de *prema-bhakti*, um estado de devoção amorosa (ou devoção pura) do devoto pela divindade. As descrições de como aconteceriam as performances de *kirtana* são acompanhadas de explicações teológicas metafísicas e místicas.

Krishna Dasa Kaviraj coloca na boca do próprio Krishna, a sua justificativa divina para encarnar como Chaitanya: “Eu vou inaugurar pessoalmente a religião da era [yuga-dharma] - *nama-sankirtana*, o canto congregacional do santo nome. Vou fazer o mundo dançar em êxtase, experimentando as quatro doçuras de *bhakti*” [devoção]³⁰³. Alguns versos mais à frente, o autor conclui: “A prática religiosa para a Era de Kali [a era atual] é a propagação das glórias do santo nome [*namera prachara*]. Foi apenas com este propósito que o Senhor, em uma cor amarelada, descendeu como o Senhor Chaitanya”³⁰⁴.

O *Chaitanya Bhagavata* descreve a instrução deixada por Chaitanya aos seus seguidores:

O Senhor Chaitanya disse: “Dou-lhes este *maha-mantra* [grande mantra]: *Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare. Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare*. Vão e cantem com entusiasmo sincero. Por cantar este *mantra*, vocês recebem todas as perfeições da vida, então, cantem sem cessar, pois não há regras nem regulações para cantar este *maha-mantra*”³⁰⁵.

Ao levar uma prática religiosa que era executada na esfera privada, para a esfera pública, com performances que visavam o engajamento sem consideração de casta - ao invés da confidencialidade e exclusividade característica das práticas

³⁰³ “I shall personally inaugurate the religion of the age (yuga-dharma) — *nama-sankirtana*, the congregational chanting of the holy name. I shall make the world dance in ecstasy, realizing the four mellows of loving devotional service [bhakti]”. A palavra “*bhakti*” é geralmente traduzida por Prabhupada como “serviço devocional amoroso”. Mas, de forma geral e literal, ela remete simplesmente à “devoção”. Como já apontamos no capítulo anterior, o termo “*dharma*” é de tradução complexa e se aproxima mais de “dever sociorreligioso” do que simplesmente “religião”. KAVIRAJ, Krishna Dasa. **Sri Chaitanya Caritamrta**. Adi Lila, 3.19. Com tradução e comentários de Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Disponível em: <https://vedabase.io/en/library/cc/adi/3/19/>. Acesso em: 19 mar. 2021, tradução minha.

³⁰⁴ “The religious practice for the Age of Kali is to broadcast the glories of the holy name. Only for this purpose has the Lord, in a yellow color, descended as Lord Chaitanya”. Ibidem, 3.40. Disponível em: <https://vedabase.io/en/library/cc/adi/3/40/>. Acesso em: 19. Mar. 2021, tradução minha. A palavra bengali “*prachara*”, traduzida por Prabhupada como “*broadcast*” (difusão, propagação) é indicativa de como ele traduzia o Chaitanismo utilizando de termos modernos e identificando a palavra com uma palavra geralmente utilizada para se referir a propagação de mídias, como o rádio. E seus discípulos do Movimento Hare Krishna também seguiram a mesma lógica, como mostra um manual de *sankirtana* da ISKCON: “Chaitanya Mahaprabhu introduziu o cantar de *Hare Krishna* [...] como um esplêndido meio de **propaganda** para espalhar o amor a Deus”. DASA, A. T., 1997, p. 8, grifo meu.

³⁰⁵ THAKURA, V. D. **Sri Chaitanya Bhagavata**. Madhya Kanda, 23.76-77. Brasília: Associação BBT Brasil, 2010.

bramânicas - as performances de *kirtana* de Chaitanya e seus seguidores assumiram o caráter de um movimento que se iniciou na cidade de Nabadwip e se espalhou por várias cidades da província da Bengala - e para fora dela nas décadas seguintes. E para indicar tanto a prática pública do *kirtana* em conjunto, quanto o próprio movimento que difundia essa prática, o termo usado pela tradição *gaudiya* foi “*sankirtana*”.

A palavra *sankirtana* designa um *kirtana* “completo” (“*sam*”). Uma enciclopédia concisa de termos do hinduísmo dá uma definição contextualizada:

Canto congregacional de hinos, especialmente entre os *vaishnava gaudiya*, geralmente acompanhado por címbalos e tambores, e também de dança. *Nagara sankirtana*, popularizado por Chaitanya é o cantar e dançar público nas ruas das cidades³⁰⁶.

Acredita-se que Chaitanya tenha falecido em 1533 e que, depois disso, os seus principais seguidores deram continuidade, tanto à prática do *sankirtana*, quanto à difusão do próprio movimento criado por ele, sobretudo em três regiões: nas cercanias da cidade de Nabadwip, onde tudo começou; em Vrndavana (ou Brindaban), local mais sagrado para o vaishnavismo em geral; e na cidade-templo de Puri, em Orissa. Para Vrindavana, segundo conta o *Charitamrita*, Chaitanya teria enviado seis de seus principais discípulos, dando a eles nomes espirituais e o título de *goswami*. Os “seis *goswami* de Vrndavana”, como ficaram conhecidos, foram os responsáveis por esculpir o corpus literário que embasaria toda a teologia *vaishnava gaudiya*.

Apesar de possuir diversas hagiografias, o próprio Chaitanya não deixou escritos. Muito do que se passou a entender como sendo “sua” teologia, na verdade, foi desenvolvida pelos *goswami* ou pelos autores de suas hagiografias. E essa transformação de uma religião popular em uma religião com rigor escritural trouxe contribuições significativas para a tradição. A prática do *kirtana* seria sistematizada e colocada sob a forma de texto. Rupa Goswami, em uma de suas obras mais conhecidas, o *Bhakti Rasmrta Sindhu*, descreve *kirtana* como “cantar narrativas de glorificação”. Aliada à prática de *shravana* (“ouvir” o canto ou as narrativas), essas

³⁰⁶ “Congregational singing of hymns, especially among *gaudiya vaishnava*, usually accompanied by cymbals and drums, often also by dancing. *Nagara sankirtana*, popularized by Chaitanya, is public singing and dancing on the streets of towns”. KLOSTERMAIER, K. K. **Samkirtana**. A concise encyclopedia of Hinduism. Oxford, UK: One World, 2003, p. 162. A palavra “*nagara*” é indicativo de “lugar” ou “cidade”. Assim, o “*nagara sankirtana*” indica uma prática de *kirtana* em conjunto (“*sam*”) e pública (“*nagara*”).

seriam duas das principais práticas para se atingir o estágio devocional mais puro (*uttama-bhakti*)³⁰⁷.

Rupa também apontou as diversas práticas que envolvem o canto na sua sistematização dos sessenta e quatro princípios disciplinares (*vaidhi-sadhana-bhakti*) que preparam o praticante para experienciar a devoção espontânea pela divindade, entre eles: cantar (*gitam*); cantar congregacionalmente (*sankirtanam*); repetir suavemente os mantras em glorificação à divindade com o auxílio de um colar de contas (*japa*); recitar hinos glorificando a divindade (*sthava-patha*); e até marcar o corpo com as sílabas dos nomes da divindade (*harer namaskarasya*), utilizando o barro de locais sagrados (*tilaka*)³⁰⁸.

O cantar de mantras - seja em voz alta ou introspectivamente, de forma congregacional ou individual, com instrumentos musicais ou com o auxílio de um colar de contas (*japa-mala*) - é uma prática que atravessa todas as demais na literatura *vaishnava gaudiya*. Ele deve estar presente na prática espiritual diária dos devotos (*sadhana*), nos diversos rituais, como a *puja* (oferta de itens às deidades ou santos) e, também, nos diversos *samskara* (sacramentos), como a iniciação espiritual, casamento e outros. A própria concepção do que é um mantra – um elemento presente desde os primórdios do hinduísmo – é vista pelos *gaudiya* a partir de sua ação: o mantra deve ser entoado/cantado, com o objetivo de invocar, clamar, adorar ou glorificar a divindade.

A literatura produzida pelos *goswami* é entendida pela tradição como *kirtana*, no sentido de glorificação à Krishna. A prática do *sankirtana* difundida por Chaitanya foi pensada, estudada e sistematizada detalhadamente pelos *goswami* que criaram uma extensa obra literária para a embasar filosófica e teologicamente os ensinamentos de Chaitanya e sua teologia do cantar.

Nos séculos XVII e XVIII, os raríssimos exemplares dos escritos dos *goswami* foram protegidos por patronos que mantiveram as cópias protegidas em templos e sedes onde se reuniam as congregações de devotos. Esses patronos também ficaram sendo conhecidos como *goswami* e constituíram uma forma de autoridade religiosa

³⁰⁷ VALERA, 2015, p. 142.

³⁰⁸ Ibidem, 168-175.

na tradição por serem considerados como mantenedores da tradição³⁰⁹. Esse cenário seria alterado pelo processo de modernização da Índia, iniciado com a presença britânica na região, ainda no século XVIII.

3.2 A MODERNIZAÇÃO VAISHNAVA GAUDIYA NA ÍNDIA BRITÂNICA

A história da modernização do vaishnavismo *gaudiya* está diretamente relacionada com a história da colonização britânica no sudeste asiático, sobretudo, na região da Bengala. Desde o século XVI, a região era controlada pelos membros do Império Mughal e, devido ao crescente interesse comercial e a ação militar do Império Britânico na região, os líderes *mughal* tiveram que renunciar ao controle político dessa e de diversas outras regiões do subcontinente indiano ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Para manter seus interesses comerciais ativos, a Companhia Britânica das Índias Orientais (British East India Company), estabelecida em Calcutá desde 1691, realizou manobras militares contra franceses, holandeses e membros das dinastias *mughal*, com o apoio de soldados indianos (os sipaios). Em 1763, os britânicos finalmente venceram os conflitos com os franceses pela disputa do monopólio comercial na região e, daí em diante, incentivaram a formação de uma pequena elite administrativa de hindus de castas mais altas, compostas de proprietários de terra, agentes administrativos e intelectuais, conhecidos como os *bhadraloka*³¹⁰.

Os *bhadraloka*, enquanto grupo social privilegiado, tiveram um papel fundamental na vida pública indiana ao longo do século XIX e contribuíram diretamente, tanto para o funcionamento da estrutura burocrática da Companhia das Índias, quanto para a administração do Raj britânico, iniciado em 1858 quando a Índia foi anexada à Coroa britânica, tornando-se parte integrante do Império.

³⁰⁹ Cf. BHATIA, 2007.

³¹⁰ *Bhadraloka* ou *bhadralok* significa literalmente “pessoas respeitáveis”. O termo indica pessoas que eram vistas com distinção social, não somente por conta de suas castas, mas pelo nível de formação educacional que possuíam. O termo indica uma nova classe média formada a partir da dominação britânica na região. SARDELLA, F. **Modern hindu personalism: the history, life and thought of Bhaktisiddhanta Sarasvati**. New York: Oxford University Press, 2013, p. 17.

Calcutá, a principal cidade da província da Bengala, tornou-se a sede das ações da Companhia das Índias e, posteriormente, do governo britânico na Índia, devido à importância estratégica (comercial e militar) que a cidade possuía para o controle da entrada e saída no subcontinente. A cidade foi a capital do Raj britânico até o ano de 1912, quando passou para a cidade de Nova Delhi, cidade que continuou sendo a capital da Índia após sua independência, em 1947.

Os *bhadraloka* eram membros de uma classe média formada a partir do contato com a administração britânica. Boa parte deles havia estudado em escolas britânicas, estavam familiarizados com o inglês, com a cultura ocidental e cristã. Desde o final do século XVIII, diversas missões cristãs, partindo da metrópole, instalaram-se na Índia, sobretudo em Calcutá, fundando escolas, igrejas e hospitais. As escolas britânicas acabaram por atrair uma elite de bengalis hindus interessada em iniciar ou ampliar suas relações com o Raj. Assim, os *bhadraloka* formavam uma elite hindu “ocidentalizada” na Calcutá do século XIX e ela foi fundamental para a construção de uma revitalização do hinduísmo (especialmente do vaishnavismo *gaudiya*), da formação de um sentimento regionalista bengali e, também, do nacionalismo hindu³¹¹.

A formação dessa classe média de hindus ocidentalizados foi um produto do próprio processo colonizador que incluiu:

[...] Décadas de engajamento com missionários cristãos, da promoção do ensino nos moldes ocidentais e de uma série de ideologias que informavam a administração colonial em seus esforços para disciplinar, definir e governar as populações nativas³¹².

Já apontamos no capítulo anterior, como os *bhadraloka* promoveram diversas reformas que modernizaram o vaishnavismo *gaudiya* na Bengala, como a constituição de sociedades e institutos à semelhança dos modelos ocidentais na Índia. Instituições como Asiatic Society of Calcutta (fundada pelo orientalista William Jones em 1774), ou as missões cristãs na Índia, como a Church Missionary Society for Africa and East e a Baptist Missionary Society, inspiraram a formação de sociedades de intelectuais na Índia que debatiam assuntos sobre política, religião, filosofia e ciência. Bengalis

³¹¹ BHATIA, 2017.

³¹² Ibidem, p. 7.

como Ram Mohan Roy que fundou a Brahmo Samaj, acabaram por impulsionar um “revivalismo hindu” e a modernização das religiões e instituições religiosas na Índia.

Dito isso, podemos nos voltar para uma reflexão importante para a discussão deste capítulo. O processo de modernização do vaishnavismo *gaudiya* (e da prática do *sankirtana*) se deu através da ação diversos *bhadraloka* que, envoltos nessa cultura da Bengala do século XIX e início do século XX, promoveram uma transformação da religião através do uso intensivo de mídias.

Kedarnath Datta - mais conhecido como Bhaktivinoda Thakura (1840-1911) – é frequentemente apontado como exemplo típico da cultura *bhadraloka* bengali³¹³. Filho de uma casta alta da região da Bengala que possuía terras, Bhaktivinoda recebeu educação britânica já em sua infância. Ao longo dos seus estudos, escolares e universitários, o jovem, fluente em inglês, escreveu e publicou poemas, contos e artigos jornalísticos em inglês, além de frequentar e palestrar em reuniões de intelectuais que discutiam tópicos como filosofia e literatura ocidental e hindu, cristianismo, islamismo e hinduísmo³¹⁴.

Apesar de fazer parte de uma família tradicionalmente hindu, Bhaktivinoda não seria um entusiasta da religiosidade hindu devido ao ceticismo com que as escolas britânicas na Índia tratavam os textos e as religiões locais. Alguns anos mais tarde, próximo à década de 1860, ele teria se voltado à literatura *vaishnava* bengali que, a esta altura, estava recebendo um renovado interesse por parte da intelectualidade *bhadraloka*³¹⁵.

Varuni Bhatia aponta que uma série de intelectuais *bhadraloka* acabaram por recorrer ao vaishnavismo *gaudiya* na busca de uma identidade bengali e hindu que se contrapusesse aos valores, à religião e à identidade de uma Índia submetida ao poder e ao discurso de superioridade britânico. Um intelectual bengali lançava nas páginas

³¹³ Cf. SILVEIRA (2008); BHATIA, 2007; SARDELLA, 2013.

³¹⁴ Segundo a biografia oficial da ISKCON sobre Bhaktivinoda, o tio dele era poeta, jornalista e editor de um jornal hindu publicado em inglês, o *Hindu Intelligencer* que passou a publicar textos do jovem Kedarnath ainda adolescente. DASA, R. V., 2003, p. 43-44.

³¹⁵ Silveira (2008) comenta como a Brahmo Samaj passou a ser palco de disputas de narrativas sobre que tipo de religião deveria representar um hinduísmo no mundo moderno. Enquanto que os partidários do fundador Ram Mohan Roy defendiam o Advaita Vedanta de Shankara como mais representativo do universalismo pretendido pela Samaj, alguns outros intelectuais como Keshab Sen buscaram no vaishnavismo bengali de Chaitanya a chave para uma reforma social e religiosa da Índia.

de um jornal local um apelo aos seus compatriotas: “Nosso Gauranga [Chaitanya]... costumava usar um *dhuti* [roupa tradicional], comer arroz e *mochar ghanta*... e falar bengali como nós; iremos nós bengalis nos recusarmos em reconhecer este Gauranga?”³¹⁶.

A formação de uma classe versada na língua e cultura ocidental na Índia, ao mesmo tempo que possibilitou uma administração mais eficiente na colonização da Índia, por outro lado, também permitiu que uma elite local passasse a questionar o discurso colonizador com os recursos linguísticos e tecnológicos do próprio processo de colonização. Assim, após estarem familiarizados com a cultura ocidental e cristã, diversos intelectuais bengalis passaram a olhar para a sua própria história e cultura e a formatar uma nova identidade bengali e hindu que pudesse dialogar com o mundo globalizado da Era Vitoriana.

Romesh Chunder Dutt (1848-1909), por exemplo, formou-se em Direito na Inglaterra e, ao retornar, passou a ensinar história da Índia. Ele escreveu o primeiro trabalho de história da literatura bengali em inglês, em 1877, dando evidência aos textos bengalis e seus autores, ajudando a criar um cânone literário bengali. O autor deu grande importância aos textos hagiográficos bengalis sobre Chaitanya e apontou o movimento impulsionado por ele como uma “revolução social” e um “grande despertar nacional”, mais interessante do que um hinduísmo “moribundo e ritualístico”³¹⁷.

Assim, na segunda metade do século XIX, passou a existir um grande interesse da elite hindu letrada e ocidentalizada, pela história, cultura e religião da Bengala. Bhaktivinoda teria comentado em sua autobiografia: “Comecei a procurar, mas não pude encontrar uma cópia do [Chaitanya] *Charitamrta*. Tinha fé que por ler

³¹⁶ “Our Gauranga... used to wear a dhuti, eat rice and mochar ghanta... and speak Bengali like us; will we Bengalis refuse to recognize this Gauranga?” RAYCHAUDHURI apud BHATIA, 2007, p. 15, tradução minha. O autor também comenta como os *bhadraloka* conseguiram criar uma imagem de Chaitanya que simulava uma autoimagem deles mesmos, um Chaitanya que era um produto da apropriação de classe média de aspectos chave da memória cultural de uma região. Ibidem, p. 11.

³¹⁷ Ibidem, p. 101-104. Essa visão negativa sobre as antigas práticas rituais, focadas na figura do brâmane, também eram recorrentes no discurso *bhadraloka*, segundo o autor.

este livro alcançaria felicidade, mas naquela época não se imprimiam livros *vaishnava*”³¹⁸.

Um detalhe importante sobre essa ausência da qual se lamentava Bhaktivinoda é que os textos, na Bengala pré-moderna e boa parte do período moderno, eram escritos tradicionalmente em folhas de palmeira, conhecidos como *punthis*. A maioria da literatura do vaishnavismo *gaudiya* entre os séculos XVI e XVIII, por exemplo, foi escrita e difundida dessa forma. Para se adquirir um exemplar dos textos, era necessário elaborar uma cópia transcrita, assim como na Europa medieval. Esse era um processo bastante custoso e restrito e as poucas cópias de textos sagrados, por exemplo, eram guardadas sobre a proteção de templos, sacerdotes ou patronos da religião (os *goswami*). Assim, naquele período, o vaishnavismo se difundiu na Bengala (e para além dela), através do canto e da adoração ritual nos templos, mais do que através da sua rica literatura³¹⁹.

Devido ao novo interesse na literatura bengali entre os *bhadraloka* na segunda metade do século XIX, alguns intelectuais, instituições e editoras voltaram suas atenções para a publicação de livros utilizando os métodos tipográficos modernos. Diversos textos *vaishnava* foram publicados no formato moderno de livro e missões de coleta e salvaguarda de *punthis* foram organizadas por esses grupos interessados no resgate de um passado que, em seu entendimento, evocaria a “identidade religiosa” de um povo³²⁰.

A difusão de literatura bengali, tanto em língua vernácula, quanto em inglês, fez crescer novamente um interesse pelo vaishnavismo *gaudiya* e impulsionou a formação de sociedades (*samaj*), *matha*, editoras e jornais especializados na discussão de tópicos relacionados à religião. Shishir Kumar Ghosh (1840-1911) foi um jornalista que fundou uma editora, um jornal publicado em bengali (*Amrita Bazar Patrika*), em 1868, e em 1875 fundou a Indian League com o mesmo objetivo do seu jornal: formatar uma consciência nacionalista entre os indianos com uma concepção anticolonial. Em 1891, Ghosh, assim como outros intelectuais bengalis, estava

³¹⁸ THAKUR, B., apud DASA, R. V., 2003, p. 53. O *Chaitanya-Charitamrta* é aceito pela tradição como a principal hagiografia de Chaitanya.

³¹⁹ Nesse sentido, nos termos discutidos no capítulo anterior, a religião *vaishnava gaudiya* seria difundida, basicamente, através da “mediação”. A partir do século XIX, a midiatização também passou a ser um fator de difusão religiosa, como veremos.

³²⁰ BHATIA, 2007, p. 106.

convicto de que a causa do nacionalismo indiano ganharia muito se os bengalis se voltassem para uma religião que representasse a “grandeza” da história e cultura de seu povo. E assim, ele também fundou o jornal *Shri Bishnupriya Patrika* voltado para a promoção do vaishnavismo *gaudiya* e das atividades da sociedade que ele formou no mesmo período e com as mesmas intenções do jornal, chamada Gauranga Samaj (Sociedade de Chaitanya)³²¹.

Essa instituição, segundo Bhatia, ascendeu rapidamente naquela década, ganhando a atenção da juventude *bhadraloka* bengali. A descrição do autor sobre as atividades da instituição, assemelham-se bastante àquelas que ocorreriam décadas depois com os membros da ISKCON no Ocidente:

O Gauranga Samaj desempenhava três funções cruciais que estendiam o processo de recuperação e ressurgimento Vaishnava entre as classes educadas: ativismo evangélico, que incluía organizar discursos públicos e publicar livros e panfletos sobre Chaitanya e Vaishnavismo Gaudiya para serem então distribuídos; performance religiosa, que envolvia encorajar ativamente a realização do *kirtan*; e atos públicos de devoção, que consistiam em organizar a celebração do aniversário de nascimento de Chaitanya especificamente como um festival religioso público em Calcutá em 1899. Algumas sociedades filiais da Gauranga Samaj também começaram a publicar seus próprios periódicos. No desempenho dessas três funções, o Gauranga Samaj estendeu as preocupações gerais do BP [*Shri Bishnupriya Patrika*] de uma forma organizada, institucionalizada e programática. A propagação de estilo missionário, incluindo discursos públicos e distribuição de panfletos sobre temas *Vaishnava* em bengali e em inglês, foram os principais modos de espalhar a mensagem do [Gauranga] Samaj. Não é de se surpreender, portanto, que pregadores individuais fossem uma parte crucial da organização. Conhecidos oradores públicos viajavam intensamente pela Bengala para fazer discursos sobre tópicos *Vaishnava*³²².

³²¹ Ibidem, p. 124-133.

³²² “The Gauranga Samaj performed three crucial functions that extended the process of Vaishnava recovery and resurgence among the educated classes: evangelical activism, which included organizing public speeches and publishing books and pamphlets on Chaitanya and Gaudiya Vaishnavism that were then distributed; religious performance, which involved actively encouraging the performance of *kirtan*; and public enactments of devotion, which consisted of organizing the celebration of Chaitanya’s birth anniversary specifically as a public religious festival in Calcutta in 1899. Some branch societies of the Gauranga Samaj also started to publish their own periodicals.⁹⁷ In performing these three functions, the Gauranga Samaj extended the general concerns of the BP in an organized, institutionalized, and programmatic fashion.

Missionary- style propagation, including public speeches and distribution of pamphlet literature on Vaishnava themes in Bengali and English, were key modes of spreading the Samaj’s message. Not surprisingly, therefore, individual preachers were a crucial part of the organization. Well- known public speakers would travel widely within Bengal to deliver speeches on Vaishnava topics”. Ibidem, p. 149. O autor utiliza a expressão “ativismo evangélico” para enfatizar como a cultura e educação propagada pelos britânicos foi absorvida pelos *bhadraloka* que, mesmo ao tentar realizar o “resgate” de sua tradição cultural e religiosa, acabaram por utilizar formatos de pregação que eram utilizados pelos próprios colonizadores.

A característica missionária do Gauranga Samaj e de outros difusores do vaishnavismo bengali do período, certamente foi um modelo herdado das próprias instituições missionárias cristãs que atuavam na Índia desde fins do século XVIII. Essa questão missionária exerceria papel fundamental no processo de universalização do vaishnavismo *gaudiya*. A introdução de pregações em jornais especializados, evidenciam o início de uma transformação da religião que seria marcante no século XX: o uso de mídias como fator crucial para a difusão da religião.

Um dos contribuintes regulares e editores do jornal *Shri Bishnupriya Patrika* foi Bhaktivinoda Thakura. Na última década do século XIX, Bhaktivinoda já tinha escrito diversos livros, poemas, contos, canções e fundado um jornal para discussões de assuntos *vaishnava*, o *Sajjana Toshani* (1882)³²³. Ele passou a comprar, com a ajuda de arrecadações, diversas porções de terra para construção de templos e espaços de pregação em Nabadwip, local onde a tradição *gaudiya* acredita que Chaitanya nasceu e promoveu os primeiros *kirtana* de seu movimento. A “descoberta” do local de nascimento de Chaitanya e a instalação de um templo por Bhaktivinoda (além dos escritos teológicos) deu a ele grande prestígio entre os *vaishnava* da Bengala e carimbou o seu nome como um dos mais importantes revitalizadores do vaishnavismo *gaudiya*³²⁴.

Dessa forma, no contexto do final do século XIX, o vaishnavismo *gaudiya* já era uma religião em franco processo de modernização e midiatização, contendo instituições de fomento, centros de pregação, pessoal dedicado à missão de difusão da religião, além de meios para isso, como jornais, livros e editoras especializadas.

Um dos filhos de Bhaktivinoda, daria continuidade e ampliaria os seus projetos de pregação, modernização e difusão do vaishnavismo *gaudiya*. Bimala Prasad ou Bhaktisiddhanta Sarasvati (1874-1937) – como ficaria mais conhecido – seria o grande responsável por dar continuidade às aspirações de expansão e modernização do vaishnavismo *gaudiya* de seu progenitor.

Assim como seu pai, Bhaktisiddhanta recebeu educação britânica e desde muito jovem também desenvolveu interesse pelos estudos de temáticas tradicionais

³²³ Ibidem, p. 128.

³²⁴ Sobre o processo de “fabricação” do local de nascimento de Chaitanya, cf.: Ibidem, p. 161-199.

hindus, especializando-se no estudo de lógica, matemática, astronomia e sânscrito, além de receber toda a influência *vaishnava* de Bhaktivinoda. Sua carreira como escritor e pesquisador de temas relativos à cultura hindu teria começado ainda em sua juventude, quando escreveu e traduziu alguns tratados sobre astronomia e matemática³²⁵.

Apesar de ter inclinações religiosas e dedicar-se ao estudo de textos hindus clássicos desde cedo, Sarasvati, como um homem fruto de uma dada sociedade e momento histórico, herdara a cultura *bhadraloka* da geração anterior, e procurou, por todos os meios que lhe pareceram viáveis, estabelecer diálogos entre o seu interesse religioso e uma nova sociedade indiana que se modernizava e ocidentalizava.

Ele se utilizou desde cedo dos meios estabelecidos pelos esforços missionários do pai para escrever artigos em seus periódicos e desenvolver estudos sobre o vaishnavismo, permeado pela modernidade que inspirava suas ações. Em 1904, por exemplo, ele iniciou uma longa pesquisa sobre as diversas linhagens (*sampradaya*) de sua tradição para o desenvolvimento de uma enciclopédia *vaishnava*³²⁶.

Após receber a iniciação espiritual, em 1901, Bhaktisiddhanta assumiu a postura de um monge celibatário (*brahmachari*), adotando práticas ascéticas. Essas práticas de austeridade religiosa, aliadas a continuidade das atividades missionárias herdadas de Bhaktivinoda, passaram a atrair os seus primeiros seguidores³²⁷.

Ele teria ficado ainda mais popular quando, em 1911, apresentou uma nova tese teológica, diante de uma espécie de congresso religioso, onde diversas autoridades em assuntos hindus foram convidadas para discutir sobre a possibilidade ou inviabilidade de não-brâmanes aturem como sacerdotes ou gurus. Nessa ocasião, ele teria apresentado um tratado teológico que defendia que, qualquer um que atuasse

³²⁵ SARDELLA, 2013, p. 63-79.

³²⁶ Ibidem, p. 80-81. Embora não tenha concluído o trabalho, foram publicados quatro volumes da enciclopédia. Há muitos indícios como este que demonstram como os *bhadraloka* bengalis estavam influenciados por um “espírito positivista” focado na educação, produção de conhecimento e afirmação (ou reformulação) de sua própria cultura frente a um mundo globalizado. O autor defende que os *bhadraloka* tinham “fascínio pelo ideal de progresso do Iluminismo”. Ibidem, p. 103.

³²⁷ Ele teria vivenciado um voto de cantar um bilhão de vezes mantras em glorificação a Krishna, durante os anos 1900, comendo apenas uma refeição por dia, um voto que seu pai também adotara em seus últimos anos de vida.

efetivamente enquanto um *vaishnava*, não importando a sua condição de nascimento, deveria ser considerado como um brâmane e seria até superior ao brâmane de nascimento que não atuasse efetivamente de acordo com seu *dharma* (dever sociorreligioso). Diversas polêmicas surgiram com essa exposição, fazendo com que setores bramânicos tradicionalistas na Bengala, passassem a fazer oposição à sua atuação, até mesmo promovendo ataques a seu grupo de seguidores³²⁸.

Ele também teria chocado a comunidade de hindus mais tradicionalista quando, após a morte de seu pai e de seu guru (1914, 1915) ele tomou mais uma inovação teológica, ao dar a si mesmo, diante de um quadro de seu mestre espiritual, a iniciação na ordem de monge renunciado (*sannyasa*). Adotar as vestes e a posição de um *sannyasi* era incomum na tradição *vaishnava gaudiya*. Apesar de Chaitanya mesmo ter sido um *sannyasi*, para alcançar esse título, ele teve de ser iniciado por um outro *sannyasi* ligado ao *advaita vedanta*, uma escola teológica impersonalista ao qual o próprio Chaitanya e sua teologia eram veemente contrários³²⁹.

A partir de 1920, quando finalmente fundou a *Gaudiya Math and Mission* com o que restou das diversas tentativas de institucionalização realizadas pelo seu pai, Bhaktisiddhanta encorajou seus seguidores e discípulos a adotarem o estilo de vida monástico, tanto como estudantes (*brahachary*), quanto na ordem renunciada (*sannyasi*) para que seu movimento tivesse a força que desejava para expandir-se rapidamente.

Um dos conceitos teológicos chave, operados por Bhaktisiddhanta para expansão do seu movimento, foi *yukta vairagya* ou “renúncia engajada”. O conceito extraído de um dos principais teólogos *gaudiya*, Rupa Goswami, teria como significado mais amplo “renúncia à propensão de se deleitar com os objetos do mundo, enquanto

³²⁸ Ibidem, p. 82-90. Esse tratado foi publicado posteriormente em livro: Thakura, B. S. **Brahmana and vaisnava**. New Delhi: Vrajraj Press, 1999.

³²⁹ Sardella argumenta que essa foi uma maneira encontrada por Bhaktisiddhanta para dar uma nova e moderna imagem para o ascetismo no Chaitanismo, visto que tanto a ordem dos *goswami*, quanto a dos *babaji*, no período de Bhaktisiddhanta, teriam perdido a sua respeitabilidade (na visão dos *bhadraloka*). A primeira, acusada de castismo hereditário e a segunda, devido à suspeição de imoralidade e envolvimento em práticas eróticas (devido ao tantrismo popular na Bengala). SARDELLA, 2013, p. 91.

ativamente utiliza desses objetos no serviço a Deus, a quem eles pertencem, em última instância”³³⁰.

A maneira como Bhaktisiddhanta operou o conceito é fundamental para entender o “*turning point*” de como as mídias passaram a ter uma grande importância no vaishnavismo *gaudiya*:

Yukta vairagya tornou-se um conceito-chave para a sua missão [...] Uma aplicação prática desse princípio foi o nome que ele deu para uma de suas prensas tipográficas: *bhagavat-yantra*, que significa literalmente “Máquina de Deus”. Ele passou a considerar suas prensas como dignas de adoração porque elas sacralizam *prakṛti* [as coisas materiais] imprimindo literatura de *bhakti* [devoção]³³¹.

As prensas tipográficas utilizadas pela Gaudiya Math para imprimir seus diversos jornais e revistas em inglês, bengali e outros idiomas vernaculares indianos, tinham um peso tão grande para seu fundador que eram definidas como “máquinas de Deus”. Para Bhaktisiddhanta, os *vaishnava* teriam a capacidade de santificar os objetos materiais (*prakṛti*), como a prensa, e engajá-los no serviço a Deus. E esse é o ponto que evidencia um precedente teológico importante para a mediação da religião *vaishnava gaudiya*. Como diria Bellotti, em relação à mediação da religião protestante:

Assim, a mídia seria resignificada por esse discurso para justificar uma nova prática dentro das igrejas: os meios são neutros e, não, mundanos. O seu uso pode ser santificado se feito com o propósito de levar os ensinamentos divinos³³².

O uso do conceito de “*yukta vairagya*” para santificar dispositivos e práticas modernas teria sido uma maneira encontrada pelo guru para modernizar uma tradição religiosa e engajar membros das classes médias urbanas da Índia no serviço à Chaitanya *bhakti*. A própria palavra *bhakti* – comumente traduzida como “devoção”, foi traduzida por Bhaktisiddhanta como “serviço devocional”, indicando que sua

³³⁰ “[...] *to renounce the propensity to enjoy the objects of the world while actively engaging those objects in the service of God, to whom they ultimately belong*”. Ibidem, p. 204, tradução minha. O conceito está presente na principal obra de Rupa Goswami, o *Bhakti-Rasamrta-Sindhu*, onde o autor declara: “*When a person detached from ordinary worldly objects engages such objects in a proper fashion in a relationship with Krishna, that is called yukta vairagya*”. GOSWAMI apud SARDELLA, 2013, p. 205.

³³¹ “*Yukta vairagya became a key to his mission [...]. One practical application of this principle was the name that he gave to one of his presses: bhagavat yantra, which literally means “God’s machine”. He came to regard his presses as worthy of worship because they sacralizes prakṛti by printing bhakti literature*”. SARDELLA, 2013, p. 206, tradução minha.

³³² BELLOTTI, 2012, p. 135.

teologia seria de engajamento prático, mais do que uma forma de contemplação espiritual³³³.

Bhaktisiddhanta também teria se referido a produção e distribuição de jornais e livros *vaishnava* como sendo a *brhad-mrdanga* (“o grande tambor”), a sua maneira de fazer com que o vaishnavismo *gaudiya* (chamado por ele de “movimento de *sankirtana*” ou simplesmente “movimento da consciência de Krishna”) pudesse se expandir para o mundo todo. Bhaktivedanta Swami, anos mais tarde, repetiria constantemente a metáfora de seu mestre:

Meu Guru Maharaja costumava dizer que estes livros são a *brhad-mrdanga*, isto é, a grande *mrdanga*, porque assim como a *mrdanga* que pode ser ouvida à grande distância, apenas algumas palavras podem ter um tremendo efeito em milhões de pessoas se forem propagadas amplamente³³⁴.

Dessa forma, para Bhaktisiddhanta Sarasvati, se nos primórdios do vaishnavismo *gaudiya*, o *sankirtana* era difundido através da mediação do canto e do ressoar dos tambores (*mrdanga*), em seu próprio período (na modernidade), o *sankirtana* deveria ser ressoado através dos produtos literários da “máquina de Deus” (a prensa tipográfica).

A renomeação de coisas através de metáforas que tinham intenções missionárias se dava também com outros tipos de “objetos”. Segundo Sardella, Bhaktisiddhanta chamava os seus cerca de vinte *sannyasi* (monges renunciados) de “tambores vivos” de sua missão³³⁵.

A importância da imprensa religiosa na Gaudiya Math se tornou ainda maior quando a instituição se expandiu para além da Bengala e, depois, da Índia:

Com a expansão do movimento para além da Bengala e, depois, para além da Índia, a relação de Bhaktisiddhanta com seus discípulos passou a ocorrer através de seus representantes (geralmente, os *sannyasi*) através da publicação de artigos, cartas e discursos. A imprensa criou uma comunidade

³³³ SARDELLA, 2013, p. 206. Essa mesma concepção pragmática seria perpetuada por Bhaktivedanta Swami e pela ISKCON, diferenciando essa tradição de concepções religiosas mais meditativas ou místicas do hinduísmo.

³³⁴ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997. Carta a Niranjana Dasa, 21 mai. 1972. A ideia da *brhad-mrdanga* também foi apontada Arvind Sharma para quem Bhaktisiddhanta teria inspirado Bhaktivedanta a imprimir livros sugerindo a ele que a prensa seria como um grande tambor que poderia alcançar uma audiência muito maior do que um simples instrumento musical. SHARMA apud SARDELLA, 2013, p. 263.

³³⁵ SARDELLA, 2013, p. 113.

virtual que unia a Gaudiya Math através das fronteiras regionais e nacionais³³⁶.

Assim, os princípios de difusão missionária através da impressão e distribuição de livros, como contidos na ISKCON décadas depois, já estavam presentes na disposição institucional estabelecida por Bhaktisiddhanta. Em 1920, ele publicava em um artigo que a missão *gaudiya* teria um “comitê missionário” e que este seria responsável por: performar canto público (*kirtana*); disseminar livros sagrados (definidos como “*shastra prachara*” – literalmente, “difusão das escrituras”) que incluiria “aquisição, preservação, publicação e distribuição de literatura *gaudiya* e outros textos *vaishnava*”³³⁷.

A distribuição de livros e periódicos pelas 4 editoras ligadas à Gaudiya Math era constante. No entanto, não havia uma preocupação com a contagem do quantitativo distribuído – como anos depois os membros da ISKCON o fariam muito bem. Mas, uma estimativa feita com base em processos judiciais envolvidos na Gaudiya Math estipula que, nos anos 1930, cerca de sessenta mil periódicos e nove mil livros eram vendidos anualmente pela instituição³³⁸. Esse era um quantitativo significativo e nos mostra como a Gaudiya Math foi capaz de materializar sua expansão através da midiatização de sua pregação.

Bhaktisiddhanta não se restringiu ao uso da imprensa no seu projeto modernizador da religião: “Ele usava automóveis e telégrafos, radiodifusão e acompanhava as notícias diárias na imprensa. Ele também se mantinha atualizado dos últimos desenvolvimentos de ciência e tecnologia, na procura daquilo que poderia ser utilizado no serviço de sua missão”³³⁹. Para Sardella, Bhaktisiddhanta teria sido tanto um “reformador”, quanto um “revivalista” do vaishnavismo *gaudiya*³⁴⁰. Com a sua

³³⁶ “*With the expansion of the movement beyond Bengal, and later India, the relationship between Bhaktisiddhanta and his disciples largely occurred via entrusted representatives (often the samnyasins) and the publication of articles, letters and speeches. The press created a virtual community that united the Gaudiya Math across regional and national borders*”. Ibidem, p. 117, tradução minha. Essa dinâmica se deu de maneira semelhante com a expansão da ISKCON em fins dos anos 1960 e, também, de outros NMRs baseados na relação guru-discípulo.

³³⁷ Ibidem, p. 97. Como veremos mais adiante, princípios semelhantes a esses estariam dispostos como “objetivos” da ISKCON, quando de sua fundação.

³³⁸ Ibidem, p. 125.

³³⁹ “*He used automobiles and telegraphs, broadcasted on the radio, and kept up with the news in the daily press. He also kept abreast of the latest developments in science and technology, in search of those that could be employed in the service of his mission*”. Ibidem, p. 128, tradução minha.

³⁴⁰ Ibidem, p. 221-222.

morte, em 1937, a Gaudiya Math entrou em uma crise de sucessão que se arrastou por uma década e que acabou com a fragmentação legal da instituição em duas partes e, posteriormente, na formação de outras *matha*, cada uma liderada por um dos seus antigos líderes.

O jovem Bhaktivedanta, apesar de ter participado como um membro leigo das atividades da Math, teria ficado de fora das disputas, procurando cuidar de sua vida familiar, negócios e iniciando sua própria trajetória missionária que iria culminar, anos depois, com a sua ida aos Estados Unidos e com a fundação da ISKCON. A base teológica e a maneira modernizadora com que Bhaktisiddhanta desenvolvera a sua missão, serviram de inspiração direta para Bhaktivedanta, sobretudo, a ideia de expandir o vaishnavismo *gaudiya* como uma religião mundial através de todos os meios materiais possíveis. Veremos a seguir como ele utilizou a distribuição de livros como meio primordial para obter sucesso em sua missão.

3.3 A SUPERLATIVAÇÃO DO SANKIRTANA: PRABUPADA E A DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS COMO MEIO E FIM DE UMA RELIGIÃO

Os *vaishnava gaudiya* perceberam, desde os tempos de Bhaktivinoda, que os jornais e revistas religiosos eram excelentes meios de publicidade religiosa e de ganhos financeiros. A partir do final do século XIX, no contexto de uma Índia que se modernizava, a cultura *bhadraloka* possibilitou que as mídias impressas se tornassem um forte canal de afirmação identitária e conquista de espaços para uma religião *vaishnava gaudiya* reformatada. Essa lógica, como veremos, foi trazida e ampliada por Prabhupada no Ocidente de uma maneira sem precedentes.

A transformação do *sankirtana* em produção e difusão de literatura religiosa impressa não foi uma aposta vazia. Ela possibilitou uma rápida expansão do Movimento Hare Krishna em escala global. E a ênfase dada por Bhaktivedanta Swami Prabhupada nesse projeto foi crucial para isso. Veremos a seguir como se deu esse processo:

3.3.1 O *sankirtana* de Prabhupada

“A distribuição de livros é nosso maior programa de propaganda” (Bhaktivedanta Swami Prabhupada)³⁴¹.

Bhaktivedanta Swami tomou iniciação espiritual de seu guru, Bhaktisiddhanta, em 1933, tornando-se um membro da Gaudiya Math. A sua biografia descreve que, após a publicação de um artigo seu no jornal em inglês *The Harmonist*, publicado pela Math, em meados dos anos 1930, ele passou a ser conhecido entre os membros da *instituição* por sua erudição e habilidade com o inglês. Seu mestre espiritual teria o instruído: “sempre que conseguir dinheiro, imprima livros”³⁴².

Entre os anos 1930 e 1940, Prabhupada escreveu alguns artigos para jornais e alguns textos, como uma introdução ao *Bhagavad Gita* em inglês. Em 1944, em meio aos bombardeios que atingiram Calcutá, devido à Segunda Guerra Mundial, Prabhupada passou a publicar o seu próprio periódico. *The Harmonist* já não era mais publicado e as quatro gráficas da Gaudiya Math haviam sido vendidas devido às disputas judiciais que se sucederam após a morte do seu fundador, em 1937. Assim, com uma tiragem de 1.200 exemplares, ele editou, financiou e publicou a revista *Back to Godhead* (BTG)³⁴³. A revista continha diversos artigos de Prabhupada comentando como a situação de conflito no mundo poderia ser resolvida se as relações humanas fossem centralizadas na “Suprema Personalidade de Deus”, Krishna³⁴⁴.

Mas os custos de uma publicação religiosa independente seriam elevados em tempos de escassez e a BTG naquele ano em que pretendia ser uma revista mensal, não passou do segundo número. Ao longo dos anos 1940 e início dos 1950, Bhaktivedanta continuou escrevendo artigos e traduzindo livros para o inglês. Entre 1952 e 1953, já afastado de sua família e negócios, ele teria atuado também como

³⁴¹ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 201.

³⁴² GOSWAMI, S. D., 2008a, p. 110-111. Prabhupada, em diversos momentos, repetia questões semelhantes sobre a sua vida: “[...] em 1936. Pouco antes de Sua Divina Graça [Bhaktisiddhanta] deixar este mundo em Jagannatha Puri, escrevi-lhe uma carta, perguntando o que fazer para servi-lo. Em resposta ele escreveu-me uma carta, datada de 13 de dezembro de 1936, na qual, assim como eu ouvira dele, ordenava-me que pregasse em inglês o culto de Sri Chaitanya Mahaprabhu”. PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 35.

³⁴³ Décadas mais tarde, a revista seria traduzida para o português como “De volta ao Supremo” e, posteriormente, como “Volta ao Supremo”. Aqui vamos usar a sigla BTG para nos referir a edição em inglês da revista.

³⁴⁴ GOSWAMI, S. D., 2008a, p. 117-128.

editor da revista *Gaudiya Patrika* publicada por uma nova *matha* que se formara e da *Sajjana Toshani*, revista anteriormente editada pela Gaudiya Math. Ainda em 1952, ele retomou a BTG, e lançou mais dois volumes da revista, seguido de uma nova interrupção. O número de edições da revista oscilou durante vários anos, na medida em que Bhaktivedanta conseguia fundos para a publicação³⁴⁵. Ele relembria, anos mais tarde, a sua impressão sobre as dificuldades em manter esse projeto editorial de forma independente:

Eu iniciei esta revista em 1944 durante a minha vida familiar. Eu gastava trezentas rúpias a quatrocentas [...] e distribuía esta revista sem qualquer consideração de quanto eu estava conseguindo de volta. Praticamente todo dinheiro era gasto sem qualquer retorno. Mas, dez anos depois, de 1954 a 1959, a luta foi muito dura porque naquela época eu não tinha dinheiro e totalmente sozinho eu estava editando, publicando e arranjando dinheiro para a publicação. Assim era uma grande luta. Minha ambição era que publicaria a *De Volta ao Supremo* em grande quantidade e assim as pessoas pudessem entender as bênçãos transcendentais do Senhor Chaitanya³⁴⁶.

Um poema de Bhaktivedanta que teria sido escrito em 1958 mostra que, como defensor da difusão de uma religião, ele ambicionava utilizar todos os meios (ou mídias) possíveis para alcançar o seu fim:

Pregue sempre! De porta em porta das *jivas* [seres vivos].
Sua vida será um sucesso ao resultado de sua pregação...
Kirtana não é apenas *mrdangas* e *kartalas* [tambores e címbalos].
... o orgulho e a alegria de *maya* [ilusão] – o som do rádio
Não deixe *maya* usá-lo fazendo *kirtana* através dele.

A vergonha de *maya* é todos estes jornais [*vaishnava gaudiya*]
Use-os para pregar em todo o mundo.
Sentado sozinho em seu quarto, cantando,
você só aumentará a secreção de bilis³⁴⁷.

Os versos apontam como Bhaktivedanta, mesmo antes de vir para o Ocidente, já tinha em mente que o *kirtana* não seria somente cantar (“apenas *mrdanga* e

³⁴⁵ Segundo o acervo do Vanipedia, site especializado na divulgação da obra de Bhaktivedanta Swami, em 1956 foram 12 edições, 2 em 1958 e mais 11 em 1960. VANIPEDIA. **Timeline or Srila Prabhupada's life.** Disponível em: https://vanipedia.org/wiki/Timeline_of_Srila_Prabhupada%27s_Life. Acesso em: 23 mar. 2021.

³⁴⁶ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 16, 16-22 mai. 1983. Néctar da semana, f. 3. Essa mensagem de Bhaktivedanta era dirigida aos seus primeiros discípulos ocidentais, em 1970, quando ele almejava que seus discípulos se engajassem seriamente no processo de distribuição de revistas. A narrativa sobre as dificuldades que ele teria enfrentado sozinho para “levar a mensagem do Senhor Chaitanya” seria encarada pelos membros da ISKCON como um grande sacrifício do guru em prol da salvação da humanidade.

³⁴⁷ PRABHUPADA apud SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 35, 28 out./04 nov. 1984, 1f. Esse poema de Prabhupada, *Vrndavana-bhajana*, teria sido publicado na revista da Gaudiya Vedanta Samita, em dezembro de 1958.

kartala”) e colocava a “pregação” como um *kirtana* que precisava ser veiculado por todos os meios, inclusive o rádio – o grande meio de comunicação da Índia do período. Interessante perceber como ele aponta *maya* (a ilusão, o “materialismo”) como uma figura personificada que se utiliza do rádio para difundir suas ideias desespirtualizadas, enquanto que conclamava os *vaishnava* a “pregarem em todo o mundo” ao invés de cantarem reclusos em seus quartos³⁴⁸.

Em 1959, Bhaktivedanta se tornou oficialmente um *sannyasi* (renunciante), recebendo o título de *swami* e passou a dedicar-se integralmente ao seu projeto missionário, mudando um pouco a perspectiva enquanto escritor:

[...] Iniciei, durante o ano de 1944, a revista quinzenal *Volta ao Supremo*, através da qual tentei propagar o culto de Sri Chaitanya Mahaprabhu. Depois que tomei *sannyasa*, um bem querente amigo meu sugeriu-me que eu escrevesse livros ao invés de revistas. Ele dizia que as revistas poderiam ser jogadas fora, mas os livros permanecem perpetuamente³⁴⁹.

Em 1960, ele publicou o seu primeiro livro, *Easy journey to other planets* (“Fácil viagem a outros planetas”), em 1962, o primeiro volume do *Srimad Bhagavatam* (*Bhagavata Purana*), completando o segundo volume em 1964 e o terceiro no ano seguinte. Com esses volumes do 1º canto do *Bhagavatam* e com a instrução de seu guru de “pregar em língua inglesa” em mente, ele partiu para os Estados Unidos em 1965 em um navio cargueiro, com 200 livros na bagagem, sem mais recursos e contando apenas com o contato de um desconhecido indiano³⁵⁰.

À semelhança de como Chaitanya iniciou o seu movimento popular, Bhaktivedanta Swami escolheu como tática para atrair seus primeiros seguidores em Nova Iorque, o *harinama sankirtana*. Com o termo, queremos indicar explicitamente a

³⁴⁸ Em época semelhante, os protestantes no Brasil, ligados à missão presbiteriana, fundaram o CAVE em 1952, com propósito semelhante – financiados pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs dos EUA, outros CAVES foram abertos no mundo com a perspectiva de evangelização ampla, sem ligação a igrejas. Em 1954 o CAVE publicou livro chamado “Rádio: a aviação do evangelho”, escrito por Manual Gaudama, da Voz dos Andes, emissora de rádio pioneira na América Latina. Um pouco depois em 1966 o Papa João VI publica *Inter mirifica*, sobre os meios de comunicação social (sendo desde 1931 existe a Rádio Vaticano). Apesar desses eventos não terem ligação direta uns com os outros, podemos perceber que as instituições e agentes religiosos de diversas vertentes, estavam atentos à importância da utilização das mídias à serviço de suas missões. Cf. BELLOTTI, Para uma análise dos esforços protestantes para utilização do rádio como meio de pregação no Brasil, a partir dos anos 1950, ver: BELLOTTI 2010.

³⁴⁹ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 35-36. Retirado das “Palavras conclusivas” do livro *Chaitanya Charitamṛta*.

³⁵⁰ GOSWAMI, S. D., 2008a, p. 271-298.

prática de cantar publicamente, visando o engajamento e a “purificação” de outras pessoas no canto. Como diz Silveira:

O *Hari nama sankirtana* é a marca registrada do Movimento Hare Krishna. É a cerimônia pública que seus adeptos popularizaram pelas ruas das grandes cidades modernas, cantando e dançando “*Hare Krishna! Hare Rama*”. Seu objetivo explícito é levar a pureza de *Krishna* para todos aqueles que participarem de tais cerimônias, indistintamente³⁵¹.

Diversos trabalhos³⁵² apontam que o foco de Prabhupada - um desconhecido e desconhecedor da cultura estadunidense – para dar visibilidade à sua própria pregação, foi o canto em público. Apesar de proferir conferências regulares em sua pequena sala de conferências, no Lower East Side, o que parece ter despertado a atenção de sua audiência eram os *kirtana* realizados por ele ao fim de suas palestras.

Ao sair de sua loja para realizar *kirtana* publicamente nos parques nova-iorquinos, o *swami* adquiriu maior visibilidade, tanto pelos adeptos da contracultura (que utilizavam dos parques públicos para cantar, tocar e usar drogas psicoativas), quanto pelos jornais, que passaram a relatar a novidade da improvável junção de um velho *swami* indiano vestido a caráter e uma juventude contracultural que desafiava todas as normas estabelecidas do *American way of life*³⁵³.

Em 1966, tão logo Bhaktivedanta fez a sua primeira leva de seguidores e os introduziu nas “técnicas da vida espiritual”, ele fundou a *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON), estabelecendo os seus “sete propósitos”:

1. Propagar sistematicamente o conhecimento espiritual entre a sociedade em geral e educar todas as pessoas nas técnicas da vida espiritual a fim de

³⁵¹ SILVEIRA, M. S. da. **Hari Nama Sankirtana**: Etnografia de um processo ritual. Brasília: Universidade de Brasília, 2000, p. 3.

³⁵² JUDAH, S. **Hare Krishna and the counterculture**. New York: Wiley & Sons, 1974; KETOLA, Kimmo. The Hare Krishna and the counterculture in the light of the theory of divergent modes of religiosity. **Method & Theory in the Study of Religion**, v. 16, n. 3, 2004, p. 301–320. Disponível em: www.jstor.org/stable/23551300. Acesso em: 24 mar. 2021; CARVALHO, L. A. G. de. “Hippies” ou “Happies”? Interseções entre a contracultura e o movimento Hare Krishna no Brasil dos anos 1970. In: KAMINSKI, L. (Org.); **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV, 2019, p.195–214.

³⁵³ Como descreveu Ketola: “By the spring of 1966, Prabhupada had started to keep regular devotional classes in the Bowery, where a lot of artists and students lived. In June everything changed. He had managed to rent a storefront on 26 Second Avenue in the Lower East Side for his classes. He had started to attract a regular attendance of hippies and was capable of incorporating the religious society. One day in that summer he led his students to Tompkins Square Park for a public kirtana. The dancing and singing of the swami and his devotees and the “Stay High Forever” flyers soon created a small sensation among the hippies. The Hare Krishna movement started to become popular. People flocked to the storefront and newspapers wrote favorable articles”. KETOLA, 2004, p. 312.

restabelecer o equilíbrio dos valores na vida e alcançar assim a verdadeira união e paz mundiais.

2. Propagar a consciência de Krishna (Deus), como é revelada nas grandes escrituras da Índia, o *Bhagavad-gita* e o *Srimad Bhagavatam*.
3. Unir os membros da sociedade uns dos outros e torná-los mais próximos de Krishna, a entidade primordial, desta forma desenvolvendo a ideia, entre os membros e a humanidade em geral, que cada alma é parte integrante da qualidade do Supremo (Krishna).
4. Ensinar e encorajar o movimento de *sankirtana*, o canto congregacional do santo nome de Deus, como revelado nos ensinamentos do Senhor Sri Chaitanya Mahaprabhu.
5. Erigir, para os membros e para a sociedade em geral, um local sagrado de passatempos transcendentais dedicado à personalidade de Krishna.
6. Manter os membros unidos com o propósito de ensinar um modo de vida mais simples e natural.
7. Tendo em vista o cumprimento dos propósitos acima mencionados, publicar e distribuir periódicos, revistas, livros e outros escritos³⁵⁴.

Sobre estes “sete propósitos” é interessante observar, tendo em vista o interesse deste capítulo, que: o *sankirtana* foi definido em seu aspecto formal (o *sankirtana* de Chaitanya), significando o “canto congregacional do santo nome de Deus” ou *harinama sankirtana*; que a ideia de Prabhupada, ao iniciar sua instituição no Ocidente, era propagar o “conhecimento espiritual” através dos livros mais caros ao vaishnavismo *gaudiya* (*Bhagavad Gita* e *Srimad Bhagavatam*); e que para cumprir todos os propósitos enumerados pela sociedade, a instituição deveria “publicar e distribuir periódicos, revistas, livros e outros escritos”³⁵⁵.

Em outubro daquele mesmo ano, Bhaktivedanta iniciou a concretização do sétimo propósito. Visando uma propagação que fosse além do cantar, ele resgatou o nome de sua revista fundada em 1944, a *Back to Godhead*, e passou a editá-la e publicá-la com a ajuda de seus primeiros seguidores. O fato do *swami* ter escolhido como primeiro empreendimento editorial as revistas (e não os livros) é bastante significativo. Além de fazerem parte de um mercado vigoroso nos Estados Unidos, as revistas religiosas conseguem se manter bastante ativas, mesmo quando são estabelecidas de maneira independente e com temáticas bastante específicas.

Além disso, o indiano tinha experiência na editoração e publicação de periódicos religiosos em seu país e esse formato talvez fosse mais acessível do ponto

³⁵⁴ KRISHNA. **Os sete propósitos da ISKCON**. Disponível em: <http://pt.krishna.com/os-sete-prop%C3%B3sitos-da-iskcon>. Acesso em: 26 mar. 2021.

³⁵⁵ Como vimos, esses princípios são semelhantes aos de outras instituições *gaudiya* presentes na Bengala entre os séculos XIX e XX, como o Gouranga Samaj e a Gaudiya Math.

de vista econômico (tanto para publicação, quanto no processo de compra/venda). Assim, a revista *BTG* tornou-se o primeiro projeto editorial do Movimento Hare Krishna no Ocidente.

Contendo trechos de conferências dadas pelo *swami*, artigos, ilustrações e poemas devocionais de seus discípulos, a revista era inicialmente modesta, mimeografada e repassada ao público ao preço de quinze centavos de dólar. As primeiras edições anunciavam a venda dos *Srimad Bhagavatam* trazidos por Bhaktivedanta da Índia e alguns outros escritos, provavelmente editados em formato semelhante ao da revista, sendo vendidos por até 50 centavos de dólar³⁵⁶. Prabhupada narraria a sua memória desse momento, alguns anos mais tarde:

Quando eu estava só em Nova Iorque eu pensava “quem me ouvirá nesse horrível e pecaminoso lugar? Bem, eu ficaria um pouco mais, pelo menos distribuirei alguns de meus livros, já é alguma coisa”. Mas Krishna o tempo todo preparava algo que eu não podia ver, e Ele trouxe vocês para mim, um por um, rapazes e moças americanos sinceros, para serem treinados para executarem o trabalho do Senhor Chaitanya Mahaprabhu. Agora posso ver que é um milagre, de outra maneira, em sua cidade de Nova Iorque, um simples velho, com uns poucos livros para vender, para obter apenas comestíveis, como poderia sobreviver, que falar de introduzir um movimento consciente de Deus para salvar a humanidade?³⁵⁷.

A revista era editada, escrita, organizada e vendida pelos discípulos de Prabhupada que viram nela e no movimento uma boa oportunidade para mostrar a seus compatriotas, um novo estilo de vida, identidade e religião (como era comum no contexto da contracultura). Prabhupada falaria, anos mais tarde, sobre a sua ambição em transformar a *BTG* em uma revista de modelo “americano”, como a *Reader's Digest* e a *Life*:

Agora, uma vez que vim para o seu país, eu confiei o assunto a esses queridos rapazes e moças americanas e desejo ver que essa revista seja publicada e distribuída de uma maneira americana como a “*Reader's Digest*”, “*Life*”, etc., publicada aos milhões e distribuída por todo mundo. Na verdade, a posição da *De Volta ao Supremo*, deve ser mais importante do que qualquer revista mundana devido conter o supramundo das necessidades humanas³⁵⁸.

³⁵⁶ Cf. BACK TO GODHEAD. New York: International Society for Krishna Consciousness, vol. 1, n. 1. Disponível em: https://back2godhead.com/newpdf-17-36/030_1966_01-01.pdf. Acesso em 01 abr. 2021.

³⁵⁷ PRABHUPADA, A. C. B. S. Trecho de uma carta de 23 de dezembro de 1973. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983, f. 3.

³⁵⁸ “Now, since I have come to your country, I have entrusted the matter to my beloved American boys and girls, and I wish to see that this magazine is published and distributed in the American way like “Reader's Digest”, “Life” etc., published in millions and distributed all over the world. Actually the position of *BTG* should be more important than any mundane magazine because it contains the quintessence of human necessities”. PRABHUPADA, A. C. B. S. **Carta a Gurudasa**, Los Angeles, 06 abr. 1970, f. 1

A revista passou a ser vendida pelas ruas de Nova Iorque e a chegar a um público específico, interessado na temática de religiões hindus e contracultura. O próprio formato dela e a linguagem dos artigos escritos por membros (ou ex-membros) da contracultura que abraçavam a causa de um *swami* indiano, favoreceu a atração desse público para com o Movimento Hare Krishna. O poeta Allen Ginsberg, um dos “gurus” da contracultura estadunidense, assinou um artigo na terceira edição da *BTG*, conclamando seu público a aderir a prática de cantar o mantra *Hare Krishna*³⁵⁹.

A relação de atração entre o Movimento Hare Krishna para com os membros da contracultura fez com que uma parcela significativa desse público aderisse a ISKCON. Em 1967, alguns discípulos de Bhaktivedanta Swami abriram um centro da ISKCON em São Francisco, tida como a “capital hippie” do período, aumentando ainda mais a intersecção do Hare Krishna com a contracultura. O mesmo modelo passou a ser replicado por seus discípulos em outras cidades do mundo.

O sucesso da ISKCON em São Francisco impulsionou seus discípulos a se tornarem missionários e se dedicarem à expansão do movimento. Em 1968, ano em que o templo de Los Angeles foi inaugurado – tendo se tornado referência para os demais –, Prabhupada enviou seus discípulos à Inglaterra e Alemanha. Em 1969, havia quinze centros da ISKCON no mundo e um ano depois, já eram trinta e quatro³⁶⁰. Em 1967, a revista *BTG* anunciava que Prabhupada gravou um LP (*Long Play*) de mantras, o *Krishna Consciousness*, e que o disco estava sendo comercializado em lojas de disco e na sede da ISKCON em Nova Iorque³⁶¹. Alguns anos mais tarde, o famoso *beatle* George Harrison, atraído pelo misticismo da cultura hindu, convidou os membros da ISKCON de Londres a gravarem um álbum produzido

(tradução nossa). Disponível em: https://vanisource.org/wiki/700416_-_Letter_to_Gurudasa_written_from_Los_Angeles. Acesso em: 03 mai. 2021.

³⁵⁹ Cf. GINSBERG, Allen. **Back to Godhead**. New York: International Society for Krishna Consciousness, vol. 1, n. 3, 01 dez. 1966, p. 05-09. Disponível em: https://back2godhead.com/newpdf-17-36/032_1966_01-03.pdf. Acesso em 01 abr. 2021.

³⁶⁰ CARVALHO, 2018, p. 69. Cf. também: KETOLA, 2002. 97.

³⁶¹ BACK TO GODHEAD. New York: International Society for Krishna Consciousness, vol. 1, n. 13, jun. 1967, p. 57. Disponível em: https://back2godhead.com/newpdf-17-36/030_1966_01-01.pdf. Acesso em 01 abr. 2021. Essa edição da revista já apresentava formato impresso (modificando a estética datilografada das edições anteriores).

por ele, chamado *Radha Krishna Temple*, que acabou popularizando o Movimento Hare Krishna na Europa³⁶².

Essas gravações seriam, possivelmente, as primeiras produções fonográficas *vaishnava gaudiya* a serem difundidas no Ocidente. Esse tipo de abordagem religiosa proposta pelos membros da ISKCON e aceito pelo *swami* revela como o guru indiano estava aberto a todo o tipo de recurso moderno e uso de mídias na intenção de difundir a sua religião.

Outros tipos de itens ou mídias passaram a ser utilizados pelos membros da ISKCON para a manutenção dos projetos. O incenso foi um dos itens comercializados muito cedo pelos Hare Krishna, desde pelos menos 1967, assim como *bottons* (muito populares entre a juventude contracultural)³⁶³. A ISKCON acabou fundando uma fábrica e marca de incensos, chamada *Spiritual Sky* e, a partir de então, os palitinhos de incensos passaram a fazer parte das vendas que os devotos faziam publicamente. Muitas das representações coletivas sobre os Hare Krishna viriam atreladas ao consumo ou venda de incensos³⁶⁴.

Em 1968, visando cumprir o seu plano de publicação de livros, Bhaktivedanta Swami Prabhupada³⁶⁵, lançou através de uma conhecida editora de Nova Iorque (a Macmillan), a sua versão do clássico *vaishnava Bhagavad Gita*. Esse seria o livro base de pregação da ISKCON. Assim, os livros também passaram a integrar gradativamente o espectro de itens a serem vendidos como mediação entre o público e uma religião que se expandia.

³⁶² CARVALHO, 2018, p. 69-70. George Harrison foi responsável por dar grande visibilidade ao Movimento Hare Krishna em fins dos anos 1960 e início dos 1970. Parte de suas composições contém temáticas espirituais e os membros da ISKCON souberam capitalizar essa boa disposição, colocando Harrison como um “Hare Krishna famoso”. Cf.: VIOLIN, Marcelo H. *Hari's son: uma interpretação histórica das canções devocionais de George Harrison de 1970 a 1973*. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) 129p. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017; Cf. também um capítulo de livro baseado nessa dissertação: Ibidem. *Om Hari Om: diálogos possíveis entre George Harrison e o Movimento Hare Krishna*. In: CARVALHO, L. A. G. de; VALERA, Lúcio (orgs). **O Movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva**. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

³⁶³ Como atesta a BTG, n. 13, op. cit.

³⁶⁴ Veremos algumas dessas representações no capítulo 5.

³⁶⁵ “*Prabhupada*”, significa literalmente, “aquele que está aos pés do Senhor”, foi uma maneira que o próprio Bhaktivedanta pediu para que seus discípulos o chamassem. O seu guru, Bhaktisiddhanta, também era chamado pelos seus discípulos de “Prabhupada”. Após a publicação do *Bhagavad Gita As It Is*, Bhaktivedanta passou a assinar como “A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada” e, assim, tornou-se mundialmente conhecido pelo último nome dessa assinatura.

Contando agora com alguns centros espalhados pelos EUA e Europa, com algumas dezenas de discípulos iniciados e algumas centenas de aspirantes a discípulos e simpatizantes, Prabhupada passou a lidar com duas preocupações: a manutenção das atividades dos templos e dos devotos internos; e a ampliação das atividades do próprio movimento, incluindo a pregação, publicação de livros e expansão da ISKCON para novas cidades e países. Nesse sentido, a venda das revistas *BTG* e do crescente número de títulos de livros ao longo dos anos, passou a ser considerado como o ponto estratégico fundamental para possibilitar a expansão ambicionada por Prabhupada. Como diz um dos seus primeiros discípulos:

Prabhupada não via a distribuição de livros apenas como o melhor método para pregação, mas também como um ótimo meio de subsistência. Na Índia os *brahmacharis* no sistema tradicional do *gurukula* [escola religiosa] mendigavam de porta em porta, mas no Ocidente esta prática não seria respeitada. “Mas todo cavalheiro dará alguma doação pela revista *De Volta ao Supremo*”, Prabhupada disse³⁶⁶.

Para administrar as dezenas de centros da ISKCON que se formavam, em 1970, Prabhupada reuniu seus discípulos mais experientes e instituiu o *Governing Body Commission* (GBC), órgão consultivo e deliberativo que seria responsável por administrar todos os templos da ISKCON e definir os padrões teológicos que devem ser seguidos por todos os membros da instituição. Segundo Rochford Junior:

A ISKCON é gerida pelo Comitê do Corpo Governamental (GBC), que consiste de 25 devotos sênior de várias partes do mundo. Esse corpo governamental foi estabelecido em 1970 por Srila Prabhupada para supervisionar as questões diárias do movimento e para instituir as normas para as comunidades da ISKCON. [...] Membros do GBC, quer sejam gurus iniciadores ou não, representam uma área específica do mundo onde a ISKCON tem comunidades estabelecidas. O GBC possui responsabilidade plena sobre a instituição das normas para o movimento e seu futuro nos Estados Unidos e no mundo. As decisões do GBC são tomadas democraticamente, cada membro geralmente aponta um ou mais secretários zonais que são encarregados de várias comunidades e templos da ISKCON em sua zona. Os membros do GBC e seus secretários são responsáveis por informar os devotos em suas zonas sobre as decisões do GBC³⁶⁷.

³⁶⁶ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. Que haja um templo [Trecho do livro Srila Prabhupada Lilamrta, v. 5]. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 24, 11-17 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

³⁶⁷ “ISKCON is governed by the Governing Body Commission (GBC), consisting of twenty-five senior devotees from around the world. This governing body was established in 1970 by Srila Prabhupada to oversee the movement’s day-to-day affairs and to set the policy for ISKCON’s communities. [...] Members of the GBC, whether initiating gurus or not, represent a specific area of the world where ISKCON has established communities. The GBC has full responsibility for setting policy for the movement and for directing the movement’s future in America and internationally. GBC decisions are reached democratically, each member usually appoints one or more zone secretaries to be in charge of various ISKCON communities in his zone. GBC members and their secretaries are responsible for informing the devotees in their zones of all GBC decisions”. ROCHFORD JUNIOR, 1985, p. 19. O GBC,

E para ampliar a quantidade de livros impressos e distribuídos, Bhaktivedanta Swami precisaria de um projeto editorial mais ambicioso, que contemplasse o seu crescente desejo por livros publicados. Como ele admitia em uma carta:

Não estou muito satisfeito em publicar nossos livros através de alguma casa publicadora, inclusive a Macmillan & Co. Tanto quanto sei, a Missão Ramakrishna tem sua própria organização publicadora; o Aravinda Asrama tem sua própria organização publicadora; a Sociedade Teosófica tem seu próprio arranjo; a Sociedade Bíblica tem seu próprio arranjo; o grupo de Ravindranath Thakura tem seu próprio arranjo. Então por que a ISKCON deixaria de ter sua própria organização?³⁶⁸.

Falando do intento de iniciar seu próprio programa de editoração e publicação de livros, Prabhupada comparava a sua missão à de outras instituições hindus modernas. E assim, baseando-se nesse modelo, ele fundou a ISKCON Press em 1969 com o intuito de publicar e ampliar significativamente a distribuição das revistas *BTG* e dos seus livros. Ela se tornaria a base de entrada e saída de recursos financeiros da ISKCON até o ano de 1972³⁶⁹.

A distribuição de revistas e livros logo passou a simbolizar a essência da própria teologia *vaishnava gaudiya* - o *sankirtana* - já que a difusão do movimento se tornou a prioridade, na interpretação teológica de Bhaktivedanta Swami. A sua preocupação era clara: “Concentrem-se em organizar o *sankirtana* muito bem e tentem vender a *Revista de Volta ao Supremo [Back to Godhead]*. Essa é a nossa principal propaganda”³⁷⁰.

Tendo introduzido o Movimento Hare Krishna no Ocidente através do canto, logo a ênfase mudou para a distribuição de revistas e, depois, a de livros. Tudo era tido como um mesmo *sankirtana*. Como explica um manual de distribuição de livros da ISKCON:

Depois que Prabhupada plantou as sementes de *bhakti* (devoção) e fundou a ISKCON, um crescente número de devotos passou a sair, orientados por Srila Prabhupada, para fazer *harinama sankirtana* [canto congregacional] nos

por sua posição administrativa autocrática e sexista, foi alvo de polêmicas e críticas por parte de membros da ISKCON, sobretudo, pelas mulheres. Sobre isso, cf.: OLIVEIRA, G. P. de. Mulheres no Movimento Hare Krishna: a tradição do vaishnavismo e a práxis de Prabhupada. In: CARVALHO, L. A. G. de; VALERA, Lúcio (orgs). **O Movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva**. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

³⁶⁸ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 202. Carta a Gargamuni Dasa, 22 set. 1969.

³⁶⁹ Em 1972 foi fundada a BBT (The Bhaktivedanta Book Trust), sediada em Los Angeles. Veremos um pouco mais sobre a BBT no próximo tópico.

³⁷⁰ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 16, 16-22 mai. 1983. Néctar da semana, f. 1. Carta de 31 de maio de 1969:

parques e ruas. Logo, como acréscimo ao grupo de canto, eles começaram a vender revistas. Depois, quando começou a distribuição de livros, os distribuidores de livros saíam sem o grupo de canto. Mas assim mesmo a distribuição de livros se chamava “sair em *sankirtana*”. Dessa forma, *sankirtana* na ISKCON tornou-se na prática sinônimo de distribuição de livros³⁷¹.

Observando que a distribuição de livros era algo bastante rentável, que possibilitava a ampliação da capacidade do Movimento Hare Krishna se expandir e que também os livros e revistas vinham auxiliando na conversão cada vez maior de jovens ocidentais, Prabhupada passou a enfatizar a produção e distribuição de livros como sendo o próprio “*sankirtana*”. Dessa forma, tudo passou a ser conhecido como *sankirtana*. Como bem esclarece Silveira:

Impressão e distribuição de livros, abertura de templos, adoração de deidades, realização de Festivais. Tudo, de algum modo, é *sankirtana*, o rito que realiza o princípio de *communitas*, dentro de estruturas sociais a ele subordinadas. Este é o Movimento Hare Krishna que se expande mundialmente³⁷².

Prabhupada passou a orientar os seus discípulos a se dedicar cada vez mais à prática de distribuição de livros que, passou a ser chamada frequentemente de “sair à *sankirtana*”. Ele tinha muito claro em sua mente que a “propaganda” do Movimento Hare Krishna não se daria somente através dos festivais de domingo abertos ao público:

O Movimento do Senhor Chaitanya significa o movimento de *sankirtana*. Vocês podem levar simplesmente duas horas para cantar dezesseis voltas diárias [de *japa*], duas horas de leitura congregacionalmente, e o resto do tempo saiam a *sankirtana*. Devemos fazer ambos, ler livros e distribuir livros, mas a distribuição de livros é a propaganda principal³⁷³.

Para expandir o número de templos abertos pelos membros da ISKCON mais dedicados, a receita se tornou conhecida: a ideia era chegar em um lugar, cantar *Hare Krishna* publicamente, distribuir algumas revistas e livros e, assim, arranjar o dinheiro para alugar um espaço que servisse de templo ou “centro de pregação”. Assim, os devotos que quisessem abrir novas filiais da ISKCON deveriam passar boas horas distribuindo literatura e solicitando doações. Prabhupada orientava a um de seus seguidores:

³⁷¹ DASA, A. T. 1997, p. 10.

³⁷² SILVEIRA, 2000, p. 4.

³⁷³ PRABHUPADA, A.C.B.S. Néctar de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 35, 28 out./04 nov., 1f.

Em relação à coleta [pedir doações no *sankirtana*], eu acho que você deve conseguir uma licença ou permissão especial das autoridades, porque como uma sociedade religiosa nós podemos coletar assim. As autoridades têm que estar informadas de que somos um sério instituto para difundir a consciência de Deus. Este método de cantar no parque, distribuir *prasada* [alimentos santificados], e vender nossos livros e fazer alguma coleta, é a maneira pela qual nós podemos fazer tanto propagando quanto [para] manter nossa instituição³⁷⁴.

Aparentemente, Prabhupada começou aceitando resultados modestos no *sankirtana*. Como diria um dos seus primeiros discípulos e autor de sua biografia oficial:

Nos anos iniciais da ISKCON, Srila Prabhupada também satisfazia-se quando seus discípulos distribuíam algumas centenas de cópias da revista *Back to Godhead*, em cada mês. Gradualmente o seu desejo para incrementar a distribuição de literatura transcendental manifestou-se através de certos devotos³⁷⁵.

Com o passar dos anos e com a expansão das atividades da ISKCON para diversas cidades estadunidenses e países no mundo, Bhaktivedanta Swami passou a enfatizar cada vez mais o *sankirtana* como “distribuição de livros” e a criar uma estrutura institucional e social voltada pra isso. Segundo Rochford Junior, a fórmula que combinava objetivos missionários e coleta de dinheiro se tornou o padrão na política de atuação da ISKCON nos anos 1970³⁷⁶.

Podemos dizer que Bhaktivedanta Swami transformou o vaishnavismo *gaudiya* da IKSCON em uma grande prensa tipográfica, bem como, em uma máquina venda de livros. Utilizando na metáfora do “grande tambor” de seu mestre, ele repetia constantemente:

Por favor, aumentem a venda de livros. Este é nosso grande *sankirtana* - *brhad-mrdanga* [grande tambor]³⁷⁷.

Então os livros estão saindo e estamos crescendo. Esta distribuição de livros é a *brhad-mrdanga*³⁷⁸.

³⁷⁴ PRABHUPADA, A. C. B. S. Várias citações de cartas de Srila Prabhupada mostrando sua devoção e força para estabelecer o *sankirtana yajna* por todo o mundo. **Carta de Sankirtana**, n. 33, 24-29 nov. 1981. Néctar de Srila Prabhupada, f 2. Carta a Satsvarupa Dasa, 08 ago. 1968.

³⁷⁵ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. Que haja um templo [Trecho do livro Srila Prabhupada Lilamrta, v. 5]. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 24, 11-17 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

³⁷⁶ ROCHFORD JR, E. Burke. Airports, conflict, and change in the Hare Krishna movement. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p. 274-275.

³⁷⁷ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 10. Carta a Bahulashva Dasa, 18 abr. 1970.

³⁷⁸ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 10. Carta a Shri Govinda, 06 dez. 1974.

Assim, o vaishnavismo *gaudiya* enfaticamente missionário de Bhaktivedanta Swami, deslocava-se do “*sankirtana* cantado”, para o “*sankirtana* impresso”. Ele justificava, inclusive, que seus livros também eram “cantados” ou “falados” e, por isso, também eram *kirtana*, já que os livros eram ditados por ele em um ditafone³⁷⁹ e depois transcritos pelos seus discípulos:

Quanto ao *sankirtana* e distribuição de livros, distribuição de livros também é cantar. Quem lê os livros também está cantando e ouvindo. Por que distinguir entre canto e distribuição de livros? Estes livros eu gravei e cantei, e eles são transcritos. São *kirtanas* falados. Logo, a distribuição de livros também é cantar. Estes não são livros comuns. É canto gravado. Quem quer que leia, está ouvindo³⁸⁰.

O livro como “*kirtana* falado” era mais uma inovação teológica e tecnológica de Prabhupada que abraçava a modernidade para impulsionar o seu movimento, a exemplo de seus antecessores. Mesmo os livros que foram traduzidos do sânscrito e bengali - como o *Bhagavad Gita*, o *Srimad Bhagavatam* e o *Chaitanya Charitamrita* - foram traduzidos e transcritos pelo *swami*, em sua maioria, através dessa ferramenta fonográfica. Isso tornava o trabalho de tradução e publicação mais ágil e facilitou a publicação, ao longo dos doze anos que Bhaktivedanta viveu entre o Ocidente e a Índia, a grande quantidade de livros publicados pela ISKCON.

É importante perceber a reverberação do conceito teológico de *yukya-vairagya* (“renúncia engajada”), difundido por Bhaktisiddhanta e que ecoou fortemente em Bhaktivedanta Swami e, também, nos membros da ISKCON. Aparelhos tecnológicos, mídias, tudo era visto como objeto passível de “espiritualização” no serviço a Krishna. Em outras palavras, tudo se torna *sankirtana*. Comentando sobre esse significado de *sankirtana* como “*kirtana* completo”, um manual de distribuição de livros da ISKCON diz:

Neste sentido, a distribuição de livros também pode chamar-se *sankirtana*, *kirtana* completo, porque inclui perfeição individual, ocupa os outros no caminho da perfeição e utiliza como parafernália a energia material completa de Krishna. Até mesmo objetos materiais não designados como parafernália tradicional de *yajna* [sacrifícios rituais] podem ser usados, purificados e espiritualizados no *sankirtana-yajna*. Portanto, em sentido filosófico é apropriado chamar o *brhat-kirtana*, ou distribuição de livros, de *sankirtana*, pois ele corporifica praticamente a misericórdia completa e perfeita do *sankirtana-yajna* do Senhor Chaitanya³⁸¹.

³⁷⁹ O ditafone é um aparelho fonográfico que grava e reproduz um ditado, geralmente utilizado para a transcrição de cartas.

³⁸⁰ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 10. Carta a Rupanuga Dasa, 19 out. 1974.

³⁸¹ DASA, A. T., 1997, p. 46.

Em 1972, a ISKCON Press que ainda dispunha de recursos e capacidade mais modestas, foi incorporada pela fundação de uma editora que comportaria uma grande capacidade de produção de livros, com o nome The Bhaktivedanta Book Trust (BBT). A partir de então, com quantidades enormes de livros à disposição, “pregação” e “*sankirtana*”, definitivamente passaram a significar “venda” ou “distribuição de livros”. Como o *swami* dizia em uma carta do mesmo ano:

Aprecio de modo especial sua atitude de aumentar mais e mais a venda de nossos livros. Isto santificará todas as outras atividades de pregação, porque pregação quer dizer vender livros... Por que não ir de cidade em cidade em toda a sua área, mesmo que sejam só pequenas aldeias e fazer tais programas? Isto é verdadeiro *sankirtana*³⁸².

Veremos no próximo tópico os impactos na prática do *sankirtana* advindas com o desenvolvimento em escala mundial da distribuição de livros impulsionada pela BBT.

3.3.2 O *sankirtana* mundial da Bhaktivedanta Book Trust (BBT)

“Quando se publica um livro, acho que conquistei um império” (Bhaktivedanta Swami Prabhupada)³⁸³.

A BBT foi fundada em março de 1972 na Índia e em maio do mesmo ano nos Estados Unidos. Um manual de *sankirtana* da ISKCON explica bem o que ela representa para a instituição:

A Bhaktivedanta Book Trust é uma editora mundial de livros conscientes de Krishna. Seu objetivo é produzir e distribuir os livros de Srila Prabhupada em todas as línguas do mundo. A BBT também produz novas traduções dos escritos védicos bem como de literatura segundo a versão védica³⁸⁴. Para cumprir sua meta de produção de livros, a BBT deve satisfazer continuamente as necessidades de seus clientes, os templos da ISKCON, que precisam de livros para sua distribuição de livros. Esta é [a] principal prioridade da ISKCON, porque a capacidade da BBT de produzir livros depende dos fundos

³⁸² PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 42. Carta à Bhakta Dasa, 21 fev. 1972.

³⁸³ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 38.

³⁸⁴ Em linhas gerais, o termo “védico” é utilizado pelos acadêmicos para se referir ao período védico (1.500-500 a.C.) e a literatura dos *Vedas* produzida mais ou menos no mesmo período. Os membros da ISKCON e seu fundador, acabam utilizando o termo “védico” como compreendendo tudo o que vem do tempo dos *Vedas* até os dias atuais em termos de literatura e religião derivadas destas. Assim, os membros da ISKCON se consideram “védicos” ou “seguidores dos *Vedas*” e da “cultura védica”. No entanto, em termos de rigor científico, essas terminologias são imprecisas. Para uma discussão sobre isso, cf.: CARVALHO, L. A. G. de. O Movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição”? *Diálogos*, v.23, n.1, 2019, p. 193-212.

recebidos dos templos. Manter todos os livros de Srila Prabhupada impressos é também uma parte essencial da função da BBT³⁸⁵.

Fundada como uma instituição independente da ISKCON, no formato de um *trust*³⁸⁶, a BBT teria como “clientes” os templos e membros da ISKCON, para quem seus produtos se destinariam. O referido manual de *sankirtana* da instituição também aponta as diferenças entre as missões da BBT e de sua “irmã mais velha”:

A BBT e a ISKCON são organizações diferentes. Ambas difundem a consciência de Krishna, mas há uma diferença importante entre elas. A BBT fabrica e fornece livros conscientes de Krishna, e a ISKCON os distribui. A BBT é um *trust* corporativo, centralizada para eficiência máxima na produção de livros. A BBT é dirigida por *trustees* e dividida em cerca de meia dúzia de divisões que administram seus negócios em diferentes partes do mundo. Os *trustees* reúnem-se uma ou duas vezes por ano para decidir sobre metas e política [do *trust*]. A ISKCON trabalha sob a supervisão do corpo de GBCs e é descentralizada e localmente constituída e administrada. Srila Prabhupada queria que cada centro fosse legal e financeiramente independente³⁸⁷.

A BBT é seccionada em “divisões”, com sedes em locais estratégicos para a produção e distribuição de livros³⁸⁸. Os *trustee* são curadores responsáveis por gerenciar cada uma das diferentes divisões, manter as atividades e cumprir as metas de publicação e promoção dos livros. Já à ISKCON, caberia o papel de receber os livros da BBT, distribuí-los e repassar para a BBT os valores dos livros vendidos, seguindo uma receita pré-estabelecida:

Os livros são vendidos para os templos pelo dobro do custo da BBT, e metade da coleta [venda] dos distribuidores de livros vai para a BBT e metade para o templo. A BBT também segue um princípio de 50/50; Srila Prabhupada queria que 50% da renda da BBT fossem usados para imprimir livros e 50% para construir templos. A BBT cobra o dobro do custo de produção (os custos de impressão e de manutenção das instalações e pessoal de produção). Os

³⁸⁵ DASA, A. T., 1997, p. 203.

³⁸⁶ *Trust* é um “termo em inglês que designa uma forma de organização empresarial na qual uma propriedade é doada por um *grantor* (doador), sob os cuidados de um *trustee* [curador], para proveito de um beneficiário. O *trustee* é obrigado a administrar a propriedade colocada em *trust* (fideicomisso), de acordo com as diretrizes e instruções da pessoa que criou o *trust*. O *grantor*, também denominado *trustor*, *settlor* ou *donor*, é aquele que cria o *trust*, colocando uma propriedade sob os cuidados de um *trustee*. A propriedade (também denominada *principal*, *corpus* ou *res*) é aquilo que constitui o *trust*. A propriedade é entendida aqui num sentido amplo, isto é, podem ser títulos, ações, dinheiro ou bens imóveis. O beneficiário é a pessoa em cujo benefício o *trust* é criado. O beneficiário pode ser constituído por um grupo de pessoas ou uma organização. Os *trusts* podem ser *living trust*, que é aquele no qual sua criação acontece enquanto o *grantor* ainda é vivo, ou *testamentary trust*, no qual o *trust* é criado por testamento do *grantor*”. SANDRONI, P. (org.). **Trust**. Novíssimo dicionário de economia. São Paulo: Beste Seller, 1999, p. 616.

³⁸⁷ DASA, A. T., 1997, p. 203.

³⁸⁸ Atualmente, a BBT possui sete divisões principais: América do Norte; América do Sul e Central; Sul da Europa; Norte da Europa e CEI; Índia; Pacífico Ocidental, Sudoeste Asiático e Oriente Médio; e África. Toda divisão é dirigida por um *Trustee* responsável por publicar nas línguas de sua divisão. Cf.: THE BHAKTIVEDANTA BOOK TRUST. **Institucional**. Disponível em: <http://www.bbt.org.br/bbtorg/inst.html#>. Acesso em: 05 abr. 2021.

templos cumprem a obrigação de enviar 50% dos lucros para a BBT (e de guardar 50%) vendendo os livros pelo dobro do preço da BBT ou “por qualquer preço que quiserem”, mas pelo menos, ou idealmente, o dobro do preço da BBT³⁸⁹.

Os templos da ISKCON seriam os clientes diretos da BBT. Os presidentes dos templos deveriam comprar em consignação os livros, fazer com que seus membros distribuíssem os livros e, com 50% do dinheiro arrecadado, deveriam pagar a sua dívida com a editora.

A regra de 50/50 da BBT fez com que a capacidade de impressão de livros da recém-criada editora crescesse exponencialmente ao longo dos anos 1970. Mas essa capacidade de produção e de crescimento não seria possível sem o desenvolvimento do *sankirtana* – entendido como distribuição de livros em larga escala.

Esse passo tomado por Prabhupada e seus seguidores indica claramente como o Hare Krishna passou a incorporar a mídia e as suas lógicas para estruturar uma organização religiosa, evidenciando um forte processo de midiaticização da religião, ainda que se tratando, majoritariamente, de mídia impressa.

O desenvolvimento do *sankirtana* dos livros e revistas de Prabhupada não foi, ao que parece, algo unilateral, que partia do guru em direção aos seus discípulos. Além da produção e edição de livros e revistas, seus seguidores passaram a propor novas formas de distribuição de livros que, ao renderem resultado, eram aceitas e estimuladas pelo *swami* que não esperava – ou pelo menos, assim o dizia – que chegaria a ter um sucesso tão rápido com os seus escritos. Ele se surpreendia com o volume de vendas cada vez maior de seus livros e revistas:

Eu fiquei muito satisfeito por ouvir que a distribuição de livros em Vancouver aumentou muito. Eu estou recebendo os mesmos resultados de todos os lugares do mundo, e isto me satisfaz muito. Eu nunca havia pensado que este movimento para a consciência de Krishna iria crescer tanto. Na verdade é tudo por causa destes livros. Não existe uma literatura como nossos livros em nenhuma parte do mundo. Assim, continue vendendo mais e mais livros e revistas; este é o nosso negócio principal. Muito obrigado por me ajudar desta maneira³⁹⁰.

³⁸⁹ DASA, A. T., 1997, p. 205.

³⁹⁰ PRABHUPADA, A. C. B. S. Várias citações de cartas de Srila Prabhupada mostrando sua devoção e força para estabelecer o *sankirtana yajna* por todo o mundo. **Carta de Sankirtana**, n. 33, 24-29 nov. 1981. Néctar de Srila Prabhupada, 2f. Carta a Bahudak Dasa, 05 jan. 1973.

Com palavras de encorajamento, como as contidas em inúmeras cartas, o fundador da ISKCON procurava estimular, através do carisma, que seus discípulos se dedicassem cada vez mais à essa “propaganda” do Movimento Hare Krishna:

Então você pode compreender que por disseminar nossa propaganda da consciência de Krishna em todo e qualquer lugar mediante a venda de livros, a publicidade nos jornais e na televisão – há tantas maneiras de difundir informação consciente de Krishna – pela utilização de nossa energia dessa maneira para dar a todos [o] acesso à Verdade Absoluta, esta é a verdadeira compreensão do desejo de servir à humanidade³⁹¹.

Prometendo aos discípulos a “volta ao Supremo”, ou em outras palavras, a liberação do mundo material e o acesso ao mundo espiritual, ele ensinava qual era o caminho que eles deveriam tomar no seu projeto missionário:

Vocês levaram a sério a publicação e também a distribuição destes livros, e este é o sucesso de nossa missão. Vocês levaram a sério este trabalho, e sei que meu Guru Maharaja está satisfeito com vocês porque ele queria isto. Então por este esforço todos vocês voltarão ao lar, voltarão ao Supremo³⁹².

Citando constantemente o seu próprio mestre, Bhaktivedanta Swami buscava demonstrar como o seu programa missionário estava de acordo com o desejo de seus antecessores espirituais:

Esta publicação de livros era o trabalho mais importante de meu Guru Maharaja e ele me ordenou a continuá-la no mundo ocidental. Assim, eu estou muito endividado a todos vocês que estão me ajudando a executar a ordem de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Goswami³⁹³.

Eu recebi seus novos livros de KRISHNA em sua carta datada de 24 de julho e com grande prazer eu o agradeço por tudo. Por favor, ofereço a minha bênção a todos os devotos. O entusiasmo deles para distribuir meus livros vai me satisfazer muito. Não só eu vou ficar satisfeito, mas também meu Guru Maharaja vai ficar muito satisfeito, e todos eles vão ser abençoados³⁹⁴.

A partir da fundação da ISKCON Press em 1969 e, sobretudo, com a formação da BBT (em 1972), a distribuição de livros passou a ser o mote principal no discurso de Prabhupada sobre o que seria o Movimento Hare Krishna, qual deveria ser a sua missão e o papel de seus membros. A ISKCON passou a professar uma “religião dos livros” (no plural). Ou como diria Prabhupada, uma sociedade religiosa “construída sobre os livros”:

³⁹¹ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 34. Carta à Ramesvara Dasa, 09 jan. 1973.

³⁹² PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 17. Carta à Ramesvara Dasa e Cia, 01 set. 1975.

³⁹³ TRECHOS de algumas cartas de Srila Prabhupada para Srila Acharyadeva. **Sankirtan Brasil**, n. 3, 19-24 abr. 1981. Néctar da semana, f. 1

³⁹⁴ Ibidem, f. 2. [...]. Carta de 31 jul. 1976.

Eu estou muito contente de ver que a publicação de nossos livros em línguas estrangeiras está indo muito bem sob sua entusiasmada supervisão. Tente aumentar mais e mais o lançamento destes livros em muitas línguas. Caso contrário, como haverá pregação nestes lugares? [...] Se houver muitos livros, tudo o mais seguirá. Praticamente a nossa sociedade é construída sobre os livros³⁹⁵.

Contando com o auxílio de jovens ocidentais para a pregação de um movimento que visava representar uma tradição hindu ainda pouco conhecida fora da Índia, Prabhupada confiava às suas próprias palavras contidas nos livros, o poder da conversão: “O que os seus três minutos de pregação farão? Mas se eles comprem livros, isto pode mudar suas vidas”³⁹⁶. O papel dos seus discípulos, então, não seria tanto o de “pregar a consciência de Krishna”, mas, sim, distribuir a literatura que assim o faria.

Essa seria também a maneira que o guru encontrou para vencer a batalha contra seus concorrentes, os “falsos iogues”:

Através da distribuição desta literatura podemos aniquilar completamente todos os grupos falsos de iogues no mundo. Deste fato estou convencido. Portanto não há necessidade de atacar diretamente esses charlatões, pois simplesmente através desta distribuição de livros, a luz da consciência de Krishna prevalecerá...³⁹⁷.

A distribuição de livros seria capaz de trazer a “luz” e evidenciar o charlatanismo³⁹⁸ daqueles que não seriam “autênticos” representantes da “consciência de Krishna”. A distribuição de livros seria, inclusive, uma maneira de acabar com outros tipos de concorrentes: os comunistas.

Com referência a distribuição de livros, ao lado da nossa, o grupo comunista tem se tornado popular simplesmente através da distribuição de sua literatura. Sei que em Calcutá, os agentes comunistas, convidam amigos e leem suas literaturas. Os russos nunca vieram à Índia, mas através da distribuição de livros em todas as línguas, eles conseguiram um bom número de seguidores. Assim, se é possível para a literatura mundana, ordinária, de

³⁹⁵ “*I am very pleased to see that the foreign literature is being produced nicely under your enthusiastic supervision. Just try to increase more and more our output of such books and magazines in many languages--otherwise how will preaching go on in these places? [...] If there are amply books, everything else will succeed. Practically our Society is built on books*”. PRABHUPADA, A. C. B. S. **Carta a Yogesvara** Dasa, Bombai, 28 dez. 1971, f. 1, tradução minha.

³⁹⁶ PRABHUPADA, A.C.B.S. Néctar de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 35, 28 out./04 nov., 1f.

³⁹⁷ PRABHUPADA apud GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983, f. 3. Carta de 14 de fevereiro de 1973.

³⁹⁸ Charlatanismo que os próprios Hare Krishna foram acusados de praticar pela mídia ocidental, como veremos no capítulo 4.

terceira classe, por que não poderia nossa literatura transcendental criar devotos por todo mundo?³⁹⁹.

Se um Marx pode mudar as mentes de tantos homens para seguirem sua filosofia imperfeita, o que não pode Krishna, o Supremo Perfeito, conseguir⁴⁰⁰!

Mesmo tendo a literatura comunista como sendo “mundana”, “ordinária” e “imperfeita”, parece que o grande alcance que o comunismo teve até então, parecia servir de inspiração para Bhaktivedanta Swami: o comunismo chegou em todo mundo através de suas ideias e livros e, assim, o Movimento Hare Krishna também o faria.

Alguns membros da ISKCON chegaram a propor outros tipos de atividades para manutenção dos templos e projetos missionários. Incensos, discos de mantras, velas e outros artigos (religiosos ou não) eram vendidos, mas, Prabhupada regularmente desencorajava essas outras formas de financiamento da instituição:

Tenho considerado o assunto da distribuição de discos e decidi que a ênfase deve ser dada aos livros. Nada mais necessita ser vendido. Se alguém ouvir um disco, ele simplesmente pensará que é um incrível som mágico, isso é tudo. Mas se ler um livro, ficará convencido da vida espiritual. Esse é o nosso êxito. Assim enfatize a distribuição de livros mais e mais⁴⁰¹.

Faremos somente um “negócio” e esse será a venda de livros. Isso é tudo. Assim que você se torna um *karmi* [não-devoto] atrás de negócios, para a vida espiritual. Os negócios não devem ser encorajados mais. Fazer negócios e não *sankirtana*, isso não é nada bom⁴⁰².

Prabhupada tinha uma visão de negócios apurada, aliada a uma forte preocupação missionária, além de ser favorável à racionalização da religião – que, em parte, já era uma característica da abordagem religiosa dos *bhadraloka*. É possível que ele tenha apontado enfaticamente a distribuição de livros (e não outros negócios), tanto para cumprir o caminho apontado por seu guru, quanto para manter uma espécie de fidelidade missionária, obrigando os membros da ISKCON a não lidarem com

³⁹⁹ PRABHUPADA apud GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 18, 30 mai./05 jun. 1983, 3fls. Carta de 21 de novembro de 1974, f. 3.

⁴⁰⁰ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 39. Carta a Sivananda Dasa, 12 dez. 1971.

⁴⁰¹ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, f. 1. Carta de 07 de janeiro de 1975.

⁴⁰² GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, f. 1. Essa inflexibilidade com outras formas de arrecadação de fundos teria, inclusive, levado a formação de facções e dissidências na ISKCON dos Estados Unidos após a morte de Prabhupada, como constatou a pesquisa de campo de um cientista social. Cf.: ROCHFORD JUNIOR, E. B. Factionalism, group defection, and schism in the Hare Krishna Movement. **Journal for the scientific study of religion**, 28(2), 1989, p. 162-179.

outros produtos religiosos que não fossem diretamente ligados à difusão da mensagem da “consciência de Krishna”.

De fato, sua aposta não era sem fundamento. Livros religiosos constituem, até os dias atuais, um mercado lucrativo. A literatura religiosa consegue se manter em alta, mesmo quando outros gêneros apresentam queda: “Livros religiosos ou espirituais continuam a ser uma das poucas categorias que crescem no mercado editorial”⁴⁰³.

Mas esse não era um mercado de fácil acesso para quem começava de baixo. Certamente, seria necessário o uso de táticas de vendas agressivas e que escapassem pelas brechas existentes por entre os grandes empreendimentos do setor. Como comenta Hoover:

[...] A proliferação de canais [midiáticos dos últimos tempos] rompeu a tradicional autoridade que um pequeno número de editores e empresas de transmissão era capaz de exercer. Até os anos de 1960 (em outros lugares do Ocidente até mais tarde), havia apenas algumas brechas através das quais as religiões podiam entrar na circulação da mídia⁴⁰⁴.

As brechas encontradas pela ISKCON e pela BBT estavam situadas nas ruas. Para além de livrarias, bibliotecas e bancas de revistas – que, definitivamente, não eram o seu alvo principal –, o que os devotos de Krishna mais queriam era se encontrar face a face com os transeuntes dos grandes centros urbanos, pará-los, conversar rapidamente com eles sobre Krishna, sobre “ioga”, “meditação”, sobre alguma “campanha” de arrecadação de fundos ou de “distribuição” de literatura, dar-lhes um livro ou revista e, por fim, pedir-lhes em troca uma doação em dinheiro que poderia ser de valor fixo ou em aberto⁴⁰⁵.

Essa prática do *sankirtana* passou a acontecer cada vez mais intensamente, na medida em que mais pessoas se tornavam membros da ISKCON e eram instruídas a se dedicarem ao *sankirtana*. Prabhupada passou a afirmar, como vimos, que a produção e distribuição de livros era o seu maior interesse no Movimento Hare Krishna e, dessa forma, seus discípulos também passaram a criar novas fórmulas para ampliar a distribuição de livros.

⁴⁰³ EINSTEIN, 2012, p. 18.

⁴⁰⁴ HOOVER, 2012, p. 52

⁴⁰⁵ Veremos mais sobre a “cultura do *sankirtana*” na ISKCON no próximo capítulo.

Em dezembro de 1972, contando com a grande disponibilidade de revistas impressas pela recém fundada BBT, os membros da ISKCON de Los Angeles aproveitaram o clima de alto consumo dos dias que antecedem o Natal, para sair às ruas por mais tempo e distribuir mais BTG e livros. O resultado teria surpreendido a todos: cerca de cinco a seis mil livros e revistas distribuídos por dia⁴⁰⁶.

Prabhupada então, observou que o *sankirtana*, enquanto difusão da ISKCON e enquanto maneira de poder monetário, era a fórmula perfeita para fazer com que a sua instituição religiosa alcançasse grandes voos. Ele respondeu em uma carta parabenizando aos devotos de Los Angeles:

Eu estou muito satisfeito com todos os devotos e devotas de Los Angeles e de todo o mundo que estão compreendendo e apreciando esta qualidade única de nossa literatura transcendental, e voluntariamente estão saindo às ruas para distribuir apesar de todas as circunstâncias de dificuldade. Só por esse esforço eles já têm assegurado sua ida de volta a casa, de volta a Deus⁴⁰⁷.

A notícia se espalhou entre os membros da ISKCON e, no ano seguinte, novos recordes de livros distribuídos foram registrados. Os membros da ISKCON, aparentemente, passaram a se dedicar cada vez mais à distribuição de livros nos anos seguintes de modo que, entre 1974 e 1978, a instituição vivenciou o período áureo de *sankirtana* nos EUA⁴⁰⁸.

Em 1974, por exemplo, começou uma campanha de *sankirtana* nos aeroportos do país, que deu grande visibilidade ao movimento⁴⁰⁹. Uma frota de ônibus foi formada para que os distribuidores de livros pudessem viajar e realizar festivais Hare Krishna itinerantes, financiados, claro, pela própria atividade do *sankirtana*:

⁴⁰⁶ Segundo um artigo do site de notícias oficial da instituição: SMULLEN, Madhava. The story of Prabhupada Marathon. **ISKCON News**, 13 dez. 2008. Disponível em: <https://iskconnews.org/the-story-of-the-prabhupada-marathon,884/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴⁰⁷ CITAÇÕES de Prabhupada sobre a primeira Maratona de Natal da ISKCON. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982, 1f. Carta à Ramesvara, 09 jan. 1973.

⁴⁰⁸ Segundo Rochford Junior, em uma “estimativa conservadora” as comunidades da ISKCON na América do Norte obtiveram uma renda de cerca de 3 milhões de dólares entre 1974 e 1978, apenas com a distribuição de livros de capa dura. ROCHFORD JR. E. B. Hare Krishna in America: growth, decline, and accommodation. In: MILLER, Timothy. **America's alternative religious**. Albany: State University of New York Press, 1995, p. 217.

⁴⁰⁹ O biógrafo de Prabhupada comenta: “Em 1974, vários grupos novos formaram-se para a distribuição de livros. Tripurari viajava como um emissário de Los Angeles, mas agora com a anuência de Srila Prabhupada, ele formara um grupo de *sankirtana* da Bhaktivedanta Book Trust (BBT) com grandes sankirtaneiros que colocavam-se em diferentes aeroportos. Isso por si mesmo causou um significativo aumento na distribuição de livros”. GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 8, 21-26 mar. 1983, 1f.

Um novo grande aumento na distribuição de livros ocorreu quando Tamala Krishna Goswami, [...] formou o grupo de *sankirtana* de Radha-Damodara, viajando em um ônibus com as Deidades de Radha-Krishna para distribuir livros e promover festivais por todo o país. [...] Srila Prabhupada interessou-se pessoalmente no grupo e aprovou subsídios da BBT para a compra de mais ônibus, criando assim um exército de sankirtaneiros [...]. No final do ano [de 1974], o grupo Radha-Damodara tinha 5 ônibus, uma frota de furgões e 104 pessoas. [...] Srila Prabhupada encorajou o grupo Radha Damodara a expandir-se a centenas de ônibus e assim levar a cabo a mensagem de Sri Chaitanya Mahaprabhu de conduzir a consciência de Krishna a toda vila e cidade⁴¹⁰.

O resultado do *sankirtana* em 1974 então teria rendido cifras elevadas⁴¹¹. Consequentemente, com dinheiro em caixa, projetos mais ambiciosos começaram a ser instituídos. Com a regra do 50/50 instituída pela BBT, a editora poderia agora investir em construção e ampliação dos templos escolhidos por Prabhupada, pela BBT e pelo GBC. Ao que parece, a seleção dos projetos que receberiam recursos também seriam aqueles com bons resultados no *sankirtana* ou que tivessem uma posição estratégica para a expansão da ISKCON:

Em 1974 Srila Prabhupada subvencionou empréstimos consideráveis para a construção, compra e melhoramentos nos templos em Dallas, Havaí, Melbourne, Chicago e Vancouver. Ele também subvencionou um empréstimo para o grupo Radha Damodara para a compra “de templos móveis” [ônibus] e um para a América do Sul para a impressão de livros. Kirtanananda Maharaja pegava um empréstimo anual de 50.000 dólares automaticamente para [a comunidade] Nova Vrndaban. Mas Prabhupada negava auxílio financeiro para projeto que considerasse inconsistente com os propósitos da BBT. [...] Iniciando em 1974 e com um incremento em larga escala em 1975 Srila Prabhupada utilizou os lucros da BBT para a construção de seus principais templos na Índia – Vrndavana, Mayapur, e especialmente Bombay⁴¹².

Estima-se que entre 1974 e 1976, os membros da ISKCON em todo o mundo distribuíram pouco mais de 6 milhões de livros e revistas por ano. Em 1977 chegou a quase 10 milhões, em 1978 mais de 15 milhões e em 1979 superou a marca de mais de 16 milhões de cópias vendidas⁴¹³.

⁴¹⁰ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 8, 21-26 mar. 1983, f. 1-2.

⁴¹¹ Teriam sido 387.000 livros capa dura (60% a mais que no ano anterior); 4 milhões de BTG (aumento de 80%); A BBT vendeu aos templos um total de 6.668.000 unidades (60% a mais que o ano anterior). Ibidem, f. 3.

⁴¹² GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 9, 28 mar./02 abr. 1983, f. 1.

⁴¹³ Cf. gráfico da revista oficial de distribuição de livros da BBT: WORLDWIDE book distribution: Yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnworld.htm#graph>. Acesso em: 07 abr. 2021. Voltaremos a esse gráfico mais à frente.

A descoberta de que os dias que antecedem o Natal eram extremamente favoráveis para a distribuição de livros no Ocidente, fez com que a BBT adotasse uma campanha mundial de distribuição de livros no mês de dezembro que ficou conhecida como “Maratona de Prabhupada” (assim como “Maratona de Natal”, “Maratona de Dezembro” ou simplesmente “Maratona de Sankirtana”). As “Maratonas” acabaram inspirando competições entre os devotos de Krishna e se tornaram os períodos de maior quantidade de livros e revistas distribuídos no ano⁴¹⁴.

Essa grande quantidade de livros distribuídos nos anos 1970, certamente favoreceu a entrada de um volume maior de recursos. No entanto, o que parece é que a estratégia de Prabhupada era de utilizar o dinheiro ganho com mais impressão de livros e na construção ou reforma dos templos:

Srila Prabhupada disse que a melhor política é usar dinheiro para imprimir livros. Ele advertiu que, se a ISKCON acumular dinheiro, ela poderá ter que pagar impostos. “Imprima livros, venda-os e gaste o dinheiro da venda. Adote esta política e distribua estes livros. Esta é a nossa pregação principal. De alguma forma, devemos levar nossos livros de porta em porta e distribuí-los. Assim, nossa pregação será exitosa”⁴¹⁵.

Quanto ao dinheiro arrecadado, não guardem este dinheiro. Gastem-no imediatamente para imprimir livros. Talvez precisemos de dinheiro para fins de construção. Deve-se seguir isto à risca: 50% para impressão e 50% para construção⁴¹⁶.

Se essa regra foi seguida à risca pelos membros da ISKCON e da BBT, já não podemos saber. No entanto, Rochford Junior afirma em seu livro, que, ao menos nos Estados Unidos – epicentro do Movimento Hare Krishna até então - a ISKCON experimentou um considerável crescimento nos anos 1970 e, já na década seguinte, em meio a escândalos na mídia e crises institucionais, sofreria uma considerável desaceleração, incluindo uma drástica queda nos índices do *sankirtana*⁴¹⁷.

Prabhupada seguiu enfatizando a distribuição de livros como estratégia principal da ISKCON para levar o vaishnavismo *gaudiya* para o mundo inteiro, até os momentos que antecederam a sua morte, em 1977. Ele parecia acreditar que seus

⁴¹⁴ Veremos no próximo capítulo em mais detalhes como ocorriam essas “maratonas” no contexto brasileiro.

⁴¹⁵ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 202.

⁴¹⁶ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 205. Carta à Ramesvara Dasa, 13 ago. 1974.

⁴¹⁷ ROSHFORD JUNIOR, 1985, passim.

livros se tornariam populares e que, mesmo após a sua morte, ele continuaria sendo conhecido, através da sua obra literária:

Repórter: “O que acontecerá com o Movimento nos Estados Unidos quando o senhor morrer?”

Srila Prabhupada: “Eu jamais morrerei. [...] Viverei em meus livros, e você [os] utilizará”⁴¹⁸.

Distribuição de livros é a minha vida. [...] Se a distribuição de livros aumenta, eu nunca morrerei. Viverei por séculos⁴¹⁹.

Assim eu não estou morrendo. Vocês [discípulos] são o meu corpo. Através de suas palavras a distribuição de livros dobrará. Sim, sejam duplamente abençoados... Vocês não veem que esta impressão [de livros] é minha vida? Então faça-o; de outra maneira estarão me matando. Se vocês não providenciarem isto, então vocês estarão quase me matando⁴²⁰.

Desafiando as filosofias “concorrentes”, como os adeptos do impersonalismo *mayavada* dos iogues, Prabhupada acreditava que o seu movimento tinha dado certo e que a sua contribuição espiritual seria marcada como um novo período na história da humanidade:

Agora está em suas mãos. Vocês são habilidosos, inteligentes; agora espalhem a filosofia de Krishna e desafiem a filosofia Mayavada. Essa é uma nova e histórica renascença. Os historiadores anotarão este período, de como o mundo foi mudado⁴²¹.

Se houve de fato uma mudança positiva no mundo (uma “nova renascença”) derivada dos anseios e ações dos membros da ISKCON, isso não posso afirmar. Mas, curiosamente, aqui está um historiador “anotando” suas reflexões sobre a história do Movimento Hare Krishna.

⁴¹⁸ “Reporter (2): What will happen to the movement in the United States when you die?

Prabhupāda: I will never die. [...] I shall live for my books, and you will utilize”. PRABHUPADA, A. C. B. S. **Interview**. São Francisco, 16 jul. 1975. Disponível em: https://vanisource.org/wiki/750716_-_Interview_-_San_Francisco. Acesso em 08 abr. 2021, tradução minha.

⁴¹⁹ “Book distribution is my life. [...] If book distribution increases, I will never die. I will be living for centuries”. PRABHUPADA apud GOSWAMI, T. K. **Carta à Ramesvara**. Vndavana, 26 jun. 1977. Disponível em: https://vanisource.org/wiki/770626_-_Letter_to_Ramesvara_from_Tamal_Krishna. Acesso em: 08 abr. 2021, tradução minha.

⁴²⁰ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, f. 2. Carta de 20 de dezembro de 1976.

⁴²¹ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, f. 3. Prabhupada não tinha cristãos, judeus ou muçulmanos como inimigos dos seus ideais religiosos. Apenas se referia a eles, de maneira geral, como “maus seguidores” de suas próprias religiões. No entanto, em relação aos comunistas, ateístas e *mayavadins*, a sua postura era mais agressiva. Sobre o discurso de Prabhupada em relação aos *mayavadins*, cf.: LORENZ, Ekkehard. The guru, mayavadins, and women: tracing the origins of selected polemical statements in the work of A. C. Bhaktivedanta Swami. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p.112-128.

O mundo pode não ter mudado como ambicionavam os membros do Movimento Hare Krishna. O que posso afirmar, com toda certeza, é que a prática do *sankirtana* e o vaishnavismo *gaudiya* mudaram consideravelmente ao longo dos anos e que as religiões no mundo têm se tornado cada vez mais em congruência com as lógicas de mercado, propaganda e, sobretudo, têm sofrido um processo de mediatização que as altera de maneira significativa.

A prática do *sankirtana* com Prabhupada e a BBT se transformou basicamente em produção e venda de livros na segunda metade dos anos 1970. Isso não quer dizer que a ISKCON deixou de considerar o canto enquanto *sankirtana* e que não praticavam mais o “canto congregacional”. Ambas as atividades permaneceram e se fortaleceram mutuamente. No entanto, o discurso sobre a importância da distribuição de livros se tornou onipresente, sobretudo nas palavras dos líderes da instituição.

Nos anos 1980, os seus discípulos (e os discípulos destes) tiveram que lidar com uma série de desafios institucionais e sociais que impactaram o *sankirtana* e acabaram elaborando táticas para a manutenção de suas atividades missionárias. A dificuldade de dar continuidade a um movimento religioso sem a presença de seu fundador, causou mudanças na maneira como a ISKCON passou a lidar com o *sankirtana*. Veremos esse ponto a seguir.

3.4 A PRÁTICA DO SANKIRTANA DOS MEMBROS DA ISKCON

“O *sankirtana* foi a fundação do mundo religioso da ISKCON” (E. Burke Rochford Junior)⁴²².

O *sankirtana* iskconiano ressignificou a tradição do vaishnavismo *gaudiya* e transformou a religião em uma máquina de produção e distribuição de livros de Prabhupada. No entanto, para além de suas estruturas administrativas, das políticas de sua liderança para promoção e engajamento no *sankirtana*, a prática era efetivamente implementada por seus membros comuns: devotos iniciados ou sem iniciação (*bhaktas*); homens e mulheres; monges celibatários (*brahmachari*) ou chefes de família (*grhastha*). Todos eram incentivados constantemente a realizar *sankirtana*.

⁴²² “Sankirtan was the foundation of ISKCON’s religious world [...]” ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 83.

Como vimos, a definição do que era entendido por “*sankirtana*” mudou ao longo do tempo na tradição, até chegarmos à compreensão dada por Prabhupada e aos membros da ISKCON. Para Rochford Junior, o *sankirtana* na ISKCON era “originalmente uma prática pela qual os devotos de Krishna saem em locais públicos para cantar, distribuir literatura, recrutar novos membros e solicitar doações”⁴²³. Apesar da definição iskconiana não excluir as definições anteriores, ela passou a significar principalmente a “distribuição de livros”.

Em um trabalho anterior explicamos a prática do *sankirtana* da seguinte maneira:

Distribuir livros seria uma prática entendida como dar livros para pessoas nas ruas das cidades, em diferentes espaços públicos ou privados (quando possível), com a exigência de receber uma doação em troca. Essa deveria ser em dinheiro e, portanto, podemos dizer que se tratava de venda. Contudo, essa venda tinha a particularidade de ter ou não um valor fixo e o caráter de doação, no sentido religioso do termo, permitia uma flexibilidade maior na interação entre o distribuidor/vendedor e o doador/comprador.

Geralmente, essa atividade era feita por monges devidamente trajados com suas roupas monásticas. Assim, além do caráter de prática missionária, difundir literatura religiosa somado ao pedido de donativos poderia transmitir aos transeuntes a sensação de estarem fazendo caridade. A ideia de distribuir – e não vender – os livros parece revelar a ênfase do que essa prática seria *a priori*: uma intenção missionária, mais do que monetária⁴²⁴.

O *sankirtana*, na prática, funcionava de inúmeras formas ou modalidades diferentes. O distribuidor de livros ia para algum local com bom fluxo de pessoas, interceptava um transeunte ou chamava a atenção de um grupo de pessoas e, ao ter a atenção de seu potencial cliente, falava um texto pré-determinado, que poderia ser em prosa, verso (citações das escrituras), poderia vir sob a forma de uma indagação ou uma frase de impacto. Esse texto verbal é conhecido entre os distribuidores de livros como o “mantra”⁴²⁵.

⁴²³ ROCHFORD JUNIOR, 1985, p. 172. O autor é, talvez, o maior estudioso do Movimento Hare Krishna por ter estudado a ISKCON de perto por mais de 40 anos.

⁴²⁴ CARVALHO, 2018, p. 110-111.

⁴²⁵ No capítulo 4, descreveremos em mais detalhes as diferentes “modalidades de *sankirtana*” e os “mantras” usados pelos distribuidores de livros.

A depender das orientações recebidas ou da vontade individual do distribuidor de livros, a sua atividade poderia se dar por horas a fio, indo de pessoa em pessoa, em praças, calçadas, semáforos, praias, aeroportos, rodoviárias, estacionamentos e onde mais houvesse boas oportunidades para a escoação dos livros. Os distribuidores pareciam ter uma firme fé de que sua atividade era algo extremamente importante e por isso, muitos se dedicavam à prática por muitas horas diárias, quer fosse no calor de verão da cidade do Recife ou no frio do inverno de Londres.

O devoto que distribuía livros regularmente e de forma ideal teria uma rotina bastante rígida. Ele seria um monge, vivendo como interno em um dos templos da ISKCON. Acordaria entre três e quatro horas da madrugada, tomaria seu banho, participaria da programação espiritual diária do templo, cantaria sua cota de mantras (*japa-mala*) prescrita antes do desjejum e, após a refeição, partiria para o lugar determinado pelo líder de *sankirtana* ou presidente de templo para distribuir livros. Ele passaria, idealmente, oito horas distribuindo sua cota de livros (estipulada por ele mesmo ou por seus “superiores”) e voltaria para o templo para participar das atividades espirituais noturnas, para se alimentar e preparar-se para um descanso de aproximadamente seis horas. No dia seguinte, a mesma rotina se repetiria⁴²⁶.

Alguns devotos se dedicavam a essa rotina diariamente, outros, somente alguns dias por semana e outros, apenas em períodos de “maratona” ou esporadicamente. A rotina desses religiosos tinha um objetivo teológico de estar o tempo inteiro com o pensamento direcionado à Krishna e de falar (ou cantar) sobre Krishna para os outros de maneira que, o meio e o fim da religião se tornavam o mesmo: “[...] para devotos absortos em cantar e distribuir livros (as duas principais atividades mutuamente nutritivas de *sankirtana*), o meio e o fim tornam-se idênticos”⁴²⁷.

Para se compreender a ideia que os membros da ISKCON tinham sobre a prática, temos de observar os diferentes sentidos que ela possui e as duas questões que ela envolve: o dinheiro e o livro. Primeiramente, a “distribuição” de livros não deve ser entendida num sentido de “doação” de livros. Os Hare Krishna não entendem a

⁴²⁶ Essa descrição é baseada nos inúmeros textos motivacionais da *Carta de Sankirtana*, revista da BBT no Brasil para monitoramento dos resultados de *sankirtana* no país. No próximo capítulo, voltaremos a esse tema.

⁴²⁷ DASA, A. T., 1997, p. 47.

“distribuição”, enquanto “distribuição gratuita”, mas, sim, no sentido comercial do termo: distribuição (ou escoação) dos produtos após a sua produção. Em último caso, a “distribuição” é uma venda.

No entanto, como objeto dotado de valor simbólico religioso, o livro, para os Hare Krishna, seria a priori, um objeto sagrado, assim como o dinheiro obtido com a sua venda ou “doação”. O dinheiro obtido e gasto com finalidades “espirituais” é chamado pelos devotos de “*lakshmi*” – mesmo nome da “Deusa da Fortuna” que é, na mitologia hindu, a consorte do deus Vishnu⁴²⁸. Além disso, o fato de solicitar uma “doação”, seria encarado como um ato de “esmolar”, algo visto como positivo no sentido religioso, inclusive para a tradição *gaudiya*⁴²⁹.

Por outro lado, o livro em si é tido como uma manifestação ou encarnação da divindade na contemporaneidade. Como declarou um devoto:

Às vezes as pessoas perguntam por que Krishna não aparece nestes tempos de guerra, crueldade e injustiça. Mas Krishna está aparecendo – diante de nossos olhos – na forma desses livros. Não há dúvida quanto a isto: a distribuição de livros é o aparecimento de Krishna nestes dias [...] ⁴³⁰.

Os livros, para os devotos de Krishna, são como entidades sagradas personificadas: têm vontade própria e atuam junto com o distribuidor para convencer os compradores a os levarem:

Os livros também vão a todos os lugares. Eles permanecem aqui e ali, e encontram pessoas que os leem. Os livros e o mantra *Hare Krishna* não são diferentes de Krishna. Eles são pessoas. Eles têm inteligência. Eles encontrarão seus fregueses, seus devotos. Se queremos nos tornar instrumentos [de Krishna], devemos ter fé no nome de Krishna e nos livros de Krishna ⁴³¹.

⁴²⁸ Vishnu é tido pelos *vaishnava* como o deus supremo e Krishna é uma de suas encarnações (*avatara*). Para os *vaishnava gaudiya*, há uma inversão: Krishna é a “suprema personalidade da divindade” e Vishnu é apenas uma das formas menores de Krishna. Mas, em última instância: ambos são tidos como sendo formas de uma mesma divindade suprema, tidas como simultaneamente diferentes e não-diferentes (*achintya bedhabedha*). Em outras palavras, Krishna, Vishnu ou qualquer de suas encarnações) são tidos como o mesmo deus supremo e adorável. E cada uma dessas encarnações tem a sua contrapartida feminina, uma deusa que amante e amada da parte masculina. No caso de Krishna, Radha, a pastorinha, é a sua potência (*shakti*), e no caso de Vishnu, a Deusa da Fortuna, Lakshmi, é a sua *shakti*.

⁴²⁹ Chaitanya e muitos de seus seguidores praticavam o ato de esmolar para se alimentar diariamente, devido à posição enquanto renunciante. Bhaktisiddhanta também via o ato de esmolar como “uma disciplina espiritual, uma maneira de nutrir humildade e profunda dependência de Deus, mas, também, uma atividade que fazia um número incontável de contatos públicos em busca de apoio” SARDELLA, 2013, p. 116.

⁴³⁰ DASA, A. T., 1997, p. 48.

⁴³¹ DASA, R. apud DASA, A. T., 1997, p. 21.

Assim, há uma teologia do *sankirtana* implícita na prática: ao “distribuir” um livro para alguém, o devoto está “dando Krishna” para o comprador e, assim, nada mais justo do que receber em troca uma “doação” em dinheiro – e que seria a própria deusa Lakshmi. O dinheiro só se torna “*lakshmi*” porque será (em tese) empregado novamente na produção de livros e na missão de pregação. Então, para o Hare Krishna, o livro, o dinheiro ganho com ele e a própria prática em si são igualmente sagrados.

O fato de aceitar uma “doação” (e não um preço fixo) é, nessa teologia do *sankirtana*, algo importante. A “doação” desvincula o devoto de uma representação enquanto “vendedor”. Os membros da ISKCON preferem ver a si mesmos como “distribuidores”: eles estariam “dando Krishna” para as pessoas e, em troca, aceitariam “doações” em dinheiro.

Como vimos nas declarações de Bhaktivedanta Swami Prabhupada, a prática foi vista como sendo a essência do “Movimento de Chaitanya” e, ao participar dessa missão, o distribuidor de livros estaria salvando a si mesmo e à humanidade em geral. O *brhad-mrdanga* (grande tambor) que ressoa através dos livros, iria “purificar” a humanidade através da espiritualização que os mesmos promoveriam.

Dessa forma, ao se dedicar a uma atividade tão importante e exigente, os devotos estariam participando não somente de uma campanha de financiamento das atividades da ISKCON ou do seu templo em particular, mas, de uma missão para salvar as “almas condicionadas” do “mundo material”.

Além de ser um possível método de conversão de “*karmis*” (não-devotos), os livros teriam a potência de “purificar” espiritualmente os seus compradores, ainda que não houvesse a conversão: “Comprar livros [de Prabhupada] é serviço devocional. O comprador é recompensado com verdadeiro progresso espiritual”⁴³².

Um devoto explica como o encontro com o distribuidor de livros e a simples presença do livro na estante do comprador teriam a capacidade de purificar a vida dele, ainda que não venha a se tornar um “devoto”:

A pregação tem sucesso se podemos dar livros às pessoas. Então quando voltam para casa, elas sentem que tiveram uma experiência agradável com

⁴³² DASA, A. T., 1997, p. 17.

o devoto que encontraram. Elas sentirão que aquela pessoa que se aproximou delas era completamente especial e nunca vão esquecer aquela impressão mesmo que se passem muitos anos e elas não leiam os livros. Os devotos estão tão plenamente inspirados pela influência do Senhor Chaitanya e pelas bênçãos do mestre espiritual que as pessoas também se inspiram e se animam com o nosso entusiasmo. Mas logo que as deixamos elas esquecem tudo. *Maya* [a ilusão] vem a elas com o gozo dos sentidos, e quando estão em casa, esquecem tudo o que lhes dissemos. Mas pelo menos têm livros como lembrança. Elas sempre lembram o encontro que tiveram com o devoto. Jamais viram alguém tão especial. Então um dia, Krishna, que está em seus corações, os dará inspiração para ler os livros [...]: “Oh! Eu me lembro daquela pessoa que me deu este livro; talvez eu deva lê-lo agora”. Elas sentem um impulso no coração. Então o ponto é que elas se lembrarão de nossa pregação sempre que olharem a estante e virem o livro lá. E assim, nossa pregação surtirá efeito. Do contrário podemos ser muito agradáveis, mas se não há livro, então elas se esquecerão de nós e de tudo o que dissemos⁴³³.

O livro, dentro da teologia iskconiana, é um personagem ativo, ele tem vontades, ele prega por si só, ele purifica o ambiente e a vida de quem o possui e dá sentido às pregações dos devotos. Assim, para os devotos de Krishna, a distribuição de livros tem, em sentido ideal, um papel espiritual fundamental. Ela é a ferramenta de difusão da religião, mas é também, a forma de aperfeiçoamento espiritual e de alegria do devoto.

A prática seria tão especial que nem mesmo no “mundo espiritual” – local para onde se destinam as “almas liberadas” após a morte – ela estaria disponível. Somente os seguidores de Prabhupada teriam uma oportunidade tão incrível de avanço espiritual e de felicidade. Como disse um líder e guru da ISKCON:

No mundo espiritual tudo está presente menos uma coisa: o prazer de salvar as almas condicionadas através de *sankirtana*. Por isso mesmo Krishna desce, na forma do Senhor Chaitanya, para fazer *sankirtana* e saborear este prazer. Então quem pode duvidar que o *sankirtana* é a verdadeira fonte de nossa alegria e felicidade? Devemos estar felizes de fazer *sankirtana*⁴³⁴.

Os membros da ISKCON deveriam ser entusiasmados e se sentirem felizes por estarem tendo o privilégio de fazer o *sankirtana*. A crença de que a distribuição de livros possibilita mais avanço espiritual do que os demais ofícios religiosos na ISKCON – mais até do que a própria ação de cantar mantras (prática fundante do vaishnavismo *gaudiya*) – é repetida por seus membros como uma espécie de justificativa para si mesmos ou para os seus pares. Como diria um dos maiores distribuidores de livros da ISKCON:

⁴³³ DASA, R. apud DASA, A. T., 1997, p. 18.

⁴³⁴ SWAMI, S apud apud DASA, A. T., 1997, p. 32.

De fato, fico mais absorto em consciência de Krishna enquanto distribuo livros do que quando estou cantando. No estado condicionado, vê-se uma diferença entre distribuir o santo nome em forma de livros e cantar o santo nome [de Krishna]. Mas, quanto mais absorto estamos em Krishna através da distribuição de livros, tanto melhor se torna nosso cantar⁴³⁵.

O canto e a distribuição de livros passaram a ser vistos como uma mesma coisa, como espiritualmente equivalentes ou atividades “mutuamente nutritivas”, como foi dito mais acima. Apesar dessa equiparação que justificaria chamar a distribuição de livros de “*sankirtana*”, esta última parece estar disposta numa fórmula de “igual, mas, melhor”.

Por esse motivo, os distribuidores de livros – também conhecidos como “sankirtaneiros”⁴³⁶ - eram vistos pelos membros da ISKCON como devotos especiais, “queridos ao Senhor” e, por isso, deveriam receber tratamento especial pelos demais. Um líder da ISKCON justificava os motivos pelos quais os sankirtaneiros seriam uma classe especial de devotos:

Todos os devotos são queridos ao Senhor porque eles se ocupam em Seu serviço devocional, mas os sankirtaneiros são especialmente queridos porque instruem as pessoas a renderem-se a Krishna. Devemos cuidar especialmente dos sankirtaneiros, porque eles apoiam o templo econômica e espiritualmente. O presidente do templo deve dar-lhes a melhor parafernália, e os cozinheiros devem ter um cuidado extra ao fazer *prasadam* tão boa que os sankirtaneiros se inspirarão a sair e aumentar sua distribuição [de livros]⁴³⁷.

Os presidentes de templo deveriam dar um tratamento especial para os sankirtaneiros, como utensílios e alimentação especiais. Aqui, o líder admite que se deve tratar os distribuidores de livros de maneira diferenciada porque eles “apoiam o templo econômica e espiritualmente”. Novamente, há uma percepção de que esses devotos eram vistos sob a ótica do “igual, mas, melhor”. Um sankirtaneiro defendia em uma entrevista:

Se os distribuidores de livros se sentirem maltratados, eles não sentirão inspiração para sair. Os presidentes e administradores do templo e todos mais no templo devem ser cuidadosos na maneira de tratar os distribuidores de livros. Se os distribuidores de livros se sentirem indesejados, isto os

⁴³⁵ DASA, N.N. apud DASA, A. T., 1997, p. 43. O “estado condicionado” citado pelo devoto se refere a um nível iniciante ou “neófito” de conhecimento espiritual.

⁴³⁶ “Sankirtaneiro” é uma maneira de se referir aos devotos “distribuidores de livros”, nas línguas portuguesa e espanhola (*sankirtanero*). Em inglês não notei em textos iskconianos uma palavra semelhante, tal como “*sankirtaner*”, sendo utilizado um termo mais formal como “*book distributor*” (“distribuidor de livros”).

⁴³⁷ SWAMI, H. apud DASA, A. T., 1997, p. 192. “Parafernália”, na ISKCON, é uma palavra que indica os objetos utilizados na adoração das deidades no altar ou na cozinha, incluindo utensílios para alimentação. A *prasadam* é o alimento santificado produzido pelo devoto e ofertado a Krishna antes de ser consumido.

desanimará, e qualquer desânimo pode enfraquece-los a ponto de, quando saírem, perderem a vigilância e então *maya* [ilusão] os atacará⁴³⁸.

Já outro devoto defendia que: “Os distribuidores de livros são soldados da linha de frente, mas não podem ter sucesso sem apoio. Eles precisam de *prasada* [alimento consagrado], suprimento de livros e um templo mantido corretamente”⁴³⁹. Outro sankirtaneiro foi um pouco mais específico na maneira como estes devotos deveriam ser servidos:

Quando eles [os sankirtaneiros] vêm ao templo, todos devem associar-se com eles. É claro, é bom dar-lhes seus próprios quartos onde podem dormir e ler em paz. [...] É bom que recebam a *maha-prasadam* [alimentos consagrados especiais ofertados às deidades]. Alguém poderia lavar suas roupas ou seus carros. Estas coisas mostram apreciação. Os devotos mais jovens especialmente devem ter prazer em servir os devotos de *sankirtana* – e sentir que estão recebendo uma misericórdia especial⁴⁴⁰.

Todo esse tratamento especial que os distribuidores de livros deveriam receber era justificado pelo grande serviço executado por esses devotos. O seu trabalho missionário era visto como o mais importante, sem sombra de dúvidas⁴⁴¹. Mas essas representações sobre si expõem também a dependência financeira que a ISKCON teve, durante muito tempo, do trabalho de arrecadação de dinheiro dos *sankirtaneiros*.

Ao distribuir os seus livros, eles não estavam apenas numa missão espiritual de “salvar as almas condicionadas”, mas, também, de salvar o próprio templo em que viviam, a continuidade das impressões de livros da BBT e os grandes projetos da ISKCON. Essa supervalorização do *sankirtana* e do sankirtaneiro também revela o lado prático de como manter e dar continuidade a uma instituição que começara humilde, expandira-se rápida e ambiciosamente e que pretendia manter toda uma estrutura de funcionamento apenas pelo trabalho de venda de livros dos seus membros.

⁴³⁸ DASA, J. G. apud DASA, A. T., 1997, p. 191.

⁴³⁹ DASA, R. apud DASA, A. T., 1997, p. 191.

⁴⁴⁰ DASA, G. S. apud DASA, A. T., 1997, p. 192.

⁴⁴¹ Rochford comenta que os devotos em sua maioria deveriam ser ocupados no *sankirtana*. Os membros que não conseguiam ser ocupados nessa posição, eram mandados para trabalhar nas escolas comunitárias (*gurukula*): “*American culture has a saying, ‘Those who can’t do otherwise, teach’.* During the 1970s and 1980s, ISKCON had its equivalent: ‘Those who can’t do sankirtan, work in the gurukula’”. ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 84. Trabalhar no *gurukula* (escola da ISKCON) fornecia um “baixo status” social em comparação com aqueles que se dedicavam ao *sankirtana*: “*Success at sankirtan brought individual recognition within the devotee community, whereas working with children brought invisibility and a loss of status*”. Ibidem, p. 84.

A ênfase no *sankirtana* como atividade fundamental de todo o funcionamento da ISKCON e o status teológico que a prática e seus praticantes adquiriram na instituição, nos aproxima parcialmente do entendimento de uma das inquietações iniciais da nossa tese - e que também parece ser a de muitas pessoas: Por quê os Hare Krishna fazem tantos esforços para vender os seus livros?

Essa pergunta também motivou a escrita de um artigo da *BTG* de 1985. Uma distribuidora de livros que teria se dedicado à atividade por seis anos, explicava aos leitores da revista “porquê os Hare Krishna distribuem livros”. Primeiro ela determina que os devotos não são “vendedores de livros ordinários” e adverte que essa venda de livros é “transcendental” porque seria uma “glorificação de Krishna”⁴⁴². Então, a autora explica:

Quando nós damos um livro a alguém, nós permitimos que ele entre em contato com a filosofia e os passatempos de Krishna. Qualquer doação que ele dê ajuda na publicação de livros e na manutenção dos templos do movimento da consciência de Krishna⁴⁴³.

A autora do artigo faz questão de afirmar para o público da revista que o dinheiro dos clientes não será usado para benefício pessoal dos devotos ou de algum “grandão” que está no “topo”:

Seguindo as instruções do Senhor Chaitanya e Srila Prabhupada, os devotos da ISKCON estão entusiasticamente distribuindo livros para o benefício das pessoas em geral. Assim, quando você encontrar os devotos coletando doações, lembre que eles não estão querendo te explorar, tirando o seu dinheiro para dá-lo a algum grandão que está no topo ou pegá-lo para si mesmos⁴⁴⁴.

Essa justificativa dada pela distribuidora de livros era publicada justamente em um período de grande queda nos resultados do *sankirtana* nos EUA, motivada, segundo Rochford, pela má reputação adquirida pelo Movimento Hare Krishna nos 1980, devido a práticas desonestas dos seus vendedores de livros e devido a atuação

⁴⁴² DEVI DASI, Seva. Why we distribute books? **Back do Godehead**. Philadelphia: The Bhaktivedanta Book Trust, v. 19, n. 8, jul. 1984, p. 24-27, p. 24.

⁴⁴³ “When we give someone a book, we allow him to get in touch with the philosophy and pastimes of Krishna. Any donation he gives helps support the book publication and the temples of Krishna consciousness movement”. Ibidem, p. 24-25.

⁴⁴⁴ “Following the instructions of Lord Chaitanya and Srila Prabhupada, the devotees in ISKCON are enthusiastically distributing books for the benefit of people everywhere. So, when you meet the devotees collecting donations, remember that they’re not out to exploit you by taking your money to give it to some big man at the top or to keep it for themselves”. Ibidem p. 27.

dos movimentos civis que lutavam contra a atuação dos NMRs, então chamados de “seitas” na mídia⁴⁴⁵.

Veremos no próximo tópico algumas informações importantes sobre o desenvolvimento do *sankirtana* nos anos 1980 e 1990 e como isso motivou algumas mudanças nas maneiras de fazer a prática.

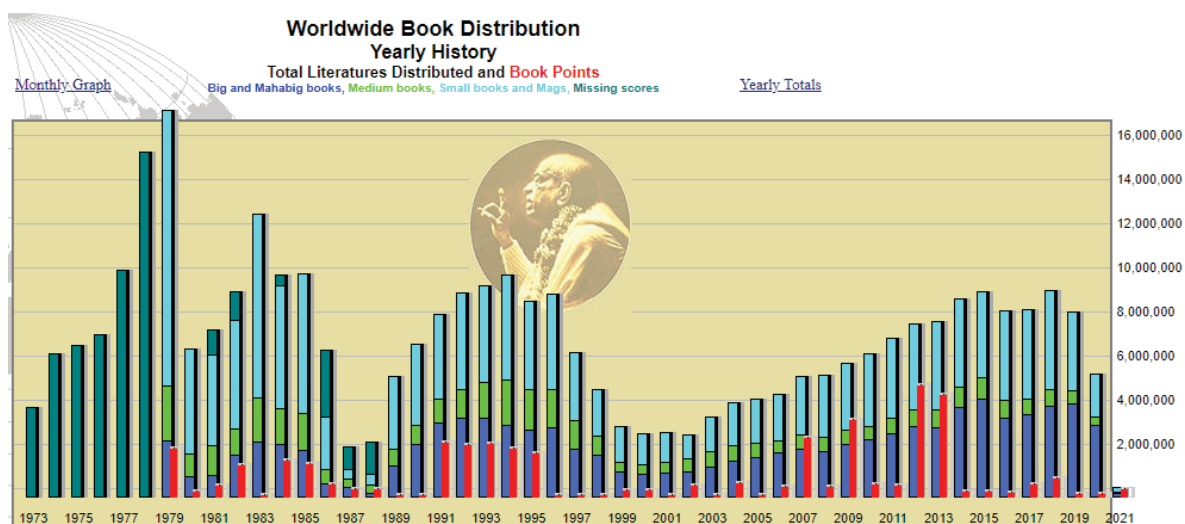
3.5 O SANKIRTANA PÓS-PRABHUPADA

“Não há outra maneira senão a distribuição de livros para manter nosso templo – esta é a nossa maldição” (Sarvatma Dasa)⁴⁴⁶.

A partir de 1980, a ISKCON passou por uma retração no número de livros e revistas distribuídas mundialmente, sobretudo, nos Estados Unidos que, até então, era o país com mais membros e maior distribuição de livros.

Um gráfico da revista *World Sankirtana Newsletter (WSN)* – periódico que fazia a contagem e divulgação dos números do *sankirtana* em cada templo, país e zona da ISKCON no mundo - mostra os altos e baixos do quantitativo de livros distribuídos de 1973 até abril de 2021:

Gráfico 1 - Resultados anuais do *sankirtana* mundial (1973-2021)



⁴⁴⁵ Cf. ROCHFORD JUNIOR, 2004.

⁴⁴⁶ DASA, S. apud DASA, A. T., 1997, p. 200.

Fonte: World Sankirtana Newsletter⁴⁴⁷

Se considerarmos que o gráfico acima revela dados corretos ou aproximados, podemos supor que o fim dos anos 1970 representa o auge do *sankirtana* em termos de número de livros e revistas distribuídos e que o ano de 1980 revela uma queda considerável nos índices de venda e o início de uma instabilidade nos anos seguintes. Em 1983, os resultados voltaram a crescer e gradativamente caíram ao ponto de em 1987 e 1988 obterem os piores resultados do retrospecto⁴⁴⁸. A partir daí, há um novo crescimento até meados dos anos 1990 quando os resultados caem novamente e só voltam a crescer lentamente em meados dos anos 2000⁴⁴⁹.

Não é objetivo da presente pesquisa fazer uma análise detalhada dos dados referentes ao quantitativo de livros distribuídos pelos membros da ISKCON em nível mundial. No entanto, ter uma noção mínima de como a prática teve mais ou menos sucesso ao longo dos anos, pode nos ajudar a entender algumas das ações tomadas pelos membros da ISKCON e alguns dos discursos sobre o *sankirtana* de seus praticantes⁴⁵⁰.

O que temos por certo é que desde o início da ISKCON (1966) e, principalmente, com a instituição da BBT (1972) o *sankirtana* aumentou gradativamente até chegar a seu auge em 1979 e, depois disso, a instabilidade teria se instaurado. Os números precisam levar em conta que até o ano de 1977, estima-se que havia apenas 5 mil membros iniciados na ISKCON⁴⁵¹. E que, ao longo dos anos 1980 e 1990, diversos outros centros da ISKCON foram abertos pelo mundo, contando com um número muito maior de membros. Se fôssemos pensar em uma

⁴⁴⁷ WORLDWIDE book distribution: Yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnworld.htm#graph>. Acesso em: 07 abr. 2021. No gráfico, a cor verde escura representa os índices estimados já que não havia ainda a revista para computar os resultados periódicos de *sankirtana*. Na cor azul clara, são registrados os quantitativos de livros pequenos e as revistas. Na cor verde clara, são registrados os livros de tamanho médio e em azul escuro, os livros grandes. Em vermelho é exibido o total de pontos alcançados em cada ano.

⁴⁴⁸ Os resultados para estes dois anos, por um motivo desconhecido por mim, parecem não ter sido computados em boa parte dos centros da ISKCON pelo mundo. Apenas EUA e Canadá aparecem com resultados mais expressivos (e ainda assim, bem abaixo daqueles do início da década). Pode ter havido uma espécie de “apagão” na contabilidade do *sankirtana* mundial pela BBT.

⁴⁴⁹ O ano de 2020 revela uma nova queda, com um quantitativo fraco, semelhante ao de 2007. Isso se deu, muito provavelmente, devido ao estado de pandemia e a exigência de isolamento social na maioria dos países do mundo.

⁴⁵⁰ No próximo capítulo, faremos uma comparação entre o desenvolvimento do *sankirtana* mundial e o brasileiro.

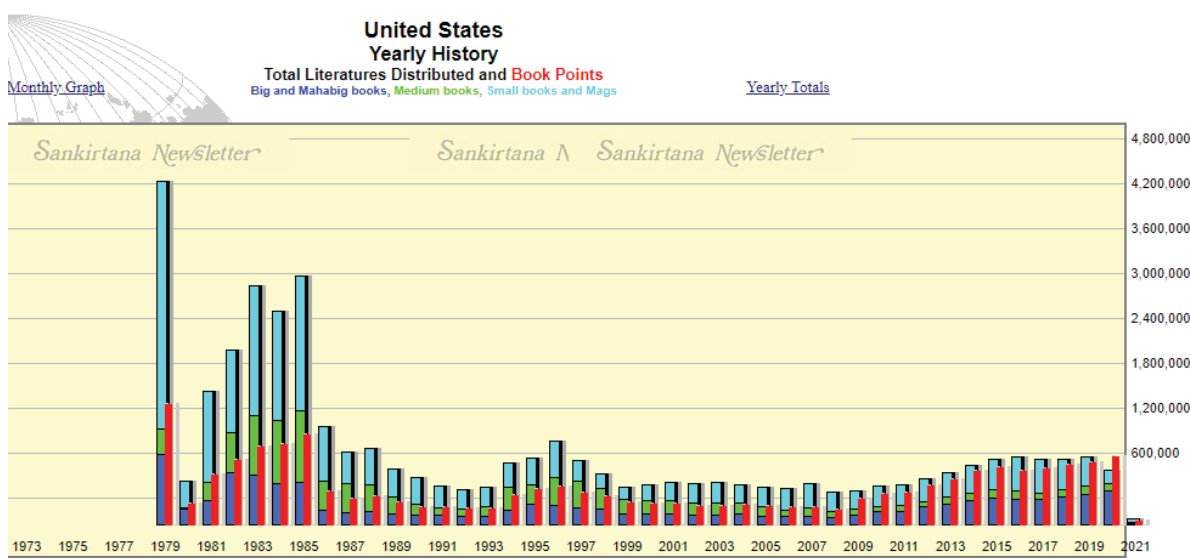
⁴⁵¹ Cf. ROCHFORD JUNIOR, 1985.

lógica de progressão em relação aos números dos anos 1970, as décadas seguintes deveriam ter mostrado resultados muito acima dos que foram alcançados. Na prática, o que aconteceu foi um declínio do *sankirtana* no Ocidente.

Rochford acredita que houve uma grande distribuição de livros entre 1974 e 1979 nos Estados Unidos com ápice no último ano e logo em seguida uma drástica queda motivada pelo ataque das organizações “antisseita” no país e também, devido às práticas desonestas dos membros da ISKCON ao tentar vender insistentemente um número de livros cada vez maior. Esses dois motivos teriam influenciado negativamente a imagem pública dos devotos de Krishna, fazendo as vendas de livros caírem severamente nos anos 1980⁴⁵².

O gráfico do *sankirtana* referente somente aos Estados Unidos confirma, parcialmente, a tese do autor:

Gráfico 2 - Resultados de *sankirtana* anuais dos EUA (1979-2021)



Fonte: World Sankirtana Newsletter⁴⁵³

No gráfico acima, podemos perceber uma diferença em relação ao primeiro. Após os resultados relativamente bons obtidos entre 1982 e 1985, os números

⁴⁵² ROCHFORD JUNIOR, 2004, p. 283.

⁴⁵³ UNITED States: yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsn01059.htm>. Acesso em: 07 abr. 2021. Diferente do primeiro gráfico, a revista não apresentou dados (nem de forma estimativa) sobre os resultados dos anos entre 1973 e 1978 para os EUA. Por isso, a estimativa de Rochford Junior aqui se torna importante.

praticamente não voltaram a crescer no país, fazendo com que o *sankirtana* nos EUA tenha se mantido em níveis baixos até os dias atuais.

Outra justificativa apontada por Rochford para a diminuição nos resultados de *sankirtana* pós-Prabhupada nos EUA foi o declínio definitivo da contracultura nos anos 1980 que teria feito com que o recrutamento de novos membros em locais públicos perdesse a força⁴⁵⁴.

O mundo havia mudado desde os anos 1960 e assim, os membros da ISKCON já não provinham dos mesmos grupos sociais de quando a instituição tinha apenas dois templos nos epicentros da contracultura estadunidense (Nova Iorque e São Francisco). Como defende o autor, em fins dos anos 1970 e início dos 1980, boa parte dos membros da ISKCON tinham pouco ou nenhum contato com a contracultura⁴⁵⁵. Assim, o recrutamento de novos membros passou a ter como base os laços sociais dos devotos, mais do que de suas performances e pregações públicas, embora estas últimas tenham continuado.

Os dados também nos fazem refletir sobre o deslocamento do *sankirtana* mundial dos EUA para outras regiões do mundo. Enquanto em terras ianques, os anos 1980 foram um período de declínio, outros locais, como a América Latina, parecem ter mantido uma média de resultados entre dos anos 1980 até meados dos anos 1990⁴⁵⁶. Na década de 1990, ocorreria um grande boom de *sankirtana* no Leste Europeu e, principalmente, na Rússia, devido à abertura do país e seus antigos territórios para o capitalismo global. E dos anos 2000 em diante, a Índia passou a liderar avassaladoramente os resultados de distribuição de livros, fazendo com que a

⁴⁵⁴ ROCHFORD JUNIOR, 1985, p. 160.

⁴⁵⁵ “Many of the young people who joined ISKCON in the late seventies and early eighties have had little or no contact with the counterculture. The [United States of] America of the 1980s reflects a much different culture from that of the activism that characterizes the era of the counterculture”. ROCHFORD JUNIOR, 1985, p. 62. Considerando os seus pesquisados, o autor constatou que entre os membros da ISKCON que ingressaram entre 1967-1971, 63% tiveram envolvimento com a contracultura antes da conversão; entre os que ingressaram de 1972 a 1976, 41% tiveram algum envolvimento com a contracultura; e aqueles que se converteram entre 1977 e 1980, somente 26% tinham tido essa experiência. Ibidem, p. 65.

⁴⁵⁶ LATIN America: yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsncsa.htm>. Acesso em 14 abr. 2021. Veremos no próximo capítulo, como a ISKCON do Brasil manteve curvas de *sankirtana* diferentes em relação aos irmãos estadunidenses.

distribuição de livros ocupasse novamente um lugar de peso para a ISKCON internacional⁴⁵⁷.

Apesar dessa diminuição dos resultados do *sankirtana* no Ocidente dos anos 1980, a prática continuou a ser enfatizada como principal projeto missionário e como meio mais eficiente para a manutenção da ISKCON nos anos 1980 e 1990. Um líder da instituição defendia que, na continuação do Hare Krishna após a morte de Prabhupada, o *sankirtana* era o meio perfeito de subsistência espiritual e financeira do Movimento Hare Krishna:

Estamos distribuindo livros porque Srila Prabhupada disse que não há melhor maneira de pregar a consciência de Krishna. E para incentivar os administradores ele disse que é também um ótimo meio de financiar os templos. Por fazerem o principal trabalho de pregação, vocês podem também financiar os templos. A distribuição de livros tanto propaga quanto mantém a missão de pregação. Que outra atividade financeira pode alegar o mesmo?⁴⁵⁸.

Para os administradores, preocupados com a manutenção dos espaços aos quais eram encarregados, Prabhupada dizia que o *sankirtana*, enquanto prática de venda de livros, era um “ótimo meio” de financiamento. E para os distribuidores de livros, como vimos, ele dizia que era o principal meio de difundir o “Movimento de Chaitanya” que “salvaria” a humanidade. Assim, os membros da ISKCON tinham forte fé de que o *sankirtana* iria resolver todos os problemas da instituição, tanto os materiais, quanto espirituais.

A necessidade de manter a estrutura alcançada pela ISKCON nos anos 1970 (sem falar no desejo constante de expansão), passou a ser uma grande preocupação para os administradores da ISKCON nos anos seguintes. No ano da morte de Prabhupada, a sua instituição possuía cerca de 100 espaços em funcionamento pelo mundo, entre templos, centros de pregação, comunidades rurais e restaurantes vegetarianos⁴⁵⁹.

⁴⁵⁷ Para obter uma visão mais detalhada sobre os resultados mundiais de *sankirtana*, cf: CONTINENT totals: 1979 to 2021. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnscsa.htm>. Acesso em 14 abr. 2021. For Book Distribution from 1979 to 2021. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnwrec.htm#pageCT>. Acesso em: 07 abr. 2021.

⁴⁵⁸ SWAMI, H. apud DASA, A. T., 1997, p. 200.

⁴⁵⁹ Um “templo” da ISKCON é um espaço religioso onde há um programa espiritual regular, geralmente com uma deidade de Krishna e adoração ritual diária a ela, além de ter monges vivendo em suas dependências. Um “centro de pregação” é um espaço dedicado a converter novos membros, formar

Assim, os líderes espirituais e administrativos que sucederam a Prabhupada, continuaram a enfatizar o *sankirtana* como sendo a prática mais importante de difusão e manutenção financeira da instituição. O autor da epígrafe que inicia este tópico falava que não existia, para ele, outra atividade de financiamento do Movimento Hare Krishna, a não ser a distribuição de livros. Ele assumia, mais à frente no seu discurso, que: “De fato, falando honestamente, distribuo livros porque não conheço nenhuma outra maneira de ganhar dinheiro, e não quero conhecer nenhuma outra maneira. Isto me mantém muito feliz”⁴⁶⁰.

Certamente os membros da ISKCON conheciam e praticavam outras maneiras de manutenção econômica. Mas a importância dada por Prabhupada e seus seguidores ao *sankirtana* fazia com que ela fosse vista entre os religiosos, como uma prática de alto valor espiritual. Observando o comentário acima, podemos entender que alguns dos seus praticantes, consideravam o *sankirtana* de uma maneira romântica: o devoto se sentia (ou deveria se sentir) feliz por não conhecer nada além do *sankirtana* como forma de manutenção financeira da instituição.

Essa maneira de perceber o *sankirtana* no Movimento Hare Krishna explica em partes o motivo pelo qual a ISKCON não investiu tanto esforço e recursos para difusão em outras plataformas midiáticas, como o rádio e televisão. Apesar da ideia de propagação do movimento por outras vias e mídias estar em aberto e de ser vista com bons olhos por Prabhupada, a literatura religiosa continuou sendo a aposta para a continuidade da expansão e manutenção do Movimento. Seria através da distribuição de livros que tudo seria possível para a ISKCON. Como um dos principais líderes de *sankirtana* declarou:

E há muitos subprodutos da distribuição de livros. Aqui na Suíça, onde nos últimos quinze ou dezoito anos os livros têm saído sem interrupção, muitos outros sucessos de pregação começaram a manifestar-se. Por exemplo, a TV Suíça investiu sessenta mil francos para filmar nosso templo de Zurique e

uma congregação, mas, não necessariamente possui deidades instaladas ou programas diários, tendo como foco o “Festival de Domingo”, voltado ao público externo e à congregação dos devotos. De maneira geral, os espaços chamados de “templos”, começaram como “centros de pregação” e adquiriram o status de “templo” pelo sucesso de suas atividades. As “comunidades rurais” foram defendidas por Prabhupada para abrigarem grandes templos e famílias de devotos afim de desenvolverem um modo de vida ideal, segundo o seu lema de “vida simples, pensamento elevado”. Elas funcionam para os membros da ISKCON, como locais de peregrinação e têm um status ainda mais elevado que o dos “templos”. Os restaurantes são empreendimentos locais, com administração local e, geralmente, estão vinculados a um templo ou centro de pregação para auxiliar na sua manutenção.

⁴⁶⁰ DASA, S. apud DASA, A. T., 1997, p. 200.

fez uma produção de uma hora a ser exibida na semana anterior a nossa maratona de Natal. Em vários programas de TV na Alemanha, milhões de pessoas viram os devotos no palco com Boy George e ouviram o *maha-mantra* [*Hare Krishna*]. Krishna está ficando cada vez mais famoso. E nos países do Leste Europeu de repente os livros estão saindo aos milhões. No rádio e na TV lá podemos pregar para 150 milhões de pessoas simultaneamente. Estes são sucessos para o movimento de *sankirtana*, e precisa-se de muitos devotos para executar estes serviços. Mas como distribuidores de livros, devemos saber que tudo isto é a retribuição de Krishna pela atmosfera auspiciosa criada com a distribuição de livros⁴⁶¹.

Esta é uma citação dos anos 1990. Assim podemos perceber que mesmo passados vários anos da morte de Prabhupada, a divulgação do Movimento Hare Krishna por outros tipos de mídias, como a televisão, era vista como secundária ou apenas como um “subproduto”. Havia uma crença de que a distribuição de livros criaria uma “atmosfera auspiciosa” que favoreceria a propagação do movimento por outras vias e, assim, a ênfase da pregação na ISKCON continuava vinculada aos livros⁴⁶².

Outras mudanças pelas quais a instituição passou após os anos 1970 afetaram a maneira como os devotos lidaram com a prática do *sankirtana*. Para obtenção de grandes resultados em número de livros distribuídos, o mais indicado na ISKCON era a dedicação em tempo integral para a atividade. Assim, muitos distribuidores de livros, nos primeiros anos de grande efervescência, eram monges celibatários, homens (*brahmachary*) ou mulheres (*brahmacharini*). No entanto, quando alguns fatores sociais mudaram na ISKCON, a dedicação ao *sankirtana* nos termos de como era executado em fins dos anos 1970 também mudou.

Veremos abaixo algumas conclusões trazidas pelo sociólogo Rochford Junior que pôde analisar por mais de 40 anos os diferentes desenvolvimentos da ISKCON nos Estados Unidos. Boa parte de suas observações foram resumidas em duas obras de grande impacto para os estudos sobre o tema: *Hare Krishna in America*, onde o autor mostrou os resultados dos dados e das pesquisas de campo realizados entre o final dos anos 1970 e primeira metade dos anos 1980; e *Hare Krishna Transformed*, onde o sociólogo comparou os resultados da sua pesquisa anterior com dados

⁴⁶¹ DASA, H. apud DASA, A. T., 1997, p. 20.

⁴⁶² Isso não quer dizer que outros tipos de mídias não foram usadas. Como já dissemos, produções fonográficas, *bottons*, *stickers*, aparições e entrevistas em programas de rádio e TV foram recursos utilizados pela ISKCON ao longo de sua história. No entanto, não era uma questão principal para os seus membros já que a maioria dos esforços foi direcionado para produção e distribuição de literatura.

adquiridos ao longo dos anos 1990 e 2000⁴⁶³. Ressalvando que os seus dados e conclusões são melhor aplicáveis ao contexto da história do Movimento Hare Krishna nos EUA, algumas questões podem ser importantes para o entendimento do desenvolvimento da ISKCON no Ocidente e de como diversas mudanças afetaram a prática do *sankirtana*.

O declínio econômico da ISKCON no Ocidente, segundo o autor, foi iniciado nos anos 1980 e teve como consequência o abandono das comunidades e do estilo de vida comunitário, a formação de famílias nucleares inseridas na sociedade secular e congregações de devotos sobretudo nos núcleos urbanos. Segundo Rochford, dois motivos foram decisivos para a formação dessas famílias nucleares: (1) o declínio econômico forçou o(a)s chefes de família a buscar emprego fora das comunidades; (2) o declínio das escolas confessionais da ISKCON (*gurukula*) – que funcionavam sob o regime de internato – forçou os pais e mães a retomarem a responsabilidade sobre os cuidados com as crianças do Movimento Hare Krishna⁴⁶⁴.

A mudança de perspectiva econômica teria influenciado diretamente a maneira como os membros da ISKCON se organizaram socialmente. De uma perspectiva centrada no comunitarismo, onde grande número de devotos se dedicava ao *sankirtana* para manutenção das comunidades, na segunda metade dos anos 1980, os fracos resultados de venda de livros obrigaram os devotos a se mudarem das comunidades ou a inserir outros elementos nas vendas para garantir o sustento dos templos ou de suas próprias famílias.

O sistema econômico da ISKCON e suas comunidades, segundo Rochford, teria funcionado nos Estados Unidos em torno de alguns ciclos econômicos: (1) 1966-1971 – Incensos e revistas *Back to Godhead*; (2) 1972-1974 – Formação do *sankirtana* com livros; (3) 1974-1978 - “Era de ouro” do *sankirtana* nos EUA; (4) De 1980 em diante, houve o declínio dos proventos de distribuição de livros e introdução de novas modalidades de *sankirtana*, incluindo adesivos, artesanatos, alimentos etc.⁴⁶⁵.

⁴⁶³ Cf. ROCHFORD JUNIOR, 1985; idem, 2007.

⁴⁶⁴ ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 62.

⁴⁶⁵ ibidem, p. 63. O autor aponta também o processo de “hinduização” dos templos da ISKCON, um processo pelo qual, os templos passaram a atrair as doações de imigrantes hindus para manutenção dos seus espaços, abrindo concessões para estes e modificando suas programações para atender às suas necessidades. Ibidem, p. 181-200. A hinduização dos templos da ISKCON nos Estados Unidos estaria em voga até os dias atuais e teria causado um tipo de vinculação étnica (hindu) ao Movimento

Este último ponto é importante para nossa percepção sobre as mudanças do *sankirtana* enquanto prática. Para Rochford, existem muitas evidências que confirmam que a partir dos anos 1980, a pregação se tornou secundária diante do objetivo de coletar dinheiro na prática de *sankirtana*⁴⁶⁶. O “*picking*”, uma prática que consistia em vender objetos (para além de literatura), teria sido uma dessas formas que evidenciam o crescimento no ganho financeiro direto⁴⁶⁷.

Essa forma de lidar com a arrecadação financeira teria se intensificado após a morte de Prabhupada. No início da ISKCON, o seu fundador teria criado a Spiritual Sky, uma marca de incenso criada e administrada pelos devotos, com o intuito de arrecadar fundos para auxiliar no processo de expansão da instituição religiosa. No entanto, tão logo a distribuição de livros começou a dar bons frutos, o guru teria desencorajado outros programas paralelos de desenvolvimento econômico na ISKCON. Ele orientava um discípulo, em uma carta:

Sim, a distribuição de incenso tem sido muito útil em muitos centros para os manter financeiramente, mas não somos negociantes. Assim, produzir velas para distribuir não é absolutamente necessário. Não queremos aumentar fábricas. Queremos aumentar a consciência de Krishna, e isto pode-se fazer melhor distribuindo-se nossos livros e pregando⁴⁶⁸.

No entanto, a necessidade cada vez maior de entrada de recursos devido à queda no número de livros distribuídos nos anos 1980, fez com que o *picking* fosse usado cada vez mais pelos administradores da ISKCON com intuito de manter o funcionamento dos seus templos. Essa nova “maneira de fazer” o *sankirtana* desagradava a alguns devotos mais apegados a ideia do *sankirtana* enquanto distribuição de livros: “O Senhor Nityananda⁴⁶⁹ ia de porta em porta para instruir as

Hare Krishna no país que, diferentemente do Brasil, possui uma grande quantidade de imigrantes indianos. Esse processo tem motivado reações por parte de um dos líderes da ISKCON nos EUA, que criou o *Krishna West* – um programa dentro da ISKCON foca a sua pregação para ocidentais e que dispensa alguns elementos estéticos indianos que caracterizaram a ISKCON nos anos anteriores (como a vestimenta, o corte de cabelo, e apreço por certos elementos da cultura indiana). Cf. <https://krishnawest.com/>. Acesso em: 04 mai. 2021.

⁴⁶⁶ ROCHFORD JUNIOR, 2004, p. 280-282.

⁴⁶⁷ ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 23-24. Veremos no capítulo 4 que, no Brasil, o termo correspondente para esse tipo de atividade era a “coleta”.

⁴⁶⁸ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 206. Carta a Ramesvara Dasa, 06 fev. 1976.

⁴⁶⁹ Nityananda é um dos personagens mais importantes dentro da tradição *vaishnava gaudiya* e era contemporâneo de Chaitanya. Ele seria tido como uma “encarnação” da divindade, assim como Chaitanya.

peessoas sobre Krishna, e se empregamos o mesmo método para ganhar dinheiro sem sequer mencionar Krishna, é um uso errado da palavra *sankirtana*⁴⁷⁰.

O *sankirtana* passou também a significar a venda de objetos. Mas para os defensores da teologia do *sankirtana* de Prabhupada, o gosto por vender outros objetos (ou “parafernálias”) que não eram livros, não era o mesmo e poderia “arruinar” a vida espiritual do devoto:

Quando você é rendido a Krishna e tem gosto pelo *sankirtana*, às vezes pode vender também parafernália. Gauri certa vez disse que ela tem a mesma sensação quer venda livros quer parafernália. Eu também fiz isso uma vez. Distribuí velas durante uma maratona [de *sankirtana*]. Era o mesmo espírito da distribuição de livros. Mas a grande diferença era que a vela é só um monte de cera. Num período longo de tempo – se você faz parafernália durante anos e anos – ela arruína o devoto. Você se quebra⁴⁷¹.

O *picking* teria a capacidade não só de “arruinar” com os sankirtaneiros, como também, da própria “missão” da distribuição de livros:

À medida que crescia a renda da parafernália, assim também as despesas cresciam, e o lucro líquido continuava o mesmo. Os devotos que vendiam parafernália precisavam de descansos do trabalho pesado de coletar, e isto causava interrupção no fluxo de receita. Os coletores ficavam espiritualmente fracos por usar roupas de *karmi*, nunca falar sobre Krishna, e ficar fora à noite para visitar os lares das pessoas.

[...]

O resultado líquido foi que a distribuição de livros tornou-se quase inexistente. Os devotos perderam a força de se apresentar como devotos e vender livros ao público. Assim, ao invés de ser uma panaceia, tornou-se um grande desastre. Os princípios básicos da pregação consciente de Krishna mudaram para coleta de dinheiro e os templos murcharam por falta de entusiasmo e devotos⁴⁷².

Em suas pesquisas sociológicas, Rochford percebeu diversas mudanças na maneira em que os membros da ISKCON viviam. Em 1980, praticamente todos os devotos trabalhavam em algo relacionado à ISKCON (a maioria no *sankirtana*). Já em 1991/1992, dois terços dos membros da instituição trabalhavam fora ou para si mesmos⁴⁷³. Além disso, em 1980, aproximadamente 50% dos membros da ISKCON nos EUA era de casados e 50% de celibatários; em 1991/1992, dois terços dos membros eram casados; 1/5 era divorciado e apenas 15% nunca haviam casado⁴⁷⁴.

⁴⁷⁰ DASA, J. G. apud DASA, A. T., 1997, p. 207.

⁴⁷¹ DASA, R. apud DASA, A. T., 1997, p. 207.

⁴⁷² SWAMI, H. apud DASA, A. T., 1997, p. 208.

⁴⁷³ Ibidem, p. 64.

⁴⁷⁴ Ibidem, p. 61.

Essas mudanças de perspectiva social na ISKCON certamente afetaram a maneira como o *sankirtana* foi desenvolvido visto que os monges (*brahmachary*) e monjas (*brahmacharini*) eram as principais forças de dedicação exclusiva a distribuição de livros, pela sua disponibilidade e pelo seu *dharma* (dever sociorreligioso) de estar a serviço das ordens do guru. Com menos monges, menos oferta de “mão de obra” e, assim, menos livros distribuídos e menos “parafernália” vendida. Em 1996, 68% dos devotos que responderam ao formulário de uma pesquisa disseram que tinham pouco ou nenhum desejo de fazer *sankirtana* em público⁴⁷⁵.

A ISKCON também passou por outros problemas durante os anos 1980 e 1990 relativos à crise de liderança. Pouco antes de morrer, Prabhupada apontou onze seguidores que poderiam atuar como gurus iniciadores depois dele. Eles deveriam trabalhar em cooperação com o GBC que é o órgão consultivo, deliberativo e administrativo geral da ISKCON. Após a morte de Prabhupada, o mundo foi dividido em onze zonas de atuação onde esses gurus (chamados de *acharya*) poderiam atuar iniciando novos discípulos em suas respectivas áreas.

Essa forma de organização foi chamada de “sistema de *acharya* zonal”), durou por aproximadamente uma década e se revelou um fracasso, visto que os “*acharya* zonais” e o GBC frequentemente entravam em conflito, discordando da maneira como cada parte deveria atuar em suas respectivas zonas de atuação. Também, muitos desses *acharya* acabaram simplesmente abandonando suas responsabilidades, seus cargos enquanto gurus iniciadores ou sofreram sanções por parte do GBC devido à más condutas ou escândalos⁴⁷⁶.

A cada “queda” de um guru na ISKCON – como era chamada a saída ou perda do status de guru devido à más condutas – uma legião de discípulos acabava também perdendo a fé na instituição, na “pureza” de seus líderes e no movimento em si. A figura do guru, na ISKCON, era vista, até então, como “espiritualmente infalível” e a falha, nesse caso, fazia com que muitos discípulos procurassem outros gurus (até

⁴⁷⁵ ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 209.

⁴⁷⁶ Um movimento que partiu de lideranças menores e membros comuns da ISKCON procurou descentralizar o enorme poder que os *acharya* zonais adquiriram no período. Cf.: DEADWYLER, William. *Cleaning house and cleaning hearts: reform and renewal in ISKCON*. In: BRYANT, E. F; EKSTRAND, M. L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p.149-169. O sistema de *acharya* zonal foi classificado pelo autor como uma “autocracia espiritual carismática”. Ibidem, p. 160.

mesmo fora da ISKCON) ou simplesmente, passassem por um processo de desconversão⁴⁷⁷.

Assim, a ISKCON teria vivenciado a partir dos anos 1980, um êxodo em massa de suas comunidades deixando-a em um estado de declínio e encarando um futuro precário⁴⁷⁸. A junção entre declínio dos recursos institucionais e um crescimento exponencial do modo de vida familiar entre seus membros, teriam deixado a ISKCON em uma “crise sociocultural”⁴⁷⁹. Em minha monografia, eu tratei sucintamente do tema e observei que um templo ISKCON em Pernambuco acabou por adotar “novos paradigmas” dos anos 2000 em diante⁴⁸⁰.

Em suma, com base em Rochford, podemos resumir as mudanças ocorridas na ISKCON entre os anos 1980 e 2000 como se segue. A ISKCON viveu uma série de conflitos que impulsionaram transformações na dinâmica do Movimento Hare Krishna. Nos anos 1970, líderes celibatários se opuseram aos chefes de família para preservar a força missionária e a conversão de novos membros. No decorrer dos anos 1980, a ISKCON observou o declínio do *sankirtana*, o aumento do número de devotos que deixaram a vida monástica para formar famílias nucleares e o consequente desenvolvimento de congregações no lugar de modos de vida comunitário. Entre os anos 1980 e 1990, seguiram-se a essas questões, desejos de mudanças na forma como os líderes institucionais tratavam as mulheres do movimento, e a denúncia e reparação feitas pelas crianças abusadas. Muitos devotos, cansados da falta de ética

⁴⁷⁷ Uma rápida análise do sistema de gurus da ISKCON revela que: entre 1977-2004, dos 104 apontados como gurus, 34 deixaram suas posições e outros 14 receberam sanções do GBC por má conduta; incluindo os discípulos de Prabhupada (que perderam seu guru em 1977), em 2004, cerca de dois terços dos membros da ISKCON teriam se tornado “órfãos espirituais”; e em 2005, apenas dois, dos onze apontados por Prabhupada como gurus, continuavam dando iniciações. ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 161.

⁴⁷⁸ Ibidem, p. 162.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. 71.

⁴⁸⁰ Sobre a adoção de “novos paradigmas” diante dessa “crise” na comunidade Nova Vraja Dhama, em Caruaru-PE, eu observei: “Podemos caracterizar este novo paradigma, com alguns pontos: 1) experiência congregacional - mudança da experiência de dedicação exclusiva monástica, para a inserção na sociedade com o desenvolvimento de uma congregação de membros que constroem as atividades missionárias no contexto de inserção social de trabalho, estudo, vida familiar, etc. Disto derivou um relaxamento natural de algumas das regras estritas seguidas no estilo de vida monástico; 2) economia sustentável – desenvolvimento econômico dos templos, comunidades, projetos e dos membros que envolvam outras maneiras que não seja somente através da venda de livros (desenvolvimento de restaurantes, lojas, pousadas, fábricas artesanais e outras formas sustentáveis); 3) descentralização administrativa – abrandamento da forte centralização administrativa, na esfera local dos templos e na organização internacional, devido às mudanças motivadas pelos pontos anteriores”. CARVALHO, 2014, p. 55-56.

e conduta dos líderes religiosos, trocaram a ISKCON por “outros Movimentos Hare Krishna” (ou simplesmente o abandonaram) e a instituição, sofrendo de sérias dificuldades para manutenção financeira, passou a atrair a simpatia e auxílio financeiro de imigrantes hindus ou utilização de outros produtos em suas vendas, transformando suas práticas e pregações⁴⁸¹.

Apesar de todas as mudanças ocorridas na ISKCON após os anos 1980 e 1990, o *sankirtana* enquanto prática continuou. Não da mesma maneira e não na mesma intensidade. Com a introdução da rede mundial de computadores (*world wide web*), a ISKCON passou a criar sites com o intuito de difundir pregações e explicações sobre o Movimento Hare Krishna⁴⁸² e estabelecer sites de notícias do mundo iskconiano⁴⁸³. A própria BBT lançou o site da revista *Back to Godhead* com artigos e matérias⁴⁸⁴, tanto antigas, quanto novas e, também, lojas com todo o tipo de produtos⁴⁸⁵.

As práticas de *sankirtana* também têm mudado na contemporaneidade. A distribuição de livros continua ocorrendo da mesma maneira como era executada em seus anos áureos, mas, de maneira mais singela, menos ambiciosa e dispondo de recursos (humanos e financeiros) bem mais modestos do que o fora anteriormente. A ISKCON tem buscado novas formas de dar continuidade ao *sankirtana* que sejam adaptadas às condições sociais e culturais da atualidade.

Talvez seja por isso que a página virtual da revista brasileira *Volta ao Supremo* perguntava em uma entrevista a um dos mais antigos e importantes líderes da ISKCON ainda em atividade:

Entrevistadora: Nós falávamos de *sankirtana*, no começo, como cantar. Logo, a palavra *sankirtana* passou a indicar distribuição de livros. E qual é o *sankirtana* de hoje, no sentido prático, para alcançar o resultado?

Hridayananda Dasa Gosvami: *Sankirtana* sempre é glorificar Krishna. Agora, em cada circunstância, lugar e tempo, temos de encontrar uma forma prática de glorificar Krishna. Falar de tal maneira que as pessoas escutem. [...] *Sankirtana* significa que os devotos que têm mais experiência, mais inteligência, têm de buscar a maneira de facilitar a expansão do movimento. Devemos buscar a maneira de vender livros de tal forma que o povo esteja

⁴⁸¹ ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 07.

⁴⁸² Fundado em 2002, o Krishna.com é um dos principais e mais antigos sites dedicados sobre o Movimento Hare Krishna à maneira da ISKCON. Disponível em: www.krishna.com. Acesso em: 16 abr. 2021.

⁴⁸³ Dentre eles, o principal é o: <https://iskconnews.org/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

⁴⁸⁴ Disponível em: <https://back2godhead.com/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

⁴⁸⁵ Como a: <https://krishnastore.com/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

satisfeito, que eles achem que nosso trabalho de vender livros é uma coisa respeitável, e até tentar produzir livros que o público queira ler⁴⁸⁶.

Tendo iniciado como uma prática popular de canto público de mantras na região da Bengala do século XVI, o *sankirtana* passou por uma teologização, entre os séculos XVI e XVIII e por uma reformatação e modernização, iniciada no século XIX e efetivada no século XX. Do canto, a prática passou também a significar a produção e venda de livros, ou seja, passou do formato sonoro, para o textual. Isso nos faz pensar que, de uma espécie de “difusão pelo canto”, a expansão do vaishnavismo *gaudiya* se deu, a partir do século XIX, através de um tipo de “missionarismo literário”.

Dos primeiros manuscritos *gaudiya* contido nas folhas de palmeira, passando pelo texto impresso nas prensas de tipos móveis, pelas modernas editoras de offset e, mais recentemente, para o texto virtual das telas de computador e *smartphones*, o “missionarismo literário” do Movimento Hare Krishna continua se reinventando, sendo influenciado pelo processo de modernização e de midiatização da sociedade.

Falar sobre as mudanças ocorridas na prática do *sankirtana* não é deslocar a religião, desmentir suas crenças ou dispô-la hierarquicamente em comparação à outras. O intuito dessa “genealogia” é confirmar a mutabilidade e adaptabilidade das práticas culturais e sociais ao longo do tempo.

No próximo capítulo, veremos como o *sankirtana* enquanto prática se desenvolveu no Brasil e como ela influenciou diretamente a maneira como o Movimento Hare Krishna brasileiro se comportou em suas particularidades em relação à ISKCON mundial.

⁴⁸⁶ SANKIRTANA: nós e o público [Entrevista com Hridayananda Dasa Gosvami]. **Volta ao Supremo** [online] [s.d.]. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/entrevistas/entrevistas-com-outros-convidados/sankirtana-nos-e-o-publico/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

4 O SANKIRTANA NO BRASIL ENTRE OS ANOS 1970 E 1990

A história do Movimento Hare Krishna no Brasil e a prática do *sankirtana* – enquanto distribuição/venda de livros e revistas religiosas – de certa maneira, confundem-se entre si. Tendo começado no país quase uma década depois de seu início nos Estados Unidos, o Movimento Hare Krishna brasileiro iniciou quando a ISKCON estava em pleno processo de “sankirtaneirização”, ou seja, quando a prática do *sankirtana* estava em crescimento e passou a ser vista como a principal atividade missionária e econômica da instituição.

O Movimento Hare Krishna foi inserido no Brasil, a partir de 1973, quando jovens oriundos dos Estados Unidos vieram ao país para pregar e tentar instituir os primeiros templos e devotos brasileiros. Entre 1973 e 1974, esses americanos (cerca de três ou quatro homens e duas mulheres) se estabeleceram por alguns meses em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife e com pouco ou nenhum conhecimento de português, puderam formar pequenos grupos de simpatizantes do Hare Krishna no país, antes de os abandonar, devido às divergências entre o grupo e a liderança da ISKCON⁴⁸⁷.

Após esse primeiro momento, em 1975 a ISKCON enviou para o Brasil os seus representantes oficiais para institucionalizar o Hare Krishna. A estratégia, desde esse momento, era realizar uma ampla distribuição de livros no país e torná-lo uma referência institucional na prática. Os devotos brasileiros passaram a desenvolver na segunda metade da década de 1970 e, sobretudo, na primeira metade dos anos 1980, um *sankirtana* intenso que tanto possibilitou a rápida expansão da ISKCON no Brasil, quanto também rendeu aos devotos tupiniquins uma série de polêmicas na grande mídia nacional⁴⁸⁸.

Apesar das constantes dificuldades financeiras que os diferentes templos da ISKCON no Brasil parecem ter passado ao longo da sua história, o *sankirtana* foi o grande responsável pelo estabelecimento de templos em diversas cidades e foi a principal força do Movimento Hare Krishna brasileiro entre os anos 1970 e 1990. Como

⁴⁸⁷ Cf. CARVALHO, 2018, p. 84-95.

⁴⁸⁸ Veremos algumas dessas polêmicas e controvérsias no último capítulo da tese.

veremos no presente capítulo, a liderança da ISKCON no país elaborou diversas estratégias para fazer com que seus membros se dedicassem cada vez mais à prática do *sankirtana*, fazendo com que o Movimento Hare Krishna no Brasil tenha sido, nesse período, um movimento de difusão de livros, mais do que qualquer outra coisa.

A “consciência de *sankirtana*” era uma teologia que buscava o constante estímulo da liderança para que os devotos participassem do *sankirtana* através de pregações, programas de incentivo e premiação, além da utilização de uma estrutura hierárquica que regulava a prática, propondo metas, realizando cobranças e acompanhamento semanal dos resultados e que fez do Brasil um dos países com maior distribuição de livros Hare Krishna em todo o mundo.

No entanto, os custos humanos de tal façanha, parecem ter sido altos. O processo que era tido enquanto uma conscientização devocional acabou por se transformar naquilo que foi chamado, orgulhosamente por alguns líderes, de “*sankirtana* fanático”: que conclamava os membros da ISKCON a realizarem esforços cada vez maiores e ininterruptos na distribuição de livros. Esse processo certamente exerceu influência direta na difusão do Movimento Hare Krishna no país, mas, resultou também, em sua própria desmobilização que ocorreria, no Brasil, a partir dos anos 1990.

Por fim, o presente capítulo também irá proporcionar ao leitor a percepção do grau de midiaticização da religião que a ISKCON promoveu no Brasil através da prática da distribuição de livros e revistas publicamente.

As fontes utilizadas nesse capítulo são constituídas principalmente de edições da *Carta de Sankirtana*, uma revista fundada em 1981 pela divisão da BBT no Brasil e que tinha como público alvo os devotos da ISKCON no país. Ela pretendia ser uma edição local da *World Sankirtana Newsletter*, revista da BBT internacional que trazia notícias e a apuração do quantitativo de livros da editora distribuídos no mundo⁴⁸⁹.

⁴⁸⁹ As *Cartas de Sankirtana* aqui analisadas foram pesquisadas na sede da BBT Brasil, em Pindamonhangaba-SP.

4.1 “ISSO VAI SER A GLÓRIA DO BRASIL”: O SANKIRTANA COMO PRIORIDADE DA ISKCON BRASIL

“O Brasil tem que ser campeão de sankirtana do mundo. [...] O Brasil venceu no futebol, mas futebol não é espiritual. Agora temos que ser campeões de *sankirtana*. Isso vai ser a glória do Brasil” (Hridayananda Dasa Goswami)⁴⁹⁰

Se pensarmos em uma história do *sankirtana* no Brasil, veremos que ela se confundirá, em seus primeiros anos, com a história do próprio Movimento Hare Krishna no país. No entanto, para compreender melhor como esse processo se desenvolveu, decidimos dividir essa história em alguns períodos distintos.

Silas Guerriero sugere que o Movimento Hare Krishna no Brasil teria passado pelas seguintes fases: de 1974 a 1977 uma fase de pioneirismo; de 1977 aos anos 1990, onde há um crescimento das atividades do Movimento Hare Krishna e onde se tornaram conhecidos pela população das grandes cidades do país; e dos anos 1990 em diante, o período da “consolidação”, onde o Movimento teria deixado de ser “revolucionário e inovador”, passando a se portar como mais uma das denominações disponíveis no “mercado religioso” brasileiro⁴⁹¹. Em um trabalho anterior, atualizei temporal e espacialmente as definições dadas por Guerriero para o caso do Movimento Hare Krishna em Pernambuco⁴⁹².

No caso da presente tese, considerando prioritariamente a relevância que a prática do *sankirtana* possuiu para a ISKCON no Brasil, eu sugiro uma periodização diferente das abordadas anteriormente: de 1973 a 1975, uma fase de pioneirismo,

⁴⁹⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 29, 19-25 out. 1981. Néctar da semana, 1f.

⁴⁹¹ GUERRIERO, Silas. O movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Rever**, n. 1, 2001, p. 44-56. Há um equívoco no artigo do autor que sugere que o ano da formação dos primeiros devotos Hare Krishna no Brasil teria sido em 1974. Mas como demonstrei, através de vários tipos de documentação, esse processo se deu a partir de 1973. Cf.: CARVALHO, 2018.

⁴⁹² Nessa ocasião, propomos a seguinte periodização: De 1973 a 1978, inserção do Hare Krishna na região com pouco ou nenhum apoio institucional da ISKCON; de 1978 a 1984, institucionalização e período de maior desenvolvimento do templo da ISKCON em Recife; um período de transição teria se dado entre 1984 e 1986 onde a congregação local se organizou para realocar o templo da cidade e para comprar e fundar uma comunidade rural em Caruaru (que funcionaria como sede Norte/Nordeste da ISKCON); uma outra fase teria se dado entre 1986 e 1996, onde a comunidade rural passou a ser o grande foco da ISKCON na região; e após o ano de 1996, teria se dado um período de declínio e reformulação da instituição que continua em curso. Ibidem.

onde a presença institucional era fraca e não havia mecanismos (e, talvez, interesse) em realizar a distribuição de livros como a BBT a realizava nos países do primeiro mundo; de 1975 a 1980, deu-se a institucionalização da ISKCON no Brasil, fundação de seus principais templos, a criação de uma divisão da BBT e o início da distribuição de livros em larga escala; a partir de 1981 até fins dos anos 1990, a ISKCON no Brasil se manteve, entre altos e baixos, focando na distribuição de livros como principal atividade missionária da instituição e tendo a *Carta de Sankirtana* como principal termômetro para avaliação institucional de como a “missão” seria bem ou mal sucedida; a partir de 1999, a ISKCON que já passava por uma grave crise no Brasil, motivada pela mudança de perspectiva social de suas comunidades e a consequente diminuição das atividades missionárias, ainda contou com a “queda”⁴⁹³ de lideranças importantes para sua manutenção e com o encerramento parcial das atividades da BBT, gerando mudanças que alteraram em definitivo a maneira como a ISKCON passou a atuar.

Nos próximos subtópicos, veremos de forma resumida algumas informações para um entendimento geral desse histórico e um detalhamento dessa periodização proposta acima.

4.1.1 Primeiras experiências Hare Krishna no Brasil (1973-1975)

Como já apontei em minha pesquisa anterior⁴⁹⁴, falar sobre os primeiros momentos do Movimento Hare Krishna é extremamente difícil já que não havia uma preocupação institucional dos primeiros membros do movimento em registrar as suas atividades ou de preservar possíveis documentações para a posteridade. Os dois primeiros anos então, são ainda mais difíceis de escrever com detalhes, visto que os primeiros pregadores a atuarem no Brasil eram jovens desprovidos de recursos e apoio institucional e agiam no país de forma espontânea.

Esse grupo de estadunidenses oriundos do Havaí e Califórnia chegou ao Brasil no primeiro semestre de 1973, a pedido de Gourasundara Dasa que seria então,

⁴⁹³ Ver os sentidos do termo no dicionário de verbetes no apêndice.

⁴⁹⁴ CARVALHO, 2018.

o responsável do GBC para a América do Sul e Havaí no período⁴⁹⁵. O grupo foi liderado por um dos principais pregadores Hare Krishna do Havaí, Shiddha Svarupananda Swami (ou, simplesmente, Siddha Svarupa). Ao chegar no Brasil, o grupo de cerca de sete devotos e devotas optaram por se instalar, a partir de São Paulo, em cidades como Rio de Janeiro, Salvador e, posteriormente, Olinda (região metropolitana do Recife)⁴⁹⁶.

Esse grupo parecia pertencer a uma fase da ISKCON que ainda tinha estreitas ligações com a contracultura⁴⁹⁷. Além disso, logo após terem se instalado no Brasil, o grupo teria entrado em divergência com autoridades da ISKCON, e entre 1973 e 1974 atuaram no país às margens da instituição, sem seguir estritamente às suas normas. Anos depois, um dos devotos que vivenciou esse período falava sobre esse momento de maneira pejorativa:

[Os estadunidenses] Estabeleceram-se em pontos estratégicos do país, como Rio, São Paulo, Salvador e Olinda, onde passaram também a cantar extensivamente nas ruas (principalmente no Rio), onde atraíam grandes multidões de curiosos. Até imprimiram um pequeno panfleto contendo uma entrevista com o tal *swami* havaiano [Siddha Svarupa], com o qual pagava-se os aluguéis, mas nenhum livro de Srila Prabhupada ou da ISKCON, exceto os devotos que tinham acesso e conseguiam ler os livros em inglês que estes “ditos” discípulos de Srila Prabhupada traziam consigo [...]. Sendo assim, eles desvincularam-se da ISKCON, embora tentassem imitar mais ou menos o sistema empregado por Prabhupada, ou aparentemente seguissem todo o processo de *sadhana-bhakti* como ensinado por ele, e os quatro princípios reguladores da vida espiritual, e pregassem a mesmíssima filosofia do *Bhagavad-Gita*. Principalmente porque não publicavam e distribuíam livros, em muitos detalhes e aspectos seus métodos e objetivos diferenciavam-se em muito dos de Srila Prabhupada, e por tanto eles tornaram-se como galhos secos do movimento de *sankirtana* do Senhor Chaitanya, por não seguirem a sucessão discipular, a pregação deles não vingou. [...] Logo, tudo deteriorou-se, os templos esvaziaram-se e fecharam-se, e eles retornaram para sua terra natal e o “semi-devotos” deixados por eles, voltaram para suas casas⁴⁹⁸.

O autor chamava o grupo de primeiros devotos Hare Krishna do Brasil, incluindo ele mesmo, de “semi-devotos”. Isso porque eles não estariam nos padrões devocionais estabelecidos pela instituição ou estavam desconectados da “sucessão

⁴⁹⁵ Pelo menos desde 1972, o movimento Hare Krishna já estava atuando oficialmente na Venezuela e na Argentina, enquanto que, no Brasil, isso só viria ocorrer a partir de 1975.

⁴⁹⁶ Ibidem, 84-86.

⁴⁹⁷ Siddha Svarupa, por exemplo, foi acusado por outros membros da ISKCON de “deixar o cabelo crescer” (mesmo sendo um *sannyasi*) e pregar de maneiras “não-convencionais”. Cf.: DASA, Braja Bihari. Social theory and schisms in the International Society for Krishna Consciousness. **ISKCON Studies Journal**, vol. 1, may. 2009.

⁴⁹⁸ DASA, Paravyoma. Brasil adi-lilamṛta (a história fala por si mesma). **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 05, 17-24 fev. 1985. Néctar de *sankirtana*, 1f.

discipular”. O fato é que, apesar dessa descrição posterior de um devoto que vivenciara o período, mas apresentava uma visão institucionalizada daquele passado, estes estadunidenses conseguiram formar a primeira leva de pessoas que se interessavam pelo Movimento e que se identificavam enquanto “devotos de Krishna”.

É curioso que o primeiro livreto distribuído no Brasil sobre a “consciência de Krishna”, com o título “*Uma amostra da Verdade Absoluta*”, tenha sido um livro escrito por Siddha Svarupa – e não um livro de Prabhupada, como era comum pelo mundo a fora. Esse ponto, de certa forma, confirma a diferença do Movimento Hare Krishna em seus primeiros dias no Brasil, em relação a atuação da ISKCON de forma geral⁴⁹⁹.

Ao que nos parece, apesar de haver alguma distribuição de livros e objetos, não havia o peso de uma demanda institucional por distribuir livros, como ocorria em outros lugares em que a ISKCON atuava nesse período. O fato de terem publicado apenas um livreto, em formato de baixo custo, indica que esse não era o grande foco dos primeiros devotos no Brasil. Em Olinda, por exemplo, os devotos saídos de São Paulo junto com um casal de estadunidenses, teriam aberto um pequeno restaurante vegetariano em 1974, na tentativa de se manterem na localidade pregando⁵⁰⁰.

De toda forma, quando os estadunidenses foram conclamados a deixar o país, a pedido de Siddha Svarupa, pequenos núcleos de devotos brasileiros haviam se formado em Pernambuco, Salvador, São Paulo e, sobretudo, no Rio de Janeiro. Os cariocas – que anteriormente tinham tido um templo em Santa Tereza – tomaram a iniciativa de fundar uma comunidade em uma fazenda, na Serra dos Órgãos (município de São José do Vale do Rio Preto - RJ), chamada Nova Ayodhya. Para lá, seguiram alguns dos devotos cariocas e paulistas, que se encontravam “sozinhos”, sem contato com representantes ou membros iniciados da ISKCON⁵⁰¹.

⁴⁹⁹ Lúcio Valera comenta que esse grupo de Siddha Svarupa se tornou a “primeira dissidência” da ISKCON. E esse rompimento teria ocorrido justamente no período em que estavam atuando entre o Havaí e o Brasil. Cf. VALERA, Lúcio. História e memória dos primeiros anos do movimento Hare Krishna no Brasil. In: CARVALHO, Leon A. G. de; VALERA, Lúcio (Orgs.). **O movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva**. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

⁵⁰⁰ JOVENS praticam ritos orientais e instalam restaurante místico. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 jun. 1974. Primeiro Caderno, p. 5.

⁵⁰¹ VALERA, 2015. Ayodhya, na mitologia hindu, era a sede do reinado do príncipe e divindade Rama, uma das encarnações de Vishnu.

Assim, podemos dizer que nesse período, praticamente não havia o *sankirtana* como estava sendo praticado nos Estados Unidos e em outros locais do mundo. Nesse mesmo tempo, o GBC apontou Hridayananda Dasa Goswami, um dos principais *sannyasi* da ISKCON, como o seu representante para a América do Sul e Caribe. Em 1974, Hridayananda já se preparava para realizar suas primeiras ações como líder da ISKCON para essa região e, tendo se aconselhado com Prabhupada sobre vir ao Brasil, esse o teria instruído: “Sobre o Brasil, por que não ir primeiro com uma equipe de *sankirtana*, distribuir livros em português para, depois, pensarmos em abrir um centro lá”⁵⁰².

Essa instrução de Prabhupada para distribuir livros primeiro e, depois, pensar em abrir centros da ISKCON no Brasil, seria posteriormente repetida muitas vezes por Hridayananda para demonstrar aos devotos brasileiros como eles deveriam se dedicar ao *sankirtana* – pois esse seria o desejo de Prabhupada:

Eu vim ao Brasil para servi-lo [à Prabhupada] e não para tomar banho em Copacabana, nem para assistir ao carnaval, nem para visitar o Pão de Açúcar (que é muito famoso nos Estados Unidos), nem para procurar dinheiro. Eu vim ao Brasil só para dar mais prazer ao meu mestre espiritual, e a primeira instrução (e vocês devem saber) que Prabhupada deu sobre este país foi no ano de 1974. Eu havia escrito uma carta a Srila Prabhupada pedindo permissão para abrir um centro no Brasil. Eu estava muito insatisfeito de que no país mais importante da América Latina, nós não tínhamos um centro lá. Nesse momento Prabhupada deu sua primeira ordem sobre o Brasil. Ele disse: Não faz falta abrir um templo no Brasil, mas mande uma equipe de *sankirtana*. Assim Prabhupada falou. Agora temos muitos templos, mas vocês devem saber que eu abri os templos aqui para facilitar os programas de *sankirtana*⁵⁰³.

Assim, na transição de 1974 para 1975, Hridayananda fez os preparativos para iniciar oficialmente a ISKCON no Brasil.

4.1.2 “No Brasil cantando dá”: O início do *sankirtana* em larga escala no Brasil (1975-1980)

⁵⁰² “As far as Brazil, why not go in first with *sankirtan parties*, distribute books in Portuguese, and then we can see later about opening a center”. PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Hridayananda**. Paris, 04 jun. 1974. Disponível em: https://vanisource.org/wiki/File:740604_-_Letter_to_Hridayananda.JPG. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁵⁰³ AULA dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva em 11/11/80 (continuação). **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982. Néctar da semana, f. 1.

No início de 1975, Hridayananda Dasa Goswami, como líder administrativo da ISKCON para a América do Sul, enviou para o Brasil, o canadense Mahavira Dasa, com o objetivo de reunir os devotos brasileiros e, principalmente, encontrar meios para traduzir e publicar os livros da BBT. Um devoto brasileiro conta a sua impressão sobre a chegada de Mahavira e o interesse em produzir os livros:

[...] sua principal (e quase única) preocupação era só uma: onde havia um tradutor para traduzir os livros de Srila Prabhupada do inglês para o português [...]. Dizia que tinha ordem de simplesmente conseguir alguns tradutores e revisores, e formar uma equipe da BBT em português em Los Angeles, onde se imprimiria os livros, e mais tarde enviar-se-ia um grupo de sankirtaneiros americanos para inundar o Brasil com livros⁵⁰⁴.

No entanto, a ideia parece ter sido um pouco diferente do previsto. Contando com um pequeno grupo de devotos à disposição, Mahavira conseguiu alugar um casarão em São Paulo que funcionaria como o primeiro templo oficial da ISKCON no Brasil. Ainda sem livros à disposição e contando com um número de devotos para manter em um regime comunitário, a primeira tática utilizada pelo líder foi a mendicância:

Então Mahavira fez toda uma pregação “muito bem-bolada” neste dia, e logo idealizou um método famoso para arrecadar *laksmi* [dinheiro]: “manguear” (mendigar). A princípio, os devotos saíam pelas ruas com latinhas do tipo leite-em-pó, enfeitadas com colagens de recortes coloridos da revista *Back to Godhead*, com dizeres em letras *off-set* a cores: “AJUDE A NOVA COMUNIDADE ESPIRITUAL EM SÃO PAULO – HARE KRISHNA!”. E esmolavam moedinhas e trocados do povo nos semáforos e nas ruas⁵⁰⁵.

Sem contar ainda com livros, incensos ou objetos para venda em público, a mendicância direta foi a solução encontrada por esse primeiro núcleo de devotos reunidos em São Paulo. Ao fazerem sua mendicância nas ruas próximas ao templo, no bairro do Butantã, os “carecas” eram confundidos com os calouros da Universidade de São Paulo (USP) que ficava próxima dali: “Muitas pessoas confundiam os devotos com os “calouros” da USP, que já nesta época estavam carecas e também “mangueavam” nos semáforos nas imediações da Cidade Universitária”⁵⁰⁶.

Se pudermos crer nessas memórias, poderíamos dizer que o primeiro *sankirtana* do período foi o “mangueio”. Na tentativa de não deixar a prática

⁵⁰⁴ DASA, Paravyoma. Brasil adi-lilamrta (a história fala por si mesma). **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 05, 17-24 fev. 1985. Néctar de *sankirtana*, 1f.

⁵⁰⁵ DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte II. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 09, 11-18 mar. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f, grigos do autor.

⁵⁰⁶ Ibidem.

meramente na esfera da mendicância, eles passaram a inserir o canto em suas performances:

[...] A coleta passou a ser em *kirtanas* [canto] durante o dia inteiro, nos quais os devotos distribuíam os convites e pediam doações. Eles também passaram a andar em grupos de 4, 5 ou mais, os quais invadiam os ônibus, diferentes cursinhos, escolas, escritórios, bares, etc. Nessas incursões, geralmente um devoto mais desembaraçado fazia um discurso, convidando a todos para o templo, e os demais saíam distribuindo os convites e coletando as doações. Nesta época, tornou-se de também de praxe os famosos e animadíssimos *harinamas* [canto em procissão] na Rua Augusta nas manhãs de sábado [...] ⁵⁰⁷.

A mendicância como prática de arrecadação de fundos para implementar uma instituição religiosa teria despertado, inclusive, a discordância da polícia. Alguns devotos seriam presos por “mendicância”:

Até que certo dia, primeiro Bosco e Joca, e logo após, Júlio e Flávio, enquanto faziam *sankirtana* pelas ruas de São Paulo com latinhas, foram pegos, detidos e fichados pela polícia da delegacia de previdência (um órgão estatal que fiscalizava mendigos, inválidos, instituições de caridade, etc., que geralmente esmolavam nas ruas). Ela prendeu os devotos e convidou os líderes do movimento a comparecerem na delegacia, pois estava curioso sobre a situação legal deste e queriam ver os documentos, mas para o espanto geral de todos, não encontrara, documento algum.

Lúcio conta: “os delegados recomendaram que deveríamos fazer um estatuto, registrar o Movimento no cartório”. [...] Assim, a Sociedade foi oficializada em 28/02/75, 26 dias após os devotos chegarem em São Paulo (em 02/02) ⁵⁰⁸.

Sem recursos de fontes externas – contando apenas com as palavras e a astúcia para implementar uma instituição religiosa nova no país – os devotos fariam esforços para imprimir a primeira revista, a *De Volta ao Supremo* (DVS), que seria uma adaptação da BTG americana:

[...] Mahavira e Márcio continuaram sua batalha em gráficas. Até que finalmente eles aproximaram-se da gráfica mais importante de São Paulo na época: a Litográfica Ypiranga. Chegando lá, Mahavira foi diretamente falar com o Sr. Alceu, o diretor comercial, como sempre levando sua pasta executiva com livros e desenrolando a mesma história – de que pretendia publicar todos aqueles livros grandes, o *Bhagavad-Gita*, os 60 volumes do *Srimad-Bhagavatam* com 400 páginas, ilustrações, capa dura, etc. [...] O senhor Alceu ficou completamente impressionado ao ver aquela maravilha, e imediatamente confessou-se interessado na proposta, que beneficiaria não

⁵⁰⁷ DASA, Paravyoma. Brasil adi-lilamrta **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 10, 19-25 mar. 1985. Néctar de *sankirtana*, 1f.

⁵⁰⁸ DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte IV. Nasce uma nova criança na sociedade: a ISKCON do Brasil. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 12, 02-08 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f. A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna do Brasil, segundo consta em nossa documentação, foi formalizada em 08 de março de 1975: ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Formalização da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna do Brasil no Diário Oficial do Estado de São Paulo**. 08 mar. 1975. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.303, p. 108.

só a sua empresa, a qual faturaria rios de dinheiro, como também aos devotos, com os quais ele simpatizou-se de verdade. Márcio conta: “Desta maneira, baseado em nada, unicamente na amizade e na confiança, pois não tínhamos nenhum *hollerith*, nem imposto de renda – não tínhamos nada – que pudesse provar que pagaríamos, o sr. Alceu deu-nos um crédito para imprimir a primeira revista *De volta ao Supremo*, a qual teríamos que pagar com a própria venda delas e simultaneamente coletar para a impressão dos dois livros pequenos”⁵⁰⁹.

Com base apenas em palavras, teria sido aberta a porta para a primeira grande impressão de livros da ISKCON no Brasil. Como era comum no Movimento Hare Krishna, a venda de incensos também teria sido usada para complementação financeira e para ajudar na impressão das revistas:

Mahavira fez amizade com o dono de uma importante loja importadora de artigos indianos da Rua Augusta, e com ele conseguiu à crédito uma grande quantidade de caixas de incenso chinês e outros para revender em *sankirtana*, e isto aumentou muito a coleta e também ajudou a pagar a impressão da revista⁵¹⁰.

Assim, com uma primeira verba levantada, um templo reunindo os primeiros Hare Krishna do país e uma liderança ativa alinhada com os propósitos internacionais da ISKCON, o *sankirtana* começaria no Brasil em 1975, com a impressão da primeira revista:

Logo quando saiu a 1ª literatura no Brasil (*De volta ao Supremo*), o entusiasmo de distribuir livros contagiou a todos. [...] Era um sonho que após tantos meses de austeridades e esforço coletivo, com coletas de incenso, etc., finalmente tornava-se realidade. Logo, no dia em que a revista chegou no templo, numa sexta-feira à noite, todos ficaram super-animados e foi uma grande algazarra no templo. Mahavira pessoalmente saiu com as revistas na mão, e euforicamente arrastou consigo todos os devotos, visitantes, e quem quer que estivesse no local, sem exceção, para os semáforos das imediações⁵¹¹.

Esses relatos memorialísticos sobre os primeiros anos do *sankirtana* no Brasil remetem ao humor com o qual os Hare Krishna contam a sua narrativa sobre o *sankirtana*. Uma maneira romantizada, trazendo sentimentos como a alegria, euforia, um “sonho” que se realizara e que faria com que o Brasil finalmente pudesse ser “salvo” pela literatura “transcendental” que fora introduzida em seu solo.

A revista *De Volta ao Supremo* foi publicada com uma tiragem de cinquenta mil cópias e durante a década de 1970 teria uma nova edição a cada ano, com tiragem

⁵⁰⁹ DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte II. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 09, 11-18 mar. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.

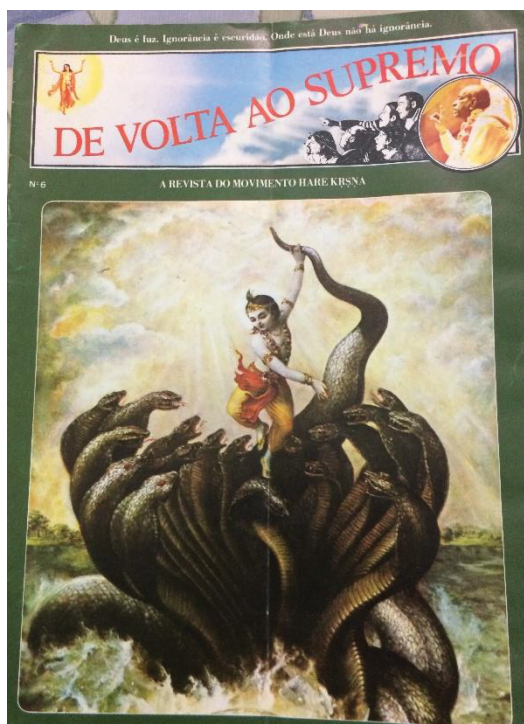
⁵¹⁰ DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte III. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.

⁵¹¹ Ibidem.

variando entre 50 e 100 mil cópias. Em 1976, por exemplo, o quantitativo da tiragem já teria dobrado⁵¹².

A *De Volta ao Supremo* tinha o formato de revista, com capa colorida, imagens, textos de Prabhupada (transcritos de aulas, palestras ou trechos de seus livros), além de artigos de devotos sobre temas da teologia Hare Krishna, defesa do vegetarianismo e endereço dos espaços oficiais da ISKCON no país. Ela não tinha informações sobre preço, periodicidade justamente porque essas questões dependiam da volatilidade do *sankirtana*: a impressão do próximo número seria feito quando o estoque da edição anterior fosse vendido – que acabou resultando na prática em uma edição por ano entre 1975 e 1980; e o valor cobrado pelo sankirtaneiro em sua venda poderia ser fixo (obedecendo a regra de 50/50 da BBT) ou um valor “em aberto”, em caráter de “doação” que seria negociado diretamente entre o distribuidor de livros e seus clientes.

Figura 4 – *De volta ao Supremo* (n. 6, 1980)



Fonte: Acervo pessoal do autor

As capas da revista eram coloridas e bem adornadas com pinturas do acervo da BBT. O cabeçalho da capa traz a frase inscrita desde os primórdios da BTG de

⁵¹² Segundo a *Carta de Sankirtana*, a tiragem da primeira leva de revista teriam sido as seguintes: 1975 – 50.000; 1976 – 100.000; 1977 – 100.000; 1978 – 60.000; 1979 – 60.000; 1980 – 100.000.

Prabhupada: “Deus é luz. Ignorância é escuridão. Onde está Deus não há ignorância”. Além disso a gravura iluminada de Chaitanya, voando no céu e uma população maravilhada apontando para esse feito maravilhoso reforçam a “luz” que o conhecimento trazido pela revista buscava representar. Bhaktivedanta Swami aparece ao lado direito, em postura de instrução. Assim, sem maiores explicações sobre o conteúdo da revista, a DVS fazia um apelo imagético aos seus possíveis compradores.

Ainda em 1975, Hridayananda Dasa Goswami veio ao Brasil para conhecer o grupo de devotos locais e o templo de São Paulo, acompanhar o processo de impressão de livros e dar as diretrizes para a ISKCON do Brasil. As descrições apaixonadas de alguns dos devotos brasileiros revelam o carisma que ele possuía entre eles:

Ele [HDG] era assim como um fiel Vice-Rei, que encarnava completamente todos os desejos e instruções do Rei [Prabhupada].

[...]

Bk. Antônio conta: “Foi ‘amor’ à primeira vista. Hridayananda Maharaja sempre cativou-nos desde o começo por suas qualidades transcendentais. Humildade, total fidelidade a Srila Prabhupada, inteligência extaticamente transcendental, energia inesgotável, entusiasmo contagiante, desejo ardente de publicar e distribuir livros [...]”⁵¹³.

A linguagem lisonjeira e glorificante utilizada pelos Hare Krishna ao se referirem a um guru ou devoto tido como “espiritualmente avançado” é corriqueira e faz parte da etiqueta religiosa. Para os devotos brasileiros, Hridayananda seria o elo mais próximo entre eles e o fundador da ISKCON e, assim, mesmo aqueles que foram iniciados como “discípulos de Prabhupada” (quando este ainda estava vivo), receberam a iniciação através do seu representante, Hridayananda. Assim, ele seria tanto a maior autoridade administrativa da ISKCON do Brasil, e também, a maior referência espiritual.

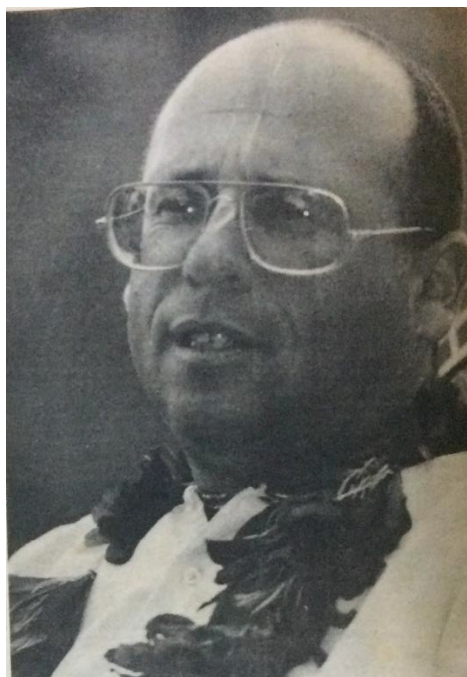
Aqui cabe uma pequena apresentação sobre esse personagem. Hridayananda Dasa Goswami (ou Acharyadeva, como seus discípulos o chamam respeitosamente) – nascido como Roward J. Resnick (1948-) - é um californiano de “classe alta” (como ele mesmo se referia em entrevistas)⁵¹⁴ que conheceu o

⁵¹³ DASA, Paravyoma. “Confirmado: Hridayananda Maharaj realmente era extático, incrível e transcendental”. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 17, 06-12 mai. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.

⁵¹⁴ GURU da seita Hare Krishna está no Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 dez. 1978. Local, p. A-6.

Movimento Hare Krishna em Berkeley, onde estudava, em 1969. Ele teve uma ascensão meteórica na ISKCON por sua habilidade como palestrante, com a leitura dos livros de Prabhupada e com o entendimento do sânscrito. De presidente de templo, tornou-se um *sanniasy* e passou a viajar e pregar por vários países. Em 1974, ele assumiu o cargo de responsável do GBC para a América do Sul e Caribe e liderou a tradução e impressão de diversos livros de Prabhupada do inglês para o espanhol⁵¹⁵.

Figura 5 – Hridayananda Dasa Goswami



Fonte: *Cultura Védica*⁵¹⁶

Tornou-se um líder muito atuante na América Latina fazendo com que Prabhupada o escolhesse como um dos 11 devotos que foram autorizados por ele a dar iniciação espiritual após a sua morte em 1977. Em 1978, ele se tornou “Acharya Zonal” do Brasil e outros países da América Latina, sendo o único guru da ISKCON autorizado a dar iniciação nesses locais até 1988, quando o sistema de *acharya*-zonal foi abolido pelo GBC. Ele também acumulou o cargo de representante do GBC para o Brasil por muitos anos, fazendo com que sua autoridade, tanto espiritual, como administrativa, fosse hegemônica no país. No Brasil, ele seria o guru iniciador (*diksha-guru*) ou instrutor (*shiksha-guru*) de praticamente todos os devotos brasileiros até

⁵¹⁵ H. D. GOSWAMI. **About**. Disponível em: <https://www.hdgoswami.com/about/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

⁵¹⁶ ACHARYADEVA, Srila. A lógica do absoluto. **Cultura védica**. São Paulo, n. 1, 1986, p. 8.

pelos menos o fim dos anos 1980, quando os membros da ISKCON foram autorizados a receber iniciação espiritual de qualquer guru da instituição. Em suma, Hridayananda foi a grande autoridade da ISKCON para o Brasil ao longo de toda a sua história⁵¹⁷.

Foi através de Hridayananda que os primeiros devotos do Brasil receberam iniciação espiritual de Prabhupada. Como um intermediário entre os brasileiros e o fundador da ISKCON, Hridayananda, mesmo não sendo seu mestre direto, era um líder e um modelo para eles⁵¹⁸. Para a primeira iniciação, ele cantaria o mantra Hare Krishna na *japa-mala* (cordão de contas para acompanhar a recitação de mantras). E para os que receberiam a segunda iniciação, onde o discípulo deveria secretamente ouvir o mantra *Gayatri*⁵¹⁹ da boca de seu guru, uma fita k-7 deveria ser reproduzida para que o discípulo ouvisse a voz do próprio Prabhupada⁵²⁰.

Assim que chegou ao Brasil, Hridayananda fez diversos planos para produção de livros. No templo da ISKCON em São Paulo já havia um “departamento de tradução e publicação de livros”, contando com devotos fazendo tradução e datilografia dos livros:

Dos únicos três quartos para os *brahmacaris* [monges celibatários] no segundo andar, reservara-se um exclusivamente para ser o departamento da BBT. Ali, principalmente Lúcio e Márcio trabalhavam freneticamente na tradução dos livros, e os demais *sankirtana* o dia inteiro⁵²¹.

Assim, já naquele ano, alguns livros começaram a ser impressos no Brasil e os devotos passaram a se dedicar ao *sankirtana* em São Paulo. Prabhupada recebera

⁵¹⁷ Recentemente, após alguns anos afastado de cargos administrativos, ele novamente voltou a ocupar o cargo de GBC para o Brasil (em 2017 ou 2018) para preparar uma nova liderança local para assumir o cargo que se encontrava vago).

⁵¹⁸ Em julho de 1975, Prabhupada enviava uma carta para Hridayananda, contendo os nomes espirituais e a autorização para que este iniciasse os primeiros membros da ISKCON do Brasil. PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Hridayananda**. Evanston, 01 jul. 1975. Disponível em: <https://vanimedia.org/w/images/a/ac/750701 - Letter to Hridayananda.JPG>. Acesso em: 18 mai. 2021.

⁵¹⁹ O mantra *Gayatri* é, para o hinduísmo mais tradicional, um mantra secreto, entoado mentalmente por aqueles que são “duas vezes nascidos”, ou seja, que são iniciados por um guru que pertence à uma *sampradaya*. Na ISKCON, todos os devotos que recebem a “segunda iniciação”, devem receber de seu guru o mantra *Gayatri* e recitá-lo três vezes ao dia nos momentos do nascer do sol, ao meio-dia e ao pôr-do-sol.

⁵²⁰ Como o próprio Prabhupada aconselhava um devoto em uma carta: “*For the second initiates [...] you should play for them into the right ear the tape of me chanting Gayatri. Teach them how to count on the finger divisions*”. PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Alanatha**. Bombay, 23 dez. 1976. Disponível em: <https://vanisource.org/wiki/File:761223 - Letter to Alanath.JPG>. Acesso em: 18 mai. 2021. As fitas com aulas e cantos de Prabhupada evidenciam mais uma faceta do processo de mediatização implementado pelo vaishnavismo *gaudiya* ao longo do século XX.

⁵²¹ DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte III. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.

os primeiros exemplares dos livros impressos na zona de atuação de Hridayananda e teria demonstrado seu apreço pelo serviço:

Eu recebi os novos livros em Espanhol e Português. Eles são muito bonitos e os resultados de vendas são muito encorajadores. Imprima todos os meus livros. Se você pode vende-los, por que não imprimi-los? Imprima o máximo possível e guarde se for necessário (07 dezembro, 1975)⁵²².

Na América do Sul as pessoas não são tão ricas nem tão iluminadas como os seus vizinhos na América do Norte, mas elas são pessoas boas e, de alguma forma, piedosas e este é o crédito delas. Agora tente apenas dar-lhes a mensagem de Sri Chaitanya Mahaprabhu. Da maneira como você está fazendo, continue a publicar livros, mais e mais, em Espanhol e Português [...] (04 janeiro, 1976)⁵²³.

Investido da missão de “publicar mais e mais livros”, Hridayananda começou a expandir o Movimento Hare Krishna no Brasil com a ajuda dos devotos brasileiros. Em 1976, a ISKCON do Brasil investiu na abertura de mais um templo, desta vez no Rio de Janeiro. Ao que parece, uma das primeiras iniciativas na cidade foi o requerimento de uma licença para distribuir literatura e vender artigos religiosos – evitando inconvenientes como o que ocorrera em São Paulo⁵²⁴.

O templo, instalado na Estrada Velha da Tijuca, passou a atrair a curiosidade de parte da juventude de classe média carioca. Uma grande polêmica sobre a conversão de jovens “menores” levou o templo do Hare Krishna do Rio a ser bombardeado pela mídia entre 1976 e 1977⁵²⁵. Essa exposição do Movimento Hare Krishna em veículos de comunicação de grande alcance, fez com que o movimento se tornasse conhecido nacionalmente, embora o tenha sido através de representações negativas.

No entanto, como veremos no último capítulo, essa exposição midiática, apesar de levar à ISKCON certas dificuldades, acabou divulgando o Hare Krishna de uma maneira sem precedentes, apresentando ao público uma religião até então

⁵²² TRECHOS de algumas cartas de Srila Prabhupada para Srila Acharyadeva. **Sankirtan Brasil**, n. 3, 19-24 abr. 1981. Néctar da semana, f. 1.

⁵²³ Loc. cit.

⁵²⁴ O termo da prefeitura do Rio declarava: “Os membros da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna estão autorizados a exercer sua pregação nas seguintes condições: troca ambulante de artigos religiosos sem estacionamento; fica proibida a exposição de livros, fascículos ou qualquer mercadoria no solo da via pública; nas praças e jardins haverá permissão para pregação”. ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Memorando emitido por Oemar Lopes de Rezende (coordenador da Secretaria Municipal de Fazenda do Rio de Janeiro) ao setor de fiscalização**. 16 fev. 1976. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.303, p. 121.

⁵²⁵ Veremos esse ponto em detalhe no próximo capítulo.

desconhecida por muitos brasileiros. Ao final do ano de 1976, o templo do Rio já era formado por alguns monges vivendo em regimento de comunidade no templo da Tijuca. E com o crescimento do número de membros, crescia também o número de “sankirtaneiros” e de livros distribuídos.

Se pudermos crer nos números reportados em uma conversa entre Prabhupada e o diretor mundial da BBT, Ramesvara Swami, vê-se que em dezembro de 1976, o Brasil já despontava como um dos maiores distribuidores de livros do mundo. Em termos de apuração financeira, o Brasil teria vendido a quantia de quarenta e oito mil em livros, ficando na sexta posição mundial, ao lado da Inglaterra. E em termos de zonas, a Zona da América Latina (zona ao qual o Brasil estava inserido) teria ficado em terceiro com 155 mil em livros vendidos⁵²⁶.

Provavelmente esses eram valores que se referiam à “maratona de *sankirtana*” realizada em dezembro em todos os templos da ISKCON no mundo. Os dados sobre o *sankirtana* para a década de 1970 são um tanto incertos. Não conseguimos informações sobre os resultados brasileiros desse período no arquivo da BBT brasileira, nem tampouco no banco de dados da *World Sankirtana Newsletter* (WSN) – que reúne detalhadamente as informações do *sankirtana* mundial⁵²⁷.

No entanto, o que pudemos apurar através de relatos orais, é que o Brasil teria “revelado” alguns talentos na “arte de fazer”⁵²⁸ o *sankirtana*. Em 1976, um mineiro, que seria iniciado posteriormente com o nome de Paramgacit Dasa, teria sido o campeão mundial da maratona de *sankirtana* de Natal (e, também, campeão anual de *sankirtana* no Brasil). Em 1977, o devoto brasileiro Advaya Dasa (campeão nacional de *sankirtana*), teria ficado em segundo lugar no ranking anual mundial. No ano seguinte, ele teria alcançado o primeiro lugar anual em nível nacional e mundial.

⁵²⁶ PRABHUPADA, A. C. B. S. et all. **Conversation B – Calcutta**. Calcutá, 16 jan. 1977. Disponível em: https://vanisource.org/wiki/770116_-_Conversation_B_-_Calcutta. Acesso em: 20 mai. 2021. Este era um “report” do diretor mundial da BBT para Prabhupada, apresentando o número de cópias de livros vendidas no mundo e de valores arrecadados. No documento não fica claro se eram mesmo valores em dólares ou se a conversa se referia ao sistema de pontos adotado como parâmetro pela BBT. De toda forma, a moeda adotada pela instituição para comparativos e repasses de verbas sob a forma de taxas e contribuições entre os diversos centros da ISKCON e BBT no mundo, era o dólar americano.

⁵²⁷ Os registros do site começam no ano de 1979, mas alguns recursos mais detalhados, como por exemplo, os resultados individuais de cada distribuidor de livros, só aparecem a partir do ano de 1982.

⁵²⁸ Expressão citada constantemente por: CERTEAU, 2012.

Nesses anos, o Brasil teria contado não somente com esses “campeões”, mas, também com alguns outros colocados entre os melhores “sankirtaneiros” do mundo⁵²⁹.

Uma edição da *Carta de Sankirtana* de 1981 traz um retrospecto da pontuação do *sankirtana* no período de maratona de Natal na década de 1970:

Tabela 1 - Pontuação das maratonas de *sankirtana* (1976-1980)

Ano	Pontuação
1976	240.000 pontos
1977	436.000 pontos
1978	332.000 pontos
1979	275.000 pontos
1980	406.414 pontos

Fonte: Carta de Sankirtana⁵³⁰

Na tabela acima, podemos perceber que, considerando apenas as “maratonas de Natal”, o ano de 1977 rendeu um resultado bastante significativo para a ISKCON no Brasil em termos de pontuação alcançada.

Embora não seja um quantitativo anual, a maratona de *sankirtana* representa o período de maior esforço para a distribuição de livros na ISKCON, desde meados dos anos 1970, como vimos. O sistema de pontos adotado pela BBT leva em consideração o número de páginas que cada livros possui e o tipo de literatura. De maneira geral, quanto mais páginas, maior é o custo de impressão, o preço da venda e a dificuldade em comercializar. Assim, para nivelar as vendas de livros no mundo, o sistema de pontuação era adotado como parâmetro para as competições. Vejamos abaixo o esquema de pontuação adotado hoje:

Tabela 2 – Sistema de pontuação da BBT internacional

Livros	Revistas		Livros pequenos	Livros Médios		Livros Grandes		Livros GG (“Maha G”)	
Páginas	1 ano de assinatura	1 BTG	50-149 p.	150-299 p.		300-499 p.		500+ p.	
Capa	Inglês	Outras		Mole	Dura	Mole	Dura	Mole	Dura
Pontos	5.0	2.5	0.1	0.25	0.25	0.5	0.5	1.0	1.0
								2.0	2.0

Fonte: World Sankirtana Newsletter⁵³¹

⁵²⁹ CAVALCANTI, José (Advaya Dasa). Entrevista [via internet] realizada em 24 mai. 2021. Segundo o entrevistado, a BBT internacional teria perdido toda a documentação relativa aos anos 1970. No acervo da BBT Brasil que não pudemos encontrar documentação relativa a esse período.

⁵³⁰ CARTA de Sankirtana, n. 37, 21-27 dez. 1981.

⁵³¹ SANKIRTAN newsletter point system. FAQ – Frequently Asked Questions. Disponível em: <http://wsnl.net/WSNfaq.htm#missing>. Acesso em: 24 mai. 2021. A modalidade “1 ano de assinatura” é

Essas pontuações podiam mudar a cada ano ou de região para região. Mas em última instância, a pontuação oficial para parâmetros internacionais era aquela dada pela BBT, através da revista WSN.

Assim se fôssemos comparar, poderíamos dizer que no ano de 1977, por exemplo, a ISKCON no Brasil teria vendido, somente no período da “Maratona de Natal”, o equivalente a cerca de 436 mil “livros grandes” ou 872 mil “livros médios”⁵³². Dados sobre o quantitativo de livros impressos pela BBT ampliam um pouco o entendimento sobre a crescente demanda do *sankirtana* no período:

Tabela 3 - Livros impressos pela BBT Brasil (1975-1982)

Ano	Número de livros publicados
1975	195.000
1976	245.000
1977	550.000
1978	920.000
1979	904.000
1980	981.000
1981	558.000
1982	1.288.000

Fonte: Carta de Sankirtana⁵³³

O quantitativo de livros impressos, evidentemente, não indica o número de livros efetivamente vendidos. No entanto, nos mostra uma demanda pelos produtos, já que o dinheiro obtido nas vendas é que financiava novas impressões. Entre 1975 e 1981, 6 números da *De Volta ao Supremo* foram publicados (470 mil cópias no total) e 19 títulos já tinham sido impressos, com uma tiragem de 3 milhões e 128 mil livros⁵³⁴.

A tabela também revela que houve uma progressão no número de livros impressos pela BBT. Excetuando-se o ano de 1980, praticamente, temos uma

referente a edição da BTG em inglês e algumas outras línguas que tiveram edições mensais da revista. No Brasil, a revista *De Volta ao Supremo* nunca teve uma periodicidade regular ou mensal e, assim, os brasileiros não poderiam pontuar nesse quesito.

⁵³² Na prática os resultados finais das pontuações eram uma mescla das vendas de revistas e dos diferentes tipos de livros disponíveis para venda naquele ano.

⁵³³ OS NÚMEROS não mentem jamais. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 49, 10-15 jan. 1983, 2fls.

⁵³⁴ **CARTA de Sankirtana**, n. 6, 11-16 mai. 1981. Os títulos publicados, segundo a CS, foram: *Além do nascimento e da morte*; *Perfeição da Yoga*; *Perguntas perfeitas, respostas perfeitas*; *Fácil viagem a outros planetas*; *Srimad Bhagavatam* capa mole (8 volumes); *Sri Isopanishad*; *Histórias de Krishna*; *Elevação à consciência de Krishna*; *meditação na Era das Desavenças*; *Ciência da auto-realização*; *Bhagavad Gita* (capa mole); *Krishna* (volumes 1.1 e 1.2); *Néctar da instrução*; *Alcançando a perfeição da vida*; *Bhagavad Gita* (capa dura); *Krishna* (volume 2); *Srimad Bhagavatam* (capa dura, 3 volumes); *Néctar da devoção*; e *A vida vem da vida*.

crescente no número de livros impressos, culminando no ano de 1982, com mais de um milhão de livros impressos.

Esses dados revelam que, logo após o seu início oficial, contando com alguns poucos membros e templos, a ISKCON do Brasil realizou muitos esforços para traduzir, imprimir e distribuir uma quantidade significativa de livros. A ISKCON brasileira já se destacava no cenário internacional da instituição como uma congregação dedicada à prática do *sankirtana*. Hridayananda comentava sobre isso:

O mundo inteiro ficou impressionado com o progresso rápido do movimento no Brasil. Todo o mundo ficou sabendo que o Brasil era um campo muito fértil, **no Brasil cantando dá!** Até eu fiquei muito impressionado; que em todos os países latinos estávamos lutando mas aqui no Brasil Mahavira chegou e em pouco tempo havia muitos devotos, carros, livros. Então desde o começo eu compreendi que o Brasil era um país extraordinário para se pregar a consciência de Krishna⁵³⁵.

Parafraseando a famosa expressão “em se plantando tudo dá”, baseada na carta de Pero Vaz de Caminha⁵³⁶, o responsável do GBC pelo Brasil dizia que o país – que historicamente tinha sido uma colônia de exploração agrícola e tornara-se uma nação agroexportadora - seria uma terra fértil para o Movimento Hare Krishna. Mas, sobretudo, o “canto” da distribuição de livros.

Essa talvez tenha sido a primeira vez que um país de “terceiro mundo” tenha alcançado resultados expressivos na distribuição de livros mundial no histórico da ISKCON. Por que, então, no Brasil, “cantando dá”? Ou em outras palavras, o que tornara o Brasil “um país extraordinário” para a distribuição de livros Hare Krishna?

Em meados dos anos 1970, o quadro religioso brasileiro começava a mudar mais fortemente. O catolicismo perdia espaço para os protestantismos (sobretudo, para o pentecostalismo), para religiões espíritas e de matriz africana e para os chamados novas formas de religião e religiosidade, como o Hare Krishna⁵³⁷.

Além disso, uma intensificação do processo de urbanização e de industrialização (principalmente no eixo Centro-Sul), derivados dos efeitos do “Milagre

⁵³⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 25, 21-27 set. 1981. Néctar da semana, 1f, grifos meus.

⁵³⁶ A expressão contida na carta de 1º de maio de 1500 enviada por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal Dom Manuel, fazia alusão à riqueza de recursos naturais que possuíam as terras encontradas pela esquadra de Pedro Álvares de Cabral no continente americano, naquele período.

⁵³⁷ Cf.: SOARES, Luiz Eduardo. Revoluções no campo religioso. **Novos estudos CEBRAP** [online], v. 38, n. 1, 2019, p. 85-107. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010009>. Acesso em 25 ago. 2020.

Econômico”, favoreciam a formação de uma classe média consumidora nos grandes centros urbanos que, além de produtos, buscava pelo “consumo” de novas formas de oferta religiosa ou ideologias. Alguns dos temas que eram debatidos pelo Hare Krishna - como vegetarianismo, comunidades rurais ou alternativas, cultura e religiosidade oriental, estilo de vida mais simples e natural – integravam um conjunto de interesses que crescia entre a juventude de classe média brasileira.

A formação de um público interessado nesses temas não passou despercebido pelo mercado editorial brasileiro e, dessa forma, revistas, livros e até livrarias especializadas em temas como esoterismo, “religiões orientais”, lugares sagrados, viagens de peregrinação, misticismo, astrologia, ufologia, bruxos, duendes, gnomos, fadas e anjos da guarda. Enfim, toda uma série de temas que passaram a ser consumidos e produzidos dentro do que se convencionou chamar de Nova Era⁵³⁸.

Revistas como a *Nova Era*, fundada no Brasil em 1972 pela Editora Três, uma versão tupiniquim da *Planète* francesa (fundada nos anos 1960), auxiliou no processo de circulação de ideias contraculturais de uma perspectiva transnacional nos anos 1970⁵³⁹.

O *Pasquim* é um bom exemplo de revista brasileira voltada para o público de jovens da contracultura brasileira, essa sem muito apelo às novas religiosidades. Fundado em 1969, a revista era um semanário bem-humorado e descontraído surgido no formato tabloide e que tinha contribuições de grandes nomes das letras e desenho nacionais como Jaguar, Ziraldo, Millôr, Henfil, Paulo Francis e outros e teve uma postura combatente em relação à Ditadura que lhe rendeu repressão e censura por parte da mesma⁵⁴⁰.

⁵³⁸ A classificação “Nova Era” é bastante imprecisa. Todavia o termo foi utilizado para se referir às práticas terapêuticas de aparência científica, oráculos, adivinhações e toda uma esfera de práticas e teorias místicas com forte vínculo com o público contracultural dos anos 1960 e 1970 e que hoje, “longe de serem contrárias à cultura mais ampla, foram absorvidas pelo consumismo da sociedade abrangente”. GUERRIERO, Silas. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna. **Nures**, n. 12, mai./ago. 2009, p. 2.

⁵³⁹ KAMINSKI, Leon. Mundo afora, Brasil adentro: a circulação cultural da contracultura e suas apropriações. In: KAMINSKI, Leon (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-41.

⁵⁴⁰ BRASIL, Bruno. A breve história e a caracterização d’O *Pasquim*. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 6, 2012, p. 159-176. Ao contrário da *Planeta* (que não tinha um viés político “militante”), O *Pasquim* não explorava tanto o lado do consumo espiritual e quando tratava do tema das religiões, o fazia de maneira crítica e mesmo sarcástica, como o foi a sua edição número 404

Mesmo que a contracultura no Brasil tenha “passado de raspão” pelo Brasil⁵⁴¹, ela deixou suas marcas na cultura brasileira e “mesmo contestando o sistema, vendia bem, era um bom produto”⁵⁴². Tanto que, mesmo periódicos de cunho mais tradicional no Brasil (como a *Veja* e a *Manchete*), acabavam por veicular, nos anos 1970, propagandas que cooptavam ideias da juventude da contracultura para vender seus produtos, numa “estratégia de reversão de valores”⁵⁴³.

Assim, além de encontrar um mercado que estava em ascensão no Brasil, os produtos religiosos *hare krishna* ajudaram a consolidá-lo. A difusão do *sankirtana* e, certamente, o apoio financeiro que adveio com ela, fez com que a ISKCON do Brasil pudesse abrir mais filiais em diversas localidades. Em 1976, além de São Paulo e Rio de Janeiro, passou a funcionar um pequeno centro de pregação em Salvador. Em 1977, templos foram abertos em Belo Horizonte e Curitiba. No ano seguinte, foi a vez de Porto Alegre, Recife e de uma fazenda em Pindamonhangaba, interior de São Paulo, que abrigaria a maior comunidade rural da ISKCON na América Latina, chamada Nova Gokula. Mesmo tendo a proposta de produzir os próprios alimentos, a comunidade rural da ISKCON precisaria do apoio financeiro do *sankirtana* para sobreviver.

Esses resultados do *sankirtana* não foram conquistados somente pelo entusiasmo e dedicação espontânea dos seus membros. Como veremos mais adiante, a liderança administrativa e espiritual da ISKCON manteve uma série de mecanismos para manutenção e indução ao *sankirtana* que pressionava seus membros e líderes locais a se dedicarem exaustivamente à tal prática. Parece que essa pressão por obter mais resultados aumentou a partir do ano de 1980, quando os resultados internacionais do *sankirtana* despencaram.

Se pudermos crer nos argumentos de um dos líderes da ISKCON no Brasil, alguns administradores chegaram a propor, ao final do período aqui sugerido, que outras atividades financeiras fossem desenvolvidas, para além do *sankirtana*. Mas,

que tratava das polêmicas envolvendo o Movimento Hare Krishna, no Rio: JAGUAR. Os Hare Krishnas, os seguidores do Deus brincalhão. **O Pasquim**. Edição 404. Rio de Janeiro, 25 a 31 mar. 1977, p. 10.

⁵⁴¹ Cf. GUERRIERO, 2009, p. 2.

⁵⁴² KAMINSKI, 2019, p. 27.

⁵⁴³ Como bem aponta: BIAGI, Orivaldo Leme. A construção de discursos conservadores pela publicidade brasileira em relação à contracultura. KAMINSKI, Leon (Org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV, 2019, p. 43-65.

para a “alta cúpula” da instituição, a distribuição de livros deveria continuar a ser a principal atividade:

[...] Srila Acharyadeva contou um problema ocorrido na maratona de *sankirtana* de 1980, quando ele estava no Rio de Janeiro, e foi abordado por líderes brasileiros que lhe pediam permissão para fazerem negócios, pois o *sankirtana* “já não dava”. Srila Acharyadeva respondeu que nossa política financeira é a palavra de Srila Prabhupada. [...] Assim ele eliminou a hipótese de que o *sankirtana* deveria dar lugar a “negócios” e denominou o *sankirtana* de “A galinhas dos ovos de ouro”⁵⁴⁴.

A “galinha dos ovos de ouro” da ISKCON Brasil, seria o *sankirtana*, segundo o maior líder da instituição religiosa no país. Além da questão financeira, a motivação missionária era lembrada como fator determinante pelo líder:

Nós queremos imprimir todos os livros de Prabhupada em quantidades enormes. Todos no Brasil têm que ter um livro de Prabhupada. Esta é a única oportunidade para se compreender o propósito da vida humana. Se eles não lerem os livros de Prabhupada certamente irão morrer na ignorância. Portanto, você deve ver pessoalmente que todos no Brasil tenham um livro de Prabhupada. De alguma forma ou de outra eles vão lê-los, e o Brasil vai ser salvo [...]. Portanto, desde que vocês são brasileiros, vocês têm que encontrar um meio de dar estes livros ao povo de seu país. Faça tudo legalmente. Não agite o governo. Evite casos políticos e simplesmente dê o conhecimento espiritual perfeito ao povo⁵⁴⁵.

Assim, no final de 1980, uma preocupação com o desempenho da distribuição de livros levou a ISKCON e a BBT do Brasil a criarem um mecanismo de apoio e incentivo a distribuição de livros. Uma revista que passou a ser o termômetro do *sankirtana*.

4.1.3 Em busca da “consciência de *sankirtana*”: a distribuição de livros no Brasil a partir da *Carta de Sankirtana* (anos 1980 e 1990)

Após o fraco resultado de *sankirtana* de 1980 e contendo um bom estoque de livros com urgência de vendas, as instituições do Movimento Hare Krishna no Brasil elaboraram uma estratégia que parece ter funcionado muito bem durante a década que se iniciava. Visando o estímulo à prática do *sankirtana* entre os membros da ISKCON, a BBT do Brasil fundou uma revista de circulação interna com o nome

⁵⁴⁴ SWAMI, Dhanvantari. Apelo ao *sankirtana* e os 10.000 pontos: o processo de render-se ao guru é o processo de progredir na consciência de Krishna. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 20, 03-09 jun. 1985, f. 1.

⁵⁴⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar de Srila Acharyadeva. **Sankirtan Brasil**, n. 3, 1f., 19-24 abr. 1981.

Sankirtan Brasil. Após o sexto número do periódico de circulação semanal, o nome foi alterado para *Carta de Sankirtana* (CS) – nome que permanece até os dias atuais⁵⁴⁶.

A CS era claramente influenciada pela revista de acompanhamento do *sankirtana* mundial, a WSN, impressa pela BBT internacional. Mas ao contrário da sua irmã mais velha, a revista brasileira tinha um *layout* simples, com poucas folhas (sem paginação), datilografada e mimeografada, com tamanho aproximado de uma folha A4 e não informava tiragem. Provavelmente era de algumas poucas dúzias de cópias já que o seu público alvo era os templos da ISKCON que, por sua vez, repassavam o seu conteúdo para seus membros, sobretudo, para os sankirtaneiros.

Figura 6 – Capa da *Carta de Sankirtana*

CARTA de SANKIRTANA	
SANKIRTANA É O VERDADEIRO GURUPUJA!	
<i>namah om vishnu padaya krsna preethaya bhutale arinate hridayananda goswamin iti namine</i> Eu ofereço minhas respeitadas reverências à Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acaryadeva que é muito querido ao Senhor Krsna, tendo se refugiado a Seus pés de lótus. <i>namah om vishnu padaya krsna preethaya bhutale arinate bhaktivedanta swamin iti namine</i> Eu ofereço minhas respeitadas reverências à Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada que é muito querido ao Senhor Krsna tendo se refugiado a Seus pés de lótus.	
Nº 10	Semana 8/14 Junho
PARTE I- ZONAS	
10- São Paulo/N. Gokula (Kesava/Purusatraya):	12.745 pts
20- CENTRO (L.Saksi/Parang/K.Kisor):	7.513 pts
30- NORDESTE (Jagaj Vicitra Prabhu):	4.472 pts
40- SUL (Ambujakea Prabhu):	2.440 pts
50- NORTE (Harinamananda Prabhu):	1.304 pts
ACUMULATIVO ANUAL (semana 10)	
10- SAO/NGK (Kesava/Purusatraya):	91.828 pts
20- NORDESTE (Jagaj Vicitra Prabhu):	70.399 pts
30- CENTRO (L.Saksi/Parang/K.Kisor):	58.340 pts
40- SUL (Ambujakea Prabhu):	27.057 pts
50- NORTE (Harinamananda Prabhu):	5.172 pts
Pontos:	
Histórias de Krsna-	0,6 pt
Pequeno/DVS	1 pt
Peg (Busca Liberação)	1,5 pt
Médio	2,5 pts
Grande	12 pts

Fonte: Acervo pessoal do autor

A revista continha os dados referentes à distribuição de livros, divididos da seguinte maneira: resultados por “zona” – macrorregiões contendo grupos de diferentes templos ou programas da ISKCON; resultados por templos ou grupos de *sankirtana*; e os “individuais” que mostrava o quantitativo de livros distribuídos por cada sankirtaneiro. Seu objetivo era estimular a competição entre os devotos e os administradores da ISKCON. Ao estabelecer um *ranking* com os “melhores”

⁵⁴⁶ Em 2010, a revista passou a circular em edição virtual. Cf. **CARTA DE SANKIRTANA**. Disponível em: <http://cartadesankirtana.com.br/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

distribuidores, templos ou zonas de *sankirtana* em cada ano, criava-se um ambiente de disputas que era tido como “transcendental”:

É de enorme interesse de Srila Acharyadeva de que esta carta se torne o nosso interesse nº 1 e de que todas as semanas nos banhemos no néctar da competição (Na verdade, Prabhupada disse que esta competição é totalmente transcendental)⁵⁴⁷.

A instituição de uma revista que estimulava a competição entre distribuidores de livros era claramente uma estratégia para o aumento das vendas por parte da grande liderança da instituição. Ela viria acompanhada de elementos que eram, de certa forma, novidades dentro do vaishnavismo *gaudiya* tradicional:

Agora queremos dar toda a atenção à esta Carta de Sankirtana. Agora teremos o que eu considero mais significativo, que é a competição semanal e a acumulativa. Cada semana publicaremos os resultados da semana e os totais correspondentes ao ano, depois teremos um festival para saber os resultados e dar troféus para os melhores individuais, zonas e templos. Esta carta é muito importante. Todos os devotos com coragem devem competir. Queremos criar uma **consciência de sankirtana**. Todo mundo deve falar sobre *sankirtana*, pensar em *sankirtana*, sonhar com *sankirtana*, constantemente⁵⁴⁸.

Oferecendo premiações, troféus e competições oficiais (além de prestígio social), a BBT Brasil criava entre os membros da ISKCON um ambiente fértil para dedicação intensiva à prática do *sankirtana*⁵⁴⁹.

A “consciência de *sankirtana*” seria, então, uma teologia voltada para dedicação e conscientização do *sankirtana* como elemento central da religião propagada pela ISKCON no Brasil. Ela seria não somente um estado meditativo, psicológico, mas, também, uma práxis: a tomada de consciência do indivíduo *hare krishna* sobre a centralidade do *sankirtana* o faria executar todo o tipo de esforços para a sua realização.

As palavras de estímulo de Hridayananda sobre o *sankirtana* seriam constantes na CS. Durante os anos 1980, havia, em quase todas as edições uma

⁵⁴⁷ **SANKIRTAN BRASIL**, n. 1, 15. abr. 1981, f. 1.

⁵⁴⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Uma caminhada com Srila Acharyadeva no Parque do Ibirapuera em São Paulo. **Carta de Sankirtana**, n. 10, 08-14 jun. 1981. Néctar da semana, f. 1, grifos meus.

⁵⁴⁹ Como diria o líder da BBT: “Srila Acharyadeva me disse a dois dias atrás, que estava em êxtase com os resultados do Brasil e que certamente o Brasil é o melhor país distribuidor de livros depois dos Estados Unidos. Este é um grande prestígio espiritual que não podemos perder para nada”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983, f. 2.

seção com aulas, cartas ou artigos escritos pelo mestre, com foco no tema da distribuição de livros.

A documentação da BBT Brasil nos dá a entender que até 1980, os resultados de *sankirtana* eram repassados para os templos de forma aleatória ou somente em períodos de “maratona”. A edição número um da revista foi publicada em 15 de abril de 1981. O editor do periódico seria o próprio diretor da BBT Brasil, Isvara e a cada edição da revista lançava uma espécie de editorial, denominada “notas do editor”, onde narrava o andamento da competição, elogiando os mais bem sucedidos distribuidores e exigindo melhores resultados dos demais⁵⁵⁰.

Isvara (Enéas Guerriero) é um personagem importante para a história do Movimento Hare Krishna no Brasil, sobretudo, para o *sankirtana*. Ele teria se tornado um dos primeiros convertidos após a abertura oficial do templo de São Paulo, em 1975 e, como era um jovem paulista de classe média alta, falava inglês e passou a atuar na equipe de tradução dos primeiros livros impressos em português pela BBT⁵⁵¹.

Em 1977, após a saída do então diretor da BBT no Brasil, Isvara assumiu o cargo no qual ficaria até 1998. A “Era Isvara” (1977-1997) foi marcada pela grande difusão do *sankirtana* no Brasil, pela tradução e publicação de quase todo o catálogo da BBT internacional e pelas “maratonas de *sankirtana*”. Em 1982, Isvara assumiu a posição de *sannyasi* (ordem renunciada), sendo um dos primeiros brasileiros a tomarem essa posição. Em 1987, ele passaria a atuar como um dos primeiros gurus iniciadores brasileiros da ISKCON. Assim, ao longo dos anos 1980 e 1990, Isvara

⁵⁵⁰ Um trecho de seu editorial nos dá uma ideia de como a competição era estimulada: “A mãe Mantra Murti continua na sua posição de destaque, determinada a não se abalar pelo furacão Arkamitra que se aproxima. Mathura também está determinado a ameaçar a posição de Arkamitra, superando por poucos pontos a mãe Maitri de Fortaleza. Chandramukha, Krishna Karnamrta e Ramakhanta estão cada vez se apando mais nesta grande competição. As revelações desta semana são Radha Govinda do Recife, Megavak e Sriman Anartha Nrvriti de Belo Horizonte que, como calouros, estão deixando para trás grandes veteranos”. DASA, Isvara. Nota do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 12, 22-28 jun. 1981, 1f.

⁵⁵¹ “Enéas (Isvara) dizia sobre aquilo que mais teria chamado sua atenção no templo, o departamento de tradução e publicação de livros: Dos únicos três quartos para os *brahmacaris* no segundo andar, reservara-se um exclusivamente para ser o departamento da BBT. Ali, principalmente Lúcio e Márcio trabalhavam freneticamente na tradução dos livros, e os demais [faziam] *sankirtana* o dia inteiro”. DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte III. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.

Swami⁵⁵² foi um dos principais líderes administrativos e espirituais do Hare Krishna no país, sobretudo porque era o líder da BBT: a instituição que detinha o poder de guiar a principal missão da ISKCON e a que detinha os recursos para financiá-la.

De maneira geral, na ISKCON, aqueles que assumiam cargos de liderança e prestígio, geralmente vinham de uma “carreira” como distribuidores de livros, líderes de *sankirtana* ou presidentes de templo que tiveram bons desempenhos na atividade. Observando a CS, podemos dizer que quase todos os brasileiros que se tornaram *sannyasi*, vieram da experiência do *sankirtana* ou foram administradores que lideraram com sucesso a prática em sua administração⁵⁵³. Os líderes justificavam essa cultura dentro da ISKCON:

Certa vez perguntaram a Prabhupada por que ele escolheu certos devotos para serem GBCs, e não outros devotos. E Prabhupada respondeu que ele escolheu aqueles que tinham se arriscado mais para pregar a missão do Senhor Chaitanya. Por seu espírito de luta. Eu quero que os devotos distribuam livros. Quanto mais livros um certo devoto distribuir, mais satisfeito eu vou ficar, e mais querido esse devoto vai ficar para mim. Porque eu vejo que este devoto está levando a sério o meu desejo⁵⁵⁴.

Hridayananda se utilizava desse argumento para incentivar que os devotos e seus discípulos se dedicassem mais ao *sankirtana* e procurassem observar que o caminho para uma carreira Hare Krishna de sucesso, seria através do *sankirtana*.

A CS parece ter rendido resultados imediatos. Instituída a partir do primeiro semestre de 1981, em 25 semanas de funcionamento ela já teria rendido um *score* de 500 mil livros e revistas distribuídos⁵⁵⁵. Ao fim do ano, seriam mais de 638 mil exemplares distribuídos, representando um aumento de mais de 100% em relação ao ano anterior⁵⁵⁶. É possível que a liderança da ISKCON tenha mesmo instituído a CS

⁵⁵² Como um *sannyasi*, Isvara substituiu o sobrenome “Dasa” – assumido por todos os devotos do sexo masculino que recebem a primeira iniciação na ISKCON –, para receber o sobrenome “Swami” – que, na ISKCON, é indicativo da posição renunciada (assim como o título “Goswami”).

⁵⁵³ Assim foi com Isvara Swami e Paramgacit Swami (iniciados como *sannyasi* em 1982); também com Purushatraya Swami e Dhanvantari Swami (1985); e posteriormente com Chandramukha Swami e Rasananda Swami (1986). Todos foram *sankirtaneiros* ou líderes de *sankirtana* destacados.

⁵⁵⁴ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Trecho final da aula dada por Srila Acharyadeva em Miami [“Um verdadeiro devoto deve salvar as pessoas do inferno”]. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 03, 28 jan./03 mar. 1985. Néctar da semana, 1f.

⁵⁵⁵ DASA, Isvara. Festival de Vyasa-Puja. **Carta de Sankirtana**, n. 25, 21-27 set. 1981, 1f.

⁵⁵⁶ Cf.: WORLD SANKIRTAN NEWSLETTER. **Early history for Brazil**. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm>. Acesso em: 22 fev. 2019.

em 1981 como uma reação estratégica para não repetir o fraco resultado obtido no ano anterior.

Assim, já em 1982, a ISKCON alcançaria um dos melhores resultados de distribuição de livros de sua história. Mais de um milhão de cópias foram vendidas. Esses números refletiam no entusiasmo dos membros da ISKCON e fazia com que seus líderes acreditassem estar tomando o caminho certo para sua missão. Isvara demonstrava seu entusiasmo:

Não resta dúvida de que a pregação no Brasil está melhorando cada vez mais. Isto é um sinal de que certamente Srila Acharyadeva está muito contente com todos os esforços que são feitos cooperativamente para pregar este movimento de acordo com o *parampara* [sucessão de mestres anteriores]⁵⁵⁷.

Srila Acharyadeva está tão contente com o *sankirtana* do Brasil que ele pediu que os devotos da Flórida fizessem eles também uma Carta Regional, com seus resultados entre os templos e também [a seção d]o Néctar de Srila Acharyadeva, como prova de que o *sankirtana* no Brasil está dando certo⁵⁵⁸.

Esses trechos nos fazem crer que o trabalho de um ano da *Carta de Sankirtana* deu resultados positivos, causando o crescimento do número de devotos, de sankirtaneiros, de templos e, também, da entrada de recursos financeiros:

Nós podemos ver que quando um templo está dedicado a *sankirtana* sempre recebe a maior opulência [...] há um ano atrás o templo do Rio estava praticamente falido, hoje existem muitos sankirtaneiros competindo no acumulativo [...]. Há uns meses atrás São Paulo estava no buraco das dívidas, hoje é um templo cheio de devotos animados e esforçados. Qualquer pessoa poderia dizer que o Norte é um lugar de índios e favelados, mas durante anos eles mostram a liderança do *sankirtana*⁵⁵⁹.

Um dos fatores que também influenciavam o forte apelo por executar a prática do *sankirtana*, era o das metas e demandas internacionais. O Brasil fazia parte de uma “zona” internacional de atuação. A cada ano essas zonas eram redefinidas no encontro anual do GBC na sede da ISKCON em Nabadwip, Índia. De maneira geral, o Brasil sempre se vinculava à zona da América do Sul ou América Latina (ou parte dessas regiões). Cada líder zonal também tinha uma incumbência internacional de

⁵⁵⁷ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 2, 8-14 fev. 1982.

⁵⁵⁸ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 21, 25-30 jun. 1982, 1f.

⁵⁵⁹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 23, 12-18 jul. 1982, 1f. As representações do editor da CS sobre o Norte ou Nordeste, tanto quanto pude notar, giram em torno de uma região de pobreza, de carência, um lugar de “índios e favelados”. Em outro momento ele justificava que o sucesso da região na distribuição de livros, seria pelo caráter “espiritual” da atividade: “O Norte sempre foi a zona mais pobre do país e, no entanto, é a zona que mais se distribui livros. [...] Como é possível os sankirtaneiros do Norte fazerem tantos pontos? Isto está além dos cálculos mundanos, pois o *sankirtana* vem de Goloka [mundo espiritual]”. DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 36, 14-20 dez. 1981, 1f.

aumentar o *sankirtana* em sua região e, assim, Hridayananda, como responsável pelo Brasil, estava sempre cobrando que a sua zona tivesse melhores resultados. Em um editorial, Isvara Swami explicava como a zona de Hridayananda estaria em 3º lugar dentre as existentes no *sankirtana* mundial e assim buscava apoio dos sankirtaneiros para chegarem ao 2º lugar:

Como todos sabemos, a zona de Srila Acharyadeva sempre pega o 3º lugar na Carta Internacional. Srila Acharyadeva quer que pelo menos nos esforcemos uma semana numa grande maratona para que possamos vencer o 2º lugar, que é a zona de Srila Ramesvara. Para isto nós temos que dobrar nossos resultados durante esta semana⁵⁶⁰.

Aparentemente, a competição se dava tanto em nível local, quanto no internacional para estimular o aumento da prática do *sankirtana*. Até mesmo em questões de tradução, havia momentos de disputas para saber qual divisão da BBT publicaria mais livros em um período mais curto:

Entramos numa competição pesada com a BBT Espanhol para ver quem produz mais livros até o próximo [festival de] Gour Purnima. Isto quer dizer que Advaya, Mahakala, Hadai Pandita e outros não podem nem mesmo respirar mais para publicar 3 [*Srimad*] *Bhagavatam* por mês na maior competição da história da BBT mundial⁵⁶¹.

Dessa forma, um dos fatores que mais impulsionou o *sankirtana* no Brasil ao longo do período aqui proposto – e que simbolizavam ao máximo o “espírito de competição” almejado - foram as chamadas “maratonas de *sankirtana*”. Inicialmente, como vimos, a Maratona de Natal ocorria nos templos da ISKCON pelo mundo na semana que antecede o Natal cristão, onde as vendas de livros aumentavam consideravelmente no Ocidente, devido a fatores como: estímulo ao consumo através dos “presentes de Natal”; maior propensão a fazer caridade (dar “doações”); e, no caso brasileiro, a disponibilidade de uma maior quantia de dinheiro por parte dos trabalhadores, devido ao recebimento do 13º salário. Um dos maiores líderes da BBT mundial, afirmava que esse seria o evento “mais importante” da ISKCON⁵⁶².

⁵⁶⁰ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 20, 19-24 jun. 1982, 1f. Naquele ano, a zona de Hridayananda conseguiu chegar em 2º lugar nos resultados internacionais e os líderes brasileiros estipularam que a meta agora seria “ganhar de Srila Bhagavan [zona do Sul da Europa] e dar a posição que Srila Acharyadeva merece: a de vencedor do mundo. Nossa meta agora deve ser lutar pela posição de Srila Acharyadeva”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 26, 02-07 ago. 1982, 1f.

⁵⁶¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982, 1f.

⁵⁶² “Os devotos amadurecem e se tornam muito responsáveis automaticamente durante a maratona, porque eles sabem que a Maratona de Natal é o mais importante evento do ano para o movimento da

A Maratona de Natal seria vista pelos devotos com a mesma ambiguidade que a prática do *sankirtana* era percebida: como uma oportunidade missionária de salvar as pessoas e como uma ótima maneira de obter recursos financeiros dos “*karmis*” (não-devotos):

Em todo o mundo os devotos já estão completamente preparados ao cheque mate contra a energia ilusória, nesta que é a época do ano em que os *karmis* ficam mais iludidos. A grande noite de natal para os *karmis* é a noite que se tem mais crimes e bêbados pelas ruas, mas tudo isso pode ser anulado quanto mais forte for a nossa execução da maratona [...]⁵⁶³.

O *sankirtana* no Natal teria a capacidade de abrir os olhos dos “iludidos” *karmis* e, talvez, convertê-los para os livrar de seus péssimos hábitos. Em uma “aula de *sankirtana*”, um devoto experiente na prática explicava aos seus ouvintes sobre as principais semanas da maratona:

Essas duas semanas seguintes são as mais quentes. Os *karmis* saindo às ruas para fazer compras e suas bolsas estão cheias do seu décimo terceiro salário. Todos ele tem, agora, o dobro. Eles não estão economizando. Podem acreditar nisso que eu falo. [...] No Natal os *karmis* não estão preocupados em gastar todo o dinheiro que eles conseguiram ganhar durante todo o ano, trabalhando duro. Muita gente aí está gastando duzentos ou trezentos mil num só dia, fazendo compras em supermercados e outras besteiras. Quando vocês se aproximam dos *karmis*, vocês têm que insistir na distribuição de livros e não podem escutar quando eles dizem não. Precisamos distribuir os livros e esse é o fato⁵⁶⁴.

A propensão ao consumo é apontada pelo sankirtaneiro como um fator de facilitação das vendas de livros pelos devotos. Eles deveriam ser insistentes (não aceitar um “não” como resposta) e deveriam fazer com que os “*karmis*” levassem os livros e dessem suas doações (para não gastar com “besteiras”). O mesmo personagem complementava a sua fala, descrevendo como deveria ser a rotina dos devotos do templo no período de maratona:

Vocês têm que sair e distribuir estes livros. Temos que ter raça e entusiasmo. Não podemos ficar durante todo o tempo dentro do templo, bem bonitinhos, de *dhoti*, *sari* e *tilaka* em meio à maratona. Vocês têm que tirar estas roupas bonitinhas e suar suas camisas nas ruas para distribuir estes livros. Vocês só precisam voltar aqui para dormir e comer. [...] Quem é devoto sério não para de distribuir livros neste período. Não existe truque neste processo. O negócio é trabalhar duro e com muita devoção doze horas, no mínimo, por dia. Este

Consciência de Krishna”. SWAMI, Ramesvara. Tradução da carta de novembro da BBT. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982. Néctar da semana, 1f.

⁵⁶³ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 33, 24-29 nov. 1981, 1f.

⁵⁶⁴ TRECHO de uma aula dada por Sua Graça Mahavira Prabhu. **Carta de Sankirtana**, n. 35, 06-13 dez. 1981, 1f.

mês é para estourar. É preciso ter um pouco de sangue pois este mês é proibido ficar na mordomia⁵⁶⁵.

Podemos deduzir que a rotina dos distribuidores de livros, principalmente em períodos de maratona, exigia grande esforço e muitas horas de “trabalho duro”. A ISKCON do Brasil, sob a orientação de Hridayananda Dasa Goswami, acabava assimilando uma lógica de competitividade e a associação do “sucesso” com o “trabalho duro” que era típica da ética do trabalho estadunidense⁵⁶⁶.

Mas todo esforço requer compensações ao nível de sua dedicação. Os benefícios que o sankirtaneiro teria ao se dedicar à distribuição de livros, sobretudo, em períodos de maratona, seriam reforçados constantemente. Alguns motivos eram missionários, como “salvar as pessoas”:

Como podemos aceitar a posição baixa de vermos a massa de pessoas caindo para o inferno, e ainda assim sentarmos numa almofada confortável dentro do templo e nos pormos a cantar “*Hare Krishna*” meditando em “qualquer coisa estranha”?

Não! Nessa maratona temos todos que sair para salvar milhares de pessoas⁵⁶⁷.

Outros benefícios poderiam ser de cunho espiritual individual do sankirtaneiro: “Srla Acharyadeva disse certa vez que quem faz maratona entra para o mundo espiritual”⁵⁶⁸. Ou ainda, benefícios mais palpáveis, como as premiações que poderiam vir sob a forma de troféus⁵⁶⁹ e até viagens de peregrinação⁵⁷⁰.

⁵⁶⁵ Loc. cit. *Dhoti* e *sari* são as roupas tradicionais indianas utilizadas pelos devotos da ISKCON (para homens e mulheres, respectivamente). A *tilaka* é formada de barro de lugares sagrados da Índia que os *vaishnava* tradicionalmente usam para fazer marcas e desenhos sagrados no corpo.

⁵⁶⁶ O próprio Hridayananda declarava sobre si, com certo orgulho: “Eu, pessoalmente, cresci numa comunidade de milionários que enriqueceram pelo próprio trabalho [...]”. Mas, para ele, como acrescenta mais à frente, o “trabalho duro” deveria ser precedido pela “devoção”: [...] A coisa mais importante é a devoção, a segunda é ser muito sério, trabalhar duro, ser prático, mas o fator primordial é a devoção”. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srla Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 21, 20-26 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁵⁶⁷ DASA, Chandramukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982. Néctar da semana, 2fls.

⁵⁶⁸ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 22, 01-06 jul. 1982, 1f.

⁵⁶⁹ “O templo vencedor receberá este troféu que ficará em sua posse até a maratona seguinte, quando então deverá entregar ao próximo vencedor”. SWAMI, Isvara. O troféu a melhor maratona. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982. Notas do editor, 1f.

⁵⁷⁰ Como anunciava o editor da CS em 1982: “Na categoria de individuais, o melhor distribuidor de livros até o fim do ano ganhará meia viagem à Índia e haverá menções bem honrosas para os vencedores de todas as diferentes categorias”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 40, 08-15 nov. 1982, f. 2. Ao longo dos anos, a depender dos recursos arrecadados com o *sankirtana*, essas premiações poderiam ser substituídas por elementos menos dispendiosos, como instrumentos musicais, artigos religiosos etc.

As premiações, os benefícios espirituais e o prestígio sociorreligioso que os distribuidores de livros poderiam adquirir, além do incentivo constante da liderança e da CS, fazia com que alguns devotos e devotas se destacassem na arte de fazer o *sankirtana*, sobretudo, em tempos de maratona. Uma devota teria distribuído (vendido) em um só dia 800 livros, em 1982⁵⁷¹. Templos com congregações com cerca de 30 membros, como Rio de Janeiro e São Paulo, podiam distribuir mais de 20 ou 30 mil livros em uma semana⁵⁷². E os recursos adquiridos nesse período também poderiam ser volumosos⁵⁷³.

No início, a Maratona de Natal se dava somente durante a semana que antecedia a data comemorativa. No Brasil, ao menos a partir da CS, a Maratona de Natal passou a ocorrer durante todo o mês de dezembro, variando entre três e cinco semanas. Além disso, ao longo dos anos, outros tipos ou modalidades de “maratonas” foram sendo elaboradas, seja para arrecadar mais fundos para impressão de livros, seja para alcançar metas estabelecidas e assim por diante.

Em 1982, por exemplo, se instaurou (ou, ao menos, foi nomeada) na ISKCON do Brasil, a “Maratona de Junho”, uma nova competição no meio do ano para impulsionar o *sankirtana*⁵⁷⁴. Esse tipo de recurso poderia ser utilizado também com o intuito de aumentar as vendas em períodos específicos em que as saídas andavam baixas.

Os meses que sucediam a Maratona de Dezembro, principalmente entre janeiro e março (que abrangem o verão no Brasil), era um período anual de poucos resultados no *sankirtana*. parece-me que essa seria uma questão mais forte no Brasil

⁵⁷¹ “Por enquanto a Mãe Mantra Murti ganha de longe, e esta semana ela está fazendo brincando, mais de 800 livros por dia”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 43, 29 nov./05 dez. 1982, 1f.

⁵⁷² Em uma mesma maratona, o templo do Rio distribuiu 25 mil livros pequenos em uma semana e o de São Paulo distribuiu 31.740 livros pequenos. Cf.: **CARTA de Sankirtana**, ano 2, n. 43, 29 nov./05 dez. 1982; **CARTA de Sankirtana**, ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983.

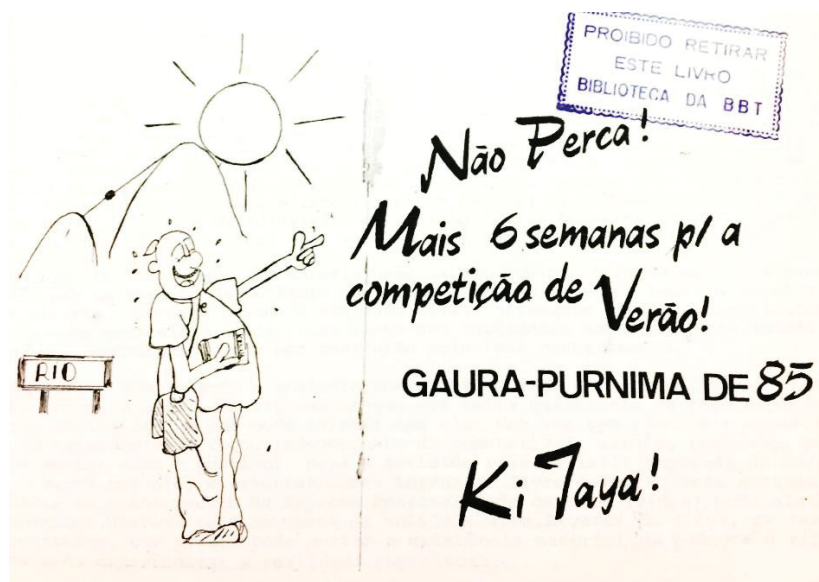
⁵⁷³ Um devoto apenas, teria “coletado” na segunda-feira após o Natal, a quantia de 270 mil cruzeiros. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 43, 12-18 dez. 1983, 1f. Para se ter uma ideia, o salário mínimo decretado em novembro daquele ano era de Cr\$ 57.120,00. O valor obtido pelo sankirtaneiro, em apenas um dia, equivaleria a mais de 4 salários mínimos. BRASIL. **Decreto nº 88.930, de 31 de outubro de 1983**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-88930-31-outubro-1983-438951-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 nov. 2020.

⁵⁷⁴ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 23, 12-18 jul. 1982, 1f.

do que em outros países, já que havia constante reclamação e comparações por parte da alta liderança da ISKCON sobre esse ponto⁵⁷⁵.

Assim, em 1985, por exemplo, foi acrescentada mais uma competição, a “Maratona de Verão”, com o intuito de combater a “ressaca de maratona” que teria ocorrido nos anos anteriores no Brasil onde os resultados eram muito baixos. O total de livros distribuídos na Maratona de Natal de 1984 foi considerado pelo editor da CS como “vergonhoso” e como “uma das piores maratonas da nossa história”⁵⁷⁶. Prevendo que a “ressaca” ocorreria nos meses seguintes, a Maratona de Verão, contendo sete semanas, seria uma tentativa de estimular a continuidade dos esforços por mais distribuição de livros. Uma charge procurava passar entusiasmo para os leitores da CS:

Figura 7 - Charge de anúncio da Maratona de Verão de 1985



Fonte: Carta de Sankirtana⁵⁷⁷

Na imagem, um “sankirtaneiro” feliz e de livro na mão, sob a paisagem do sol escaldante da cidade do Rio de Janeiro, apontava com alegria para o anúncio de que haveria mais seis semanas de competição na Maratona de Verão⁵⁷⁸. Mas, nem

⁵⁷⁵ Um líder de *sankirtana* da Argentina foi convidado a explicar na CS, como em uma só semana de janeiro, os poucos devotos do templo de Buenos Aires, tinham atingido 10 mil pontos. DASA, Kaivalya Swarupa. Néctar de Nova Sutala Loka. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 44, 01-13 jan. 1985, 1f.

⁵⁷⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 44, 01-13 jan. 1985, 1f.

⁵⁷⁷ **CARTA de Sankirtana**, ano 5, n. 1, 14-20 jan. 1985.

⁵⁷⁸ O Gaura-Purnima apontado também na imagem faz referência ao festival de comemoração do nascimento do Chaitanya, que ocorre anualmente entre os meses de fevereiro e março. E as palavras “*ki jaya*” são uma espécie de interjeição para demonstrar entusiasmo.

sempre, esses esforços por aumento de *sankirtana* surtiam efeito. Nessa maratona, por exemplo, as duas primeiras semanas tiveram uma adesão significativa e nas demais, muitos templos deixaram de participar ou enviaram resultados abaixo do esperado, mesmo se considerarmos os critérios da competição fora dos períodos de maratona⁵⁷⁹.

Outros tipos de competições, internas⁵⁸⁰, locais ou de duração curta, como as “mini-maratonas”⁵⁸¹, também eram recursos utilizados na tentativa de distribuir mais livros. Umas, poderiam ter o cunho preparativo para “maratonas” maiores:

Escrevo para informar que toda última semana de cada mês teremos em Salvador uma maratona simulada de *sankirtana* como preparativo para a *Maha-maratona* [grande maratona] de dezembro, com o intuito de satisfazer o maior desejo de nosso amado mestre⁵⁸².

Assim como nos cursos pré-vestibular, esse “simulado” de maratona servia para preparar os devotos do templo para adquirir as competências necessárias para alcançar boas pontuações na “prova” das grandes maratonas. O mesmo templo às vezes organizava o que era chamado de “maratonas fora de época”:

Aqui em Salvador encerramos uma maratona de 10 dias, valendo o prêmio do encontro com Srila Acharyadeva em Recife ou Belém na sua próxima visita ao Norte.

O que observamos é que os resultados dobraram ou triplicaram. Portanto, esse fogo da competição deve ficar sempre aceso nos devotos e aí tudo aumentará⁵⁸³.

Os templos podiam estabelecer metas de quantitativo de pontos a serem alcançados, de livros a serem distribuídos ou de dinheiro a ser arrecadado⁵⁸⁴. Essas metas de quantitativo de livros distribuídos ou de dinheiro arrecadado eram chamadas

⁵⁷⁹ O total de livros distribuídos em todo o Brasil, na última semana dessa maratona, por exemplo, foi de apenas 6.993. Como já vimos, um só templo de grande porte em semana de Maratona de Natal conseguia distribuir mais de 20 mil livros. **CARTA de Sankirtana**, ano 5, n. 07, 25 fev./03 mar. 1985.

⁵⁸⁰ “Além de tentarmos ao máximo para colocar todos os sankirtaneiros paulistas nas melhores posições da categoria individual, nós também estamos mais animados do que nunca competindo internamente”. DASA, Rasananda. Segredos de São Paulo. Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

⁵⁸¹ “Foi só falar em “mini-maratona” na semana passada que o Norte já fez 5.090 livros (1.797 pontos) e Mantra Murti foi a maior sankirtaneira em pontos. Recife fez quase mil pontos a mais que o segundo colocado”. **CARTA de Sankirtana**, ano 3, n. 10, 04-09 abr. 1983.

⁵⁸² DASA, Jagad Vicitra. Notícias do Nordeste. **Sankirtan Brasil**, n. 5, 04-10 mai. 1981, 1f.

⁵⁸³ DASA, Hari Cakra. Néctar especial: Salvador *Mandir*. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 37, 14-21 out. 1985, 1f.

⁵⁸⁴ Em 1983, por exemplo, o líder da BBT dizia entusiasmado: “Desde o começo do ano já distribuimos mais de 1.040.000 livros. Este tinha sido nosso objetivo original no começo do ano. Agora para esse ano seguinte devemos nos comprometer a aumentar cada vez o *sankirtana* e pelo menos chegar ao número de 1.500.000 livros distribuídos por ano”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983, f. 2.

de “cotas” e cada sankirtaneiro, templo e zona estabelecia as suas. Como o líder de *sankirtana* do templo do Rio se referia aos devotos do seu templo: “eles também estão competindo fortemente num sistema interno baseado em cotas”⁵⁸⁵.

A própria BBT, às vezes, estabelecia qual a cota que cada templo deveria atingir, em termos de pontuação. Na edição 22 de 1983, a CS introduziu um novo comparativo mostrando os templos que estavam alcançando ou não as suas cotas com quatro colunas: “templos”; “cota”; “esta semana”; e “comparação” que continha a porcentagem (positiva ou negativa) de quanto os templos alcançaram de sua obrigação semanal⁵⁸⁶.

Uma boa parte dos programas e apelos para aumento do *sankirtana* se devia à questão da exigência de escoamento do estoque de produção da BBT e de retorno para financiamento de novas impressões de livros. Maus resultados no *sankirtana* inviabilizariam a produção dos livros – ao menos, do ponto de vista da administração da BBT. O diretor da editora reclamava: “Esses maus resultados só resultarão num atraso no nosso *sankirtana*, um atraso na produção de livros para o natal, e consequentemente um atraso de nossos resultados na maratona”⁵⁸⁷.

Por vezes, a CS apelava ao bom senso dos distribuidores de livros através de recursos visuais que se assemelham aos “memes” contemporâneos para sensibilizá-los:

Figura 8 - Ilustração da *Carta de Sankirtana* e *Back to Godhead*

⁵⁸⁵ SEGREDOS do Rio de Janeiro. Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

⁵⁸⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983, 1f.

⁵⁸⁷ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. n. 35, 17-23 out. 1983, 1f.



Fontes: *Carta de Sankirtana*⁵⁸⁸ e *Back to Godhead*⁵⁸⁹

Dramaticamente, a revista usava uma ilustração metafórica [à esquerda] nesta edição, sem nenhuma legenda ou texto explicativo. Essa imagem é a mesma utilizada em outros livros e revistas da editora para sensibilizar os leitores sobre os paradigmas éticos do consumo de carne [à direita]. Um bovino com rosto humano prestes a ser degolado por um humano com rosto de bovino. A imagem certamente era usada pelos Hare Krishna em suas pregações sobre o vegetarianismo, mas no caso acima, a CS dava um novo significado a ela. O bovino representaria, agora, a própria BBT, prestes a ser “degolada” pelo machado de seus credores. A imagem é claramente um apelo à sensibilidade empática dos sankirtaneiros para que se dedicassem ainda mais a distribuição de livros e ajudassem a editora dos livros de Prabhupada.

Para os líderes da ISKCON no Brasil, havia um princípio claro: seria preciso distribuir livros incansavelmente, gerar fundos para a BBT e da editora, partiriam os recursos para construção de templos e ampliação do Movimento Hare Krishna: “o plano de Prabhupada era que todos distribuíssem muitos livros e com o dinheiro da

⁵⁸⁸ **CARTA de Sankirtana**, ano 4, n. 04, 05-11 mar. 1984.

⁵⁸⁹ SLAUGHTERHOUSE Civilization. **Back to Godhead** [online]. Disponível em: <https://back2godhead.com/slaughterhouse-civilization/>. Acesso em 14 jul. 2021.

BBT construísse os templos. Assim, a BBT tem que enriquecer e construir um Brasil consciente de Krishna”⁵⁹⁰.

A estratégia de “enriquecer a BBT” para depois construir templos locais talvez não tenha dado muito certo. Em meados dos anos 1980, a ISKCON do Brasil já era uma das congregações da instituição que mais distribuía livros e, no entanto, apesar de contar com mais de uma dúzia de templos e centros de pregação pelo país, até onde pude perceber, em 1985 havia apenas um templo funcionando em “casa própria”⁵⁹¹.

Apesar de haver muita entrada com a venda de livros, os gastos com aluguéis de “casarões” em locais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Recife, em áreas de alto valor imobiliário, certamente rendia muitas despesas e dificuldades financeiras. Outros fatores, como a manutenção de dezenas de monges vivendo em regime comunitário, pagamentos de viagens de seus líderes e os dispendiosos festivais Hare Krishna ofertados semanalmente e de forma gratuita para dezenas ou centenas de visitantes, podem ser citados como fontes de grandes despesas no funcionamento de templos da ISKCON.

Alguns administradores de templos, como veremos, queixavam-se de não poderem executar outros tipos de “negócios” além do *sankirtana* para manter seus templos. Mas os líderes do alto escalão da ISKCON e da BBT no Brasil insistiam no *sankirtana* como saída para o desenvolvimento do Movimento Hare Krishna no Brasil:

Srila Prabhupada veio para a América sem dinheiro, sem edifícios, ele fez um esforço honesto através da pregação. Prabhupada tentava obter fundos pregando. [...] Ele não tentou conseguir fundos através de negócios. [...] Queremos muitos edifícios, veículos, tudo. Mas tentamos obter coisas pregando, e se por pregação essas coisas não vem (sic), então pregamos sem elas. Muitos devotos ainda não realizaram que se simplesmente

⁵⁹⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em Nova Gokula. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 30, 12-19 set. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁵⁹¹ E ainda assim, era uma comunidade rural, a de Nova Gokula. Em 1986 foi comprada uma nova fazenda que funcionaria como sede da ISKCON no Norte/Nordeste, a Fazenda Nova Vraja Dhama que seria a “Nova Gokula do Norte”, em Caruaru-PE. Cf. CARVALHO, 2014. Até o fim dos anos 1990, de acordo com minhas próprias averiguações, poucas outras propriedades foram incorporadas pela ISKCON que funcionaram ativamente como espaços de reunião de suas congregações: mais duas comunidades rurais no estado do Rio de Janeiro (Ashram Vraja Bhumi e a Ecovila Goura Vrndavana; uma comunidade rural no Paraná e outra no Amazonas (que acabaram fechando depois); e o templo de Belo Horizonte. Nos anos 1980, a crise econômica pós-“milagre econômico”, a alta inflação e a pouca disponibilidade de crédito dificultavam a aquisição de imóveis no Brasil. Tanto que, alguns templos da ISKCON só conseguiram comprar terrenos ou construir templos, mais recentemente, nos anos 2010, como Salvador, Recife, Fortaleza e Rio de Janeiro.

pregarmos essas coisas virão. Srila Prabhupada disse, é a promessa de Srila Prabhupada⁵⁹².

Esse tipo de entendimento levou os iskconianos a uma situação econômica difícil, anos mais tarde. A instituição passou a ter dificuldades para manter seus projetos e os seus membros tiveram ainda mais dificuldade para se manter, sobretudo, quando passaram a formar famílias. Os ex-monges, ao constituírem famílias e ao verem que não iam conseguir mantê-las apenas com recursos advindos da pregação, acabaram por adquirir sérias dificuldades para se inserir na sociedade e manter, ao mesmo tempo, os rígidos princípios seguidos pelos membros da ISKCON. Muitos não chegaram a ter uma formação profissional por terem entrado muito jovens para o movimento e terem abandonado a vida profissional, os estudos em favor da pregação e da vida no templo. Ao sair dessa experiência monástica, eles não recebiam qualquer incentivo financeiro da instituição⁵⁹³.

No entanto, nos anos 1980, os líderes Hare Krishna tinham a crença de que a única “opulência” que a ISKCON no Brasil tinha era o *sankirtana*:

Se um templo não distribuiu livros uma certa semana, então, o que fez? Nossa única opulência é essa distribuição de livros. O Brasil é famoso internacionalmente por isso. Não temos nenhum outro grande programa de destaque⁵⁹⁴.

Certamente nós não somos um grande centro de membros vitalícios, nem fazemos grandes negócios, nem mesmo somos conhecidos como famosos lugares sagrados de peregrinação. Nossa única opulência é a distribuição de livros. Não temos adoração de Deidades muito opulenta nem templos opulentos, mas temos a distribuição de livros. E esta é a maior opulência⁵⁹⁵.

O editor da CS, por vezes, publicava balancetes da BBT para demonstrar que a editora não “saía rica” das maratonas de distribuição de livros e que, em muitos casos, não recebia de volta todo o dinheiro dos livros entregues aos templos para distribuição na mesma velocidade em que eram vendidos e isso deixaria a editora em déficit. Em uma “carta confidencial” enviada aos presidentes de templo (anexa à CS) Isvara dizia que havia um déficit de 30 milhões de Cruzeiros no orçamento da editora

⁵⁹² GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, 23 jul. 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁵⁹³ Esse tema é tratado em detalhes em: ROCHFORD JUNIOR, 2007. Se nos EUA esse fenômeno começou a se tornar realidade em meados dos anos 1980, no Brasil, parece ter se concretizado uma década depois. Cf. CARVALHO, 2014.

⁵⁹⁴ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 09, 15-21 abr. 1984, f. 1.

⁵⁹⁵ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 15, 09-15 mai. 1983, 1f.

e cobrou de alguns templos as suas “más dívidas” com a BBT que girava em torno de 16 milhões⁵⁹⁶.

Entre os anos 1980 e a primeira metade dos anos 1990, o Brasil passou por um período de grande instabilidade econômica motivado, principalmente, pelo elevado índice de inflação. A “ressaca” do chamado “Milagre Econômico” (1969-1973), que foi impulsionado pela injeção de investimentos financiados por empréstimos internacionais, fez com que a economia brasileira se tornasse bastante sensível aos desdobramentos da economia mundial após o “milagre”. A inflação no país ficou acima dos dois dígitos entre os anos 1980 e a primeira metade dos 1990, e várias medidas foram tomadas pelos governos brasileiros, para tentar frear os impactos negativos da inflação na economia brasileira⁵⁹⁷.

Certamente, as mudanças constantes de preços e de moedas nesse período causavam dificuldades para a produção e comercialização de livros. No entanto, a liderança da ISKCON procurava encarar a situação com um discurso que evidenciava o lado “espiritual”, independente das situações “materiais”. Em uma entrevista publicada na CS, Hridayananda procurava tirar o foco dos sankirtaneiros do problema econômico brasileiro. Quando perguntado se a inflação “atrapalhava o *sankirtana*”, ele teria respondido: “Inflação é material, nosso processo é espiritual”⁵⁹⁸.

Em 1983, o líder da BBT procurava desmentir os rumores sobre a dificuldade de distribuição de livros em épocas de “crise econômica”. Para ele, “apesar da situação catastrófica da economia do Brasil, nós estamos crescendo”⁵⁹⁹. Mas, uma quinzena depois, ele voltava ao mesmo assunto, deixando um pouco de lado o

⁵⁹⁶ SWAMI, Isvara. Carta “confidencial” aos “prabhus, CGBc e presidentes [de templo]”. São Paulo, 21 dez. 1984. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 42, 17-23 dez. 1984. Sobre a “má dívida”, um manual de *sankirtana* explica: “Em algumas áreas da BBT os templos são responsáveis por pagar em 30 ou 60 dias após receber os livros. Se um templo não paga sua conta em dia, ele adquire o que se chama uma má dívida, ou uma dívida não coberta por um estoque de livros”. SWAMI, H. apud DASA, A. T., 1997, p. 194.

⁵⁹⁷ Entre essas medidas estavam o Plano Cruzado (1986), o Plano Bresser (1987) e o Plano Verão (1989), instituídos pelo governo de José Sarney (1985-1989), fracassados por considerarem apenas uma das faces do problema (a chamada “inflação inercial”); e, também, o Plano Collor (1990) e o Plano Marcílio (1991) – também chamado de “Collor II” - que adotaram medidas impopulares e que não conseguiram estabilizar a inflação que só foi alcançada após a implementação do Plano Real (1994). SILVEIRA, Stefano José Caetano da. Uma síntese da inflação no Brasil entre 1979 e 1994. **Revista Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n. 37, p.132-147, jan./jun. 2013.

⁵⁹⁸ UMA CAMINHADA com Srila Acharyadeva no Parque do Ibirapuera em São Paulo. **Carta de Sankirtana**, n. 10, 08-14 jun. 1981. Néctar da semana, f. 2.

⁵⁹⁹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983, 1f.

otimismo da afirmação anterior e procurando soluções “espirituais” para as questões apontadas:

É lógico que certas condições externas dificultam o *sankirtana*, de uma forma ou de outra. Mas será que nós, como bons sankirtaneiros, não podemos fazer nosso *sankirtana* já prevendo estas dificuldades? [...] Muitos devotos estão alarmados com a situação catastrófica da economia do Brasil e estão temerosos de que o *sankirtana* seja muito afetado. Sem dúvidas isto atrapalha, mas porque não nos esforçamos e dependemos de Krishna. Eu já citei várias vezes aquela famosa carta de Srila Prabhupada onde ele diz: “Eu não concordo com este rumor de que o *sankirtana* irá logo se acabar por problemas econômicos. O *sankirtana* sempre continuará bem forte se dependermos de Krishna” e também Srila Prabhupada nos garantiu que se distribuirmos livros apenas, Krishna irá providenciar tudo. Eu me lembro de 1980, quando todos estavam preocupados com a economia como agora e Srila Acharyadeva me advertiu muito pesado dizendo que não deveríamos ouvir o Delfim Neto ao invés de Srila Prabhupada⁶⁰⁰.

Embora procurasse construir um discurso que visava acalmar as preocupações dos distribuidores de livros e presidentes de templo, o editor da CS sabia que os efeitos da economia eram sentidos diretamente nos produtos da BBT. Em 1985 ele relatava aos leitores da revista: “Caros *prabhus*, lamentamos comunicar-lhes que, devido à inflação de 30% no mercado, houve uma majoração no preço do *Bhagavad-Gita* e *Srimad-Bhagavatam*”⁶⁰¹. Mas, sempre que tocava no assunto, procurava não desestimular os leitores sankirtaneiros: “Muitos problemas atacam o Brasil. Agora, por exemplo, os livros estão bem mais caros. Mas todos nós sabemos que o entusiasmo é que vende livros”⁶⁰².

Para os maiores líderes da ISKCON, o *sankirtana* deveria continuar sob qualquer condição, sem se importar com as mudanças econômicas, políticas e sociais: “Sobre todas as circunstâncias, o *Sankirtana* deve continuar. Não importa quais sejam os arranjos políticos, sociais e econômicos desse mundo, ainda assim temos que continuar com nosso objetivo de distribuir livros para todos”⁶⁰³.

A ISKCON, desde seus primórdios, procurava adotar uma postura “apolítica” ou “neutra” em relação às pautas econômicas, políticas e sociais, embora essa postura já seja, em si, um posicionamento político. Tendo se inserido e desenvolvido

⁶⁰⁰ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 8, 21-26 mar. 1983, f. 2. Antônio Delfim Netto, citado pelo autor, foi Ministro da Fazenda (1967-1974) e, em 1980, período citado do documento, foi Ministro do Planejamento (1979-1985) e foi um dos responsáveis pelo “sucesso” do “milagre econômico”.

⁶⁰¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 31, 02-09 set. 1985, 1f.

⁶⁰² SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 35, 28 out./04 nov. 1984, 1f.

⁶⁰³ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 08, 08-14 abr. 1984, f. 2.

durante a Ditadura Militar, a CS jamais fez alguma referência sobre seu posicionamento em relação a quaisquer pontos de concordância ou discordância com as ações governamentais ou dos movimentos sociais, nem mesmo quando houve o fim do regime. A única menção que encontramos nos anos 1980 foi sobre a campanha das “Diretas Já”, que mobilizou amplos setores da sociedade brasileira. Ainda assim, o comentário era irônico e metafórico, em alusão à campanha interna da ISKCON de atingir dez mil pontos de *sankirtana* por semana:

Se todos lutar (sic) por um ideal, que seja de Krishna, distribuindo Seus livros. Agora o povo do Brasil está se revoltando tanto com a política, exigindo as diretas já. Mas os devotos sabem muito bem que essa não é nenhuma solução. Os devotos, todos os devotos, todos os sankirtaneiros juntos, todos os grandes devotos juntos, estão gritando, “queremos os DEZ MIL PONTOS, JÁ”⁶⁰⁴.

Não podemos medir o quanto a crise econômica no Brasil dos anos 1980 e início dos 1990 afetou o desenvolvimento do *sankirtana* do Movimento Hare Krishna, por não dispormos de dados suficientes para isso. Os líderes da ISKCON se recusavam a creditar a conta dos fracos resultados em fenômenos de ordem política, econômica ou social. No entanto, é possível que algumas informações sobre o quantitativo de livros distribuídos nos deem uma noção aproximada sobre o sucesso do *sankirtana* no país.

Sobre isso, pude analisar duas fontes que são contraditórias entre si. Uma é a contagem da CS - que reunia em suas últimas edições o quantitativo de livros e pontuações somadas durante todo o ano. Por vezes, esse somatório se iniciava em fevereiro ou março e concluída no mesmo período do ano subsequente⁶⁰⁵. A outra fonte de dados é a da revista WSN que reúne informações do *sankirtana* mundial ao longo da história. Reunimos as informações das duas fontes em uma só tabela para facilitar o comparativo:

Tabela 4 - Quantitativo de livros da BBT distribuídos no Brasil (1981-1996)

Ano	Total de livros distribuídos no Brasil, segundo a <i>Carta de Sankirtana</i>	Total de livros distribuídos no Brasil, segundo a <i>World Sankirtana Newsletter</i>	Média

⁶⁰⁴ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 08, 08-14 abr. 1984, f. 2. Em 1983, um devoto narrava, orgulhoso, a sua façanha de ter conseguido distribuir livros ao presidente João Figueiredo, quando da sua visita à cidade do Recife. DASA, Adwaita. Néctar do Nordeste. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 1, 31 jan./05 fev. 1983, 2fls.

⁶⁰⁵ O ano 1983, por exemplo iniciou em 31 de janeiro e terminou em 19 de fevereiro de 1984.

1981	710.759	638.444	675.592
1982	1.059.263	1.044.289	1.052.767
1983	1.267.061	925.107	1.097.075,5
1984	733.975	490.018	612.988,5
1985	731.150	633.280	683.207,5
1986	1.682.556	202.400	943.471
1987	690.503	*	*
1988	398.135	*	*
1989	577.959	536.129	558.038,5
1990	688.363	770.354	730.353,5
1991	892.014	929.213	911.609
1992	733.354	649.935	692.640,5
1993	594.231	534.291	565.257,5
1994	694.141	758.378	727.256,5
1995	601.290	512.097	557.691
1996	341.132	210.495	276.811,5
TOTAL	12.395.886	8.834.430	10.084.759,5

Fontes: Carta de Sankirtana⁶⁰⁶ e World Sankirtana Newsletter⁶⁰⁷

A diferença entre as duas fontes de informação é bastante acentuada. Em geral, os números da CS são mais generosos, em favor da congregação brasileira, sobretudo, no ano de 1986, onde há uma diferença de mais de um milhão duzentos mil livros! Mesmo se extrairmos da CS os dados referentes aos anos de 1987 e 1988 (que são inexistentes na WSN), ainda assim, teríamos um total bastante diverso: 11.307.248 livros, uma diferença de 2.472.818 de livros computados a mais pela CS⁶⁰⁸.

Isso nos mostra a imprecisão dos dados fornecidos e até, as discordâncias sobre quais seriam os resultados anuais entre instâncias institucionais nacionais e internacionais. Em última análise, são os dados internacionais que são tidos como parâmetro oficial da instituição. De toda forma, na última coluna da tabela, elaborei uma média entre os números das duas fontes de dados, sem considerar os anos de

⁶⁰⁶ Esses dados foram coletados de acordo com as últimas edições de cada ano da CS. Eles também se encontram disponíveis em um trabalho prévio: CARVALHIO, 2018, p. 116-117.

⁶⁰⁷ WORLD SANKIRTAN NEWSLETTER. **Early history for Brazil**. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm>. Acesso em: 22 fev. 2019. Os dados sobre os anos de 1987 e 1988 são inexistentes no banco de dados da revista para todos os países, exceto EUA e Canadá. A grande discrepância para o ano de 1986 me faz questionar se a WSN também não teria perdido parte das informações sobre os dados do ano de 1986 (ano anterior ao “apagão” de dados).

⁶⁰⁸ Em uma entrevista realizada através de plataforma de vídeo conferência, Isvara defendeu que essa discrepância no número de resultados se dava pelo fato de que a BBT do Brasil não conseguiu enviar os resultados de *sankirtana* do país para a *World Sankirtana Newsletter* em todas as semanas, e isso acarretava em prejuízos para os resultados totais da congregação brasileira. GUERRIERO, Enéas (Isvara Dasa). Entrevista [via internet] realizada em 28 jun. 2021.

1987 e 1988, chegando a uma cifra de mais de 10 milhões de livros distribuídos no período.

Se considerarmos somente os dados da CS, vemos que a primeira metade da década de 1980 há uma saída de livros considerável, chegando ao ápice em 1986 com mais de um milhão e meio de livros em um só ano, seguindo de uma queda na segunda metade da década, uma nova retomada no início dos anos 1990, até chegar ao seu menor patamar em 1996. Considerando os dados da WSN, teríamos uma descrição semelhante, porém, com um pouco mais de instabilidade e variações ao longo dos anos. Em ambos os casos, temos a primeira metade dos anos 1980 e início dos 1990 como favoráveis à distribuição de livros e meados dos 1990 como declínio do quantitativo.

As informações acima nos levam a crer que o *sankirtana* continuou em atuação, mesmo durante as crises econômicas e a flutuação inflacionária que o país passava. É interessante perceber que nos anos de 1986, 1987, 1991 e 1992, justamente o período em que medidas governamentais foram tomadas através de planos econômicos que visavam conter o processo inflacionário no Brasil, foram anos em que tiveram melhores resultados de distribuição de livros em relação aos demais anos próximos a estes.

Entretanto, não pretendo estabelecer com a discussão acima uma relação de “causa e efeito” já que outros fatores poderiam exercer influência nos resultados de *sankirtana*. E um deles se refere à própria dinâmica social e institucional que a ISKCON passou a partir dos anos 1990 no Brasil. Como já foi dito:

O colapso da estrutura comunal da instituição levado a cabo pela incapacidade de dar sustentabilidade econômica a todas as famílias que viviam nos templos e nas comunidades, causou o êxodo de grande número de membros da ISKCON, principalmente as famílias, em busca de emprego, escola e de uma “vida normal” na sociedade secular. Essa inserção social influenciou uma mudança gradativa no movimento: a de repensar o modelo de vida monástica e comunitária e considerar as possibilidades da vivência congregacional. A ISKCON que, a essa altura já não era mais uma novidade, passaria a compor o quadro brasileiro de religiões disponíveis, adequando-se à cultura local⁶⁰⁹.

Além desses fatores, na segunda metade dos anos 1990, “outros Movimentos Hare Krishna” passaram a atuar no Brasil, como a Missão Vrnda e gurus *gaudiya*

⁶⁰⁹ CARVALHO, 2018, p. 125-126. Sobre a citação acima, confira também: ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 161-180; e GUERRIERO, 2001, p. 44.

vaishnava indianos não vinculados à ISKCON, como Narayana “Maharaj”, que acabaram por atrair membros e dissidentes da ISKCON para os seus quadros, enfraquecendo socialmente a instituição. Sem contar com um grande número de monges ou pessoal dedicado exclusivamente à prática do *sankirtana*, a atividade se tornou ainda mais difícil, sobrecarregando os sankirtaneiros remanescentes e deixando os administradores com sérias dúvidas sobre a possibilidade de manutenção dos projetos exclusivamente com o dinheiro arrecadado com o *sankirtana*.

Artigos e fóruns de discussão abertos em revistas dirigidas ao público interno da ISKCON no Brasil, como a *Sat Sanga*, revelam como passou a haver, nos anos 1990, uma preocupação em reformular as estratégias de pregação, de manutenção dos templos e do *sankirtana*⁶¹⁰.

O ano de 1996 é bastante simbólico sobre esse momento, visto que ele marcava a comemoração do Centenário de Prabhupada. Uma série de atividades em todo o mundo foram organizadas pela ISKCON para dar visibilidade à história e ao legado do seu fundador. Havia uma esperança por parte dos devotos de que o Centenário de Prabhupada trouxesse uma revitalização do Movimento Hare Krishna que, excetuando-se a Rússia e o Leste europeu, encontrava-se em estado de inércia ou decadência: “Esse era um ano muito esperado pela comunidade como ‘renascimento da consciência de Krishna’, gerando expectativas de que um ‘efeito messiânico’ pudesse acometer os membros da instituição”⁶¹¹.

No entanto, o ano de 1996 marcou um dos piores anos em termos de livros distribuídos na história da instituição e os anos subsequentes não tornaram a reavivar os resultados alcançados no início dos anos 1980, por exemplo. No Brasil, segundo a WSN, após o resultado de pouco mais de 200 mil livros em 1996, seguiram-se resultados na casa dos 300 mil nos dois anos seguintes. Uma reação em 1999 que rendeu um pouco mais de 500 mil livros e, a partir de 2000, resultados decrescentes até chegar a pífia cifra de 928 livros distribuídos em 2003. Após esse período, a

⁶¹⁰ Esse tema foi abordado em: CARVALHO, 2018, p. 124-135.

⁶¹¹ CARVALHO, 2018, p. 125. As expressões entre aspas foram termos usados por líderes da ISKCON para se referir às suas expectativas sobre o Centenário.

ISKCON do Brasil jamais retornaria a alcançar resultados acima de 220 mil livros distribuídos ao ano⁶¹².

Nos anos 1990, o Brasil vivia um período de estabilização e crescimento da economia pós Plano Real e o mercado editorial religioso crescia e se diversificava, sobretudo, com a literatura “evangélica” e “cristã”. Apesar disso, as questões internas vivenciadas pela ISKCON e a inabilidade de se adaptar a novos cenários parecem ter influenciado na queda drástica dos resultados de distribuição de livros.

O ano de 1997 aponta para o fim de uma Era na ISKCON do Brasil. Isvara Swami - que era guru e tinha sido diretor da BBT desde 1977 – renunciou a todos os seus cargos, incluindo sua posição de *sannyasi* e de mestre espiritual, deixando todos os serviços à ISKCON de lado para cuidar de sua vida pessoal. A BBT que, ao que parece estava em dificuldades no período, passaria por problemas sérios nos anos seguintes até ter suas atividades praticamente encerradas no início dos anos 2000.

Todas as mudanças de paradigma que a ISKCON no Brasil sofreu nos anos 1990 fizeram o *sankirtana* diminuir consideravelmente, fazendo com que os recursos para impressão de novos livros se tornassem escassos até chegar ao ponto de a BBT parar de imprimir novos livros no início dos anos 2000.

Em 1983, Isvara em um de seus editoriais, fez uma declaração profética aos seus pares, alertando-os sobre os “perigos” de não realizar o *sankirtana* na ISKCON: “[...] Srila Acharyadeva escreveu que na ausência da distribuição de livros, até grandes *sannyasis* caem. E isto é um fato, a distribuição de livros é o que nos mantém unidos a Prabhupada e a este barco da ISKCON⁶¹³. Cerca de quinze anos depois, quando o *sankirtana* no Brasil entrava em colapso, o próprio Isvara, autor dessas palavras e o grande líder da BBT desde os seus primórdios no Brasil, deixava sua posição como diretor da editora (1997) e como *sannyasi* (1998), depois de anos tentando mudar os resultados cada vez piores de distribuição de livros.

⁶¹² WORLD SANKIRTAN NEWSLETTER. **Early history for Brazil**. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm>. Acesso em: 22 fev. 2019. Cf. também: CARVALHO, Leon A. G. de. A ISKCON do Brasil e a prática do *sankirtana*. In: CARVALHO, Leon A. G. de; VALERA, Lúcio. **O movimento Hare Krishna no Brasil**: estudos em perspectiva. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

⁶¹³ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 12, 18-24 abr. 1983, 1f.

Comparando esse processo de queda no *sankirtana* do Brasil com o desenvolvimento em outras partes do Ocidente, podemos dizer que o Brasil seguiu uma tendência mundial⁶¹⁴. Como já disse em outro trabalho:

Entre o fim dos anos 1990 e primeira metade dos anos 2000, também houve uma queda considerável no *sankirtana* no Ocidente. Enquanto Estados Unidos e Europa Ocidental decaíam em comparação aos seus resultados anteriores, Rússia e, sobretudo, a Índia, cresceram vertiginosamente na distribuição de livros e passaram a liderar o *sankirtana* mundial. Ainda assim, atualmente, a ISKCON Brasil permanece na 5ª posição, no quesito “total de literatura distribuída” no histórico do *sankirtana* mundial, contabilizado entre 1979 e 2018, com o número de 13.439.728 de livros e revistas distribuídos. Nos últimos anos, o *sankirtana* no Brasil não dispõe da mesma força que tinha nos anos 1980 e 1990. Isso também se deve ao fato de que, atualmente, não há mais à disposição dos templos e líderes da ISKCON no Brasil, o número de monges que havia naquele período que poderiam dedicar-se integralmente à prática do *sankirtana*⁶¹⁵.

Assim, apesar da ISKCON Brasil ter vivido um período “áureo” no *sankirtana*, entre os anos 1970 e 1980, e de ter decaído entre os anos 1990 e 2000, a congregação do país permanecia em 2018 na quinta posição, em termos de número de livros distribuídos mundialmente, em toda a história da instituição.

Esse resultado que garantiu ao Brasil uma posição de destaque no cenário internacional da ISKCON no que diz respeito a distribuição de livros, certamente só foi possível devido a um grande esforço de sua congregação. A seguir, veremos como a liderança da ISKCON estabeleceu uma série de representações e mecanismos com o objetivo de estimular e pressionar incessantemente a distribuição de livros por parte dos seus liderados.

4.2 ASPIRAÇÕES POR UM “SANKIRTANA FANÁTICO”

“Eu tenho fé neste processo, por muitos anos recebi conselhos, ‘Não, não dá no Brasil, o Brasil não tem condições’, mas eu fazia de qualquer maneira esse *sankirtana* fanático” (Hridayananda Dasa Goswami)⁶¹⁶.

⁶¹⁴ Ver o gráfico de distribuição de livros da BBT no capítulo anterior.

⁶¹⁵ CARVALHO, Leon A. G. A ISKCON do Brasil e a prática do *sankirtana*. In: CARVALHO, Leon A. G.; VALERA, Lúcio. **O movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva**. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo. Os dados contidos na citação são do mesmo site já citado: WORLD SANKIRTAN NEWSLETTER. **Early history for Brazil**. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm>. Acesso em: 22 fev. 2019.

⁶¹⁶ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial: trecho final da aula dada por Srila Acharyadeva, em São Paulo no dia 17 de agosto de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 28, 08-14 ago. 1983, 1f.

Se tomarmos a frase da epígrafe dita por Hridayananda Dasa Goswami como verídica, poderíamos deduzir que, no âmbito da ISKCON no mundo, alguns membros descreditavam de que um país de terceiro mundo, com alto índice de analfabetismo⁶¹⁷, pudesse ter sucesso de vendas de livros de uma religião não-cristã e tida frequente e negativamente como uma “seita” pela mídia. Não haveria espaço para uma ampla distribuição de livros Hare Krishna no Brasil. Mas o religioso acreditava no potencial do país para desenvolver, o que ele chama de um “*sankirtana* fanático”.

Embora os próprios Hare Krishna sofressem e contestassem as representações negativas da mídia sobre o seu “fanatismo”, o líder máximo da ISKCON no Brasil utilizava o termo nessa declaração com um teor “positivo”, como um sinônimo de dedicação e conquista missionária.

Como vimos no tópico anterior, essa dedicação intensa ao *sankirtana* rendeu à ISKCON do Brasil uma posição de destaque internacional, como um dos países que mais distribuiu livros na história da instituição. No entanto, para alcançar esses resultados, a liderança da ISKCON no Brasil realizou uma intensa campanha entre seus membros que podemos classificar como “apelativa” e que induziu os devotos a realizar esforços hercúleos para a atividade, em detrimento de outras facetas do Movimento Hare Krishna.

Em outras palavras, os líderes da ISKCON buscaram estabelecer ações “estratégicas” para alcançar o objetivo de distribuir o máximo de livros possíveis através de seus subordinados, os sankirtaneiros. Segundo Michel de Certeau, as “estratégias” são:

[...] Ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros⁶¹⁸.

⁶¹⁷ A taxa de analfabetismo na população acima de 15 anos no Brasil de 1970 era de 33,6%. Em 1980 era de 25,5 e em 1991 era de 19,4%. Cf. FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100003>. Acesso em: 06 jun. 2021.

⁶¹⁸ CERTEAU, 2012, p. 96.

A partir dessa leitura, veremos ao longo dos próximos tópicos que a liderança da ISKCON acabou por utilizar de um lugar estratégico discursivo para conduzir os membros comuns de sua hierarquia, a realizarem um *sankirtana* constante e exaustivo. Não bastava somente que os devotos adquirissem uma “consciência de *sankirtana*”. Era preciso invocar a radicalidade de um “*sankirtana* fanático”. E a CS parece ter sido a grande vitrine e meio de comunicação para a concretização desse processo.

Hridayananda, que era o guru e/ou referência máxima para os membros da ISKCON do Brasil dos anos 1980, teria declarado através do editor da revista:

Esta carta de *sankirtana* é uma carta de amor. Quem sente realmente amor por Krishna e pelo guru está mostrando isto na carta de *sankirtana*. Agora eu não vou mais ouvir nenhuma conversa. Quem realmente quer falar, que fale na carta de *sankirtana*. Quem fala na carta, está falando. Esta carta é nossa vida e alma. Eu só vivo para ler esta carta!⁶¹⁹

Assim, o líder *hare krishna* estabelecia que o meio de comunicação entre ele e seus liderados seria mediado pelos resultados que eles alcançariam na distribuição de livros e expostos na revista. Esse seria um claro aviso para aqueles que pretendiam chamar a atenção do líder ou receber as suas bênçãos. “Falar na carta” seria mostrar bons resultados como distribuidor de livros.

Dessa forma, ao longo dos anos 1980, a liderança acompanhou atentamente os resultados de *sankirtana* individuais, locais e de zona, através da CS. E nesse processo, houve cobranças constantes por melhores resultados, construção de representações para definir os devotos tidos como bons *sankirtaneiros* ou para descrever pejorativamente àqueles que fugiam ou se recusavam a se dedicar exaustivamente ao *sankirtana*. Veremos nas próximas linhas, alguns tópicos sobre isso.

4.2.1 Cobranças por resultados e lógica de mercado

“Enquanto outros místicos do Oriente tentavam métodos tradicionais para difundir o *yoga*, Srila Prabhupada sabiamente foi para os Estados Unidos. Pregou em inglês, não recusou a tecnologia e introduziu a distribuição de livros. Foi a

⁶¹⁹ DASA, Isvara Dasa. Nota do editor. **Sankirtan Brasil**, n. 5, 04-10 mai. 1981, 1f.

melhor estratégia de *marketing* do século”
(Govindarasa Devi Dasi)⁶²⁰.

A CS tinha uma disposição hierárquica muito clara, pelo menos durante os anos 1980. Semanalmente, as suas edições traziam os resultados de *sankirtana*, uma seção de cunho motivacional (chamada de “néctar”), uma mensagem do editor comentando o desempenho do *sankirtana* naquela semana e as novidades da BBT e, por vezes, alguma notícia local, de um templo ou líder de *sankirtana* trazendo algo que deveria servir de inspiração para os demais.

Basicamente era a liderança maior que discursava nas páginas da revista e o *sankirtaneiro* – que é quem de fato distribuía os livros e lia a CS – apenas “falava” na revista através do quantitativo de livros distribuídos. Os líderes discursavam “fanaticamente” em favor da distribuição de livros:

- Minha mensagem é simples e curta, diz Srila Acharyadeva, não parem este *sankirtana*, façam crescer cada vez mais a distribuição de livros. Estou fanaticamente apegado aos resultados de *sankirtana* na competição internacional... suplico-lhes que nunca parem este *sankirtana*..., nunca deixem cair um pontinho..., façam crescer cada vez mais o resultado de *sankirtana*, façam qualquer coisa para distribuir os livros..., não esqueçam por um momento esta mensagem e façam TUDO que seja necessário para cumprir o meu pedido URGENTE⁶²¹.

Veremos, nesse tópico, que as mensagens da liderança em favor do *sankirtana* não eram apenas de teor motivacional. Havia diferentes tipos de cobranças e apelos aos membros da ISKCON para que o *sankirtana* fosse realizado. Como no trecho acima, o apelo pela “missão” ou “satisfação” do guru era um dos recursos utilizados para cobrar dos discípulos melhores resultados no *sankirtana*:

Eu me lembro quando havia a antiga *Carta Internacional* e Srila Acharyadeva dizia: “*Sankirtana* é o verdadeiro Gurupuja. Então, como vocês podem ficar pulando tanto na minha frente durante a cerimônia, mas chega na hora do serviço prático vocês colocam o meu nome lá em baixo na lista? Vocês devem se esforçar mais, e não para receberem prestígio e fama pessoal, mas para tentar satisfazer ao máximo seu mestre espiritual”⁶²².

Gurupuja é uma cerimônia ritual realizada diariamente nos templos da ISKCON (comum a outras tradições do hinduísmo) em que os discípulos realizam um

⁶²⁰ DASI, Govindarasa Devi. Vale a pena pensar. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998. Fórum vaishnava, p. 7.

⁶²¹ DASA, Chandramukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982. Néctar da semana, f. 1, grifos do autor.

⁶²² SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 26, 02-07 ago. 1982, 1f.

puja (oferta de flores, incenso, mantras e homenagens) ao mestre espiritual. Quando o guru está fisicamente presente, a cerimônia é realizada em sua presença. E quando está ausente (inclusive após a morte), a cerimônia é feita diante de uma fotografia ou pintura do mesmo.

O discurso do mestre procurava fortalecer a ideia de que ele não estaria interessado em homenagens que não viessem acompanhadas de *sankirtana*. O próprio aforisma criado por ele, “*sankirtana* é o verdadeiro *gurupuja*” (e exibido como *slogan* da CS por muitos anos) era uma tentativa clara de transmitir aos seus discípulos e liderados o que esses deveriam fazer para homenageá-lo “de verdade”. Quando o esperado não era alcançado, havia cobranças em nome dos gurus ou da “satisfação” deles:

O *sankirtana* caiu consideravelmente esta semana. [...] Nós só podemos ver isto como uma grande falha na realização espiritual dos devotos que estão esquecendo da importância em incrementar o *sankirtana* para a satisfação de Srila Acharyadeva e Srila Prabhupada⁶²³.

Até mesmo a saúde do guru podia ser utilizada como pretexto para melhorar o *sankirtana*:

A saúde de Srila Acharyadeva teve uma recaída, e, se assim for o desejo de Krishna, Ele fará Srila Acharyadeva melhor. Quando o mestre aceita o discípulo na iniciação, ele se responsabiliza por todo o *karma* do discípulo. E por este *karma* o mestre espiritual está sofrendo. Agora é uma boa oportunidade de sermos sérios de vez e nos dedicarmos seriamente à missão do mestre espiritual. Srila Acharyadeva pediu muito *kirtan* para que os devotos se conscientizem da responsabilidade de seguir fielmente o *guru*, e ele deu ênfase ao *sankirtana*. Srila Acharyadeva pediu especificamente que não parássemos por nada o *sankirtana*. E melhor ainda é aumentarmos o *sankirtana*. Não pensem que há alguma solução material. A melhor coisa é aumentarmos o *sankirtana*. Por favor, vamos usar toda a nossa força, energia, inteligência e recursos para este serviço mais sublime ao mestre espiritual⁶²⁴.

Em sentido metafísico, no vaishnavismo isconiano, o guru é tido como um salvador do discípulo, aquele que toma os resultados do *karma* do iniciado para lhe dar uma nova vida de plenitude espiritual. Mas, para alcançar essa plenitude, o discípulo deve manter a retidão e a continuidade dos serviços espirituais para com o guru. No caso acima, a dedicação ao *sankirtana* seria a maneira pela qual os discípulos de Hridayananda poderiam ajudar a curar a enfermidade do mestre. Essa

⁶²³ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 19, 02-08 ago. 1981, 1f.

⁶²⁴ SWAMI, Isvara. O troféu a melhor maratona. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982. Notas do editor, 1f.

atitude seria vista pelos Hare Krishna como um dever moral e, assim, a distribuição de livros – principal serviço requisitado pelo mestre – seria motivo para prolongar a sua vida:

Primeiramente gostaria de aproveitar a oportunidade de me comunicar com todos os *vaishnavas* do Brasil e sinceramente oferecer meus humildes respeitos a todos, que de uma maneira ou de outra estão ocupados em prolongar a duração da vida de Srila Acharyadeva, através da distribuição dessa literatura transcendental e revolucionária⁶²⁵.

O apelo promovido por aqueles que de fato falavam na CS incluía também a invocação de algumas emoções em seus leitores, como a empatia, no caso acima, ou a euforia e o entusiasmo, em casos de objetivos alcançados. No entanto, quando se tratava de cobranças devido a resultados abaixo do esperado, as emoções exploradas eram um pouco mais apelativas. A vergonha é uma das mais citadas pelo editor da revista:

Srila Acharyadeva está muito interessado nestes resultados da maratona. Ele sempre está perguntando como está a maratona, ou será que este ano vão fazer a mesma vergonha que os anos anteriores, etc. Não podemos fazer feio, ou darmos algumas desculpas: o movimento aqui já é bastante velho e já tem que saber o que é realmente vida espiritual⁶²⁶.

Parece que o *sankirtana* não está em ritmo acelerado. Já deveríamos estar completamente aquecidos para a maratona da semana que vem, mas esta semana vimos o que se pode chamar de semana vergonhosa⁶²⁷.

Buscava-se incutir entre os devotos que não haveria “maior vergonha” do que não distribuir livros:

Todos os templos devem contribuir todas as semanas com seus resultados, mesmo que seja pouco. O que é mais vergonhoso para todos do que dizer que durante a semana não se fez nenhum livro para o prazer de Srila Acharyadeva e Srila Prabhupada?⁶²⁸

Ao que parece, segundo o discurso institucional, o sankirtaneiro deveria sentir-se envergonhado ou mesmo culpado, por não distribuir livros ou por alcançar resultados abaixo do esperado já que era dever (*dharma*) do *hare krishna* distribuir livros. Fazendo um paralelo entre o sacrifício védico executado pelos brâmanes de oferecer ao fogo sagrado algumas ofertas e o sacrifício religioso de executar o *sankirtana*, o editor da CS disparava: “A prova da pureza do sacrifício dos sábios é

⁶²⁵ DASA, Chandramukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 44, 06-12 dez. 1982, 1f.

⁶²⁶ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 33, 24-29 nov. 1981, 1f.

⁶²⁷ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 40, 08-15 nov. 1982, f. 2.

⁶²⁸ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 30, 29 ago./5 set. 1982, 1f.

acender o fogo. Se vocês não conseguem acender o fogo do *sankirtana*, o erro é de vocês! Mas vocês não podem pregar que é o *sankirtana* que está errado!”⁶²⁹.

Após essa fala acusatória, e aproveitando que a BBT tinha acabado de publicar um novo volume do *Srimad Bhagavatam* - um livro com muitas páginas e, assim, de maior custo de produção e venda -, o editor apelava para sua saída: “Não resta dúvidas de que a distribuição de todos os livros é importante, mas a distribuição do *Srimad Bhagavatam* é a mais importante”⁶³⁰. Apesar dessa importância, devotos estariam reclamando do alto preço do livro: “Alguns devotos alegam que é muito caro o preço destes livros e que a economia está muito ruim”⁶³¹. Eximindo-se de qualquer responsabilidade sobre os resultados baixos e ainda forçando a barra para que os templos adquirissem a obra a um preço que tinha sofrido reajuste devido à inflação, o editor da BBT colocava toda a responsabilidade de escoar os livros impressos pela editora no sankirtaneiro.

Apesar de boa parte dos estudiosos definirem o Movimento Hare Krishna como um “novo movimento religioso” que estaria em “tensão” com a cultura ocidental, podemos perceber que essa diferença que ocasionaria as pretensas “tensões”, era restrita à certas concepções de cultura e organização social. Mas como qualquer religião inserida na modernidade, o Hare Krishna atuava diretamente a partir de uma lógica de mercado que organizava a venda de seus produtos, cobrava ação de seus vendedores por resultados crescentes, estabelecia metas e planejava sua produção.

Não havia um “desapego ao resultado” – como a própria teologia iskconiana propaga – quando esse resultado se tratava de trabalhos entendidos como espirituais. Dessa forma, o diretor da BBT e editor da CS cobrava dos sankirtaneiros mais dedicação ao trabalho à semelhança das relações entre patrão e empregados:

Dos resultados individuais, temos a participação de apenas 35 devotos. E o resto, o que fez esta semana? Será que não é hora de todos começarem a trabalhar? Se queremos ganhar uma maratona e competir internacionalmente com os maiores templos do mundo, todos os devotos têm que trabalhar muito duro⁶³².

⁶²⁹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 9, 28 mar./02 abr. 1983, 1f.

⁶³⁰ Loc. cit.

⁶³¹ Loc. cit.

⁶³² SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, f. 2.

A culpa por resultados aquém do esperado não era só dos “trabalhadores do *sankirtana*”. Muitas vezes os “templos”, substantivo despersonalizado que visava atingir os administradores das sedes da ISKCON, eram responsabilizados pelos maus resultados e pelos problemas financeiros que esses enfrentavam:

Pelo resultado geral do *sankirtana* esta semana parece que os templos estão tão ocupados com “problemas” que se esqueceram que o próprio *sankirtana* é a solução dos problemas. E a melhor maneira de sairmos deste “problema mental” é nos jogarmos dentro deste fogo de *sankirtana*, ou pelo menos acendê-lo. É preciso novamente que os devotos voltem a ter este espírito de competição na *Carta de Sankirtana*⁶³³.

Os templos deveriam ter melhores resultados no *sankirtana* para terem seus problemas financeiros resolvidos, segundo Isvara Swami. A pressão por resultados no *sankirtana* se dava, até mesmo, para obter cifras determinadas:

Nós devemos fazer muito mais que isto, especialmente aqueles que fizeram abaixo de Cr\$ 10.000,00 têm que trabalhar mais duro. Eles devem realmente trabalhar duro. Prabhupada disse que todo mundo deve aprender esta arte, assim temos que trabalhar muito arduamente⁶³⁴.

Uma das principais campanhas por alcance de resultados desenvolvidas nos anos 1980 foi alavancada pelo representante do GBC no Brasil, Hridayananda Dasa Goswami. Após demonstrar insatisfação com os resultados de *sankirtana* atingidos pela ISKCON do Brasil, ele enviou uma carta ao líder da BBT do país, conclamando uma “revolução” no *sankirtana* e instituindo o que ele chamou de “O Dia da Renovação”:

Eu quero uma nova revolução no Brasil. Não estou nada satisfeito com os resultados de *sankirtana* do Brasil. Se os templos do Brasil não fizerem pelo menos 10.000 pontos semanais, seu *sankirtana* é medíocre. [...] Eu quero que todos os templos dependam exclusivamente da venda de livros e não quero enganações!

[...] Você [Isvara Swami] disse na Nota do Editor da carta referente à maratona que eu iria ficar muito satisfeito com o resultado de 10.000 pontos. Fique sabendo que não estou nada satisfeito. Devemos fazer 10.000 pontos todas as semanas normais, e numa maratona devemos fazer 20.000 pontos. [...] Fale com todos os líderes de *sankirtana* [...] diga que a partir desta data eu não vou aceitar por menos. Será um fracasso se vocês fizerem menos de 10.000 pontos.

O *sankirtana* no Brasil está parado com estes míseros resultadinhos de 3.000 pontos por semana. E ainda assim vocês ficam se glorificando. Eu quero que todos comecem a pregar!

Assim declaro hoje uma revolução no *sankirtana*. Hoje é 1º de julho e será um dia histórico. Esta data será lembrada todos os anos como o começo do

⁶³³ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 9, 28 mar./02 abr. 1983, 1f.

⁶³⁴ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do *Srimad Bhagavatam*, 22 ago. 1982. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 30, 29 ago./5 set. 1982. NÉCTAR de Srila Acharyadeva, f. 1.

verdadeiro *sankirtana* no Brasil. Iremos comemorar esta data todos os anos como O DIA DA RENOVAÇÃO⁶³⁵.

Segundo o desejo de Hridayananda, a ISKCON do Brasil deveria se reorganizar para atingir uma meta de dez mil pontos semanais e classificava a atuação do *sankirtana* no país como “medíocre”, mesmo considerando que o país constituísse um dos mais fortes centros de distribuição de livros da BBT no mundo. Essa era claramente uma cobrança de trabalho, de produção, mas com motivações que seriam religiosas. Ao menos discursivamente.

O Dia da Renovação, acreditava o guru, seria um marco histórico que remeteria a um futuro glorioso para a ISKCON do Brasil em que nunca mais seriam repetidos os “miseráveis resultadinhos” alcançados até então. Hridayananda acreditava que apenas com a força de sua palavra e desejo, a realidade seria transformada e que, no futuro, aquele dia seria digno de comemoração.

O apelo do Dia da Renovação foi comprado por um dos seus mais dedicados discípulos, Chandramukha, um líder de *sankirtana* de sucesso na ISKCON do Brasil⁶³⁶. Na mesma edição, na página que se seguia, o discípulo conclamava a todos a cumprirem à risca a ordem do mestre espiritual:

Imaginem que miséria se não fizemos 10.000 pontos, simplesmente Srila Acharyadeva disse que não irá aceitar esse nosso serviço medíocre. E isso só será motivo para desespero e insatisfação. Estamos totalmente encurralados. Para um discípulo rendido, qual a motivação de sua vida, se seu único refúgio, seu mestre espiritual não aceita seu serviço?⁶³⁷.

Como líder de *sankirtana* no templo do Rio, ele anunciava mudanças que ocorreriam ali após o Dia da Renovação:

Srila Acharyadeva quer resultado prático [...] por isso aqui no Rio foram tomadas as seguintes providências:

⁶³⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Telefonema de Srila Acharyadeva a Isvara Swami em 1º de julho de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁶³⁶ Em 1982, Chandra Mukha foi escalado como líder de *sankirtana* do templo do Rio e levou o templo que estava em dificuldades financeiras e baixos índices de distribuição de livros à segunda posição no acumulativo geral daquele ano. Em 1983, foi enviado a Porto Alegre e reestabeleceu a competitividade do templo na distribuição de livros. Em 1984 foi enviado para São Paulo e o templo novamente voltou a crescer consideravelmente em números de livros distribuídos. Isso indica como a instituição pensava de maneira estratégica e mercadológica: determinados atores que atuavam como *managers* podiam ser enviados para reestabelecer a competitividade de vendas. Por sua dedicação e grande habilidade com a liderança do *sankirtana*, em 1986 foi “promovido” de *brahmachary* (monge estudante), para *sannyasi* (monge renunciado). Desde 2001, atua também como guru iniciador (*diksha-guru*) da ISKCON. CHANDRAMUKHA SWAMI: 40 anos de renúncia. Disponível em: <https://chandramukhaswami.com/sobre/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

⁶³⁷ DASA, Chandramukha. Néctar do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983, f. 1.

Sextas-feiras e sábados *maha-sankirtana* [“grande *sankirtana*] pesado; sendo que os devotos acordam entre duas e meia e três horas da manhã e adiantam bastante a *japa*. Depois do *magala-aratik* [ritual matinal], aula do *Srimad-Bhagavatam* um pouco mais rápida, depois os devotos terminam sua *japa* e individualmente tomam sua *prasadam* [alimento consagrado] e saem voando a *sankirtana*. Na sexta-feira os devotos devem voltar estritamente entre oito e oito e meia da noite para poderem repetir o mesmo programa no sábado, só que no sábado não há horário fixo para chegar. É livre. Existem inclusive devotos que têm o hábito de chegar as duas da manhã, cantar toda sua *japa* e ir ao *mangala-aratik* direto, e só depois vem o descanso merecido⁶³⁸.

Esse esforço elaborado a partir do topo, poderia atingir toda a “hierarquia do *sankirtana*”. Membros comuns, jovens ingressantes na ISKCON e os habituais *sankirtaneiros*, todos deveriam se dedicar mais do que já o faziam antes para obter a satisfação do mestre e dar mais visibilidade ao movimento religioso de que faziam parte.

Com a proclamação do Dia da Renovação, o layout da revista mudou e passou a incorporar em sua capa o seguinte slogan: “O ponto é dez mil”. Chandramukha e a BBT, através da CS, chegaram a estipular as “cotas” que cada templo deveria seguir⁶³⁹. Cada templo passou a ter suas cotas verificadas semanalmente pela CS e a porcentagem atingida, evidenciando quais alcançavam a meta e quais estavam deixando a desejar.

Figura 9 – Detalhe do slogan da *Carta de Sankirtana*



Fonte: *Carta de Sankirtana*⁶⁴⁰

Mas apesar dos esforços sinceros de uns e da cobrança (impositiva, de certa forma) da liderança institucional, algumas semanas depois do Dia da Renovação, o editor da CS lamentava que somente metade dos 10 mil pontos foram atingidos, que

⁶³⁸ Ibidem, f. 2.

⁶³⁹ De início, as cotas semanais foram pensadas da seguinte maneira: São Paulo/ Rio - 1.700 pontos (8.500 livros); Nova Gokula - 1.500 pontos (7.500 livros); Belo Horizonte/Recife - 1.000 pontos (5.000 livros); Salvador - 800 pontos (8.500 livros); Belém - 500 pontos (2.500 livros); Curitiba - 450 pontos (2.250 livros); Porto Alegre/Brasília - 400 pontos (2.000 livros); Fortaleza/Manaus - 300 pontos (1.800 livros); São Luiz - 200 pontos (1.000 livros);

⁶⁴⁰ **CARTA DE SANKIRTANA**, ano 3, n. 24, 11-17 jul. 1983.

apenas 3 templos dos 14 alcançaram suas metas e que o quantitativo de pontos atingidos foi o mesmo da média anterior alcançada. Ou seja, apesar de toda a pressão exercida pelo líder máximo da ISKCON no Brasil, na prática, os templos não puderam fazer muito mais do que faziam antes⁶⁴¹.

Tanto assim que cerca de dois meses depois, Hridayananda teria telefonado a Isvara Swami para tratar do andamento do *sankirtana* no Brasil e teria feito “ameaças”, caso os 10 mil pontos não fossem alcançados:

Srila Acharyadeva ainda perguntou se os devotos ainda estão realmente sérios para cumprir sua promessa, pois assim ele virá logo em novembro para o Brasil. Isto quer dizer que Srila Acharyadeva, realmente, não virá ao Brasil se não cumprirmos os 10.000 pontos. Ele também disse que se não conseguirmos os 10.000 pontos de resultado a minha cabeça vai rolar⁶⁴².

Apesar do teor coercitivo da mensagem, essas ameaças nunca se cumpriram. Hridayananda continuou a vir ao Brasil periodicamente e Isvara permaneceu com “a cabeça no lugar”, ou em outras palavras, como diretor da BBT, por mais de uma década. E os resultados não foram exatamente os esperados.

Um ano depois do Dia da Renovação, uma edição especial da CS foi publicada. Ela continha uma reedição da carta de Hridayananda (conclamando o Dia da Renovação) e um retrospecto dos resultados semanais e dos pontos obtidos no último ano. A meta estipulada de dez mil pontos só fora alcançada nas semanas de maratona e nas demais semanas do ano, a média de pontos não costumava ultrapassar nem a marca dos sete mil⁶⁴³. Isvara comentava esses dados com certa indignação:

Todos nós pudemos ver que quando queremos podemos fazer muito *sankirtana*. Nas maratonas o resultado estoura. Mas depois caímos lá no fundo... É interessante notarmos os terríveis resultados de janeiro e fevereiro, logo depois da maratona de dezembro, todo o Brasil ficou em *maya* e durante dois meses fizemos APENAS 7.000 PONTOS⁶⁴⁴.

⁶⁴¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 23, 04-07 jul. 1983, 1f.

⁶⁴² SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 31, 18-25 set. 1983, 1f.

⁶⁴³ Até o ano de 1985, os dez mil pontos nunca foram obtidos fora de uma semana de maratona. Isso pode nos indicar que a meta era ambiciosa demais e por mais que houvesse incentivo e cobrança por parte da liderança, as congregações não conseguiam atingir a meta, seja porque era uma meta ambiciosa demais para ser atingida ou pela própria resistência de líderes locais e sankirtaneiros em trabalhar tão intensamente para se alcançar tais resultados.

⁶⁴⁴ SWAMI, Isvara. Dia 1º de julho: um ano de renovação. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 19, 25 jun./01 jul. 1984. Néctar da semana, f. 2, grifos do autor. Ele comentava também: “[...] nossa situação é tão ridícula que ao olhar a *Carta de Sankirtana* em outubro de [19]83 Srila Acharyadeva disse: ‘Vocês não podem mais chamar o dia 1º de julho de Dia da Renovação pois já faz 4 meses que eu falei isto e não

O “fracasso” em alcançar a meta estabelecida hierarquicamente pelo grande líder da instituição indica que ela era uma marca não somente de difícil alcance, mas, que não considerava a realidade da estrutura e da capacidade de realização da ISKCON no Brasil. Além disso, evidencia uma convergência entre as práticas religiosas e a lógica de mercado do mundo capitalista.

A disposição hierárquica, o estabelecimento de metas de distribuição dos produtos, a cobrança por melhores resultados e a bonificação dos melhores vendedores são indícios claros de como a lógica de mercado, um elemento essencialmente moderno, passou a fazer parte das dinâmicas vitais de atuação de uma religião.

Em uma conversa com líderes brasileiros (publicada na CS) sobre a dificuldade de se manter o movimento em meio à crise econômica que o país vivia no período, Hridayananda tentava dar soluções, jogando a responsabilidade para os líderes locais. Quando um deles responde que está difícil manter as despesas dos templos da ISKCON no Brasil devido à crise econômica, fazendo com que os administradores tenham que se mudar para casas cada vez menores (onde os alugueis são mais baratos), Hridayananda teria respondido:

Casarão [de templo] que não lota [de devotos], perde dinheiro. [...] Como essa casa, por exemplo, com 25 devotos, ou com 60 devotos é o mesmo aluguel. Então vocês têm que encher as casas. É uma coisa certa mesmo em termos profissionais, é bem prático. É como um hotel se você não lota você perde. Nós temos que lotar os templos com sankirtaneiros! E por isso temos que ser muito famintos para conseguir isto. Vocês têm que fazer qualquer coisa para lotar os templos aos domingos [...]⁶⁴⁵.

A quantificação dos corpos necessários para gerar a renda para se manter um espaço da ISKCON aberto e a comparação do funcionamento de um templo religioso com um estabelecimento comercial (como o hotel) são mais alguns indicativos de como a religião buscou na lógica de mercado, parâmetros para seu funcionamento institucional na modernidade. O templo precisaria “lotar” de devotos,

aconteceu nada. Tirem a frase 1º de julho: Dia da Renovação da primeira página da *Carta de Sankirtana* pois é muito ridículo para vocês’. Sobre a expressão “ficar em *maya*” citada na fonte, podemos dizer que *maya* remete a “ilusão”, ao “materialismo”, a um estado de consciência em que o indivíduo não se encontra em conexão com o sagrado e que o leva ao “erro” de desfrutar dos sentidos ou do prazer material. Cf. o dicionário de verbetes em anexo.

⁶⁴⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação do *darshan* dado por Srila Acharyadeva e, 19 nov. 1984 no Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 41, 10-16 dez. 1984. Néctar da semana, f. 1.

para que esses atuassem como sankirtaneiros (em última instância, “vendedores”) para que as contas pudessem ser pagas. Mais adiante, no mesmo diálogo, Hridayananda compara os sankirtaneiros aos comerciantes:

Os *karmis* [não-devotos] comerciantes, por exemplo, também fazem sua maratona durante dezembro, mas depois em janeiro e fevereiro ele têm que vender também.

[...]

Peço a todos que façam muito *sankirtana* durante dezembro, e depois também. Não considero boa administração o templo que faz muito bem neste mês, mas depois para. Eu nunca paro o meu serviço, por que vocês vão parar o seu?⁶⁴⁶.

Como temos visto, as cobranças da administração da ISKCON sobre os resultados de *sankirtana* eram, de maneira geral, duras, recorriam a apelos emocionais ou argumentos acompanhados de embasamentos teológicos ou mercadológicos. Mas como esses recursos, por vezes, podiam não surtir o efeito desejado, outras maneiras de dizer eram selecionadas pelos gestores, na tentativa de que seus subordinados fossem tocados por seus apelos.

Para não parecer que apenas havia cobrança por parte da alta liderança, às vezes, divulgava-se incentivos e palavras de confiança. Após a última *Carta* em que Hridayananda desferia severas cobranças sob a liderança do *sankirtana*, ele congratulava os resultados finais da maratona:

Gostei muito de ver a competição dos devotos [...]. O Brasil está dando um exemplo maravilhoso para o mundo por estar sempre lutando para fazer *sankirtana*. E a coisa que me deixa feliz é que vocês estão bem fixos na ideia de uma competição em janeiro e fevereiro. Esse é um sinal de maturidade⁶⁴⁷.

Apesar de quase nunca demonstrar sua satisfação com os resultados de *sankirtana* para os devotos brasileiros, em outros lugares do mundo, como em uma palestra em um templo da ISKCON em Miami, Hridayananda descrevia os devotos brasileiros como “muitos dedicados”, fazendo um *merchandising* do seu próprio trabalho de líder administrativo do Brasil:

No Brasil, por exemplo, os devotos são muito dedicados a *sankirtana*, em todas as partes do Brasil, se dedicam a *sankirtana*. Como às vezes os convidados das outras partes do mundo, assistem a um *aratik*, ou ajudam na

⁶⁴⁶ Loc. cit.

⁶⁴⁷ GOSWAMI, Hridayananda apud SWAMI, Isvara. Notas do editor especial: diretamente de Srila Acharyadeva em Miami. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 43, 24-31 dez. 1984, 1f.

limpeza, no Brasil os convidados saem a *sankirtana*. E é o que todo mundo faz lá, todos saem a *sankirtana*⁶⁴⁸.

Em outra ocasião, ele descrevia como os devotos estadunidenses se impressionaram com os brasileiros:

Muitos devotos americanos visitaram o Brasil para participar dos festivais, e recebi um comentário unânime, todos falaram que os devotos do Brasil são muito humildes, cooperativos e ansiosos de ajudar. Ficaram maravilhados com a atitude dos devotos de lá, e não conseguiram acreditar que realmente existissem devotos tão humildes e trabalhadores como se lê nos livros. [...] Eu também percebi que quase todo mundo lá sai para as ruas e é determinado e dedicado, até mesmo os líderes, presidentes e os secretários regionais⁶⁴⁹.

Com isso, percebe-se que para os devotos de outros lugares do mundo, o líder se vangloriava de que o *sankirtana* no Brasil era muito bom. E aos sankirtaneiros brasileiros, quase sempre, cobrava melhores resultados.

Assim, a estratégia de exercer grande pressão poderia não funcionar como previsto, fazendo com que a alta liderança adotasse um tom mais humilde com intenção de conseguir seus objetivos. Depois de várias semanas em que os resultados não foram tão satisfatórios, incluindo templos que simplesmente não fizeram *sankirtana* por semanas consecutivas, Hridayananda argumentava em tom lisonjeiro:

Eu estou muito entusiasmado de ver que os líderes e devotos regulares no Brasil então fervorosa e eficientemente progredindo nas ondas extáticas do oceano de *sankirtana* do Senhor Chaitanya. Esta expansão é o sinal de um corpo espiritual saudável [...]. Eu posso apenas oferecer a minha gratidão e bênçãos para os santos *vaisnavas* reunidos no Brasil e humildemente pedir-lhes para aumentar a duração de minha vida pela aceleração do glorioso movimento de *sankirtana*. [...] Assim aperfeiçoemos nossas vidas e abençoemos o mundo acelerando incansavelmente o movimento de *sankirtana*⁶⁵⁰.

Até mesmo o diretor da BBT, responsável direto pelas cobranças semanais, por vezes, utilizava de uma linguagem muito mais amena e imperativa, e implorava aos sankirtaneiros por melhores resultados:

Por favor, *prabhus*, volto a pedir que não deixem a distribuição de livros de lado, ou em segundo plano. Não há nada mais elevado do que um

⁶⁴⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Um verdadeiro devoto deve salvar as pessoas do inferno. Aula dada por Srila Acharyadeva em Miami. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 02, 21-27 jan. 1985. Néctar da semana, 1f. O *aratik* é uma cerimônia de adoração ritual às deidades (*murti*) de Krishna no templo que envolve o *puja* (oferta de elementos à divindade) e o canto em glorificação.

⁶⁴⁹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. “Construir o império de Prabhupada sobre sua base, a pregação [aula dada na Flórida]. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Néctar da semana, 1f.

⁶⁵⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Ensaio para a Carta de Sankirtana. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 39, 02-08 nov. 1982. Néctar da semana, 1f. Esse teria sido um “ensaio especialmente escrito” por Hridayananda a “todos os sankirtaneiros do Brasil”.

sankirtaneiro cujo único interesse é pregar, e não se comprometer com nenhum compromisso material⁶⁵¹.

Assim, podemos perceber que as cobranças faziam parte da rotina do acompanhamento e fomento da prática de *sankirtana* dentro de uma perspectiva institucional mercadológica. Embora os membros do Movimento Hare Krishna vissem a si mesmos como representantes de uma “religião milenar” ou da “cultura védica”, a sua atuação na contemporaneidade exigia estratégias muito mais próximas da modernidade do que da sua base teológica de inspiração pré-industrial. Ainda assim, tanto as relações mercadológicas, quanto as concepções associadas à necessidade de disciplina religiosa exerciam influência nas relações de gerência do *sankirtana*.

Veremos a seguir como algumas representações negativas sobre aqueles que não se dedicavam devidamente ao *sankirtana*, complementavam as cobranças e pressões institucionais sobre o fomento à prática.

4.2.2 Quem não gosta de *sankirtana*, bom sujeito não é

Nem só de cobranças mais explícitas e diretas vivia a estrutura administrativa do *sankirtana* no Brasil. Uma outra maneira de estimular a participação mais ativa dos sankirtaneiros na prática, era definir o lugar do “outro”, o lugar daquele que não faz o *sankirtana* – ou, que o faz de maneira medíocre. Assim, reunimos abaixo algumas das representações que os líderes da ISKCON difundiam sobre aqueles que não dariam a devida importância ao *sankirtana*, ao menos, de acordo com as suas aspirações.

Em 1985, Isvara Swami declarava que: “De fato, qualquer que seja o templo ou devoto que não se interessa pelo *sankirtana*, tem problemas muito sérios em sua vida”⁶⁵². O leitor da CS deveria entender que se ele não era capaz ou não se interessava pelo *sankirtana*, de certo, deveria ter algum tipo de “problema sério” consigo. O editor da revista parecia estar parafraseando os versos da famosa canção

⁶⁵¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 29, 19-26 ago. 1985, 1f. *Prabhu* é um pronome de tratamento respeitoso utilizado entre os membros da ISKCON para se referir aos devotos, sobretudo, de sexo masculino.

⁶⁵² SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 23, 17-23 jun. 1985, 1f.

brasileira: “Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. Ou é ruim da cabeça, ou doente do pé”⁶⁵³.

Embora em sua frase a alusão à música não estivesse explícita, o entendimento dos líderes de *sankirtana* do Brasil parecia partir da premissa de que “quem não gosta de *sankirtana*, bom sujeito não é”, inclusive quanto a ser “ruim da cabeça”. Hridayananda declarava explicitamente em uma fala:

[...] Srila Prabhupada deu a ordem de vender livros, quem pode dar outra ordem? Se você duvida deste projeto de distribuir livros, você está duvidando do alicerce devocional, a ordem do mestre espiritual. Quem acha que seu plano mundano é mais eficaz que a ordem de Srila Prabhupada certamente tem problemas mentais e espirituais!⁶⁵⁴.

Aquele que ousasse duvidar das instruções diretas do guru e da necessidade sempre presente de distribuir livros, teria “problemas mentais e espirituais”. Seria, como Caymmi cantava, “ruim da cabeça”. Em outra ocasião, Hridayananda reforçava essa analogia, incluindo o outro elemento da nossa metáfora (“doente do pé”):

Em dezembro todos os devotos têm que sair a *sankirtana*. Quem ficar no templo está doente. Só os doentes físicos e mentais é que ficarão no templo em dezembro. Se alguém tem medo de vender livros para os *karmis* [não-devotos], então pode ir a um parque vender livros para as criancinhas!⁶⁵⁵.

Na maratona de *sankirtana* de dezembro, momento mais importante do ano para a ISKCON, o guru provocava que, quem não saísse para distribuir livros e ficasse no templo, seria tido como “doente físico” ou “mental”. Além disso, de maneira infantilizada, conclamava a todos para usarem de sua coragem para fazer *sankirtana* para os “*karmis*” ou, do contrário, irem lidar com as “criancinhas”.

⁶⁵³ CAYMMI, Dorival. **Samba da minha terra** [1min. 54seg.]. LP Eu vou p'ra Maracangalha. Odeon, 1957.

⁶⁵⁴ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 2. O trecho aparecia na CS em caixa alta, evidenciando o destaque da edição para essa fala. Mais à frente, o autor amenizava um pouco o que queria dizer: “[...] Eu fui ao Brasil para organizar *sankirtana*, eu fui abrir uma BBT lá, e depois um templo. Prabhupada falou, um templo não é sempre necessário, pode mandar um grupo de sankirtaneiros... Então, o primeiro programa é *sankirtana*, isso é a ordem de Srila Prabhupada. Se você duvida disso nem entende o processo de ser devoto. Quem duvida do processo de *sankirtana* duvida de Srila Prabhupada, está duvidando de Krishna”.

⁶⁵⁵ GOSWAMI, Hridayananda apud DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 31, 09-15 nov. 1981, 1f.

Havia também outros tipos de comparações que tratavam daqueles que não se dedicavam ao *sankirtana* com a dedicação esperada. As comparações de cunho teológico podiam apelar para a ideia de ser bem ou mal sucedido espiritualmente:

Se um devoto pensa que não gosta de sair a *sankirtana*, este devoto está esquecido. Ele esqueceu Krishna. Ele está sendo dominado pelas designações materiais, pelos modos da natureza material. Está perdendo sua luta contra a ilusão material⁶⁵⁶.

“Esquecer de Krishna” é, na teologia *vaishnava*, como declarar a morte espiritual do devoto. É dizer que o indivíduo está perdendo sua conexão espiritual e se tornando um “materialista”, “iludido” pelos encantos da natureza material, como os não-devotos seriam. O diretor da BBT também afirmava algo semelhante sobre aqueles que estariam ignorando a missão de atingir a cota dos dez mil pontos semanais: “Na verdade, quem vê esta cota e pensa que ela é impossível está caindo no plano da especulação mental e não acredita na potência da ordem do mestre espiritual”⁶⁵⁷.

A expressão iskconiana usada para se referir a alguém que estaria nesse estado de consciência “iludida”, “materialista” ou “mental” é “estar em *maya*”. Seria o contrário do estado de consciência esperado por um devoto: “estar iluminado” ou “consciente de Krishna”. O diretor da BBT, que sempre anunciava os prêmios para os melhores do ano, também ofereceu jocosamente um “troféu *maya* do ano” para aquele que não distribuísse livros:

Qualquer coisa que você fizer, pensar, olhar, sentir, respirar, falar, desejar, planejar, que não tenha relação com esta maratona de natal, você será considerado o devoto *maya* do ano. Na verdade, vamos premiar tal devoto e ele será visto como a atração do ano, como aquele que não fez nada para o mestre espiritual⁶⁵⁸.

“Estar em *maya*” ou receber um “troféu *maya* do ano” poderia ser uma grande ofensa para um devoto Hare Krishna, ainda mais se ele visse a si mesmo enquanto um indivíduo dedicado à sua religião. A dedicação integral ao *sankirtana* se justificaria, inclusive, para a manutenção de um estado de consciência espiritual constante, onde *maya* não “tomasse conta”:

⁶⁵⁶ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 7, 11-16 mai. 1981. Néctar da semana, f. 1.

⁶⁵⁷ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983, 1f.

⁶⁵⁸ DASA, Rasananda. Segredos de São Paulo. Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f. Para uma definição mais exata do conceito de *maya* no sentido iskconiano, confira o dicionário de verbetes no apêndice.

Agora aqui no Brasil nós não queremos em janeiro e fevereiro a anti-maratona anual - “um mês inteiro de trabalho, que trauma! Agora alguns meses de descanso”. Depois do dia de Natal todos ficam traumatizados e precisam de dois meses de descanso. Isto não é muito bom. Nós queremos trabalhar muito. Vocês todos são muito jovens, muita força. Vocês têm que dar esta força para Krishna. Se não, *maya* vai tomar conta. [...] Não fiquem 11 meses do ano no modo da ignorância e apenas 1 mês fazendo algo⁶⁵⁹.

No sentido acima, o devoto que deixou “*maya* tomar conta”, seria tido como “inútil” na missão do guru e do Movimento Hare Krishna porque não estaria “trabalhando duro” para ele. Parece que essa forma de pensar era influenciada por uma visão estereotipada do brasileiro, por parte do estadunidense, de que o brasileiro não gostaria de “trabalhar duro”, à semelhança dos *workaholic yankees*.

Quem não estivesse na “linha de frente” do *sankirtana*, deveria pelo menos auxiliar os que estavam, pois, do contrário, seriam tidos como “inúteis”:

Todos os devotos devem se esforçar muito para que o *sankirtana* não só continue, mas aumente. Não devemos pensar que o *sankirtana* é só para aqueles que estão saindo às ruas. Não! Se há algum devoto que não tem capacidade de sair a *sankirtana*, ou que seu serviço o impede, este devoto deve se sentir no máximo possível junto com a força do *sankirtana*. Ele deve ajudar de todas as maneiras possíveis, e glorificar e louvar aqueles que estão na linha de frente, aqueles que dedicaram toda a sua energia e vida à propagação do *sankirtana* para as almas condicionadas. [...] Srila Acharyadeva disse que quem não está distribuindo e também não está ajudando é inútil⁶⁶⁰.

Além de tidos como “inúteis”, também poderiam ser tidos como “tolos”: “É necessário que todos, sem exceção, cumpram esta ordem. O ponto é 10.000 e não podemos ficar tranquilos enquanto todos os templos estiverem ligados nessa consciência. Dizer que isto é impossível, é viver a vida de um tolo”⁶⁶¹.

E embora não fosse uma determinação institucional, os jovens devotos deveriam saber fazer *sankirtana* como um pré-requisito para ser iniciado como “*brahmana*”, ou seja, para receber a segunda iniciação espiritual que os tornariam aptos a serem sacerdotes e performarem os rituais *vaishnava*: “Entre os requisitos estabelecidos por Srila Acharyadeva para ele aceitar um discípulo como *brahmana*, saber fazer *sankirtana* é o principal”⁶⁶².

⁶⁵⁹ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 36, 14-20 dez. 1981, 1f. Esse teria sido um trecho de uma aula dada por Hridayananda em São Paulo antes do início da Maratona de Natal daquele ano.

⁶⁶⁰ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 22, set. 1981, 1f.

⁶⁶¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 23, 04-07 jul. 1983, 1f.

⁶⁶² SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 29, 19-26 ago. 1985, 1f.

Em um tom dramático, os devotos deveriam sentir que, se não estavam se dedicando à distribuição de livros, mesmo que estivessem fazendo outras atividades importantes, eles seriam tidos como “inúteis”, “tolos”, inferiores na hierarquia sociorreligiosa ou, até mesmo, “amaldiçoados”. Como diria um presidente de templo:

É uma maldição para aqueles devotos que param o *sankirtana*. Não há nada para se fazer que seja mais importante que o *sankirtana*. É uma desgraça para você se você larga o *sankirtana*. Nunca pense em largar, dizendo apenas que você está fazendo *sankirtana* agora mas depois vai mudar. Eu acho uma maldição estar envolvido com negócios e administração e não poder ir a *sankirtana*⁶⁶³.

O discurso institucional da ISKCON nos anos 1980, era que se um devoto não gostasse de *sankirtana*, ele deveria se sentir culpado e, até mesmo, ter a consciência de que seria difícil “voltar ao reino de Deus”:

[...] Se você está fazendo *sankirtana* e não está desfrutando, se não está em êxtase, isso é devido a sua contaminação. Agora existem duas possibilidades: ficar com contaminação e rejeitar o *sankirtana* ou ficar com o *sankirtana* e rejeitar a contaminação. Quem decide: “vou ficar com a contaminação mesmo” [...] não é um candidato sério para voltar ao reino de Deus. [...] quem diz que *sankirtana* é desagradável, é muito pesado, está diretamente a palavra de Chaitanya Mahaprabhu; está ameaçando sua própria vida espiritual⁶⁶⁴.

Considerar a prática do *sankirtana* como “desagradável” ou “pesada” seria uma ameaça à própria vida espiritual do devoto. Seria uma espécie de “comodismo” que poderia levar a alma espiritual para o “inferno”: “Não consigo imaginar um templo, ou um devoto em particular, que não vive lutando por sua cota, que não se esforça cada vez mais por um *sankirtana* melhor. Esse comodismo só nos levará ao inferno”⁶⁶⁵.

Assim, questões como essas indicam não somente que o estímulo a um “*sankirtana* fanático” se dava através de reforços positivos que demonstrariam os benefícios de se fazer a prática, mas, também, através de reforços negativos sobre aqueles que não se dedicavam ao *sankirtana* ou não o faziam adequadamente. A seguir, veremos como os sacrifícios exigidos para uma dedicação integral ao *sankirtana* eram tidos de forma amenizada ou romantizada.

⁶⁶³ DASA, Ambhujaksa. Sob qualquer circunstância, pregue (continuação). **Carta de Sankirtana**, n. 11, 15-21 jun. 1981, 1f.

⁶⁶⁴ GOSWAMI, Hridayananda. Aula do *Bhagavad-Gita* (18.70) [dada em Nova Gokula em 25 ago. 1983]. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 03, 05-11 mar. 1984. Néctar da semana, 1f.

⁶⁶⁵ SWAMI, Isvara. Comentário geral. **Carta de Sankirtana**, ano 5, edição extra da maratona de junho, jun. 1985, f. 1.

4.2.3 “Nós nos ‘estuporamos’”: os sacrifícios da prática do *sankirtana* como sinônimo de avanço espiritual

Os apelos da liderança da ISKCON através da CS por uma dedicação cada vez mais intensa no *sankirtana* também passavam por pregações que visavam demonstrar a importância de se dedicar à prática sem se importar com questões de ordem pessoal e com as necessidades do corpo. Todo devoto deveria praticar “austeridades” e “sacrifícios” em favor da distribuição de livros. Essas seriam características que, inclusive, distinguiriam o Movimento Hare Krishna de outras religiões, segundo Isvara Swami:

O que caracteriza a nossa sociedade genuína das outras assim chamadas sociedades espirituais é que nós nos “estuporamos” para cumprir a ordem do mestre espiritual e de Krishna. Algumas pessoas neófitas, que têm um conceito totalmente errado de vida espiritual, pensam que somos uns fanáticos apenas seguindo ordens estranhas. Mas eu digo que estas ordens de Krishna e do guru são autênticas e, sem dúvida, é a melhor pregação⁶⁶⁶.

O entendimento que um membro da ISKCON deveria ter é que ser Hare Krishna significa se “estuporar” para cumprir as ordens do mestre espiritual ou de Krishna⁶⁶⁷. Seguir às ordens das autoridades espirituais tidas como “mais elevadas” espiritualmente, prestar-lhes serviço, contribuir para a sua missão espiritual seria um dever moral do devoto, ainda que fosse necessário “se estuporar”.

Essa noção se baseava, provavelmente, na *práxis* teológica de Bhaktivedanta Swami (herdada de Bhaktisiddhanta) que entendia *bhakti* – noção central dentro do vaishnavismo – como “serviço devocional”, e não somente como “devoção” (como é mais corriqueiro na tradição). Para o guru, a devoção se manifesta através da atitude sincera de serviço por parte do *bhakta* (devoto) – e não do sentimento da devoção -

⁶⁶⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 23, 04-07 jul. 1983, 1f.

⁶⁶⁷ Entre os significados para o termo “estuporar” estão: 1 Fazer cair ou cair em estupor; 2 FIG Provocar surpresa ou assombro; 3 FIG Tornar-se estragado ou deteriorado; deteriorar-se, estragar-se; 4 FIG Cansar-se ao extremo; esbodegar-se; 5 COLOQ Tornar-se desprezível ou abjeto; 6 COLOQ Tornar-se feio; 7 COLOQ Perder a vida; morrer: “[...] conseguiram dar uma certa bebida ao barão, o qual foi estuporando aos poucos, até morrer uma das piores mortes que já se viu na Bahia” (JU). DICIONÁRIO MICHAELIS [online]. **Estuporar**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estuporar>. Acesso em: 16 jun. 2021.

e, assim, ele pode progredir espiritualmente através do serviço ao guru, à Krishna e aos demais devotos.

Portanto, a liderança da ISKCON procurava chamar a atenção dos devotos para a importância de se sacrificar em favor da missão de distribuir livros. O sacrifício do devoto seria entendido (ou deveria ser) como sinônimo de “maturidade”:

Devemos ser firmes, sérios, maduros, fazer sacrifício quando a situação exige. Com muito prazer, com vontade. Quando é necessário um sacrifício um *vaishnava* nem pensa duas vezes. Ele imediatamente faz sacrifício. Esta é a maneira de satisfazer Krishna. Um *vaishnava* não protesta, se Krishna está exigindo um sacrifício ele faz. Ele nem pensa duas vezes⁶⁶⁸.

Além de “não pensar duas vezes” para realizar um sacrifício necessário, o devoto deveria o fazer com “prazer”. Na verdade, como defendia o próprio Prabhupada, o devoto deveria ficar satisfeito diante das dificuldades porque assim, ele poderia se lembrar de Krishna:

Sei que nos últimos anos vocês têm sofrido muitas tribulações para promover a consciência de Krishna na Alemanha. Mas isto não impediu sua determinação de servir à causa do Senhor Chaitanya Mahaprabhu. Um devoto fica satisfeito quando há dificuldade, porque nestas dificuldades ele é forçado a lembrar-se de Krishna⁶⁶⁹.

Os sacrifícios ou austeridades praticadas pelos devotos em *sankirtana* não seriam poucos e a liderança da ISKCON tinha consciência de quais seriam esses inconvenientes:

Por isso, neste sacrifício, *sankirtana*, pode surgir algum sofrimento, algum inconveniente. Sair do templo e só ficar o dia todo fora na rua, ficar de pé, isto já é uma austeridade [...]. Ficar em pé o dia todo é, num sentido, difícil, miserável. Também aproximar-se de pessoas brutas, falar com elas, isto é outro inconveniente. Krishna e o guru não são ignorantes das austeridades executadas pelo devoto sincero, Krishna não é ingrato. E se nós queremos avançar espiritualmente temos que chegar nesse ponto⁶⁷⁰.

Ficar por horas em pé, no espaço público, lidando com “pessoas brutas” na tentativa de vender-lhes alguns livros seria, algo que o guru entende como “miserável”, em um sentido realista. Mas seria justamente através do inconveniente de suportar todas essas dificuldades que o devoto poderia avançar espiritualmente.

⁶⁶⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Consciência de Sankirtana. **Sankirtan Brasil**, n. 2, 2fls., 12-18 abr. 1981, f. 2.

⁶⁶⁹ PRABHUPADA apud DASA, A. T., 1997, p. 13.

⁶⁷⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan de Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 12, 22-28 jun. 1981. Néctar da semana, f. 1.

O sacrifício do *vaishnava* na contemporaneidade seria o *sankirtana*. Se no passado, no período védico, o brâmane, iogue ou mesmo as divindades, precisavam realizar “austeridades” e sacrifícios (como alimentar o fogo sagrado, meditar ou realizar tarefas hercúleas) para desempenhar o seu *dharma*, o *vaishnava* moderno precisaria realizar a austeridade e o sacrifício do *sankirtana*:

Sacrifício quer dizer trabalhar para Krishna e não para nós. Krishna diz no *Bhagavad-Gita* que aquele que não executa sacrifício não pode ser feliz nem nesta vida nem na próxima. E quem pode executar sacrifícios? Aquele que executou austeridades. Por exemplo, Brahma, que é o primeiro devoto deste universo, queria servir mas não entendia nem a sua própria identidade nem a de Krishna. Mas ele ouviu as sílabas *tapah*, austeridade. E sem *tapah*, austeridade, ninguém pode executar sacrifícios. [...] este é o processo das *gopis*; deixar todo o prazer pessoal para servir Krishna, e se um devoto não chega a este ponto, ele não poderá compreender o processo das *gopis* de Vrndavana⁶⁷¹.

O sofrimento, segundo as pregações da ISKCON, seria parte inerente do mundo material e, assim, inevitavelmente, o devoto em sua prática de distribuição de livros também iria se deparar com ele. E a solução para lidar com isso parecia ser um recurso psicológico de ver o sofrimento como “serviço devocional”. Quando perguntado que tipo de consciência o devoto deve ter quanto está fazendo *sankirtana*, Hridayananda respondeu:

Devemos sempre pensar em Krishna. Em sua relação como servo de Krishna. Por que você está em *sankirtana*? Para servir a Krishna! Você deve meditar na sua relação com o mestre espiritual e Krishna. Sempre meditando que é um servo de Krishna. Assim, qualquer problema que vier, você nem vai sentir. [...] Porque isto também faz parte do serviço. Na verdade, tanto faz agradável como desagradável porque tudo é serviço. Portanto, qualquer sofrimento também é serviço. Nós não precisamos de condições materiais agradáveis, isto não é necessário e nem possível porque estamos em *kali yuga* [a presente Era de Ferro]. Em *kali yuga* é sempre muito difícil achar boas condições materiais. Por isso nós devemos encontrar prazer em nossa própria devoção e não nas condições materiais⁶⁷².

Já que o sofrimento seria inevitável na Era do Ferro – a contemporaneidade, segundo a cosmologia hindu. O devoto não deveria se importar com ele e com as “condições materiais desagradáveis”. Isso abria precedentes para interpretações do tipo defendido por Hridayananda Goswami: “Porque eu não sou este corpo, então

⁶⁷¹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan de Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 41, 28 nov./04 dez. Néctar da semana, 1f. As *gopis*, na teologia *vaishnava*, são as devotas mais íntimas da “suprema personalidade de Deus”, que auxiliam nos encontros amorosos entre Krishna e sua contraparte feminina Radha. São tidas como modelo exemplar de devoção e dedicação amorosa ao “Casal Divino”. Suas histórias são narradas, sobretudo, no *Bhagavata Purana* ou *Shrimad Bhagavatam*.

⁶⁷² GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em São Paulo, Parte II. **Sankirtan Brasil**, n. 5, 04-10 mai. 1981. Néctar da semana, f. 1.

posso fazer qualquer coisa com ele, colocando-o em qualquer condição [...] se eu não sou este corpo, não me importa aonde eu o coloco; na rua, nesta rua, na outra rua, na rodoviária”⁶⁷³.

Esta premissa parte de um dos primeiros e mais importantes entendimentos que o Hare Krishna deve ter para adquirir a “consciência de Krishna”: a ideia de que os indivíduos não são os corpos que possuem, mas as almas espirituais que neles habitam⁶⁷⁴. Sendo “almas” e não “corpos”, o Hare Krishna estaria livre para submeter o próprio corpo a qualquer condição em favor do serviço devocional, quer essa condição fosse agradável ou desagradável.

O editor da CS também via com bons olhos o fato dos devotos não se importarem com as necessidades ou “exigências” do corpo enquanto estivessem pregando. Para ele, isso seria extasiante: “É muito extático ver todos os devotos com esta consciência de sair e pregar sem se importar com as exigências corpóreas, sem se preocupar com falsas posições [...]”⁶⁷⁵.

Por outro lado, aqueles que pareciam cansados dos sacrifícios e austeridades executados por anos, seriam vistos negativamente, com um certo tipo de pesar: “É doloroso vermos devotos antigos que parecem ‘cansados da luta’. Esta própria palavra ‘cansado’ é *maya* pois *sankirtana* é *ananda buddhi vardanam*, [ou seja] um oceano interminável de êxtase”⁶⁷⁶.

O devoto deveria reduzir a atenção às necessidades do corpo “até quase zero” para se tornar um missionário bem sucedido:

⁶⁷³ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 7, 11-16 mai. 1981. Néctar da semana, f. 1.

⁶⁷⁴ Esse entendimento parece partir de versos do capítulo 2 do *Bhagavad Gita* onde Krishna diz: “VERSO 12: Nunca houve um tempo em que Eu não existisse, nem você, nem todos esses reis; e no futuro nenhum de nós deixará de existir. VERSO 13: Assim como a alma encarnada passa seguidamente, neste corpo, da infância à juventude e à velhice, da mesma maneira, a alma passa para um outro corpo após a morte. Uma pessoa sóbria não se confunde com tal mudança.

VERSO 14: Ó filho de Kuntī, o aparecimento temporário da felicidade e da aflição, e o seu desaparecimento no devido tempo, são como o aparecimento e o desaparecimento das estações de inverno e verão. Eles surgem da percepção sensorial, ó descendente de Bharata, e precisa-se aprender a tolerá-los sem se perturbar. VERSO 15: Ó melhor entre os homens [Arjuna], quem não se deixa perturbar pela felicidade ou aflição e permanece estável em ambas as circunstâncias, está certamente qualificada para a liberação. PRABHUPADA, A. C. B. S. **O Bhagavad-gita como ele é**. 6ª ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2011.

⁶⁷⁵ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 17, 01-06 jun. 1982, 1f.

⁶⁷⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982, 1f.

Se durante todo o dia fazemos atividades que executamos para a ISKCON isso é rendição. Devemos minimizar até quase zero as atividades que executamos para nós próprios. Assim, pregamos, isto significa que esse é um movimento missionário e a ISKCON é uma sociedade missionária⁶⁷⁷.

O cansaço seria interpretado como *maya* (ilusão), apenas quando fosse relativo ao *sankirtana* ou outros tipos de “serviço devocional”. Mas quando o devoto dedicasse muitas horas de *sankirtana* e se tornasse cansado para satisfazer atividades e desejos relacionados ao corpo, isso seria visto de maneira positiva:

Devoto: Diz-se que para se livrar da luxúria deve-se utilizá-la no serviço devocional à Krishna. O senhor poderia explicar como se poderia usá-la?
Srla Acharyadeva: Fazendo um *sankirtana* apaixonado (risos). Devemos trabalhar tanto, que à noite caímos na... (vocês não dormem em camas... mas) podem cair “no saco” (risos). [...] a melhor coisa é trabalhar seriamente para Krishna. Queimar... esta luxúria pode ser combustível para servir Krishna⁶⁷⁸.

Assim, o “problema da luxúria” seria resolvido através de um “*sankirtana* apaixonado”. O *sankirtana* curaria a luxúria do devoto através do cansaço que a atividade proporciona. O desejo do corpo seria “queimado” como um combustível no serviço à Krishna. Essa seria uma instrução especialmente direcionada aos jovens devotos que, em tese, teriam muita “energia” e poderiam utilizá-la para a satisfação sexual ao invés de dedicar-se à divindade:

[...] O processo é que nós temos tanta energia especialmente agora que somos jovens. Assim temos tanta energia e alguma dessa energia a qual não é usada para Krishna, se tornará veneno dentro do seu corpo e mente. Ela realmente se tornará veneno. Nós devemos estar trabalhando tão duro para Krishna que não exista uma única gota de energia para a luxúria. [...] Uma pessoa tola não tem bastante energia para ir à *sankirtana* e trabalhar muito duro, mas ela tem alguma energia excedente para tornar-se luxurioso, para tornar-se irado, e para falar bobagens. Para isto ela tem energia e tempo, mas ela não dará essa energia para o Movimento de *sankirtana* do Senhor Chaitanya. Isto é chamado *Krpanna*, pessoa miserável. Portanto, todo o problema é que esses desejos pecaminosos devem ser queimados em cinzas no fogo de um *sankirtana* muito árduo e vigoroso⁶⁷⁹.

Dessa forma, em sentido metafísico, a energia corpórea não utilizada em serviço para a divindade se tornaria um “veneno” sob a forma de luxúria e essa pessoa

⁶⁷⁷ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srla Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 18, 30 mai./05 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁶⁷⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula do Bhagavad-Gita (18.73) [dada em] 28 ago. 1983 em Nova Gokula. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 23, 23-29 jul. 1984. Néctar da semana, 1f.

⁶⁷⁹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do *Srimad Bhagavatam*, 22 ago. 1982. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 30, 29 ago./5 set. 1982. NÉCTAR de Srla Acharyadeva, f. 1. O “pecado”, na ISKCON, é frequentemente associado a qualquer desejo por “desfrute material” ou “desfrute dos sentidos pelo objeto dos sentidos”. Em suma, toda atividade que não tenha um objetivo explicitamente espiritual é tida como uma “atividade pecaminosa”.

deveria ser considerada como “miserável” por isso. O segredo para não permitir que esse “veneno” consumisse o indivíduo seria “queimar os desejos pecaminosos” em um *sankirtana* “muito árduo e vigoroso”.

Essa pregação era um esforço muito claro de demonstrar que, até mesmo do ponto de vista moral, teológico ou metafísico dos “pecados” e da “luxúria”, a solução era dedicar-se exaustivamente ao *sankirtana*, segundo as maiores referências da ISKCON do Brasil.

O devoto, para ser tido como maduro ou “avançado”, não deveria buscar a sua própria paz e conforto, mas aquilo que fosse o conforto de Krishna ou o que fosse favorável à missão:

Mas um devoto avançado aceita qualquer situação para Krishna ter paz. E um devoto neófito rejeita qualquer serviço para seu próprio conforto. Nós estamos interessados no conforto de Krishna. Nós não devemos aceitar essa contaminação de procurar minha paz⁶⁸⁰.

Nesse entendimento, mesmo com apelos semanais por mais distribuição de livros por parte dos líderes, os devotos deveriam entender que as cobranças e as maratonas não eram projetos dos líderes da instituição para que os sankirtaneiros “trabalhassem mais”, seriam dádivas de Krishna para o desenvolvimento de uma “atmosfera espiritual”:

Eu expliquei para os devotos de Miami que não podemos ver a maratona como algum arranjo especial dos líderes ou administradores apenas para se trabalhar mais. Esta maratona foi um arranjo especial criado por Krishna para se desenvolver uma atmosfera espiritual. [...] Não podemos ver a maratona como um arranjo material, mas sim como um enorme empurrão para chegarmos a Krishna⁶⁸¹.

Os devotos não deveriam, então, ficar “atormentados” com as obrigações de *sankirtana*, como atingir as cotas ou competir pelos primeiros lugares, pois esse seria um processo “muito positivo e alegre”:

Agora vamos falar de cotas.
Talvez seja uma palavra mágica para uns ou desagradável para outros, dependendo de quem está opinando.

⁶⁸⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula dada por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva em Nova Gokula. **Carta de Sankirtana**, n. 13, 29 jun./04 jul. 1981. Néctar da semana, f. 2.

⁶⁸¹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Especial: recado de Srila Acharyadeva para a maratona de Natal, numa conversa telefônica com Iswara Swami, dia 29 de novembro de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 40, 21-27 nov. 1983. Néctar da semana, 1f.

Cotas não deve ser algo que perturbe a meditação espiritual sob Krishna. O ponto é que nós devemos ter algo na vida que dê uma sensação do que é responsabilidade para com Krishna [...].

A ideia da cota não é um motivo para amaciar ou atormentar o devoto. Muito pelo contrário, é algo muito positivo e alegre, para estimular a competição, criando uma reciprocidade com o mestre espiritual⁶⁸².

Outra face daquilo que vimos acima sobre os benefícios de reduzir às “necessidades do corpo” ao mínimo em favor do “serviço devocional”, diz respeito a alimentação dos *sankirtaneiros*. Como, de maneira geral, os membros da ISKCON evitam comer alimentos feitos por não-devotos e que não sejam consagrados à Krishna (*prasadam*), o distribuidor de livros (principalmente os monges) deveria comer no templo antes de “sair à *sankirtana*” pela manhã e só voltar a comer de novo quando retornasse ao templo, depois de longas horas de jornada. Essa “austeridade” era tomada pelo exemplo do próprio Prabhupada, em pequenas histórias que, de certa forma, romantizam o ato de não comer ou jejuar e apenas pregar:

Após a palestra na praça, houve uma palestra no hotel, e então Srila Prabhupada deveria ir à casa de um devoto em Cuernavaca tomar *prasadam* e descansar. Mas Srila Prabhupada decidiu que ele queria voltar ao templo da cidade do México. Assim, de oito da manhã até as oito da noite, ele não havia tomado nenhum alimento, somente um pouco de água. Nós lhe oferecemos frutas, e outros alimentos, mas ele não queria nada⁶⁸³.

Vejam o exemplo de Srila Prabhupada: de Delhi para Vrndavana e de Vrndavana para Delhi, distribuindo livros a 45 graus de temperatura e com sessenta anos de idade, desmaiando na calçada, fazendo *sankirtana*. Então imaginem um devoto que não quer pregar, isso é uma vergonha. Nós temos corpos jovens e fortes enquanto Prabhupada já era idoso⁶⁸⁴.

Tomando o exemplo pessoal da biografia de Prabhupada, os devotos poderiam se espelhar no guru e passar o dia todo em “serviço devocional”, alimentando-se muito pouco. A ideia “positiva” de um “*sankirtana* fanático” passava pelo fato de não se importar em comer e isso era citado como ensinamento aos devotos:

Inclusive, naquela época os *sankirtaneiros* eram muito fanáticos. Muitos nem compravam *bhoga* [alimentos], nem gastavam, sempre mendigavam e diziam assim: “Não, isto é dinheiro de Prabhupada, é dinheiro de Prabhupada!” Éramos assim estritos, fazíamos *sankirtana* e cada centavo coletado, mandávamos para Prabhupada gastar como quisesse. E assim Prabhupada

⁶⁸² GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Tenha confiança enquanto está em *sankirtana* [Aula dada em Gainesville, Flórida]. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 13, 08-14 abr. 1985. Néctar especial, 1f.

⁶⁸³ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. Que haja um templo [Trecho do livro Srila Prabhupada Lilamrta, v. 5]. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 26, 25-31 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁶⁸⁴ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Se você não está inspirado, o que há de errado? Aula de Srila Acharyadeva dada em Gainesville. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 07, 25 fev./03 mar. 1985. Néctar especial da semana, 1f.

fez [os templos de] Vrndavana, fez Mayapur e agora queremos fazer uma cidade como Mayapur⁶⁸⁵.

Por isso queremos estabelecer este padrão aqui no Brasil, queremos que tanto os devotos quanto as devotas sejam sérios, sinceros, autênticos que se comprometam a servir a Krishna até morrer, e pregar até morrer. Não podemos parar a austeridade, se paramos a austeridade paramos o avanço [espiritual]. Quem está querendo avanço sem austeridade, certamente está enganando a si mesmo, certamente é um tolo e certamente é um fracasso⁶⁸⁶.

Ao reduzir os confortos e até as necessidades básicas pessoais, o sankirtaneiro deveria entender que assim o fazia porque aquela era a missão da sua existência e nada seria tão importante do que o *sankirtana*, nem mesmo a sua vida. Ele deveria fazer *sankirtana* até morrer porque isso seria um sintoma de amor pela divindade:

Serviço devocional puro quer dizer que todos os dias do ano, todos os anos da vida, existe uma maratona de amor por Krishna, de serviço a Krishna. Um devoto puro não quer parar o fluxo de serviço devocional a Krishna pois ele não pode parar o fluxo de amor dentro de seu coração. Por isso nós devemos seguir com esta maratona de *sankirtana* a vida toda. Até morrer. Queremos morrer fazendo *sankirtana*. [...] Por cálculos materiais a pessoa pode pensar que já trabalhou muito, que pode ir tirar férias, ela quer ficar dormindo como um cachorro. Mas pela lógica espiritual nós nem podemos parar o fluxo de amor por Krishna⁶⁸⁷.

E, de fato, alguns sankirtaneiros fizeram *sankirtana* até morrer. Ao menos um, estava justamente fazendo *sankirtana* na hora em que morreu, como relatava uma pequena nota da CS de 1984 que exponho na íntegra: “Pedimos que todos os *vaishnavas* abençoem Srīman Atri Muni Prabhu, antigo devoto e um dos primeiros discípulos de Srīla Acharyadeva, que abandonou seu corpo⁶⁸⁸, atropelado, enquanto fazia *sankirtana* nas ruas do Rio”⁶⁸⁹.

⁶⁸⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srīla Acharyadeva em Nova Gokula. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 30, 12-19 set. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁶⁸⁶ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srīla Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 34, 10-16 out. 1983. Néctar da semana, 1f. Uma reportagem apontava que, em 1976, na rotina diária dos devotos (incluindo os sankirtaneiros) do templo de São Paulo, faziam uma única refeição no dia pela manhã: “Às 9 horas, todos continuam juntos para a primeira e única refeição do dia, preparada por 3 adeptos. Vegetais, arroz com ervilhas, iogurte, vitaminas, pão, grão de bico, leite, água e salada de frutas constituem a forte refeição, preparada segundo receitas médicas”. MACHADO, Helô. As novas missionárias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1976. Nova Mulher, p. 35.

⁶⁸⁷ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 25, 21-27 set. 1981. Néctar da semana, 1f.

⁶⁸⁸ “Abandonar o corpo” é um termo usado na ISKCON para descrever a passagem da vida para morte. Confira o dicionário de verbetes no apêndice.

⁶⁸⁹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 20, 02-08 jul. 1984, 1f. Atri Muni não aparece na extensa lista de devotos participantes do acumulativo anual, nem após a maratona de junho de 1984 nem, após a maratona de dezembro de 1983, quando são publicados os nomes de todos aqueles que distribuíram livros e mandaram resultados ainda que muito poucos. Isso nos faz pensar que provavelmente ele era um sankirtaneiro “coletor” (que vendia objetos e não livros). Outra

A frieza da nota e a maneira como foi retratada – como a narração de algo corriqueiro – chamam a atenção. As “notas do editor” dessa edição traziam discussão e cobranças para aumento do *sankirtana* como em todas as semanas. E a seção reservou apenas três linhas, de seu último parágrafo, para anunciar que um sankirtaneiro morreu em serviço, vítima de um atropelamento. Nenhuma questão foi debatida, nenhum alerta para que os sankirtaneiros tomassem maiores cuidados, nenhum pedido de precaução, muito menos a declaração de apoio aos familiares do vitimado. As edições seguintes também não voltaram, até onde pude perceber, a falar desse assunto e Atri Muni Dasa teve seu último registro na história do *sankirtana*, com um pequeno e desimportante anúncio de sua morte.

Apesar disso, a normalidade discursiva com que a liderança do *sankirtana* no Brasil observava questões como as expostas no presente tópico desta tese, apontam para uma indiferença para com o bem-estar dos seus liderados, com sua saúde física e mesmo psicológica. O editor da CS, por exemplo, dizia não entender por que os devotos se cansam do *sankirtana*:

É sempre comum vermos uma tendência entre os devotos de se “cansarem” do *sankirtana*. Não vejo como os devotos podem se cansar do *sankirtana*. Qualquer devoto pode estar fazendo *sankirtana*, ou liderando um grupo de *sankirtana*, por anos a fio. Se ele está cansado, ou desentusiasmado, é porque ele não está competindo de uma maneira pura⁶⁹⁰.

Embora ele mesmo não fosse uma pessoa que estivesse diretamente fazendo *sankirtana* “por anos a fio”, isto é, nas ruas, no frio, no calor, com fome e com cotas a bater, ele dizia não entender como os *sankirtaneiros* se cansavam já que “qualquer devoto” seria capaz de fazer isso.

Os *sankirtaneiros* eram tidos como personagens importantes na ISKCON pelo trabalho que desempenhavam de pregação e de manutenção financeira. Mas a sua jornada de trabalho e as pressões, inclusive psicológicas, pelos seus resultados e a privação de necessidades básicas do corpo, eram elementos que certamente eram difíceis de lidar, mas que, ao mesmo tempo, deveriam ser tidos pelos devotos, como bênçãos, como “oportunidades de avanço espiritual” ou prazer missionário.

possibilidade seria que ele fazia *sankirtana* mas não enviava resultados (o que seria muito improvável se estivesse em um templo, ou ainda, que ele fosse uma espécie de “sankirtaneiro independente”, sem vinculação com um templo, algo aparentemente raro naquele período.

⁶⁹⁰ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 03, 28 jan./03 mar. 1985, 1f.

Essa dubiedade certamente afetava os sankirtaneiros, inclusive psicologicamente. No próximo tópico veremos como um tipo de “psicologia de *sankirtana*” foi elaborado na ISKCON para orientar seus membros na realização da prática.

4.2.4 A psicologia do *sankirtana*

Entre os anos 1970 e 1980 – que constituíram o auge do *sankirtana* da ISKCON no mundo - não havia muito espaço se para debater questões como bem-estar físico, saúde mental ou respeito aos limites e vontades próprias dos seus membros já que a ciência moderna, a psicologia e a noção de bem-estar eram tidas como “*maya*”.

Assim, de acordo com as pregações da liderança e testemunhos dos *sankirtaneiros* tidos como experientes ou “avançados”, podemos perceber que havia uma espécie de “psicologia do *sankirtana*”, uma série de recursos discursivos que visavam tranquilizar as inquietações dos distribuidores de livros mais jovens ou inexperientes.

Um devoto aconselhava aos sankirtaneiros em um manual de *sankirtana* da ISKCON:

Na distribuição de livros não há prazer pessoal. Quando você está rendido, você obtém prazer, mas no início quando você não está rendido, é a coisa mais difícil de fazer. O *sankirtana* faz você ou quebra você. Ele faz você avançar, ou quebra seu falso ego. Na distribuição de livros você não pode ficar parado. Você não pode evitar o avanço, e isto é bom⁶⁹¹.

Seria necessário um processo de “rendição” (que é claramente psicológica) para que a prática “fizesse” o devoto avançar espiritualmente. O *sankirtana* deveria transformar o devoto, ou mais especificamente, o seu “falso ego” – a “falsa” ou “ilusória” identificação da alma com o corpo físico – para que ele pudesse assumir a identidade de sankirtaneiro com eficácia.

⁶⁹¹ DASA, R. apud DASA, A. T., 1997, p. 26.

Deixar esse “falso ego” para trás, deveria incluir também, o abandono de alguns elementos psico-emotivos. Um exemplo disso é que o servo de Krishna nunca deveria ser “orgulhoso”:

Um servo de Krishna nunca é orgulhoso. Logo que você se torna orgulhoso, não consegue distribuir livros, e fica sem poder. Portanto Krishna dá misericórdia especial aos devotos de *sankirtana*. Ele os torna humildes. Por querer que os livros sejam distribuídos. Krishna ajuda a abater nosso orgulho. Krishna sempre arranja lições novas que nos capacitam a continuar distribuindo livros⁶⁹².

A potência do devoto distribuidor de livros não poderia vir do seu orgulho, mas, da sua humildade. O bom *sankirtaneiro* não poderia esperar por respeito já que, em sua prática, muitas pessoas poderiam xingá-lo, serem rudes com ele. O Movimento Hare Krishna sofria com representações negativas na mídia e isso fazia com que os homens e mulheres de sua linha de frente, acabassem por sofrer atitudes pouco receptivas daqueles que se punham de lado oposto no campo de disputas religiosas e sociais⁶⁹³.

Talvez, por esse motivo, e embasado na teologia *vaishnava gaudiya* que pregava justamente um tipo de humildade radical⁶⁹⁴, o devoto não deveria esperar respeito de nenhum de seus potenciais clientes, na prática do *sankirtana*. Em uma aula, antes de um *maha-sankirtana*, Hridayananda motivava seus ouvintes:

Então a ideia geral em *sankirtana* é: primeiro não querer nenhum respeito pessoal. O devoto que está querendo que outras pessoas o respeitem não pode fazer *sankirtana*. Ele imediatamente fica angustiado porque neste mundo material nós temos que suplicar para as pessoas ajudarem o movimento de Chaitanya Mahaprabhu. [...] O segredo de ser um pregador exitoso é ter um coração humilde. Com o coração humilde você pode se aproximar de cada pessoa e pedir sem prestígio falso, com muita sinceridade: “por favor”. E se for rejeitado, insultado, com o coração humilde você vai para outra pessoa. Este é o segredo de *sankirtana*⁶⁹⁵.

⁶⁹² Loc. cit.

⁶⁹³ Veremos um pouco mais desses embates no último capítulo.

⁶⁹⁴ Na terceira estrofe do único escrito atribuído a Chaitanya, o *Sri Shikshastaka* (“Seis estrofes de instrução”), o fundador do vaishnavismo *gaudiya* instruía sobre o estado de espírito que o devoto deve ter ao se cantar os “santos nomes da divindade”, ou seja, ao praticar o *sankirtana*: “O santo nome do Senhor deve ser cantado em um estado de espírito humilde, considerando-se inferior à palha na rua; deve-se ser mais tolerante do que uma árvore, destituído de todo sentido de falso prestígio, e deve-se estar pronto para oferecer todo respeito aos outros. Em tal estado de espírito, o santo nome do Senhor pode ser cantado constantemente”. VOLTA AO SUPREMO **Sri Sri Siksastaka**. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/artigos/obras-completas/sri-sri-siksastaka/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

⁶⁹⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula de Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 4, 22 fev./01 mar. 1982. Néctar da semana, 1f.

O desenvolvimento da humildade por parte do distribuidor de livros não era somente uma sugestão para o desenvolvimento pessoal. Era uma exigência de trabalho. O devoto deveria tolerar ser insultado e se não suportasse isso, seria o sinal de que “qualidades demoníacas” estariam presentes em sua consciência:

Isto é psicologia prática, que nós temos que ser mais humildes e aí então não vai haver dor. Mas se alguém tem apegos materiais ou falso prestígio, então, quando ele tem que sair nas ruas para pregar, pregação significa que alguém vai insultá-lo. [...] se não temos as boas qualidades, então quando nós pregamos, com uma pregação humilde, alguém vai nos insultar, alguém vai nos rejeitar, e isto vai ser intolerável para nós. Mas na verdade isto tudo é qualidade demoníaca. Existem pessoas que não podem tolerar serem insultadas. Esta é uma das qualidades demoníacas: de que se alguém me insulta eu não posso tolerar isto, isto é intolerável⁶⁹⁶.

Os demônios não toleram serem insultados. A vida inteira dos demônios está voltada a arrumar as coisas para que ninguém ousem criticá-los. É por isso que eles trabalham tanto, querem dinheiro e fama para que ninguém os critiquem. Este desejo de que ninguém pode me criticar é demoníaco. Se nós abandonamos esta mentalidade e saímos humildemente para pregar nós estamos jogando fora toda essa porcaria de falso ego⁶⁹⁷.

Hridayananda parece ter proferido essas palavras duras na tentativa de instruir qual a mentalidade ou recursos psicológicos que os distribuidores de livros deveriam ter em sua atividade cotidiana. No entanto, ele tinha consciência de que para alguns devotos, a obrigação de fazer *sankirtana*, com todos os detalhes envolvidos que foi discutido nesse capítulo, poderia ser perturbador, algo psicologicamente dolorido, comparado a uma “punição” ou ao ferimento de uma faca:

Devota: Srila Acharyadeva, o que um devoto deve fazer para vencer essa competição que é estimulada entre os sankirtaneiros, sem ficar perturbado na vida espiritual?

Srila Acharyadeva: Se ele fica perturbado é devido a sua impureza. A competição é boa, por impureza a pessoa se perturba⁶⁹⁸.

Assim como alguns devotos consideram que a punição mais horrível é sair e fazer *sankirtana*. Na verdade, alguns devotos estão pensando desta maneira. E por quê? Porque este devoto está no conceito corpóreo da vida. O devoto então se torna muito orgulhoso e nesta condição muito orgulhosa é intolerável para ele sair e mendigar às pessoas na rua. Se as pessoas o insultam então ele se sente como se uma faca tivesse ferido seu coração⁶⁹⁹.

⁶⁹⁶ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 20, 19-24 jun. 1982. Néctar da semana, 1f.

⁶⁹⁷ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 1, 10 fev. 1982. Néctar da semana, 1f. “Demônios”, no sentido atribuído pelo autor, são pessoas de “qualidades demoníacas” – e não entidades sobre-humanas detentores e agentes da maldade, como nas religiões judaico-cristãs. Na prática, o termo era usado para se referir às qualidades dos *karmis* ou não-devotos.

⁶⁹⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do *Bhagavad-Gita* (18.70) [dada em Nova Gokula em 25 ago. 1983]. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 11, 29 abr./05 mai. 1984. Néctar da semana, 1f.

⁶⁹⁹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 20, 19-24 jun. 1982. Néctar da semana, 1f.

Assim, o *sankirtana* poderia soar como uma contradição na mente do devoto: de um lado, a vontade de fazer algo tido como grandioso, a prática espiritual mais sublime; e do outro, os desafios de transformação, inclusive de ordem psicológica, que o sankirtaneiro deveria passar para poder suportar a prática. O relato pessoal de um distribuidor de livros esclarece um pouco dessas questões e como os desafios do *sankirtana* podiam afetar psicologicamente os devotos:

Um dia, após tentar distribuir pelos menos por sete horas, eu tinha vendido apenas um livro. Nunca tinha acontecido nada assim comigo antes, durante toda a minha vida de devoto. Eu realmente trabalhei o dia todo. Eu não parei um minuto. Naquele ponto então, eu não pude mais aguentar. Eu tentava dar os livros a todos, e simplesmente eles jogavam o livro de volta para mim de uma maneira muito inflada⁷⁰⁰. Eu tinha tanto desejo, eu estava tentando tão duro, que quando uma pessoa fez isso para mim ela simplesmente me arrasou. Eu só queria dar um soco no nariz dessa pessoa. Toda a minha intensidade saiu, e eu comecei a chorar com lágrimas. Eu simplesmente me sentei num banco de jardim e comecei a chorar⁷⁰¹.

O peso de ser tido enquanto um fracasso, a ideia de não ter se dedicado mais ou da maneira certa para distribuir os livros (que em última instância tinha o objetivo de agradar ao mestre espiritual e à Krishna), sentimentos como a vergonha, a insatisfação e a culpa poderiam afetar psicologicamente os sankirtaneiros. Como diria uma sankirtaneira do Rio:

Naquele dia, uma vez mais, sai para ajudar o meu parceiro a carregar os livros com desejo de fazer muito *sankirtana*. Embora o dia começasse meio desanimado mesmo assim trabalhamos até a hora de voltar e o resultado não foi o esperado. No templo, nem fui à tesouraria, senti-me envergonhada, e fui terminar a minha *japa* no fundo do quintal... Mas não sei porquê, comecei a chorar e o líder de *sankirtana* vendo-me assim perguntou se meu parceiro havia sido atropelado. Eu não sabia o porquê... Sentia-me muito insatisfeita por não ter dado entusiasmo a meu parceiro de *sankirtana*⁷⁰².

Mas esse peso que alguns devotos poderiam sentir era, como vimos, frequentemente tido como “contaminação” espiritual, como *maya* (ilusão). As perturbações e inconvenientes que o sankirtaneiro poderia passar eram vistos como “vantagens”, coisas “saúdáveis” à consciência do indivíduo e como sintomas de vida espiritual, no discurso da liderança:

Assim, por ter a cabeça raspada algumas pessoas irão rir e rejeitar, mas isso na verdade é grandíssima vantagem. Pelo menos algumas vezes por dia

⁷⁰⁰ Sobre o termo “inflado”, confira o dicionário de verbetes no apêndice.

⁷⁰¹ DASA, Praghosa apud GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 3, 14-19 fev. 1983. Néctar da semana, f. 1.

⁷⁰² NÉCTAR do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 13, 25 abr./01 mai. 1983. Néctar da semana, f. 2. O fato do líder de *sankirtana* ter perguntado à devota se seu parceiro tinha sido atropelado durante a prática nos faz pensar se o atropelamento de sankirtaneiros foi algo corriqueiro na história da ISKCON, embora só tenhamos encontrado o caso de Atri Muni Dasa.

devemos ver as pessoas rindo de nós. Isso é muito saudável. [...] Portanto, tudo referente ao nosso movimento, as inconveniências, os problemas dos chefes de família, essas coisas foram intencionalmente colocadas por Prabhupada, porque é muito saudável, é muito bom. É declarado no *Srimad Bhagavatam* que as inconveniências materiais são bênçãos. É uma bênção estar numa situação difícil materialmente. [...] Devemos entender a ISKCON exatamente como Prabhupada a estabeleceu. Com todos os seus inconvenientes, com todas as suas perturbações, e com todos [os] seus problemas, isto é vida espiritual⁷⁰³.

Essa exigência de “ser para o outro”, na ISKCON, era uma característica do devocionalismo *vaishnava*, no sentido que o devoto “só existe” em função do amor que deve intercambiar com a divindade. Mas, também, podemos perceber que a característica missionária e o processo de institucionalização que a religião passou entre os séculos XIX e XX, conferiu ao Movimento Hare Krishna a ideia de que o “ser para o outro”, também se dava entre o indivíduo em relação a instituição: o devoto deveria, além de um “ser para Krishna”, um “ser para o guru” e um “ser para a ISKCON”, pois os três não eram (ou deveriam ser) entendidos como entidades distintas em termos qualitativos.

O devoto deveria aceitar ser tratado duramente, inclusive, pelas próprias autoridades da ISKCON porque, em última instância, a instituição é o próprio Krishna:

Mesmo se alguém lhe ofende, mesmo se alguém lhe trata duro, por que você não deve aceitar que é Krishna que está lhe tratando duro? Chaitanya Mahaprabhu disse: “Você pode me abraçar ou me maltratar”, Prabhupada disse que a ISKCON é Krishna. Mas essas pessoas nunca vão deixar que Krishna os trate de uma maneira dura. Mesmo se na forma deste movimento Krishna me trata muito duro, então eu abandono este movimento. Essas pessoas não estão na plataforma de incondicionalmente⁷⁰⁴.

Assim, além de todas as questões elencadas no tópico anterior sobre a grande carga de trabalho, sobre como não poderia haver cansaço e como os resultados precisavam ser alcançados, o sankirtaneiro deveria se submeter ao tratamento áspero de clientes nas ruas e autoridades institucionais, e ainda ver tudo isso como bênção espiritual.

⁷⁰³ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁷⁰⁴ DEVI DASI, Gopi Gita. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva no dia 04 mar. 1982 em Mayapur-dhama (continuação). **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 12, 18-24 abr. 1983. Néctar da semana, f. 3. Em outra ocasião, o guru defendia como o discípulo não deveria ter gostos pessoais, mas, apenas gostar do que o guru deseja: “Deixe sua mentalidade mundana de gosto, disso, não gosto daquilo, quero isso e não quero aquilo. Isso é material. O que importa é o gosto de Krishna e do guru. Se estivermos fixos em consciência de Krishna, então seremos fixos na ordem do mestre espiritual. Este é o único ponto que deve importar para o devoto”. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do *Bhagavad-Gita*, capítulo 8, verso 7 dada no dia 18 abr. 1982. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 2, 07-12 fev. 1983. Néctar da semana, f. 1-2.

A psicologia do *sankirtana* poderia ser de difícil assimilação para alguns, tanto que, nos anos 1990, uma série de mudanças sociais foram impulsionadas pela debandada de membros da ISKCON, como discutimos. Certamente, essa estratégia institucional para alcançar sucesso na distribuição de livros visava resultados rápidos (vendas e conversão), mas não visava uma manutenção realmente saudável do seu próprio corpo de membros a longo prazo⁷⁰⁵.

Ao mesmo tempo, essa “psicologia do *sankirtana*” não pode ser confundida com o que foi chamado pela mídia de “lavagem cerebral”. Como veremos no quinto capítulo, a ideia passada pelas mídias nos anos 1970 de que o Movimento Hare Krishna realizava uma série de ações que transformaria os jovens ingressantes em “robôs de mantras”, em jovens “despersonalizados”, em “idiotas” e que os mesmos eram vítimas passivas da alienação de “gurus” é bem diferente do quadro aqui descrito. Enquanto aqui procurei descrever como a ISKCON acabou por negligenciar o bem-estar e a saúde psicológica dos seus membros, sobretudo, dos sankirtaneiros, a ideia de “lavagem cerebral” como perpetuada pelas representações midiáticas, procurava inferir que o simples fato de aderir a uma religião pouco conhecida no Ocidente faria com que quadros psicopatológicos ocorressem automaticamente nos convertidos, como se os convertidos não tivessem autonomia ou agência sobre si mesmos.

No último tópico deste capítulo, iremos refletir sobre algumas ações que foram implementadas pelos sankirtaneiros como forma de resistir aos apelos constantes por distribuição de livros.

4.2.5 Resistências ao “*sankirtana* fanático”

⁷⁰⁵ A partir dos anos 2010, a ISKCON passou a adotar oficialmente orientações de como mudar o tratamento dispendido aos seus membros, através dos programas e cursos de “cuidado aos devotos” (*devotee care*). Cf. DEVOTEE CARE EDUCATION. **About devotee care course**. Disponível em: <https://devoteecare.org/course>. Acesso em: 18 jun. 2021. Esse tipo de postura só passou a ser aplicado décadas depois de uma estrutura hierárquica que era, de um determinado ponto de vista, abusiva. Nos anos 1990, por exemplo, as mulheres da ISKCON passaram a exigir mais participação das devotas e mudanças na cultura “misógina” da instituição. Cf.: KNOTT, Kim. Healing the heart of ISKCON: the place of women. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p. 291-311.

O que foi chamado interna e positivamente pelos membros da ISKCON de “*sankirtana* fanático” era um esforço coletivo por aumentar a distribuição de livros, mas, principalmente, um discurso institucional para pressionar seus membros a realizarem esforços cada vez maiores dos *sankirtaneiros*. Como vimos, isso incluía a aceitação de uma lógica e estrutura mercadológica, incentivos ou depreciação de membros que não se dedicavam a contento, e de uma psicologia que visava orientar ou transformar a mentalidade dos *sankirtaneiros* para lidar com a prática de uma maneira mais eficiente.

No entanto, como já ficou implícito ao longo do capítulo, nem todos se adequavam às normas e apelos pelo aumento progressivo do *sankirtana*. Se por um lado, a alta cúpula da estrutura institucional da ISKCON e BBT pressionavam as lideranças menores (presidentes de templo e líderes de *sankirtana*) e, sobretudo, os *sankirtaneiros*, por outro lado, esses últimos nem sempre cediam às aspirações idealistas do “*sankirtana* fanático”.

Diante de um quadro em que havia atores sociais que impunham “lugares” de definição de sua própria identidade (social, cultural e religiosa), muitos membros do Movimento Hare Krishna parecem ter adotado “astuciosamente” posturas “táticas” como forma possível de atuação⁷⁰⁶.

Como os *sankirtaneiros* comuns não apareciam na CS e, dificilmente teriam suas críticas, reclamações ou artimanhas publicadas em qualquer mídia da ISKCON ou BBT, o que restou nessa pesquisa foi observar nas entrelinhas ou entrespaços, algumas das táticas ou resistências que os membros hierarquicamente inferiores da estrutura do *sankirtana* buscaram para escapular daquilo que esperavam que eles fizessem.

Podemos notar algumas dessas questões nas cobranças constantes do editor da CS, por exemplo. Em uma ocasião, ele protesta contra a dedicação dos membros

⁷⁰⁶ Segundo Certeau, a tática é uma forma de atuação daqueles que não possuem um lugar de hegemonia na sociedade. “Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar sem dúvida lhe permite mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. Em suma, tática é a arte do fraco” (CERTEAU, 2012, p. 94-95).

da ISKCON à outras atividades que não a distribuição de livros e dizia que não era fanatismo da BBT enfatizar o *sankirtana*:

O que está acontecendo com os diferentes templos do Brasil? Parece que a maioria deles resolveu descansar. [...] Será que é tão difícil todos manterem seus bons resultados, ou será que agora todos estão ocupados em outros programas mais sofisticados, capazes de dar “melhor” resultado? A maior ênfase deve ser dada ao *sankirtana* e isto não é nenhum fanatismo de nossa parte⁷⁰⁷.

Primeiro a liderança admitia, com certo orgulho e de maneira (im)positiva, a existência de um “*sankirtana* fanático”. Mas quando a cobrança pedia por melhores resultados, o diretor da BBT declarava não ser “nenhum fanatismo” de sua parte - agora, no sentido negativo – a cobrança por melhores resultados.

Isvara Swami desconfiava que os resultados abaixo do esperado poderiam ter sido motivados por dois tipos de conduta. A primeira, o “descanso”, como vimos, era algo tido como *maya*: não há descanso do *sankirtana* porque é uma atividade tida como “espiritual” e, assim, não sujeita às leis do mundo material. Sendo assim, não deveria haver descanso para os devotos empenhados no *sankirtana*, do ponto de vista da liderança. Mas diante de uma carga excessiva de trabalho missionário, o descanso (ou a simples não realização do *sankirtana*) poderia ser um recurso utilizado pelos devotos como forma de recusa à um apelo por trabalho constante.

O outro recurso que o editor denunciava era a suposição de que os líderes de templos estivessem priorizando “outros programas mais sofisticados”. O termo “sofisticado” era utilizado entre os membros da ISKCON como uma expressão para definir condutas tidas como negativas, equivalente a “moderninho” ou “não-tradicional” (em sentido pejorativo)⁷⁰⁸. De fato, além da distribuição de livros, existiam outros tipos de arrecadação, como a venda de incensos e outros objetos, venda de comidas lacto-vegetarianas e até mesmo, a criação de restaurantes e pousadas (no caso de comunidades rurais) de iniciativa institucional ou particular (dos devotos).

Em uma reunião de líderes brasileiros, o mesmo personagem admitia para o representante do GBC para a ISKCON do Brasil que os sankirtaneiros queriam ver outras coisas crescerem, não somente o *sankirtana*: “Os sankirtaneiros têm muita vontade de ver que, em paralelo com essa distribuição de livros, cresça rapidamente,

⁷⁰⁷ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982, 1f.

⁷⁰⁸ Confira o dicionário de verbetes no apêndice.

também, todos os outros programas...”⁷⁰⁹. Mas, Hridayananda tentava enfatizar que tudo estaria fluindo a partir da dedicação ao *sankirtana*:

Srila Acharyadeva: Mas tudo está crescendo! [...] O movimento está cheio de mansões no Brasil. [...] O movimento está crescendo, temos uma fazenda grande, estamos construindo, estamos abrindo novos templos, o número de devotos está crescendo tanto, tudo está crescendo. Inclusive podemos ver que nos lugares onde não vendem livros não tem bons resultados⁷¹⁰

Assim, outras soluções financeiras, que não a distribuição de livros, eram desencorajadas ou vistas como consequência dela, sobretudo pela BBT, porque afetavam diretamente às suas finanças e, por isso mesmo, aspirava que os devotos fossem “obrigados a depender” somente das vendas de livros: “Podemos ver, às vezes, que os devotos acostumados apenas a um tipo de coleta já não conseguem mais vender muitos livros diretamente. Todos os devotos devem ser obrigados a depender da venda de livros, um a um, no *sankirtana*”⁷¹¹.

Uma das questões que mais percebemos nas entrelinhas das páginas da CS, foi a “ressaca” ou “férias” após a execução das “maratonas de *sankirtana*”. Sobretudo, após a maratona de dezembro, os templos tinham resultados muito baixos e alguns, simplesmente nem enviavam resultados durante algumas semanas consecutivas. E apesar dos avisos, pedidos e até coações para que houvesse distribuição de livros intensa em meses como janeiro e fevereiro, os templos pareciam insistir em ter “férias de verão”:

E também Srila Acharyadeva sempre pediu que nunca parássemos de fazer *sankirtana* durante janeiro e fevereiro, embora todos os devotos já considerem erroneamente que este período é como umas férias de verão. Isto não existe no dicionário dos devotos⁷¹².

As férias pós-maratona não deveriam existir no “dicionário dos devotos”, mas, na prática, era o que acontecia. E não era um elemento declarado ou oficializado pelos devotos ou presidentes de templo – provavelmente porque não o poderia ser. Simplesmente os resultados não chegavam, não eram enviados e o diretor da BBT

⁷⁰⁹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 2.

⁷¹⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 2.

⁷¹¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. n. 33, 20-26 set. 1982, 1f. Veremos mais adiante na presente tese, uma discussão específica sobre as “coletas”.

⁷¹² SWAMI, Isvara. O troféu a melhor maratona. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982. Notas do editor, 1f.

tecia suas cobranças⁷¹³. Em 1983, Isvara reclamava da “ressaca” pós-maratona: “Parece que houve uma ressaca generalizada depois da maratona. Os nossos resultados totais caíram para menos do que 1.500 pontos, a média que um templo grande deveria estar fazendo”⁷¹⁴. Em 1985, o mesmo fenômeno era criticado pelo líder: “Definitivamente começamos o 3º ano da renovação (10.000 pontos) com muita ressaca pós-maratona”⁷¹⁵.

Os meses iniciais do ano eram um desafio para as famílias de menor rendimento no Brasil, devido aos gastos de fim de ano, de viagens de férias e aos preparativos do início do ano, como gastos com material escolar, imposto de renda e outros. O mercado editorial, por exemplo, sofria com a diminuição de publicidades em suas revistas⁷¹⁶.

O período dos primeiros meses do ano também é de intenso calor no Brasil e, além de constituírem o período de férias de verão (inclusive escolares), ainda havia a questão cultural de que o calendário no país “só começa” após o carnaval (entre fevereiro e março)⁷¹⁷. Além disso, como a maioria dos devotos passavam a “Maratona de Natal” em serviço devocional, muitos poderiam escolher visitar suas famílias no período de réveillon ou em janeiro. Esses poderiam ser fatores que também desencorajavam o *sankirtana* ou os sankirtaneiros nesse período.

Por essa insistência dos devotos em manter um período de recesso ou relaxamento em janeiro e fevereiro que a administração da ISKCON e BBT criou a

⁷¹³ Em 1982, por exemplo, houve uma parada no *sankirtana* da zona Norte (que incluía estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil), logo após a “maratona de julho”, enquanto que outras zonas continuaram mais timidamente. Isso indica que os acordos de “férias” poderiam se dar de maneira local, com seus líderes diretamente acima na hierarquia. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 18, 07-12 jun. 1982, 2fls.

⁷¹⁴ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 21, 20-26 jun. 1983, 1f.

⁷¹⁵ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 24, 01-07 jul. 1985, 1f.

⁷¹⁶ Sobre a revista *Nova Cosmopolitan*, Bueno comenta: “as empresas preferiam investir nos meses finais do 2º semestre. Em geral, de janeiro a maio as edições eram menores e com menos propagandas”. BUENO, Juliana Fleig. **A mulher (re)paginada**: as representações da “nova mulher” e o discurso de beleza na revista *Nova Cosmopolitan* na década de 1980. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013, p. 75.

⁷¹⁷ Sobre “começar o ano” depois do carnaval, Costa e Andrade comentam: “Não podemos negar que o carnaval é realmente um período especial para nós brasileiros, por isso somos considerados o ‘país do carnaval’, aqui já havendo uma construção acerca da brasilidade, que tem na música de Lamartine Babo de 1934 uma definição bem clássica do país e da festa representada no seguinte trecho: ‘*Quem foi que inventou o Brasil?/ Foi o seu Cabral, foi o seu Cabral/ No dia 22 de abril/ dois meses depois do Carnaval*’”. COSTA, Cândida Rosa Ferreira; ANDRADE, Regina Glória. Carnaval, samba e comunicação no Morro. **Intercom**, 02-06 set. 2003, p. 1-2.

Maratona de Verão, em 1985 que, como vimos, teve um resultado inicial, mas nem de longe representou o esperado. Alguns templos nem chegaram a mandar seus números.

Além das “ressacas” ou “férias” pós-maratona, parece que havia também movimentos de resguardar esforços antes desses períodos de intensa distribuição de livros:

Em relação aos resultados da semana, podemos dizer que o mês de novembro tem sido um fracasso. Essa semana ninguém fez sua cota e infelizmente parece que todos estão tirando uma soneca antes da maratona⁷¹⁸.

Apenas 3 templos enviaram resultados nessa semana de pré-maratona [...] ⁷¹⁹.

“Tirar uma soneca” antes da atividade intensa do *sankirtana* poderia ser uma outra maneira de resistir às pressões institucionais por um “*sankirtana* fanático” e buscar na força da paralização, um descanso. As “maratonas” de maior duração certamente demandavam mais esforços, principalmente a de dezembro - que foi a primeira e continuou sendo o momento em que um maior número de membros da ISKCON se dedicavam integralmente à distribuição de livros.

Assim, especialmente nessas ocasiões, devotos e presidentes de templo poderiam promover períodos de resguardo para descanso ou para se dedicar a “outros compromissos”, para o desespero do editor da CS:

Houve templos que simplesmente não fizeram *sankirtana* e nem mesmo deram a mínima satisfação e houve até templos que deram a desculpa de que estão resolvendo vários “outros compromissos” e não podem mais fazer tanto *sankirtana*. Mas qual é o nosso compromisso além do *sankirtana*?⁷²⁰.

Alguns devotos pareciam ousados ao darem “desculpas” ou mesmo “criticarem” às instâncias superiores do *sankirtana* pela pressão exercida por maiores resultados:

Muitos devotos ousam criticar dizendo que é muita pressão a cota da *Carta de Sankirtana*. Mas será que ainda não entendemos que se não tivermos uma cota, um objetivo fixo, não seremos conscientes de Krishna? Seremos contaminados com a infernal tendência *sahajya* se não colocarmos o *sankirtana* como o centro de nossas vidas⁷²¹.

⁷¹⁸ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 38, 07-13 nov. 1983, 1f.

⁷¹⁹ **CARTA de Sankirtana**, ano 3, n. 40, 21-27 nov. 1983.

⁷²⁰ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982, 1f.

⁷²¹ SWAMI, Isvara. Comentário geral. **Carta de Sankirtana**, ano 5, edição extra da maratona de junho, jun. 1985, f. 1. “*Sahajya*” é um termo utilizado de forma pejorativa pelos membros da ISKCON para se

Assim, apesar de haver um silêncio na CS sobre a opinião dos membros comuns da ISKCON em relação ao *sankirtana*, sobre as metas, cotas e apelos por uma carga de trabalho missionário cada vez mais intensa, podemos perceber que os devotos não aceitavam tudo isso humilde, passiva ou submissamente, como talvez fosse o esperado pela liderança.

Havia até mesmo reivindicações por parte dos sankirtaneiros de que os presidentes de templo se dedicassem tanto quanto eles. Em uma conversa entre os líderes brasileiros e Hridayananda Goswami, este teria respondido acerca da polêmica de que alguns sankirtaneiros exigiam demais de seus presidentes querendo que eles fossem iguais ou tão dedicados quanto eles:

Temos que manter a prioridade. Primeiro *sankirtana*. E Prabhupada disse que se nós vendemos livros, isto trará tudo. Mas se não acreditamos nisto, nossa posição é agnóstica. Se nem acreditamos na palavra de Prabhupada, nós somos tolos inúteis⁷²².

Dando razão aos sankirtaneiros que queriam maior dedicação por parte de seus líderes imediatos, Hridayananda valorizava assim, a lógica de produtividade de alguns sankirtaneiros dedicados em detrimento dos administradores locais que poderiam propor outras atividades fora do contexto da distribuição de livros. No entanto, se a proposta fosse de fazer menos *sankirtana*, como discutimos, o discurso mudava de tom.

Em resumo, nos anos 1970 e 1980 não havia muito espaço a ser ocupado por aqueles que ingressavam na ISKCON do Brasil, para além do *sankirtana*. Não havia muita escolha. Logo após decidir “se render”⁷²³ ao Movimento Hare Krishna, o devoto receberia instruções e treinamentos básicos e, ao menos por algum tempo, seria encaminhado para as ruas, ônibus e outros locais públicos para fazer *sankirtana*, quer fosse este o seu interesse na religião ou não. No entanto, como vimos nas linhas acima, nem tudo era aceito passivamente. Havia sempre artimanhas para fugir da imposição de um “*sankirtana* fanático”.

referir aos praticantes de vaishnavismo da Bengala que mesclavam a teologia de Chaitanya com práticas do tantrismo.

⁷²² GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 3.

⁷²³ Confira o significado da expressão no dicionário de verbetes no apêndice.

Em último caso, os membros da ISKCON podiam deixar o *sankirtana* de lado, criando aversão à atividade e assumir-se enquanto “caídos”⁷²⁴ ou até mesmo deixarem a religião por não conseguirem mais se dedicar à prática. Como comentava Isvara Swami naquela reunião de líderes: “Nós vemos que muitos sankirtaneiros passam algum tempo fazendo *sankirtana*, depois a maioria deles caem ou então pegam uma aversão a *sankirtana*”⁷²⁵.

Essa era a constatação do maior incentivador da distribuição de livros na ISKCON do Brasil, justamente por ser o diretor da BBT e editor da CS. É evidente que ele e outros líderes entendiam que havia algo de errado, mas, enquanto discursivamente colocavam a culpa na fraqueza espiritual dos devotos, no investimento em programas que não eram mais importantes do que a distribuição de livros, internamente, entre seus pares, ele podia constatar que algo não dava certo na ideia daquele “*sankirtana* fanático”.

Para ele, os “devotos avançados” é que conseguiriam suportar todas as “austeridades” e distribuir livros com muito “entusiasmo”:

Os devotos mais avançados são, realmente, os que sempre mostram muito entusiasmo pela distribuição de livros. Srila Acharyadeva sempre considera os devotos em termos deste ponto. Pois quem quer avançar espiritualmente tem que ficar neste movimento, e quem quer ficar neste movimento tem que ser fanático por *sankirtana*⁷²⁶.

É possível que Isvara tenha percebido, anos depois, que nem todos os membros da ISKCON eram “avançados” o suficiente para se dedicar tão intensamente à uma mesma atividade por anos e anos. Quem sabe ele tenha percebido que ele mesmo não era “avançado” o suficiente para continuar liderando o *sankirtana* no Brasil, uma vez que deixou todos os seus serviços na ISKCON no final da década de 1990. Talvez, ele (e muitos outros devotos de Krishna) tenha desistido de ser “fanático” por *sankirtana* e que, por isso mesmo, já não tinha mais espaço para continuar ativo em uma instituição que não parecia aceitar de bom grado essa diferença.

⁷²⁴ Confira o dicionário de verbetes no apêndice.

⁷²⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 4-5.

⁷²⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 39, 14-20 nov. 1983, 1f, grifo do autor.

5 PRÁTICAS E MODOS DE FAZER O SANKIRTANA NO BRASIL

“O *sankirtana* foi a constituição do mundo religioso da ISKCON” (Rochford Junior)⁷²⁷.

Depois de fazer um passeio sobre o desenrolar da história do *sankirtana* no Brasil, iremos, no presente capítulo, observar um pouco mais de perto, como os *sankirtaneiros* e líderes de *sankirtana* elaboraram uma série de maneiras de fazer sua prática e como eles as representavam.

Considero que esse capítulo se faz necessário porque a análise das fricções entre práticas, representações e tensões sociais podem indicar ao historiador caminhos que ajudam a entender as maneiras pelas quais os fios da história se desenrolam. Como diria Michel de Certeau:

Uma das tarefas da história consiste em medir a distância, ou as relações, entre a formalidade das práticas e a das representações; por aí se pode analisar, com as tensões que trabalham uma sociedade na sua espessura, a natureza e as formas de sua mobilidade⁷²⁸

Compreender como os membros da ISKCON entendiam suas práticas e a maneira como as executavam pode nos dizer muito sobre as tensões que o Movimento Hare Krishna passou, tanto interna, quanto externamente ao longo dos anos em relação à sua principal atividade missionária e econômica.

Nas linhas que se seguem, refletiremos sobre a diversidade de práticas e lugares que envolvia a arte da distribuição de livros e as implicações dessas maneiras de fazer. Mas, antes, vamos focar nos livros e objetos distribuídos no *sankirtana* brasileiro.

5.1 “UM LIVRO NÃO TEM HORÁRIO DE EXPEDIENTE E NUNCA SE CANSA”: OS LIVROS, REVISTAS E JORNAIS DE SANKIRTANA

Para compreender os diversos modos de fazer o *sankirtana* é necessário prestar um pouco mais de atenção na variedade de literatura distribuída pelos

⁷²⁷ ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 83.

⁷²⁸ CERTEAU, 2008, p. 162.

sankirtaneiros. Assim, neste tópico iremos observar alguns elementos importantes sobre os livros, revistas e jornais distribuídos pela ISKCON no Brasil. Também iremos observar como os Hare Krishna entendem os livros que distribuem, observando as representações construídas sobre eles.

5.1.1 Livros pequenos e médios

Os livros pequenos sempre foram destaque na maneira de fazer o *sankirtana* no Brasil. Segundo as estatísticas da WSN, o país aparece em quinto lugar quanto ao total de literatura distribuída no ranking de países, considerando todo o histórico e englobando todos os tipos de livros⁷²⁹.

Os dados da revista também se dividem quanto ao formato dos livros: o Brasil aparece em terceiro no ranking de livros pequenos; em quinto, quanto aos livros médios; em nono, em relação aos livros grandes; e fora da lista quanto aos livros “*maha-grandes*”; também aparece em nono, quanto ao quantitativo total de revistas distribuídas.

Isso nos diz muito sobre o tipo de livro produzido pela BBT brasileira e comprado pelos leitores interessados no país. Os livros menores certamente eram mais baratos de se produzir e mais rápidos de vender pelo seu preço de venda reduzido e pelo baixo poder de compra do consumidor brasileiro em relação a outros países do norte global. Os livros pequenos também poderiam facilitar as táticas de vendas baseadas em doações espontâneas, já que poderiam render lucros maiores.

Além disso, as temáticas específicas e mais introdutórias que os livros pequenos traziam - tais como *karma*, reencarnação, vegetarianismo, meditação e estilo de vida – poderiam cativar mais facilmente o leitor leigo do que outros assuntos mais complexos trazidos em livros centrais para a teologia *vaishnava*, como a *Bhagavad Gita* e o *Bhagavata Purana* (chamado também de *Srimad Bhagavatam*).

⁷²⁹ WORLD SANKIRTANA NEWSLETTER. **World records for book distribution from 1979 to 2021.** Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnwrec.htm#pageCT>. Acesso em: 10 jan. 2022.

Os livros pequenos, geralmente eram compilados de aulas, entrevistas, livros e palestras de Bhaktivedanta Swami Prabhupada sobre assuntos específicos, traziam um número reduzido de páginas e um formato de capa mole. Na imagem abaixo, vemos um catálogo de livros pequenos da BBT presente na revista DVS distribuído para o público em geral que continham aproximadamente 64 e 32 páginas, num formato de 13x20 cm.

Figura 10 - Catálogo de livros pequenos da BBT (com detalhe)

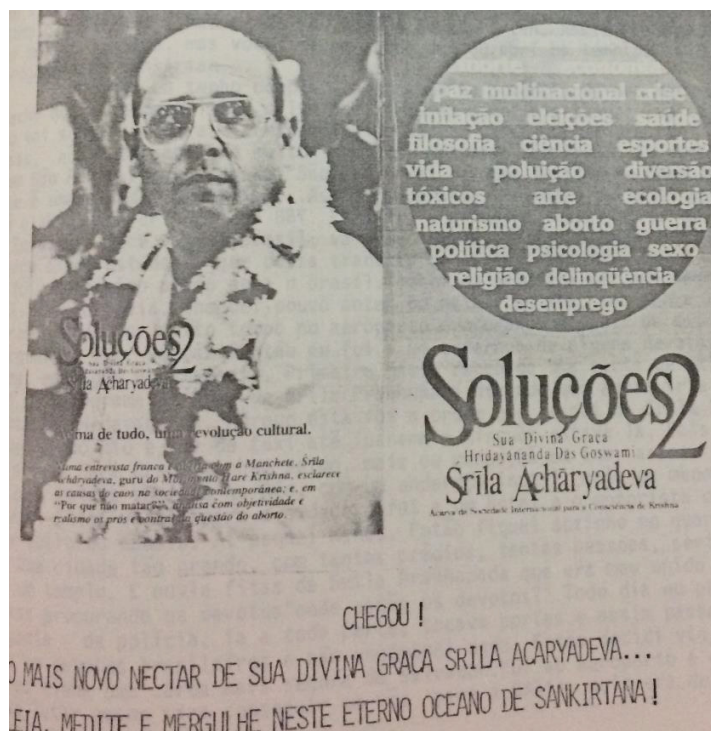


Fonte: De volta ao Supremo⁷³⁰

Logo após a morte do fundador da ISKCON, a BBT passou a publicar também livros de outros gurus da instituição, como Hridayananda Dasa Goswami que também eram distribuídos publicamente nas ruas pelos sankirtaneiros. O livro *Soluções*, um compilado de perguntas e respostas com Hridayananda, é um exemplo dos tipos de livros pequenos que circularam no Brasil e que, como era recorrente nas palestras do guru, tratava dos males na sociedade moderna e apontava como “solução”, a prática e o conhecimento espiritual Hare Krishna.

Figura 11 - Divulgação do livro *Soluções 2*

⁷³⁰ **VOLTA AO SUPREMO**, 1995, n. 6, p. 24-25. Alguns dos títulos que aparecem no catálogo são: *A perfeição da yoga*; *Fácil viagem a outros planetas*; *A caminho de Krishna*; *Além do nascimento e da morte*; *Meditação e super consciência*; *Civilização e transcendência*; *Karma*; *Vida simples, pensamento elevado*; *Ensinamentos de Prabhupada*.



Fonte: Carta de Sankirtana⁷³¹

Interessante perceber na imagem acima, como o próprio livro trazia em sua capa os temas debatidos no livro, para estimular o interesse do leitor em potencial: inflação, eleições, saúde, filosofia, ciência, esportes, vida, poluição, tóxicos, ecologia, aborto, guerra, política, sexo, religião, delinquência, entre outros. A maioria destes eram temas bastante debatidos naquele período, inclusive pelos jornais. Trazê-los para a capa do livro poderia alavancar as vendas e facilitar o trabalho dos sankirtaneiros.

Como vimos, a ISKCON do Brasil foi historicamente uma grande distribuidora de livros pequenos e médios em relação a outras filiais da instituição internacional. Muito do que se aplica aos livros pequenos também pode ser dito sobre os livros médios: maior facilidade de produção e venda, além de trazer temáticas mais específicas e palatáveis ao público (ciência e espiritualidade, ioga e meditação, perguntas e respostas com Prabhupada).

Figura 12 - Catálogo de livros médios da BBT

⁷³¹ CARTA DE SANKIRTANA, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982, f. 3.



Fonte: De volta ao Supremo⁷³²

Por vezes, o tamanho do livro poderia também indicar uma estratégia específica da liderança visando o sucesso das vendas. Ao ler a CS, nota-se que em algumas maratonas, apenas um tipo de livro era massivamente distribuído, indicando que questões editoriais, por exemplo, a impressão de um novo livro, poderiam ditar o tipo (e o tamanho) de livro que seria distribuído nas ruas⁷³³.

A situação econômica e o alto índice de inflação que o Brasil passou a viver a partir dos anos 1980 também parece ter influenciado em estratégias de venda específicas, quanto ao formato dos livros. Depois de muito se falar em crise e alta no preço dos livros, parece que algumas estratégias foram sendo montadas pela BBT. Entre novembro e dezembro de 1984, por exemplo, os livros médios ganharam destaque nas vendas do Brasil (vinte mil a mais que os pequenos) para ganhar mais pontos no ranking de *sankirtana*, já que os livros médios valiam mais do que os pequenos⁷³⁴.

A questão econômica dos anos 1980 também fez com que a ISKCON do Brasil adotasse algumas medidas para a venda de livros maiores, como veremos a seguir.

⁷³² **VOLTA AO SUPREMO**, 1995, n. 6. p. 24-25.

⁷³³ Como, por exemplo, na maratona de dezembro de 1981 que foi feita com os livros disponíveis em estoque, mas, sobretudo, com o novo livro lançado pela BBT Brasil, o *Livro de Soluções* (categoria médio) e que, por isso, os resultados de *sankirtana* mostraram tantos distribuidores apenas com livros médios em suas pontuações. **CARTA DE SANKIRTANA**, n. 35, 06-13 dez. 1981.

⁷³⁴ **CARTA DE SANKIRTANA**, ano 4, n. 39, 26 nov./02 dez. 1984.

5.1.2 “Não somos um movimento de livrinhos”: os livros grandes e “*maha*-grandes”

Os livros grandes da BBT continham mais páginas, alguns possuíam o formato de capa dura e tratavam de temas mais voltados para a teologia *vaishnava gaudiya*.

Figura 13 - Catálogo de livros grandes da BBT



Fonte: Volta ao Supremo⁷³⁵

Alguns desses livros grandes, como *Néctar da devoção*, *Ensinamentos do senhor Chaitanya*, *Néctar da instrução* e *Sri Isopanishad* foram escritos, traduzidos e/ou comentados por Prabhupada, em referência a outras obras bastante conhecidas da tradição *vaishnava*⁷³⁶. Esses livros eram maiores, geralmente possuíam mais de 200 páginas e, apesar de serem vendidos também a todo tipo de pessoa no *sankirtana*, quanto ao seu conteúdo, eram mais destinados àqueles que pretendiam aprofundar o seu conhecimento sobre a teologia Hare Krishna.

⁷³⁵ VOLTA AO SUPREMO, 1995, n. 6, p. 23.

⁷³⁶ Respectivamente: o *Bhakti Rasamrta Sindhu* (de Rupa Goswami); O *Chaitanya Charitamrta* (de Krishna Dasa Kaviraja); Upadeshamrta (de Rupa Goswami); e, por último, o *Isha Upanishad*, um dos menores *Upanishad*, retirada de um capítulo do *Shukla Yajurveda*.

Já os livros “maha-grandes”⁷³⁷ traziam as principais e mais extensas obras da literatura vaishnava Hare Krishna, tais como: *Bhagavad Gita*, *Shrimad Bhagavatam* e *Shri Chaitanya Charitamrta*.

Figura 14 - Catálogo de livros “maha-grandes” da BBT



Fonte: Volta ao Supremo⁷³⁸

O catálogo veiculado na revista oficial da ISKCON, chamava a atenção para a grandiosidade das obras de maior peso teológico para a tradição *gaudiya* e essas continham capa dura com pinturas de excelente qualidade artística e gráfica. Dizeres como “o mais célebre clássico espiritual e filosófico da Índia” (para a *Bhagavad Gita*) e “a joia literária da Índia medieval”, evidenciavam usos do passado no presente para distribuição dos livros de maior preço e peso teológico.

Os valores eram bastante diversos. Em 1995, os livros pequenos no catálogo da BBT divulgado da revista *Volta ao Supremo*, custavam cerca de 4 reais cada, enquanto que um livro *maha*, como o *Bhagavad Gita*, era vendido por R\$ 21,00. Já a coleção do *Shrimad Bhagavatam*, com 19 volumes, saía por 450 reais⁷³⁹.

⁷³⁷ O prefixo “maha” é um advérbio de intensidade para indicar grandeza.

⁷³⁸ VOLTA AO SUPREMO, 1995, n. 6, p. 18-19.

⁷³⁹ Para uma comparação, em maio de 1995, o valor do salário mínimo era de R\$ 100,00. Deve-se considerar que esses eram valores de catálogo e que, provavelmente, os livros eram vendidos um pouco mais em conta nas vendas diretas nas ruas pelos sankirtaneiros.

Figura 15 - Publicidade do Shrimad Bhagavatam

ŚRĪMAD BHĀGAVATAM

A enciclopédia que explora os segredos do Universo, os mistérios da vida e o caminho rumo ao autoconhecimento

Escritor incansável e profético, Sri Prabhupada, mesmo enquanto viajava pelo mundo todo para estabelecer e expandir o movimento Hare Krishna, traduzia diariamente. A tarefa de traduzir o *Śrīmad-Bhāgavatam* tornou-se uma tarefa de pesquisa e dedicação.

O *Śrīmad-Bhāgavatam* é o registro completo e vívido da avançada civilização védica, que floresceu na Índia há mais de 50 séculos. Alicerçada num singular sistema social, político e econômico, essa sociedade ideal oferecia a todos a oportunidade de alcançar o mais elevado estado de iluminação, *Yog*, meditação e autologia — estas são apenas algumas das contribuições desta antiga cultura. O *Śrīmad-Bhāgavatam* conduz o leitor numa cavalete viagem pela civilização védica, que tinha sua atenção voltada para o transcendental, o místico e o sublime.

Abarcando toda a extensão do conhecimento humano, desde astronomia, ciência, arte, psicologia até filosofia e espiritualismo, esta bela coleção é uma verdadeira enciclopédia, que nos ajuda a entender melhor o propósito da existência e proporciona uma compreensão perfeita do mundo à nossa volta. Ninguém ler as bibliotecas está completas sem ela.

Ex-Primeiro Ministro da Índia, Sri Lal Bahadur Shastri recebe de Prabhupada o primeiro volume do *Śrīmad-Bhāgavatam*

- 18 volumes
- 16.800 páginas
- 304 ilustrações coloridas
- Versos originais em sânscrito
- Transliteração latina
- Equivalentes em português
- Tradução em prosa moderna
- Comentários metalinguísticos
- Glossário completo
- Referências bibliográficas dos clássicos védicos
- Guia do alfabeto e da pronúncia em sânscrito
- 600 páginas de índices

• Edição de luxo
• 14x21,5 cm
• R\$ 450

"Esta primeira vez em português pode-se ler em dez tomos mais fundamentos de toda a literatura filosófica indiana. A edição do *Śrīmad-Bhāgavatam*, pelo Bhaktivedanta Book Trust com o consentimento de A.C. Bhaktivedanta Swami, é — além dessa considerável coleção — um trabalho de extrema clareza metodológica."

"A magnitude e a grandiosidade desta obra apenas podem ser apreendidas, se em contato com o texto original, o leitor puder sentir a riqueza e a variedade de suas possibilidades. As histórias, o conteúdo contido apresentam-se como um modelo, de pessoas em geral, aquelas que estão interessadas na vida eterna, esta edição contém além de um vasto panorama sobre a tradição védica e sobre o hinduísmo, encerra também em qualquer parte o de certo momento."

Dr. Subhakar Bhattacharya
Diretor e Chefe do Departamento de
Estudos e Pesquisas em Sânscrito
Universidade Hindu de Banaras
Varanasi, Índia

Prof. Carlos Alberto da Fonseca
Coord. de Língua e Literatura Sânscrita
Universidade de São Paulo

Fonte: Volta ao Supremo⁷⁴⁰

Os livros *maha*, geralmente, possuíam edição “de luxo”, com capa dura, imagens coloridas no interior dos livros e, como eram de traduções de textos tradicionais, acompanhavam a escrita original do sânscrito em devanagari de cada verso, depois a transliteração latina, o significado palavra por palavra, uma tradução semântica do verso inteiro e um texto com comentário de Prabhupada, reunindo, frequentemente, 500 páginas ou mais.

Essa edição luxuosa dos livros *maha* com certeza tornava mais custosa a sua produção e mais difícil a sua venda. Por isso mesmo, a tiragem de livros impressos pela BBT variava, também, quanto ao formato e tamanho. Se um livro pequeno, como *Além do nascimento e da morte*, com menos de 100 páginas, teve entre 1975 e 1981, uma tiragem de 550 mil cópias, um dos mais vendidos livros *maha*, como a *Bhagavad Gita* (capa dura), teve tiragem de 20 mil no mesmo período⁷⁴¹.

Conforme as discussões levadas a cabo na revista CS, podemos entender que houve uma preocupação dos sankirtaneiros e líderes de *sankirtana* sobre a crise

⁷⁴⁰ VOLTA AO SUPREMO, 1995, n. 6, p. 20-21.

⁷⁴¹ CARTA DE SANKIRTANA, n. 6, 11-16 mai. 1981.

econômica vivida no Brasil dos anos 1980 e início dos 1990 e suas possíveis implicações nos resultados de *sankirtana*.

Ao passo que havia esse receio, a estratégia parece ter mudado de uma distribuição focada no “quantitativo” de livros (e, por isso, focada nos livros menores e mais baratos), para uma mais interessada no “qualitativo”, como defendia um sankirtaneiro: “No atual estágio do *sankirtana* no Brasil, em que a inflação oferece difícil obstáculo à distribuição quantitativa, faz-se necessário uma pregação mais qualitativa”⁷⁴². Assim, os livros grandes e *maha* foram vistos pela liderança como saída para enfrentar a dificuldade de vender livros religiosos em período de recessão:

Purusatraya: Este último ano teve uma recessão econômica... a inflação foi maior inclusive que nos anos passados, que... esse ano foi pior que todos.

Srila Acharyadeva: Mas é sempre assim, sim isso pode ser verdade, mas tem um fator adicional, que é Krishna. Eu acredito que Krishna é transcendental a isto. [...] Eu sei que materialmente vocês têm razão. A solução é como na Europa, vender livros maiores, para pessoas com mais recursos. Porque quando tem este problema econômico, os que têm menos dinheiro, são os primeiros que são atingidos. Inclusive é interessante porque o que pensamos muito agora, justamente, é publicar mais *Bhagavatams*⁷⁴³.

O grande líder da ISKCON no Brasil, Hridayananda Dasa Goswami (chamado de Srila Acharyadeva, por seus seguidores), parecia querer mudar um quadro que se mantinha no Brasil de grande saída de livros pequenos e médios, apostando nos livros grandes e *maha*, como solução para ganhar maior pontuação no ranking de *sankirtana*. Para ele, o Hare Krishna, no Brasil, não deveria ser conhecido apenas como “um movimento de livrinhos”:

Certa vez em São Paulo, Srila Acharyadeva dirigiu-se a mim, dizendo: -Quero que você pregue bastante sobre a distribuição de livros grandes. Não quero que, no Brasil, sejamos conhecidos apenas como um movimento de livrinhos e incensos. Somos o movimento dos Vedas, estamos apresentando a literatura mais importante do mundo, mas com este programa de livrinhos somos confundidos com todos os movimentos que há por aí e ninguém nos dá muito valor⁷⁴⁴.

Adwaya Dasa, que tinha sido nos anos 1970 e início dos 1980, um dos maiores distribuidores de livros da ISKCON Brasil, defendia em um artigo que a

⁷⁴² DASA, Adwaya. Um clichê indesejável. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 05, 17-24 fev. 1985, 1f.

⁷⁴³ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan de Srila Acharyadeva no Rio de Janeiro dia 19 nov. 1984. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 40, 03-09 dez. 1984. Néctar da semana, 1f. Os “*Bhagavatams*” eram livros “*maha*-grandes”.

⁷⁴⁴ DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984, f. 1.

distribuição de livros grandes era a saída para que a sociedade brasileira reconhecesse o Hare Krishna enquanto religião séria, baseada em livros de importância teológica condizente com o tamanho e o peso de sua tradição. Livrinhos e revistas eram amplamente distribuídos por outras religiões minoritárias, tidas como “seitas” pelos jornais no mesmo período, como Meninos de Deus, Seicho-No-Ie, Adventistas do Sétimo Dia e outras e a venda de livros “de peso” poderia ser a saída para conquistar maior reputação enquanto religião fidedigna.

Ele pretendia com o artigo que os membros da ISKCON procurassem se desvencilhar de clichês que rotulam o Hare Krishna como um movimento de “livrinhos”, propondo que, ao invés dos sankirtaneiros focarem na distribuição de livros pequenos, que procurassem realmente divulgar os livros clássicos da tradição.

A sua questão partiu de uma reportagem de um jornal carioca (não nomeado) que teria rotulado o Hare Krishna como uma “seita” que “não oferece muitas perspectivas” aos seus devotos, centralizando-os na venda de “incensos e livrinhos”. Sobre essas representações, Adwaya contestava que:

Eles não estão muito conscientes de que representamos a milenar filosofia dos Vedas – a mais vasta e profundamente filosófica literatura existente sobre a face da Terra, composta de clássicos como o *Bhagavad-Gita*, *Shrimad-Bhagavatam*, *Chaitanya-Caritamrta*, etc.⁷⁴⁵.

Assim, ele concluía que a solução para combater esse menosprezo à literatura Hare Krishna, seria distribuir ao público, os livros de maior representatividade na tradição:

Certamente os livros pequenos têm grande importância no sentido de uma intensa penetração nas massas, mas [...] não exercem muito impacto nas mentes das pessoas comuns. Daí a importância de se enfatizar [...] a distribuição de livros grandes. Pois eles é que mostram mais categoricamente a potência, a erudição, a autoridade filosófica do nosso movimento⁷⁴⁶.

A distribuição de livros grandes, por sua pontuação maior, também seria eficaz para atingir a cota de 10 mil pontos estabelecida como meta para a ISKCON do Brasil por Hridayananda:

De acordo com informações obtidas na BBT, há em média, no Brasil, 70 distribuidores regulares. Com livros pequenos para fazer 10.000 pontos, é necessário que cada um faça uma média diária de

⁷⁴⁵ DASA, Adwaya. Um clichê indesejável. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 05, 17-24 fev. 1985, 1f.

⁷⁴⁶ Loc. cit.

aproximadamente 95 livros, seis dias por semana. Uma cota não muito pesada, mas que mesmo assim, dificilmente tem sido atingida, mas com livros grandes, cada sankirtaneiro precisa fazer a média aproximada de apenas 5 livros por dia!⁷⁴⁷.

Assim, apesar do esforço da BBT e da ISKCON Brasil para se distribuir um bom quantitativo de livros, percebemos que as estratégias de produção e distribuição de livros poderiam variar de acordo com objetivos específicos. Uma abordagem mais “qualitativa”, focada na distribuição de livros maiores, poderia ser usada como mote para ajudar a completar a lista de obras de Bhaktivedanta Swami publicadas no Brasil⁷⁴⁸ ou mesmo para dar mais respaldo a uma religião frequentemente enquadrada pela mídia brasileira como “seita”.

5.1.3 Revistas e jornais

As revistas e jornais também foram importantes dentro da história do *sankirtana* no mundo e no Brasil. Como vimos nos primeiros capítulos, o próprio Bhaktivedanta Swami começou a sua carreira, enquanto pregador, através de artigos para jornais *vaishnava* ligados à *Gaudiya Matha*. A partir dos anos 1940, ele iniciou a publicação do seu próprio jornal, intitulado *Back to Godhead* (BTG) que, décadas mais tarde, viria a dar nome à revista oficial da ISKCON.

Se, por um lado, a BTG passou a ser uma das principais vitrines do Movimento Hare Krishna no mundo, sobretudo, com a sua edição em inglês, por outro lado, a edição brasileira da revista, intitulada “*De volta ao Supremo*” (DVS) ou, simplesmente, “*Volta ao Supremo*” (a partir dos anos 1990), não parece ter se constituído em um sucesso editorial como em outros países, visto que ela foi publicada entre 1975 e 1980 com o primeiro nome, e só voltou a ser publicada novamente (com o segundo nome) a partir de 1992, perfazendo um hiato de doze anos – e, ao que parece, parou novamente de ser publicada em fins dos anos 1990.

⁷⁴⁷ DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984, f. 1.

⁷⁴⁸ Segundo a *Volta ao Supremo*, em 1995, a BBT brasileira era a mais avançada do mundo, no número de obras traduzidas e publicadas do inglês para outras línguas. Apenas dois livros ainda não haviam sido publicados em português. **VOLTA AO SUPREMO**, 1995, n. 6, p. 16-17.

As fontes primárias a que tive acesso não informam sobre os motivos que levaram a essa decisão de não publicar mais a principal revista da ISKCON no Brasil. No entanto, em uma entrevista com o diretor da BBT do período, Isvara, ele declara que a DVS não seguiu sendo publicada após 1980 porque o custo de produção era alto e a margem de lucro recebida não compensava, já que os possíveis compradores estariam dispostos a pagar mais em um livro (ainda que pequeno) do que em uma revista⁷⁴⁹.

No entanto, essa dinâmica favoreceu a publicação de inúmeras outras pequenas revistas e jornais de baixa tiragem e de caráter local. Os templos da ISKCON no Brasil acabavam editando e publicando seus periódicos em formatos baratos e de fácil editoração. A edição de retomada da *Volta ao Supremo* comentava essa questão:

No Brasil o primeiro número [da *De volta ao Supremo*] saiu em 1975. Porém, o trabalho foi interrompido há doze anos. Nesse ínterim o movimento editou várias outras publicações locais, em especial a revista *Vida Suprema*, do templo de São Paulo, e a *Era Dourada*, do Rio de Janeiro. Este é o primeiro número do que esperamos ser uma *De Volta ao Supremo* revivida, que oxalá possamos publicar periodicamente⁷⁵⁰.

Além das revistas citadas, jornais em diversos formatos foram lançados pelos templos do Brasil ao longo dos anos 1980 e, sobretudo, nos anos 1990, quando a ISKCON já estava mais consolidada no país e funcionava de forma mais descentralizada. Apesar dessa diversidade, a existência desses jornais e revistas parece ter sido curta. De todos os periódicos consultados no acervo da BBT Brasil, nenhum deles teve edições que ultrapassou quatro anos seguidos e a publicação da maioria deles tinha periodicidade irregular.

Figura 16 - Jornal *Desafio Espiritual*

⁷⁴⁹ GUERRIERO, Enéas (Isvara Dasa). Entrevista [via internet] realizada em 28 jun. 2021.

⁷⁵⁰ EDITORIAL. **De volta ao Supremo**. Pindamonhangaba: BBT, 1992.



Fonte: Desafio espiritual⁷⁵¹

Um exemplo desses periódicos de curta duração é o jornal *Desafio Espiritual*⁷⁵² que, de acordo com o acervo da BBT, possuiu apenas um ano de duração. Seu slogan, “perspectivas da cultura atual” e as temáticas que trazia em seus artigos, evidencia que suas palavras se dirigiam ao leitor interessado em debates políticos, sociais, científicos e econômicos, tendo como mote as soluções espirituais para a modernidade. Como diria o editorial do seu primeiro número: “Neste jornal *Desafio Espiritual* nós queremos apresentar os fatos contemporâneos através do prisma do conhecimento védico, e também apresentar a atuação deste movimento junto à sociedade”⁷⁵².

A representação do Hare Krishna como um movimento religioso que estaria resgatando ou implantando a “cultura védica” no Ocidente e na modernidade, é

⁷⁵¹ DESAFIO ESPIRITUAL, ano 1, n. 1, 1982.

⁷⁵² NOTA dos editores. *Desafio espiritual*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 2.

recorrente nesses pequenos periódicos que eram distribuídos nas ruas das cidades brasileiras.

A ancoragem na cultura védica como forma de legitimação da ISKCON no presente, era um dos pontos centrais nas palestras, artigos e livros de Bhaktivedanta Swami e Hridayananda Dasa Goswami. O termo inclusive serviu de nome para um dos jornais que parece ter tido mais peso entre todos os demais.

Figura 17 - Jornal *Cultura Védica*



Fonte: *Cultura Védica*⁷⁵³

O *Cultura Védica* era, como seu slogan apontava, “um jornal do Departamento de Relações Públicas da Fundação Bhaktivedanta” que, em si, era uma instituição criada para proteger alguns dos patrimônios da ISKCON do Brasil e representá-la legalmente. Na prática, o jornal era um periódico oficial do Movimento Hare Krishna naquele período em que a DVS não circulava. Ele foi publicado de 1986 até pelo menos 1988.

Em seu primeiro ano, sua edição foi trimestral e possuía uma tiragem de 50 mil exemplares, alcançando 100 mil cópias em algumas edições. A ISKCON parece

⁷⁵³ CULTURA VÉDICA, São Paulo, n. 1, 1986, p. 1.

ter apostado na produção e difusão desse jornal. Ele possui layout mais próximo do padrão dos jornais seculares e, inclusive, passou a ser impresso na gráfica de *O Estado de São Paulo*. Artigos sobre vida no campo, ecologia, naturopatia, “evidências arqueológicas” da cultura védica, artigos de Bhaktivedanta, Hridayananda e Purushatraya Swami.

Muitos desses periódicos de curta duração eram utilizados como palanque de pregação pelos editores desses jornais. Nomes como Hridayananda, Isvara Swami, Purushatraya Swami e Chandramukha Swami aparecem repetidamente nas fichas técnicas de diferentes jornais e revistas na condição de editores e colaboradores, indicando que a liderança da ISKCON no Brasil se preocupava em manter um projeto de pregação com o público através dessas mídias impressas, para além dos livros – onde a pregação era feita especialmente por Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

É interessante perceber que os próprios jornais e revistas também “faziam *sankirtana*”. Eles também eram mediadores da venda de livros, ainda que de forma indireta. Nas páginas desses periódicos, podemos notar anúncios sobre a venda de livros do catálogo da BBT Brasil.

Figura 18 - Anúncio de livros no jornal *Cultura Védica*

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DA BBT
 Editora Bhaktivedanta

Upadesamrta – O Nectar da Instrução
 O Upadesamrta é um livro de Rupa Goswami escrito no século XVI. Rupa Goswami foi um discípulo direto de Sri Chaitanya Mahaprabhu. O livro Nectar da Instrução compõe-se dos textos originais do Upadesamrta acrescentados dos significados dos textos dados por Sri Prabhupada. Este é um livro indispensável aos praticantes da bhakti-yoga e a qualquer pessoa interessada na cultura espiritual da Índia.
 80 páginas. Preço: Cr\$ 15.000

Perfeição da Yoga
 Neste livro, a filosofia do Bhagavad-gita é explicada por Sri Prabhupada. É uma excelente meio de se chegar à essência da filosofia da consciência de Krishna.
 64 páginas. Preço: Cr\$ 10.000

Vida vem da vida
 Este livro, a cada edição, desperta mais interesse.
 Preço: Cr\$ 140.000

Nele são narradas as conversas matinais feitas durante as caminhadas de Sri Prabhupada pelas praias de Los Angeles, Califórnia, acompanhado por seus discípulos, dentre os quais, figuravam alguns cientistas. O tema central é o confronto entre a teoria de Darwin e o conhecimento védico.
 144 páginas. Preço: Cr\$ 20.000

Chaitanya – Charitamrta
Madya – IIIa volume 1
 Este é o 3º volume desta coleção, num total de 7 volumes. Este livro é a biografia de Chaitanya Mahaprabhu e foi escrito por Krishnadasa Kaviraj no século XVI. É um dos grandes clássicos da literatura espiritual da Índia e é a obra mais profunda sobre o tema: devoção ou bhakti. Encadernação de luxo, ilustrações coloridas, capa dura. 884 páginas.
 Preço: Cr\$ 140.000

(Disponível, também, os 2 primeiros volumes da coleção. Preço: Cr\$ 140.000 cada)

Outros Livros
Srimad – Bhagavatam
 Grande clássico das escrituras védicas, também conhecido como Bhagavata Purana. Coleção completa: 50 volumes, 14 volumes já editados em português. Textos em sânscrito, ilustrações coloridas, encadernação de luxo. Preço por volume: Cr\$ 140.000

Gosto Superior
 Guia da alimentação vegetariana
 64 páginas. Preço: Cr\$ 12.000
 Suplemento: Livro de Receitas Hare Krishna. Alimentação lácteo-vegetariana, receitas da culinária indiana. 90 receitas. Preço: Cr\$ 18.000

PEDIDOS:
 Escreva para “Cultura Védica”

Ativar o Windows
 Ativar o Windows

Fonte: Cultura Védica⁷⁵⁴

Esses anúncios traziam, de maneira geral, descrição sobre as obras disponíveis e um valor fixo que deveria representar o valor oficial de venda direta com a BBT Brasil. No entanto, como já foi discutido antes, nas ruas, no *sankirtana* do

⁷⁵⁴ ÚLTIMOS lançamentos da BBT. *Cultura védica*, São Paulo, n. 1, 1986, p. 3.

cotidiano realizado pelos sankirtaneiros, os preços poderiam variar de acordo com o vendedor e o comprador, no sistema baseado em “doações”.

Figura 19 - Anúncio A de livros na revista *De volta ao Supremo*

ELEVE-SE AO MAIS ALTO GRAU DE CONSCIÊNCIA

CENTRO DA ISKCON EM SRI MAYAPUR, INDIA

O BHAGAVAD-GITA COMO ELE É
Um emocionante diálogo entre Sri Krishna e seu discípulo, o guerreiro Arjuna. A única edição autorizada, em português, deste livro de cinco mil anos de idade, uma fonte de inspiração para milhões de pessoas. 160 páginas, 40 ilustrações coloridas.
"Este volume autêntico ajudará de inúmeras maneiras adequadas em nossas vidas e instruções, como também proporcionar um insight para as pessoas argumentar corretas e respeito às condições e da cultura espiritual da Índia." — Jorge Benedito Silva, Universidade Federal de Minas Gerais

SRIMAD-BHAGAVATAM
Relatos fascinantes de grandes personalidades e acontecimentos na história antiga. Uma obra que está completa em 10 volumes, contendo um vasto reservatório de informações sobre todos os aspectos da cultura védica: da vida familiar aos mistérios de guerra, da estrutura política ao sistema de castas, do poder místico aos ensinamentos elevados de consciência. "A magnitude e a monumentalidade desta obra agendam podem ser superadas: os seus ensinamentos corpora-los com o texto revelará toda a verdade e toda sua profundidade." — Dr. Carlos Alberto da Fonseca, Universidade de São Paulo

FITAS
O som dos Védas: Omotões e músicas maravilhosamente formosas trazem os ensinamentos e a música védica para sua casa. Experimente o "Chit" criado para trazer a consciência de um transcendental. Você vai experimentar algo que nunca ouviste antes.

INCENSOS
Presentes de inestimável valor! O incenso "Santalum" (Santalum album) vendido no Brasil tem uma presença em casa, para a meditação, para o sono ou para o escritório. Dê-lhe um aroma diferente para criar o ambiente de um templo. (Incluído também) Presentes valiosos para a esposa e a família.

OUTROS LIVROS
Estes livros foram muito mais para difundir a cultura védica por todo o Brasil e o mundo ocidental do que qualquer outro livro. Apresentados na forma de narrações, histórias e filosofia, estes livros encorajam ao leitor a busca da verdade eterna. Muitos têm sido traduzidos e feitos de se ler. "Trabalhos excelentes dos livros mais novos." — Dr. Lawrence Shinn, Oberlin College "De um valor inestimável para todos aqueles que são inquietos sobre a herança cultural e espiritual da Índia." — Dr. H. B. Kulkarni, Universidade Estadual de Utah "Estes livros não são os livros comuns também importantes para a nossa época, na qual estamos a procura de novos padrões culturais para nossa vida." — Dr. C. L. Sprenter, Universidade Estadual de Oregon

Para maiores informações comunicar-se com:
ISKCON do Brasil
caixa postal 4855
01000 - São Paulo - SP

Fonte: De volta ao Supremo⁷⁵⁵

O conteúdo desses anúncios poderia variar entre um texto descritivo da temática dos livros, mas, também, como na imagem anterior, utilizar de frases de impacto que buscavam capturar o leitor para a “magia” da espiritualidade dos livros. Imagens das pinturas que ilustram com frequência os produtos da BBT, também se tornavam fatores de atração da clientela para convencê-los a adquirir os livros.

Figura 20 - Anúncio B de livros na revista *De volta ao Supremo*

⁷⁵⁵ DE VOLTA AO SUPREMO, 1980, n. 6, p. 17.

Que você procura num bom livro?



• CONHECIMENTO • MISTICISMO • MISTÉRIO •
• VALORES ESPIRITUAIS • YOGA • REENCARNAÇÃO • KARMA •

Para alimentar o insaciável apetite do mundo por leituras interessantes, escritores produzem incessantemente textos em todas as línguas sobre uma quantidade espantosa de assuntos. Porém a literatura espiritual supera mesmo a mais grandiosa literatura deste mundo.

Visto que Deus possui plenamente as seis opulências - riqueza, poder, fama, beleza, conhecimento e renúncia, as obras da Editora Bhaktivedanta

a respeito de Krishna contêm tudo o que você sempre quis num livro - e muito mais.

Ler as obras de Śrīla Prabhupāda, de fato, livra-nos do cativeiro material e liberta-nos para sempre de todas as agitações e problemas deste mundo de nascimentos e mortes. Mesmo a mais absorvente leitura nunca fará isso.

Faça uma verdadeira mudança. Leia os livros do Movimento Hare Krishna.



Bhagavad-Gītā Como Ele É
Maior guia da espiritualidade, na versão mais completa desta famosa obra da literatura mundial.



Ciência da Auto-Realização
O conhecimento que abre o segredo do Eu interior, da natureza e do Universo.



Retornando A Ciência da Reencarnação
A mais compreensível e assimilativa exposição sobre a reencarnação já publicada.



Luz do Bhāgavata
Uma exposição lúcida e tangível do propósito e significado da natureza e de sua origem, acompanhado de belíssimas ilustrações coloridas.

Recorte e envie-nos hoje mesmo o cupom abaixo e você receberá em casa o seu pedido.

THE BHAKTIVEDANTA BOOK TRUST
Box 160 - Brooklyn - New York - 11220 - Hong Kong - China

Enviar o pedido para:
Fundação Bhaktivedanta
Caixa Postal 067 CEP 12400-000
Pindamonhangaba - SP

☐ Envio em Vale Postal ☐ Envio em Cheque Mensal

Nome: _____
End: _____
Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____

Envie-me os seguintes livros abaixo assinalados:

☐ Bhagavad-Gita Como ele é	15 URVs
☐ Ciência da Auto-Realização	4 URVs
☐ Retornando	3 URVs
☐ Luz do Bhagavata	5 URVs
☐ Livros no Valor Total de	URVs

Fonte: De volta ao Supremo⁷⁵⁶

Os anúncios em revistas e jornais da ISKCON eram também uma forma de fazer o *sankirtana*, seja através de frases de efeito, de imagens dos livros, de pinturas e desenhos ou pela descrição do conteúdo. Além desse tipo de recurso, uma outra forma de atrair os leitores para as atividades do Hare Krishna eram os convites para as festividades regulares dos templos da ISKCON onde, certamente, a pregação e a influência sobre a clientela deveriam ser mais intensas.

Um dos convites em um jornal, ressaltava a exuberância cultural e espiritual da Índia (apelando para uma espécie de interesse turístico), chamando atenção para a programação ímpar do templo que, estaria ofertando aos convidados, uma programação cultural que compreendia várias formas de arte “índianas” (dança,

⁷⁵⁶ VOLTA AO SUPREMO, 1994, n. 4, p. 9.

música, cinema e teatro), além de uma culinária inspirada na cozinha do país, tudo gratuitamente.

Figura 21 - Convite para o templo do jornal *Hare Krishna Informa*

VISITE A ÍNDIA DE GRAÇA

Você já desejou ir à Índia? Agora é fácil — não é preciso passagens, passaporte, visa, seguro obrigatório ou vacinas. A Índia espiritual está bem perto de você — no centro Hare Kṛṣṇa mais próximo de você. No momento que você chegar, vai notar que está num lugar especial. Você experimentará uma maneira intemporal de viver que satisfaz o corpo, a mente e a alma. Dentre outras coisas, você vai experimentar a autêntica cozinha indiana — incluindo suculentos pratos vegetarianos, salgadinhos e deliciosos doces — tanto quanto você pode comer. E mais, você vai participar de um variado programa cultural — dramas, exposições de arte, filmes, shows de *slide*, dança e músicas tradicionais da Índia, conversas sobre *yoga*, meditação e reencarnação. Seus anfitriões, os devotos de Kṛṣṇa, oferecem tudo isto de graça para você.

Um festival de outro mundo.

Programação do templo em Santos:

- Aulas do Bhagavad-gita 2^a, 4^a e 6^a às 18:30 horas.
- Festival de Domingos a partir de 17 horas.
R. Antonio Bento, 92 (trav. da Rua Lucas Fortunato).

Ribeirão Preto:

- Sextas-feiras e Sábados às 18:30 horas.
- Domingos a partir de 17 horas.
Rua Cerqueira César, 480
Centro

São Paulo:

- De sexta-feira à sábado às 18:30 horas.
- Domingos a partir de 17 horas.
Rua Bom Pastor, 798 - Ipiranga
Fone: 63-1674.

Fonte: Hare Krishna Informa⁷⁵⁷

Na imagem acima, percebemos o caráter local do jornal que se restringia a divulgar os endereços de templos localizados no estado de São Paulo. Chama atenção o apelo para uma “Índia, fora da Índia” e à representação, muito difundida a partir dos anos 1960 no Ocidente, de uma Índia que seria a “terra da espiritualidade”.

Colin Campbell chama o processo de difusão das ideias e das teodicéias “orientais” que estava em curso na segunda metade do século XX no Ocidente de “orientalização”⁴⁸⁶. É provável que os *hare krishna*, eles mesmos frutos desse processo, soubessem explorar bem o apelo por essa mentalidade.

Visitar essa Índia, cheia de magia, de graça, disponível aos brasileiros em um templo Hare Krishna, era uma boa estratégia de marketing para atrair o público alvo dos religiosos. Esse tipo de publicidade aparece em muitos outros periódicos da BBT.

Figura 22 - Convite para o templo da revista *De volta ao Supremo*

⁷⁵⁷ VISITE a Índia de graça. **Hare Krishna Informa**, Santos, ano I, n. 1, abr./mai. 1985, p. 8.

VISITE A ÍNDIA DE GRAÇA

Você já desejou ir à Índia? Agora é fácil — não é preciso passagens, passaporte, visa, seguro obrigatório ou vacinas. A Índia espiritual está bem perto de você — no centro Hare Kṛṣṇa mais próximo de você. No momento que você chegar, vai notar que está num lugar especial. Você experimentará uma maneira intemporal de viver que satisfaz o corpo, a mente e a alma. Dentre outras coisas, você vai experimentar a autêntica cozinha indiana — incluindo suculentos pratos vegetarianos, salgadinhos e deliciosos doces — tanto quanto você pode comer. E mais, você vai participar de um variado programa cultural — dramas, exposições de arte, filmes, shows de *slide*, dança e músicas tradicionais da Índia, conversas sobre *yoga*, meditação e reencarnação. Seus anfitriões, os devotos de Kṛṣṇa, oferecem tudo isto de graça para você.

Aos domingos — 16:00 hs. — Festival

Belo Horizonte - Rua do Ouro, 1414 - Serra
 Curitiba - Rua Professora Maria Assunção, 77 - Vila Hauer
 Tel.: 276-6274
 Pindamonhangaba - Rua Dom João Bosco, 848 - Santana
 Porto Alegre - Rua Giordano Bruno, 318
 Recife - Av. 17 de Agosto, 257 - Parnamirim
 Rio de Janeiro - Estrada dos Três Rios, 654 - Jacarepaguá
 Salvador - Rua Alvaro Adorno, 17 - Brotas - Tel.: 244-1072
 São Paulo - Rua Pandiá Calógeras, 54 - Liberdade Tel.: 279-7836
 Fazenda Nova Gokula - Ribeirão Grande - Pindamonhangaba
 (entre em contato com o centro de São Paulo)

Fonte: De volta ao Supremo⁷⁵⁸

A imagem de um pôr do sol com um templo *vaishnava* tradicional da cidade indiana de Vrindavana poderia ser o convite perfeito para tocar o coração daqueles que buscavam por essa Índia idílica e distante, em um Brasil que ainda pouco conhecia sobre esse país e seu legado cultural.

5.1.4 Representações sobre os livros

“Os textos religiosos habitam as mentes dos fiéis, aos quais oferecem referências e conforto, maneiras de dizer ou escrever, uma forma de organizar toda existência individual ou comunitária a partir da Palavra divina” (Roger Chartier)⁷⁵⁹.

⁷⁵⁸ **DE VOLTA AO SUPREMO**, 1980, n. 6, contracapa.

⁷⁵⁹ CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009, p. 136.

Podemos dizer que os livros, revistas e jornais do Movimento Hare Krishna, também são personagens da história do *sankirtana*⁷⁶⁰. Para além das questões mais diretas, referentes a influência da “palavra divina” na vida do devoto, como ressalta a epígrafe acima, os livros, para os membros do movimento, são personagens presentes na “missão” de Chaitanya, de Prabhupada, do mestre espiritual e do sankirtaneiro.

Os *hare krishna* atribuem aos livros personalidade, agência, qualidades divinas e, até mesmo, a própria divindade. Em outras palavras, os livros Hare Krishna, para seus membros, são Krishna, pregadores de Krishna, objetos sagrados adoráveis e, também, um sustentáculo financeiro para manutenção do movimento religioso “de Krishna”.

Eles poderiam assumir o papel de devoto pregador ideal:

Nos livros existe tanta sabedoria que nenhuma outra forma de pregação se compara a eles. O imenso trabalho de tradução e comentário de milhares de versos não pode ser sintetizado em poucos minutos ou horas de pregação. Um livro não tem horário de expediente e nunca se cansa⁷⁶¹.

Ao contrário do distribuidor de livros - indivíduo submetido a um corpo material humano e às suas necessidades básicas (como descanso) - os livros assumem o papel do pregador ideal, sobretudo numa sociedade capitalista: é um trabalhador espiritual que “nunca se cansa”, seu “expediente” é ilimitado e está sempre disponível à sua clientela. O pregador comum jamais pode obter a eficácia do livro já que este proporciona uma sabedoria muito superior ao das poucas horas de disponibilidade em relação àquele.

Essa maneira de representar a literatura religiosa não era restrita ao Movimento Hare Krishna. Karina Bellotti bem observou que com os Adventistas do Sétimo Dia, relações semelhantes se davam, já que “livros, folhetos e tratados foram retratados com características próprias, quase humanas, com poder de influência na

⁷⁶⁰ Como bem salientou a professora Maria Lúcia Abaurre Gnerre, no exame de qualificação.

⁷⁶¹ DASA, L. apud DASA, A. T., 1997, p. 18.

vida dos leitores, em um contexto de expansão dos primeiros meios de comunicação de massa”⁷⁶².

Os livros não eram somente aceitos como um “pregador que nunca cansa”, mas, também, como encarnação divina:

Não há dúvidas de que estes livros são a encarnação literária de Deus e apresentá-los para o público significa mostrar abertamente Krishna contra a tendência demoníaca de *kali yuga* [a era atual]. Estes livros são todos transcendentais e portanto todos estão numa plataforma absoluta [...] ⁷⁶³.

Assim, quer seja como pregador ou como divindade, os livros sagrados, para os *hare krishna*, possuem uma atribuição espiritual e, como tal, são vistos como o “grande tambor” que traz a iluminação ao mundo. Os livros conteriam todos os conteúdos essenciais e a resposta de todos os problemas materiais:

Prabhupada disse que aquele que estuda um *Shrimad Bhagavatam* ou qualquer um de seus livros, torna-se a pessoa mais educada. Ela vai se tornar um verdadeiro filósofo, psicólogo, sociólogo, antropólogo, etc. [...] Estes livros têm a potência de resolver todos os problemas da vida, até o problema do nascimento e morte, o problema da tristeza, o problema da loucura, todos os problemas políticos, econômicos, sociais, etc. Os livros de Prabhupada vão eliminar todos os problemas da sociedade humana ⁷⁶⁴.

Este livro [*Livro de Soluções*] tem uma enorme potência para solucionar todos os problemas sociais e promete ser uma bomba atômica na civilização atual ⁷⁶⁵.

Os livros da ISKCON, além de serem a fonte de todo conhecimento essencial, teriam a potência de salvar a humanidade dos problemas criados por uma civilização que teria se apartado da espiritualidade:

Os *karmis* [não-devotos] não tem fé nas instruções espirituais e por isso não entendem como podemos vender tantos livros que para eles parece de um assunto tão irrelevante. Os devotos sabem que estes livros estão determinados a salvar a humanidade, mesmo sem os *karmis* ficarem cientes disso ⁷⁶⁶.

O livro não salvaria apenas em caso de uma futura conversão do leitor em devoto. Mesmo que o “*karmi*” não soubesse, ele estaria sendo ajudado pelo

⁷⁶² BELLOTTI, Karina Kosicki. “Alistando-se no invencível exército da página impressa” – Cultura impressa adventista no Brasil no século XX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 850-874, set./dez. 2021, p. 851.

⁷⁶³ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 2, 8-14 fev. 1982.

⁷⁶⁴ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em São Paulo, Parte I. **Sankirtan Brasil**, n. 4, 26 abr./02 mai. 1981. Néctar da semana, 1f.

⁷⁶⁵ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 18, 02-08 ago. 1981, 1f.

⁷⁶⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 40, 08-15 nov. 1982, f. 2.

“Movimento de *Sankirtana*”. O livro – e não somente o devoto – estaria “determinado a salvar a humanidade”. Como uma encarnação divina literária, ele seria um artefato espiritual que teria a potência salvífica e, também, a de purificar um possível comprador ou leitor apenas com o toque:

Pergunta: Como é esta afirmação de que só por tocar o livro o *karmi* se purifica?

Resposta: Porque o livro é Krishna. Eles estão tocando Krishna.

[...]

Pergunta: Mas os *karmis* estão executando *bhakti* [“serviço devocional”]?

Resposta: Sim, quando tocam o livro.

Pergunta: Principalmente quando dão alguma doação, não é verdade?

Resposta: Se eles derem alguma doação eles irão a Vaikuntha [mundo espiritual]⁷⁶⁷.

O livro, como não-diferente da própria divindade, teria a capacidade de purificar a vida daquele que apenas o toque, ainda que não seja devotado a ele. A entrada em Vaikuntha, o mundo espiritual onde as almas devotadas teriam a capacidade de desfrutar eternamente da vida perfeita, estaria assegurada, segundo o guru Hridayananda, àqueles que não somente tocassem, mas também levassem o livro, deixando a sua doação em dinheiro. Certamente, essa visão era algo estimulante para os pregadores e sankirtaneiros que poderiam entender o *sankirtana* como uma ação benevolente e salvífica – ocultando da prática, consciente ou inconscientemente, os demais objetivos (como o financeiro). Isso fica evidente na fala de uma sankirtaneira que pregava, em entrevista a um jornal, a sua atitude benevolente: “É importante vender livros, para a propagação da religião”, diz ela. “A pessoa que toca o livro, a pessoa que fala Krishna já está purificada”⁷⁶⁸.

É importante entender a postura do sankirtaneiro na sua prática de salvar as “almas caídas”. Relatos semelhantes a esses, sobre a potência salvadora dos livros, também teriam sido ditos por Prabhupada em suas pregações:

Pergunta: Quando as pessoas na rua ouvem o nome de Krishna, ou levam algum livro, isso significa que eles não tomarão nascimento como um animal?

Prabhupada: Eles nascerão numa boa família. [...] Se eles apreciarem simplesmente, “É muito bom” então terão garantida uma próxima vida na forma humana! Em boa família.

[...]

Pergunta: Um menino juntava-se a nós comprava nossos livros mas ele nunca os lia. Ele sempre os mantinha em sua bolsa.

⁷⁶⁷ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Uma caminhada com Srila Acharyadeva no Parque do Ibirapuera em São Paulo. **Carta de Sankirtana**, n. 10, 08-14 jun. 1981. Néctar da semana, f. 1.

⁷⁶⁸ MÃE apela ao Cardeal para filha retornar à religião. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1977. 1º Caderno, p. 06.

Prabhupada: Não importa. Ele mantinha esses livros com apreciação. Isso fará sua vida humana assegurada. Ele imediatamente se torna ligado com Deus. Qualquer pessoa que mantenha os livros com reverência e amor, imediatamente se torna ligado com Deus – porque esses livros são representantes de Deus⁷⁶⁹.

A “salvação” alcançada pelo toque, doação ou porte de um livro poderia se dar de diferentes formas. Numa perspectiva reencarnacionista, os livros, se não levassem a alma de seu possuidor até Vaikuntha, ao menos, teriam o poder de assegurar um bom nascimento, em uma “boa família”, na vida posterior daquele indivíduo. Só o fato de estar com o livro em sua posse, daria ao “*karmi*” o privilégio de nascer em um corpo humano e em uma situação familiar favorável⁷⁷⁰.

Assim, podemos perceber que a literatura Hare Krishna, é tida para os seus, como uma chave de libertação espiritual, mas, também, como objeto dotado de poder que, independentemente de ser lido ou não, teria a capacidade de trazer ganhos ao seu portador que vão além desta vida. O livro, como personagem do *sankirtana* seria pregador, divindade, artefato mágico e sustentáculo financeiro.

Vejamos a seguir, as modalidades e lugares em que o *sankirtana* era praticado, com a finalidade de entender um pouco mais sobre a circulação dos livros.

5.2 MODALIDADES E LUGARES DE SANKIRTANA

“O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (Michel de Certeau)⁷⁷¹.

No capítulo anterior, vimos alguns dados importantes sobre o histórico do *sankirtana* no Brasil. No entanto, alguns detalhes para compreender como essa prática acontecia de fato, ainda precisam ser escrutinados.

O *sankirtana* era executado, de maneira geral, em espaços públicos e abertos onde uma boa parcela de pessoas circulava. Nas calçadas e praças dos centros

⁷⁶⁹ PRABHUPADA apud SWAMI, Ramesvara. Tradução da carta de novembro da BBT. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982. Néctar da semana, 1f.

⁷⁷⁰ Diferentemente dos kardecistas, os hindus, de maneira geral, entendem o processo de reencarnação de maneira que a alma pode transmigrar para corpos humanos, extraterrenos, animais, vegetais, divinos, fantásticos, ou seja, toda forma de vida possuiria uma alma encarnada.

⁷⁷¹ CERTEAU, 2012, p. 38.

urbanos, por entre os carros parados diante de um semáforo, em estacionamentos, cada distribuidor de livros abordava transeuntes que, muitas vezes, eram pegos desprevenidos, por um gesto, por uma frase afirmativa ou interrogativa que motivasse uma pausa em sua rota para ser convencido a levar um livro e deixar uma doação.

O conteúdo do que era dito, durante a execução do *sankirtana*, é muito importante para o entendimento da prática. Essa fala de interlocução introdutória entre o sankirtaneiro e o seu potencial cliente era chamada, pelos próprios distribuidores de livros, de “mantra”. O termo indica, originalmente, um som ou hino sagrado que deve ser entoado ou cantado repetidamente com um fim espiritual ou místico. Para os sankirtaneiros, simbolizava uma frase, decorada ou improvisada, que chamaria a atenção dos transeuntes para o produto a ser vendido. Um distribuidor de livros dava uma dica sobre o conteúdo abordado nesses “mantras” de *sankirtana* e questionava as interpretações que davam a entender que os *hare krishna* estavam apenas interessados em negociar produtos:

Falamos com as pessoas sobre Deus, *yoga*, meditação, reencarnação, vegetarianismo e outras coisas que constituem o “Hinduísmo”. Se as pessoas estão interessadas e querem um livro sobre estas ideias, e concordam voluntariamente em dar uma doação, quem pode chamar isto de negócio?⁷⁷²

Os “mantras” de *sankirtana* poderiam também ser frases e versos dos próprios livros que estavam sendo distribuídos:

Costumávamos pegar frases dos livros de Prabhupada. [...] Nós dizíamos “Esse livro é como o sol brilhante que afasta a escuridão da ignorância dessa era de Kali”. Descobri que a melhor maneira de distribuir os livros era usar as próprias palavras de Prabhupada⁷⁷³.

Vaisesika [Dasa] fazia *sankirtana* comigo no aeroporto. Ele dirigia-se as pessoas dizendo “Olá, como está o senhor? Todas as glórias ao movimento de *sankirtana* de Shri Krishna, a bênção principal para a humanidade que limpa o coração”. Ele repetia o “*Sikshastaka*”, as preces do Senhor Chaitanya, exatamente como o livro, e ainda assim vendia livros.
[...]

Quando um devoto perguntava a Prabhupada sobre o que devíamos dizer em *sankirtana*, Prabhupada respondia *krishne sva-dhamopagate*, que é o verso que diz que o *Shrimad-Bhagavatam* é tão brilhante quanto o sol e que surge simplesmente para dar às pessoas religião nessa era de escuridão.

⁷⁷² DASA, A. T., 1997, p. 196.

⁷⁷³ DEVI DASI, Lavanga Latika apud GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 7, 14-19 mar. 1983, f. 3.

Assim, estávamos repetindo também esse verso e fielmente distribuindo os livros⁷⁷⁴.

Os “mantras” de *sankirtana* também poderiam fazer referência aos valores seguidos pelos devotos (vegetarianismo, não consumo de intoxicantes, etc.) ou aos problemas sociais que os religiosos acreditavam estar combatendo com o conteúdo dos seus livros:

Falar sobre Krishna a alguém não quer dizer necessariamente entrar nas partes mais íntimas da filosofia. [...] Mas pelo menos nós podemos dizer algo verídico. “Pelas estatísticas, o nosso grupo é o mais bem sucedido proporcionalmente, em aliviar as pessoas do vício das drogas”. Não existe nenhum outro grupo ou processo no mundo que tenha uma porcentagem tão alta de sucesso em fazer parar com o vício das drogas⁷⁷⁵.

Eles [os sankirtaneiros] deveriam dizer [para as pessoas] que eram estudantes e que estavam ajudando jovens a se libertarem das drogas ou que os livros eram sobre a solução da crise atual, nenhuma dessas coisas eram falsas, mas às vezes eram muito enfatizadas⁷⁷⁶.

Os “mantras”, portanto, representavam o conteúdo do que era dito pelos sankirtaneiros durante a distribuição de livros, mas, também, as “maneiras de dizer”. E essas maneiras mudavam de acordo com lugar, indivíduo e circunstância, como veremos nesse tópico.

Além dos espaços públicos abertos, a distribuição de livros se repetia em outros tipos de espaços, como no interior dos transportes públicos municipais e intermunicipais, nas rodoviárias, em escolas, universidades, lojas do comércio, aeroportos e outros locais que houvesse oportunidades de ganho que não resultassem em expulsão ou proibição por parte de forças de segurança.

Esses mantras utilizados para intermediar a venda de livros, variavam de acordo com o tipo de *sankirtana* realizado, o tempo disponível para “pregação” e o espaço onde ocorria. Vejamos a seguir uma descrição hipotética de uma abordagem de um sankirtaneiro descrita na CS:

⁷⁷⁴ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 8, 21-26 mar. 1983, f. 1.

⁷⁷⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação de uma aula dada por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 18, 02-08 ago. 1981. Néctar da semana, 1f.

⁷⁷⁶ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 5, 28 fev./05 mar. 1983, f. 2.

*Sank*⁷⁷⁷: Já que você faz *sankirtana* “pessoa-a-pessoa”, estou curioso sob[re] o mantra que você transmite para elas.

Divy: Eu tenho um mantra padrão que sigo, e o resto é espontâneo.

Sank: Por que não experimentamos? Eu poderia ser uma pessoa qualquer vagando no aeroporto.

Divy: (começa perguntando) Você é de St. Louis ou é de outra cidade?

Sank: Estou a caminho de volta para Los Angeles.

Divy: Que ótimo. Nós estamos distribuindo isto (*Bhagavad-Gita*) hoje. (Neste momento eu entrego o livro).

Sank: O que isto significa?

Divy: (Abro o livro que ele mesmo está segurando e aponto para a fotografia de Srila Prabhupada). Esta pessoa foi quem produziu este livro. (Aí aponto para o sânscrito) Veja, tem 5.000 anos manifestado neste mundo! Era assim que escreviam naquela época e agora pode ser lido em inglês. Este foi o livro que Gandhi leu. (Então mostro as ilustrações) Nós mesmos fazemos as pinturas. (Aí para a capa traseira) Estes são os comentários dos eruditos de todo mundo. Este livro está sendo utilizado como literatura padrão nas faculdades do mundo inteiro. Estamos distribuindo às pessoas hoje. Eu sou Dan. Qual é o seu nome?

Sank: Mike Mudha⁷⁷⁸.

Divy: É um prazer conhece-lo. (Aí aperto sua mão) Quando tiver oportunidade, dá uma lida nele e tenha uma boa viagem. O livro não custa nada. Eu só peço que faça uma doação para que possa distribuir o mesmo para uma outra pessoa.

Sank: Bom, as pessoas geralmente contribuem com quanto?

Divy: O quanto puderem.

Sank: E depois, para onde vai o dinheiro?

Divy: Para a impressão de mais livros⁷⁷⁹.

O sankirtaneiro deveria possuir a habilidade de conversar e convencer o potencial cliente, utilizando como única ferramenta a sua capacidade de retórica e de criar empatia. É provável que algumas das perguntas e respostas fosse ditas dezenas de vezes todos os dias e, assim, um corpus retórico de frases e atitudes fazia do sankirtaneiro, um especialista na arte da distribuição de livros. O “mantra”, afinal, não era somente um texto decorado, mas, um tipo de *approach* (abordagem) que deveria ser performado com a finalidade de ser bem sucedido no *sankirtana*.

O diálogo simulado, descrito acima, poderia ter variações de acordo com cada lugar, circunstância e pessoa, mas, é bastante representativo do que era ensinado nas instruções de *sankirtana* na ISKCON na modalidade “pessoa-a-pessoa”. Essa maneira de fazer a distribuição de livros parece ter sido a mais difundida no Movimento

⁷⁷⁷ O termo “*sank*”, na fonte, indica o entrevistador da *Carta de Sankirtana*.

⁷⁷⁸ *Mudha* é uma palavra do sânscrito, traduzida nos livros de Prabhupada como “tolo”, “bobo”, “burro”. Seu uso na frase e claramente uma referência pejorativa aos “*karmi*” (não-devotos).

⁷⁷⁹ DASA, Dyvianga. “Até que cada homem, mulher e criança...”. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 15, 22-29 abr. 1985. Néctar especial, f. 2. Essa seria uma entrevista da “*Carta de Sankirtana*” americana (n. 11), com Divyanga Dasa, descrito como “um dos melhores e mais velhos sankirtaneiros do mundo”.

Hare Krishna já que o sankirtaneiro dispunha de mais tempo para fazer a pregação, explicar sobre tópicos da teologia, pegar contatos e estabelecer novas amizades com o intuito de uma futura conversão.

A maneira de fazer o *sankirtana* pessoa-a-pessoa consistia em ir para lugares de grande circulação de pessoas, fazer perguntas para que o transeunte parasse de andar, entregar o livro, para que ele pudesse o tocar e o observar, falar um “mantra”, estabelecer uma rápida conexão dialógica, esclarecer dúvidas e, por fim, pedir uma doação pela literatura. Essa era uma abordagem padrão em uma prática que poderia durar horas, dia após dia.

Uma tirinha da *Folha de São Paulo* ironizava a atuação e os “mantras” dos sankirtaneiros:

Figura 23 - Tirinha sobre o *sankirtana* na *Folha de São Paulo*



Fonte: Folha de São Paulo⁷⁸⁰

A tirinha é rica em ironia sobre a prática do *sankirtana* “pessoa-a-pessoa”: Interceptação de um transeunte em sentido contrário em um local qualquer; a frase de impacto (o “mantra”), causando uma autorreflexão; um julgamento sobre os males da sociedade moderna; e um transeunte apressado que ignora o sankirtaneiro e se quer rebate às suas questões. Essa era uma cena comum no cotidiano do *sankirtana*, mas, claro, tudo descrito de forma bem humorada. O “xingamento” de “comunista”, no último quadrinho, foi a pitada de humor final do cartunista, fazendo conexões com os debates políticos do período.

⁷⁸⁰ JOTA [tirinha]. In: KRISHNA: quem tem medo dessa religião? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

Às vezes, o *sankirtana* pessoa-a-pessoa poderia incluir táticas inusitadas, fora dos padrões de comportamento dos espaços ao qual estavam inseridos, como narra um devoto acerca da distribuição de livros nos EUA:

Kirtideva Dasa *brahmachari* distribuiu 24 caixas de *Krishna Book*. O mantra dele era os versos do *Bhagavad-Gita* em sânscrito e instruções do *Brahma-Samhita*. Quando entrava nos bancos ele se jogava no chão e gritava “Hari Bol! Hari Bol!”⁷⁸¹ e as pessoas colaboravam com notas de cinco ou dez dólares.

No “Macy” (um enorme departamento comercial) os devotos levaram 75 caixas de *Krishna Book* e, enquanto dois devotos abriam as caixas cinco outros distribuíam. Os dois que abriam as caixas mal podiam acompanhar a distribuição, enquanto os outros gritavam: “Aqui tem algo que vem diretamente da boca de lótus de Srila Vyasadeva! Esperamos cinco mil anos por isso; agora Ele está aqui – *Krishna Book!!!* Especialmente compilado para a Era de Kali”⁷⁸².

Os “mantras” descritos acima e a abordagem adotada eram inusitadas, mas, se a descrição for verídica, percebemos que o importante para os devotos de Krishna é que as vendas ocorressem e seu sucesso seria medido a partir desse critério.

Quer fosse com entusiasmo ou com relutância, os sankirtaneiros deveriam buscar inspiração para que pudessem ampliar cada vez mais a dedicação à distribuição de livros. Um devoto orava a seu guru, em um artigo da CS, para que fosse abençoado com disposição para o *sankirtana*:

Por favor, Srila Acharyadeva, considere nossa posição caída, e empurre nós, seus discípulos-baratas-tontas às ruas! Empurre-nos para todas as vilas e cidades! Empurre-nos para dentro dos ônibus! Empurre-nos nos faróis, nos escritórios, nas rodoviárias, nos trens, e em todos os lugares”. Empurre-nos para o seu mundo, o mundo de Krishna!⁷⁸³.

Ao serem “empurrados” para essa prática, os sankirtaneiros poderiam dispor de diversos formatos ou possibilidades de executá-la. Os espaços de *sankirtana*, como veremos, eram acompanhados por modalidades diferentes da prática. E cada uma desses espaços e modalidades eram acompanhados de especialistas:

Quanto aos faróis, o maior *expert* do Brasil é Sua Santidade Parangaccit Swami para quem os sankirtaneiros deste setor podem pedir instruções. No pessoa-a-pessoa, creio que Sriman Jagad Vichitra pode ser o melhor conselheiro⁷⁸⁴.

⁷⁸¹ *Hari Bol* é uma expressão bengali repetidamente falada, gritada ou cantada pelos *vaishnava gaudiya* que pode ser traduzida como “cante os nomes de Hari [Divindade Suprema]”.

⁷⁸² GOSWAMI, Tamal Krishna. Cap. 16 – A onda sísmica do *sankirtana*. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 25, 08-14 jul. 1985. O servo do servo, 1f.

⁷⁸³ DASA, Chandramukha. Néctar de São Paulo Mandir. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 40, 03-09 dez. 1984, 1f.

⁷⁸⁴ DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984, 2fls.

A modalidade “*sankirtana* de farol” era uma das mais comuns aos devotos Hare Krishna até pelo menos os anos 1990. Os poucos segundos que existem entre um vermelho e outro do semáforo eram aproveitados pelos sankirtaneiros que deveriam oferecer rapidamente os seus livros. A oferta de livros deveria ser apressada e, assim também deveria se dar o pedido de doação. Para tanto, a estética *Hare Krishna* era usada como um tipo de marketing que anunciava o devoto antes mesmo deste chegar à janela do carro e falar o seu “mantra”: “Quanto a São Paulo, os devotos começaram a fazer *sankirtana* de farol e os resultados estão incríveis. [...] É um tipo de *sankirtana* extático; todos vão de *dhote* (sic), *tilaka*⁷⁸⁵, etc., e as pessoas são muito receptivas”⁷⁸⁶.

Dizer que as pessoas eram “muito receptivas”, poderia ser apenas um recurso retórico que partia de uma liderança que buscava maior engajamento dos devotos nessa modalidade de *sankirtana*⁷⁸⁷. No entanto, é mister dizer que os sankirtaneiros passaram a ter o semáforo como uma ótima oportunidade de ganho, não somente em termos de livros distribuídos, mas, também, em conseguir o apoio de “pessoas mais importantes”:

Sobre o *sankirtana* de semáforo, é principalmente neste tipo de *sankirtana* que vamos encontrar as pessoas mais importantes que apoiarão nosso movimento. Um exemplo disso aconteceu em Vitória há mais de um ano atrás: estávamos lá em um [*sankirtana*] viajero distribuindo “*Vida vem da vida*” nos semáforos. Um senhor pegou o livro, levou para casa, leu e, como ele nos disse mais tarde, quando terminou a última página, jogou os cigarros fora e nunca mais comeu carne. Acontece que este senhor na época era advogado, hoje é promotor, e é o fiador da casa antiga, será o fiador da próxima casa, canta *japa*, é riquíssimo e quer comprar umas terras e construir um pequeno templo para o movimento lá⁷⁸⁸.

Uma outra modalidade muito praticada pelos devotos da ISKCON, citada na fonte acima, era o *sankirtana* “viageiro”, uma tradução abrigada do inglês “*travel*” *sankirtana*. Nessa modalidade, grupos pequenos ou maiores saíam de seus templos

⁷⁸⁵ *Dhoti* é o conjunto de tecidos enrolados ao corpo masculino que indicam uma vestimenta religiosa em algumas linhas hinduístas. A *tilaka* é uma marca feita no corpo com um barro retirado de locais sagrados para a tradição *vaishnava*.

⁷⁸⁶ SWAMI, Paramgacit. Onde está a competição entre os templos? **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 32, 09-15 set. 1985, 1f.

⁷⁸⁷ Como já pude observar em outro trabalho, a reação do público às práticas e à estética Hare Krishna, poderiam perpassar por um misto de “estranhamento” e “encantamento”. Cf. CARVALHO, 2014, p. 70.

⁷⁸⁸ SWAMI, Paramgacit. Néctar de Vitória. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 30, 23-28 set. 1984, 1f.

utilizando algum meio de transporte – como carro, “kombi”, ônibus ou até caminhão⁷⁸⁹ - repleto de livros e sankirtaneiros, dispostos a passar por pontos específicos ou por “todas as vilas e cidades” de uma rota, distribuindo livros, independentemente de haver centros da ISKCON nesses lugares. O editor da CS, em certa ocasião, descrevia que um desses grupos estaria promovendo um “*sankirtana* de arrastão” pelas cidades mineiras:

Aliás eles estão com tudo para isto. O *sankirtana* de arrastão continua forte por lá, em todas as vilas e cidades e fazendas mineiras. Tornou-se de praxe que quando os sankirtaneiros “desembarcam” numa cidade, os primeiros livros que eles vendem é um *Gita* e abençoam o *sankirtana* na cidade⁷⁹⁰.

Nos Estados Unidos, um grupo de “*sankirtana* viajero” se tornou bastante conhecido entre os membros da ISKCON nos anos 1970, o *Radha Damodara Travel Sankirtana Party*, que viajava pelo país a bordo de um conjunto de ônibus distribuindo livros e revistas e liderando o *sankirtana* mundial em meados dos anos 1970⁷⁹¹.

No Brasil, dois grupos de “*sankirtana* viajero” apareceram com maior destaque nas páginas da CS: “Nrsimha Chakra Rio TSKP”, ligado ao templo do Rio de Janeiro; e o Radha Gokulananda TSKP⁷⁹². Esses grupos eram motivados tanto pela missão da distribuição de livros, quanto por objetivos mais específicos, como adquirir um imóvel para a ISKCON, conseguir algum bem para o templo ou quitar dívidas. E essa determinação favorecia uma grande motivação em número de livros vendidos. Na primeira semana de atuação do Nrsimha Chakra, por exemplo, o grupo teria distribuído 2.800 livros médios e teria ficado em terceiro lugar no geral semanal⁷⁹³. O grupo prometia fazer todos os tipos de *sankirtana* praticados, até então:

Trata-se de uma equipe de *Sankirtana* viajero (Nrsimha Chakra T.S.K.P.) de em média cinco a seis *brahmacharis* [monges estudantes] fixos que possam fazer qualquer tipo de *sankirtana*, ônibus de rua, ônibus de rodoviária, farol, pessoa a pessoa, casa em casa, loja em loja, etc...⁷⁹⁴.

⁷⁸⁹ Um “Caminhão Norte” teria sido usado no Nordeste durante os anos 1980. Cf. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 44, 01-13 jan. 1985, 1f.

⁷⁹⁰ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 13, 08-14 abr. 1985, 1f.

⁷⁹¹ As narrativas sobre esse grupo podem ser analisadas em: GOSWAMI, S. D., 1982.

⁷⁹² TSKP era a sigla usada para *Travel Sankirtana Party*.

⁷⁹³ **CARTA DE SANKIRTANA**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983.

⁷⁹⁴ DASA, Chandra Mukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983, 1f.

No entanto, apesar da grande disposição e entusiasmo, líderes da ISKCON no Brasil entendiam que as proporções do país dificultavam essa forma de *sankirtana*: “Como Srila Acharyadeva explica, o propósito para se abrir tantos templos é formar grandes bases para o *sankirtana*. Pois devido às enormes distâncias, é muito difícil o *sankirtana* viajero no Brasil”⁷⁹⁵.

Outra modalidade de *sankirtana* comum no Brasil, entre fins dos anos 1970 e meados dos anos 1990, dava-se no interior dos ônibus de linha municipal e, também, nas viagens intermunicipais e rodoviárias. Essa forma de distribuir livros tinha suas peculiaridades. Tal como vendedor ambulante, o sankirtaneiro tinha que apresentar o seu produto para um número reduzido de pessoas confinadas em um transporte público que, geralmente, estão sentadas, pensativas, indo ou voltando de lugares como o trabalho, escola, faculdade ou comércio, carregando consigo, alguns pertences e trocados. Um sankirtaneiro experiente dava dicas de como ter sucesso nesse espaço:

Os distribuidores mais pesados podem até experimentar o sistema de entrar no ônibus e puxar o livro da bolsa, falar o mantra, e depois dizer que vai levar alguns exemplares para quem quiser ver mais de perto. Este era o sistema usado para a distribuição do *Gita*, e, tanto nas rodoviárias como em ônibus de rua, muita gente se interessava⁷⁹⁶.

Os ônibus eram locais de disputa por um lugar para sentar e de um lugar para vender. A atuação do distribuidor de livros consistia em entregar os livros, falar o “mantra de *sankirtana*”, usar da persuasão para convencer e ainda esperar que esse trabalho lhe rendesse o valor pretendido ou uma doação a mais. Depois de esgotar as possibilidades daquele espaço, o sankirtaneiro deveria descer do ônibus e fazer o mesmo processo em um próximo.

Algumas astúcias poderiam ser adotadas pelo sankirtaneiro para conseguir sucesso em vender livros maiores e mais caros, nos ônibus:

O sankirtaneiro sobe no ônibus, dá um livro pequeno na mão de cada pessoa e volta para a frente. Mas aí, ao invés de falar do livro pequeno, ele tira um exemplar do *Shrimad Bhagavatam* ou do *Chaitanya Charitamṛta*, ou até mesmo do *Bhagavad Gita*, e põe-se a falar de um mantra que glorifique bem o livro. Pode falar do conteúdo, das ilustrações, da fineza da edição, e de tantas outras glorificáveis que há só nos livros. Então pede uma colaboração

⁷⁹⁵ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 24, 14-20 set. 1981, 1f.

⁷⁹⁶ DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984, p. 2.

de 10 ou 15 mil Cruzeiros, depois de enfatizar que, comercialmente, ele custaria cerca de 35 mil cruzeiros [...]. E quem não tiver a quantia disponível, pode dar uma “colaboraçãozinha” de apenas 1.000 cruzeiros, e levar o livro pequeno, “que é um resumo”. Este sistema é bom, porque lida apenas com livros e também tem um fator psicológico muito importante. Geralmente quando se pede 1.000 por um livro pequeno, algumas pessoas podem achar caro. Mas quando se fala em 10.000 ou 15.000 cruzeiros para levar a “enciclopédia” da auto-realização (sic), e depois se abaixa para 1.000 cruzeiros pelo livro pequeno que está nas mãos da pessoa, este último valor, devido ao efeito de comparação, passa a ser barato⁷⁹⁷.

Dar um livro pequeno para os passageiros, mas fazer a propaganda do livro grande – a “enciclopédia da autorrealização” -, era uma tática que poderia ser usada, tanto para obter sucesso em vendas de livros pequenos, quanto para os grandes. Havia uma consciência sobre o processo de persuasão de venda de livros e essas técnicas eram passadas pelos sankirtaneiros mais experientes.

O ônibus, como meio de transporte, poderia também ser um local de uma espécie de “*sankirtana* de ocasião”, onde o sankirtaneiro, ao voltar para o templo vindo de outro lugar de trabalho missionário, aproveitava a viagem de volta para distribuir mais livros:

Uma vez, voltando do *sankirtana* para o templo, estava no ônibus e reparei que as pessoas estavam voltando para suas casas, como eu, sem nenhuma satisfação. Para elas aquele dia tinha sido um dia comum, mas para mim, não. Tinha sido um dia muito bom. Aí eu vi que o que faltava para elas era só um livro, nada mais. Seus rostos estavam sem brilho por falta de Krishna, e por compaixão, resolvi fazer o ônibus. Fiz o ônibus e saíram muitos livros, e sentei-me esperando a hora de descer, mas agora tudo tinha mudado. Agora eu sabia que aquelas pessoas poderiam ser felizes, porque agora elas estavam levando Krishna para suas casas⁷⁹⁸.

“Fazer o ônibus”, ou seja, distribuir os livros ali naquele meio de transporte, era visto como uma forma de benefício espiritual. A interação com o público dos ônibus poderia se dar de maneiras inesperadas. Em certas ocasiões, o papel de vendedor (ativo) e passageiro/consumidor (passivo) poderia ser invertido:

Certa vez, num ônibus aqui no Rio aconteceu um passatempo muito extático: o devoto já tinha distribuído as caixinhas de incenso para todo o mundo e na hora em que ele ia falar o mantra [de *sankirtana*], uma jovem se levantou e improvisou um mantra: - Aí pessoal todo mundo vai colaborar com o garotão! E vão levar a caixinha com os pauzinhos cheirosos custa só 50 cruzeiros, e quem colaborar com 100 vai levar esse livro maravilhoso... Vamos lá, todo mundo tem que levar. Sem saber o que dizer o sankirtaneiro ficou parado, só olhando e a mocinha recolheu o *lakshmi* [dinheiro] e entregou os livros, pulou

⁷⁹⁷ Ibidem, p. 1-2.

⁷⁹⁸ NÉCTAR do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 13, 25 abr./01 mai. 1983. Néctar da semana, 3fls. História narrada por Govinda Mohini Devi Dasi.

a roleta e deu aquela, literalmente falando, varrida. Entregou tudo para o sankirtaneiro e disse: “Pronto! Agora suba em outro correndo”⁷⁹⁹.

A “mocinha” teria “varrido” o ônibus em favor do distribuidor de livros. Em outras palavras, ela teria obtido um grande sucesso nas vendas, pela sua astúcia na atitude e empatia para com aquele “garotão” sankirtaneiro que acabou tomando uma atitude passiva diante da inversão de papéis.

A empatia para com os sankirtaneiros não se resumiria aos usuários bem intencionados. Há pelo menos um relato de motorista de ônibus que teria desenvolvido apreço pelos “carecas”, de maneira tal, que teria solicitado que em seu sepultamento fosse queimado incenso e cantado mantras:

Na semana passada, vários motoristas de ônibus do Rio, junto com amigos e familiares, cantaram o *maha-mantra Hare Krishna* de 25 a 30 minutos ininterruptamente, durante o sepultamento de um colega no cemitério do Caju. O motorista falecido trabalhava na linha “Largo São Francisco – Jardim América”, simpaticamente fervoroso e esportivo dos devotos, a quem costumava chamar de “os carecas”. Dias antes de abandonar o corpo, vítima de um desastre, ele sugeriu enfaticamente para alguns de seus colegas de serviço, que quando morresse gostaria que acendessem em sua sepultura um daqueles famosos “palitinhos perfumados” e, ao mesmo tempo, gostaria de ouvir a música de seus amigos “os carecas”. [...] quando seu caixão já se encontrava na cova um de seus colegas lembrou aos demais sobre aquele seu último desejo, que foi aceito pela maioria dos presentes, em grande parte motoristas amigos dos devotos e leitores assíduos dos livros [...]. Sem perder tempo, um de seus colegas correu até a Av. Brasil para recolher entre os motoristas em serviço alguma vareta de incenso deixada pelos sankirtaneiros. Regressando ao cemitério, este seu colega acendeu o incenso enquanto todos cantavam, uníssono, o *maha-mantra* [...]⁸⁰⁰.

As histórias de *sankirtana* contadas pelos devotos vão além da mera questão funcional de resultados financeiros ou mesmo missionários. Elas envolvem afetividade e romantização da sua prática até o ponto de narrar com certo regozijo e orgulho o fato de um motorista de ônibus ter sido sepultado, porque haviam elementos sagrados em seu enterro, como incenso e mantras, que indicariam a glória da vida (e da morte) daquele condutor amigo dos devotos.

⁷⁹⁹ NÉCTAR do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 13, 25 abr./01 mai. 1983. Néctar da semana, 3fls. Esse relato teria sido feito por Ishana Dasa.

⁸⁰⁰ DASA, Srestha. Especial do Rio: A maratona purifica os motoristas do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982, 1f.

A fé dos sankirtaneiros em sua prática era tão grande que um deles dizia crer que o próprio Chaitanya faria *sankirtana* em ônibus - se esse meio de transporte existisse naquele período (início do século XVI):

Para esta era a ocupação máxima é cantar *Hare Krishna*, glorificar os santos nomes do Senhor. Foi assim que o Senhor Chaitanya Mahaprabhu proclamou como assim também Nityananda Prabhu, Advaita, Gadadhara e Srivasa Prabhu [...] que pessoalmente pela ordem do Senhor Chaitanya fizeram *sankirtana* por toda Índia indo de casa em casa, a cada pessoa, e não tenho dúvidas, que se houvesse ônibus, também lá estaria o *Pancha-Tattva*, subindo e dando *Krishna-nama* [nomes de Krishna] para todas as pessoas⁸⁰¹.

Os ônibus eram espaços de *sankirtana*, tanto quanto as calçadas e semáforos também o eram. Havia ainda outro tipo de lugar comum aos ônibus que eram motivo de disputas pela distribuição de livros Hare Krishna: as rodoviárias.

Como espaço que envolve iniciativas públicas e privadas, as rodoviárias são, necessariamente, lugares de trânsito de pessoas, lugares de consumo e de espera. Parecia ser um local ideal para a distribuição de livros que poderiam servir de passatempo e serem lidos antes, durante ou depois das viagens. Um leitor do jornal *Cultura Védica*, em Goiás, teria tecido elogios pelo “modo de distribuição desses jornais em rodoviárias, pois que assim há a possibilidade de se atingir toda sorte de pessoas, levando-lhes palavras de confiança no ser humano e no seu futuro”⁸⁰².

No entanto, nem sempre esse tipo de comercialização era permitida, fazendo com que os devotos burlassem regras ou recorressem às autoridades para a liberação da prática: “Krishna concedeu todas as bênçãos aos devotos do Nordeste e, inconcebivelmente, o próprio Vice-governador foi pessoalmente autorizar o *sankirtana* na rodoviária de Recife, onde Advaita *prabhu* mostrará sua classe no estilo de 1980”⁸⁰³.

⁸⁰¹ DASA, Raktaka. Néctar de Santos. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 45, 09-14 dez. 1985, 1f. O “*pancha tattva*” (as cinco verdades), é um termo que se refere aos cinco personagens principais da fundação do vaishnavismo *gaudiya* que são citados na fonte: Chaitanya, Nityananda, Advaita, Gadadhara e Srivasa.

⁸⁰² O QUE dizem nossos leitores. **Cultura Védica**. São Paulo, n. 3, 1986, p. 2.

⁸⁰³ E O QUE acontece no Norte? Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f. Texto em que o editor conta aquilo que teria sido narrado por Jagad Vichitra Dasa.

Essa dedicação intensa ao *sankirtana*, em meio a um fluxo grande de pessoas, poderia gerar situações bastantes incômodas aos sankirtaneiros, sobretudo, para as mulheres. Nas fontes consultadas durante a presente pesquisa, pude notar poucas descrições sobre necessidades ou dificuldades específicas que as mulheres passavam durante a prática da distribuição de livros. No entanto, uma delas chamou a atenção:

Outro dia eu estava na rodoviária de São Paulo e, por arranjo da providência, pude observar a Mãe Sachi Devi fazendo *sankirtana*. O modo como esta *mataji*⁸⁰⁴ estava suportando todas as inconveniências daquele inferno que é a rodoviária, que incluía até mesmo gracinhas maliciosas de vendedores de bombons, me fez ficar muito impressionado e ver o quanto todos esses grandes *mahatmas* sankirtaneiros estão lutando para estabelecer realmente o *dharma* do serviço devocional puro ao Senhor Chaitanya⁸⁰⁵.

Não bastava só admitir que a rodoviária seria um local “infernai” – talvez pelo calor, pelo nível de ruídos das pessoas e automóveis, pela sujeira ou, simplesmente, pela sua atmosfera “mundana”. Era ainda necessário descrever que uma mulher sofria com assédio (“gracinhas maliciosas”) e que isso fosse descrito como mera dificuldade a ser suportada pela devota. A narrativa do editor da CS naturaliza o machismo suportado pelas mulheres sankirtaneiras em prol do cumprimento das ordens dos líderes de *sankirtana* e as coloca de maneira romantizada, como devotas exemplares, modelos a serem seguidas pelas demais. Mulheres que deveriam ser determinadas a suportar os abusos, relativizados como “gracinhas” ou “inconveniências”. O sofrimento nesse sentido é visto de forma romântica, como sinônimo de determinação espiritual. Outra questão grave e exposta no mesmo texto é a situação de mulheres que, mesmo grávidas, passavam várias horas por dia no *sankirtana*:

Os grandes kamikazes do Norte por exemplo, como Advaita, Hari Chakra, Mãe Mantra Murti, mãe Anandamoya, Mãe Maitri (esta certamente vai receber grande misericórdia pois fez *sankirtana* durante toda a maratona e dentro de seu ventre estava o “segundo Sukadeva Goswami”. Seu filho nasceu no último dia da maratona enquanto ela estava a caminho da rodoviária sozinha com uma bolsa cheia de CAR [“*Ciência da Autorrealização*”] capa dura!). [...] Esta é a essência do serviço devocional: todos se entusiasmarem com o serviço dos outros⁸⁰⁶.

Se a vida dos sankirtaneiros parecia dura, o fardo da mulher sankirtaneira era, literalmente, mais pesado. Além das dificuldades naturais de uma gestação, para

⁸⁰⁴ *Mataji* (“mãezinha”) é um pronome de tratamento respeitosamente endereçado às mulheres na ISKCON, ainda que estas não sejam, de fato, mães.

⁸⁰⁵ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 1, 10 fev. 1982.

⁸⁰⁶ *Ibidem*.

qualquer mulher, a sankirtaneira ainda era submetida a estar, sozinha, no espaço “infernai” da rodoviária, carregando o peso de sua barriga em gestação e uma bolsa cheia de livros de capa dura para interceptar pessoas e oferecer-lhes a literatura do Movimento Hare Krishna.

A maneira congratuladora com que a cena é descrita, indicando que a mulher passou toda uma maratona de *sankirtana* – onde a quantidade de tempo e trabalho se intensificava bastante – distribuindo livros pesados, mesmo no dia em que entrou em trabalho de parto, indica como a liderança da ISKCON estimulava a dedicação dos devotos e devotas sem limites, estimulando valores da cultura *vaishnava gaudiya*, como a “austeridade”, o “sacrifício” e o “serviço devocional”. Descrever essa cena como a “essência do serviço devocional”, e não como algo a ser repensado dentro da instituição religiosa, só nos faz pensar como os sankirtaneiros (e, ainda mais, as sankirtaneiras) eram explorados em sua máxima capacidade laboral, mesmo se considerarmos que essas práticas eram entendidas enquanto trabalhos missionários.

O *sankirtana* também era executado em outros tipos de localidades, como as faculdades e universidades já que, a juventude, sobretudo, a de classe média, era o grande público-alvo do Movimento Hare Krishna:

Ambujaksa acabou de chegar de uma viagem por Santa Catarina onde pregou e distribuiu muitos livros para muitos estudantes em muitas universidades [...]. Também ouvi dizer que a maioria dos livros distribuídos no Recife são para os estudantes de faculdade. Isto faz com que os livros sejam rapidamente difundidos entre a classe “inteligente” e destrua todas as suas teorias falsas e estabeleça a consciência de Krsna como um fato irrevogável⁸⁰⁷.

A “classe inteligente”, não só dizia respeito à intelectualidade dos universitários, mas a um lugar social de privilégio que este público ocupava, sobretudo, nos anos 1980, no Brasil.

O acervo documental da BBT Brasil atesta que entre os anos 1970 e 1980, dezenas de ofícios foram enviados pela ISKCON às universidades, particulares e públicas, para obter permissão desses locais para execução de palestras e, também,

⁸⁰⁷ DASA, Isvara. Nota do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 11, 15-21 jun. 1981, 2fls.

declarações emitidas pelas próprias instituições de ensino, descrevendo as atividades que eram realizadas pelos devotos⁸⁰⁸.

Outros espaços, como lojas, escritórios, bibliotecas e espaços culturais também poderiam fazer parte do *hall* de lugares em que o *sankirtana* poderia acontecer:

Também tenho vendido livros em bibliotecas, centros culturais, livrarias etc. Sugiro aos devotos que como eu não conseguem distribuir livros em ônibus, que experimentem sair às ruas com dois ou três livros grandes, e que uma vez nas ruas, visitem as lojas, os escritórios e vendam estes livros pelo dobro do preço da BBT⁸⁰⁹.

Assim, se pudermos crer nessa narrativa acima, podemos entender que nem todos os sankirtaneiros faziam todas as modalidades de *sankirtana* e que alguns se especializavam em um tipo ou espaço da prática, enquanto que outros buscavam novas formas de realizá-la. Um distribuidor revelava o seu segredo em distribuir livros grandes – que pareciam ser difíceis de serem vendidos nas ruas e semáforos:

Não tenho mantra [de *sankirtana*] especial, apenas visito as casas comerciais e procuro fazer amizade com os proprietários, convidando-os a ficarem com um livro grande, e até agora pude notar que Krsna gosta que estas pessoas fiquem com os livros, e que não é por uma atitude especial minha⁸¹⁰.

Ele revelava que sua tática para vender coleções completas de livros ao valor de Cr\$ 350.000⁸¹¹, com “100% de lucro, acima do custo da BBT”: fazer amizade com proprietários de casas comerciais e “convidar-lhes” a ficarem com os livros. Um outro

⁸⁰⁸ Um professor agradecia em uma carta endereçada a um membro da ISKCON que realizava tais programas universitários: “Queremos, através desta, agradecer-lhe pela exposição do seu Programa de Renascimento da Cultura Védica que constou da apresentação de um show de slides [de] “Esculturas Devocionais”, de uma apresentação musical com instrumentos originais e de um debate aberto sobre a filosofia Védica da Índia milenar. Também a distribuição de doces orientais deu à apresentação um caráter muito agradável”. Embora não se mencione a distribuição de livros no programa, é recorrente que em todos os programas da ISKCON, as demais práticas sejam acompanhadas desta, que era tida como instrumento primordial de pregação. ACERVO BBT BRASIL. **Carta de Herbert Duschene (professor de História da Arte da Faculdade de Artes Plásticas de São Paulo) endereçada à Ambujaksha Dasa.** São Paulo, [s.d]. Apesar desse documento não ser datado, ele deve ser provavelmente de fins dos anos 1970 ou início dos 1980, visto que se encontra em uma pasta com outros documentos semelhantes e do mesmo período e, também, pelo fato de que em meados dos anos 1980, Ambujaksha Dasa ter deixado a ISKCON.

⁸⁰⁹ DASA, Raktaka. Néctar de Santos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 31, 29 set./06 out. 1984, 1f.

⁸¹⁰ Loc. cit.

⁸¹¹ Para se ter uma ideia de comparação, o valor do salário mínimo naquele período era de Cr\$ 97.176,00 e, no mês seguinte, seria implementado um salário mínimo no valor de Cr\$ 166.560,00, segundo o Decreto nº 90.301, de 10 de outubro de 1984.

sankirtaneiro revelava o seu “mantra” para distribuir livros em lojas e escritórios, em uma entrevista para a CS:

PP [entrevistador]: Como é o mantra que usam para fazer as lojas e escritórios?

JP [entrevistado]: Primeiro, converso muito amistosamente, perguntando sobre a família da pessoa ou a sua saúde. Depois apresento o livro e mostro um verso. Leio alto o verso para que a pessoa possa ver a facilidade da leitura, e falo sobre o verso e a filosofia. [Ilegível] muito o dia-a-dia na filosofia e como ela pode ajudar a pessoa. Mas, o mais importante é demonstrar muita amizade e ser gentil⁸¹².

Aqui percebemos que, o mantra não dizia respeito somente ao conteúdo do que era falado, mas, incluía também a abordagem: uma conversa afável, amistosa, a gentileza, demonstração de interesse pelo cliente em potencial, além de formas específicas de leitura. Uma série de elementos para que a pessoa sentisse segurança naquele que lhe apresentava um produto tido como espiritual.

Uma outra modalidade de *sankirtana*, era a distribuição de livros para pessoas socialmente influentes, como artistas, políticos e pessoas famosas. Nos anos 1980, alguns políticos de importância nacional, teriam levado livros Hare Krishna devido às astúcias de alguns sankirtaneiros. As narrativas sobre esses feitos são descritas em tom heroico, para inspirar os pares. E mostram que boa parte dessas ações ocorriam de maneira casual, fazendo com que o distribuidor de livros elaborasse táticas para execução de seus grandes feitos.

Uma dessas narrativas descreve como Advaita Dasa, sankirtaneiro que atuava em Recife, teria encontrado Aureliano Chaves, Vice-Presidente da República (1979-1985), ainda no aeroporto, quando este visitava a cidade em uma manhã de domingo, além de outras autoridades, como o Governador do estado e o prefeito da cidade, em 1981. Quando o sankirtaneiro percebeu a movimentação, ele teria se articulado com a equipe de segurança que esperava pelo desembarque do Vice-Presidente e conseguido autorização para entregar o livro em mãos, como ele descreveu:

[...] Depois de algumas rápidas entrevistas com a imprensa, um senhor desconhecido, parecendo ser o secretário de segurança do estado, aproximou-se dele e disse que havia ali um estudante que queria presentear-

⁸¹² DASA, Jaimini. Entrevista como Jaimini *prabhu*, o secretário regional da zona Norte-Oeste da Itália como Paravyoma *prabhu*. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 35, 30 set./06 out. 1985, 1f.

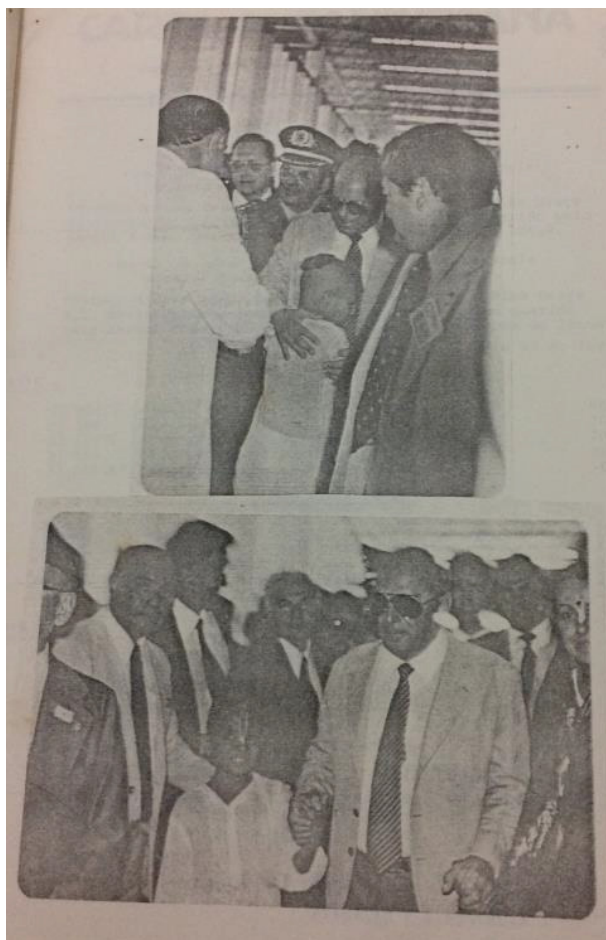
lhe algo. Aproximei-me então, apertei-lhe a mão e ofereci o “*Ciência da auto-realização*” capa dura, dizendo que era uma tradução feita pelo nosso Instituto de Yoga e que ele haveria de gostar muito, pois já tinha sido apreciado por intelectuais do mundo inteiro⁸¹³.

Dois anos mais tarde, o mesmo sankirtaneiro descrevia na CS as artimanhas para conseguir distribuir livros para o chefe máximo da hierarquia política nacional⁸¹⁴. O artigo de Advaita narra toda uma estratégia para a “missão de pregação” de conseguir distribuir livros para o então presidente Figueiredo que visitava o Recife e era recebido por populares no aeroporto. Segundo os relatos de Advaita, foi graças à percepção de algumas autoridades já conhecidas dos devotos (o ex-governador do Estado e o presidente de Assembleia Legislativa) que eles conseguiram autorização da segurança para ter acesso ao Presidente. As figuras escolhidas para entregar os livros foram uma sankirtaneira e uma criança (que não era filho dela). Quando o presidente passou, a criança, vestida com trajes *hare krishna*, foi orientada a ir até o Presidente e abraçá-lo. Somente após esse momento, os livros teriam vindo e, com eles, e o pedido para que o presidente posasse para uma foto com os devotos.

Figura 24 - Criança *hare krishna* com o presidente João Figueiredo

⁸¹³ DASA, Advaita. A importância da distribuição de livros. **Carta de Sankirtana**, n. 24, 14-20 set. 1981, f. 1.

⁸¹⁴ DASA, Advaita. Néctar do Nordeste. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 1, 31 jan./05 fev. 1983, 2fls.



Fonte: Carta de Sankirtana⁸¹⁵

Na primeira foto, a criança abraça o Presidente e, na segunda, anda de mãos dadas com ele, com a devota ficando mais ao lado do enquadramento, posando para fotos. Essa astúcia rendeu uma grande recompensa para a ISKCON do Brasil: de religião perseguida e ameaçadora (como veremos no próximo capítulo) à religião aceita, simbolicamente imortalizada na foto de uma criança tipicamente vestida e de mãos dadas com o líder máximo do executivo do Estado.

Alguns anos mais tarde, foi a vez do novo Presidente da República, José Sarney, ser alvo da mira dos sankirtaneiros. Mas, dessa vez, não se tratou de um local aleatório, em que a sorte contou a favor dos distribuidores de livros mais sagazes. O encontro se deu no próprio Palácio do Planalto, indicando que houve uma procura e um planejamento por parte dos devotos para chegar a esse fim⁸¹⁶.

⁸¹⁵ Ibidem, f. 2.

⁸¹⁶ PRESIDENTE Sarney ganha *Bhagavad-Gita*. **Cultura Védica**. São Paulo, n. 3, 1986, p. 9.

No entanto, a devota que entregou o livro não era uma sankirtaneira comum, desconhecida - que, de maneira geral, contava apenas com a astúcia para alcançar voos maiores. Helena Inez, iniciada como Lilavan Devi Dasi, era ex-mulher do famoso cineasta brasileiro, Glauber Rocha (já falecido, nesse período) e participava de uma performance em homenagem póstuma ao ex-marido que ocorria no Planalto e que tinha como convidado, o Presidente. Ao entregar um *Bhagavad Gita* à Sarney, ela o teria dedicado: “Este livro inspirou a vida daquele que foi o santo entre os políticos e o político entre os santos – Gandhi. Esperamos que seus ensinamentos sejam úteis para o senhor e todo o povo brasileiro”⁸¹⁷.

Assim, não somente o Movimento Hare Krishna buscava distribuir livros para personalidades conhecidas, como também, utilizava de “convertidos famosos” para fazer com que seus livros penetrassem territórios e personalidades de alta influência social. Além do mais famoso simpatizante Hare Krishna, o ex-*beatle* George Harrison⁸¹⁸, no Brasil, algumas outras personalidades influentes ganharam destaque por utilizarem de sua influência em favor da divulgação do movimento religioso e, também, do *sankirtana*. Rogério Duarte, um dos intelectuais mais influentes do movimento tropicalista, também se tornou devoto de Krishna nos anos 1980 e até escreveu sua própria versão da *Bhagavad Gita*⁸¹⁹.

Uma outra convertida famosa – essa atuava mais diretamente na linha de frente do *sankirtana* – estabeleceu, segundo a CS, diversos recordes de pontuação⁸²⁰. Maria Estela Splendore, iniciada como Shri Rupa Manjari Devi Dasi, era ex-esposa do famoso estilista paulista Dener Pamplona. Antes de se converter ao Movimento Hare Krishna, havia atuado como modelo, atriz e socialite e, assim, havia trânsito em eventos da alta sociedade para realizar um *sankirtana* “de elite”:

[...] Mãe Shri Rupa Manjari foi fazer sankirtana esta semana, nada mais nada menos, dentro da Esplanada dos Ministérios em Brasília, em comemoração à posse do novo Presidente. [...] Ela conseguiu dar várias entrevistas [...]

⁸¹⁷ Loc. cit.

⁸¹⁸ Harrison não somente doou uma mansão para ISKCON, como também produziu e gravou um álbum de músicas com os devotos e financiou a publicação do livro “*Krishna: the supreme personality of godhead*”. Sobre esse respeito, cf. VIOLIN, 2019.

⁸¹⁹ Cf. SILVA, V., 2015.

⁸²⁰ Em 1984, por exemplo, ela teria distribuído 200 livros “maha”, que eram bem mais caros que os demais, fazendo, sozinha, mil pontos de *sankirtana*. SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 37, 12-18 nov. 1984, 1f.

distribuiu vários livros para os ministros e várias pessoas, das mais importantes do país⁸²¹.

Talvez o seu sucesso como sankirtaneira tenha sido ainda maior pelas táticas astuciosas adotadas pela mesma. Uma reportagem descrevia que ela realizava uma dedicatória antes de convencer a pessoa a levar o livro para obter maiores êxitos:

A outrora colunável paulista Maristela (sic) Splendore, hoje devota fervorosa do Hare Krishna, tem circulado em elegantes salões cariocas vendendo uma bíblia sagrada de sua seita, oferecida a seus antigos convivas sociais em terras cariocas.

Os que recebem e se vêem (sic) diante da oferta ficam impossibilitados de recusá-la, pois Maria Stella, antes de qualquer coisa, dedica carinhosa e misticamente a obra, gesto que usa como argumento para recusar devoluções.

O livro custa Cr\$ 120 mil⁸²².

A apresentadora Xuxa também teria sido alvo de *sankirtaneiras* espertas, como a Emília, que mesmo sendo iniciante (“*bhaktin*”) e “devota externa” (que não vivia no templo como monja), conseguiu fazer com que a “Rainha dos Baixinhos” recebesse os livros publicados pela BBT:

A apresentadora Xuxa recebeu o *Bhagavad-Gita Como Ele É* e o *Além do Nascimento e da Morte* durante as gravações de seus últimos programas no final do ano passado. Os livros foram presenteados por *bhaktin* Emília, devota externa e professora de inglês em Campos⁸²³.

Assim, entre políticos e famosos, o Hare Krishna também tentava ganhar expressividade nacional, através do *sankirtana* direcionado às pessoas socialmente influentes. No entanto, apesar dessas tentativas, não parece que havia uma estratégia sólida de distribuição de livros para esse público e o que as narrativas das fontes indicam é que eram feitos isolados, tidos como “heroicos”, que teriam ocorrido por “arranjos” divinos.

Assim, o *sankirtana* variava de acordo com o tipo de espaço e as modalidades que mais funcionavam para o lugar e a circunstância. A reflexão sobre esses fatores era constante e, como vimos, havia justificação nas palavras de Prabhupada, dos devotos mais experientes e dos líderes de *sankirtana*.

⁸²¹ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 09, 11-18 mar. 1985, 1f. Pela sua fama e conversão convicta, ela foi bastante citada pela mídia brasileira durante os anos 1980.

⁸²² SWAN, Carlos. Hare, Hare. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1984. Grande Rio, p. 10.

⁸²³ TEMPLOS: Campos (RJ). **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998. Agenda, p. 4.

No entanto, nem somente de literatura era composta a prática. Veremos a seguir, outros tipos de produtos incorporados ao *sankirtana* ao longo das primeiras décadas de sua execução no Brasil.

5.3 O SANKIRTANA MODERNO, PARA ALÉM DOS LIVROS

Como já vimos, o *sankirtana* era originalmente uma prática religiosa baseada no canto, na Bengala do século XVI. Entre os séculos XIX e XX, devido ao processo de modernização indiana, a prática também passou a incluir elementos como pregações e a utilização da mídia impressa. Os artigos de jornais que falavam sobre Krishna, também seriam tidos como *sankirtana*. E Bhaktivedanta Swami Prabhupada levou esse entendimento sobre a prática a uma escala global.

No entanto, o *sankirtana* moderno não foi somente literário. Com o desenvolvimento da ISKCON, a prática, além de incluir livros, jornais e revistas, ao longo do tempo, passou a inserir outros tipos de mídias secundárias que davam suporte àquelas que seriam as principais. Como veremos, a ISKCON também se utilizou de diversos outros tipos de recursos para se propagar e manter-se economicamente que apontam para uma intensificação da mediatização da religião.

Por mais que o discurso geral da ISKCON seja focado nos livros e revistas como símbolo de sua religião e de sua atividade missionária, outros elementos materiais fizeram parte do universo religioso da instituição, fazendo necessário um olhar sobre a materialidade da religião. Segundo alguns intelectuais, o estudo material das religiões, tem como objetivo:

Explorar como a religião acontece na cultura material - imagens, objetos devocionais e litúrgicos, arquitetura e espaço sagrado, trabalhos de arte e artefatos produzidos em massa. Não menos importante do que estas formas materiais são as diversas práticas que os faz trabalhar. Ritual, comunicação, cerimônia, instrução, meditação, propaganda, peregrinação, mágica, liturgia e interpretação constituem muitas das práticas pelos quais a cultura material religiosa constrói seus mundos de crença... Materializar o estudo de religião. significa perguntar como religiões acontecem materialmente, o que não deve ser confundido com a muito menos útil questão sobre como religiões podem ser expressas de forma material. O estudo material das religiões começa com

a suposição de que coisas, seus usos, sua valoração e seu apelo não são algo adicionado à religião, mas em vez disso, inseparável dela⁸²⁴.

Assim, consideramos que, para o estudo do Movimento Hare Krishna, além dos livros sagrados, outros elementos materiais se tornaram importantes em sua história, sobretudo, considerando a mediatização da religião: publicidade, fitas de áudio, vídeo, pôsteres, *stickers*, incenso, alimentos e uma série de outros artigos que, dentro da interpretação Hare Krishna, são espirituais, missionários e são “inseparáveis” de sua história.

E esse processo nem sempre se deu de maneira pacífica dentro da instituição. Ora esses elementos eram vistos com aceitação, ora eram vistos como fator de degeneração dos “verdadeiros” ideais da ISKCON, baseados na distribuição de livros.

Neste tópico veremos, inicialmente, alguns outros tipos de mídias utilizados direta ou indiretamente no *sankirtana* e, por fim, analisaremos como o uso de outros elementos no *sankirtana* gerou ganhos e perdas para o Movimento Hare Krishna.

5.3.1 O “*sankirtana* multimídia”: outros usos de mídias no *sankirtana*

O *sankirtana*, no Ocidente, já começou com a utilização de outros elementos, para além dos literários. O incenso foi um dos produtos mais comercializados pela ISKCON ao longo de sua história e, como vimos no segundo capítulo, contou com a existência de uma das marcas pioneiras do ramo, a *Spiritual Sky*.

No Brasil, as representações coletivas sobre o Movimento Hare Krishna se confundem com a venda de incensos em espaços públicos. Segundo um dos primeiros devotos do país, a venda incensos teria começado ainda antes do início da venda dos primeiros escritos, em 1975:

Mahavira fez amizade com o dono de uma importante loja importadora de artigos indianos da Rua Augusta, e com ele conseguiu à crédito uma grande quantidade de caixas de incenso chinês e outros para revender

⁸²⁴ MEYER, B; MORGAN, D; PAINE, C; PLATE, S. B. The origin and mission of material religion. **Material religion**, n. 40, p. 209 apud SOUZA, Patrícia Rodrigues. **Religião material**: o estudo das religiões a partir da cultura material. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019, p. 107.

em *sankirtana*, e isto aumentou muito a coleta e também ajudou a pagar a impressão da revista⁸²⁵.

Interessante perceber como o devoto em questão inclui a atividade de “revenda” de incensos “no” *sankirtana* e, assim, essa atividade comercial era tida, ao menos, como parte integrante do que era entendido como *sankirtana*.

Os incensos – que também eram utilizados na liturgia dos templos e centros da ISKCON - começaram a ser amplamente comercializados a preços fixos ou no sentido religioso da “doação”, implícito na prática do *sankirtana*: pague o quanto puder. É importante salientar o caráter religioso da venda: os vendedores saíam, de maneira geral, trajados com roupas monásticas, cabelos raspados, símbolos *vaishnava* estampados no corpo e proferindo “mantras”, quer fossem “de *sankirtana*”, para a venda, quer fossem mantras de fato cantados ou entoados. A venda de incensos poderia se dar sozinha ou, como parece ter sido mais comum, conjuntamente com a venda dos livros e revistas.

A venda de incensos não era tida somente como uma oportunidade comercial, como uma maneira de financiar a manutenção das atividades dos templos e da produção de livros. Era também, uma oportunidade missionária de ter algum contato com potenciais interessados na religião, realizar contatos, pequenas pregações ou convites para visita aos centros da ISKCON. A venda de incensos e outros artigos também poderia ser entendida enquanto *sankirtana*. Ou, como diria o diretor da BBT, em meados dos anos 1980: “o incenso deve existir como uma ajuda paralela”⁸²⁶.

Embora as fontes dessa pesquisa falem muito pouco sobre a venda de incensos – devido ao foco na venda intensiva de literatura – podemos perceber que os incensos estavam presentes nas diversas formas de *sankirtana*. Até mesmo fábricas de incenso eram improvisadas dentro dos espaços dos templos⁸²⁷. Um devoto

⁸²⁵ DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte III. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f. Veremos, mais à frente, uma discussão sobre o termo “coleta” que, por vezes, confundia-se com o próprio ato de realizar *sankirtana*.

⁸²⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 34, 23-29 set. 1985, 1f.

⁸²⁷ O líder de *sankirtana* do Rio de Janeiro comentava, sobre um período de maratona: “O *pujari* [sacerdote do templo] está em *sankirtana*, o tesoureiro está em *sankirtana*, o cozinheiro está em *sankirtana*, e o templo se transformou numa fábrica de incensos [...]”. DASA, Chandra Mukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 44, 06-12 dez. 1982, 1f.

do Rio de Janeiro se orgulhava em dizer que seu produto era “o primeiro incenso de palito fabricado no Brasil”⁸²⁸.

O incenso, dentro da história do Movimento Hare Krishna, também pode ser entendido como uma espécie de mídia religiosa, no sentido de que esse produto passou a ser atrelado à imagem e às representações coletivas do Movimento⁸²⁹ e, ao ser distribuído, também “mediava” conteúdos espirituais, práticas religiosas e auxiliava na divulgação do Movimento que o distribuía nas ruas. Assim, o Hare Krishna difundia o uso do incenso e o incenso também ajudava na difusão da religião daqueles que o vendiam nas ruas.

O incenso teria sido popularizado no país, pelos *hare krishna*, segundo um dos membros pioneiros: “No Brasil, a maior parte deles [dos incensos] é feita com essências e acho que nosso movimento ajudou a torna-lo popular entre nós. E isto, há mais de dez anos”⁸³⁰. A vinculação pública do Movimento com o incenso era tanta que o líder máximo da ISKCON do Brasil, nos anos 1970 e 1980, parecia estar preocupado, como já vimos, que o público visse o Hare Krishna vinculado somente à essa experiência: “Não quero que, no Brasil, sejamos conhecidos apenas como um movimento de livrinhos e incensos”⁸³¹.

No primeiro tópico desse capítulo, vimos que os jornais e revistas do Movimento Hare Krishna faziam divulgação de venda dos próprios livros. Aqui veremos que esses mesmos periódicos também faziam divulgação de outros produtos e mídias. Um anúncio do jornal *Cultura Védica* revela que o periódico também vendia incensos diretamente ao consumidor: “Atenção, descontos super-especiais para compra [e incensos] em atacado. Escreva para “*Cultura Védica*”⁸³².

⁸²⁸ BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

⁸²⁹ Como descrevia uma reportagem de *O Globo*: “Eles vendem incenso pelas ruas das grandes cidades. E se parecem todos uns com os outros, em Nova York, Los Angeles, Paris, Londres ou – mais recentemente – Rio de Janeiro”. O IMPÉRIO dos devotos de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Capa, p. 01.

⁸³⁰ DASA, Lokasakshi apud LABOURIAU, Maria Eugênia. É fácil fazer incenso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1985, Domingo [encarte], p. 26.

⁸³¹ GOSWAMI, Hridayananda apud DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984, f. 1.

⁸³² MÍDIA transcendental. **Cultura védica**. São Paulo, n. 1, 1986. Notícias da ISKCON, p. 6.

Outros tipos de mídias mais comuns também eram usadas pelos membros da ISKCON para auxiliar o *sankirtana*. Se nos primeiros anos, os incensos reinavam juntamente com a literatura, ao longo do tempo outros produtos foram sendo agregados ao leque de possibilidades de mídias.

Os *stickers* ou adesivos, constituem-se em ferramentas importantes de difusão das religiões na contemporaneidade e constituem-se em produtos de mídia e, nos anos 1980, os adesivos já eram uma forma consolidada de difusão e consumo de bens religiosos. Como bem lembra Karina Bellotti, sobre os produtos de mídia do personagem cristão Smilingüido: “Todo produto de mídia de grande circulação adquire significados ambivalentes que favorecem a recepção entre os mais diversos grupos e faixas etárias”⁸³³.

O Movimento Hare Krishna utiliza bastante do apelo imagético característico das tradições de matriz hindu, seja pela exposição da imagem das divindades e pessoas santas ou mesmo utilizando dos símbolos sagrados e, assim, os adesivos tanto atendiam a essa característica cultural religiosa hindu, quanto operavam a lógica de difusão e consumo de bens culturais religiosos da contemporaneidade capitalista.

No Brasil, algumas “campanhas” conjuntas ao *sankirtana* foram organizadas para combater questões entendidas como problemas sociais pelos *hare krishna*. E os adesivos, além dos livros, eram as mídias usadas para auxiliar nessa finalidade:

Campanha contra as drogas

Desde o começo do ano, passamos a fazer o *sankirtana*, distribuição de livros de Srila Prabhupada, com o apoio de adesivos com dizeres contra o uso das drogas: “Cara limpa, não uso droga nenhuma”, e mais tarde, a partir de julho, “Seja feliz sem drogas”, com um belo desenho do Senhor Jagannatha, com seu nome também impresso. Esta campanha foi muito bem aceita pela população do Rio, recebemos muitos telefonemas e elogios. Principalmente, porque colocamos o Santo Nome do Senhor Jagannatha. Foi impressionante o resultado. Centenas e centenas de ônibus que circulam nesta cidade, têm este adesivo colado no seu interior, fazendo com que o próprio ônibus se torne um templo, e todos os passageiros, sentados a contemplá-Lo. Ficamos entusiasmados quando vemos um desses adesivos colados por aí. Também foram distribuídos para os carros, que as vezes vemos nos painéis ou nos vidros.

A campanha teve tanto sucesso, que o jornal O GLOBO fez uma reportagem muito favorável no seu “Jornal de Bairros”, confirmando assim, o ótimo prestígio desta campanha.

Mais uma vantagem dela, foi quando junto com os adesivos, distribuímos também, panfletos explicativos, sobre o não uso das drogas de uma maneira clara e filosófica. Cerca de 20 mil unidades foram distribuídas, ajudando ainda

⁸³³ BELLOTTI, 2010, p. 302.

mais a esclarecer a muitos que este movimento não usa drogas, como muita gente pensava, por falta de informação. Quer acredite ou não, foram distribuídos cerca de 600 mil adesivos este ano, sendo dos quais 400 mil com o Santo Nome do Senhor Jagannatha, impressionante, não?!⁸³⁴.

Os adesivos são distribuídos numa perspectiva missionária (e midiaticizada) semelhante à da distribuição de livros: como uma forma de pregação; e como divulgação da boa imagem da religião na sociedade. Na fonte, não fica claro se os adesivos eram vendidos, se solicitavam doações em dinheiro por eles. De toda forma, como a campanha era executada juntamente com a distribuição de livros, podemos ter por certo que a ação era incorporada ao *sankirtana*, inclusive seus custos e seus possíveis lucros. Uma cópia desses adesivos foi divulgada na revista do templo do Rio, a *Era Dourada*.

Figura 25 - Adesivo da campanha contra as drogas



Fonte: Era Dourada⁸³⁵

Outros tipos de mídias também têm sido usadas pela ISKCON ao longo de sua história com o objetivo de difundir as suas ideias religiosas. Em um jornal oficial da instituição no Brasil, um catálogo de produtos incluía, logo abaixo dos livros da BBT, uma série de produtos.

Figura 26 - Catálogo de produtos do jornal *Cultura Védica*

⁸³⁴ CAMPANHA contra as drogas. **Era Dourada**. Rio de Janeiro, dez. 1991, p. 4.

⁸³⁵ Loc. cit.

LIVROS - FITAS - POSTERS — CATÁLOGO

LIVROS — EDITORA BHAKTIVEDANTA

- 1 - BHAGAVAD-GITA COMO ELE É - O Gita é o mais famoso livro da literatura védica e um dos mais lidos no mundo. Foi o livro que inspirou a vida de Gandhi. Comentado por Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Texto original em Sânscrito, transliteração latina e tradução palavra por palavra. Capa dura, 822 páginas, 32 ilustrações à cores. Czf\$ 700,00
- 2 - SRIMAD-BHAGAVATAM — A mais importante obra da literatura védica segundo Sri Chaitanya. Obra completa: 12 Cantos, 18.000 versos em 50 volumes. Textos em sânscrito, transliteração latina, tradução palavra por palavra. Comentários de Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Encadernação de luxo, capa dura, ilustrações coloridas, 14 volumes já publicados (até o 4º canto). Coleção 14 volumes. Czf\$ 7.500,00
- 3 - SRI CHAITANYA CARITAMRTA - Biografia de Sri Chaitanya, escrita no século XVI por Krishnadasa Kaviraja, nos idiomas sânscrito, e bengali. Trata-se da mais profunda obra sobre o tema BHAKTI, devoção. Transliteração latina, tradução palavra por palavra, guia de pronúncia. Comentários de Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Obra completa: 7 volumes. Encadernação de luxo, capa dura, ilustrações coloridas. 4 volumes já publicados. Czf\$ 2.600,00
- 4 - O NECTAR DA DEVOÇÃO - A mais completa obra sobre a ciência da Bhakti-yoga. Um estudo do livro "Bhakti-rasamrta-sindhu", escrito no século XVI por Rupa Goswami, o mais importante discípulo de Sri Chaitanya. Adaptado por Sua Divina Graça A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Encadernação de luxo, capa dura, 269 páginas, 16 ilustrações coloridas. Czf\$ 600,00
- 5 - SRI ISOPANISAD - Um dos mais conhecidos e importantes textos védicos, dentre os 108 Upanisads. 118 páginas. Czf\$ 100,00
- 6 - PRABHUPADA LILAMRTA - Impressionante biografia de Srila Prabhupada, escrita por Satsvarupa dasa Goswami. Ilustrado, capa dura, 3 volumes. Czf\$ 800,00
- 7 - ENSINAMENTOS DA RAINHA KUNTI - Uma das mais belas passagens do Srimad Bhagavatam - 224 páginas. Czf\$ 220,00
- 8 - A VIDA VEM DA VIDA — Empolgante tema da origem da vida, em forma de diálogos. 121 páginas. Czf\$ 120,00
- 9 - A CIÊNCIA DA AUTO REALIZAÇÃO - Coleção de interessantes palestras, entrevistas e ensaios de Srila Prabhupada sobre o conhecimento védico. Czf\$ 220,00
- 10 - INTRODUÇÃO A FILOSOFIA VÉDICA - Uma apresentação didática dos principais aspectos da filosofia dos Vedas. Importantíssimo. Escrito por Satsvarupa dasa Goswami, 127 páginas. Czf\$ 220,00
- 11 - RETORNANDO - A CIÊNCIA DE REENCARNAÇÃO - O tema reencarnação num enfoque científico e filosófico - Interessantíssimo. 66 páginas. Czf\$ 65,00
- 12 - GOSTO SUPERIOR - Guia de alimentação vegetariana. 58 páginas ... Czf\$ 65,00
- 13 - NECTAR DA INSTRUÇÃO - UPADESAMRTA - Escrito por Srila Rupa Goswami. Contém instruções práticas para a vida espiritual. 73 páginas. Czf\$ 65,00

MÚSICA INDIANA EM FITA K7 — AVATAR DOURADO PRODUÇÕES
PREÇO UNITÁRIO Czf\$ 200,00

A CANÇÕES DEVOCIONAIS (MÚSICOS E CANTORES INDIANOS)

- A1 - KIRTAN - Srila Prabhupada
- A2 - TEMPLO RADHA-KRISHNA - Gravado em Londres, produzido por George Harrison. Destacando "Govinda".
- A3 - RESERVATÓRIO DE PRAZER - Riksaraj dasa.
- A4 - TEMPLO DA MENTE - Sat-Ch-Ananda dasa.
- A5 - PRABHUPADA KRIPA DASA - Hari Om Sharan & Nandini Sharan.
- A6 - LAKSHMI SHANKAR (irmã de Ravi Shankar) Canta canções devocionais.

B - SÉRIE INSTRUMENTAL

- B1 - RAGAS - Ali Akbar e Ravi Shankar.
- B2 - RAGA II - Ali Akbar & Ravi Shankar.
- B3 - RAGA HAMEER & GARA - Sitar e Tabla
- B4 - RAGA YOGESHWARI - Sitar e Tabla
- B5 - MAYAPUR SHENAY - Ragas matutinas e vespertinas

C - CANÇÕES DEVOCIONAIS (COM INSTRUMENTOS OCIDENTAIS)

- C1 - THE SONG OF THE SOUL — Bhagavan.
- C2 - HARMONIA — Bhagavan.
- C3 - ALIVE — RASA AND THE FAMILY KRISHNA - Harikesh Swami.
- C4 - TRANSPARENT MEDIA — Harikesh Swami.

POSTERS - FUNDAÇÃO BHAKTIVEDANTA

1 - GOVINDA	30x40 cm	Czf\$ 150,00
2 - RADHA-GOVINDA	30x40 cm	Czf\$ 150,00
3 - VRNDAVANA-DHAMA	30x40 cm	Czf\$ 150,00
4 - KRISHNA-KALYA	30x40 cm	Czf\$ 150,00
5 - PARAMATMA	45x55 cm	Czf\$ 180,00
6 - SRI KIRISHNA	45x55 cm	Czf\$ 180,00
7 - RODHA-KRISHNA	45x55 cm	Czf\$ 180,00
8 - KRISHNA-BALARAMA	45x55 cm	Czf\$ 180,00
9 - GOPAL-KRISHNA	45x55 cm	Czf\$ 180,00
10 - KRISHNA-ARJUNA	50x70 cm	Czf\$ 200,00
11 - KESAVA-VISHNU	50x70 cm	Czf\$ 200,00

PEDIDOS - Depositar na conta "CULTURA VEDICA" no Banco Bradesco, agência 3035-P, C/C 54.248-2. Enviar o comprovante de depósito junto com o pedido ou, então, um cheque em nome de "CULTURA VEDICA". Pedidos por reembolso postal podem ser efetuados para compras acima de Czf\$ 500,00, com acréscimo das despesas de correio.

Fonte: Cultura Védica⁸³⁶

Na imagem, percebemos uma série de produções fonográficas disponíveis à venda em fita K7, contendo músicas devocionais indianas cantadas e instrumentais, incluindo canções com o próprio Bhaktivedanta Swami cantando, além de outros gurus da ISKCON, como Bhagava Swami e Harikesh Swami. Este último, teria lançado, como pode ser visto na imagem, um álbum intitulado *Transparent Media* ("Mídia Transparente") – indicando que havia uma consciência sobre a produção de mídias religiosas por parte dos líderes *hare krishna*.

Na fonte acima, também percebemos a disponibilização de pôsteres para venda contendo imagens de Krishna e dos personagens e lugares sagrados para a tradição *vaishnava*. Outras edições do mesmo jornal também traziam um catálogo

⁸³⁶ LIVROS, fitas, posters – catálogo. **Cultura Védica**, Pindamonhangaba, n. 7, 1988, p. 12.

com fotos de 20x25 cm de deidades, pinturas da BBT e de gurus, como Bhaktivedanta Swami e Hridayananda Dasa Goswami⁸³⁷.

Nos anos 1990, com o retorno da *Volta ao Supremo*, uma série de publicidades foram incorporadas à revista, aumentando consideravelmente o número de anúncios, incluindo produtos e serviços.

Figura 27 - Anúncios da revista *Volta ao Supremo*



Fonte: *Volta ao Supremo*⁸³⁸

Estampando suas páginas de anúncio com o slogan adotado pelo missionarismo do *vaishnavismo gaudiya* moderno (“em toda vila e cidade”), a revista oficial da ISKCON no Brasil aproximava ou incluía no próprio movimento de *sankirtana* a venda de produtos e serviços diversos. Em outras palavras, essa disposição dava a entender que não havia diferença entre os aspectos religiosos-missionários e a venda de produtos e serviços, quer fossem ou não vinculados diretamente às atividades missionárias iskconianas.

Alimentos, incensos, camisetas estampadas, joias, objetos decorativos ou esotéricos, serviços como pousadas, terapias holísticas e outros elementos eram incluídos no leque de opções ofertadas como parte do universo Hare Krishna em expansão.

⁸³⁷ CULTURA VÉDICA. São Paulo, n. 1, 1986. Notícias da ISKCON, p. 6-10.

⁸³⁸ VOLTA AO SUPREMO, 1994, n. 4, p. 29-31.

Observando os anúncios de periódicos Hare Krishna, podemos perceber que o interesse missionário e a necessidade de publicizar e vender produtos (não necessariamente “missionários”), andavam juntos.

Figura 28 - Anúncio A do jornal *Hare Krishna Informa*



Fonte: Hare Krishna Informa⁸³⁹

No anúncio de uma loja de roupas esportivas, lê-se logo abaixo: “O *Bhagavad Gita* é o meu livro de cabeceira”⁸⁴⁰. Já no anúncio de aulas de karatê e defesa pessoal, o professor declarava que ele e sua família adoravam “a consciência de Krishna”⁸⁴¹.

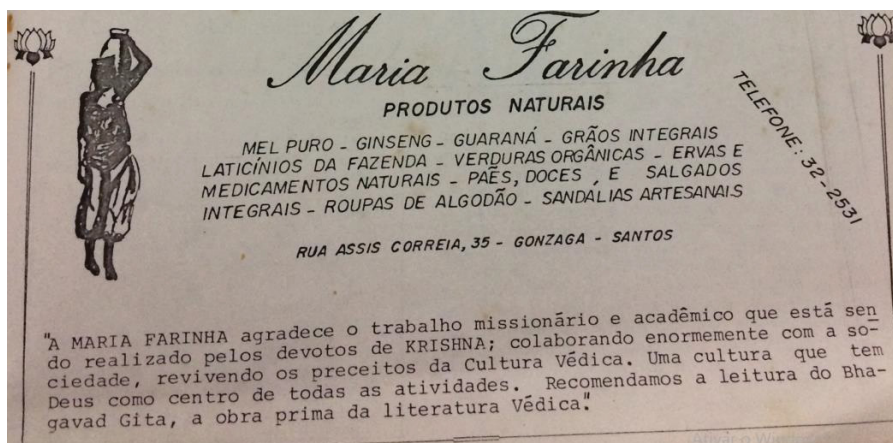
Mesmo quando os produtos ou serviços não eram de projetos ou membros da ISKCON os periódicos Hare Krishna davam um jeito de fazer uma propaganda missionária, como é o caso de alguns anúncios do mesmo jornal.

Figura 29 - Anúncio B do jornal *Hare Krishna Informa*

⁸³⁹ HARE KRISHNA INFORMA. Santos, ano I, n. 1, abr./mai. 1985, p. 5.

⁸⁴⁰ Loc. cit.

⁸⁴¹ Loc. cit.



Fonte: Hare Krishna Informa⁸⁴²

Logo abaixo do anúncio de uma loja de produtos naturais, uma citação em nome do estabelecimento comercial agradecia pelo “trabalho missionário e acadêmico” realizado pelos *hare krishna*, pela difusão da “cultura védica” e também recomendava a leitura da *Bhagavad Gita*.

Dessa forma, podemos perceber que, mesmo os anúncios de produtos e serviços em periódicos ligados à ISKCON, também “faziam *sankirtana*”, no sentido em que recomendavam a leitura (ou compra dos livros), tinham objetivos similares ao da prática (tanto missionários, quanto financeiros) e ainda caminhavam juntos no quesito publicidade, confirmando aquilo que as primeiras páginas desta tese já apontava como hipótese: mídia, publicidade e religião estão cada vez mais em confluência e que esse processo não foi diferente com o Movimento Hare Krishna.

Esse processo parece ter se intensificado, sobretudo, a partir dos anos 1990, quando cada vez mais membros da ISKCON passaram a formar novas configurações sociais no movimento, deixando a vida missionária para montar seus próprios negócios ou entrar no mercado de trabalho⁸⁴³.

Querendo ou não, a ênfase superlativa dada à distribuição de livros e revistas, com a diminuição de mão-de-obra *sankirtaneira* disponível teve que dar lugar à novas formas de *sankirtana* que passaram a ser desenvolvidas ao longo dos anos 1990 e,

⁸⁴² HARE KRISHNA INFORMA. Santos, ano I, n. 1, abr./mai. 1985, p. 9.

⁸⁴³ Isso já foi apontado em outra pesquisa: CARVALHO, 2018; e, também, por: ROCHFORD JUNIOR, 2007. Este último, tratando da realidade estadunidense que teve um recuo, iniciando o mesmo processo ainda nos anos 1980.

mais ainda, a partir dos anos 2000, com a difusão da internet no Brasil – mas que seriam objeto para outra pesquisa, mais focada no tema.

No entanto, mesmo nos anos 1980, como vimos nesse tópico, e mais ainda nos anos 1990, o *sankirtana* no Brasil inseriu diversos tipos de mídias que auxiliaram na sua manutenção, desenvolvimento e difusão pelo país. Na última década do século XX, o número de produtos e formas de realizar a prática já impunham ao membro da ISKCON um novo tipo social que foi chamado por um devoto de “sankirtaneiro multimídia”:

Hoje apresenta-se uma outra linguagem para a pregação; podemos dizer que apresenta-se um novo tipo de sankirtaneiro: o sankirtaneiro multimídia. É fantástico imaginar que existe a novela de Srila Prabhupada na Índia. Consegue-se imaginar o que é pregar simultaneamente para milhares de pessoas? [...]
Não podemos negar o fascínio pelo vídeo. Não podemos negar a maravilhosa ilusão da informática. Não podemos dizer não. Talvez fosse melhor darmos um passo à frente e saturarmos o mercado de multimídia transcendental. Por que não?⁸⁴⁴.

A “novela” citada pelo entusiasmado devoto faz referência a um seriado exibido em TV aberta na Índia, em 1996, por ocasião do centenário de Bhaktivedanta Swami Prabhupada e que teve participação de membros da ISKCON na produção e encenação⁸⁴⁵.

É mister salientar que essa era uma opinião, um relato pessoal de um membro comum da ISKCON que só passou a ter voz nos periódicos oficiais da instituição, a partir de meados dos anos 1990⁸⁴⁶, quando a instituição no Brasil começou a entender que precisava ouvir mais os seus membros comuns, até porque havia dificuldades financeiras relativas à baixa do *sankirtana* e do número de membros de dedicação integral à instituição.

⁸⁴⁴ DEVI DASÍ, Govindarasa. Vale a pena pensar. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai. 1998. Fórum vaishnava, p. 7-8.

⁸⁴⁵ O seriado foi, posteriormente comercializado pela ISKCON em formato de DVD.

⁸⁴⁶ A revista *Sat Sanga* foi um dos poucos periódicos da ISKCON do Brasil que tinham o objetivo de integrar diálogos entre membros comuns e líderes da instituição. O “Fórum Vaishnava” era uma seção da revista que tinha o objetivo de dar voz aos membros comuns, recebendo e publicando opiniões sobre o passado, presente e futuro da instituição, através das cartas enviadas à redação. A revista circulou entre 1996 e 1998 e funcionou de maneira bimestral e trimestral, tendo como público alvo os próprios integrantes da ISKCON.

Podemos dizer é que, em meados e fins dos anos 1990, esse “*sankirtana* multimídia” já era uma realidade consolidada na ISKCON. No entanto, para além de produtos e mídias vendidas em periódicos, os sankirtaneiros também utilizaram da venda de produtos na própria atividade do *sankirtana* de rua desde os seus primórdios. Veremos a seguir como a “coleta” foi uma prática presente no *sankirtana* e que implicou em saldos positivos e negativos para o Movimento Hare Krishna.

5.3.2 A “coleta”: outro nome e função para o *sankirtana*

A “coleta” é um termo genérico utilizado pelos membros da ISKCON para se referir ao ato de vender produtos ou solicitar doações por eles em lugares públicos, como semáforos, calçadas, ônibus, rodoviárias, etc. Os produtos poderiam ser os mais variados, desde os “tradicionais” incensos até alimentos, como pães, bombons e outros.

“Coletar” era uma prática que implicava aos sankirtaneiros, utilizando, por vezes, as mesmas técnicas utilizadas na distribuição de livros. No entanto, por envolver produtos que não eram necessariamente vinculados à religião, nem sempre havia espaço para a pregação religiosa durante essa prática e, assim, a ênfase no resultado financeiro acabava por gerar um mal-estar e contradições entre interesses de líderes da distribuição de livros e os devotos e dirigentes de templos mais preocupados com a manutenção direta de seus centros.

Como reclamava o diretor da BBT Brasil: “Podemos ver, às vezes, que os devotos acostumados apenas a um tipo de coleta já não conseguem mais vender muitos livros diretamente”⁸⁴⁷. Podemos perceber nessa fala que há uma distinção entre o que é entendido como “coleta” e a venda de livros. Em outros momentos, o termo é usado no sentido de “juntar” ou “arrecadar dinheiro”, incluindo implicitamente a venda de livros. Em um artigo sobre o *sankirtana* de da comunidade de Nova Gokula durante os preparativos da maratona de *sankirtana* de Natal, era anunciado: “Parece

⁸⁴⁷ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982, 1f.

que nenhum outro templo poderá ganhar pois são mais de 30 sankirtaneiros coletando fortemente para a construção do novo templo de Radha Gokulananda”⁸⁴⁸.

A “coleta”, assim como a distribuição de livros, eram atividades próprias dos sankirtaneiros e, dessa forma, a ideia de que isso também poderia ser chamado de *sankirtana* ficava sub-repticiamente implícita. O sankirtaneiro era também um coletor, um especialista na arte de vender e conseguir doações. Como disse em outra pesquisa:

Vale atentar para o fato de que a prática da coleta desenvolveu nos membros da ISKCON *expertise* em linguagem técnica de produção: o *sankirtaneiro* poderia assumir o ofício de um especialista; para além das práticas litúrgicas, de pregação, canto ou atuação artística, ele era especializado na arte de coletar doações em dinheiro. Como “caçadores-coletores” dos modernos centros urbanos, eles saíam pelas ruas para conquistar novos membros para o movimento e para coletar o dinheiro necessário à manutenção do templo e de seus programas⁸⁴⁹.

O sociólogo Rochford Junior também analisou em seus estudos a prática que, no contexto estadunidense, era conhecida como *picking*. Para o autor:

O “*picking*” [“coleta”] foi uma prática que a ISKCON usou durante o fim dos anos 1970 e primeira metade dos anos 1980. Ela inclui a venda de produtos, tais como álbuns de música, obras de arte, *stickers* [adesivos] e bonés de times para membros do público. Ela também inclui solicitar doações para causas de caridade não existentes. O *picking* geralmente não exige que a identidade de seu praticante seja revelada. Embora controverso, a prática provinha uma fonte significativa de recursos para New Vrindaban e muitas outras comunidades da ISKCON [nos EUA]⁸⁵⁰.

Como já foi comentado no tópico sobre o “*Sankirtana* pós-Prabhupada”, a prática do *picking* ou coleta, segundo Rochford, foi responsável por uma boa entrada de recursos financeiros para os templos da ISKCON nos EUA, mas, no entanto, também acabou por causar desconfiança e má visibilidade perante a opinião pública no país, sobretudo, quando envolvia falsas campanhas de arrecadação de fundos que não informavam diretamente os reais objetivos da “coleta” que era a manutenção dos

⁸⁴⁸ E O SANKIRTANA de Nova Gokula? Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

⁸⁴⁹ CARVALHO, 2018, p. 123. A expressão “caçador-coletor” é uma metáfora utilizada por Michel de Certeau para se referir às práticas de sobrevivência do “homem comum” no cotidiano. Cf. CERTEAU, 2012.

⁸⁵⁰ “‘*Picking*’ was a practice that ISKCON used during the late 1970s and early to mid-1980s. It involved selling products such as record albums, artwork, and stickers and hats supporting sports teams to members of the public. It also entailed soliciting donations for nonexistent charitable causes. *Picking* generally did not require revealing one’s identity as an ISKCON member. Albeit controversial, the practice provided a significant source of funds for New Vrindaban and many other ISKCON communities”. ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 23-24.

centros da ISKCON e seus membros, sobretudo, em períodos em que as religiões entendidas como “seitas” eram bombardeadas com representações negativas nas mídias de grande circulação.

Dessa forma, embora a coleta fosse amplamente utilizada pelos membros da ISKCON como forma de ajudar na manutenção de seus projetos, nem sempre a relação dos seus próprios praticantes e entusiastas era bem vista pelos dirigentes e demais membros preocupados com uma certa “pureza” que a distribuição direta de livros representaria em detrimento de outras práticas.

Para alguns líderes iskconianos, a “coleta” seria válida se fosse feita com a venda de produtos que inspirassem as pessoas a desenvolverem hábitos “no modo da bondade”, ou seja, que envolvesse elevação moral, ética, intelectual ou mesmo higiênica da população:

Devemos discriminar o que podemos fazer no *sankirtana*. Prabhupada disse que podemos distribuir artigos que sejam de benefício social. Até mesmo Prabhupada dava o exemplo do sabão e do creme dental. Se distribuirmos sabão ou creme dental, isso animará as pessoas a permanecerem limpas, e por se manterem limpas isso as promoverá ao modo da bondade, e ao se encontrarem no modo da bondade poderão compreender a Krishna. [...] Podem ser qualquer coisa simples e inofensiva, porém, tudo aquilo que estimula as pessoas a praticarem atividades pecaminosas devem ser evitadas por completo⁸⁵¹.

Assim, a venda de produtos deveria estimular o “benefício social” e evitar o estímulo a “atividades pecaminosas”. E nesses termos, devemos lembrar que “pecaminoso” para uma teologia iskconiana é, sobretudo, aquilo que estimula as pessoas a se afastarem da “consciência de Krishna”, reunidos nas quatro abstenções que o devoto se compromete ao ser iniciado formalmente: não consumir carnes, peixes e ovos; não praticar sexo fora do matrimônio e sem intenção da procriação; não jogar jogos de azar; e não consumir substâncias intoxicantes (incluindo alimentos que contenham cafeína).

Sobre a última abstenção, é curioso perceber que, apesar de não consumir diversos tipos de alimentos industrializados – já que, a teologia Hare Krishna recomenda consumir apenas alimentos produzidos por devotos e consagrados à

⁸⁵¹ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 32, 16-23 nov. 1981. Néctar da semana, 1f.

Krishna -, os próprios membros da ISKCON faziam “coleta” com alimentos como biscoitos, bombons e chocolates, produtos que não eram (ou não deviam ser) consumidos por eles mesmos:

Chandra Mukha: [...] os devotos sentem felicidade de vender alguma coisa para conseguir muito *lakshmi* [dinheiro], e depois vendem muitos livros...

Srila Acharyadeva: Sim, se eles vendem o livro está bem. Eles podem fazer o que eles quiserem, pois queremos que muitas pessoas obtenham o livro. Sim, existem muitos processos, então os devotos podem escolher algo prático.

Chandra Mukha: Então não teria problemas coletar com bombons, depois vender...

Srila Acharyadeva: Bombons? Chocolate?... Sim, isto também é pregação, isso é apoio à pregação.

Isvara Swami: Essa parafernália?

Srila Acharyadeva: Essa parafernália é nossa amizade, com os *karmis*, damos presentes eles também dão *lakshmi*, isso é intercâmbio amoroso⁸⁵².

A “coleta” poderia ser entendida como um “intercâmbio amoroso” se fosse feita como uma ação complementar de “apoio” ao *sankirtana*, segundo o maior guru da ISKCON atuando no Brasil. Seriam “presentes” que simbolizariam a “amizade” entre devotos e “*karmis*”.

No entanto, Isvara Swami, o diretor da BBT, parecia questionar a afirmação sobre tais tipos de “parafernália”. Talvez, porque o gasto de tempo e mão-de-obra com a venda de produtos que não fossem os livros e revistas impressos na editora, deslocava os recursos financeiros diretamente para os templos, sem incluir a BBT, fazendo com que a missão de publicação da mesma enfraquecesse. Isvara foi um dos mais insistentes críticos da prática da coleta no Brasil e esse parece ter sido um dos principais motivos. No entanto, diversos outros fatores eram alegados, entre eles, a ideia de que arrecadar dinheiro com produtos para além da literatura religiosa seria contra os princípios estabelecidos pelo fundador da ISKCON:

Durante todos estes anos que estive trabalhando com livros notei como é desafortunada a posição de um *vaishnava* que está sempre enrolado com negócios e se esquece completamente dos livros.

[...] Sempre ouço muitas propostas de que devemos parar de distribuir livros por um tempo para reestruturar a economia dos templos, mas isto vai contra a filosofia de Prabhupada e mostra falta de potência espiritual⁸⁵³.

⁸⁵² GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 4. Essa entrevista era o resultado de uma conversa informal entre líderes da instituição que, no entanto, foi gravada e reproduzida na revista.

⁸⁵³ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 34, 23-29 set. 1985, 1f.

A venda de “parafernálias” – como eram chamados os produtos vendidos em *sankirtana* que não eram literatura – era uma fonte direta de recursos para os templos locais. No entanto, a prática parecia não favorecer a conjuntura central da instituição ou, ao menos, o motor econômico da mesma, representada pela BBT. Para além da questão financeira, a “coleta” deveria ser, segundo Isvara, uma prática que facilitasse a distribuição de livros e não em substituição a ela, pois as consequências seriam negativas, inclusive, espiritualmente:

As maratonas empreendidas por razões econômicas desestimulam os devotos. Devemos conseguir passar sem “maratonas de desastre” ou “campanhas para salvar o templo”. Se as vendas de parafernália facilitam a distribuição de livros, nada tenho contra elas. Mas um templo que funcione simplesmente baseado na parafernália é como um deserto⁸⁵⁴.

Outro líder de *sankirtana* argumentava que, mesmo se o problema a ser resolvido fosse econômico, a distribuição de livros era o caminho. Em um artigo na CS, Chandra Mukha fala como a solução para os problemas financeiros do templo de São Paulo foram resolvidos com a distribuição de livros. Ele ressaltava que os templos queriam resolver suas questões financeiras através da “coleta”, por não quererem assumir dívidas ou “compromissos” com a BBT. No entanto, ele revelava que o segredo do seu sucesso seria justamente este, assumir responsabilidades com a BBT e focar nos livros ao invés da coleta:

Em outras palavras compreendemos, pela misericórdia do guru e Krishna, que todos os problemas que existem foram criados única e exclusivamente pela “ausência da distribuição de livros” e como se não bastasse, ainda estávamos pretendendo resolver os problemas com a mesma “ausência de distribuição de livros”. Isto é completamente contraditório. [...] Estávamos só pensando em coleta e os poucos livros que os devotos levavam a *sankirtana* eram vendidos tão caro justamente para não ter muita saída e criar compromissos com a BBT. [...] o fato prático é que a coleta que fazíamos dava para resolver “alguns” problemas, mas criava uma série de “outros” problemas ainda maiores, do qual o problema maior é a desobediência ao mestre espiritual [...] ⁸⁵⁵.

A “coleta” seria uma forma rápida, porém, ilusória de ganhos materiais já que, segundo o líder, ela traria prejuízos espirituais, incluindo aqueles que adviriam em “desobedecer” às ordens do mestre espiritual relativas à necessidade de distribuir livros.

⁸⁵⁴ DASA M. apud DASA, A. T., 1997, p. 207.

⁸⁵⁵ DASA, Chandramukha. Néctar de São Paulo. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 06, 26-31 mar. 1984. Néctar da semana, 1f.

Nesse ponto, apesar de vermos que a “coleta” era muito utilizada no (ou conjuntamente ao) *sankirtana*, os líderes mais entusiastas da distribuição de literatura religiosa iskconiana precisavam alertar aos demais líderes e devotos de que “coleta” e distribuição de livro não estariam no mesmo patamar ou não seriam o mesmo tipo de *sankirtana*, como advertia Isvara:

Este fogo do *sankirtana* não pode se apagar, e nunca podemos pensar que apenas “coletar” é a mesma coisa que fazer *sankirtana* distribuindo livros⁸⁵⁶.

A distribuição de livros é como algo milagroso, bem diferente da coleta com incenso ou qualquer outra parafernália. Do ponto de vista material pode parecer a mesma coisa: saímos às ruas e coletamos, seja com incenso ou livros. Mas os livros são diferentes, eles são a pregação pura e direta. O incenso deve existir como uma ajuda paralela, mas se não houver livros, nossa consciência logo se torna mundana. Este é o poder místico dos livros: eles regulam nossa vida espiritual, tanto na leitura quanto na distribuição⁸⁵⁷.

Assim, além do *sankirtana* ser uma prática entendida como superior às demais, como vimos nos capítulos anteriores, dentro do próprio entendimento do que seria o *sankirtana* havia diferenciações e hierarquizações. A distribuição de livros era vista como superior a qualquer outra forma que por ventura também fosse incluída na categoria “*sankirtana*”. Poderia “parecer a mesma coisa”, mas a distribuição de livros seria “pregação pura e direta” e a parafernália poderia tornar a consciência do sankirtaneiro em algo mundano.

Talvez, o que o diretor da BBT queria dizer em “consciência mundana” seja a preocupação com dinheiro, com resultados meramente econômicos e não o esperado, que seria o sucesso missionário e espiritual:

A nossa estratégia de *sankirtana* se tornou mais um grupo de coleta. Dificilmente estamos pensando em *sankirtana* em termos de distribuição de livros. Corremos o perigo de ficar pensando apenas na coleta, e nos esquecer de livros, apenas pensando em *lakshmi* [dinheiro]. É esse o perigo que Srila Acharyadeva nos advertiu: não burocratizarmos a nossa pregação. [...] No Brasil, existem inúmeros grupos de sankirtaneiros que saem para coletar, e dificilmente eles levam livros consigo para vender. Isto é mais que horrível⁸⁵⁸.

O teor desses argumentos, aproxima-se da tese de Rochford de que, a partir do início dos anos 1980, o Movimento Hare Krishna nos EUA teve sua imagem pública

⁸⁵⁶ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 09, 15-21 abr. 1984, f. 1.

⁸⁵⁷ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 34, 23-29 set. 1985, 1f.

⁸⁵⁸ SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 03, 28 jan./03 mar. 1985, 1f.

afetada por dois motivos: um externo, motivado pelo ataque da mídia e das organizações “antisseita”; e outro, interno (e que nos interessa aqui), motivado pela má conduta de devotos que mentiam ou omitiam as reais intenções de suas atividades de arrecadação de fundos no *sankirtana*⁸⁵⁹.

No próximo tópico vamos debater um pouco mais sobre a relação conflitante da ISKCON em relação ao que seria entendido como ético ou possível no *sankirtana*.

5.4 “O FIM JUSTIFICA OS MEIOS”: QUESTÕES ÉTICAS SOBRE O SANKIRTANA

Como temos visto ao longo da tese e, sobretudo no presente capítulo, o entendimento sobre o que é o *sankirtana* para o Movimento Hare Krishna perpassa por muitas considerações, inclusive, pelas diversas maneiras que ele foi praticado ao longo do tempo.

Nas linhas que se seguem, veremos discussões dos próprios membros da ISKCON sobre questões éticas no *sankirtana*: o que pode ser feito ou dito na prática? O que é desejável ou reprovável na maneira como o *sankirtana* vinha sendo praticado por seus membros nas primeiras décadas de sua existência?

5.4.1 Argumentos sobre a “enganação” no *sankirtana*

Para responder às indagações do parágrafo anterior, precisamos voltar rapidamente para alguns dos argumentos utilizados por Bhaktivedanta Swami Prabhupada em vida e reproduzidas inúmeras vezes por seus sucessores para justificar a venda de livros e arrecadação de fundos de maneiras que eram questionadas por pessoas externas ao Movimento Hare Krishna:

Algumas pessoas haviam escrito a BBT reclamando que haviam sido enganados ou pressionados na compra de um livro. Os devotos respondiam a estas reclamações de diversas maneiras. Os sankirtaneiros protegiam-se nas ordens de Prabhupada de distribuir tantos livros quanto possível. [...] Srila Prabhupada havia explicado essa questão em seus livros relatando incidentes históricos quando o movimento de *sankirtana* do Senhor Chaitanya foi parado pelo governo maometano. “Devemos lembrar”, Prabhupada escreve, “que esses incidentes ocorreram

⁸⁵⁹ ROCHFORD JUNIOR, 1985, passim.

no passado, quinhentos anos atrás, e o fato de que eles ainda ocorrem indicam que nosso movimento de *sankirtana* é realmente autorizado, pois se o *sankirtana* fosse realmente uma ocupação insignificante e material, os demônios não teriam objeção [...]”⁸⁶⁰.

As pessoas que interagiam com os sankirtaneiros tomavam a liberdade de escrever para a BBT reclamando sobre a conduta dos distribuidores de livros, mas, as respostas dadas pela ISKCON giravam em torno da defesa das instruções e das ordens de Prabhupada. É interessante notar os usos do passado realizados pelo guru para justificar esse tipo de incidente: o *sankirtana* seria perseguido agora porque também o fora no passado. Ou seja, ele não toca diretamente na questão da má conduta dos seus discípulos, mas, transfere a questão para um problema de perseguição religiosa que até ocorria⁸⁶¹, mas não isenta seus membros de possíveis más condutas.

Às vezes, o guru era questionado diretamente pelos seus próprios discípulos sobre a questão da enganação ou mentiras no *sankirtana*. Veremos a seguir um extenso diálogo entre Prabhupada, seu secretário pessoal e um presidente de templo descontente com a desonestidade dos sankirtaneiros que vale a pena ser analisado:

Pres. Templo: Geralmente fico irado quando as pessoas coletam dinheiro usando termos mentirosos e dizem que estão coletando dinheiro para o centro de beneficência ou para alimentar as crianças locais, etc. E assim eles costumam coletar dinheiro, mas não é muito honesto.

Secretário: Prabhupada já deu muitas vezes instruções aos devotos para que eles tentem distribuir os livros ao máximo possível de acordo com o mérito do livro.

Pres. Templo: Mas há tanta coleta, e não distribuição de livros.

Secretário: Mas o principal é que a instrução de Srila Prabhupada está lá.

Pres. Templo: Mas o que todos os devotos querem ouvir é que Prabhupada também disse: “De qualquer maneira”.

Secretário: às vezes, é necessário para interessar alguém para um livro que se instigue o seu interesse. Assim como as pessoas estão interessadas em atividades filantrópicas.

Prabhupada: Assim como nosso... Qual é o seu nome?

Devoto: Tripurari

Prabhupada: Uma senhora perguntou: “Há alguma instrução sobre crise energética?”, “Oh, sim” (risadas). Então ela comprou o livro, e no dia seguinte ela disse: “Não há nada sobre energia”. Assim Tripurari vendeu um livro. A senhora perguntou: “Há alguma instrução básica sobre crise energética?” E ele disse: “sim”. E você acha que isto está errado? Essa é sua versão?

Pres. Templo: Eu acho que uma simples mentira como esta não é má.

Prabhupada: Mas o ponto de vista de um devoto é que qualquer que seja a pergunta da pessoa, se ela adquire o livro, ela será beneficiada. Esse é o

⁸⁶⁰ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 5, 28 fev./05 mar. 1983, f. 2. A palavra “demônios” é um termo agressivo referente aos “materialistas” ou não-devotos. Confira o dicionário de verbetes no Apêndice 1.

⁸⁶¹ Como já tratei na pesquisa anterior: CARVALHO, 2018.

ponto. Mas você, como um grande moralista, você (risadas) pensa que ele está enganando. Ele não está enganando. Ele está beneficiando. De uma maneira ou de outra ele está dando um livro a ela. Algum dia ela o lerá e ela se beneficiará. Mas vocês, vocês pensam: “Por que nós devemos vender assim? Sim, existe a solução da crise energética”. Na verdade, há, mas você pensa que ele está mentindo. Assim quando algumas vezes a criança sofre de febre, então o pai quer que a criança tome os remédios e promete: “Você toma o remédio, e eu lhe darei este bolo”. O propósito não é dar o bolo. O propósito é que a criança tome o remédio. Este é o propósito. Mas o pai promete: “Se você tomar o remédio, eu lhe darei o bolo”. O bolo é perigoso para a criança que está sofrendo de febre, mas ainda assim a ilude: “Se você tomar o remédio, eu lhe darei o bolo”. Então, o pai está certo ou errado? [...] O pai é sempre um amigo. Um pai não pode ser um inimigo. Mas para o benefício da criança tola, às vezes ele tem que mentir assim. [...] Assim, aqueles que são moralistas mundanos, não podem entender isso por estarem na plataforma mundana.

[...] Se alguém faz o que Krishna quer, ele está acima de tudo aquilo que é material. [...] Nós devemos distribuir livros por qualquer meio. Isso é bom. E se você se torna um grande moralista que, diz: “Oh, eles estão usando estes meios, aqueles meios para vender livros, mas eu sou um grande moralista, eu sou maior do que ele”.

[...] Sim, os outros que estavam transgredindo os princípios morais eles estavam vendendo mais livros. E aqueles que são grandes moralistas, eles não puderam fazê-lo.

[...] Na venda de livros, não há problemas de ser moral ou imoral, eles devem vender. Assim como na luta. Onde há luta os soldados, os soldados para obter a vitória, não se limitarão a problemas relativos à moral e imoral.

[...] Deixe a criança tomar o remédio, não se preocupem se o pai está falando mentiras. Porque quando a criança tomar o remédio ela será beneficiada. O fim justifica os meios. O fim é que todos devem ter um livro sobre Krishna. Não importa qual é o meio. Porque ele tem um livro sobre Krishna... isto justifica tudo. Este é o princípio.

[...]

Pres. Templo: Eu compreendo. Em outras palavras, se você pensa que eles estão errados, faça melhor, mas faça-o. Assegure-se de fazê-lo, mas faça-o sem cometer os erros.

Prabhupada: Sim⁸⁶².

Para o fundador da ISKCON, “o fim justifica os meios” ou, em outras palavras, não importa tanto o que era dito ou feito durante o *sankirtana*, contanto que os livros fossem distribuídos e as pessoas pudessem levar “Krishna” para suas casas. Esse fato justificaria todas as ações dos sankirtaneiros, e aqueles que criticavam essa postura, mas não distribuíssem muitos livros, são chamados de “moralistas”.

Entendo que o que Swami Prabhupada designava como “moral”, na discussão sobre o que era dito e feito no *sankirtana*, na verdade, trata-se de questões sobre ética. Nelson Saldanha define a ética “como o conjunto de todas as formas de normatividade vigentes nos agrupamentos humanos”⁸⁶³. Já Peter Singer defende que

⁸⁶² NÉCTAR especial de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 3, 14-19 fev. 1983, f. 2-4.

⁸⁶³ SALDANHA apud SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. Ética. São Paulo: Contexto, 2009, p. 120.

“a ação verdadeiramente ética é aquela que pode ser justificada não apenas pelos interesses do indivíduo que a executa, mas também pelos interesses dos outros sobre quem essa ação recai”⁸⁶⁴.

Essa definição sobre a “ação verdadeiramente ética” parece fazer sentido para a discussão travada entre os membros da ISKCON e seu fundador. A ideia de que “o fim justifica os meios” não parece levar em consideração os “interesses dos outros” (aqueles que compravam a literatura Hare Krishna) e, nesses termos, pode ser considerada como uma postura antiética. E, no entanto, o próprio guru dava aval para que seus seguidores utilizassem de quaisquer meios para se executar o *sankirtana* em nome da difusão e glorificação do nome de Krishna.

Suas considerações sobre a ética do *sankirtana* variavam de acordo com cada circunstância e deixavam alguns devotos confusos quanto ao que deveria ser feito, fazendo com que houvesse, como veremos mais adiante, justificações sobre esse tipo de argumento. Ao ser perguntado em uma carta de um discípulo sobre o que seria “enganação” ao se fazer *sankirtana*, Prabhupada teria respondido:

Bem longe do significado da palavra “enganação”, só existem três coisas que devemos saber, que Krishna é o Supremo Desfrutador, o Supremo Proprietário de Tudo, o Supremo Amigo de todos, e digo que honestidade é agir baseado nestes três fatos. Uma pessoa que sempre age baseado neste conhecimento é verdadeiramente honesta e não agindo neste conhecimento então a pessoa está enganado e sendo desonesta, assim se você aplica isto a sua técnica de venda de livros, as pessoas em *sankirtana*, então, você compreenderá, o significado da palavra “enganação”⁸⁶⁵.

Para o guru, a firmeza nos princípios da teologia *vaishnava* era suficiente para fazer com que o devoto fosse tido como honesto. Se esse colocasse Krishna como sua divindade suprema, suas ações seriam automaticamente tidas como honestas. Satsvarupa Dasa Goswami, o biógrafo oficial do guru, comenta a questão exposta acima da seguinte maneira:

A filosofia de Srila Prabhupada era clara, mas persistiam diferentes interpretações. Um devoto sincero tentando vender um livro não poderia ser considerado enganador, quando ele estava glorificando a Krishna” e “os críticos do movimento de *sankirtana*, aqueles que não aceitam Krishna como

⁸⁶⁴ SINGER apud SILVA, K.; Silva, M., p. 121.

⁸⁶⁵ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 5, 28 fev./05 mar. 1983, f. 2. A palavra “demônios” é referente aos “materialistas” ou não-devotos. Confira o dicionário de verbetes em anexo.

o Supremo e não são fiéis às Suas instruções, eles são enganadores por não reconhecer Krishna como proprietário supremos, o desfrutador e o amigo⁸⁶⁶.

Apesar de alguns devotos ficarem confusos e não entenderem qual a posição final e decisiva de Prabhupada sobre o que seria permitido falar em *sankirtana*, para Satsvarupa, a questão era clara:

Mas se a pessoa examinasse cuidadosamente a carta de Prabhupada, ele veria que Prabhupada repetidamente afirmava que os devotos não deveriam perturbar as pessoas em *sankirtana*. Sua posição era clara: os livros devem ser vendidos, mas com tato. E se houvesse qualquer dúvida, Prabhupada reiterava seu refrão principal que a distribuição de livros era a melhor pregação. “O sucesso de sua pregação”, ele escreveu, “será visível pelo número de livros que forem vendidos”. Era um teste de esperteza e inteligência no serviço a Krishna⁸⁶⁷.

A conclusão de Satsvarupa, sobre as instruções de Prabhupada, conflui para um aspecto marcante da teologia iskconiana, sobretudo, no período aqui estudado: o sucesso do devoto na distribuição de livros é reflexo de sua elevação espiritual. Quanto mais vendas, mais recompensas espirituais ou mais “avançado” seria esse devoto, quer envolvesse questões éticas ou não, para se alcançar esse fim.

Essa ética de *sankirtana* também pode ser observada na fala de outros líderes *hare krishna*. Hridayananda Dasa Goswami comentava sobre o que deveria ser entendido como “enganação” no *sankirtana*:

Portanto, se nós dissemos que este livro vai lhe dar uma vida familiar perfeita, isto não é enganação. Ou se nós dizemos que este livro vai resolver todos os seus problemas psicológicos, isto não é enganação (sic). É como dissemos para as pessoas: “Nesta era a maioria das pessoas são perturbadas mentalmente. Assim, se você ler esse livro você vai realmente resolver todos os seus problemas psicológicos e se livrar da sua auto-consciência. Você pode ver que nós temos uma auto-consciência mundana, que nós estamos sempre em ansiedade. Esse livro vai resolver todos os seus problemas psicológicos, resolver todos os seus problemas familiares, vai nos ensinar como a tratar com nossos filhos, nossos pais. E isso é verdade. Essas coisas são verdades, você não pode exagerar! Em outras palavras isto não é mentira⁸⁶⁸.

O “mantra de *sankirtana*” que defendia que o livro resolveria todos os problemas familiares ou daria uma “vida familiar perfeita” podia surtir bastante efeito em um período da nossa história em que havia forte contestação da juventude em

⁸⁶⁶ Ibidem.

⁸⁶⁷ Ibidem, f. 3.

⁸⁶⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Trecho de uma aula dada por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 16, 20-27 jul. 1981. Néctar da semana, f. 1.

relação às gerações predecessoras, como o foi o período vivido entre os anos 1960 e 1980 no Brasil, incluindo as questões religiosas⁸⁶⁹.

Hridayananda também defendia que determinados tipos de “mantras de *sankirtana*” não fossem considerados como mentiras, já que havia a premissa de que os livros de Prabhupada seriam capazes de resolver todos os problemas da humanidade:

Prabhupada nunca entendeu porque (sic) um devoto tinha que mentir [...]. Por exemplo, tinha um devoto na Alemanha que tinha muito sucesso. Ele parava os carros e dizia: “Você sabe que, segundo pesquisas atuais, a maioria dos alemães sofrem de doenças mentais, até mesmo de doenças que são desconhecidas. Mas se você ler este livro vai acabar com todos os problemas mentais”. Isto não tem nada de mentira, é completamente verdade. Todos estão sofrendo de doenças mentais porque todos se identificam com o corpo material. Sem dúvida, isto é uma doença mental, a pior doença mental. [...] Podemos dizer que, hoje em dia, muitos brasileiros estão sofrendo de doenças mentais devido à pressão da vida moderna. Então nós temos uma campanha para dar informações a todos de como eliminar estas doenças mentais. Falar assim não é mentira. É completamente verdade e também atrativo. Também podemos falar que são livros que são vendidos aos milhões e milhões de exemplares na Europa e Estados Unidos⁸⁷⁰.

Apesar dessa autocomplacência em se permitir ressignificar o sentido do que seria “enganação” e “mentira” e de julgar a si mesmos como sendo espiritualmente éticos só por estarem com a intenção de glorificar a Krishna através da venda de livros religiosos, diversos líderes da ISKCON perceberam que esse tipo de ação poderia ter consequências graves para a imagem pública do Movimento Hare Krishna. Vejamos a seguir.

5.4.2 “Quero um *sankirtana* limpo”: A desonestidade como fator negativo para o *sankirtana*

As discussões de membros da ISKCON sobre o que poderia ou não ser feito e dito no *sankirtana* eram ambíguas. Por um lado, como vimos, o entendimento sobre

⁸⁶⁹ Em um capítulo de livro, analisei a questão dos conflitos geracionais envolvendo a juventude Hare Krishna e a mídia impressa: CARVALHO, Leon Adan G. Os “desajustados” vão até Krishna: juventude, imprensa e movimento Hare Krishna no Brasil do final dos anos 1970. In: GNERRE, Maria L. A.; MOREIRA, Harley A. (Orgs.). **História das religiões e diversidade cultural**. João Pessoa, UFPB, 2021, p. 160-194.

⁸⁷⁰ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em São Paulo, Parte I. **Sankirtan Brasil**, n. 4, 26 abr./02 mai. 1981. Néctar da semana, 1f.

o que não era ético era, às vezes, relativizado em nome da expansão do Movimento e da distribuição de livros: por Krishna, vale tudo. Por outro, tanto o próprio Bhaktivedanta Swami Prabhupada, quanto seus seguidores repetiam em diversas ocasiões que o *sankirtana* deveria se dar através de “pregação” e não de “enganação”:

Lembre-se que nós estamos vendendo livros não para fazer negócio, mas para satisfazer Krishna. E nós devemos vender livros pregando e não enganando. Se este simples método for seguido, vai haver um sucesso tremendo na venda de nossos livros, e o público vai apreciar e se beneficiar enormemente com a nossa pregação e publicação⁸⁷¹.

Ao que parece, após alguns anos de grande aumento na distribuição de livros e aumento das técnicas (inclusive desonestas) de *sankirtana*⁸⁷², Prabhupada e outros líderes da ISKCON passaram a defender cada vez mais que o *sankirtana* fosse feito de maneira “limpa” e sem “enganações”, visando a boa imagem pública do Movimento:

Referente a controvérsia sobre as técnicas da distribuição de livros você está certo. A nossa ocupação deve ser honesta. Todos devem respeitar nossos membros devido a honestidade. Se fazemos algo que estraga o sentimento do público em favor do nosso movimento, isso não é bom. De uma forma ou de outra, não devemos tornarmo-nos impopulares aos olhos públicos. Métodos desonestos (não deverão ser usados). Eles prejudicam a nossa reputação por todo o mundo⁸⁷³.

Nessa carta, o próprio fundador da ISKCON admite que técnicas de distribuição de livros que prejudiquem a imagem pública do Movimento Hare Krishna deveriam ser evitadas, mesmo após ter defendido, várias vezes, a ideia de que o “fim justifica os meios”.

A habilidade em “saber fazer” o *sankirtana*, ou melhor, em “saber dizer” – incluindo o discernimento sobre o que era e não era “mentira” e “enganação” -, foi sendo relegada aos sankirtaneiros “mais experientes”, pois somente esses saberiam “pescar sem eles próprios ficarem molhados”:

Em relação com estes truques para coletar ou distribuir livros, é claro que nós podemos fazer tudo para Krishna, mas supõem-se que isto seja para os devotos mais avançados – eles sabem como pescar sem eles próprios ficarem molhados. Portanto, eu não aconselho mentir apenas para distribuir livros. Se nós simplesmente sempre mantivermos estritos em descrever quão maravilhoso Krishna é, então, tudo o que possamos mentir ou exagerar não

⁸⁷¹ CARTA DE SANKIRTANA, n. 14, 05-11 jul. 1981, capa.

⁸⁷² Que teria se dado a partir de 1974, cf. ROCHFORD JUNIOR, 1985.

⁸⁷³ GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros!. *Carta de Sankirtana*, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, 3fls. Carta de 09 de janeiro de 1975.

será uma mentira! Mas outras mentiras não vão nos ajudar em nosso treino de veracidade. Mentir para alguns e não para outros, isto não é uma boa filosofia. Os *brahmanas* têm que ser sempre verídicos, até mesmo para os seus inimigos. Existe mérito suficiente em nossos livros que só por você descrevê-los sinceramente para todos, eles comprarão. Esta arte vocês têm que desenvolver e não a arte de mentir. Convença a todos a doarem alguma coisa através de sua pregação da Verdade Absoluta e não por truques⁸⁷⁴.

Aqui, como em outras citações na CS, podemos observar o ideal ético que foi construído ao longo das polêmicas que envolveram a questão da honestidade: o *sankirtana* deveria ser executado com base no “mérito” dos livros. Em outras palavras, o sankirtaneiro deveria glorificar a potência dos próprios livros ao invés de elaborar “mantras” que “pescassem” os compradores por outros motivos (como, por exemplo, a caridade ou campanhas fantasiosas):

E também não quero enganações, não quero truques. Quero um *sankirtana* limpo, honesto e baseado na pregação e na glorificação do livro. Prabhupada disse para vendermos livros baseados no próprio mérito dos livros⁸⁷⁵.

Um *sankirtana* “limpo” seria sem “enganações”, sem “truques”, baseado na glorificação da potência espiritual dos livros. O sankirtaneiro deveria agir de acordo com uma consciência espiritual desprovida de interesses materiais. Ele deveria ser experto, mas, não mentir, caso contrário, alguns tipos de punições, inclusive espirituais, poderiam ocorrer:

O sankirtaneiro deve ser muito experto em conquistar a todos. Mas a potência não vem de enganá-los com mentiras ou truques. Isto vai fazer com que o devoto caia na plataforma material, pensando que o resultado do *sankirtana* depende de sua capacidade material para enganar. O sucesso está na pureza! [...] Talvez enganando você consiga algum bom resultado imediato, mas isto é temporário. Srila Acharyadeva disse certa vez que todo o centavo ganho desonestamente será perdido inutilmente⁸⁷⁶.

A orientação de líderes para que não houvesse desonestidade no *sankirtana* era recorrente no periódico que tratava exclusivamente da prática, a CS:

Não comecem a dizer mentiras e roubar bolsas de velhinhas. Temos que ser apenas super entusiasmados⁸⁷⁷.

Nós não devemos mentir e dizer que os livros são publicados pela ONU ou que todo o dinheiro vai para ajudar as crianças doentes. [...] Vocês devem aprender a arte de glorificar o livro. Não devemos esconder o tópico do livro

⁸⁷⁴ NÉCTAR de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 13, 03-09 mai. 1982, capa.

⁸⁷⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Telefonema de Srila Acharyadeva a Isvara Swami em 1º de julho de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

⁸⁷⁶ DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 14, 05-11 jul. 1981, 1f.

⁸⁷⁷ TRECHO de uma aula dada por Sua Graça Mahavira Prabhu. **Carta de Sankirtana**, n. 35, 06-13 dez. 1981, 1f.

e falar de outra coisa. Vocês têm que aprender a provar a todo mundo que, na verdade, estes livros são tudo o que eles queriam. Porque todos estão procurando a felicidade, o conhecimento e saúde e tudo isto está nos livros de Srila Prabhupada⁸⁷⁸.

Metafórica ou não, a frase dita em uma aula sobre *sankirtana* por Mahavira Dasa – que foi o fundador do primeiro templo da ISKCON no Brasil, em 1975 - é bastante significativa. Mentir e “roubar bolsas de velhinhas” pareciam ser práticas recorrentes, pois do contrário, não precisariam ser ditas em tom de advertência. Talvez “roubar” seja uma maneira jocosa de se referir à ênfase dada no resultado financeiro, ao invés do espiritual, na prática do *sankirtana*.

“Esconder o tópico”, expressão dita na segunda frase, parece se referir à prática de ocultar o real sentido dos livros ou do motivo de distribuí-los durante o *sankirtana*. Esse ponto é significativo já que, como veremos no próximo capítulo, o Movimento Hare Krishna (assim como outras religiões tidas pela mídia do período como “seitas”) também foi estigmatizado por elementos externos, como a mídia, fazendo com que, em alguns casos, os devotos ocultassem ou omitissem os objetivos da prática do *sankirtana*.

Por último, é válido dizer que a ênfase dada ao “fim” da atividade do *sankirtana*, relativizando os “meios”, acabou por estimular uma cultura de desonestidade que prejudicava a ISKCON internamente. A desonestidade para com o público-alvo dos sankirtaneiros, acabava em alguns momentos se voltando contra os próprios pares. O caráter competitivo das maratonas, as premiações para “os melhores” e o prestígio social, certamente induziram alguns distribuidores de livros (ou mesmo, de líderes de *sankirtana*) a realizarem manobras que não eram bem vistas pelos demais competidores. Um líder de zona clamava aos demais pares que prezassem pela “pureza” na competição:

[...] e queremos dizer que os resultados individuais de sankirtaneiros será realmente o que eles conseguirem nas ruas, não entrando nenhum ponto “extra” dado muito misericordiosamente pelo seu templo, e pedimos que todos os templos tenham essa atitude, para que esta competição floresça pura, tão límpida quanto o sol sem as nuvens obstruindo a luz. O *sankirtana* é puro, mas nós nos contaminamos tentando fazer algum arranjo material para conseguirmos resultados [...] ⁸⁷⁹.

⁸⁷⁸ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em São Paulo, Parte I. **Sankirtan Brasil**, n. 4, 26 abr./02 mai. 1981. Néctar da semana, 1f.

⁸⁷⁹ DASA, Rasananda. Néctar de São Paulo. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 1, 31 jan./05 fev. 1983, 1f.

Nas competições internas de *sankirtana*, os “truques” e “enganações não se resumiam a conseguir vender um livro a todo custo aos clientes nas ruas. De olho nas premiações ou no prestígio social, alguns resultados poderiam ser “fictícios”, alterados com ajuda de manobras para obter resultados maiores:

Por amor a Acharyadeva, não blefem com resultados fictícios.
[...] Cada sankirtaneiro individual deve receber seus próprios pontos, mesmo que sejam mínimos. Se for provado que pontos de algum sankirtaneiro foram favorecer outro sankirtaneiro, isto desclassificará o devoto, e possivelmente o templo.
[...] Resultados falsos, como dar um resultado sem tê-lo feito e sem ter seu *lakshmi* correspondente, para depois se esforçar para pagar durante a semana, desclassificará o templo⁸⁸⁰.

“Doar” pontos de um *sankirtaneiro* para outro para que tivesse um número maior de livros distribuídos e declarar um resultado sem ainda tê-lo obtido - para nos dias seguintes correr atrás da cifra – são duas das manobras citadas pelo diretor da BBT para tentar recorrer à uma questão de conscientização dos distribuidores de livros. Outra manobra, a dos “pontos voadores”, foi citada por ele em proibição:

Qualquer templo só poderá receber pontos sobre aqueles livros que tiver em estoque. É proibido mandar resultados de livros que ainda estão para ser recebidos. O processo tradicional é receber o livro da BBT, distribuí-lo e depois pagar e receber seus pontos. Por favor, não inventem pontos voadores⁸⁸¹.

No afã de conseguir resultados melhores, alguns grupos ou indivíduos poderiam querer driblar o “processo tradicional” da competição do *sankirtana* – que consistia em receber o livro, distribuí-lo, vendê-lo e, só assim, receber os pontos. Mas, o que a fonte dá a entender é que alguns sankirtaneiros ou templos anunciavam a venda do livro sem que os mesmos nem estivessem em seu estoque ainda.

Outras trapaças – essas, imperdoáveis, aos olhos da ISKCON -, motivaram a expulsão da instituição, como uma nota publicada pela instituição, inclusive nos jornais de grande circulação, como a seguinte, lançada em *O Globo*, em 08 de julho de 1982:

A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna do Brasil [...] informa ao público em geral, autoridades civis e militares e a quem interessar possa que:
Os Srs. RICARDO FERRARI DE FARIAS e FERNANDO SANTOS XAVIER, ex-participantes desta Sociedade, onde respondiam pelos nomes de BHARATA DAS e PREMA PHALA DAS respectivamente, não estão mais

⁸⁸⁰ SWAMI, Isvara. Notas do editor: maratona transcendental de Natal. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 43, 18-24 nov. 1985, 1f.

⁸⁸¹ OBSERVAÇÃO importante. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 39, 28 out./03 nov. 1985. Individuais, f1.

qualificados nem autorizados a fazer contatos, recolher fundos ou doações, patrocínios, etc. para as programações da ISKCON, tendo sido afastados dos quadros de membros da ref. Sociedade por estarem a muito se comportando indevidamente, o que vinha em detrimento ao bom nome e imagem desta organização, representante no Brasil da tradicional e ortodoxa religião Vaishnava.

Isenta-se assim a ISKCON de qualquer responsabilidade civil e/ou financeira decorrente dos atos praticados pelo mesmo⁸⁸².

Outro caso também se deu, em 1981. Alguns devotos desviantes poderiam usar o nome da instituição para tentar promover outros tipos de festivais ou ter benefícios pessoais. Um informe público da ISKCON em 1981 fazia uma espécie de denúncia e de isenção perante um devoto que estaria fazendo publicidade de um festival e até uma possível arrecadação de fundos não autorizada:

1 - O Sr. George Aparicio Pettam Mahe, participante dessa sociedade, onde responde pelo nome iniciático de Gokulotsva, não está qualificado nem autorizado por sua diretoria a fazer contatos, recolher fundos ou doações, patrocínios, etc... para as programações da ISKCON DO BRASIL.

2 – Será realizado nos dias 27/10 a 02/11/1981, o festival religioso anual (Viasa Puja) [...]. Não havendo nenhuma ligação com o que vem sendo divulgado pela pessoa acima citada, denominado “Festival do Prazer Transcendental” [...].

3 – Isenta-se assim, a ISKCON DO BRASIL, de qualquer responsabilidade civil e/ou financeira em relação ao que vem sendo feito publicamente com o nome de “Festival do Prazer Transcendental” e informa que as pessoas autorizadas possuem uma carta em papel timbrado, assinada e carimbada por Loka Saksi Dasa (Lúcio Valera), presidente geral⁸⁸³.

Assim, podemos perceber com o discutido nesse último tópico que uma instituição religiosa não se faz sem contradições. Como já vimos, o *sankirtana* enquanto prática religiosa tem objetivos missionários muito claros: a difusão de uma religião minoritária e desconhecida do Ocidente; a tentativa de universalização de uma religião, com a utilização de meios modernos, como os impressos; e o uso de mão-de-obra especializada na arte de vender literatura e outros tipos de mídias.

No entanto, a necessidade de obtenção de recursos financeiros para manter ou ampliar a instituição, acabou por influenciar as diversas maneiras pelas quais o *sankirtana* foi realizado. Concordamos aqui, com Rochford⁸⁸⁴, que essa necessidade (ou ambição) da ISKCON de expandir o *sankirtana* a todo custo, utilizando de

⁸⁸² ACERVO BBT BRASIL (Pindamonhangaba-SP). Informe público por Lúcio Valera (Presidente Geral da ISKCON Brasil). Rio de Janeiro, 06 jul. 1982. Notação 18IBR_RPCM1, f. 24.

⁸⁸³ ACERVO BBT BRASIL (Pindamonhangaba-SP). Informe público. Rio de Janeiro, 1981. Notação 18IBR_RPCM2, f. 06-07.

⁸⁸⁴ ROCHFORD JUNIOR, 1985, passim.

artimanhas nem sempre éticas ou honestas, acabou por influenciar negativamente a opinião pública sobre o Movimento Hare Krishna, embora, os devotos também tivessem consciência de que a ênfase nos ganhos materiais, fosse contra a sua própria teologia:

O devoto que se rendeu ao movimento do Senhor Chaitanya nunca deve se ocupar em atividades pecaminosas ou ilegais só com o desejo de ganhar dinheiro. Este não é o programa de Chaitanya Mahaprabhu. Não existe nenhuma referência no *Chaitanya Charitamṛta* onde se menciona que o Senhor Chaitanya apoiava atividades ilícitas só para conseguir dinheiro. Não existe menção em parte alguma. [...] Mas se tentarmos obter dinheiro de uma forma ilegal, de alguma maneira que não seja consciente de Krishna, então, logo perderemos este dinheiro⁸⁸⁵.

Assim, vimos nos últimos tópicos que algumas das ações dos próprios membros da ISKCON acabaram por prejudicar a credibilidade sobre sua honestidade e sinceridade na venda de produtos religiosos. No entanto, outros fatores externos também foram determinantes para uma visão negativa do Movimento Hare Krishna em si e, principalmente, da prática do *sankirtana*: as representações veiculadas pelas mídias. No próximo capítulo, veremos como os embates e contradições da relação entre mídia impressa e Movimento Hare Krishna, foram importantes para o entendimento do que foi essa religião no Brasil.

⁸⁸⁵ GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 31, 09-15 nov. 1981. Néctar da semana, 1f.

6 O SANKIRTANA E O HARE KRISHNA PELAS LENTES DA GRANDE IMPRENSA NO BRASIL NOS ANOS 1970 E 1980

No Brasil, como em outras partes do mundo ocidental, o Movimento Hare Krishna foi estudado pela academia por um ponto de vista majoritariamente etnográfico. É possível que o seu caráter de novidade e a curiosidade que sua estética e teologia singulares despertam tenham motivado essas abordagens que buscavam entender os porquês de suas práticas e no Ocidente.

No entanto, lançando um olhar do presente para o passado, ainda que recente - entendido por alguns historiadores como um “tempo presente”⁸⁸⁶ – podemos considerar que algumas fontes históricas, tanto quanto os “trabalhos de campo”, são essenciais para se entender um objeto de estudo. E ao iniciar a minha pesquisa sobre o Hare Krishna em 2013, pude perceber que os jornais eram fontes ricas em questões sobre esse tema⁸⁸⁷.

Nas primeiras décadas de sua aparição ou reinvenção no Ocidente, as mídias deram bastante atenção a este que era um movimento religioso minoritário, sobretudo quando o noticiado envolvia temas “quentes”, como os conflitos entre gerações, práticas religiosas destoantes daquelas tidas como “tradicionais” ou quando se tratava de “escândalos”. O Movimento Hare Krishna foi tido pela mídia dos anos 1970 e 1980, de maneira geral, como uma “seita” de hábitos estranhos, exóticos, perigosos, alienantes, corruptores, sobretudo para a juventude que era seu principal público-alvo.

O mesmo tipo de tratamento não era dado às religiões socialmente estabelecidas no período, sobretudo, ao Catolicismo. Em relação à maneira como a grande mídia trata as diferentes religiões, Hoover declara que, ao menos no contexto estadunidense, existem dois tipos de postura: em primeiro lugar, há uma deferência da mídia secular para com as grandes instituições religiosas estabelecidas; e, por

⁸⁸⁶ Segundo Henri Rousso, a História do Tempo Presente é uma abordagem “na qual o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua” ROUSSO apud AREND, Silvia M. F; MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente (entrevista com Henry Rousso). **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009, p. 202.

⁸⁸⁷ Cf. CARVALHO, 2014.

outro lado, a mídia, de maneira geral, ignora ou sub-reporta religiões “locais” e as religiosidades experienciadas ou “praticadas”⁸⁸⁸.

Na segunda metade do século XX as religiões e mídias estabelecidas existiam em uma relação conveniente em que a mídia assumiu a responsabilidade de prover acesso e cobertura para os programas religiosos dos grandes estabelecimentos religiosos⁸⁸⁹. No entanto, o tratamento dado às novas religiões, indiscriminadamente tidas enquanto “seitas”, pela maioria dos grandes meios de comunicação, acabou por revelar a “preferência” religiosa dos mesmos, numa busca por influenciar ou conseguir apoio da opinião pública⁸⁹⁰.

Esse ponto é sensível na análise sobre a história do Movimento Hare Krishna e outros grupos então classificados como “seitas” ou “cultos”, tendo em vista que boa parte das pessoas acabava conhecendo esses grupos novos em seu contexto social através das controvérsias na mídia:

A maioria das pessoas, no entanto, tem pouco conhecimento direto acerca dos novos movimentos religiosos. Enquanto alguns possam conhecer alguém que tenha ingressado em um dos grupos tidos como “seita”, a maioria das pessoas adquirem o grosso de suas informações sobre religiões novas ou controversas através da mídia. E, tirando as exceções pontuais, “seita” passou a ser nada mais do que um termo conveniente, bastante inexato e sempre pejorativo, uma abreviatura para um grupo religioso que deve ser entendido como estranho ou perigoso no entendimento de uma nova notícia. De fato, os meios de comunicação tendem a prestar atenção às novas religiões apenas quando algo drástico aconteceu [...] ⁸⁹¹.

Muito do que se “sabe” ou do que se entende como sendo “o” Movimento Hare Krishna perpassa pelas representações construídas pelas (ou veiculadas através das)

⁸⁸⁸ “On the one hand, when it has dealt with religion, there has been a tendency for it to do so with a kind of deference. [...] When dealing with either ‘local’ religion, or religion as experienced or practiced (that is, the kind of religion that we have learned is most significant and typical today), the tendency has been for the stories to be either ignored or under-reported”. HOOVER, 2006, p. 57.

⁸⁸⁹ Ibidem, p. 76.

⁸⁹⁰ Em outro trabalho, analisamos de perto como um jornal de importância regional tinha uma “opção preferencial” pelas religiões estabelecidas nos anos 1970 e 1980 em Pernambuco: CARVALHO, Leon A. G. de. A “opção preferencial” de um jornal pernambucano pelo catolicismo romano nos anos 1980. **Relegens Thréskeia**, v. 07, n. 01, p. 01–19, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/59644>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

⁸⁹¹ “Most people, however, have little direct knowledge of new religious movements. While a relative few may know someone who joined a group colloquially regarded as a “cult,” in reality most people get the majority of their information about new or controversial religions through the media. And, though there are occasional exceptions, “cult” has become little more than a convenient, if largely inaccurate and always pejorative, shorthand for a religious group that must be presented as odd or dangerous for the purposes of an emerging news story. Indeed, news media tend to pay attention to new religions only when something drastic has taken place” [...]. BROMLEY, David G; COWAN, Douglas E. **Cults and new religions**: a brief history. West Sussex, UK: Willey Blackwell, 2015, p. 2.

mídias. Mais do que isso: essas representações moldaram as ações que os religiosos desenvolveram ao longo de sua história no Brasil, seja em luta contra elas (quando lhes era desfavorável), seja em favor delas (quando lhes pareciam vantajosas).

Se, nos anos 1970 e início dos 1980, a visão da mídia impressa de grande circulação no Brasil era, basicamente, pejorativa em relação ao Movimento Hare Krishna, a partir de meados e fins dos anos 1980 e, sobretudo, nos anos 1990, outros tipos de representações passaram a ser relacionadas a esse movimento: uma religião “da paz”; um movimento de monges “alegres e felizes”; uma tradição “milénar” de devoção genuína.

O *sankirtana*, enquanto principal prática missionária e econômica da ISKCON, foi o meio pelo qual diversos atores sociais passaram a conhecer e representar o Hare Krishna, inclusive na imprensa. Seja por suspeição, como denúncia, como objeto de estranhamento, a distribuição de livros e artigos religiosos foi representada pelos principais jornais brasileiros.

De toda forma, fica a nossa interjeição quanto ao barulho que alguns poucos devotos Hare Krishna conseguiram causar na imprensa brasileira. Se em 1984, de acordo com informações da ISKCON, havia em média, no Brasil, 70 distribuidores regulares de livros⁸⁹², estes poucos devotos conseguiram emplacar cerca de 220 reportagens ou notas, entre 1975-1984, nos jornais aqui estudados.

Assim, no presente capítulo, iremos analisar algumas dessas representações nos jornais de grande circulação do país, observando, sempre que possível, os impactos e as reações do Movimento Hare Krishna em relação a elas.

Como a maioria das reportagens dos jornais eram não assinadas, tomei como entendimento que as matérias traziam uma abordagem editorial e institucional dos jornais sobre o Movimento Hare Krishna. E assim, ao invés de procurar pressupor os autores das dezenas de reportagens, procurei observar na história das próprias empresas de comunicação, as suas disposições políticas e sociais. Por isso, veremos a seguir um retrospecto histórico desses periódicos.

⁸⁹² DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984, f. 1.

6.1 OS JORNAIS ABORDADOS

O Brasil dos anos 1970 e 1980 era, como já foi citado, um país em transformação do seu campo religioso. A hegemonia católica cedia cada vez mais espaço para outras religiões e religiosidades cristãs, de matriz afro-indígenas ou de inspiração oriental.

O país também vivia, nos anos 1970, um regime político ditatorial militar que governou entre 1964 e 1985, uma das mais longas experiências políticas ditatoriais da América Latina. Como consequência, a sociedade passava por um período em que direitos civis, políticos e a liberdade de expressão eram restritos e aqueles que se manifestavam em contrário, eram punidos com prisão, tortura e/ou morte. A imprensa, de maneira geral, foi duramente afetada pela censura até, pelos menos, o ano de 1978⁸⁹³.

Alguns dos jornais de maior circulação no país - que serão analisados nas linhas abaixo - sediavam-se no eixo Rio-São Paulo: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. E todos esses tiveram uma relação ambígua em relação à censura e ao governo ditatorial.

[...] as décadas de 1960 e 1970 foram cruciais para reconfigurar uma relação política clientelista que, pelo viés do Estado, garantiu uma modernização efetiva aos grandes conglomerados de mídia. Por meio do vínculo com o poder e pelas relações políticas, construíram-se estratégias empresariais que iam muito além das meras táticas de sobrevivência econômica⁸⁹⁴.

⁸⁹³ Em 1968 o Ato Institucional 5 impôs a censura irrestrita aos jornais, além de instauração de uma caça violenta a todos aqueles que criticassem o governo, até mesmo por via dos veículos de comunicação. Até 1972, os jornais passaram a atuar em um regime de autocensura. Entre 1972 e 1975, alguns periódicos ficaram sob censura prévia do governo, com censores em suas redações e outros só tinham matérias censuradas quando citassem temas desconfortáveis à ditadura. Entre 1975 e 1978, como aponta Guilherme, “há um processo de diminuição da censura prévia à imprensa que passa a ser mais discreta e seletiva”. Após 1978, a censura vai deixando o cenário político brasileiro com a lei da anistia política e a decretação de uma transição política “lenta e gradual” para a saída dos militares do poder. GUILHERME, Cássio A. S. A. A imprensa como partido político: o caso do jornal O Estado de São Paulo. *Dimensões*, v. 40, jan.-jun. 2018, p. 215.

⁸⁹⁴ DIAS, André Bonsanto. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, 1964-2014. *Opinião pública*, Campinas, v. 25, n. 3, set./dez., 2019, p. 478.

O apoio mútuo entre a ditadura e as empresas de mídia não se restringia somente a interesses políticos ou ideológicos em comum. Essas empresas dependiam, inclusive do investimento em publicidade derivado do Estado:

Os empresários da mídia, dentro do projeto de modernização dos meios de comunicação, foram beneficiados pelos militares. Foram concedidos financiamentos para a construção de novos prédios, agora necessários para abrigar novas máquinas e permitir a expansão das redações. A publicidade dos órgãos oficiais também beneficiou largamente a mídia - basta lembrar que em torno de 30% das receitas dos jornais eram obtidos dos clientes oficiais, o que significava uma dependência econômica considerável do Estado⁸⁹⁵.

Na prática, isso fez com que boa parte dos jornais de grande circulação no país continuasse prosperando economicamente, apesar de estarem submetidos à censura ou à autocensura, entre meados dos anos 1960 e fins dos anos 1970. Um outro fator importante de se destacar é que a partir dos anos 1960, mas, sobretudo nos anos 1970 e 1980, o jornalismo e as empresas de jornalismo brasileiras passaram por um processo de modernização que fundou uma imprensa pretensamente mais “verdadeira”, “plural” e “profissional”. Esse jornalismo “profissional” passou a se colocar como isento e objetivo, com a intenção de atestar sua confiabilidade, sendo que, na prática, continuava a exercer acordos e posicionamentos políticos e econômicos:

[...] O chamado jornalismo “profissional” do Brasil comumente acaba por se portar como uma espécie de arauto da legalidade democrática, nos mostrando como são sutis os contornos de uma instituição que se pretende mais “verdadeira” do que as outras, sob a premissa de que pratica um jornalismo o mais isento, objetivo e plural possível. Isso porque, em momentos de crise, seu papel parece ser sempre o de demarcar espaços de competência específica⁸⁹⁶.

Com a finalidade de conhecermos um pouco mais sobre os jornais trabalhados na presente pesquisa, faremos uma breve descrição sobre a história e o lugar social que esses ocuparam, priorizando o período aqui estudado.

6.1.1 O *Globo*

⁸⁹⁵ ABREU, Alzira Alves. A mídia na transição democrática brasileira. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 48, 2005, p. 54.

⁸⁹⁶ DIAS, 2019, p. 473.

O *Globo* (OG) é um jornal fundado no Rio de Janeiro em 1925 por Irineu Marinho e, logo em seguida, assumido pelo seu filho Roberto Marinho. O periódico nasceu como um jornal local carioca e permaneceu sem muita expressividade no cenário nacional até os anos 1960.

Para permanecer em circulação no competitivo e dispendioso mercado de mídias impressas, OG teve que se ajustar às transformações em curso na história da imprensa no Brasil ao longo do século XX. Nascido como um jornal que pretensamente “não tem afinidades com governos, não encerra interesses conjugados com os de qualquer empresa, não está ligado a grupos capitalistas ou a plutocratas isolados”, como defendia uma das suas primeiras edições⁸⁹⁷, OG adotaria uma postura bastante diversa dessa ao longo dos anos.

Após a deflagração do Estado Novo (1937), o jornal fez acordo com o Departamento de Imprensa e Propaganda comprometendo-se a seguir os padrões de censura impostos pelo regime. Nos anos 1960, além de firmar um acordo econômico ilegal com a empresa midiática americana *Time-Life* para financiar a sua própria rede televisiva, a recém fundada TV Globo, o jornal endossou politicamente o regime ditatorial desde a sua concepção em 1964. Como diz Miranda:

O Globo nunca tratou o início da ditadura militar como um golpe de Estado, mas sempre como uma revolução que tinha o objetivo de afastar o Brasil da crise política trazida pelo que diziam ser uma ameaça comunista, o governo de João Goulart⁸⁹⁸.

Pode-se dizer que a postura político-econômica do jornal era condizente com a do governo militar. Miranda, que analisou os editoriais de OG ao longo do período ditatorial, comenta que o periódico:

[...] É uma expressão da cultura política liberal-conservadora. Liberal porque são defendidos com frequência os princípios da valorização da empresa privada e a limitação das interferências estatais na economia, além do incentivo ao desenvolvimento e modernização econômicos, o que beneficiaria as organizações Globo como grupo financeiro; além disso, por mais que o periódico defenda a ditadura, ele não endossa suas práticas repressivas, mas tenta propagar a ideia de que o regime é responsável pelo fim da ameaça comunista no Brasil. E, tendo democracia como antônimo de

⁸⁹⁷ Trecho de da coluna "Ecos", *O Globo*, 29 jul. 1925 apud MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **As representações do Golpe e da ditadura militar brasileira nos editoriais do jornal *O Globo* (1964-1985)**. Monografia (História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, 51p., p. 30.

⁸⁹⁸ Loc. cit.

comunismo, o impresso coloca o regime militar como um meio de proteger esta democracia, mesmo que ela fique num segundo plano por um tempo⁸⁹⁹.

Podemos dizer que além do alinhamento político-econômico entre o periódico e o regime ditatorial, também havia uma confluência em termos de pautas ideológicas e morais: OG tinha uma disposição editorial majoritariamente conservadora quanto aos costumes; tinha o catolicismo conservador como referencial religioso; e se dirigia aos interesses socioculturais das famílias tradicionais das classes média e alta do Rio de Janeiro. Como afirma Miranda:

O conservadorismo d'O *Globo* se expressa no corriqueiro uso da religião católica, da moral e da ordem como elementos indispensáveis ao governo. Assim, toda e qualquer manifestação que cause o rompimento do *status quo* é visto com maus olhos. Ademais, o conceito tradicional de família é sempre evocado, além das noções de patriotismo e civismo⁹⁰⁰.

As questões sobre o conservadorismo do jornal vão ficar mais claras na medida em que formos analisar as reportagens e representações construídas pelo jornal sobre o Movimento Hare Krishna e a atenção que o mesmo depositou quando a religião passou a causar desconfortos às famílias cariocas de classe média em termos de rompimento com as noções tradicionais de família e propriedade.

OG seguiu defendendo e “participando” da ditadura até a sua dissolução, como atesta um editorial de 1984:

Participamos da Revolução de 1964, identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada. [...] Prossequimos apoiando o movimento vitorioso desde os primeiros momentos de correção de rumos até o atual processo de abertura que deverá consolidar-se com a posse do futuro presidente. Temos permanecido fiéis aos seus objetivos, embora conflitando em várias oportunidades com aqueles que pretenderam assumir a autoria do processo revolucionário, esquecendo-se de que os acontecimentos se iniciaram, como reconheceu o Marechal Costa e Silva, “por exigência inelutável do povo brasileiro”. Sem povo, não haveria revolução, mas apenas um “pronunciamento” ou “golpe” com o qual não estaríamos solidários⁹⁰¹.

Após o fim da ditadura, OG teria mantido vínculos com a política que seriam “visivelmente afetados por fortes relações de compadrio”⁹⁰². O Grupo Globo teria tido influência política direta no governo Tancredo-Sarney (1985-1989) e também auxiliado

⁸⁹⁹ MIRANDA, 2015, p. 43.

⁹⁰⁰ Loc. cit.

⁹⁰¹ JULGAMENTO da revolução. **O globo**. Rio de Janeiro, 07 out. 1984.

⁹⁰² DIAS, 2019, p. 483.

na eleição de Fernando Collor de Melo à presidência (1989), além de ter apoiado o processo de impeachment do mesmo⁹⁰³.

Dos quatro periódicos analisados aqui nessa tese, o jornal da família Marinho foi o que mais noticiou o Hare Krishna. No período entre 1972 e 1989, encontramos um total de 134 reportagens, artigos de opinião ou notas que mencionam a religião⁹⁰⁴. As seções de jornal em que o Movimento mais aparece como tema do periódico são “local”, “cultura”, “internacional” e “cartas/opinião”. OG foi o único que deu destaque ao Hare Krishna em 8 capas, em um mesmo ano (1977), quando noticiou polêmicas envolvendo conflitos familiares, evidenciando que o jornal dava muita ênfase a questões do tipo.

6.1.2 A Folha de São Paulo

A *Folha de São Paulo* (FSP) foi fundada em 1921, originalmente com o nome *Folha da Noite* por Olival Costa e pelo sócio Pedro Cunha. Em 1925, o jornal muda de endereço e cria a sua versão matutina, a *Folha da Manhã*. Em 1931, é vendido para Octaviano Alves Lima, cafeicultor que defende os interesses da classe através do periódico⁹⁰⁵.

Em 1945, depois de uma mudança acionária, o jornal teria adotado “a imparcialidade como política redacional”⁹⁰⁶ e em 1949, foi lançada a *Folha da Tarde*. Nos anos 1950, as *Folhas* mudam sua sede para um prédio situado entre as alamedas Barão de Campinas e Barão de Limeira que abrigaria, ao longo da década, todas as instalações da empresa⁹⁰⁷.

⁹⁰³ Ibidem, p. 484-485.

⁹⁰⁴ O número de reportagens, dividido por ano e seção do jornal, pode ser analisado no Apêndice 3. Evitamos colocar as tabelas aqui, porque elas serão analisadas e citadas ao longo de todo o capítulo.

⁹⁰⁵ DÉCADAS de 20 e 30. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁹⁰⁶ DÉCADA de 40. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_40.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁹⁰⁷ DÉCADA de 50. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_50.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

Só em 1960 as *Folhas* se fundem, dando início ao jornal *Folha de São Paulo*. Em 1962, os empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho (1913-1993) assumiram o controle acionário da empresa⁹⁰⁸, dando início a uma era que perdura até os dias de hoje que manteve a FSP nas mãos da família Farias.

Nos anos 1970, o jornal promoveu a sua modernização gráfica. Todo o jornal passou a ser feito em máquinas de fotocomposição. Embora o histórico do seu site não apresente sequer uma informação sobre como a empresa lidou com o início e o desenvolvimento da ditadura nos anos 1960, para os anos 1970 ela se coloca como uma vanguarda intelectual. Em 1976:

A **Folha** desempenha um papel decisivo no processo de redemocratização do Brasil, quando abre suas páginas ao debate de ideias que fervilhavam na sociedade civil. Em 22 de junho, começa a circular "Tendências/Debates", que abriga textos de intelectuais e políticos perseguidos pelo regime militar⁹⁰⁹.

Nos anos 1980, a FSP toma a liderança na imprensa de grande circulação nacional e se torna o primeiro jornal do país a se informatizar. Também cria o primeiro Manual de Redação de um periódico brasileiro, dando as diretrizes do que deveria ser a política editorial, a concepção de jornal e as maneiras de dizer em suas páginas diárias⁹¹⁰. Além disso, a FSP se lança como participante ativa da campanha das Diretas Já que lutava por eleições diretas e pelo fim da ditadura que só se daria em 1985, com a transferência de poder dos militares para os candidatos Tancredo Neves e José Sarney, eleitos pelo voto indireto.

O que percebemos nas narrativas da FSP sobre sua própria história é que há uma tentativa de evidenciar, sempre que possível, o que seria o seu diferencial: um jornal que “sempre” buscou pela seriedade, imparcialidade, objetividade e diversidade de opinião.

A concepção de um Manual de Redação, a campanha das Diretas Já e a assunção como líder de vendas nos anos 1980 estão intimamente ligadas na história do periódico. A FSP atuou politicamente no período de reabertura democrática

⁹⁰⁸ DÉCADA de 60. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_60.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁹⁰⁹ DÉCADA de 70. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_70.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

⁹¹⁰ PRIMEIRA metade da década de 80. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_80_84.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

percebendo que esse momento traria, também, vantagens comerciais para sua empresa:

É sob essas bases que o jornal publica em 1984 a primeira edição de seu já conhecido *Manual de Redação*. Com ele, a *Folha* reivindica uma efetiva participação na vida política do país, atuando como uma espécie de mediadora nas relações entre os cidadãos comuns e as instituições políticas. O jornal, portanto, assume-se como ator político legítimo baseado em um modelo específico de contrato representativo que é de ordem comercial⁹¹¹.

Livre das amarras do governo autoritário e fortalecida economicamente, a empresa passa a assumir, ela própria, uma autoridade política perante as conjunturas do país⁹¹².

Apesar de haver um esforço discursivo por parte da FSP de se colocar como um jornal que seria diferente dos demais periódicos da grande imprensa brasileira, a sua história se assemelha em muitos pontos ao de outros jornais do mesmo período, como OG. Para Dias, os dois são:

[...] jornais praticamente contemporâneos, surgidos em meados da década de 1920, mas que se modernizaram e se constituíram efetivamente como grandes grupos de mídia apenas na década de 1960, período da dita modernização conservadora imposta pelo regime militar. São, ademais, duas empresas que ainda exercem grande protagonismo naquilo que podemos definir como uma “grande imprensa” no país. Influência e magnitude que foram gradativamente adquiridas pela aproximação com os ideais impostos pelo regime no período militar e dos quais ambas foram, ao longo do tempo, sutilmente tentando se desvencilhar⁹¹³.

A FSP cresceu como empresa durante a ditadura e apesar de ter se consolidado ainda mais na última etapa desta, quando passou a combater a linha dura do Regime, não podemos esquecer que o periódico foi favorecido economicamente pelo governo durante todo o período em que pretendia dele se desvencilhar.

Essa postura ambígua do jornal pode ser observada no trato com a temática das religiões. Se, por um lado, a FSP não se colocou em campanha contrária ao Movimento Hare Krishna – como o parece ter feito OG, na segunda metade dos anos 1970 -, por outro, as suas reportagens supostamente imparciais ou diversas não se preocuparam em investigar ou desmistificar se o que outros jornais e algumas representações populares do período diziam sobre a religião eram verídicas.

⁹¹¹ DIAS, 2019, p. 482.

⁹¹² Ibidem, p. 483.

⁹¹³ Ibidem, p. 475.

Encontramos 63 reportagens ou menções sobre o Movimento Hare Krishna nas páginas da FSP e as seções mais exploradas foram “cultura”, “local” e “geral”⁹¹⁴. Veremos a seguir outros dois periódicos que também trataram do assunto.

6.1.3 O Jornal do Brasil

O *Jornal do Brasil* (JB) foi fundado em 1891, por Rodolfo de Souza Dantas, num contexto de grandes transformações no cenário brasileiro, sobretudo, em sua cidade sede, o Rio de Janeiro. Tendo sido originalmente um periódico “com caráter monarquista, o periódico precisou adequar-se ao regime político nacional para manter-se como veículo de comunicação e garantir a circulação pelo território”⁹¹⁵. O periódico teve como correspondente em Londres (e depois diretor de redação) Joaquim Nabuco, que teve de abdicar de sua função no JB alguns anos depois por ameaças sofridas por parte do governo republicano, devido à sua simpatia com os valores monarquistas.

Próximo do ano 1900, o jornal já tinha uma importância considerável na cidade do Rio, contendo uma edição matutina e uma vespertina, além de uma tiragem de 50 mil exemplares – a maior da América do Sul, no período. O periódico continuou sendo um dos mais importantes do país durante a primeira metade do século XX e, como muitas outras empresas de comunicação no Brasil, iniciou nos anos 1950 um processo de modernização gráfica e editorial para manter sua competitividade⁹¹⁶.

O jornal tentou se manter ativo durante o período da ditadura militar, mas, de fato, sofreu alguns reveses por parte do regime. Com o advento de 1964:

[...] o JB mantém sua independência, apoia medidas do novo governo que considera correta, mas combate situações de arbítrio e repressão contra as liberdades democráticas. Como represália por suas posições políticas, convive com a censura prévia e censores na redação; com a intimidação e a prisão de diretores e editores, em pelo menos duas ocasiões; com a força,

⁹¹⁴ Cf. o Apêndice 3.

⁹¹⁵ SPANNENBERG, Ana C. M; BARROS, Cindhi V. B. Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil. **Observatório**, v. 2, especial 1, p. 230-250, mai. 2016, p. 252-253. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1693/8713>. Acesso em: 02 mai. 2022.

⁹¹⁶ Ibidem, p. 255.

como na invasão de sua sede em 1964 e com o boicote econômico por parte do governo, o que causaria sérios prejuízos à empresa⁹¹⁷.

Como não apostou numa congruência ideológica ampla com o governo, como o fez OG, o JB sofreu da antipatia do governo militar, além de sua perseguição. Nos anos 1970, o periódico discordava dos rumos que a economia do país vinha tomando e um relatório descoberto pelo jornalista Elio Gaspari, revelava que o próprio Gabinete da Presidência da República incentivava a repressão e o boicote econômico ao jornal:

Entre as sugestões figuravam a suspensão do crédito e publicidade oficiais. Recomendava-se que o governo estadual participasse do esquema de pressões. Outras medidas incluíam a liquidação sumária dos débitos da empresa com entidades públicas, sem qualquer espécie de negociação; pressões contra anunciantes do jornal, sob ameaça de corte de crédito oficial; investigação fiscal e política da empresa e de seus diretores; suspensão do credenciamento de repórteres da empresa no Planalto, ministérios e órgãos estaduais. Propunha, por fim, a censura a qualquer momento, mas preferencialmente “a apreensão do jornal depois de impresso, antes da distribuição”⁹¹⁸.

Durante os anos 1980 e, sobretudo, a partir dos anos 1990, o JB vai deixando o seu protagonismo nacional de lado, motivado pela crise econômica que havia se iniciado durante a ditadura. Além disso, contou com a pressão do seu poderoso rival carioca para o seu declínio:

O cerco que começou nos anos 70, com os governos dos generais militares, teve conseqüências dramáticas para a empresa. Paralelamente, as Organizações Globo, apoiadas em redes de televisão, rádios, revistas e jornais, pressionaram anunciantes para asfixiar a empresa com o objetivo de excluí-la do mercado publicitário⁹¹⁹.

Assim foi que um dos principais jornais de grande circulação do país teve seu declínio. Ainda assim, em 1995, teria sido o primeiro jornal brasileiro a ter uma página na internet e foi adotando formato híbrido entre notícias em formato digital e impresso. Em 2010, o jornal encerrou a sua versão impressa e tornou-se o primeiro jornal 100% digital do Brasil⁹²⁰.

O JB foi importante para nossa pesquisa devido ao destaque dado pelo mesmo ao Movimento Hare Krishna: foram 115 reportagens, sendo a maioria na área

⁹¹⁷ PAIVA, José Ferreira. Trajetória histórica do Jornal do Brasil. **Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Midiáticas Intermídia**. Alagoas, v. 1 n. 2 – jan./jun. 2008, s/p. Disponível em: <https://ichca.ufal.br/grupopesquisa/intermidia/joseferreira.htm>. Acesso em: 03 mai. 2022.

⁹¹⁸ Ibidem.

⁹¹⁹ Ibidem.

⁹²⁰ Cf. SPANNENBERG; BARROS, 2016.

de “cultura”, “geral”, “local” e “opinião”⁹²¹. Desse total, 45 reportagens foram feitas somente no ano de 1977, quando a religião passou por polêmicas na cidade do Rio de Janeiro que motivaram a atenção do JB.

Suas matérias buscaram, entre a segunda metade dos anos 1970 e primeira metade dos anos 1980, evidenciar o exotismo e a curiosidade que o Movimento Hare Krishna representava para a sociedade de classe média carioca e os conflitos de gerações advindos dela.

6.1.4 O Estado de São Paulo

O *Estado de São Paulo* (OESP) é o jornal mais antigo dentre aqueles analisados nesta pesquisa. Fundado em 1875 com o nome de *Província de São Paulo* por um grupo liderado por Américo Brasiliense de Almeida Melo e Manuel Ferraz de Campos Sales, o periódico mudou de nome depois da proclamação da República, em 1889, passando a ser chamado pelo nome atual. Em 1885, ingressou em sua redação Júlio César Ferreira de Mesquita, que em pouco tempo passou a diretor e, em 1902, passou a ser seu único proprietário. Desde então, a direção do jornal permaneceu nas mãos da família Mesquita⁹²².

A postura política do jornal apontou para a defesa do republicanismo, da oligarquia e do liberalismo, desde os primeiros momentos da liderança da família Mesquita no jornal: o periódico, através dos seus editoriais, posicionou-se contrário aos marechais da República Velha; colocou-se a favor de parte das pautas do movimento tenentista; participou ativamente do movimento de 1932; e sob a bandeira do anticomunismo, apoiou a escalada de Getúlio Vargas ao Estado Novo em 1937. Em 1940 foi vítima do próprio governo ditatorial varguista, tendo a sede da sua empresa sendo expropriada pelo Estado Novo, só retomando o controle em 1945.

⁹²¹ Cf. Apêndice 3.

⁹²² O ESTADO DE SÃO PAULO [verbete]. FGV DPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-de-sao-paulo-o>. Acesso em: 03 mai. 2022.

OESP também se posicionou a favor do candidato udenista Juarez Távora em 1955 e contrário à chapa Juscelino Kubistchek-Jango⁹²³.

Em relação à ditadura de 1964, o jornal teria participado como agente ativo do golpe militar e se colocado a favor de uma “limpeza” contra aqueles que consideravam seus inimigos políticos: os trabalhistas e comunistas. OESP só se colocou explicitamente contrário à ditadura com a decretação do Ato Institucional 5, em 1968. Entre 1968 e 1972, o periódico passou a praticar a autocensura. No entanto, uma matéria de 1972 sobre anistia fez com que o jornal fosse posto sob censura prévia da ditadura até 1975, com mais de mil matérias censuradas⁹²⁴.

No processo de redemocratização, OESP voltou novamente à sua base de ordem ideológica liberal, isentando o empresariado e até mesmo os militares das causas da crise econômica brasileira dos anos 1980 e se pondo contrário aos candidatos trabalhistas, nas eleições diretas de 1989 e a favor da candidatura de Fernando Collor⁹²⁵.

Apesar de sua postura em favor do liberalismo e da não intervenção do Estado na economia, OESP se pauta, sobretudo em ideias conservadoras sobre costumes e moral. Como diria Guilherme: “O jornal da família Mesquita caracteriza-se por defender posições liberais na economia, mas amalgamadas com ideias conservadoras e tradicionalistas, próximas ao positivismo, quando o assunto é a organização da sociedade civil”⁹²⁶.

Em relação ao Movimento Hare Krishna, OESP foi o jornal de menor relevância para a pesquisa, devido ao número de reportagens citadas: foram apenas 21, sendo que o maior número de matérias – quase um terço delas - tinha a ver com o panorama internacional da religião.

Veremos a seguir, na prática, como os jornais representaram o Movimento Hare Krishna, principalmente, como eles buscaram observar o *sankirtana* e seus praticantes.

⁹²³ GUILHERME, 2018, passim.

⁹²⁴ Ibidem, p. 212-214.

⁹²⁵ Ibidem, p. 215-217.

⁹²⁶ Ibidem, p. 220.

6.2 “FOI CANTANDO HARE KRISHNA QUE ELES ENRIQUECERAM”:

REPRESENTAÇÕES DA IMPRENSA NOS ANOS 1970

"Dizer o outro é anunciá-lo como diferente"
(François Hartog)⁹²⁷.

Nos capítulos anteriores, vimos que o *sankirtana*, enquanto prática religiosa teve seu sentido alterado ao longo dos anos, adaptando-se às demandas socioculturais de cada período e de seus agentes. Com a inserção da prática na atmosfera altamente midiaticizada do mundo ocidental, as mídias seculares passaram também a ser uma fonte referencial sobre o que ela seria e quem seriam seus praticantes.

Os jornais descritos no tópico anterior, também buscaram se posicionar em relação ao Movimento Hare Krishna de acordo com suas visões políticas e socioculturais, fabricando suas próprias representações sobre esse objeto. Veremos que a dinâmica dessas representações se modificou ao longo do tempo, gerando novos significados.

É mister lembrar que esse “dizer o outro”, como aponta a epígrafe de Hartog, também diz muito sobre si mesmo. Com as representações e o discurso criado sobre esse “outro” religioso, os jornais acabavam por revelar suas próprias visões de mundo, aquilo que defendiam, o que era tido como aceitável em uma religião e em uma sociedade:

O repúdio da mídia por certos movimentos religiosos, porém, raramente se baseia nas características próprias dos movimentos e parece estar mais frequentemente relacionado com o grau de identificação dos que produzem a cultura pública com os movimentos religiosos tradicionais e com a dose de pluralismo cultural que estão dispostos a aceitar. Essas características constituem atributos da cultura pública e da economia religiosa vigente, mais do que dos novos movimentos religiosos em si⁹²⁸.

⁹²⁷ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

⁹²⁸ CAROZZI, 1994, p. 71.

Veremos que o Movimento Hare Krishna, bem como outras religiões minoritárias descritas como “seitas”, acabou por ser enquadrado, em fim dos anos 1970, no Brasil, como parte de um quadro tido como problema social, nas mídias.

6.2.1 Hare Krishna: exotismo, periculosidade e os excessos de uma “seita”, segundo a imprensa de grande circulação

De meados dos anos 1960 ao início dos anos 1970, as novas religiões e formas de religiosidade eram tidas, pela mídia ocidental de grande alcance, como algo exótico, peculiar ou étnico. Ainda assim, a postura mais comum era simplesmente, não tratar do assunto.

No Brasil, a primeira reportagem que podemos encontrar sobre a presença dos *hare krishna* no país, exemplifica um pouco desse olhar “exoticizante” da mídia sobre os religiosos:

São Paulo (Sucursal) - Quatro monges de cabeça raspada, em longos hábitos amarelos e brancos, caminhando ontem pela cidade batendo num tambor e cantando antigas canções vedas [sic] de mais de 5 mil anos. Eles chegaram há três dias e resolveram fazer uma pregação pública do Hare Krishna. [...] Sempre cantando *Hare Krishna – Hare Rama*, os quatro estrangeiros percorrem as principais ruas da cidade, causando as mais curiosas reações. Suas figuras, de cabeça raspada com um punhado de cabelos na parte superior do crânio, provocaram a curiosidade dos pedestres⁹²⁹.

Os atributos físicos, a estética, as práticas, o tipo de instrumentos, a nacionalidade e até a reação do público à performance, tudo é descrito de forma a evidenciar a diferença e o que provoca o estranhamento e a curiosidade sobre um outro exótico⁹³⁰.

A primeira reportagem de OG sobre o Hare Krishna no Brasil também segue uma ideia semelhante. A reportagem descrevia a primeira comunidade rural da ISKCON no país e o cotidiano dos seus moradores em 1976:

⁹²⁹ MONGES americanos desfilam cantando canções indianas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 04 out. 1972. 1º Caderno, Nacional, p. 17.

⁹³⁰ À semelhança das representações que os “orientalistas” descritos por Said faziam dos povos e da cultura das nações orientais. Cf. SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

[...] A comunidade Hare Krishna, em Petrópolis procura no cultivo de abóboras e tomates a edificação de um novo tipo de sociedade: em que o espírito se sobreponha à matéria, que o sexo tenha como objetivo único a procriação, em que a felicidade seja uma regra básica na vida do casal, em que a matança de gado seja uma regra abolida.
 - As vacas – diz um Hare Krishna – dão o leite e o queijo; os touros servem na lavoura. A carne não faz bem ao espírito⁹³¹.

A reportagem de página inteira se limita à descrição de atividades e da vida bucólica dos devotos da comunidade rural Nova Ayodia. Também descreve com detalhes a rotina de trabalho dos moradores nas atividades agrícolas e domésticas, embora elenque a diferença dos ideais da comunidade em relação à sociedade vigente. No entanto, não há julgamentos sobre “alienação social” ou “lavagem cerebral” dos seus membros, como seria comum poucos anos mais tarde em reportagens sobre a vida dos *hare krishna*.

Essa maneira de dizer, com foco na diferença - mas, de alguma forma branda, sem ataques ou acusações - foi paulatinamente saindo de cena na descrição sobre novas religiões, na medida em que a segunda metade dos anos 1970 avançava.

A partir desse período, as assim chamadas “seitas” passaram a ser tratadas como problema social na mídia, já que mais e mais jovens - sobretudo aqueles que vinham das famílias de classe média impactadas com a contracultura e pelas novas formas de se relacionar com as religiões - passaram a assumir publicamente suas novas opções, fazendo com que as mídias e grupos socialmente estabelecidos questionassem publicamente os supostos efeitos “nocivos” dessas.

Segundo Rochford, em meados dos anos 1970, a ISKCON nos EUA, bem como outras novas religiões do período, sentiu os efeitos dos movimentos “antisseitas”, formados por associações civis que lutavam por inviabilizar a atuação das instituições classificadas como “seitas”, fazendo com que a ISKCON declinasse enquanto organização religiosa⁹³².

Boa parte dessas discussões sobre o “problema das seitas” era tratada nas mídias e embora essas questões tenham sido mais intensas em países como EUA e

⁹³¹ JAIR, Leniel. No cultivo da terra, a regra ideal de viver. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 set. 1976, p. 41.

⁹³² ROCHFORD JUNIOR, 1995, p. 216.

França, acabaram por respingar na mídia impressa brasileira, quando problemas semelhantes passaram a atingir membros das classes médias brasileiras.

Essas mudanças no tratamento das novas religiões podem ser observadas no próprio vocabulário da imprensa de grande circulação brasileira. Se até a primeira metade dos anos 1970, era comum o uso de termos como “culto hindu”, “grupo religioso” ou “modo de viver” no glossário dos jornais sobre o Movimento Hare Krishna, na segunda metade, da mesma década, o termo “seita” passou a ser dominante para se referir a esta e outras religiões novas⁹³³.

Quando as reportagens envolviam narrativas dos personagens envolvidos em lutas de representação, termos como “seita nefasta”, “seita diabólica”, “patologia mística” passaram a ser utilizados para se referir ao Movimento Hare Krishna sem que houvesse uma avaliação crítica dos conceitos por parte das reportagens ou editoriais. Na maior parte das vezes, nem havia espaço para o contraditório, como veremos mais adiante nesse capítulo.

Isso só reforça a ideia de que os próprios jornais buscavam fazer com que os seus personagens atingissem as religiões minoritárias dessa maneira sem ter que se responsabilizar por isso e sem esclarecer os fatos em todas as suas nuances. Como já disse, em outra ocasião:

De maneira geral, o conceito de seita utilizado pela mídia ocidental para se referir as instituições ou grupos religiosos minoritários, durante a segunda metade do século XX, era indefinido, confuso e operado de acordo com a conveniência das circunstâncias. Porém, nunca seria usado de forma neutra. [...] A ideia de seita, como disposta de maneira mais geral pela mídia nos anos 1970, 1980 e início dos 1990 é vaga e imprecisa, mas ao mesmo tempo, não se constituiu como uma definição imparcial, objetiva ou ingênua. Ela traz em sua significância a visão de mundo e o lugar social dos atores que a utilizavam⁹³⁴.

Assim foi que, em janeiro de 1977, começou a ebulir na imprensa brasileira, uma polêmica envolvendo a mãe de uma devota de 17 anos, recém-convertida ao templo do Rio de Janeiro. O caso envolvendo a família Ferrari, família tradicional de classe média alta do Rio, passou a ser tratado nos jornais cariocas como um problema social. A partir de uma carta enviada pela mãe da devota, inconformada com a sua

⁹³³ Uma lista de termos foi compilada no Apêndice 4 desta tese.

⁹³⁴ CARVALHO, 2018, p. 141-142.

saída de casa e posterior mudança para o templo da ISKCON, passaram a circular nas páginas dos grandes jornais, acusações de alienação, “lavagem cerebral”, “corrupção” de menores, charlatanismo e outras, fazendo com que a legitimidade e intenção do Movimento Hare Krishna fosse contestada pela opinião pública⁹³⁵.

A querela envolveu, além da família da jovem, o líder do templo do Rio de Janeiro, membros do judiciário, personalidades influentes, como o Cardeal do Rio e os jornais, sobretudo os cariocas OG e JB. A partir desse momento até o início dos anos 1980, o Movimento Hare Krishna seria visto com muito mais desconfiança pela imprensa, sendo alvo de investigações jornalísticas (e policiais), além de acusações e representações, via de regra, negativas sobre a religião.

A periculosidade do Hare Krishna passou a ser uma indagação ou afirmação presente na mídia brasileira e acompanhou questionamentos semelhantes de notícias internacionais, buscando influenciar também, a opinião pública nacional, como indagava a notícia da FSP: “A atividade desses jovens [*hare krishna*] é perigosa para a sociedade? Muita gente acha que sim. Na Argentina a seita foi proibida recentemente e, no Rio, Nadir do Vale Ferrari está processando o Hare Krishna por aliciamento de menores [...]”⁹³⁶.

O medo, estampado na manchete, é colocado enquanto um sentimento relacionado à aquela religião. E o questionamento sobre o perigo da atuação dos jovens *hare krishna* é respondido de maneira impessoal: “muita gente acha que sim”. E, para dar maior legitimidade, aponta um fato específico e uma pessoa, a senhora Nadir (implicada como sinônimo de “muita gente”), para dar legitimidade a resposta esperada pela pergunta da notícia: a ação dos *hare krishna* é perigosa. Três dos quatro jornais aqui estudados veicularam a notícia da proibição do Hare Krishna na Argentina, mas, apenas um deles fez uma retratação quando foi constatado que a notícia era equivocada⁹³⁷.

⁹³⁵ Devido a importância deste e outros casos de repercussão na mídia, trataremos do assunto em um tópico específico mais à frente.

⁹³⁶ KRISHNA: quem tem medo dessa religião? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

⁹³⁷ Além da FSP, OG e o JB também relataram a notícia. Três dias depois, o JB corrigia a informação, dizendo que um erro do governo argentino colocara indevidamente o Hare Krishna na lista de proibições. No entanto, o uso da notícia anterior para reforçar a periculosidade da religião já havia sido

Outra maneira de sugerir o “perigo” das novas religiões era colocar suspeita em algo que poderia ter acontecido em uma instituição religiosa e replicar esse perigo ao número infinito e indefinido das demais “seitas”. Uma reportagem sobre comunidades do Rio, por exemplo, trazia uma manchete apelativa que não tinha relação com o conteúdo da maior parte da reportagem: “polícia busca em seitas de Salvador moça sumida”⁹³⁸.

Apenas três parágrafos pequenos da matéria descrevem que uma mãe acionou a delegacia de Salvador na tentativa de rever sua filha de 17 anos que teria sumido. O pai suspeitava que ela tivesse aderido à alguma comunidade religiosa e por isso a polícia estaria investigando o Hare Krishna e os Meninos de Deus na tentativa de localizar a menina. Mas a reportagem segue depois, com diversos parágrafos e fotos com foco na comunidade rural Hare Krishna de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, sem qualquer relação com o conteúdo e o local da manchete.

Outra reportagem de filhos perdidos que poderiam estar em “seitas” apareceu onze dias depois no mesmo jornal. Ela tratava de um adolescente de 16 anos, que era filho do Cônsul Honorário da França no Brasil, que havia desaparecido. Os pais achavam que ele poderia estar em um dos templos do Hare Krishna ou na TFP (Tradição, Família e Propriedade) já que o menino “vinha se interessando por filosofias e religião”⁹³⁹.

Um jornalista também traçava comparações entre Hare Krishna e TFP, mas, embora não tenha conseguido elencar similaridades entre os dois movimentos, apontava para algo em comum sobre as mudanças sociais de então: a juventude

feito. ARGENTINA não proíbe Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jan. 1977. 1º caderno, p. 24.

⁹³⁸ POLÍCIA busca em seitas de Salvador moça sumida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jan. 1977. Grande Rio, p. 16.

⁹³⁹ CÔNSUL: “Meu filho pode estar na Hare Krishna”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jan. 1977. O País, p. 08. A TFP é uma associação civil de inspiração católica que, no Brasil, foi fundada com o nome de Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, em 1960, por Plínio Correia de Oliveira com apoio de bispos católicos. Era politicamente conservadora, influenciada por ideias do integralismo e contrária às ações de cunho social como defendidas pela Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB).

estaria assumindo um protagonismo que contrariava a autoridade das gerações predecessoras. Ou, nas palavras dele: “há uma coisa doente no país”.

Juntando os dois casos, e levando em conta que tanto os jovens Krishna quanto os da TFP entregaram suas vidas a uma seita (os primeiros) e a uma causa política (os outros) – e que não são dois nem três jovens, mas são centenas, são milhares, devemos concluir que há alguma coisa doente neste país. O lar está doente. A sacrossanta família já não é tão sacrossanta assim. Paradoxalmente, os garotos que carregam estandartes vermelhos apregoam a defesa da tradição; os de rabo-de-cavalo [os *hare krishna*], mais coerentes, renegam os vínculos familiares, consideram a propriedade desprezível e seguem uma tradição pouco convencional – ou, se preferem, exótica. Em outras palavras, trocaram o latim pelo sânscrito⁹⁴⁰.

Em meio às discussões e polêmicas (que analisaremos mais adiante), alguns leitores do jornal adotaram posturas mais agressivas ao emitir suas opiniões sobre o Movimento Hare Krishna. Acusações de loucura, charlatanismo e acúmulo ilícito de bens eram veiculadas pelos jornais, sem que qualquer das informações fossem checadas:

Nossa Constituição garante a liberdade de culto, mas algumas seitas, como a chamada Hare Krishna [...] são iguais a entorpecentes [...]. Nas concentrações dessa seita, o “missionário” levanta o dinheiro que quer, e só no Rio já tem 15 prédios em nome de seus familiares. Os crentes, em pouco mais de seis meses, chegam a ficar doidos, e o Governo tem que arcar com esses loucos, que ficam eternamente no INPS. Já é tempo de se tomar providências contra todos esses charlatões⁹⁴¹.

Mas as acusações não ficavam apenas por conta de mães ou pessoas da sociedade que se sentiam lesadas pelo Movimento Hare Krishna. Os próprios jornais, especialmente OG, fizeram matérias sobre a religião com teor de sensacionalismo, como a intitulada “Foi cantando Hare Krishna que eles enriqueceram”, de fevereiro de 1977.

Essa era uma reportagem, escrita em duas partes (uma publicada nesta edição e a outra, na edição seguinte) sobre o Movimento Hare Krishna enquanto fenômeno global. Ela era antecedida por uma chamada na capa da edição que chamava atenção para “O império dos devotos de Krishna”:

⁹⁴⁰ OLIVEIRA, José Carlos. Pais e filhos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Caderno B, p. 05.

⁹⁴¹ SANTOS, José Alves. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 fev. 1977. Cartas, p. 10. A acusação de acúmulo de bens (“15 prédios”) não tinha nenhum embasamento, não é citado nenhum exemplo e o jornal não veiculou qualquer mensagem que desmentisse a acusação, nem mesmo dos *hare krishna*. O fato é que a ISKCON do Rio de Janeiro só veio a construir a sede própria para o seu templo nos anos 2010.

Eles vendem incenso pelas ruas das grandes cidades. E se parecem todos uns com os outros, em Nova York, Los Angeles, Paris, Londres ou – mais recentemente – Rio de Janeiro. Adeptos de uma religião exótica para o Ocidente, os Hare Krishna, como são conhecidos, constituem hoje, nos EUA, pelo menos, uma superorganização, um autêntico império que contrasta com a vida simples que pregam e procuram levar⁹⁴².

Nas páginas seguintes, a reportagem inicia com fotos e com o mantra *Hare Krishna*, no topo da página, logo após a manchete:

Figura 30 - Reportagem de *O Globo* em 13 fev. 1977



Fonte: *O Globo*⁹⁴³

A matéria inicia com citações do historiador Will Durant que em 1935 teria profetizado sobre a industrialização e veneração da ciência no Oriente e a mistificação do Ocidente. Esse parece ter sido um recurso discursivo utilizado para confirmar a ideia da autora do texto sobre o cenário do “misticismo dos anos 70”, no Ocidente. Para a autora, os gurus estariam atingindo o sucesso nos EUA bem de baixo do “nariz do Pentágono”:

Porque hoje, enquanto a Índia, através de seus líderes, venera a divindade nuclear, os gurus importados de lá apregoam cursos de meditação transcendental sob o nariz do Pentágono, arrastando multidões de estudantes americanos a seminários em religiões orientais. Gurus de longas barbas, voz macia e olhar perdido num espaço além de nossa imaginação bombardeada de programas de TV e facilidades de consumo, atravessam os EUA com mensagens místicas que encontram adeptos em cada canto⁹⁴⁴.

⁹⁴² O IMPÉRIO dos devotos de Krishna. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Capa, p. 01.

⁹⁴³ FERREIRA, Sônia Nolasco. Foi cantando Hare Krishna que eles enriqueceram. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Domingo, p. 03.

⁹⁴⁴ Ibidem.

Interessante observar que a descrição generalizada de “gurus” como disposta acima se assemelha com o estereotipo do guru Maharishi Mahesh Yogi. A única prática ou disciplina espiritual citada na reportagem foi a difundida por ele, a Meditação Transcendental. Esse guru seria citado na segunda parte da reportagem, publicada no dia subsequente.

Os “gurus” ou líderes dessas novas formas de religião e religiosidade indianas foram interpretados pela mídia ocidental do período com base em seu projeto de poder, seja espiritual, financeiro ou político. Apesar dessa discussão parecer ser nova, ela já havia na própria Índia, algumas décadas antes⁹⁴⁵.

As estereotipizações levavam a descrições com base em dados exagerados ou sem qualquer comprovação, indicando, por exemplo, um número de seguidores que não existia ou aumentando a sua importância real no mundo: “O movimento mais vitorioso é o dos devotos de Lord Krishna, com cerca de 60 templos e quase três mil seguidores, só neste país, mais de 500 milhões no mundo inteiro”. Nesse ponto, podemos dizer que, mesmo estando em posições rivais, imprensa e Hare Krishna por vezes assumiam o mesmo discurso quanto a hipervalorização do sucesso religioso do Movimento.

A representação do Hare Krishna como o “movimento mais vitorioso” era uma interpretação da jornalista diante de quadros de tensão social em que o Movimento Hare Krishna parecia ameaçar aqueles que foram “vencidos” por ele. A informação de 500 milhões de membros no mundo não tinha qualquer fonte e muito se assemelha às descrições exaltadas que os próprios *hare krishna* faziam de sua religião. Nem se considerarmos toda a população *vaishnava* da Índia como sendo sinônimos desse Movimento Hare Krishna descrito no jornal talvez chegasse a tal cifra.

Como o texto havia sido escrito por uma correspondente do jornal nos Estados Unidos, um tema sobre o Hare Krishna chamava a atenção logo no início: as disputas entre a religião e as famílias dos jovens convertidos:

Recentemente, em Nova Iorque e Boston, mães de famílias super-preocupadas tramaram o rapto de suas próprias filhas, uma delas de dentro de um templo, onde vivia, para uma “desprogramação” do que elas

⁹⁴⁵ Sardella aponta como na Índia dos anos 1930 pessoas escreviam para os jornais criticando os novos gurus e ascetas que estariam juntando dinheiro em bancos. SARDELLA, 2013, p. 127 (nota de rodapé).

chamavam de “lavagem cerebral”. Até os padres católicos e protestantes se meteram; até professores universitários e especialistas em hinduísmos e religiões antigas se meteram; choveram cartas de protesto contra as mães, e elogios assinados a favor da liberdade religiosa neste país⁹⁴⁶.

Na mesma edição, uma nota de apenas dois parágrafos dava voz ao “vice-presidente da seita” que, apesar de ter enviado cartas à redação dos jornais, ela não havia sido publicada na íntegra, fazendo o texto passar pelo comentário e edição do jornal, elencando pontos ainda mais polêmicos da fala do devoto de Krishna, ao invés de apontar a sua defesa na íntegra:

O vice-presidente da seita Hare Krishna, Loka Sakshi Dasa, enviou uma carta ontem aos jornais de São Paulo defendendo o movimento das acusações que vem sofrendo [...]. Na carta, Loka Sakshi chama de “ateístas” os que criticam a seita e afirma que seus cem membros “trabalham diariamente em benefício do povo, lavam-se pela manhã, antes de cada cerimônia religiosa e depois de passarem excrementos no corpo ou escovarem os dentes”. Diz ainda que a redução do relacionamento com a família, adotada pelos seguidores de Hare Krishna, é em obediência aos ensinamentos dos vedas: “Esse relacionamento vai mesmo ser cortado de vez, com a morte”⁹⁴⁷.

Os conflitos entre gerações envolvendo as chamadas “seitas” foram transformados em caso de interesse da opinião pública pelos jornais. Além de elencarem os casos, os personagens e dramas, os jornais buscavam apontar soluções ou respostas para as questões dessas tramas. Os jornalistas, além de narrar, tornavam-se “especialistas” nas temáticas ou procuravam por outros atores mais especializados.

Por que cada vez mais jovens, como Marcelo e Regina, ambos com 17 anos de idade, trocam suas famílias, amigos, escola e diversão por uma seita religiosa como a Hare Krishna?

Para socióloga Moema Toscano, a adesão dos jovens a essas religiões ou seitas é causada principalmente pela grande variedade de opções à disposição da juventude.

-Na geração passada se herdava a religião [...]. Com a modernização da sociedade, houve uma quebra desse determinismo [...].

Para absorver o novo conjunto de crenças e valores, os seguidores dessas religiões sofrem um processo de “lavagem cerebral”, através de processos artificiais, e acabam por se alienar de toda a carga social recebida. Esse processo não é natural na medida em que não se pode “varrer” da cabeça todo o sistema de valores de uma sociedade⁹⁴⁸.

⁹⁴⁶ FERREIRA, Sônia Nolasco. Foi cantando Hare Krishna que eles enriqueceram. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Domingo, p. 03.

⁹⁴⁷ HARE Krishna defende-se em carta a jornais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 22.

⁹⁴⁸ OS JOVENS procuram uma saída. **O Globo**, Rio de Janeiro, 03 jul. 1977. Jornal da Família, Debate, Religião, p. 02.

A socióloga entrevistada apontava para a diferença do quadro social entre as gerações em relação ao tema da religião, na qual a mais jovem teria à disposição, o poder de escolher, enquanto que à predecessora, apenas herdava a religião. No entanto, aponta que nas novas religiões ou “seitas”, os jovens sofreriam “lavagem cerebral” através de “processos artificiais”, dando a entender que o “natural” seria a reprodução dos valores estabelecidos na sociedade e que o processo de mudança desses jovens seria uma espécie de alienação social.

Outro tipo de “especialista” trazido aos jornais para dar legitimidade à preocupação com as novas “seitas” eram os sacerdotes das grandes religiões estabelecidas no Brasil. No artigo intitulado “As seitas da aflição brasileira”, clérigos católicos apontam qual seria o problema das “seitas”:

Sou contra essas seitas orientais que proliferam no Brasil porque não são hindus. São fundadas por um bando de vigaristas internacionais, deturpadores das verdadeiras e nobres tradições hindus, com base na meditação (Frei Raimundo Cintra, especialista em História das Religiões).

[...] - É um armazém religioso, um supermercado no qual o freguês encontra de tudo, conforme o seu gosto (Dom Vicente Scherer, Cardeal-Arcebispo de Porto Alegre sobre a Seicho-No-Iê).

[...] – Vivemos longo período de racionalismo materialista, mas agora me parece que grande parte da humanidade se saturou das verdades provadas pela razão e, de uma forma ou de outra, busca o misticismo. Passamos por um momento difícil e não dispomos de meios materiais e humanos para atender problemáticas de fome e pobreza. Assim, pessoas angustiadas veem nesses profetas as respostas para seus problemas. A Igreja trabalha com fé, adesão a Deus com todos os seus riscos e incômodos. Essas seitas têm a credence na base e compreensão no campo material: saúde, dinheiro, bem-estar. Mas, independente do maior ou menor vigor dessas opiniões contrárias, seitas, filosofias e religiões orientais aumentam dia a dia, coroadas com nomes tão estranhos quanto atraentes. E novas práticas se originam delas. [...] (Dom Estevão Bittencourt, teólogo e monge beneditino)⁹⁴⁹.

As “seitas” ou religiões orientais à disposição no mercado religioso brasileiro não seriam verdadeiramente “hindus”, mas, charlatanismo, segundo a seleção de frases dos sacerdotes católicos cuidadosamente selecionada pela reportagem. A base de sua crença seria do “campo material”, ao contrário da Igreja (Católica), que trabalharia “com fé” e “adesão a Deus”. Assim, as pessoas deveriam ter muito cuidado com essas novas “seitas, filosofias e religiões orientais”, porque elas estariam

⁹⁴⁹ COURI, Norma. As seitas da aflição brasileira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 ago. 1977. Revista de Domingo, p. 15.

aumentando dia a dia. Nada seria tão digno de reafirmação do que seriam as “seitas” do que colocar clérigos católicos para defini-las.

Nem mesmo a morte do fundador da ISKCON, em novembro de 1977, foi noticiada sem que representações negativas reforçassem as ideias de perigo, de charlatanismo, alienação e “aliciamento” de menores:

A Associação Internacional para a Consciência de Krishna, a seita criada pelo Swami Prabhupad (sic), dificilmente se haveria distinguido dos inúmeros outros movimentos religiosos ditos orientalistas não fosse a violenta reação que causou em todo o mundo. As acusações contra ela são inúmeras, e vão desde o mistério sobre a origem dos fundos que a mantêm – jamais revelada a contento – até a legalidade ou ilegalidade do aliciamento de seguidores entre menores, motivo de vários processos nos Estados Unidos, França, Argentina, Brasil e outros países.

[...] Pois os menores são as presas mais susceptíveis aos apelos do Hare Krishna. De repente, jovens de pouquíssima formação intelectual, que mal ouviram – quando ouviram – falar dos grandes pensadores do Ocidente, descobrem que desprezam a cultura ocidental e abraçam cegamente a “filosofia” do Oriente, algo que, segundo um profundo conhecedor do assunto como Allan B. Watts, nem sequer existe. E onde vão os menores, vão os pais – não necessariamente em concordância, mas muitas vezes acompanhados pela polícia⁹⁵⁰.

Além da periculosidade, a questão da “despersonalização” ou “alienação” dos jovens é recorrente nesse tipo de discurso. O jovem seria um “papel em branco” de pouquíssima formação intelectual”, pronto a ser preenchido pelas “seitas”, poderia ser transformado em “robô de mantras”, como apontava a mesma reportagem:

Aparentemente, nada de mal em tudo isso, e há quem veja valores reais nessa busca de uma vida ascética. Mas os críticos têm outra visão dos ensinamentos de Prabhupad (sic). Para eles, os devotos submetidos a esse processo se encaminham para uma despersonalização e um embrutecimento certos, principalmente os mais jovens, que terminarão se transformando em máquinas de rezar ou robôs de *mantras*⁹⁵¹.

A representação de “robô de mantras” esteve presente em diversas reportagens. Em uma charge da FSP, ela era traduzida para a linguagem das artes visuais.

Figura 31 - Charge da *Folha de São Paulo*

⁹⁵⁰ A MORTE do guru: Hare Krishna, uma seita na orfandade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1977. Caderno B, p. 05.

⁹⁵¹ Ibidem.



Fonte: Folha de São Paulo⁹⁵²

O devoto retratado no desenho parece abatido, “corcúndico”, cansado (a julgar pelas olheiras), com um olhar quase hipnotizado e repetindo, meio inconsciente, parte do mantra *Hare Krishna* que é repetido pelos devotos diariamente. À charge, segue um texto, também do cartunista Fortuna, que parece de teor fictício, mas que tinha o objetivo de servir de metáfora:

Por falar em Coebbels (sic), o eficiente chefe de marketing que tomou a campanha do nazismo um sucesso, lá pros arianos puros dele: uma mentira mil vezes repetida acaba sendo aceita como a expressão da verdade. E digo mais; pegue uma palavra, qualquer uma. Paca, tatu, cotia, não — por exemplo, ou qualquer outra: café com pão bolacha não —, a escolher. Se for palavra de credo exótico, melhor ainda. Repita 30 zilhões de vezes ao dia. (Pra não errar na conta, faça uma espécie de colar de contas e, apalpando uma por uma com os dedos indicador e polegar, como se as estivesse debulhando, vá repetindo a palavra, até completar o número de voltas necessário para tingir os 30 zilhões.) Verá como o sentido da palavra se evapora e ficará só o efeito do som de uma agulha presa na trilha de um disco com defeito. É esse o processo para se obter uma boa loucura obsessiva. Ao final, você nem precisará fazer a raspagem da cabeça por fora, para completar a lavagem já feita por dentro. Pois é mais ou menos isso que está acontecendo com o Zé Azevedo. Encontrei ele de olho fundo e falando baixinho:
— Hare Krishna. Hare Krishna. Hare Krishna. Hare Krishna. Hare Krishna⁹⁵³.

⁹⁵² FORTUNA, Reginald José Azevedo [charge]. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 07 jul. 1977 [recorte]. In: ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.331, f. 393.

⁹⁵³ Ibidem.

A prática de canto de mantras é comparada ao processo de propaganda desenvolvido por Goebbels que levou os alemães a aceitar e defender o nazismo entre os anos 1930 e 1940. Os mantras foram comparados a frases aleatórias, desprovidas de sentido e significância e que sua prática seria uma “lavagem cerebral” capaz de provocar “loucura obsessiva” em seus praticantes.

É claro que, naquele período, a crítica ao ato de repetir palavras tidas como sagradas só se dirigia às chamadas “seitas”. A prática da oração com o rosário, as novenas e penitências pós-confessionário católico não entravam nessa discussão e nem eram tidas enquanto práticas de “lavagem cerebral” ou de obsessão.

Em outra reportagem, esta de OESP, a prática de cantar mantras seria apontava como um recurso para que os devotos de Krishna não pensassem ou não tivessem opiniões próprias: “O que mais espanta os observadores dos devotos de Krishna é que a seita, além de uma disciplina e controle rígidos, impede seus membros de terem opiniões próprias. Para que não pensem, os devotos são obrigados a cantar constantemente o ‘mantra’”⁹⁵⁴.

Na afirmação anterior, o cantar de mantra não seria uma prática religiosa, meditativa, nem mesmo algo espiritual. Seria simplesmente um mecanismo de alienação para impedir que os jovens pudessem ter autonomia intelectual.

Em novembro de 1978, um evento causou perplexidade na opinião pública sobre as “seitas”, reacendendo o debate. Na Guiana, uma comunidade da organização religiosa Templo do Povo, fundada e liderada pelo reverendo californiano Jim Jones, ocorreu um dos maiores suicídios coletivos com motivação religiosa registrados no Ocidente. Centenas de pessoas, entre adultos e crianças, foram induzidas ou forçadas pelo líder a tomar vinho com veneno, ocasionando na morte de mais de 900 pessoas⁹⁵⁵.

⁹⁵⁴ MORRE o líder da “Krishna”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 nov. 1977, p. 14.

⁹⁵⁵ Cf: ABBOTT, Catherine Barrett. **The Reverend Jim Jones and Religious, Political, and Racial Radicalism in Peoples Temple**. University of Wisconsin-Milwaukee. Theses and Dissertations, Paper 1037. Disponível em: <http://dc.uwm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2042&context=etd>. Acesso em: 20 nov. 2016.

O fato causou perplexidade e comoção na opinião pública sobre as novas e desconhecidas religiões. Imediatamente, os temores que já circulavam sobre outras religiões tidas como “seitas”, amplificaram-se e seus líderes passaram a ser tidos como Jim Jones em potencial. O que acontecia a uma das organizações, acabava atingindo também as outras, tudo sobre a alcunha do termo “seita”.

Uma reportagem de página inteira do JB, descrevia com diversas subseções os detalhes da tragédia envolvendo os membros do Templo do Povo. No canto inferior direito, uma seção descrevia nominalmente as diversas “seitas”, sem citar qual seria a participação, os supostos crimes ou semelhanças com o Templo do Povo ou com a personalidade de Jim Jones, apenas classificando as “seitas” e seus representantes como “falsos profetas”:

Falsos profetas se multiplicam

Segundo os especialistas, é impossível calcular o número de seitas e de falsos profetas existentes no mundo. Os pseudoprofetas são tão antigos quanto os profetas, e a proliferação de seitas é um fato que, ciclicamente, repete-se na História.

[...] Em geral as seitas protestantes nascidas de interpretações diferentes da Bíblia distinguem-se das seitas curandeiras [...] dos movimentos milenaristas [...] dos sincretistas [...] e das seitas orientais como **Hare Krishna** e do Guru Maharichi (sic)⁹⁵⁶.

Os “falsos profetas” são um tema recorrente nos temores ocidentais cristãos e são operados, sobretudo, para descrever pregadores de outras correntes não cristãs. Alguns dias depois, no mesmo jornal, um artigo de Sérgio Riff, mais uma vez generalizando o que acontecia em uma das “seitas” com as demais. Após descrever diversos relatos de mortes, suicídios, assassinatos e autoflagelações, em uma variedade de pequenos grupos denominados de “seitas”, incluindo a tragédia conduzida por Jim Jones, na Guiana, no canto direito da reportagem de folha inteira, uma coluna descrevia um “pequeno roteiro do misticismo de consumo”, que consistia em uma espécie de “minidicionário de seitas” que citava, na ordem: Vedanta, Hare Krishna, Meditação Transcendental, Rosacruz, Sufis, Gurdjieff, Cientologia, Biorressonância, Cargo, Meninos de Deus, Synanon, Movimento do Potencial

⁹⁵⁶ FANATISMO religioso leva 383 pessoas ao suicídio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 nov. 1978. 1º Caderno, Internacional, p. 12.

Humano, Subud, Comunidade de Fort Hill, Espírito na Carne, Rancho Wheeler, Ordo Templi Orientis⁹⁵⁷.

Esse tipo de generalização era comum no período. As chamadas “seitas” teriam as mesmas características, ofertariam os mesmos perigos à sociedade e seriam “Templos do Povo” em potencial, capaz de cometer “suicídios coletivos, sacrifícios rituais e cerimônias macabras”, tudo “em nome da fé”, como apontava o título da reportagem.

Além das representações que implicavam o Hare Krishna como uma “seita” danosa à juventude e à sociedade, outras mais diretamente ligadas à prática da distribuição de livros, também afetava a maneira como a religião foi representada publicamente. Vejamos a seguir.

6.2.2 Representações do *sankirtana* nos jornais

A prática do *sankirtana* também foi representada nos jornais. Nos anos 1970, sobretudo, ela foi tratada com suspeição sobre a honestidade da venda de livros, do que era feito com o dinheiro arrecadado e um julgamento de que a venda de livros seria responsável por manter grandes somas de dinheiro para o Movimento Hare Krishna ou para seus líderes.

As representações sobre o Hare Krishna, nesse período, situam-se no contexto descrito anteriormente de suspeição e desmoralização do que era entendido como “seita”. Assim, palavras de espanto ou depreciação eram comuns sobre os religiosos e suas atividades.

Outro tipo de representação bastante comum era a de vincular o Movimento Hare Krishna como sendo algo “*hippie*”, uma espécie de misticismo radical, sem a seriedade ou glamour do misticismo contido em outras religiões:

⁹⁵⁷ RYFF, Sérgio. É tudo em nome da fé: mortes, suicídios coletivos, sacrifícios rituais, cerimônias macabras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 nov. 1978. Caderno B, p. 01. Não irei elencar aqui um histórico de cada uma dessas organizações religiosas para não desviar do ponto central da discussão do capítulo.

Os Hare Krishna, como são chamados, são aqueles rapazes que usam túnica amarela e uma espécie de rabo-de-cavalo na cabeça raspada. Andam pela Cidade vendendo folhetos e livros de propaganda e aliciamento. Vivem em fazendolas ou em velhos casarões urbanos. [...] No julgamento adulto sem preconceito, porém severo, seriam *hippies* extremados que levaram o misticismo às raias do absurdo⁹⁵⁸.

O *sankirtana* foi descrito nessa reportagem do JB como uma prática de venda de “folhetos e livros de propaganda e aliciamento”, sem mencionar que, de fato, era uma literatura de cunho religioso. E considerando ter um julgamento “adulto sem preconceito”, o autor do texto definia os *hare krishna* como “*hippies* extremados”, praticantes de um misticismo “absurdo”.

A comparação dos *hare krishna* com *hippies* não era incomum no período⁹⁵⁹. No Brasil, o Tropicalismo era um equivalente tupiniquim dos movimentos de contestação estética e cultural dos Estados Unidos e Europa ocidental. Assim, em uma reportagem, *hippie*, *hare krishna* e fãs de Caetano Veloso eram igualados pelas penas de um fazer jornalismo conservador:

Grupos e subprodutos da geração Caetano se juntavam à frente do teatro. Não seria difícil reconhecê-los. Os mesmos hábitos: os chapéus espalhafatosos; os “bois” sobre os ombros e até militantes da seita oriental da moda, que ostentando um rabicho atrás da cabeça pelada, se acercavam das pessoas com um artificial “Hare Krishna” e pediam que colaborassem com sua campanha de divulgação da sua religião⁹⁶⁰.

Apesar de colocar fãs do artista e os *hare krishna* no mesmo grupo (ou “subgrupo”) da “geração Caetano”, é quase certo que esses espectadores tinham objetivos bastante distintos: os *hare krishna* estariam ali mais interessados pelo ajuntamento de potenciais doadores ou convertidos do que pelo show. Usando das palavras do jornalista, eles estariam, provavelmente, mais interessados nos benefícios que poderiam obter da “geração Caetano”, do que no próprio Caetano⁹⁶¹.

⁹⁵⁸ OLIVEIRA, José Carlos. Pais e filhos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Caderno B, p. 05.

⁹⁵⁹ Já tratei desse tema em outro texto: CARVALHO, 2019.

⁹⁶⁰ SILVA, Walter. Show de Caetano: preguiçoso e redundante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 ago. 1975. Folha Ilustrada, p. 48.

⁹⁶¹ Anos mais tarde, Caetano seria novamente vinculado a uma geração que o idolatrava como guru, equiparando-os aos Hare Krishna: “Meninos de Deus, Hare Krishna ou messianismo musical, tudo isso tem o seu IBOPE. E à sombra do navio fantasma, caetanave, invade os olhos desertos da estudiosa juventude de Pindorama”. MEDEIROS, Carlos. Fantasmática. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 set. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

O *sankirtana*, segundo algumas reportagens dos anos 1970, também estava ligado a esse grupo de jovens “*hippies*” e, sempre que possível, buscavam destacar esse fato. Uma reportagem não citava quais livros eram vendidos, nem o conteúdo deles, mas fazia questão de elencar que eles vendiam o disco de mantras produzido por George Harrison para a ISKCON, um dos ícones da contracultura, entre os anos 1960 e 1970:

Normalmente este rapaz, adepto do Hare Krishna, [...] fica na rua interpellando os pedestres das nove horas da manhã às sete da noite. Vendem, além do incenso, livros, um boletim informativo e um disco produzido pelo ex-*beatle* George Harrison – gravado em 1968: na Inglaterra⁹⁶².

Outras reportagens buscavam descrever a prática do *sankirtana* com as táticas desenvolvidas por seus entusiastas: “Eles invadem as praças mais movimentadas do centro da Capital, “sempre andando em sentido contrário ao fluxo de pedestres para alcançar maior público, segundo nossas determinações superiores” [...]”⁹⁶³. A “invasão” (um termo militar) como representação para descrever as ações dos *hare krishna* não era incomum na literatura jornalística⁹⁶⁴.

O valor ou o mantra de *sankirtana* também era utilizado pelos jornais para descrever uma prática, como essas duas matérias do mesmo ano da FSP:

Mas tem aqueles que estão entrando em concorrência com os vendedores de chocolate, flores, frutas, quando o sinal fecha: adeptos do Hare Krishna, vestidos em túnicas coloridas, que enfiam uma vareta de incenso na cara do motorista, um jornalzinho e pedem:

- Cinco ou dez cruzeiros, o senhor dá o quanto quiser⁹⁶⁵.

Às vezes, o sujeito fica meio sem entender direito quando, de repente, o rapaz de cabeça raspada com apenas um rabinho de cavalo pendurado em cima da nuca, túnica colorida, pés descalços no cimento da calçada e um fio de lama sagrada do rio Ganges na testa, para à sua frente, numa rua qualquer de São Paulo com uma varetinha de incenso entre os dedos, um livro ou um jornal, e oferece:

- Cinco ou dez cruzeiros, ou quanto você quiser dar⁹⁶⁶.

⁹⁶² KRISHNA: quem tem medo dessa religião? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

⁹⁶³ “BOAS festas”, um salário extra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 07 dez. 1975, p. 56.

⁹⁶⁴ Como foi observado na “suave invasão”, tratada em: CARVALHO, 2017.

⁹⁶⁵ LIBOS, Hilton. Abriu o farol, elas aparecem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jan. 1977. Folha Ilustrada, p. 22.

⁹⁶⁶ KRISHNA: quem tem medo dessa religião? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

Outra maneira de descrever a prática do *sankirtana* era mostrando o quanto os *hare krishna* se dedicavam à atividade exaustivamente, mesmo sob condições adversas:

Eles não se cansam em percorrer ruas e ruas ou permanecer numa mesma esquina, durante horas. Naturalmente têm força para dar testemunho do movimento – eles preferem essa palavra a outras como filosofia, religião e muito menos seita – e, com sol ou chuva, frio ou calor, lá estão eles, sempre em grupos de dois ou três para pregar, através de convites, venda de livros ou mesmo com sua canção uma vida nova, extraterrena de obediência e despojamento⁹⁶⁷.

Enquanto as chuvas atrapalham os comerciantes e pedestres, algumas pessoas não se incomodam com as variações do tempo: são os *hare krishna*, como são chamados os jovens pertencentes à religião do mesmo nome, e que ficam espalhados pelas ruas da cidade vendendo livros e incenso. Para eles, quer chova ou faça sol, nada muda⁹⁶⁸.

A suspeição sobre o *sankirtana*, o que estaria oculto na prática, seus propósitos e o quanto era arrecadado com a prática era um tema de interesse da imprensa, sobretudo, a partir dos escândalos que se desenrolaram em 1977. Uma longa reportagem de OG deu atenção especial à prática do *sankirtana* e merece uma atenção mais detalhada:

Nas praças e lugares movimentados, a técnica de abordagem vai da surpresa à confusão mental dos possíveis compradores. Para atingir o objetivo final – vender o livro –, os Hare Krishna não hesitam em utilizar a simbologia de outras religiões nas quais não acreditam, como o Natal dos Cristãos, ou apelar para costumes muito em moda, como a prática do loga. Duas moças, **madres Krishna**, faziam isso ontem de manhã, na Praça Saenz Peña.

Escolhida a pessoa a ser abordada, geralmente bem jovem ou os velhos – dificilmente um homem ou mulher de meia idade é alvo da aproximação dos **Krishna** –, as moças colocavam um livro bem na frente do seu rosto, assustando o possível comprador.

- Você não gosta de loga? Veja esse livro, pode pegar para ver, não paga nada.

As pessoas abordadas ou recusavam grosseiramente, sem tomar conhecimento da proposta ou abanando com a mão para que as moças se afastassem, ou, então, constrangidas, pegavam o livro para ver. Vencida a primeira etapa, vem a fase do convencimento.

- Viu? É barato. Basta dar apenas uma contribuição, nosso interesse é divulgar os livros. Dez ou vinte cruzeiros só. É um bom presente para dar de Natal⁹⁶⁹.

⁹⁶⁷ MACHADO, Helô. As novas missionárias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1976. Nova Mulher, p. 35.

⁹⁶⁸ QUEDAS e muita irritação no centro na passagem pelas obras dos “calçadões”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 1976. Local, p. 14.

⁹⁶⁹ HARE Krishna espera vender no Natal Cr\$ 3 milhões em livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1977. Grande Rio, p. 15, grifos do autor.

Aqui não interessa muito sobre a exatidão do que está sendo descrito. O importante é perceber como o jornal se utiliza da descrição de uma prática religiosa para legitimar a suspeição sobre a religião e seus praticantes. É possível dizer que toda religião na sociedade capitalista possui alguma forma de lidar com arrecadação de fundos ou comercialização de produtos religiosos. No entanto, era sobre a comercialização de produtos Hare Krishna (e das “seitas”) que essa e outras reportagens do período se preocupavam.

As técnicas de venda, o que era dito, a suposta reação do público e o quanto era cobrado por cada produto era destacado com a intenção de elencar suspeição sobre a prática. O texto define que o objetivo final de tudo o que é feito na prática é a venda dos livros, mas esquece de mencionar quaisquer intenções religiosas por parte dos devotos, corroborando com as representações de mercenarismo e charlatanismo que eram comuns às religiões minoritárias do período.

Apesar das descrições que tratavam do incômodo ou do “susto” que as pessoas abordadas estariam passando ao ser abordadas pelas “*madres krishna*”, a própria reportagem teria interpelado alguns compradores para saber o que achavam daquela movimentação sankirtaneira, obtendo respostas não muito alinhadas com a tese de “estar sendo enganado”:

Maria Cristina Callado, estudante, comprou um livro das **madres Krishna**, segundo disse porque gosta da cultura oriental. Para Maria Cristina, o fato de elas estarem usando agora as roupas comuns não influenciou na sua decisão:

- Se elas estivessem com aquelas outras roupas eu compraria de qualquer maneira. Quero o livrinho porque tenho interesse na cultura oriental. Mas estranhei o fato de estarem com roupas comuns. Vão enganar muita gente assim.

Esmeraldino Santos Filho, que também ficou com um livro, não soube explicar por que resolveu comprar:

- Bem, elas falaram que isso explica a religião dos Krishna, a cultura da Índia. Eu não tenho religião nenhuma, então resolvi ficar com um para ver o que é isso⁹⁷⁰.

As duas personagens compraram os livros pelo interesse direto na “religião dos Krishna” ou pela “cultura oriental”. Mas a narrativa dá a entender que a reportagem queria uma confissão premeditada: a primeira entrevistada compraria o livro de todo jeito, com a roupa típica das devotas ou não, embora tenha confessado – provavelmente pela insistência da repórter – que era estranho a ausência das roupas;

⁹⁷⁰ Ibidem.

o segundo personagem, apesar de ter dito que ficou com o livro para entender sobre a “religião dos Krishna”, foi descrito como não soubesse “explicar por que resolveu comprar”.

Ainda na mesma reportagem, o interesse sobre o lucro advindo do *sankirtana* era destacado na subseção “negócio”:

A Sociedade para a Consciência dos (sic) Krishna no Brasil, que não tem fins lucrativos como fez questão de frisar o seu presidente **Ambujaksha Dasa**, consegue, na realidade, lucros altíssimos com a venda de seus livros. Os Krishna só gastam dinheiro com a impressão, pois fazem eles mesmos todo o trabalho de tradução e ilustração. Não existe um preço fixo para a venda dos livros – “recebemos apenas uma contribuição” – mas nenhum **devoto** ou **madre** faz qualquer negócio na rua por menos de Cr\$ 20⁹⁷¹.

Apesar de, algumas linhas acima, a *sankirtaneira* declarar em seu “mantra de *sankirtana*” que o livro poderia ser adquirido por 10 ou 20 cruzeiros, a reportagem afirma nesse trecho que o livro não custaria “menos de Cr\$ 20”. Os “lucros altíssimos” são uma “realidade” não comprovada com dados no texto que, apesar de citar os “custos” depois, só especula o cálculo do total bruto que supostamente seria arrecadado naquela maratona de natal – e não o lucro em si:

O grande volume de vendas, entretanto, está nos livros mais finos – “quase não vendemos o Bhagavad-Gita na rua, é muito pesado” explica **Ambujaksha Dasa** -, que custam em média Cr\$ 20. Os adeptos conseguem vender, pelo menos, 400 volumes por dia, só no Rio, o que dá um total diário de Cr\$ 8 mil, ou Cr\$ 240 mil mensais⁹⁷².

Uma outra maneira de deixar a suspeição sobre o *sankirtana* falar alto era o fato de não comentar sobre o conteúdo dos livros. Falava-se bastante sobre os valores, sobre os lucros obtidos com os livros e bem pouco ou quase nada sobre eles. Na pesquisa, encontrei um único texto jornalístico específico sobre o conteúdo dos livros, nos anos 1970.

Um artigo de Luiz Paulo Horta, redator do JB, sobre o *Bhagavad Gita Como Ele É*, da BBT, edição de 1976. Depois de contextualizar a obra historicamente e de descrever resumidamente o conteúdo do livro, ele comenta sobre a edição brasileira da BBT:

Edição extremamente erudita – e fartamente ilustrada – constando do texto em sânscrito acompanhado, verso a verso, transliteração em caracteres

⁹⁷¹ Ibidem.

⁹⁷² Ibidem.

latinos, da tradução literal, de uma tradução livre e de um comentário elaborado por Sua Divina Graça Bhaktivedanta Swami Prabhupada, Guru supremo da seita Hare Krishna. Não é aqui o lugar para discutir a súbita atualidade desta já agora poderosa organização internacional. A forma adotada, por outro lado, por essa edição brasileira é a que se usa muitas vezes para os textos clássicos do Oriente. [...] Por outro lado – e este já é um inconveniente sério – o texto em português está despido de qualquer valor literário, para dizer o mínimo. Transforma-se, assim, no manual de uma seita, e passa a ter, fora desses limites, valor bastante limitado⁹⁷³.

O autor busca separar o valor que a obra teria da versão do “guru supremo da seita Hare Krishna”. Para ele, a versão de Bhaktivedanta Swami seria o “manual de uma seita”, teria “valor bastante limitado”, despido de “qualquer valor literário”, mas, não justifica especificamente quais pontos causariam essa desvalorização do conteúdo do livro.

A representação do Hare Krishna enquanto “poderosa organização internacional”, sem nem sequer citar que, de fato, a ISKCON era uma instituição religiosa, diz muito sobre como os grupos tidos como “seitas” eram vistos pelos jornais: algo quase fora do espectro religioso; um quase religioso, digno de suspeição.

Outro tipo de representação bastante comum sobre o *sankirtana*, dizia respeito ao valor moral da atividade e de seus praticantes. Em diversas reportagens, a atividade da venda de livros, como feita pelos sankirtaneiros, era descrita como “vagabundagem” ou “improdutividade”. Algumas declarações apenas sugerem a improdutividade ou “desocupação” dos devotos distribuidores de livro:

A venda de livretos a 5 cruzeiros o exemplar, difundindo as “interpretações espirituais” de Hare Krishna, está permitindo que os 40 seguidores que agem em São Paulo, junto a outros espalhados por diversos Estados, sustentem um templo de “auto-realização”, no Jardim América, e uma fazenda em Petrópolis. Pelas declarações do pregador Udhava Dasa, a população está contribuindo bastante para a “união espiritual” comprando de cada um de seus colegas uma média de 40 livros por dia, o que dá uma renda mensal para o grupo de aproximadamente 240 mil cruzeiros por mês, suficiente para mantê-los desocupados de outras atividades mais produtivas durante todos os dias.

A venda de livros, aumentando a indústria de pedintes na Capital, continua crescendo. Sexta-feira, na Rua Augusta, Udhava vendeu quatro exemplares em menos de meia hora. Licença para esse tipo de comércio, Udhava desconhece. O Secretário de Segurança Pública, Erasmo Dias, afirma que também não conhece esses novos “pregadores da espiritualidade” agindo na cidade, embora eles estejam “trabalhando” nela há mais de cinco meses⁹⁷⁴.

⁹⁷³ HORTA, Luiz Paulo. Um velho poema moderno. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 fev. 1977. Livro [encarte], p. 04.

⁹⁷⁴ “BOAS festas”, um salário extra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 07 dez. 1975, p. 56.

A distribuição de livros não é descrita como um trabalho missionário ou religioso, nem como uma atividade comercial comum: ela manteria os devotos “desocupados de outras atividades mais produtivas” e estaria aumentando a “indústria de pedintes”. Além disso, o trabalho dos pregadores é citado entre aspas, um recurso irônico para deslegitimar esse e outros termos usados pelos devotos, como “autorrealização” e “união espiritual”. Mesmo considerando que houve, nesse período, incentivo constante para realização do *sankirtana* de maneira exaustiva, por horas diárias, a atividade não era tida como trabalho e, assim, seria subentendida enquanto “desocupação” ou “improdutividade”.

Outra maneira da mídia reforçar as representações de improdutividade e inutilidade dos devotos, sobretudo, no *sankirtana*, era deixando que outros personagens reforçassem essas ideias. Na mesma reportagem de OESP em que dois compradores falavam que compraram os livros devido à curiosidade sobre o tema (e não pelas técnicas de persuasão ou “lavagem cerebral” dos sankirtaneiros), uma outra personagem relata que não iria comprar os livros porque a atividade, além de não se constituir em um “trabalho”, seria uma “picaretagem”:

A maioria das pessoas abordadas se recusou a ouvir as propostas das moças. Alguns chegaram a ser enérgicos, como o bancário Hamilton Rosa da Silva:

- Esse pessoal devia é arranjar um trabalho. Não compro nada dessa gente porque acho isso **picaretagem**. Estão enganando o povo, dizendo que querem divulgar religião. Querem é vender esses livros e ganhar dinheiro. Eu não sou otário, o meu não levam de jeito nenhum!⁹⁷⁵.

A ideia de que o *sankirtana* não tinha, em verdade, motivos religiosos – apenas financeiros – saía da boca de um espectador qualquer das ruas. Todavia, o restante da reportagem parecia confirmar esse tipo de representação através do texto. Isso implica dizer que não somente aquela personagem cria na “picaretagem”, mas, também, a própria reportagem e o jornal – já que a matéria não era assinada.

Sobre esse ponto da “picaretagem”, Paul Freston atribui essa visão preconceituosa entre religião e dinheiro ao fato de durante séculos a Igreja Católica ter sido sempre fiel ao Estado colonial e depois ao brasileiro. O financiamento da Igreja

⁹⁷⁵ Ibidem, grifo do autor.

pelo Estado nunca era visível, o que criou uma imagem no senso comum de que quem pede dinheiro em nome de uma religião é suspeito⁹⁷⁶.

Outra reportagem, essa de OG, chega a sugerir que nada impediria os sankirtaneiros de serem presos por “vadiagem”: Os adeptos de Hare Krishna não trabalham – apenas vendem livros e incenso e, portanto, não têm nenhum documento que evite sua prisão por vadiagem [...] ⁹⁷⁷.

A Lei de Vadiagem, em vigor na década de 1970, previa prisão de 15 dias a três meses a quem se entregasse “habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita”⁹⁷⁸.

Não pude confirmar nos documentos da pesquisa se alguns membros do Movimento Hare Krishna foram enquadrados de fato nessa lei. No entanto, uma idosa devota de Krishna afirmou em uma reportagem que um sankirtaneiro teria sido agredido em atividade, enquanto outro teria sido espancado e preso por vadiagem: “Um menino, vestido de monge, foi agredido há poucos dias num bar no Leblon, quando vendia incenso. Outro, foi preso por vadiagem e espancado”⁹⁷⁹.

Alguns membros do Movimento Hare Krishna procuraram defender a religião dessas acusações de vadiagem nos jornais. O advogado da ISKCON rebatia:

- A alegação de que os adeptos do Hare Krishna não trabalham – “apenas vendem livros” – é de todo em todo contraditória e pouco inteligente, porque vale dizer que uma classe considerável de trabalhadores – os vendedores de livros – podem ser presos até por vadiagem, o que é ridículo⁹⁸⁰.

⁹⁷⁶ FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993, 303p., passim.

⁹⁷⁷ MÃE processa seita por aliciamento de menores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1977. Grande Rio, p. 09.

⁹⁷⁸ BRASIL. **Decreto-Lei, nº 3.688, de 03 de outubro de 1941**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm. Acesso em: 03 abr. 2022.

⁹⁷⁹ MENORES no Krishna só com licença dos pais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 fev. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 16. Algumas linhas à frente da reportagem, o líder do templo teria esclarecido o fato: “Este rapaz, que eu conheço como Luís Carlos, frequentou o templo dois dias e não tive nem tempo de fazer a ficha dele. Um dia contou este incidente e depois desapareceu”.

⁹⁸⁰ ADVOGADO defende o Hare Krishna e se diz adepto do movimento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1977. Grande Rio, p. 17.

O diretor do templo da ISKCON do Rio de Janeiro também rebateu às acusações “vadiagem” e a desconfiança sobre o *sankirtana*:

[...] Ninguém é coagido a fazer seja o que for aqui. Não obrigamos ninguém a vender livros na rua. Mas todos têm de ter uma ocupação, uma tarefa, externa ou interna. Não podemos viver parasitariamente. É por isso que alguns adeptos do movimento estão sempre vendendo livros e incenso nas ruas⁹⁸¹.

Em outra ocasião, ele rebatia que a ocupação dos jovens em serviços para a religião combatia a ociosidade e que essa disposição não era fruto de “lavagem cerebral”:

- É claro que ninguém aqui pode ficar só comendo e dormindo. Temos os membros que vão para as ruas “distribuir” os nossos livros; outros que ficam aqui datilografando os textos e outros que cuidam da limpeza e da comida. É preciso manter sempre o pessoal ocupado em alguma coisa. Mas isto não quer dizer que fazemos “lavagem cerebral”⁹⁸².

Outro líder da ISKCON parecia deslocar a discussão sobre a contribuição produtiva dos Hare Krishna da cidade para o campo:

Ele se defende da acusação que normalmente é feita aos adeptos do Hare Krishna: não trabalhem, não terem nenhuma participação no polo dinâmico da produção. O ex-Lúcio compara o tipo de coisa que fazem com o trabalho de um juiz de Direito.

- Ele trabalha com a cabeça e nós somos religiosos, estudantes da única literatura que existe em sânscrito e védico (sic), que remonta de cinco mil anos atrás. Não estamos atrás de bens materiais, queremos levar uma vida simples, mas com um pensamento elevado. Kris[hna] é a causa última de todas as coisas e não visamos a vida no presente, almejamos além disso: porque o corpo acaba, desaparece, mas a alma não.

Ele prossegue em sua defesa.

Justifica que a questão do trabalho, para eles, fica com[en]trada (sic) no campo, na lavoura, e que aqui na cidade fazem apenas um trabalho de promoção e divulgação da seita.

Sua fala tem sotaque de inglês dos Estados Unidos e os olhos são esbugalhados: acorda todos os dias às três da manhã e vai dormir às nove da noite, como todos os membros da comunidade de adeptos do Krishna. No casarão templário na rua Pandiá Calógeras com ar perfumado de incenso o adepto faz a última defesa de sua religião:

- Nosso trabalho mesmo é no campo, temos uma fazenda em Petrópolis. Fazemos justamente o que o governo quer: levar as pessoas para o campo, porque é no campo que se desfruta a natureza. Ou por que você acha que o governo quer levar o povo para as terras lá perto da Transamazônica, pro Mato Grosso?⁹⁸³.

⁹⁸¹ MOVIMENTO Hare Krishna vai pedir proteção policial para o seu templo na Tijuca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, p. 30.

⁹⁸² JOVEM vai contar ao juiz sua vida na Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. Grande Rio, p. 11.

⁹⁸³ KRISHNA: quem tem medo dessa religião? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

Esse deslocamento discursivo talvez fosse uma tentativa de sensibilizar a opinião pública para algo que fosse mais próximo da realidade dos leitores: o trabalho no campo é, sem dúvida alguma, trabalho “produtivo”. Assim, quer se acredite ou não que a distribuição de livros nas ruas seja um trabalho produtivo, o devoto pretendia demonstrar que o Movimento Hare Krishna não era de jovens ociosos ou vadios e que não se dedicavam somente a venda de livros e incenso nas ruas.

Assim, vimos que as representações mais comuns feitas ao *sankirtana* nos jornais eram a de vadiagem, vagabundagem, improdutividade e, em diversas formas, a prática era tida como algo suspeito, que ocultava informações a serem desvendadas pela mídia ou pela sociedade.

No próximo tópico, veremos como alguns escândalos midiáticos deram grande visibilidade ao Movimento Hare Krishna no Brasil. Embora eles não tratem especificamente do *sankirtana*, eles certamente influenciaram a maneira como os devotos foram vistos e recepcionados nas ruas e impactaram as formas de realizar a prática.

6.3 “UMA CONSPIRAÇÃO CONTRA A FAMÍLIA”: ESCÂNDALOS NA MÍDIA DOS ANOS 1970

As religiões aparecem na mídia obedecendo a interesses nada imparciais. Seja como legitimação de uma religião que se quer estabelecida ou, pelo contrário, deslegitimando religiões ou ignorando aquelas que não se quer em evidência, a mídia revela o seu posicionamento religioso a cada linha traçada sobre o tema.

O escândalo é um fato jornalístico que se quer em evidência, geralmente narrado em uma sequência exaustiva e de forma a apelar à sensibilidade do leitor com temas que sejam tidos como tabu ou que impressionam pela sua singularidade. No caso das religiões, os escândalos sempre são alvos de disputas políticas pela maneira como o fato é narrado, se é “esquentado”, “esfriado” ou simplesmente ignorado pelo veículo de comunicação.

De maneira geral, as mídias fazem uso de cobertura religiosa pretensiosamente “imparcial” e, no entanto, utilizam-se dos escândalos que envolvem determinadas religiões para alcançar maior impacto com aquilo que pretendem para cada uma delas. Já os religiosos buscam as mídias seculares para atingir um grande público evidenciando aquilo que consideram ser os benefícios ofertados à sociedade.

Ambos buscam se utilizam dos meios midiáticos para alcançar maior projeção em suas narrativas. Porém, como diria Hoover, “enquanto os líderes religiosos ou seguidores desejam as boas obras de religião como notícia, a religião, ao em vez disso, faz notícia quando se parece com outras ‘matérias’ jornalísticas: quando se trata de política ou de escândalo”⁹⁸⁴. E essa afirmação faz todo o sentido na presente pesquisa.

O ano de 1977 foi o de maior destaque para o Movimento Hare Krishna em toda a sua história na mídia, justamente pelos escândalos envolvendo dramas familiares. Entre 1972, data da primeira reportagem, e 1975, apenas 13 matérias relevantes nos jornais aqui estudados citam algo sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil. O ano de 1976 apresentou 12 matérias, mas, somente no ano de 1977 foram 121, representando cerca de 36 por cento do total de reportagens pesquisadas entre 1972 e 1989⁹⁸⁵.

Os escândalos na mídia envolvendo o Movimento Hare Krishna, embora não tratem especificamente sobre o *sankirtana*, também são importantes para entendê-lo no sentido em que criam uma imagem sobre os devotos que antecede às suas práticas. Ou seja, no momento em que o sankirtaneiro saía à rua para distribuir livros, diversos tipos de representações construídas sobre ele através dos escândalos na imprensa, antecederiam o contato com seu público-alvo.

Nesse momento de controvérsias, após vários casos envolvendo famílias, jovens e “denúncias”, o Movimento Hare Krishna, sobretudo no Rio, estava tão presente na mídia que até se tornou tema de uma novela da *Rede Globo de Televisão*⁹⁸⁶.

⁹⁸⁴ HOOVER in SILVA; CAMPOS; RENDERS, 2014, p. 113.

⁹⁸⁵ Como aponta a tabela disposta no apêndice 3

⁹⁸⁶ A novela “Sem lenço, sem documento”, de Mário Prata, tinha como enredo principal, a história de quatro irmãs pernambucanas que tinham se mudado para o Rio de Janeiro para trabalhar como

Essa é uma das características das mídias na contemporaneidade: o apagamento das fronteiras entre os espaços público e o privado. Aquilo que, em tese, seria da esfera do privado, logo pode ser cooptado pelas mídias para ganhar se tornar parte de um debate público – e evidentemente, em oportunidade de ibope/lucro:

Assim como a globalização é em parte definida por uma crescente fungibilidade entre o “local”, o “nacional” e o “global”, enraizada na capacidade da mídia moderna em juntar estes três contextos, a mídia também tem a capacidade de tornar pública a esfera privada e vice e versa⁹⁸⁷.

De alguma forma, houve uma disputa pela conquista dos jovens. De um lado, o tradicionalismo das famílias conservadoras e, do outro, as novas formas de “ser jovem”, influenciadas pela contracultura, pelas novas religiões e movimentos politicamente progressistas. Havia consciência sobre essa disputa, incluindo nos próprios jovens alvos dessas querelas.

O discurso das famílias apontava para a ingenuidade e imaturidade dos jovens, enquanto que as novas religiões, geralmente tidas como “seitas”, colocavam no indivíduo (ou em “Deus”) a capacidade de fazer a escolha “certa”. Se o “poder pátrio” conferia a legalidade da “posse” dos jovens menores de dezoito anos aos seus genitores, para um líder Hare Krishna, por exemplo, a “posse” do indivíduo era do divino, como falava Hridayananda em uma conversa entre seus pares:

[...] Muitos têm inveja de Krishna. Inclusive os pais de um devoto ficaram muito zangados comigo porque roubei o filho para Deus (risos). Na realidade, todo filho, todo pai, todo primo, todo tio, todo sobrinho, pertencem a Deus! Eles são ladrões que não reconhecem que seu filho pertence a Deus; seus pais pertencem a Deus, são propriedade de Deus. Quem não reconhece isto é ladrão⁹⁸⁸.

empregadas domésticas. Um dos personagens, o Dinho, interpretado pelo ator Marcelo Picchi, seria, conforme a descrição de *O Globo*, um: “Funcionário público, com salário que não chega a Cr\$ 2 mil, vive de golpes ingênuos, como o de se fazer passar por um membro da seita Hare Krishna para conseguir uns trocados. Mora numa pensão com o amigo patricio, e se aproxima de Livia, passando por universitário, filho de fazendeiros”. PENTEADO, Lea. Uma história de empregadas domésticas. E de patroas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 set. 1977. Cultura, p. 33. O personagem escolhido para inserir o Hare Krishna como tema de novela, era exatamente um tipo “malandro”, um golpista que parecia enganar até mesmo os próprios Hare Krishna se fazendo passar por um. Parece colocar o personagem em um lugar em que ele é “mais malandro que os malandros”, ou seja, se os *hare krishna* pareciam ser tidos como enganadores por conseguirem dinheiro dos outros, o personagem golpista seria o elemento que conseguiu enganá-los para tirar-lhes vantagem.

⁹⁸⁷ “Just as globalization is partly defined by an increasing fungability between the “local”, the “national”, and the “global”, rooted in the capacities of modern media to bring those three contexts together, so too the media make the private sphere public and vice versa”. HOOVER, 2006, p. 12.

⁹⁸⁸ GOSWAMI, Hridayananda. Aula do *Bhagavad-Gita* (18.70) [dada em Nova Gokula em 25 ago. 1983]. *Carta de Sankirtana*, ano 4, n. 07, 01-07 abr. 1984. Néctar da semana, 1f.

Sendo “inveja de Krishna” ou não, o fato é que muitas famílias ficaram preocupadas com a participação de seus jovens no Movimento Hare Krishna e, como na sociedade moderna, há uma intensificação do uso de mídias, inclusive para o que seria da esfera do privado, muitos desses casos foram parar nas páginas dos jornais. Vejamos a seguir alguns deles.

6.3.1 Família Ferrari

O caso mais importante que desencadeou uma série de outros casos subsequentes, foi o da família Ferrari, no Rio de Janeiro. Uma jovem de 17 anos em idade escolar passou a frequentar o templo carioca da ISKCON até que um dia, sua mudança de comportamento gerou um mal-estar que dividiu a opinião da família. A mãe – passou a ser contrária à permanência da filha na religião, enquanto o pai da menina defendia que a mesma tivesse liberdade de optar pela religião. Esse impasse foi levado para o “tribunal” da opinião pública através da mídia. Uma reportagem buscava resumir a querela:

Rasavihari Dasa (sic) foi Regina Ferrari até quando seu pai a levou ao templo para ser ordenada monja, contrariando a mãe, que declarou preferir vê-la morta a ser uma seguidora de Krishna.
A questão dividiu a família. O pai apoia a filha, embora ele mesmo não siga a religião. A filha convenceu-o da sua vocação e mantém firme disposição de encontrar a felicidade através do despojamento e da busca transcendental.
[...] Além da força espiritual, Dona Nadir Ferrari apelou para o poder temporal, através de petição ao Juizado de Menores, para impedir que a filha frequente o templo, a despeito de permissão escrita concedida pelo pai⁹⁸⁹.

A reportagem continha descrições um pouco mais sensacionalistas do que o trecho descritivo acima:

“Hare Krishna”. Regina do Valle Ferrari, 17 anos, repete “Hare Krishna” milhares de vezes por dia. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, diz Dona Nadir do Valle Ferrari, mãe de Regina, na denúncia que faz da religião da filha ao Cardeal, ao Juizado de Menores e ao JB.
“O que eu quero é combater esta seita, ajudar outras mães cujos filhos foram aliciados para servir a tais gurus. É uma doutrina importada e nefasta, contrária aos bons costumes, às leis, que visa corromper os princípios

⁹⁸⁹ BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

religiosos, morais e cívicos dos jovens, desvirtuando suas mentes com ensinamentos tais como: a Terra é plana”.

[...] Casada, seis filhos (cinco homens e uma mulher, Regina), professora aposentada, defensora da família com Deus, dona Nadir declara-se estar disposta a dedicar todos os seus esforços para banir do país a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKOM) (sic)⁹⁹⁰.

É importante destacar a descrição de Nadir feita pelo jornal: uma mulher que desempenhava um papel tradicional na sociedade carioca; cristã; mãe; casada; aposentada (já teve sua contribuição produtiva na sociedade); e “defensora da família com Deus”. Esse último indica um alinhamento com os ideais conservadores defendidos pelo governo ditatorial.

Nadir Ferrari se preparava para uma verdadeira cruzada contra o Movimento Hare Krishna. Nesse momento, como aponta a reportagem, ela apelava para o Cardeal do Rio, líder religioso local de maior prestígio social, para que sua influência social e política pudesse pender para sua causa.

No entanto, aqui não interessa tanto o esforço de uma mãe aflita para defender aquilo que acreditava que seria melhor para sua filha. Para a presente pesquisa, o que importa é perceber como os jornais se utilizavam da querela e dos personagens envolvidos para reforçar uma determinada visão do mundo social. O próprio título da matéria (“O poder temporal chamado a combater Hare Krishna”) evidencia uma disposição de conflito posta pelo jornal entre mãe, Igreja e Hare Krishna.

Além disso, a mídia se utiliza de representações de seus personagens, dando visibilidade e destaque a elas, sem necessariamente precisar se comprometer em assumi-las ou questionar sua veracidade. Dessa forma, através da boca de dona Nadir, o Movimento Hare Krishna era descrito como “doutrina importada e nefasta, contrária aos bons costumes, às leis, que visa corromper os princípios religiosos, morais e cívicos dos jovens, desvirtuando suas mentes”⁹⁹¹.

Outras representações também foram veiculadas pelos jornais através da personagem Nadir Ferrari sem que houvesse qualquer análise jornalística sobre a veracidade das informações ou contestação da fala da personagem. Organização sem

⁹⁹⁰ Ibidem.

⁹⁹¹ Ibidem.

princípios religiosos, corrupção dos jovens, improdutividade, subversão e até comunismo eram acusações que justificariam pedidos de investigação policial sobre o Movimento Hare Krishna:

- Esse agrupamento não tem princípios religiosos. Quer que todos entreguem seus bens terrenos ao guru, que preceitua que o homem no seu estado natural é imperfeito. Os jovens adeptos vivem na ociosidade, fogem ao Serviço Militar, aos deveres cívicos e morais. Abandonam os estudos e regridem à idade dos homens da caverna: não usam talheres e comem com as mãos, o que já justifica uma intervenção do Ministério da Saúde. Essa sociedade é uma nefasta organização internacional que adota a implantação de comunidades com princípios de subversão. Renovo meus apelos ao Ministro da Justiça e ao SNI para que apurem as atividades subversivas e comunistas do grupo. Ele quer igualdade, quer que as riquezas sejam distribuídas e é contra a distinção de classes⁹⁹².

De maneira geral, o máximo que acontecia por parte dos jornais, era dar voz ao lado ofendido, permitindo que os religiosos contestassem suas acusações. E até mesmo em situações como essa, as representações negativas eram revisitadas, como no exemplo abaixo:

[...] O advogado [da ISKCON] Amando Fontes Filho está preparando a documentação para refutar as acusações de anti-higiênicos, anticonstitucionais, vagabundos, vadios, aliciadores de menores, dissolutores da família e outras tantas, feitas por Dona Nadir Ferrari aos membros da seita⁹⁹³.

Dar espaço para contestar reafirmando as condenações ou depois de ter lançado acusações e agressões era uma estratégia que não favorecia o lado agredido. Pelo contrário. Favorecia a perpetuação das representações que atingia os devotos de Krishna e das quais eles pretendiam se distanciar.

A conversão de Regina Ferrari foi narrada de maneira dramática, ao ponto que o leitor poderia dispor de detalhes da vida íntima dos personagens, como, por exemplo, a separação dos pais da jovem, que teria ocorrido sob influência da querela religiosa, como apontava Nadir:

Nosso casamento é indissolúvel, pois foi celebrado no civil e no religioso, de acordo com os preceitos da Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Conheço meu marido desde 1940, casamos em 1944 e agora atravessou em nosso caminho esta seita diabólica [...]. Meu marido que ia diariamente ao templo foi quem ficou mais perturbado, porque ele não aceita esta diabólica

⁹⁹² SOUSA, Maria Eduarda Alves. Uma conspiração contra a família. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

⁹⁹³ BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

seita e deu autorização que, juridicamente, não tem valor algum, já que o Pátrio Poder é conferido ao pai e à mãe⁹⁹⁴.

Diversas matérias dão detalhes da polêmica, como essa do JB que foi publicada três dias depois:

- Mais tarde, meu marido [de Dona Nadir] levou a menina para São Paulo, onde ela participou do ritual do fogo que a transformou em devota de Krishna. Quando voltou, recusava qualquer comida em que pusesse a mão. Chamava-me impura.

Dona Nadir então procurou o chefe espiritual da seita, pedindo-lhe que convencesse Regina a afastar-se do templo até completar a maioridade:

- Para minha surpresa, ele acabou convencendo meu marido a dar uma autorização para que ela fosse morar no templo. Tive então de recorrer ao Juizado de Menores, que no momento está fazendo diligências sigilosas.

Para ela [Dona Nadir], a filha sensível, que ia à praia, ao cinema, escrevia poesias, está inteiramente mudada. Dona Nadir afirma que Regina está mais agressiva, desligada do mundo e age como se fosse um robô. Para recuperar a filha, irá ao Papa, se for preciso. Antes, porém, apelará para o Ministério da Justiça e para o SNI⁹⁹⁵.

Apelando para a sensibilidade dos leitores, o jornal dava espaço para Nadir Ferrari relatar o drama da conversão da jovem, que seria uma “filha sensível” que adorava “ir à praia, ao cinema, escrevia poesias”, como seria de se esperar de uma jovem de classe média carioca.

Mas essa não era somente a opinião da mãe de Regina, era também a do jornal, já que o título da matéria deixava claro o que os editores esperavam com aquele conteúdo: “Uma conspiração contra a família”. Mais do que uma descrição “objetiva” dos fatos, o jornal queria sensibilizar a opinião pública para um ataque sorrateiro que estaria sendo travado pelo Movimento Hare Krishna contra “a” família carioca/brasileira.

Muitas outras reportagens se deram para acompanhar o caso que foi, inclusive, judicializado, ao mesmo tempo em que era midiaticizado. O problema de Nadir Ferrari passou rapidamente a ser narrado enquanto uma questão de ordem pública e diversos jornais, sobretudo os cariocas JB e OG deram visibilidade à causa:

“Assim que eu arrumar um tempo vou ao Ministro [da Justiça] Falcão saber do andamento do processo e levar o apelo de dezenas de mães aflitas com

⁹⁹⁴ FERRARI, Nadir do Valle. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

⁹⁹⁵ SOUSA, Maria Eduarda Alves. Uma conspiração contra a família. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05. Este artigo encontra-se dentro de uma matéria assinada por vários autores intitulada “A nova questão religiosa” em que cada um deles abordou um tema. O Tema discutidos nos artigos é a polêmica envolvendo a família do Valle Ferrari.

a situação de seus filhos. Não pedirei apenas a extinção da seita, mas também uma solução para os jovens que estão sendo transformados em robôs em fanáticos. Eles precisam de uma profunda ajuda psiquiátrica”, diz D. Nadir Ferrari.

D. Nadir explica que, como D. Maria Inês, existe uma série de mães sem saber o que fazer para tirar seus filhos de Krishna e assustadíssimas com a possibilidade de eles serem mandados pela seita para o exterior, para a Índia. Aliás, este seria outro pedido meu ao Ministério: impedir a saída de qualquer brasileiro que esteja com os Hare Krishna⁹⁹⁶.

O caso teria saído da esfera particular, do núcleo familiar, para se tornar um processo do Juizado de Menores e depois um outro vinculado ao Ministério da Justiça. Mais do que isso, o caso influenciou uma conduta jurídica no Rio: Regina e outros jovens menores de 18 anos foram proibidos de frequentar o templo da ISKCON sem autorização expressa de ambos os pais, por ordem do Juizado de Menores⁹⁹⁷.

Toda essa problemática se dava em torno de uma religião que era tida como “exótica”, maliciosa e desvirtuante justamente porque ela se propunha a mudar hábitos e comportamentos que destoavam da cultura e moral tidas como padrão para as famílias de classe média brasileiras. Assim, a reação da instituição família – célula *mater* da sociedade estabelecida - viria acompanhada do apoio de outras instituições estabelecidas, como a grande mídia, para “tirar seus filhos de Krishna”, como diria a reportagem citada acima.

6.3.2 Ana Davis

Outro caso de maior repercussão, foi o da possível conversão de uma conhecida repórter ao Movimento Hare Krishna. Ana Davis, era uma mulher negra de 25 anos, repórter do programa *Fantástico* da Rede Globo e colaboradora da revista *Manchete*, uma das maiores revistas semanais de variedade do Brasil, no período.

No período das primeiras polêmicas sobre o caso da família Ferrari (janeiro e fevereiro de 1977), Ana Davis teria sido contratada para ir ao templo do Rio realizar entrevistas e fazer uma matéria sobre o caso. Surpreendentemente, apenas algumas

⁹⁹⁶ MÃE que tirou a filha do templo Krishna quer ir a Falcão para proibir seita. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, Cidade/Estado, p. 14.

⁹⁹⁷ MENORES no Krishna só com licença dos pais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 fev. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 16.

semanas depois, ela apareceu na mídia, falando sobre sua conversão ao Movimento Hare Krishna. Em 9 de março daquele ano, uma reportagem de OG já anunciava a conversão:

Há pouco mais de uma semana, se perguntasse a qualquer crítico de televisão quem era a melhor repórter de vídeo, a opinião poderia ser unânime: Ana Davis. Seus trabalhos no programa “Fantástico” se destacaram, não só por sua figura morena, cabelos *black-power*, palavras certas e comedidas, como também pelo profissionalismo com que encarava qualquer assunto. Ana Davis para muitos enlouqueceu, ou é vista como irresponsável, ou mesmo doente mental. Tudo porque deixou o emprego, trocou os prazeres que a sociedade lhe oferecia para seguir a religião Hare Krishna [...]. Aos 25 anos de idade, considerada uma das mais importantes jornalistas da TV Globo, ela abandonou a carreira. Está se desfazendo dos seus pertences, vai entregar o apartamento para viver na Estrada Velha da Tijuca, no templo da seita Hare Krishna [...] ⁹⁹⁸.

A suposta conversão de Ana Davis teria se dado em dois momentos: uma, ao entrar em contato com os livros distribuídos durante o *sankirtana*, quando tomou ciência da teologia; e outra, ao ser destacada para fazer a reportagem no templo da ISKCON do Rio. Como continuava a matéria sobre sua conversão:

Um amigo, Cláudio Apocalipse, biólogo, estudioso de seres extraterrenos e devoto de Krishna, lhe emprestou o primeiro livro, *Bhagavad-Gita* que acabou de ler na maternidade. A primeira vez que saiu com a filha à rua para ir ao médico, encontrou dois devotos de Krishna e comprou mais dois livros [...]. Não passou muito tempo e Ana Davis foi chamada por José Tiamar de Freitas para fazer uma reportagem para o Fantástico sobre a seita, no momento envolvida com um escandaloso processo.
- Fiz a reportagem mantendo a posição jornalística, mas no final havia me convertido em Hare Krishna ⁹⁹⁹.

Essa era uma das poucas reportagens em que OG trazia um tom ameno sobre o Movimento Hare Krishna naquele ano. Sem falar em “lavagem cerebral” ou manipulação, a conversão de Ana Davis era descrita como uma opção livre e espontânea da jornalista. O jornalista Alberto Dines, da FSP, observara o tom cortês do grupo Globo em relação ao fato:

O programa “Fantástico” da Rede Globo que agora volta-se para suas origens jornalísticas logo que o órgão irmão, OG [O Globo], iniciou a campanha contra a seita Hare Krishna fez uma reportagem sobre o assunto numa linha isenta e independente. A repórter destacada Anna Davis acabou convertendo-se e abandonou a profissão. Só assim o jornal carioca conseguiu render-se.

⁹⁹⁸ PENTEADO, Léa. Ana Davis: sou palha da rua. Me prostro aos pés de Krishna para pedir misericórdia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 mar. 1977. Cultura, p. 33.

⁹⁹⁹ Ibidem.

Abandonou o sectarismo religioso e, afinal, noticiou simpaticamente a conversão¹⁰⁰⁰.

Assim, a jornalista teria vivido por algumas semanas do templo Hare Krishna do Rio, participando de suas atividades cotidianas, como uma membra comum, aprendiz de monja (*brahmacharini*), acordando cedo, cantando o mantra *Hare Krishna* e desempenhando funções como as demais devotas.

Mas após alguns dias, a jornalista abandonou a vida no templo e publicou uma matéria, em primeira mão, na revista *Manchete* – a qual era uma colaboradora antes da conversão. Se em 19 março daquele ano, a revista publicava reportagem sobre a sua “estranha conversão”¹⁰⁰¹, em 02 de julho já lançava a sua “verdade” sobre o Movimento¹⁰⁰².

Na reportagem, ela declarava que o motivo para ter ido morar no templo não teria sido pela conversão, mas, por um interesse jornalístico de revelar o que seria realmente o Movimento Hare Krishna:

[...] Estava cansada da rotina de reportagens mais ou menos irrelevantes do meu dia-a-dia, decidi que ali encontraria o caminho para uma importante matéria jornalística – que, afinal de contas, também seria um serviço público, esclarecendo melhor as pessoas sobre a tal seita. Eu representaria o papel de convertida à Hare Krishna, viveria algum tempo no templo da seita e depois contaria toda a verdade. Esse era o plano. Para isso, evidentemente, tinha de me desligar da televisão. Mas eu também sabia que o insólito motivo que ia alegar para esse desligamento – minha conversão – acabaria por ajudar o meu plano¹⁰⁰³.

Esse era, claramente, um argumento corriqueiro para um gênero que se tornava cada vez mais comum dentro das empresas de comunicação no Brasil dos anos 1970: o jornalismo investigativo. Como diria Castilho: “a partir de meados dos anos 1970, ganha força nas redações o repórter que não apenas relata o fato, mas

¹⁰⁰⁰ DINES, Alberto. Direitos e deveres. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 mar. 1977. 1º Caderno, Nacional, Jornal dos Jornais [coluna], p. 12.

¹⁰⁰¹ CHALITA, Márcio. A estranha conversão de Ana Davis. **Manchete**, Rio de Janeiro, 05 fev. 1977, p. 108-109.

¹⁰⁰² DAVIS, Ana. A verdade sobre os Hare Krishna. **Manchete**, Rio de Janeiro, 02 jul. 1977, p. 32-36. Como declara na reportagem, Ana teria se mudado para o templo em 21 de abril.

¹⁰⁰³ Ibidem, p. 33.

principalmente desvela o oculto para o público, atuando na fronteira entre dois territórios - o jornalismo e o policial”¹⁰⁰⁴.

O Caso Watergate¹⁰⁰⁵, nos EUA, tinha dado grande prestígio a esse gênero jornalístico, conferindo o status de seriedade e comprometimento do jornalista para com a sociedade, por fornecer a esta, informações relevantes e que somente o jornalista competente poderia desvendar.

Assim, Ana Davis declarava publicamente que a sua conversão havia sido uma farsa, ou melhor dizendo, um disfarce. No entanto, nada pode comprovar que, de fato ela não tenha se convertido realmente e, tendo desistido posteriormente da sua conversão (ou se decepcionado com a vivência na religião), tenha criado uma estratégia para voltar à sua antiga profissão de jornalista. Afinal, ela tinha vivido alguns meses no templo do Rio, o que parece ser um tempo deveras longo para a finalidade específica de uma reportagem sobre religião.

Sendo verdadeira ou não, a reportagem-denúncia de Ana Davis trouxe diversas acusações ao Movimento Hare Krishna. As revelações não traziam questões jornalísticas “quentes” – como o seriam abuso de menores, livre prática sexual ou acusações do tipo que eram comuns a alguns grupos tidos como “seitas” do período, como os Meninos de Deus. No entanto, ajudavam a “colocar fogo” nas discussões que envolviam a presença de jovens no templo, longe do conforto e da guia dos pais das famílias de classe média.

Alguns temas são destacados por ela no texto: a disciplina e vida austera dos membros comuns (em contraste com a rotina dos “chefões” que seriam privilegiados); trata da desigualdade de direitos e do comportamento diferenciado entre homens e mulheres na religião; da “imundície” do templo, devido a livre circulação de insetos (que não seriam eliminados devido ao princípio de não matar animais); acusava os devotos de desonestidade no *sankirtana* e de serem instruídos pelos líderes a tais

¹⁰⁰⁴ CASTILHO, Márcio de Souza. A autoconstrução do repórter como investigador policial: uma análise das matérias vencedoras do *Prêmio Esso*. **Pj:Br – jornalismo brasileiro**, n. 8, jul. 2007. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografias8_g.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

¹⁰⁰⁵ O Caso Watergate é como ficou conhecida a investigação jornalística de 1972 promovida por Robert Woodward e Carl Bernstein do jornal *The Washington Post* que revelou um escândalo de espionagem que favoreceria a campanha de reeleição à presidência dos Estados Unidos de Richard Nixon. A investigação ganhou grandes proporções e forçou a renúncia do presidente, em 1974.

práticas; dizia que os devotos eram obrigados a fazer *sankirtana* em regime de mão-de-obra escrava; falava sobre o baixo teor moral de homens e mulheres no templo, defendendo que havia casos de homossexualidade (como se fosse um problema moral); da falta de cuidados básicos que os membros comuns tinham no templo, sobretudo, mulheres e crianças. Este último ponto, especificamente, motivaria a eclosão de mais um caso na mídia que (veremos mais à frente).

Muitas dessas acusações não traziam de fato crimes cometidos, no sentido de infrações penais. Algumas das questões descritas se assemelham a problemas internos reais com os quais a própria ISKCON passou a lidar anos depois (como a desigualdade de gênero, falta de cuidado com seus membros e a ênfase exagerada nos resultados de *sankirtana*), mas, a maneira como a reportagem foi operacionalizada pela mídia revelava uma intenção, quase forçada, de querer “derrubar” o Movimento Hare Krishna.

A reportagem de Ana Davis teria dado grande reverberação à desconfiança sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil e endossava o coro da opinião pública que se posicionava ao lado das mães aflitas com seus filhos devotos de Krishna, como o caso da família Ferrari. Veremos mais à frente que essa reportagem também influenciou em processos de investigação policial sobre o Movimento Hare Krishna no Brasil.

Evidentemente, com a intensificação de entrevistas e reportagens sobre o templo Hare Krishna do Rio, algumas palavras de defesa por parte dos devotos também foram veiculadas nos jornais. Ambujaksha, um dos líderes do templo e personagem citado por Davis, declarava sobre a repórter:

-Ela nos acusa de mentir e roubar e da imundície do nosso Templo. Mas não disse que pagamos a passagem de sua filha para Salvador e que lhes demos dois mil cruzeiros para nos registrar na Feira do Livro da Cinelândia, e ela nunca prestou contas desse dinheiro e ainda se considerou muito elevada para abrir os seus olhos e lavar o banheiro se o encontrasse sujo, conforme sua posição de monja neófita e subserviente, comparável a posição de soldado raso. Mas ela se achava superior a essas atividades. Ela nos deixou. Preferiu ir de volta para o conforto da empregada, dos bailes, cinemas e boates. E nós ficamos para dedicar nossas vidas a salvar a humanidade do mau caratismo, abandonando essas atividades voluntariamente bem como o conforto de nossos lares de classe média¹⁰⁰⁶.

¹⁰⁰⁶ JOVEM vai contar ao juiz sua vida na Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. Grande Rio, p. 11.

Um dos editores do JB também comentou a matéria de Ana Davis da *Manchete*, com certa ironia e ceticismo.

[...] Estudemos o texto de Ana Davis, publicado em *Manchete*. Texto excelente no geral, mas contraditório em algumas passagens e francamente malicioso aqui e ali. Ana Davis foi ao templo, na Estrada Velha da Tijuca, por sugestão do seu editor na TV Globo. O quadro televisivo que resultou daí obteve o chamado impacto coletivo. Todo mundo viu e a controvérsia se espalhou¹⁰⁰⁷.

Após apontar algumas das contradições que Ana Davis teria citado em sua matéria na *Manchete* – como a sujeira no templo, a mudança repentina de estética e comportamento dos convertidos e sobre os possíveis casos de homossexualidade – o autor tecia a sua conclusão, que não tendia para uma defesa do Movimento Hare Krishna, nem para condená-lo:

Conclusão: - Concorde com Ana Davis. Concorde com as duas mães [Nadir Ferrari e Maria Inês Rodrigues] e com o Juizado de Menores. Mas procurei demonstrar que o assunto Krishna continua controvertido. Os monges devem renunciar ao aliciamento de menores. Mas vamos ver até onde chegam, se os deixarmos em paz. Quando começarem a sacrificar os bebês, lançando-os à purificadora água da Lagoa, ou quando cismarem de estripar estrelas de cinema e TV (lembrai-vos de Sharon Tate), então, sim, terão passado dos limites aceitáveis. Enquanto forem apenas sujeira, promiscuidade sexual, utilização de mão-de-obra escrava (porém voluntária) na exploração comercial de literatura de valor duvidoso e chuveirinhos de sândalo... Enquanto estiverem assim, devemos estudá-los. Assim possamos compreender o que se passa na cabeça e no coração da nossa juventude. Não é guilhotinando o neurótico que se elimina a neurose. Basta de proibições, pombas! Não aguento mais ouvir falar em Hare Krishna, pipocas!¹⁰⁰⁸,

José Carlos Oliveira buscava apontar que, enquanto algo realmente sério (como sacrificar bebês ou assassinatos) ocorressem, a imprensa e a sociedade deveriam deixar os *hare krishna* “em paz”. Em um momento em que a “distensão lenta e gradual” da ditadura começava a tomar forma, o jornalista parecia não mais querer acrescentar proibições ou perseguições por motivos rasos, nem mais “ouvir falar em Hare Krishna”.

No entanto, aquele ano de 1977 ainda revelaria outras polêmicas sobre o Movimento e que também tiveram conexões com a reportagem de Ana Davis. Vejamos a seguir.

¹⁰⁰⁷ OLIVEIRA, José Carlos. Ana (ex-Krishna) Davis. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 jul. 1977. Caderno B, p. 04.

¹⁰⁰⁸ Ibidem.

6.3.3 Marcelo Rodrigues

Uma semana antes da matéria de Ana Davis, começara a surgir na imprensa o caso de Marcelo Rodrigues, um jovem de 17 anos, filho de mais uma família de classe média carioca que tivera sido atravessada pelo Movimento Hare Krishna. Um trecho de reportagem descrevia o lugar social da família:

Dona Maria Ignês mora em Teresópolis – R. Visconde de Cabo Frio, n.º 60 – e tem cinco filhos. Casada com o advogado Fernando Rodrigues Lippo, ela disse que Marcelo, o mais velho, sempre foi um menino revoltado e angustiado na procura de um caminho religioso. Estudava no Colégio São José, “o melhor da cidade”, onde estava terminando o curso Científico, quando resolveu sair de casa, no dia 30 de outubro do ano passado¹⁰⁰⁹.

Não bastasse estudar no “melhor” colégio da cidade e ter uma vida econômica bem estruturada, o jovem de 17 anos seria “revoltado e angustiado” e teria saído de casa, antes mesmo de conhecer o Movimento Hare Krishna. A seguir, quem fala é a própria mãe do jovem, Maria Inês (ou Ignês):

“Eu e meu marido sempre conversávamos muito com Marcelo”, afirmou, “e na véspera dele sair de casa tentamos convencê-lo dos perigos do mundo”. Mesmo assim ele foi para a Bahia e lá se juntou com um grupo Hare Krishna e “só dois meses depois é que soubemos que estava num templo aqui no Rio”.

[...] “Meu filho, quando saiu de casa, estava desajustado com a família e dei a chance dele ir para lá e melhorar, agora sinto que ele se transformou em um robô e quero interna-lo numa clínica para tratamento” – disse, chorando. Tenciona ir ao Juiz Campos Neto, titular do Juizado de Menores, para resolver o caso.

Para ela, o presidente da seita é o robô mais perfeito que a organização conseguiu mandar para o Brasil. Alícia menores revoltados com problemas familiares para aumentar seu império, através da venda de livros pelas ruas e trabalhos forçados no templo, que considera um antro de sujeira e promiscuidade¹⁰¹⁰.

É interessante observar que a narrativa da matéria aproveita a fala da mãe de Marcelo para reforçar algumas representações sobre o Hare Krishna que eram comuns na imprensa do período: de que seus membros seriam como “robôs”; de que o Movimento seria um “império” e que o templo seria um lugar de “sujeira e promiscuidade”.

¹⁰⁰⁹ HARE Krishna é acusado de criar idiota. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. 1º Caderno, p. 06.

¹⁰¹⁰ Ibidem.

A questão sensível envolvendo Marcelo Rodrigues é que o jovem teria sofrido alguma complicação de saúde envolvendo dores de ouvido enquanto se encontrava no templo do Rio, atuando como distribuidor de livros. E ao comunicar a questão para seus líderes imediatos, esses teriam o instruído a continuar no *sankirtana*. Segundo Ana Davis, ele teria ouvido que: “Se você não sair, ficará doente do mesmo jeito. Se for para a rua, estará doente, mas venderá livros, o que o elevará espiritualmente”¹⁰¹¹. A falta de cuidados para com o jovem teria causado a revolta de sua mãe que teve que acionar a justiça para poder realizar tratamento médico no garoto:

Diante de um comissário de menores, Marcelo Santiago Rodrigues, de 17 anos, encontra-se com sua mãe, Maria Inês, que ontem foi retirá-lo do templo da seita Hare Krishna, onde ele estava há oito meses. O rapaz vivia entre os membros da seita com autorização dos pais, mas a mãe, depois de ter constatado que ele foi “prejudicado em sua saúde física e mental”, esteve ontem à noite no Juizado de Menores e conseguiu uma ordem para busca-lo no templo e submetê-lo a tratamento. Quatro comissários que acompanhavam Maria Inês esperaram duas horas e meia até que Marcelo terminasse de vender sua cota de livros. Maria Inês contará em depoimento ao Juizado o que conheceu dos Hare Krishna durante as visitas que fazia ao filho¹⁰¹².

Maria Inês teria se unido à Nadir Ferrari, dispostas a formar um grupo de mães e pais contrários à permanência de seus filhos no templo da ISKCON do Rio e, quiçá, do Brasil:

No apartamento de Dona Nadir Ferreira (sic), no Leblon, líder de um movimento junto aos pais “para acabar com o Hare Krishna no Rio”, Dona Maria Inês contou que, desde que seu filho entrou para a seita, há uns oito meses, ele emagreceu 10 quilos e adquiriu um comportamento anormal, “pois só sabe repetir a palavra Krishna e nem lembra mais o telefone de nossa casa”¹⁰¹³.

Ambujaksha, como porta-voz da ISKCON, defendia-se das acusações a respeito do jovem, reafirmando a legalidade da permanência dele no templo do Rio:

Ambujaksa Dasa contou que Marcelo “se aproximou da gente quando estávamos na Bahia. Havia saído de casa, em Teresópolis, e queria ficar conosco. Estava com mau aspecto, meio doentio. Antes de deixá-lo entrar para o movimento procuramos seus pais, em Teresópolis, que ficaram muito contentes por revê-lo e nos agradeceram muito. Só depois da autorização por escrito dos seus pais – como sempre fazemos quando se trata de menores –

¹⁰¹¹ DAVIS, Ana. A verdade sobre os Hare Krishna. **Manchete**, Rio de Janeiro, 02 jul. 1977, p. 36.

¹⁰¹² MARCELO deixa o Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. Capa, p. 01.

¹⁰¹³ HARE Krishna é acusado de criar idiota. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. 1º Caderno, p. 06.

é que o admitimos como adepto. Sempre foi dos mais entusiasmados e estava pronto para ser iniciado como sacerdote”¹⁰¹⁴.

A questão de Marcelo teve um teor dramático, visto que ele saiu do templo para ser internado em uma clínica psiquiátrica já que a mãe acreditava que ele tinha sofrido danos psicológicos por sua passagem no templo Hare Krishna. E toda a questão foi amplamente detalhada pelos jornais:

-Eles dizem que fizeram bem ao meu filho, mas eu digo que o bem que eles fizeram foi transformar um garoto de 16 anos desajustado – o que é normal – numa criança de cinco anos ou menos, coagida e amedrontada – diz d. Inês. –Amedrontada a tal ponto, que meu filho era impetuoso e cheio do espírito de aventuras, quando ia deixa-lo na clínica de Botafogo para o tratamento agarrou-me pelos braços pedindo que não o abandonasse, porque depois de Krishna só confiava em mim.

Atualmente Marcelo está internado numa casa de saúde de Botafogo para tratamento, sob os cuidados de um médico-clínico e três psiquiatras. Ontem o psiquiatra Paulo Costa disse a dona Maria Inês que a inteligência de Marcelo é de uma pessoa de 30 anos, mas sua idade mental é a de uma pessoa de cinco. Este mesmo médico, conta ela, explicou-lhe que os cânticos e as palmas, repetidas a todo momento, fazem parte de um método de anulação por condicionamento, do raciocínio do adolescente¹⁰¹⁵.

A patologização da vida religiosa dos membros do Movimento Hare Krishna era algo corriqueiro na imprensa do período. Questões como “lavagem cerebral” eram tidas como reais por profissionais da informação e mesmo da área de saúde, embora estudos posteriores tenham excluído a existência de algo como “lavagem cerebral” em membros do Movimento Hare Krishna¹⁰¹⁶. O psiquiatra de Marcelo chegou a afirmar que sua configuração mental levaria até cinco anos para se reajustar à sociedade após ter passado pelo templo Hare Krishna:

A mãe do menor Marcelo Santiago [...], dona Maria Inês [...] disse que o filho deixou a clínica psiquiátrica onde estava internado, mas que segundo o psiquiatra Paulo Costa levará de quatro a cinco anos para se ajustar novamente à sociedade, “devido à lavagem cerebral que o transformou de um rapaz normal numa pessoa anulada, um simples escravo vendedor de livros”¹⁰¹⁷.

Marcelo, enquanto personagem dessa história, desaparece dos jornais, pouco tempo depois do episódio de sua internação, sem deixar pistas sobre o seu retorno

¹⁰¹⁴ MOVIMENTO Hare Krishna vai pedir proteção policial para o seu templo na Tijuca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, p. 30.

¹⁰¹⁵ MÃE vai pedir a juiz para processar monge da seita Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jun. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 13.

¹⁰¹⁶ MEDONZA, Richard H; WEISS, Arnold. Effects of acculturation into the Hare Krishna Movement on mental health and personality. **Journal of scientific study of religion**. Vol. 29(2), 1990, p. 173-184.

¹⁰¹⁷ REPÓRTER confirma no DGIE acusações à seita Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 jul. 1977. Grande Rio, p. 12.

ao templo do Rio, sobre sua situação de saúde ou sua desistência de ser devoto. Ele volta a aparecer na mídia uma segunda vez, quase cinco anos depois desse ocorrido, na FSP, numa reportagem sobre a comunidade rural da ISKCON, Nova Gokula, localizada em Pindamonhangaba:

“Este não é o melhor lugar para aqueles que vêm iludidos por casa e comida gratuitas”, avisa o presidente da comunidade, batizado Mahamantra – ex-“garotão” carioca do Leblon, que provocou escândalo ao ingressar na seita com 16 anos e que, gosta de lembrar a história aos visitantes. “Há tarefas físicas e espirituais a serem cumpridas, diariamente. Além disso, os seguidores de Krishna seguem alguns preceitos”, diz¹⁰¹⁸.

Marcelo, agora iniciado e presidente da maior comunidade da ISKCON no Brasil, aparecia como líder responsável, descrito como “ex-garotão carioca do Leblon”, lembrava a possíveis interessados que ali não era lugar de bagunça e que todos deveriam cumprir atividades rotineiras para o bem do funcionamento da comunidade.

Isso nos diz que ele voltou ao templo, depois de todo o escândalo envolvendo sua mãe, seu psiquiatra e a mídia, com um tempo hábil para que em pouco mais de quatro anos já estivesse atuando como um dos líderes da ISKCON¹⁰¹⁹.

A imprensa tratara do caso Marcelo Rodrigues como notícia quente, uma polêmica envolvendo drama familiar, fazendo circular diversas representações sobre o Movimento Hare Krishna, incluindo a de “criar um idiota”, de praticar “lavagem cerebral” e de prejudicar a saúde mental dos seus adeptos. E logo após, saíra de cena, deixando o caso sem acompanhamento, sem informar ao leitor que o rapaz realmente seguiu na vida sendo um *hare krishna* e que ficou aparentemente bem, ao ponto de se tornar líder anos depois.

Outros pequenos casos polêmicos se desenrolaram na mídia dos anos 1970, todos envolvendo famílias das classes mais abastadas e, geralmente, do eixo Rio-

¹⁰¹⁸ NATALE, Denise. No campo, a vida em comum. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 jan. 1982. Especial, Agenda, p. 23.

¹⁰¹⁹ Uma terceira aparição de Marcelo – que não vale analisar aqui para não nos tirar o foco - se deu na mídia em 1986, descrito como ex-membro do Hare Krishna, em um caso envolvendo a disputa pela guarda de filhos com sua ex-esposa, moradora da comunidade de Nova Gokula. Incrivelmente, o caso foi parar na imprensa pelo fato de Marcelo ter acionado a justiça com acusações contra o estilo dos devotos de Krishna. EX-KRISHNA usa Justiça para rever filha que a mãe levou para a seita. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jul. 1986, 1º Caderno, p. 16.

São Paulo, mas não iremos tratar deles aqui para não alongarmos muito a discussão¹⁰²⁰.

No entanto, os três casos narrados acima, tanto foram os que tiveram mais visibilidade na imprensa de grande circulação no Brasil, quanto tiveram conexões entre si:  caso da família Ferrari eclodiu na imprensa e motivou uma reportagem de Ana Davis que, ao fazer o trabalho teria se convertido (ou fingido conversão) para, novamente, realizar uma nova matéria trazendo acusações e denúncias, incluindo a de maus tratos a Marcelo Rodrigues.

Esse corpus de denúncias e polêmicas sobre o Movimento motivou uma série de consequências para os religiosos que reuni sucintamente no próximo tópico.

6.3.4 Consequências sofridas pelo Movimento Hare Krishna

As polêmicas midiáticas impactaram diretamente a maneira como o Movimento Hare Krishna funcionava, afetando suas atividades e seus membros. A difusão de representações negativas não foi a única questão. Se considerarmos somente os casos vistos acima, já teríamos consequências reais ao Movimento e aos seus membros.

Regina foi forçada a sair do templo (mesmo com autorização do pai para ficar), teve o seu casamento com um devoto sustado judicialmente e teve sua vida particular exposta nos jornais, mesmo quando ainda era menor de 18 anos. Como consequência, um processo judicial foi instaurado e menores foram proibidos de permanecer no templo sem autorização de ambos os pais. Marcelo foi tratado como “idiota” pelo sensacionalismo da mídia, foi internado em clínica psiquiátrica e comparado à uma criança em idade mental, vitimada pela “lavagem cerebral” Hare Krishna. Ana Davis, por suas declarações, foi convidada a depor contra o Movimento,

¹⁰²⁰ Como o caso da família Bulcão: PAIS versus Hare Krishna. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 abr. 1977. Folha Ilustrada, p. 30. Outro caso foi o da família Liciet: SOARES, Dirceu. São Paulo: o último caso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 abr. 1977. Folha Ilustrada, p. 30. E o caso do ex-marido que perseguia a ex-mulher no templo Hare Krishna para reaver a guarda do filho: JUIZ não tira filho da adepta de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1977. Grande Rio, p. 12. Também já tratei de um caso semelhante ao de Regina Ferrari na imprensa pernambucana de 1984: CARVALHO, 2018, 154-159.

onde reafirmou todas as acusações que fez em sua reportagem¹⁰²¹. Mas outros casos e consequências também reverberaram em decorrência dessas polêmicas.

Ao menos um membro do templo da ISKCON do Rio que não tinha relação direta com as polêmicas citadas teve que se retirar devido às políticas adotadas de proibição de menores sem autorização de ambos os pais. Em uma visita policial “surpresa”, um delegado retirava um menor do templo que “não estava com a documentação em ordem”, visto que só tinha autorização da mãe. Antônio Jimenez da Rocha, filho de mãe boliviana e pai brasileiro (que morava em Porto Velho e “difícilmente seria encontrado”), foi encaminhado para Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) do Rio até que sua mãe viesse buscá-lo¹⁰²².

Outro devoto foi retirado do templo por seus pais devido à repercussão negativa do Movimento Hare Krishna na opinião pública:

Morar no templo foi para Mauro “uma felicidade”, mas ele explica que foi obrigado a sair porque as notícias contrárias à seita fizeram com que sua mãe ficasse muito nervosa, pedindo-lhe que voltasse para casa. “Minha mãe não tem nada contra Krishna, mas eu respeito sua apreensão, depois de tanta confusão que certas senhoras andam fazendo sobre o assunto”, disse¹⁰²³.

A força da opinião pública já era negativa em relação ao tema das chamadas “seitas”. Mas certamente se agravou quando polêmicas como as narradas acima, especialmente aquelas que envolviam dramas da vida familiar, eclodiam na mídia.

As consequências não se limitavam à esfera do particular. Algumas ações dos poderes públicos também se deram em consequência das polêmicas midiáticas. O advogado da ISKCON viria a público protestar contra a proibição da venda dos livros Hare Krishna pelos órgãos de fiscalização do comércio da cidade do Rio de Janeiro:

É com tristeza e justa revolta que assistimos constantemente à ação ilegal e arbitrária por parte dos agentes fiscais da Fazenda Municipal, em não permitir que os pacíficos monges Hare Krishna exerçam suas pregações religiosas através da distribuição de livros, cuja utilização em cursos universitários é recomendada por professores de erudição incontestável em inúmeros países, inclusive o Brasil [...] ¹⁰²⁴.

¹⁰²¹ ANA Davis reafirma acusações ao Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1977. Grande Rio, p. 13.

¹⁰²² DELEGADO tira menor do templo da Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1977. Grande Rio, p. 10.

¹⁰²³ POLÍCIA retira menor do templo H. Krishna apesar de autorizado pela mãe. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 jul. 1977. 1º Caderno, p. 22.

¹⁰²⁴ FONTES FILHO, Armando. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 set. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

Os devotos não somente não tiveram a licença para comercialização de artigos religiosos renovada, como também teriam tido suas mercadorias apreendidas (como geralmente é feito com o comércio ambulante ilegal) de maneira truculenta:

Esses livros são apreendidos em larga escala como “mercadoria destinada à venda sem licença”, e os monges, que são sacerdotes de religião devidamente constituída e legalizada nesta cidade, são tratados sem a menor consideração e respeito, tanto que, muitas das vezes, quando ousam falar em seus direitos, são conduzidos aos empurrões, como se fossem marginais ou camelôs, para repartições federais competentes, fato que poderá ser comprovado pelo depoimento de dezenas de testemunhas¹⁰²⁵.

Devotos estrangeiros que residiam no templo do Rio também passaram por investigações sobre a legalidade de sua situação no Brasil e, ao menos um, teria sido deportado¹⁰²⁶. Parece evidente que essa ação foi consequência das investigações feitas sobre o Movimento em decorrência das polêmicas na mídia.

Outros tipos de violências também passaram a fazer parte do cotidiano dos devotos, sobretudo, do templo do Rio – que foi o estopim de várias polêmicas presentes na mídia. Além das queixas de Elzira Dorneles, uma senhora que reclamava de agressões e até de tortura policial em um *hare krishna*, como foi citado mais acima, Ambujaksha declarou que, após a repercussão do caso da família Ferrari, os devotos passaram a sofrer injúrias nas ruas. Para eles, os jornais “não deviam implicar conosco assim, a ponto de pôr em riscos os devotos, que passaram a ser molestados na rua”¹⁰²⁷.

¹⁰²⁵ Ibidem. O advogado protestava contra essa proibição contra uma instituição religiosa devidamente inscrita nos órgãos federais e que não podia ser perseguida por um órgão municipal: “Basta lembrar que única obrigação fiscal da Congregação Religiosa Hare Krishna é fazer anualmente a declaração de rendimentos ao Imposto de Renda, instruída com o balanço contábil do ano-base, a demonstração das despesas e das receitas auferidas e demais documentos. Ora, se foi feita a declaração de rendimentos do exercício de 1977, conforme provam os documentos anexos, e tendo sido ela aceita pela Secretaria de Receita Federal, sem qualquer restrição, como explicar e admitir que a Fazenda Municipal se insurja contra uma religião que nem se quer pede esmolas, o que seria perfeitamente legal se o fizesse, como faz a maioria das entidades religiosas que conhecemos”. Ibidem.

¹⁰²⁶ “Um outro monge, de nacionalidade canadense, ficou detido no DPPS e será encaminhado hoje à Polícia Federal, para ser deportado. Ele estava no Brasil como turista, mas confessou que trabalhava, o que é ilegal”. MONGE canadense do Krishna terá que abandonar o País. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1977. Grande Rio, p. 11. É muito provável que o “trabalho” descrito na reportagem fosse com venda de livros.

¹⁰²⁷ ÂNGELO Sérgio, o monge depõe em nome de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Grande Rio, p. 17. O jornal desconfiava da declaração do devoto sobre a agressão, já que não pode entrevistar o supostamente agredido: “Ambujaksha diz que sabe muito pouco sobre o devoto que teria sido espancado na rua. Justifica-se afirmando que ele dera entrada no templo apenas dois dias antes, trazendo uma criança (sua filha), e que depois do ocorrido desapareceu”.

O templo do Rio teria sido violado por pessoas revoltadas com as reportagens veiculadas pela mídia: “O movimento Hare Krishna, do Rio, vai pedir, amanhã, proteção policial para seu templo, na Estrada Velha da Tijuca nº 102, violado na madrugada de ontem por jovens não identificados, que entupiram todos os ralos com terra e detritos”¹⁰²⁸.

Ambujaksha chegou a desafiar a “qualquer um” a achar ilegalidades nas atividades do Movimento Hare Krishna. Ele teria declarado que:

[...] Todas as atividades da organização são legais e que a Polícia Federal, o Ministério da Justiça e a Secretaria de Segurança Pública têm conhecimento das condições de funcionamento da seita.
-Se há algum problema, por que eles nunca tomaram providência nenhuma conta nós? Qualquer um pode entrar no templo e participar de nossas atividades para comprovar o que fazemos. Lavagem cerebral é uma coisa que não existe, mas se nós pudéssemos lavaríamos os cérebros das pessoas para tirar as sujeiras que lá estão¹⁰²⁹.

No entanto, o Movimento Hare Krishna, de fato, passou por diversas investigações policiais, tanto na esfera do Juizado de Menores, quanto pelas polícias estaduais do Rio e São Paulo e, até mesmo, pela esfera federal. Uma soma de documentos foi encontrada nos arquivos do Ministério da Justiça sobre o Movimento Hare Krishna que continham, além de documentos sigilosos, recortes das diversas reportagens aqui analisadas¹⁰³⁰.

Não irei detalhar aqui o conteúdo dessa documentação do Ministério da Justiça por essa não acrescentar informações relevantes sobre o escopo específico da presente pesquisa. No entanto, nem todas as informações sobre essas investigações eram sigilosas. Algumas eram divulgadas pelos jornais, sobretudo no JB e OG, com uma intenção que parecia ser de endossar a perseguição ou repressão ao Movimento Hare Krishna, mais do que meramente informar a população:

As denúncias contra a seita Hare Krishna começaram a ser apuradas ontem pela polícia carioca, através de duas investigações que vão promover uma

¹⁰²⁸ MOVIMENTO Hare Krishna vai pedir proteção policial para o seu templo na Tijuca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, p. 30.

¹⁰²⁹ JUIZADO tira devoto de Krishna do templo para ser tratado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. Grande Rio, p. 14.

¹⁰³⁰ Reuni reflexões iniciais sobre essa documentação em um artigo: CARVALHO, Leon A. G. de. O movimento Hare Krishna nos tempos da Ditadura. **Labirinto** (UNIR), v. 32, p. 190-213, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/5453/3528>. Acesso em: 31 jul. 2022. Agradeço ao historiador Lucas Pedretti por ter descoberto os dossiês sobre o Movimento Hare Krishna durante seu trabalho junto à Comissão da Verdade no Rio de Janeiro.

total devassa naquela religião. A primeira presidida pelo delegado Adolfo Mena Barreto, visa os aspectos criminais, e a segunda, sob a direção do delegado Roberto Moreira Bastos, examina o ângulo ideológico¹⁰³¹.

Em julho de 1977, algumas conclusões sobre as primeiras investigações acerca do Movimento Hare Krishna começavam a ser divulgadas na mídia. Um dos relatórios apontava não para ilegalidades ou crimes cometidos, mas para os danos à esfera moral da “família brasileira”:

A Secretaria de Segurança Pública encaminhou ao Ministro de Justiça, Armando Falcão, estudo feito, durante dois meses, pelo Departamento Geral de Investigações Especiais (DGIE), sobre a seita Hare Krishna. Segundo alguns policiais, a conclusão do relatório é de que a seita conflita com os objetivos da família brasileira¹⁰³².

Algumas semanas depois, OG anunciava, com expectativa:

Os delegados José Carlos Ferreira da Silva e Roberto Moreira Bastos, que investigaram as denúncias sobre o movimento “Hare Krhsna” (sic), estão fazendo um detalhado relatório para ser encaminhado ao diretor do Departamento Geral de Investigações Especiais, José Nicanor de Almeida [...].

-Queremos sugerir algo para a eliminação dessa seita de puro interesse econômico, que está degenerando a família¹⁰³³.

O Hare Krishna foi tido como “seita de puro interesse econômico” e que estaria “degenerando” os valores da família, no julgamento dos próprios delegados de polícia que parecia também ser endossado pelo jornal. Se olharmos para o relatório original, disponível no Arquivo Nacional, veremos que os delegados recomendaram ao Ministério da Justiça o fechamento de todas as atividades do Movimento Hare Krishna no Brasil:

As Superintendências Regionais do DPF [Departamento da Polícia Federal] no Rio de Janeiro e São Paulo e a SSP/RJ [Secretaria de Segurança Pública] realizaram investigações em torno da seita, tendo todas elas concluído pela inconveniência do seu funcionamento no Brasil, uma vez que os princípios e os interesses da mesma são incompatíveis com a cultura do nosso povo, além de atentarem contra a moral e os bons costumes¹⁰³⁴.

¹⁰³¹ POLÍCIA apura denúncias e promove devassa na seita Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1977. 1º Caderno, Cidade, p. 12.

¹⁰³² SSP envia a Falcão relatório sobre Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 jul. 1977. Grande Rio, p. 13.

¹⁰³³ DELEGADOS sugerem o fechamento da “Hare Krishna”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 04 ago. 1977. Grande Rio, p. 12.

¹⁰³⁴ ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Ofício n. 0231/77 – CCP/DPF enviado por Moacyr Coelho (Diretor-Geral do Departamento da Polícia Federal) ao Ministro da Justiça Armando Falcão**. Brasília, 25 ago. 1977. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.305, p. 34.

O julgamento dado pelas instâncias policiais envolvidas na investigação sobre o Movimento Hare Krishna apontava a “inconveniência” do funcionamento da religião no Brasil por ela se opor à “cultura” brasileira e “atentar” contra a “moral e os bons costumes” da família brasileira.

O processo seguiu no Ministério da Justiça e, até onde tivemos documentação para acompanhar, o alto escalão do Ministério parece não ter tido, ao final, vontade política de executar uma proibição do Movimento Hare Krishna no Brasil. O processo se arrastou até o início de 1980, quando as polêmicas sobre a religião na mídia já tinham perdido muito de sua força e haviam quase desaparecido. Um dos consultores do Ministério da Justiça recomendava sobre o processo:

A alta espiritualidade dos textos dos livros religiosos adotados pelos seguidores da HARE KRISHNA não nos autoriza a condenar seu "estranhável modo de vida", principalmente se levarmos em conta a sua origem oriental. E hoje, no Brasil, estão surgindo religiões e seitas, as mais diversas, [...] não podendo, entretanto, ser molestados, em face do que preceitua a nossa Constituição, que dá plena liberdade de consciência ao cidadão e assegura aos crentes o exercício dos cultos religiosos.[...] Dessa forma, as autoridades policiais, que já estão atentas para o problema, devem restringir-se a apurar a responsabilidade criminal de cada adepto ou dirigente dessa religião, brasileiro ou estrangeiro, que transgredir a lei, com o que, no correr do tempo, ela será exterminada no País, não pelo fato de ser intolerável como crença, mas porque os seus adeptos teriam praticado atos contrários à ordem pública e aos bons costumes

Procedendo-se dessa maneira, evita-se a alegação de preconceito religioso, já que este não é tolerado pela nossa Carta Magna (art. 153, § 8º, parte final)¹⁰³⁵.

O simples fato de constituir uma “religião exótica” não seria passível de punição. A punição apenas deveria ocorrer caso houvesse infrações por parte dos religiosos e, ainda assim, essa deveria ser dada aos sujeitos religiosos infratores e não ao culto em si. Mesmo que o texto não tenha endossado a indicação de encerramento das atividades, ele parecia acreditar que, por si só (pela atividade dos próprios membros), esse encerramento se daria.

Dessa forma, os processos que ameaçavam proibir o Hare Krishna no Brasil, então, encaminhavam-se para um desfecho. No início de 1980, o chefe de gabinete em exercício no Ministério da Justiça, considerando os diversos pareceres da

¹⁰³⁵ ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Parecer n. 211/79 da Consultoria Jurídica elaborado por Adahilton Dourado (Diretor da Divisão de Pareceres e Estudos da Consultoria Jurídica do MJ)**. Brasília, 21 dez. 1979. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.305, p. 133-134.

Consultoria Jurídica, sugere, ao novo Ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel o “arquivamento do processo”. O ministro, então, logo abaixo, respondeu: “De acordo. Archive-se”¹⁰³⁶.

Era um desfecho decepcionante para pessoas como Nadir Ferrari e outras mães e pais que esperavam que a ISKCON do Brasil fosse punida por ter convertido e mantido em seus quadros de membros os seus filhos jovens que mudavam de personalidade, dedicando-se integralmente ao “serviço devocional” à Krishna. Parecia também contrariar jornais como OG que publicou diversas reportagens sobre as investigações policiais sobre o Movimento Hare Krishna e que aparentemente estava a esperar algum tipo de punição à religião.

Evidentemente, a ISKCON e seus membros não assistiram a todas essas questões passivamente. Veremos no próximo tópico as reações dos devotos de Krishna às representações negativas e polêmicas veiculadas pelas mídias impressas.

6.3.5 Reações e táticas do Movimento Hare Krishna

“Krishna está nos dando essa oportunidade de glorificá-lo aqui no Brasil, através da imprensa” (Ambujaksha Dasa)¹⁰³⁷.

Os grupos sociais na contemporaneidade ocupam diferentes lugares quanto a prestígio e poder. A oportunidade de se situar em posições socialmente privilegiadas requer a existência de estruturas e esforços para manutenção das mesmas – o que Michel de Certeau chama de “estratégias”¹⁰³⁸.

Por outro lado, as estratégias não possuem uma eficácia total e sempre são atravessadas por resistências, pelas ações dos grupos desprivilegiados que, a despeito de sua desvantagem, possuem “astúcias” que contrariam e burlam a lógica

¹⁰³⁶ ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Atividade da seita “Hare Krishna” (parecer final do Ministério da Justiça)**. Brasília, 25 jan. 1980. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.305, p. 139.

¹⁰³⁷ ÂNGELO Sérgio, o monge depõe em nome de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Grande Rio, p. 17.

¹⁰³⁸ CERTEAU, 2012, *passim*.

e a eficácia do poder através das “táticas”, aproveitando-se das “falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário”¹⁰³⁹.

Pesquisando a relação entre Movimento Hare Krishna e imprensa secular, pude perceber que a maneira como os grandes meios de comunicação lidava com religiões novas e minoritárias, como o Movimento Hare Krishna, dava-se de maneira estratégica: um lugar (ou “meio”) de poder, em que falam atores sociais privilegiados, para um público também privilegiado, sobre as ameaças que seus membros sofriam pela existência de novas religiões.

Essa disposição estratégica fazia com que os membros do Movimento Hare Krishna adotassem uma disposição tática para conseguir dar perpetuidade às ações da religião. Por mais que a ISKCON tenha crescido e se espalhado por vários países, ao menos no Brasil, podemos dizer que a instituição nem de longe representava o “império” e nem tinham a “riqueza” que os jornais aqui estudados faziam crer¹⁰⁴⁰. Como disse em outro trabalho:

[...] A hostilidade da mídia e de outros grupos religiosos (e das organizações antisseita na esfera internacional) contra um dos novos movimentos religiosos, como o Hare Krishna, fazia com que seus membros fabricassem formas de atuação táticas já que não dispunham de uma estrutura institucional consolidada o bastante para enfrentar os ataques que sofriam dos grupos sociais contrários, através de um lugar que pudesse se contrapor (como um jornal de grande circulação capaz de combater as imagens negativas produzidas pela mídia, por exemplo)¹⁰⁴¹.

Assim, ao invés de travar batalhas contra as mídias – o que pressuporia um lugar de igualdade entre as partes -, os membros do Movimento Hare Krishna se utilizavam de pequenas ações que intencionavam deslocar a força das ações estratégicas e alçar pequenos ganhos ou, ao menos, pleitear uma redução de danos.

Uma das táticas adotadas era tentar atrair a simpatia de agentes que poderiam punir ou favorecer os devotos. Depois de sofrerem a “visita surpresa” de delegados e policiais, após o início das investigações sobre o Movimento Hare

¹⁰³⁹ Ibidem, p. 95.

¹⁰⁴⁰ Em fins dos anos 1970, período das polêmicas aqui analisadas, a ISKCON do Brasil tinha aproximadamente 100 membros e o primeiro imóvel em nome da instituição para servir de comunidade rural, só foi registrado em 1978, em Pindamonhangaba-SP. Os demais templos funcionavam em casas alugadas que frequentemente eram trocadas de endereço por problemas com pagamento de aluguéis e barulho.

¹⁰⁴¹ CARVALHO, 2018, p. 33.

Krishna, os devotos utilizaram de sua costumeira tática de dar “presentes” às autoridades que visavam conquistar a simpatia:

Os delegados Mena Barreto e Robertos Bastos acompanharam José Carlos Ferreira na visita ao Hare Krishna. Encontraram os monges em trabalho de limpeza na casa. Os monges brindaram os policiais com livros da seita e convidaram-nos para as reuniões dominicais¹⁰⁴².

Na impossibilidade de influenciar diretamente a polícia para não ser perseguidos, a tática de dar presentes e ser cortês era uma alternativa para tentar alcançar a empatia dos policiais.

Uma outra tática, essa adotada pelos sankirtaneiros, era a de sair sem os trajes religiosos, comuns aos monges e monjas *hare krishna*. A ISKCON, de maneira geral, incentiva o uso de *dhoti* (para homens) e *sari* (para mulheres) em todas as atividades religiosas, sobretudo, naquelas executadas publicamente. No entanto, após a repercussão negativa das polêmicas de 1977, os devotos do templo do Rio passaram a sair para distribuição de livros “à paisana”, como estampava OG em sua capa de 14 de dezembro:

Tênis em vez de sandálias, calça e camisa no lugar do manto, sem falar no boné para esconder a cabeça raspada – assim (foto) a maioria dos adeptos da seita Hare Krishna está saindo à rua, “para evitar as ofensas”, dizem eles. Mas “à paisana” ou não, o seu objetivo principal continua sendo a venda de livros: querem angariar no Rio cerca de Cr\$ 3 milhões em pouco mais de um mês¹⁰⁴³.

O jornal trazia uma advertência para os desavisados. Para que os leitores não fossem enganados com a astúcia de estarem vestidos de roupas comuns, a reportagem da edição ensinava como identificar um *hare krishna* disfarçado:

Para evitar as “ofensas”, como explicou **Ambujaksa Dasa**, os **Hare Krishna** não saem às ruas vestidos de monges, com lençóis enrolados no corpo. Eles agora vendem seus livros trajando roupas típicas dos jovens brasileiros: calças tipo **Lee**, camisas coloridas e tênis. Quem os conhece, entretanto, não tem a menor dificuldade em identificar os **Hare Krishna**. Os rapazes estão sempre com boinas de feltro para esconder as cabeças raspadas, enquanto as moças usam tranças e têm nos pescoços os colares de madeira característicos dos adeptos da seita¹⁰⁴⁴.

¹⁰⁴² DELEGADO tira menor do templo da Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1977. Grande Rio, p. 10.

¹⁰⁴³ HARE Krishna em campanha à paisana. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1977. Capa, p. 01.

¹⁰⁴⁴ HARE Krishna espera vender no Natal Cr\$ 3 milhões em livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1977. Grande Rio, p. 15.

Outro líder Hare Krishna declarava que se vestir com roupas comuns ajudou no aumento de vendas e que também foi uma forma de não sofrer agressões nas ruas:

O presidente da seita diz que houve um aumento na vendagem depois que os Krishna passaram a trabalhar com roupas comuns, mas ele considera isso um fato normal:

- Nesses três anos as vendas vêm sempre aumentando. Mas é verdade que sempre houve reações contrárias quando nos apresentávamos vestidos de monjes (sic). As pessoas ficavam chocadas porque eram ignorantes e não entendiam o que representamos. Então preferiam nos rechaçar. Fomos vítimas de muitas ofensas na rua e nossa reação dependia do devoto¹⁰⁴⁵.

Apesar de toda repercussão negativa e até da perseguição midiática, os membros do Movimento Hare Krishna, em diversas ocasiões, também demonstraram sua disposição para agir taticamente. Segundo Certeau, “a tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha”¹⁰⁴⁶.

Dessa forma, pude observar que, mesmo diante de representações negativas e de uma verdadeira cruzada contra as “seitas” por parte da imprensa de grande circulação, os devotos conseguiam se aproveitar do próprio espaço aberto pelas polêmicas na mídia para difundir a sua religião que, até então, era bastante desconhecida no Brasil, sobretudo, longe dos grandes centros urbanos.

Devido às polêmicas, uma série de órgãos de imprensa passou a realizar entrevistas com os membros do Movimento Hare Krishna, sobretudo, do templo do Rio. Uma reportagem do JB descrevia que seus repórteres tiveram de esperar para conseguir entrevista já que os líderes do templo já estavam concedendo entrevista à *Associated Press* quando sua equipe chegou ao local e que outros órgãos de imprensa estavam sendo esperados, devido à repercussão do caso da família Ferrari. Segundo a reportagem, “os próprios monjes (sic) estavam surpresos com a popularidade que a religião assumiu com o caso de Regina Ferrari [...]”¹⁰⁴⁷.

Ambujaksha Dasa que, tinha sido presidente do templo da ISKCON no Rio, passou a ser diretor de relações públicas da instituição, para poder dar conta da

¹⁰⁴⁵ Ibidem, grifos do autor.

¹⁰⁴⁶ CERTEAU, 2012, p. 32.

¹⁰⁴⁷ BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

demanda. Para ele, a série de polêmicas na imprensa foi uma oportunidade para glorificar a Krishna:

-Tudo isso que aconteceu foi muito bom, porque resultou numa oportunidade incrível de falar ao povo sobre Krishna e esclarecer os objetivos de nossa sociedade. Krishna está nos dando essa oportunidade de glorificá-lo aqui no Brasil, através da imprensa. Só posso dizer que d. Nadyr¹⁰⁴⁸ está a serviço de Krishna. Ninguém teria sido mais eficiente. É pena que não possamos conversar. Talvez depois de tudo isso esclarecido, ela venha aqui, para comer conosco [...]¹⁰⁴⁹.

De fato, as polêmicas deram uma visibilidade que o Movimento Hare Krishna não tivera até então. Apesar da negatividade da maioria das reportagens desse período, o resultado é que pessoas que nunca ouviram falar naquela religião passaram a saber de sua existência e a curiosidade faria com que muitas elas tirassem suas próprias conclusões sobre as querelas, até mesmo divergentes das que a mídia pretendia. Ambujaksha parecia otimista, apesar do aumento de tensão para com os devotos:

Apesar de tudo, o monge crê que a opinião pública esteja “a favor de Krishna”. - Algumas pessoas estão mais agressivas. A maioria, no entanto, está mesmo a nosso favor. Muita gente toma a defesa dos devotos quando eles são agredidos ou incomodados¹⁰⁵⁰.

Uma carta encontrada no acervo da BBT, de uma pessoa identificada apenas como “Mãe” – que é provavelmente a própria genitora de Ambujaksha Dasa – enviava apoio a ele devido às polêmicas desencadeadas pelos casos Nadir Ferrari e Ana Davis:

A opinião pública vai se virar contra vocês, porque infelizmente, a tendência é acreditar mais nessas reportagens sensacionalistas do que usar o raciocínio limpamente para verificar a verdade. Lamento muito tudo isso, mas sei que vocês têm valor interior suficiente para aguentar o rojão¹⁰⁵¹.

Mas não somente devotos e familiares manifestaram apoio ao Movimento Hare Krishna. Alguns leitores, mesmo não tendo vínculo direto, não reproduziam as

¹⁰⁴⁸ O nome da senhora Ferrari aparece em diferentes momentos escrito com “i” (Nadir) e com “y” (Nadyr).

¹⁰⁴⁹ ÂNGELO Sérgio, o monge depõe em nome de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Grande Rio, p. 17.

¹⁰⁵⁰ Ibidem.

¹⁰⁵¹ ACERVO BBT BRASIL (Pindamonhangaba-SP). Carta à Ambujaksa Dasa enviada por uma mãe. São Paulo, 1977[?]. Notação 18IBR_RPCM1, f. 9.

pretensões de “cassação” da religião. Um homem do Rio de Janeiro prezava pela liberdade religiosa que não estaria sendo respeitada nas polêmicas:

As pessoas que vêm fazendo com que a seita Hare Krishna venha a ser expulsa do Brasil agem de maneira inconveniente em relação a uma religião como as outras. Temos várias religiões no Brasil e aceitamos todas. Por que não devemos dar crédito de confiança a mais uma? A seita Hare Krishna tem como as outras religiões seus meios de sobrevivência, tais como vender livros etc. e pedir contribuições para a manutenção de seus templos¹⁰⁵².

A liberdade religiosa também foi o tema de discussão de um jornalista da FSP. Entre os diversos temas abordados na coluna “Jornal dos Jornais”, em que o jornalista Alberto Dines faz uma crítica sobre o panorama das reportagens contidas em outros jornais, um destes se referia à “campanha” de *O Globo* contra o Hare Krishna:

Com seu proverbial e instintivo reacionarismo, “O Globo” iniciou uma campanha contra os adeptos da religião “Hare Krishna” tentando jogar até a polícia contra os coloridos místicos. Quando é que nessa empresa alguém se conscientizará para o fato de que jornal vive de liberdade e qualquer movimento para impedi-la é contra o jornal, ainda que se trate de liberdade religiosa?¹⁰⁵³.

Uma leitora de São Paulo, defendia a importância do trabalho realizado pela ISKCON com a recuperação de jovens envolvidos com drogas:

O país onde [o movimento] mais cresceu foi nos EUA, o mais materialista, o mais racista e onde a juventude mais consome tóxicos no mundo. Foi considerada pelas autoridades como o movimento que mais salva os jovens da toxicomania e, por tudo isso, é muito apoiada pelos pais aflitos¹⁰⁵⁴.

A leitora ainda apontava, diferentemente dos jornais, para as contradições dos pais que procuravam a mídia para expor seus casos particulares e culpando a estranheza das novas religiões, sem fazer uma avaliação de como as próprias famílias lidavam com as necessidades desses jovens:

É preciso aqui, antes de criticar ou perseguir, procurar compreender esses jovens que adotam rituais e vestimentas estranhas a nós, em sua ânsia de procurar uma explicação mais lógica e racional para os mistérios da existência.
E como aceitar o exemplo da mãe cuja única preocupação é a presença física de sua filha dentro de casa, por nunca ter conseguido captar a pureza interior gritante da menina. Se lhe tivesse dado o que ela necessitava, a jovem não teria procurado fora de casa um refúgio que considerou seguro.

¹⁰⁵² NÓBREGA, Gláucio A. Hare Krishna. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 1977. O País, Cartas dos leitores, p. 02.

¹⁰⁵³ DINES, Alberto. Cupões, ideias, ecos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 jan. 1977. 1º Caderno, Nacional, Jornal dos Jornais [coluna], p. 10.

¹⁰⁵⁴ VENTURA, Ruth Dias. Hare Krishna. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 fev. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

Antes de atirar a sujeira, é preciso conhecer o movimento. Não será o momento de o mundo ocidental perguntar com honestidade o porquê?¹⁰⁵⁵.

Um psicólogo entrevistado por OG, também apontava para a falta de ponderação das famílias em como lidar com as questões próprias da juventude, buscando cuidados para além de “reações moralistas”:

O psicólogo Paulo Márcio acha que reações como as das mães de Marcelo e Regina são puramente emocionais.

- O enfoque não deve ser esse. Deve-se começar a se perguntar por que os jovens se ligam a essas seitas. O que as mães provocam com essas reações moralistas é uma maior mitificação desses movimentos, tornando-os frutos proibidos. Não quero discutir se esses movimentos são bons ou maus, porque aí também cairia numa discussão moralista. O que me preocupa como psicólogo é o fato de as instituições se negarem a pensar e discutir sobre o assunto objetivamente.

- Pela vivência e repetição dos mesmos “conteúdos psicológicos”, os seguidores dessas religiões orientais acabam por se condicionar a um comportamento de vida, um modo de pensar e interpretar a realidade totalmente unilateral. [...] Os indivíduos procuram se “salvar” entrando para um grupo pequeno, que está voltado para ele mesmo e não para o grupo grande. Na verdade, eles vivenciam a própria contradição.

- A busca de uma nova religião, de um “aperfeiçoamento espiritual”, talvez seja uma tentativa dos jovens na busca de um mundo mais coerente¹⁰⁵⁶.

Os argumentos do psicólogo eram mais coerentes do que aqueles lançados pelas mídias no calor de eventos sensíveis à opinião pública. Sem julgar ou culpabilizar as “seitas”, ele apontava para as fragilidades e contradições da família enquanto instituição e que suas reações acabavam por tornar as novas religiões atrativos “proibidos” para os jovens.

Sobre esse último ponto, podemos dizer que o psicólogo possuía alguma coerência. Apesar da ISKCON sempre ter sido uma instituição de poucos membros, ela não parou de crescer durante e após as polêmicas midiáticas e possíveis hostilidades decorrentes delas. O número de templos espalhados pelo Brasil no período aumentou¹⁰⁵⁷ e os indicativos de *sankirtana* também aumentaram, como já vimos no capítulo 3.

¹⁰⁵⁵ Ibidem.

¹⁰⁵⁶ OS JOVENS procuram uma saída. **O Globo**, Rio de Janeiro, 03 jul. 1977. Jornal da Família, Debate, Religião, p. 02.

¹⁰⁵⁷ Como apontamos anteriormente, “[...] notamos que a edição nº 3 da revista [*De volta ao Supremo*] (1977) trazia somente dois endereços (do templo de São Paulo e do Rio de Janeiro), enquanto que a edição nº 4 (1978) continha uma lista que, além dos endereços dos templos anteriores, apresentava os novos templos: Belo Horizonte, Salvador e Recife, além da Fazenda Nova Gokula”. CARVALHO, 2018, p. 97. O número de templos e membros continuou crescendo na primeira metade da década de 1980. Em 1983, uma reportagem da FSP apontava para a existência de 600 devotos e 13 templos da ISKCON

Assim, podemos concluir que as polêmicas midiáticas envolvendo o Movimento Hare Krishna podem ter criado representações negativas sobre a religião, seus membros e práticas que dificultaram as aspirações da ISKCON de atingir um espaço significativo na sociedade brasileira. No entanto, não foram capazes de impedir o crescimento da instituição, nem de suas atividades – ainda que estas tenham tido que se adaptar às circunstâncias influenciadas por uma postura pouco inclusiva da grande imprensa brasileira.

No entanto, as representações e a disposição da mídia em retratar o Movimento Hare Krishna foi mudando ao longo dos anos 1980, na medida em que a sociedade brasileira se abria para vivenciar o processo de redemocratização. Vejamos a seguir.

6.4 A IMPRENSA E O MOVIMENTO HARE KRISHNA NOS ANOS 1980

Com o longo e lento processo de redemocratização no Brasil – que começou a partir do início do governo Geisel, em 1974 e se estendeu até 1989 com a eleição direta de Fernando Collor - a imprensa de grande circulação passou a ter, paulatinamente, outros temas como pauta.

Alguns autores consideram que os primeiros anos desse período não caracterizam de fato uma “redemocratização”, mas, uma “liberalização”¹⁰⁵⁸ que teria permitido à imprensa se sair parcialmente da censura imposta (ou autoimposta) e começar a discutir temas que eram de relevância social que não podiam ser tratados antes:

A liberalização da imprensa contribuiu para que o governo Geisel controlasse os órgãos de segurança e a burocracia estatal. Esta, acobertada pela censura, cometeu inúmeros abusos administrativos. O controle da corrupção tornou-se uma das preocupações do governo Geisel, e nesse contexto a

no Brasil: SILVA, Ana Maria Leopoldo e. Gurus orientais são cultuados na cidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 out. 1983. 3º Caderno, Geral, p. 26.

¹⁰⁵⁸ Para Abreu, “Liberalização significa tolerância à oposição, menos censura da mídia, libertação dos presos políticos, retorno dos exilados, existência de algumas salvaguardas jurídicas como o *habeas corpus*, aceitação da organização e da atuação da classe trabalhadora. Mas a liberalização nem sempre resulta em transição para a democracia. Democratização significa existência de competição aberta pelo direito de conquistar o controle do governo, o que exige eleições competitivas e livres”. ABREU, 2005, p. 53.

imprensa abriu espaço para a publicação de reportagens de denúncia de corrupção na administração pública. O governo incentivou, assim, a valorização na imprensa brasileira do jornalismo investigativo, que ao longo do processo de redemocratização foi adquirindo as características do “denuncismo”¹⁰⁵⁹.

Esse processo de liberalização incentivou a discussão de outras pautas da imprensa que acabaram favorecendo a aglutinação de forças pela redemocratização:

A imprensa, ao divulgar fatos e acontecimentos, provoca reações que tendem a ampliar de forma rápida a participação dos atores políticos no processo. Quando se deu a suspensão da censura, a imprensa tornou-se um elemento-chave para a aglutinação das forças sociais na luta pela redemocratização¹⁰⁶⁰.

A partir de 1978, com a Lei da Anistia e, sobretudo, com o início do governo Figueiredo, em 1979, outras pautas passam a ocupar a atenção dos jornais. Em 1983 a campanha das Diretas Já estampava as páginas dos jornais (sobretudo da FSP) e na segunda metade dos anos 1980, a grande preocupação girava em torno da situação desastrosa da economia, a nova Constituição Federal e as eleições presidenciais.

Tudo isso deslocava a grande atenção que as pautas morais ocuparam nos anos 1970 para a esfera das grandes mudanças políticas vividas no Brasil dos anos 1980. A relevância que a imprensa havia dado ao Movimento Hare Krishna e às “seitas”, até fins dos anos 1970, não se repetiu na mesma proporção nos anos 1980.

Apesar de o Hare Krishna continuar ocupando as páginas dos jornais, houve uma drástica redução no número de reportagens sobre uma religião que não parecia mais tão nova (e ameaçadora) e também um deslocamento das sessões em que ele passou a aparecer.

Se em 1977, o ano das grandes polêmicas, o Movimento Hare Krishna apareceu em cerca de 121 reportagens nos quatro jornais aqui analisados, entre 1980 e 1989 (dez anos), o número de reportagens foi de aproximadamente 170 no total. E se naquele ano, as polêmicas das pautas familiares e “seitas” colocavam o Hare Krishna nas seções “local” e “Cartas/Opinião”, durante os anos 1980, foi se deslocando cada vez mais para a parte de “Cultura”, destacando personalidades

¹⁰⁵⁹ Ibidem, p. 59.

¹⁰⁶⁰ Ibidem, p. 61.

influentes, eventos públicos e “curiosidades” ligadas ao Movimento, além de narrar a religião como parte do cotidiano das cidades¹⁰⁶¹.

Dessa forma, novas representações sobre o Movimento Hare Krishna passaram a circular na imprensa acrescentando significados diferentes daqueles atribuídos nos anos 1970. Uma delas é aquela que define os devotos de Krishna como jovens alegres e cantantes:

O melhor humanismo do Ocidente vem sendo marcado, há alguns decênios, por uma espécie de fascinação pelo velho humanismo pré-helênico do mundo oriental. Antes dos jovens “*hare-krishnas*”, com suas batinas amarelas e sua alegre cantoria nas esquinas de Nova York e de Amsterdã, de Hamburgo e de São Paulo, os filósofos e os poetas desta banda do mundo, de Heidegger a Rilke, de Eliade a Jung, detiveram-se diante do “*mysterium fascinans*” [...] ¹⁰⁶².

O canto Hare Krishna deixou de simbolizar “lavagem cerebral” que tinha a função de transformar jovens em “robôs de mantras” e passou a significar uma “alegre cantoria”. Além disso, o canto passou a ser retratado como um “canto para a paz” ao aparecer em eventos e festividades que clamavam por isso:

O momento de maior animação foi quando chegou um grupo de Hare Krishna que cantou e dançou pela paz. Um nordestino, o camelô Mário Fernando Agostinho de Lima, misturou-se às moças e rapazes e, muito animado, disse logo depois o que achou da performance:
- Isto aqui é o Rio de Janeiro. Não posso ver uma batucada, um forró que tô nessa. Fui crente durante oito anos, saí porque gosto de mulher, mas vou seguir estes rapazes. Gostei ¹⁰⁶³.

As práticas públicas dos devotos passaram a ser motivo de alegria e de atração para os transeuntes, conforme o novo *approach* dos jornais. Os *hare krishna* entraram até mesmo nos esforços imaginários de jornalistas que buscavam pensar um governo hipoteticamente “verde”, ecológico e “alternativo”. Um artigo do colunista Zózimo Amaral que, jocosamente, propõe ao leitor um exercício imaginativo de como seria um possível governo Fernando Gabeira no “Palácio Guanabara Verde”. Além de

¹⁰⁶¹ Se até 1977, as seções ligadas à “Cultura” ocuparam cerca de 24 reportagens, nos anos 1980 foram cerca de 65 reportagens. Cf. esse e outros dados no Apêndice 3.

¹⁰⁶² MOURÃO, Gerardo Mello. As raízes do saber. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1983. Opinião, p. 29. Gerardo Mello Mourão foi ex-correspondente da FSP em Pequim. Foi poeta, jornalista, ex-deputado federal e professor visitante da Universidade do Chile, segundo esta edição da FSP.

¹⁰⁶³ BONFIM, Beatriz. O canto da paz é baixo no Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 set. 1986, Caderno B, p. 02.

comidas naturais e hortas espalhadas por todos os lados dos prédios governamentais, o autor imagina:

Não faltaria certamente um tom de alegria espontânea pelos corredores dado pela movimentação permanente de jovens e cantantes *hare krishna* envolvidos em seus fraldões, sacudindo no alto da cabeça os rabichos, espargindo incenso e agitando pandeirinhos¹⁰⁶⁴.

Essas imaginações dizem muito, não sobre o que seria o futuro, mas, sobre o que aquele sujeito histórico tinha em seu presente. Fernando Gabeira, então candidato a governador do Rio em 1986, tinha cofundado um ano antes o Partido Verde, justamente durante o IX Encontro de Comunidades Alternativas que tinha sido sediado na Fazenda Nova Gokula, comunidade rural da ISKCON em Pindamonhangaba-SP¹⁰⁶⁵. À essa altura, o Movimento Hare Krishna já era vinculado, não somente a uma religiosidade oriental, à alegria e espontaneidade, mas, também, às pautas de preservação do meio-ambiente, da ecologia e da liberdade religiosa.

Com o clima de inclusão e diversidade proporcionado pelo processo de redemocratização da sociedade brasileira, o respeito à diversidade de crenças e religiosidades passou a integrar as pautas jornalísticas. O tom da reportagem de ecumenismo de uma reportagem de OG era bem diferente do adotado uma década antes:

As areias da praia [de Copacabana] tornaram-se um espaço democrático, onde enquanto o candomblé e a umbanda homenageavam Iemanjá, os Hare-Krishna desfilavam pela Avenida Atlântica, e os evangélicos faziam sua pregação.

O Presidente da seita Hare-Krishna, Loka Sakshi, liderando um grupo de 50 adeptos da religião, entre eles 18 que vieram especialmente de São Paulo, disse que a presença dos Krishna na praia era uma forma de comemorar a chegada do novo ano. Cantando, o grupo percorreu várias vezes a Avenida Atlântica.

-Cantamos para atrair boas vibrações para a Humanidade – disse Loka Sakshi, que acredita que o mundo precisa de mais paz¹⁰⁶⁶.

Até mesmo propagandas veiculadas nos jornais que tinham como foco o tema da religião, passaram a incluir o Movimento Hare Krishna como parte integrante das religiões presentes na sociedade brasileira. Uma propaganda do Sé Supermercados

¹⁰⁶⁴ AMARAL, Zózimo Barrozo do. Verde que te quero verde. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 set. 1986, Cidade, Zózimo [coluna], p. 02.

¹⁰⁶⁵ BELIK, Hélio. Ambientalistas discutem Partido Verde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jul. 1985. Geral, p. 10.

¹⁰⁶⁶ NA AREIA, o espaço é de liberdade para as crenças. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 jan. 1987. Grande Rio, p. 13.

trazia os dizeres: “Padres, rabinos, Hare Krishnas, monges. Tá todo mundo aproveitando o Natal da Sé”.

Figura 32 - Publicidade do Sé Supermercados



Fonte: Folha de São Paulo¹⁰⁶⁷

Na peça de publicidade, um *hare krishna* sorridente aparece ao lado de religiosos de outras denominações. Todos aparecem em clima de cordialidade e união, “aproveitando” o “Natal do Sé”. Utilizar o clima de fraternidade que, em geral, é invocado no período de fim de ano na cultura ocidental cristã, como um meio para cativar consumidores e vender produtos, é um exemplo de como a lógica de mercado opera com temas religiosos para obtenção de lucro. Como diria Einstein:

O mercado se utiliza de apelos, sensibilidades e ideias que são essencialmente religiosas para atrair consumidores para suas campanhas. Nesse sentido, as empresas cooptam as pessoas para obtenção de lucro submetendo a benevolência das pessoas a uma lógica de mercado [...]¹⁰⁶⁸.

O importante aqui é perceber que, nesse período, o Movimento Hare Krishna estava normalizado na sociedade e na mídia o suficiente para ser cooptado como ideia religiosa disponível ao mercado de consumo.

¹⁰⁶⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 10 dez. 1987. Cidades, p. A-19.

¹⁰⁶⁸ EINSTEIN, 2012, p. 29-30.

No final dos anos 1980, o Movimento Hare Krishna não parecia mais apresentar uma ameaça ou perigo para a juventude, segundo as representações nos jornais. Num encarte de domingo de OG, uma reportagem tratava sobre as novas formas que as religiões têm encontrado para atrair os jovens na contemporaneidade ou as novas formas que os jovens têm encontrado para exercer sua fé. Num tópico da matéria intitulado “a fé também precisa de regras”, há um depoimento de um jovem Hare Krishna:

Júlio César Brauer, bailarino, 24 anos, tem uma história diferente: com 19, entrou pela primeira vez numa igreja, ou melhor, num templo Hare Krishna. Ficou impressionado com a fé daquelas pessoas e passou a frequentá-lo. A tranquilidade que ele diz ter encontrado através da religião é visível em suas palavras e, principalmente, no seu olhar. O conhecimento adquirido através de palestras e livros foi fundamental para aumentar a sua fé. Quanto mais aprendia, mais envolvido ficava. A religião fez também com que ele ficasse mais humilde. “Respeito demais as pessoas que tem alguma crença, porque sei como é difícil abrir mão dos prazeres materiais”¹⁰⁶⁹.

Percebe-se nessa reportagem o desenvolvimento de um discurso muito mais ameno de OG em relação ao Movimento Hare Krishna em relação àquele de fins dos anos 1970. Não há a adoção do termo “seita” ao tratar do assunto. O Hare Krishna passa a ser percebido enquanto uma “fé”, dentre as demais, uma possibilidade de crença pela livre iniciativa do indivíduo, ainda que jovem. “Aliciamento de jovens” e “lavagem cerebral” ou “robotização de jovens” não são termos mais utilizados. Inclusive, adjetivos de teor positivo são endereçados ao jovem como consequência de sua opção religiosa: A “tranquilidade” do jovem em estar na “religião” seria visível” aos olhos da reportagem e “a religião fez também com que ele ficasse mais humilde”. Essa era, conforme vimos, uma grande mudança de abordagem do jornal que uma década antes parecia apoiar a proibição do funcionamento do Hare Krishna no Brasil.

As mudanças de perspectiva de OG em relação ao tema foram significativas. Em uma matéria especial de 1988 sobre a comemoração do Dias dos Pais, o jornal mostrava um jovem *hare krishna* que teria convertido seu próprio pai à religião:

Onésimo Corrêa Filho, 47 anos, nunca poderia imaginar que um dia seria **Nikilatma Dasa** (“Servo da Alma Completa”, em Sânscrito) acompanhando o filho Roney Corrêa, 25 anos, quando este se transformou em **Rishi Dhama Dasa** (“Servo da Morada dos Sábios”) ao ingressar no Movimento Hare Krishna.

¹⁰⁶⁹ VIEIRA, Cristina Doria. A fé e a religião traduzidas pelos jovens. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1988. Jornal da família [encarte], p. 03.

- Ele conhecia meu ponto fraco, que era o amor pelos animais. Parar de comer carne foi o meu primeiro passo para conhecer a religião, mas hoje sou tão devoto como ele – recorda o pai, que na juventude foi Adventista do 7º dia.

Mesmo assim, Onésio não dá o braço a torcer por completo, orgulhando-se de ter sido indiretamente responsável pelo filho conhecer a religião. Roney estava com hepatite quando leu seu primeiro livro editado pelos devotos de Krishna. Pedindo ao pai para acompanhá-lo até o templo, foi prontamente atendido e, até hoje, **Nikilatma Dasa** se utiliza deste triunfo¹⁰⁷⁰.

Percebemos aqui uma inversão em relação a maneira como a mídia tratava o assunto da conversão de jovens ao Movimento Hare Krishna. Agora não temos mais pais brigando na Justiça para trazer os filhos de volta às suas casas, afastando-os do templo contra a vontade dos próprios jovens. O que passou a ser descrito foi o processo inverso: jovens viabilizando a conversão dos pais à sua opção religiosa.

Essa mudança se dava em um momento em que o Movimento Hare Krishna passava a ser descrito como parte integrante do cotidiano das cidades – e não mais como um problema que desestruturava a sociedade. Nesse período podemos encontrar uma série de reportagens que evidenciam essa incorporação do Hare Krishna ao cotidiano pelas representações dos jornais.

As reportagens que descreviam (ou “denunciavam”) as práticas dos *hare krishna* nas ruas passaram da desconfiança à normalização. Ou como dizia uma manchete do JB, “já se tornou rotina”:

Esbarrar com uma vendedora de incenso vestida de indiana, ou com um rapaz de cabeça raspada (a exceção de um rabicho) e trajes de monge oriental, já não surpreende o frequentador do Centro. A maioria sabe que eles são do Hare Krishna, movimento religioso de origem hindu que chegou ao Brasil em 1975¹⁰⁷¹.

A definição do jornal passara de “seita hindu” para “movimento religioso de origem hindu”, aproximando-se da autodefinição que os próprios devotos de Krishna faziam de si. Na mesma matéria, o líder Loka Sakshi, tinha espaço para falar sobre religiões como o Hare Krishna: “são movimentos que têm um espaço nas sociedades democráticas”¹⁰⁷².

¹⁰⁷⁰ ZACCONE, Orlando. Quando o filho gera um novo pai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 ago. 1988. Jornal da família [encarte], p. 01.

¹⁰⁷¹ HARE Krishna já se tornou uma rotina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1985, 1º Caderno B, p. 17.

¹⁰⁷² Ibidem.

O apelo pela democracia não era à toa. A redemocratização, a campanha das Diretas Já, as eleições presidenciais indiretas, a Constituinte, a própria “Constituição Cidadã” de 1988, as eleições presidenciais diretas de 1989, tudo isso teve impacto e apelo na mídia dos anos 1980 e assim, o apelo para que a mídia (e a sociedade) se portasse de forma “democrática” no trato com as religiões minoritárias encontrava, ao menos parcialmente, um espaço naquele momento. O jornal abria espaço, tanto para as autorrepresentações do Movimento Hare Krishna quanto para a quebra de estigmas:

Loka, que não aparenta seus 32 anos, se irrita quando o movimento é comparado às seitas: “Não estamos nos alienando da sociedade, mas dando a nossa contribuição através de um movimento cultural que pretende suprimir a defasagem entre o desenvolvimento material e a vida espiritual”, explica¹⁰⁷³.

O jornal descrevia um Movimento Hare Krishna que passara da condição de “perseguido” à “incorporado ao cotidiano”:

Desde que chegaram ao Rio há dez anos, os adeptos do Hare Krishna viveram clima de muita tensão, a ponto de serem obrigados a morar em Caxias para fugir à perseguição da polícia. Hoje, bem instalados, sua presença já não incomoda mais e incorporou-se ao cotidiano da cidade¹⁰⁷⁴.

Um artigo de um jornal da ISKCON descrevia como os anos 1980 vinham trazendo novos ares no trato da mídia para com o Movimento Hare Krishna. Além de visibilidade e constância, as reportagens da mídia traziam uma abordagem respeitosa que parecia agradar aos devotos. E por esse motivo, os religiosos passaram a tratá-la enquanto “mídia transcendental”:

Mídia transcendental

Este final de ano foi muito pródigo em aparições dos *Hare Krishnas*, tanto nas telas quanto na imprensa escrita. Dezenas de artigos foram publicados noticiando o IX Encontro Nacional de Comunidades Alternativas, em Nova Gokula no final de julho/85. Amplas reportagens nas revistas *Planeta e Vida* e *Cultura Alternativa*, 6 matérias na *Folha de São Paulo* e mais umas vinte reportagens em jornais de vários estados. [...] Sri Rupa Manjari Devi Dasi, a conhecida ex-manequim Maria Stela Splendore, é sempre a campeã da mídia, sendo muito solicitada pela imprensa de S. Paulo. Participou de vários programas de TV locais e nacionais, como o da apresentadora Hebe Camargo. Junto com o editor do “*Cultura Védica*” Purushatraya Swami, participou do importante programa de entrevistas do Ferreira Neto na TV Gazeta e também para a TV Capital de Brasília. A revista *Afinal* fez uma reportagem muito favorável dando a conotação de autenticidade e seriedade do Movimento Hare Krishna, contrastando com outros grupos comunitários. Depois de anos participando do mesmo “pacote” junto aos “Jim Jones da vida”, parece que agora a imagem do movimento começa a ficar mais nítida

¹⁰⁷³ Ibidem.

¹⁰⁷⁴ Ibidem.



Fonte: Jornal do Brasil¹⁰⁷⁷

Os *hare krishna* são representados com simpáticos, sorridentes, oferecendo seus produtos de maneira educada (“vai um incensinho aí?”) e completamente integrados à paisagem sociocultural do Rio. Era uma mudança significativa.

Uma edição da FSP também nos ajuda a compreender a integração do Movimento Hare Krishna como parte do corpo social. Na edição de 06 de abril de 1986, a capa fazia uma chamada para a matéria da seguinte maneira: “Em São Paulo convivem grupos de jovens tão diversos quanto os *punks* e os *hare krishnas*, os *hippies* e os *darks* (derivados dos *punks*)”¹⁰⁷⁸.

Na reportagem em si¹⁰⁷⁹, logo abaixo da grande manchete, duas fotografias grandes exibem o contraste dessa juventude retratada: a da esquerda, mostra dois *sankirtaneiros* exibindo seus livros e incensos ao posar para a cena em uma praça paulista; e a segunda, uma foto de *punks* aglomerados. O interessante dessa matéria é observar os *hare krishna* são inseridos como parte das “tribos urbanas” da capital paulista, com suas peculiaridades colocadas enquanto escolhas conscientes por parte dos jovens:

Hare krishnas, *hippies* e, agora em menor número, os *punks*, *darks* e *new romantics*. Cada grupo jovem da cidade pouco ou nada tem a ver com o outro. Dificilmente um punk, por exemplo, encontraria pontos comuns numa

¹⁰⁷⁷ Ibidem.

¹⁰⁷⁸ OS ESTRANHOS jovens que convivem com a cidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1986. Capa, p. 01.

¹⁰⁷⁹ DOTTO, Wagner. Punks, hippies e hare krishnas dividem centro de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1986. 3º Caderno, Cidades, p. 24.

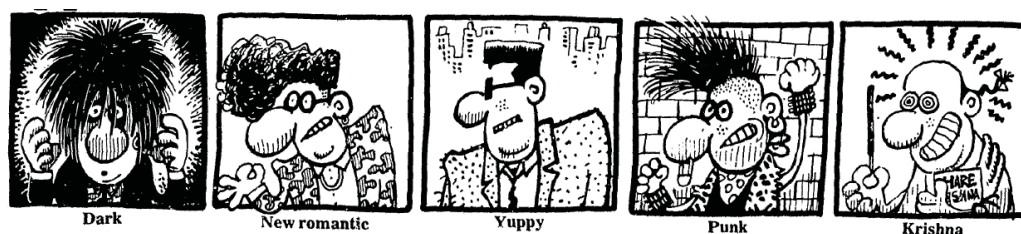
conversa com um adepto de Krishna. No entanto, convivem todos pacificamente, cada um no seu canto, na sua esquina.
[...] Na praça Ramos de Azevedo, em frente ao Teatro Municipal (centro), sempre se encontrará pelo menos quatro devotos da seita Hare Krishna com seus indefectíveis incensos¹⁰⁸⁰.

A reportagem também indica um pouco da rotina e do estilo de vida de cada um dos grupos. Sobre os devotos de Krishna, podemos ler a seguinte descrição:

“Temos uma vida bastante austera”, explicou Purushatraya Swami (Paulo Alexandre Klavin), 40, diretor cultural da seita em São Paulo. “Levantamos às 3h e temos um culto às 4h. Às 9h muita gente já está nos semáforos e em pontos principais da cidade para divulgar a doutrina”. Os *krishnas* distinguem-se pelo visual: trajes longos (como saias) de algodão, de cores claras¹⁰⁸¹.

Logo abaixo do texto da reportagem, um cartoon de Angeli exibe as “tribos urbanas” de São Paulo, incluindo os “Krishnas”.

Figura 35 - Cartoon da *Folha de São Paulo* sobre as tribos urbanas



Fonte: Folha de São Paulo¹⁰⁸²

Na imagem, podemos notar nos traços característicos do cartunista Angeli, as figuras urbanas “exóticas” que se faziam presentes do cenário de fins dos anos 1980 em São Paulo. O “*krishna*”, destacado à direita, é, esteticamente, um monge sankirtaneiro e tem em mãos um incenso e uma literatura religiosa. De todas as figuras retratadas, ele é o único que sorri abertamente. O seu rosto demonstra um olhar neurótico, como que hipnotizado, talvez fruto de uma “lavagem cerebral”.

Esse mesmo desenhista, que trabalhou durante décadas para a FSP e diversos outros veículos de comunicação do país, criou, inclusive, um personagem inspirado em diversos gurus orientais no Ocidente, incluindo os *hare krishna*. O

¹⁰⁸⁰ Ibidem.

¹⁰⁸¹ Ibidem.

¹⁰⁸² ANGELI. In: DOTTO, Wagner. Punks, hippies e hare krishnas dividem centro de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1986. 3º Caderno, Cidades, p. 24.

personagem Rhalah Ricota é integrante da série de tirinhas *Chiclete com Banana*, publicada originalmente na FSP e reunidas na coletânea *The best of chiclete*¹⁰⁸³.

Ao final da década de 1980, até mesmo jornais como OG que fizeram franca oposição ao Movimento Hare Krishna alguns anos antes, não somente descreviam seus membros como inseridos no cotidiano comum da cidade, como também buscava descrevê-los como seres “pacíficos”, detentores de uma religiosidade sóbria e até descrever os “preconceitos” sofridos pelos religiosos:

Perto de céu e sob inspiração da arte e da poesia. Assim vivem os 24 discípulos de Krishna no templo de Santa Tereza, um casarão de dois andares que outrora pertenceu a Manuel Bandeira e Raquel de Queiroz. A magia do lugar os induz a meditar e cantar o mantra em louvor a Krishna. Com a paciência dos monges, eles acordam às 4h, realizam diversas tarefas e atendem ao público.
[...] Discriminados nos ônibus – onde, vestidos a caráter, costumam vender incensos – e nas ruas, os hare krishna começam a lutar contra o preconceito. Para isso, os discípulos seguem dois princípios básicos: a difusão da religião através dos livros [...] e a integração social dos adeptos¹⁰⁸⁴.

Paralela à mudança de discurso jornalístico, é importante destacar que o discurso dos religiosos também começava a mudar. Um trecho da reportagem evidencia esse ponto:

Ao contrário do que muita gente pensa, não é preciso vestir o **doti** – traje salmão para os solteiros e de cor branca para os casados – e morar num templo para ser devoto de Krishna. Segundo eles, basta cantar o mantra. Os monges e sacerdotes costumam se recolher, mas não necessariamente perder o contato com família e amigos. Para se dedicar à vida monástica, deve-se seguir alguns princípios: não comer carne, peixe ou ovos – os Hare Krishna são vegetarianos estritos –, não jogar jogos de azar, não ingerir tóxicos – inclusive cafeína – e não fazer sexo fora do casamento¹⁰⁸⁵.

Aqui aparecem diversas mudanças de paradigmas, ao que parece, já internalizadas nas pregações dos membros da ISKCON. A obrigatoriedade de morar no templo, de viver uma vida monástica estrita, ou em outras palavras, a dedicação exclusiva, outrora exigida pela instituição religiosa, passava a ser flexibilizada, ao menos no discurso. Um outro ponto a ser observado em relação às mudanças de paradigmas da ISKCON é que, pela primeira vez em OG, o princípio do “sexo ilícito”

¹⁰⁸³ ANGELI. *The best of chiclete*: série tipinhos inúteis n. 1. São Paulo: Circo Sampa, mar. 1991, p. 51. O autor cita na dedicatória da revista, que contém tirinhas e desenhos compostos entre 1983 e 1991, diversos gurus (reais e fictícios) entre eles, Prabhupada, o fundador da ISKCON.

¹⁰⁸⁴ CASARÃO em Santa Tereza abriga discípulos de Krishna. *O Globo* [Botafogo], Rio de Janeiro, 14 mar. 1989, p. 26.

¹⁰⁸⁵ Ibidem.

é descrito como “não fazer sexo fora do casamento” – não como “sexo somente para procriação de filhos”.

Essas mudanças de paradigmas na ISKCON, como já apontado nesta pesquisa, começaram a se fazer em fins dos anos 1980 e, mais fortemente, nos anos 1990, quando o modelo sociorreligioso da instituição entrou em declínio, fazendo com que muitos devotos abandonassem a vida monástica e comunitária e passassem a se integrar nas atividades laborais e familiares da sociedade ampla e formando congregações de membros – ao invés de núcleos comunitários fechados. E isso afetou diretamente a maneira como a pregação e manutenção financeira da instituição funcionava. O *sankirtana* passou a contar cada vez menos com membros dedicados exclusivamente à prática e assim, a ISKCON teve de mudar.

Como já apontado, algumas revistas internas da ISKCON dos anos 1990, acabaram surgindo como forma de tentar entender aquele momento e reavaliar. Esse processo se intensificou no final dos anos 1990, quando o *sankirtana* declinou consideravelmente na ISKCON. Em um artigo de 1998, um devoto experiente argumentava que, se “os tempos mudaram”, as formas de pregação tinham que mudar:

Os tempos mudaram, vão continuar mudando e não vão parar de mudar [...]. Na prática, isso significa que certos níveis de pregação que eram válidos vinte anos atrás hoje em dia não são tão efetivos, e também que novas técnicas de pregação estão sendo criadas e aplicadas com efeitos produtivos, tanto pelos grandes líderes quanto por esses pregadores anônimos¹⁰⁸⁶.

Chandra Mukha, um dos maiores líderes de *sankirtana* no Brasil, argumentava em uma entrevista, sobre as mudanças que envolveriam a prática no país:

SS [Sat Sanga] – Mas em que o movimento hoje em dia está diferente?

SCM [Swami Chandra Mukha] – Durante todos esses anos, tentávamos estruturar os templos com base na distribuição de livros, inclusive financeiramente, por isso nossa pregação tinha que ser mais direcionada às pessoas que poderiam participar diretamente do *sankirtana*. Já se passaram bons anos e com isso acumulamos alguma experiência. Quando Prabhupada começou o movimento nos anos [19]60, os jovens já estavam saindo de casa, já estavam abandonando tudo. Por isso não era muito difícil trazê-los para o templo e convencê-los a se dedicar ao movimento de *sankirtana* diretamente.

SS – Ter pregado para um garoto largar tudo e entrar no movimento estava errado?

¹⁰⁸⁶ DASA, Atisundara; DASA, Radha-Govinda. Problemas, mudanças, soluções. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998. Palavras dos editores, p. 3.

SCM – Sim e não! O erro está na falta de discernimento. Quantos por cento dos devotos decidiram residir em nossos templos permanecem até hoje? Destes, quantos por cento ainda mantêm contatos amigáveis conosco? Destes, quantos ainda seguem os princípios e cantam sua *japa*? Quando entrei no movimento, há dezenove anos, existiam 500 devotos. Hoje, alguns dizem que existem 500 devotos. Somos o movimento dos eternamente 500. Já temos tempo suficiente para abrimos nossos olhos e fazer uma análise mais profunda, acompanhado de autocritica e consciência de Krishna¹⁰⁸⁷.

No mesmo ano, Chandra Mukha defendia em uma entrevista que os devotos da ISKCON precisavam de uma revisão de suas formas de pregação. A “consciência de *sankirtana*” deveria ganhar novos significados e valores que fugissem da condição “neófito” e “imatura” do “fanatismo”:

Queríamos eliminar certos conceitos, posturas e hábitos de pregadores imaturos que só fazem afastar as pessoas do nosso movimento, fazendo com que elas nos interpretem como pessoas alienadas, bitoladas, sectárias e filosófica ou religiosamente intolerantes.

Fanatismo é uma combinação de uma fé excessiva com um conhecimento insuficiente, que se caracteriza por uma demonstração de uma atitude neófito e egocêntrica. O fanático não se contenta em apresentar a consciência de Krishna de uma maneira que as pessoas simplesmente entendam. Ele quer que todos os demais aceitem sua pregação a qualquer custo pois, devido à predominância da influência do modo da paixão, o fanático é bastante apegado aos frutos do resultado de suas pregações.

[...] Algumas abordagens produzem perturbação na mente de certas pessoas e alguns termos as ofendem e as afastam por completo dos devotos. Além disso, certos comportamentos ou maneiras de nos apresentar transmitem ao público um ar de superioridade e arrogância indesejáveis, fazendo com que as pessoas desenvolvam uma atitude defensiva e aversiva para com os devotos¹⁰⁸⁸.

Diante de um público interno que se almejava modificar, o líder *hare krishna* estimulava a mudança de comportamentos “imaturos” que teriam prejudicado o próprio Movimento Hare Krishna nos anos anteriores, sobretudo, a imagem que a opinião pública ou o público-alvo da ISKCON tinha do Movimento Hare Krishna.

Assim, ao ponderar todas as questões elencadas no presente capítulo, podemos perceber que os anos 1970, marcados pela recente inserção do Movimento Hare Krishna no Brasil, foram caracterizados por uma rejeição da imprensa de grande circulação às práticas, aos membros e à própria religião que resultaram na produção de representações negativas, de processos investigativos (jornalísticos, jurídicos e

¹⁰⁸⁷ SWAMI, Chandra Mukha. O templo e a congregação [entrevista]. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998, p. 12-13.

¹⁰⁸⁸ SWAMI, Chandra Mukha. Fanatismo na pregação da consciência de Krishna. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998, p. 19.

policiais) e, também, reações e resistências de diversas formas à esse processo, por parte dos religiosos e de apoiadores.

Ao longo dos anos 1980, essa disposição da mídia foi mudando, tornando-se menos repressiva e excludente, passando a inserir o Movimento Hare Krishna dentro de uma lógica de que este fazia parte da sociedade retratada no cotidiano das cidades – e não mais como uma ameaça a essa. Pudemos observar que essas mudanças podem ter sido influenciadas pelo processo de redemocratização da sociedade brasileira e, também, pela mudança de atitude dos próprios membros da ISKCON frente ao seu público.

7 CONCLUSÃO

O Movimento Hare Krishna (ISKCON) é hoje apenas uma centelha do vasto e diverso campo religioso brasileiro. Embora esteja um pouco menos visível no cotidiano das cidades brasileiras em relação ao período aqui estudado, ele continua existindo, atuando e se reinventando.

O número de membros da ISKCON Brasil na atualidade é incerto e nem a própria instituição parece saber. Segundo uma reportagem da FSP, o Hare Krishna apareceu como religião no censo do IBGE apenas em 2000 e contabilizava 1.679 adeptos. Dez anos depois, o censo registrou 2.334 devotos¹⁰⁸⁹.

Esses dados podem não refletir a realidade e são passíveis de interpretações errôneas: um *hare krishna* pode se identificar como “hinduísta”, “vaishnava” ou “adepto de religiões orientais”; também existe a dupla pertença religiosa, como no caso dos “*hare daime*” que, apesar de não formarem congregações específicas, nem instituição religiosa à parte, acabam comungando de práticas religiosas em ambos os espaços e podem optar por se dizer parte tanto do Movimento Hare Krishna, quando das igrejas de Santo Daime¹⁰⁹⁰. Um dos líderes da ISKCON no Brasil reclamava que, ao final da década de 1990, o número de membros da instituição permanecia o mesmo:

Quando entrei no movimento, há dezenove anos, existiam 500 devotos. Hoje, alguns dizem que existem 500 devotos. Somos o movimento dos eternamente 500. Já temos tempo suficiente para abrimos nossos olhos e fazer uma análise mais profunda, acompanhado de autocritica e consciência de Krishna¹⁰⁹¹.

Embora seja difícil a contagem de membros, os números não parecem ser tão maiores do que os citados acima e nos indica que a expressividade numérica de pessoas que se identificam como *hare krishna* nunca foi alta. A própria ISKCON

¹⁰⁸⁹ OLIVEIRA, Roberto. Maior templo Hare Krishna da América Latina é refúgio para quem quer sossego em SP. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 25 ago. 2013, Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1331678-maior-templo-hare-krishna-da-america-latina-e-refugio-para-quem-quer-sossego-em-sp.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁰⁹⁰ Cf. OLIVEIRA, Roberto. Santo daime se expande e invade crenças. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 02 dez. 2007, Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200724.htm>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁰⁹¹ SWAMI, Chandra Mukha. O templo e a congregação [entrevista]. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998, p. 13.

desconhece o número de membros que possui no Brasil¹⁰⁹². A despeito disso, o Movimento Hare Krishna continua marcando presença no campo religioso brasileiro, sobretudo, como oferta de uma experiência religiosa baseada no hinduísmo.

A própria ideia de “Movimento Hare Krishna” é hoje bem mais plural do que era até os anos 1980 no Brasil. A ISKCON, embora possua hoje dezenas de endereços - cerca de 24 sedes, segundo o site da BBT (entre templos, “centros urbanos” comunidades rurais e institutos)¹⁰⁹³ ou 45 sedes, se considerados os “programas regulares”¹⁰⁹⁴, não representa mais a totalidade do Movimento Hare Krishna. A instituição tem de conviver com “outros Movimentos Hare Krishna”, como a Missão Vrinda (com 4 centros)¹⁰⁹⁵, a Sociedade Internacional de Bhakti Yoga Pura (que em 2014 estaria presente em 9 cidades brasileiras)¹⁰⁹⁶ e a Sri Chaitanya Saraswat Math, fundada na Índia, em 1941 (que teria chegado no Brasil nos anos 1980, mas só fundou o templo de São Paulo em 2017)¹⁰⁹⁷.

O *sankirtana*, enquanto prática de distribuição de livros, também continua existindo no Brasil e no mundo, embora tenha adquirido novos formatos. O início dos anos 2000 marcou uma virada significativa para a prática no Brasil: a difusão da internet no país, com a consequente digitalização de textos e democratização do acesso aos conteúdos sobre o Hare Krishna, para além dos livros e revistas de sua editora; a crise econômica e administrativa da BBT no Brasil (que chegou a fechar no início da década); o esvaziamento de templos e comunidades motivados pelas mudanças socioeconômicas que a ISKCON enfrentava com a passagem do modelo

¹⁰⁹² Entre 2012 e 2014 pude participar da organização de um censo interno da ISKCON Brasil e apesar de muitas ações, o trabalho não pode ser concluído devido à falta de informações e participação dos diversos templos da instituição no projeto. Assim a subnotificação pode ter sido bem maior e o número de inscritos no censo foi de aproximadamente mil membros.

¹⁰⁹³ Cf. THE BHAKTIVEDANTA BOOK TRUST [site]. **Templos e centros urbanos**. Disponível em: <http://www.bbt.org.br/templo/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁰⁹⁴ Cf. KRISHNA [site]. **Endereços e contatos – ISKCON Brasil**. Disponível em: <https://pt.krishna.com/endere%C3%A7os-e-contatos-iskcon-brasil>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁰⁹⁵ CENTRO CULTURAL VRINDA [site]. Disponível em: <http://vrindabr.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁰⁹⁶ Cf. JORNAL HARE KRISHNA [online]. **IPBYS Contact List of Bhakti Centers World Wide**. Disponível em: <http://jornalharekrishnabrasil.blogspot.com/2013/05/ipbys-contact-list-of-bhakti-centers.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹⁰⁹⁷ **SRI CHAITANYA SARASWAT MATH** [site]. Disponível em: <https://scsmathbrasildotcom.wordpress.com/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

comunitário para o congregacional; e a escassez de mão-de-obra de dedicação exclusiva para a atividade de distribuição de livros¹⁰⁹⁸.

A partir de 2009, a BBT parece ter se reerguido e, desde então, o Brasil voltou a ter alguma expressividade no *sankirtana*, embora o volume de vendas não possa ser comparado aos patamares alcançados entre os anos 1980 e 1990. Entre 2009 e 2019, foram vendidos mais de 100 mil livros por ano, chegando ao auge em 2014 com mais de 218 mil livros distribuídos. No entanto, de 2020 pra cá, os números voltaram a cair drasticamente, devido à pandemia de COVID-19¹⁰⁹⁹.

Os templos e centros culturais da ISKCON na região Sul têm se destacado na atividade do *sankirtana* nos últimos anos, ocupando as primeiras colocações no desempenho de distribuição de livros, sobretudo, Porto Alegre, Itajaí, Florianópolis e Curitiba. Um brasileiro, Chaitanya Chandra Das, tem liderado individualmente a distribuição de livros no Brasil, alcançando as primeiras posições na competição mundial: atingiu o terceiro lugar geral internacional em 2015 e o primeiro em 2016, 2017 e 2018. Ele foi, nesse período, o responsável, sozinho, pela maior parte do quantitativo distribuído no país. Considerando o quantitativo total de livros distribuídos desde o início da contagem no banco de dados da BBT (1979), ele já ocupa o terceiro lugar geral da história, com 592.211 livros distribuídos¹¹⁰⁰. Esse quadro aponta para a vitalidade e a capacidade de renovação da distribuição de livros no Brasil.

Em relação às mídias impressas seculares, o Movimento Hare Krishna continua sendo representado, indicando que ainda há presença e interesse na religião pelos meios de comunicação. Só pra citar os dois maiores jornais aqui estudados, entre 2012 e 2022, a FSP dedicou 39 matérias ao Movimento Hare Krishna e OG dedicou, na década passada, 85 páginas sobre o tema.

Algumas das reportagens trataram de temas que, nem de longe, assemelham-se às polêmicas de fins dos anos 1970. Os jornais noticiaram, por exemplo, em maio

¹⁰⁹⁸ As mudanças socioeconômicas passadas pela ISKCON nos anos 1990 (nos EUA), foram percebidas com maestria em: ROCHFORD JUNIOR, 2007.

¹⁰⁹⁹ YEARLY history for Brazil (Last updated on 08/21/2021). **World sankirtana newsletter** [online]. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm#pageg>. Acesso em 25 jul. 2022. O ano de 2021, por exemplo, foram registrados apenas 19.025 livros distribuídos.

¹¹⁰⁰ WORLD SANKIRTANA NEWSLETTER [online]. **World records for book distribution from 1979 to 2021**. Country records: total literature. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsnwrec.htm#pageIP>. Acesso em: 25 jul. 2022.

de 2018, que esteve em cartaz nos cinemas de pelo menos 18 cidades do Brasil, o documentário “*Hare Krishna: o mantra, o movimento e o swami que começou tudo*”¹¹⁰¹. Uma outra matéria, falava sobre a atuação de um vereador eleito e autodeclarado *hare krishna* de nome Goura, na Câmara dos Vereadores de Curitiba, em 2018¹¹⁰².

As reportagens dos últimos anos tanto indicam uma nova maneira das mídias seculares de lidarem com o Movimento Hare Krishna, quanto também indicam que a própria religião passou por modificações que levaram a outras maneiras de atrair o público que não somente o *sankirtana*. Uma reportagem do JB anunciava um retiro Hare Krishna em sua comunidade de Teresópolis que foi chamado pela manchete de “mongeterapia”, que incluía, além dos programas e rituais comumente ofertados pela ISKCON, hospedagem, passeios ecológicos, workshop de alimentação crua, banhos de argila e “limpeza da aura”¹¹⁰³. Essas seriam novas maneiras de atrair público e recursos para manutenção de templos e comunidades.

Esse quadro nos mostra um Movimento Hare Krishna (ISKCON) diferente daquele tratado aqui na tese. Nos anos 1970 e 1980, devido à urgência de se instalar e expandir no Brasil, a ISKCON adotou uma série de posturas e práticas que tinham como ênfase a distribuição de livros. Com essa finalidade, a instituição organizou toda uma estrutura administrativa e “psicológica”, como competições periódicas, revista interna especializada e incentivo constante da liderança para ampliação da “consciência de *sankirtana*” entre seus membros (como vimos no capítulo 3).

A grande questão da tese foi perceber como o processo de midiatização das religiões afetou o Movimento Hare Krishna. E para tanto, precisei recuar no tempo,

¹¹⁰¹ GRIESSER, John; GRIESSER, Jean; ROSS, Lauren [Dir.]. **Hare Krishna!** The mantra, the movement and the swami who started it all. Abramorama e Inner Voice productions. Alachua, FL, United States of America: 2017. Legendado, bobina cinematográfica. O documentário foi exibido no Brasil pela rede de cinemas Cinépolis. Nos Estados Unidos, a película foi lançada em cerca de 100 salas de cinema em 2017. No mesmo ano, ganhou o prêmio de melhor filme (*juri prize*) na categoria *feature competition* do *Illuminate Film Festival*. Cf. CINÉPOLIS estreia documentário sobre Hare Krishna em circuito nacional. **Cineplaneta**. Disponível em: <https://www.cineplaneta.com.br/cinepolis-estreia-documentario-sobre-hare-krishna/>. Acesso em: 30 maio. 2018.

¹¹⁰² BARAN, Katna. Hare Krishna, Goura chegou à Assembleia do Paraná. **O Estado de São Paulo** [online]. São Paulo, 11 out. 2018, Política/Eleições. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,como-a-bicicleta-levou-goura-a-assembleia-legislativa-do-parana,70002544309>. Acesso em: 25 jul. 2022. Em 2018, o mesmo foi eleito como Deputado Estadual para a Assembleia Legislativa do Paraná.

¹¹⁰³ HARE Krishna: mongeterapia, alimentos crus e argila para limpar a aura. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 07 fev. 2010. Tema do dia, p. A3.

num período em que uma certa religiosidade hindu nem sequer era chamada por esse nome. E essa análise nos fez confirmar uma das primeiras hipóteses da pesquisa: o Movimento Hare Krishna procurou representar uma tradição do hinduísmo, o vaishnavismo *gaudiya*, fora do seu contexto original e, para isso, precisou realizar adaptações e negociações com a modernidade. E uma das questões centrais desse processo foi a mediação da religião.

Como vimos nos capítulos 1 e 2, no século XIX, a revitalização do hinduísmo causada pela oposição à modernidade colonial, acabou trazendo elementos modernos para as religiões hindus, em especial, ao vaishnavismo *gaudiya*: publicação de antigos textos religiosos em formato impresso; a formalização de sociedades (entre *sabha*, *sanga* e *matha*); a utilização de mídias impressas, como jornais e folhetins para divulgação de ideias religiosas; e a ênfase no processo “missionário” como forma de universalizar a religião.

Ao analisarmos a história do Movimento Hare Krishna considerando esses fatores, precisamos retroceder o início da sua história, de 1966, data de fundação da ISKCON, para meados do século XIX, quando o vaishnavismo *gaudiya* – bem como outras religiões hindus – passavam por esse processo de transformação. Afinal, Bhaktivedanta Swami já chegou nos EUA sendo parte de um processo que começara na própria Índia e que, devido à conjuntura de contestação contracultural no Ocidente dos anos 1960 e 1970, acabou encontrando reverberação suficiente para lançar sua religião no mundo.

A difusão do Movimento Hare Krishna se deu tanto por meios pré-modernos – como as pregações, o canto, a dança, a culinária, as festas e rituais nos templos – quanto por meios essencialmente modernos: livros impressos, revistas, jornais, materiais fonográficos e audiovisuais, adesivos, pôsteres, souvenirs, etc. Todo esse processo evidencia uma intensificação da mediação da religião *vaishnava gaudiya*, que era nossa segunda hipótese no início da tese.

Observando mais à fundo esse ponto, pude perceber que o *sankirtana* – que, até o século XIX era entendido, majoritariamente, como a prática de se reunir e cantar mantras em conjunto de outros devotos – acabou se tornando sinônimo de produzir e distribuir literatura religiosa *vaishnava*, mais do que o próprio cantar de mantras, já que a imprensa religiosa seria o “grande tambor” (*brhat-mrdanga*) a reverberar o “som

transcendental” de Krishna para um número muito maior de pessoas. Bhaktivedanta Swami, então, acabou adaptando a teologia de seu próprio mestre, o fundador da Gaudiya Math, para estabelecer a produção e distribuição de literatura *vaishnava gaudiya* em todo o mundo, através da ISKCON e de sua editora, a BBT, sobretudo a partir dos anos 1970, como vimos no capítulo 2.

Como o primeiro templo oficial da ISKCON foi fundado em 1975 no Brasil, o projeto Hare Krishna brasileiro já iniciou com grande ênfase no *sankirtana*, sobretudo, de livros pequenos e revistas. E para tanto, a liderança institucional e espiritual estimulou a adoção de uma “consciência de *sankirtana*” que moldou a forma como o Hare Krishna atuou no país até os anos 1990. Todo membro comum e líder da ISKCON no Brasil, deveria se esforçar o máximo possível para que cada vez mais livros fossem produzidos e distribuídos, uma forma que, alguns líderes chegaram a chamar de “*sankirtana* fanático”. E essa era a grande missão iskconiana no período aqui estudado (como tratei no capítulo 3).

No capítulo 4, pudemos perceber mais detalhadamente como se deu a aplicação e o approach do *sankirtana* no Brasil: os diferentes tipos de literatura e produtos utilizados no *sankirtana*; as modalidades e lugares onde a prática era desempenhada; e as questões éticas que, por vezes, eram ignoradas em favor de maiores vendas.

Essa dinâmica fez com que a ISKCON no Brasil se difundisse rapidamente num período em que o quadro religioso brasileiro se alterava significativamente, com a contínua perda da hegemonia católica e ascensão de novas religiões e religiosidades. Esse quadro pôde ser percebido pelas narrativas de jornalistas, pais e sacerdotes que, quer assumidamente cristãos ou não, acabaram por legitimar o ideal de religião normativa cristã em detrimento dos “perigos” ou “ameaças” de religiões tidas por eles mesmos, como “seitas”.

Nesse contexto, o Movimento Hare Krishna enfrentou polêmicas e a oposição da mídia, sobretudo no fim dos anos 1970. Alguns pais, jornalistas, religiosos e até aparatos policiais, colocaram-se contrários à atuação dos devotos de Krishna e duvidaram da veracidade de suas práticas, sobretudo em relação ao *sankirtana*.

Esse quadro produziu uma série de representações sobre o Movimento Hare Krishna que, sobretudo, nos anos 1970, foram da “exoticidade” da religião, dos

religiosos e de suas práticas, até questões mais severas, como acusações de “lavagem cerebral”, “corrupção” e “alienação” de jovens, “dissolutores da família”, “vagabundos”, “charlatães”, “falsos profetas” e como ameaçadores da “moral e dos bons costumes” brasileiros.

Além dessas, a imposição do termo “seita” para se referir ao Hare Krishna e outras religiões minoritárias por parte das mídias impressas e de seus interlocutores, reproduzia tanto a negatividade implícita historicamente no termo (como explicado no primeiro capítulo), quanto, também inseria novos sentidos a partir dos adjetivos impressos ao termo: “seita nefasta”; “seita da aflição”, “seita subversiva” e outros.

Essas representações afetaram os membros do Movimento Hare Krishna que passaram a receber a hostilidade de parte do público que encontrava nas ruas e até embalsaram investigações policiais que chegaram a propor o encerramento das atividades da ISKCON no Brasil.

No entanto, elas deram à religião uma visibilidade ainda não alcançada anteriormente. Com o espaço aberto, sobretudo, através das polêmicas, ainda que de forma negativa, os devotos puderam difundir várias de suas ideias religiosas, novas concepções do que viria a ser o Movimento Hare Krishna (confirmando o outro lado das lutas de representação), o seu “amor à Krishna” e elaborar ações táticas para resistir aos ataques e conseguir pequenos ganhos. Sair “disfarçados” com roupas comuns, por exemplo, teria rendido um aumento de vendas e teria diminuído a ocorrência de agressões nas ruas.

Nos anos 1980, a atmosfera de perseguição ao Movimento Hare Krishna diminuiu e novas representações passaram a circular nas mídias impressas. Algumas das representações que o Movimento Hare Krishna fazia de si mesmo, passaram a ser reproduzidas pelos jornais de forma inédita. Termos como “religião milenar”, “filosofia” e “Movimento” passaram a substituir a terminologia “seita” e, além de menos condenatórias, as reportagens passaram até mesmo a denunciar estigmas e preconceitos sofridos pelos devotos de Krishna, modificando significativamente a relação entre as mídias e o Hare Krishna.

Sobre as querelas envolvendo a ISKCON, enquanto uma *matha vaishnava gaudiya*, e os jornais de grande circulação no Brasil, concluo ao fim desta tese que, tanto as representações negativas construídas pelos jornais (como analisadas no

capítulo 5), quanto algumas das posturas e ações adotadas pelos próprios membros da ISKCON (como vimos nos capítulos 3 e 4) favoreceram visões negativas e estereotipadas sobre a religião, sobre as suas práticas e sobre seus membros, entre os anos 1970 e 1980.

A desonestidade no *sankirtana*, a utilização de pequenas mentiras nos “mantras”, a ansiedade pela execução de um “*sankirtana* fanático”, a dedicação exaustiva à atividade missionária (sobretudo *sankirtaneira*), as pregações que visavam mudanças radicais de comportamento e conduta entre os jovens ingressantes, inclusive no meio familiar, acabaram causando desgastes aos membros da ISKCON e à sua imagem pública.

Ao mesmo tempo, os diferentes atores sociais que ocupavam um lugar discursivo nas páginas dos jornais, acabaram por criar representações negativas que tiveram, claramente, o objetivo de limitar ou até impedir a existência de uma religião que acabara de se inserir no quadro religioso brasileiro, motivada por questões de disputa religiosa, moral e, por que não dizer, econômicas.

A partir dos anos 1980, tanto os religiosos quanto as mídias impressas de grande circulação alteraram sua maneira de atuação, fazendo com que representações mais respeitadas pudessem circular e tornando a relação entre imprensa e Movimento Hare Krishna cada vez mais convergente que divergente, sem as tensões que caracterizaram as lutas de representações dos anos 1970.

O futuro do *sankirtana* e do Movimento Hare Krishna no Brasil é incerto, assim como as demais práticas e fenômenos culturais, estão sujeitas às ações dos homens no tempo. Em 1982, um dos líderes da ISKCON no Brasil declarava profeticamente que o *sankirtana* “não vai acabar”, mesmo diante do “crescente avanço tecnológico” da “civilização material”:

[...] Uma vez que nós estamos tentando distribuir as palavras de Krishna, não há possibilidade de nosso serviço tornar-se escasso, nem tampouco de desaparecer com o crescente avanço tecnológico da assim chamada civilização material. O *sankirtana* não vai acabar porque é a propaganda da palavra de Krishna. É a propaganda suprema. E nós, pregadores da consciência de Krishna, temos o nosso emprego garantido. A única prerrogativa é não querer parar de trabalhar, não querer parar de pregar¹¹⁰⁴.

¹¹⁰⁴ DASA, Dhanvantari. Buscando Krishna, o eterno companheiro dos devotos. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 11, 20-25 abr. 1982, 1f.

Essa declaração nos dá uma ideia sobre a concepção do futuro que alguns dos líderes tinham sobre o “vir a ser” da prática e do Movimento, no início dos anos 1980. Embora o *sankirtana* tenha feito uma curva no mundo ocidental a partir dos anos 1990 que jamais voltou aos patamares do que era nos anos 1970 e 1980, ele tem se transformado se utilizando do próprio “avanço tecnológico” que era entendido como ameaça. O processo de midiatização da religião *vaishnava gaudiya* continua se intensificando, agora, para além dos livros, jornais e revistas impressos.

As práticas de pregação e, sobretudo, o *sankirtana*, têm sofrido alterações significativas nas últimas décadas, motivadas pela revolução digital da era da internet. Em 2002, foi fundado no Brasil o site “Krishna”, pela BBT, a exemplo de outros homônimos internacionais¹¹⁰⁵, contendo diversos livros do catálogo da BBT à disposição para leitura online e em formato de áudio¹¹⁰⁶. A revista *Volta ao Supremo* voltou a circular, mas apenas online, em formato de blog¹¹⁰⁷. Rádios online passaram a fazer parte da realidade dos devotos, como a brasileira Krishna FM que afirma estar no ar desde 1996¹¹⁰⁸. Além disso, a ISKCON tem investido em canais de televisão online (ou sob demanda, em alguns países), como o Mayapur TV que exhibe diariamente a programação do maior templo da ISKCON no mundo e sede da instituição¹¹⁰⁹.

A ISKCON também tem investido em redes sociais e canais de streaming. A conta da ISKCON Brasil no Facebook tem 14 mil inscritos e a comunidade “Amigos de Krishna”, na mesma plataforma, tem mais de 51 mil seguidores¹¹¹⁰. Há diversos canais no Youtube, com destaque para o canal oficial da instituição¹¹¹¹, ao canal da Secretaria de Sankirtana da ISKCON Brasil¹¹¹² e para o maior pregador online

¹¹⁰⁵ KRISHNA [site]. Disponível em: <https://pt.krishna.com/>. Acesso em 25 jul. 2022.

¹¹⁰⁶ KRISHNA [site]. **Livros online**. Disponível em: <https://pt.krishna.com/livros-online>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹¹⁰⁷ **VOLTA AO SUPREMO** [online]. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/>. Acesso em 27 jul. 2022.

¹¹⁰⁸ **KRISHNA FM**. Disponível em: <https://www.krishnafm.com.br/>. Acesso em 25 jul. 2022.

¹¹⁰⁹ **MAYAPUR TV**. Disponível em: <https://www.mayapur.tv/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹¹¹⁰ **ISKCON BRASIL** [Facebook]. Disponível em: <https://www.facebook.com/iskconbrasil>. Acesso em: 25 jul. 2022; **AMIGOS DE KRISHNA** [Facebook]. Disponível em: <https://www.facebook.com/Amigos.de.Krishna>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹¹¹¹ **ISKCON BRASIL** [Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCnB_O5uEm8-BIm3xevgzesw. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹¹¹² **TV SANKIRTANA** [Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCXZYXyRtq8TI_muxs4IEq7w. Acesso em: 25 jul. 2022.

(influencer?) *hare krishna* do país, Giridhari Dasa que, apesar de não representar oficialmente a instituição, possui um longo alcance, com mais 90 mil seguidores em seu canal do Youtube¹¹¹³. Além disso, alguns sites ligados à ISKCON têm disponibilizado acervos multimídias com materiais diversos, como o ISKCON Desire Tree¹¹¹⁴ e outros, têm funcionado como portais de notícias vinculadas à instituição, como o ISKCON News¹¹¹⁵, para os leitores em inglês e o ISKCON Notícias, para leitores em espanhol¹¹¹⁶.

A análise de como o Movimento Hare Krishna têm digitalizado seus conteúdos, interações e práticas não será feita nessa tese. Mas ela se mostra deveras importante para uma nova compreensão sobre as mudanças e intensificação do processo de mediatização da religião. De como o *sankirtana*, por exemplo, tem sido feito na atualidade de maneira híbrida, tanto no modelo instituído nos primeiros anos da ISKCON, quanto também através das interações digitais, dando continuidade aos textos, ideias e práticas religiosas *gaudiya*, mas, em diálogo com o tempo histórico presente. Se quisermos responder à pergunta inicial da nossa introdução (“por onde andam os *hare krishna*?”), podemos dizer que hoje “eles” estão em toda parte: na sociedade secular, em suas comunidades e no mundo virtual.

Aqui fica a esperança de que este humilde estudo sobre as práticas e representações acerca do *sankirtana*, do Movimento Hare Krishna e da imprensa no Brasil, possam estimular novos estudos e dar seguimento e aprofundamento a este tema que é tão importante para a compreensão das religiões na atualidade.

¹¹¹³ **GIRIDHARI DAS** [Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/GiridhariDas/featured>. Acesso em 25 jul. 2022. A abordagem de Giridhari parece ser menos comprometida com as normatizações institucionais da ISKCON e voltada para um público amplo, interessado em ioga, meditação e bem-estar.

¹¹¹⁴ **ISKCON DESIRE TREE** [site]. Disponível em: <https://iskcondesiretree.com/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹¹¹⁵ **ISKCON NEWS** [online]. Disponível em: <https://iskconnews.org/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

¹¹¹⁶ **ISKCON NOTÍCIAS** [online]. Disponível em: <https://iskconnoticias.org/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos científicos

ABBOTT, Catherine Barrett. **The Reverend Jim Jones and Religious, Political, and Racial Radicalism in Peoples Temple**. University of Wisconsin-Milwaukee. Theses and Dissertations, Paper 1037. Disponível em: <http://dc.uwm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2042&context=etd>. Acesso em: 20 nov. 2016.

ABREU, Alzira Alves. A mídia na transição democrática brasileira. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 48, 2005, p. 53-65.

ADAMI, Vítor Hugo. **O pensamento coletivo Hare Krishna e seus modos de institucionalização**: um estudo sobre comunidades globalizadas e identidades sociais. Tese (Doutorado em Antropologia). Departamento de Antropologia, Universitat Rovira i Virgili, 2013.

AGNOLIN, A. **História das religiões**: perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013.

AREND, Silvia M. F; MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente (entrevista com Henry Rousso). **Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 1, n. 1, jan./jun. 2009.

BARKER, Eileen. Perspective: What Are We Studying? A Sociological Case for Keeping the “Nova”. **Nova Religio**, 8(1), 2004, p. 88–102.

BARKER, E. The not-so-new religious movements: changes in ‘the cult scene’ over the past forty years. **Temenos**, v. 50, n. 2, 2014, p. 235–256.

BAYRAM, Mushfig. Kazakhstan: restrictions on and punishment for spreading religious literature and faith. **Religion in Eastern Europe**, v. XXXII, n. 2, mai. 2012.

BECKER, Howard. **Systematic Sociology**: on the basis of the Beziehungslehre and Gebildelehre of Leopold von Wiese. New York: John Wiley & Sons, 1932.

BELLOTTI, Karina Kosicki. “Alistando-se no invencível exército da página impressa” – Cultura impressa adventista no Brasil no século XX. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 48, p. 850-874, set./dez. 2021, p. 851.

BELLOTTI, Karina K. As religiões tradicionais na internet. In: Moreira, A; Lemos, C. Quadros, E. (Org.). **A religião na mídia e a mídia na religião**. 1ª ed. Goiânia: Editora América, 2012, v. 1, p. 127-166.

BELLOTTI, Karina K. **“Delas é o reino dos céus”**: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 a 2000). São Paulo: Annablume, Fapesp, 2010.

BELLOTTI, Karina K; CUNHA, Magali do N. Introdução – mídia, religião e cultura: uma interface dinâmica e instigante. In: BELLOTTI, Karina K; CUNHA, Magali do N. (orgs.). **Mídia, religião e cultura**: percepções e tendências em perspectiva global. Curitiba: Prismas, 2016, p. 9-20.

BELLOTTI, Karina. K.; CUNHA, Magali do N. (Orgs.). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Prismas, 2016.

BELLOTTI, Karina K. Por uma história cultural das religiões e das mídias. In: MOURA, Carlos André Silva de (et al.) (Org.). **História, narrativa e religiões: diálogos sob o olhar da cultura**. Recife: UPE, 2018.

BHATIA, Varuni. **Unforgetting Chaitanya**: vaishnavism and cultures of devotion in colonial Bengal. New York: Oxford University Press, 2017.

BIAGI, Orivaldo Leme. A construção de discursos conservadores pela publicidade brasileira em relação à contracultura. KAMINSKI, Leon (Org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV, 2019, p. 43-65.

BUENO, Juliana Fleig. **A mulher (re)paginada**: as representações da “nova mulher” e o discurso de beleza na revista *Nova Cosmopolitan* na década de 1980. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2013, p. 75.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL, Bruno. A breve história e a caracterização d’*O Pasquim*. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 6, 2012, p. 159-176.

BROMLEY, David. Whither New Religious Studies: Defining and Shaping a New Area of Study. **Nova Religio**, 8(2), 2004, p. 83–97.

BROMLEY, David G; COWAN, Douglas E. **Cults and new religions**: a brief history. West Sussex, UK: Willey Blackwell, 2015.

BROWN, Sara Black. Krishna, Christians, and Colors: The Socially Binding Influence of Kirtan Singing at a Utah Hare Krishna Festival. **Ethnomusicology**, v. 58, n. 3, 2014, p. 454–480. Disponível em: www.jstor.org/stable/10.5406/ethnomusicology.58.3.0454. Acesso em: 19 mar. 2021.

BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004.

BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. Introduction. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004, 01-10.

BRZEZINSKI, Jan. Charismatic renewal and institutionalization in the history of gaudiya vaishnavism and the Gaudiya Math. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2016.

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 1997, p. 5–22.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2000.

CAROZZI, Maria J. Tendências no estudo dos novos movimentos religiosos na América: os últimos 20 anos. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, v. 37, p. 61–78, 1994.

CARVALHO, Leon A. G. de. A ISKCON do Brasil e a prática do *sankirtana*. In: CARVALHO, Leon A. G. de; VALERA, Lúcio. **O movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva**. Foz do Iguaçu: Unila, 2022.

CARVALHO, Leon A. G. de. A “opção preferencial” de um jornal pernambucano pelo catolicismo romano nos anos 1980. **Relegens Thréskeia**, v. 07, n. 01, p. 01–19, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/59644>>. Acesso em: 15 jan. 2019.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. **“A suave invasão”**: práticas e representações do movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996). 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional, Recife, 2017.

CARVALHO, Leon A. G. de. “Hippies” ou “Happies”? Interseções entre a contracultura e o movimento Hare Krishna no Brasil dos anos 1970. In: L. Kaminski (Org.); **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. p.195–214, 2019. Curitiba, Brasil: Editora CRV.

CARVALHO, Leon A. G. de. O movimento Hare Krishna: algo novo ou uma antiga “tradição”? **Diálogos**, v. 23, n. 1, p. 193–212, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/viewFile/42922/pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2019.

CARVALHO, Leon A. G. de. O movimento Hare Krishna nos tempos da Ditadura. **Labirinto** (UNIR), v. 32, p. 190-213, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/5453/3528>. Acesso em: 31 jul. 2022.

CARVALHO, Leon A. G. de. O “problema das seitas” e os periódicos: uma análise das representações sobre o movimento Hare Krishna nos jornais (1974-1984). **Cadernos de História**, v. 19, n. 31, p. 213–233, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/14657>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

CARVALHO, Leon Adan G. Os “desajustados” vão até Krishna: juventude, imprensa e movimento Hare Krishna no Brasil do final dos anos 1970. In: GNERRE, Maria L. A; MOREIRA, Harley A. (Orgs.). **História das religiões e diversidade cultural**. João Pessoa, UFPB, 2021, p. 160-194.

CARVALHO, Leon A. G. de. Representações, memórias e subjetividades: um estudo sobre a história do Movimento Hare Krishna em Caruaru (1986-1996). **Semina** (UPF), v. 16, p. 155-169, 2017.

CARVALHO, Leon A. G. de. **Uma movimentação estranha na capital do Agreste**: a história do movimento Hare Krishna na cidade de Caruaru-PE (1986-2013). Monografia (Especialização em História do Brasil). Caruaru, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA), 2014.

CASTILHO, Márcio de Souza. A autoconstrução do repórter como investigador policial: uma análise das matérias vencedoras do *Prêmio Esso*. **Pj:Br – jornalismo**

brasileiro, n. 8, jul. 2007. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografias8_g.htm. Acesso em: 28 jun. 2022.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CLARKE, Peter B. **Encyclopedia of New Religions Movements**. London/New York, Routledge, 2006.

COLLINS, Irvin H. The “routinization of charisma” and the charismatic: the confrontation between ISKCON and Narayana Maharaja. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004, p. 214-237.

COSTA, Cândida Rosa Ferreira; ANDRADE, Regina Glória. Carnaval, samba e comunicação no Morro. **Intercom**, 02-06 set. 2003, p. 1-12.

CUNHA, Magali do N. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. In: BELLOTTI, Karina K.; CUNHA, Magali do N. (Orgs.). **Mídia, religião e cultura**: percepções e tendências em perspectiva global. Curitiba: Prismas, 2016.

CUNHA, Magali do N. Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Famecos**, v. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.1.30691>. Acesso em 20 jul. 2022.

CUNHA, Magali do N. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. **E-compós**, v. 19, n. 1, p. 1–21, 2016. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/viewFile/1204/883>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

DASA, Atma Tattva. **O néctar da distribuição de livros**: declarações de Srila Prabhupada e seus seguidores sobre a filosofia e prática da distribuição de livros. Brhat Mrdanga, 1997.

DASA, Braja Bihari. Social theory and schisms in the International Society for Krishna Consciousness. **ISKCON Studies Journal**, vol. 1, may. 2009.

DASA, Rupa V. **Divina sucessão**: biografia dos mestres anteriores a Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Brasília: BBT, 2003.

DEADWYLER, William. Cleaning house and cleaning hearts: reform and renewal in ISKCON. In: BRYANT, E. F; EKSTRAND, M. L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004, p.149-169.

DESAI, K; AWATRAMAMI, S; DAS, M. The no change in ISKCON paradigm. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University Press, 2004, p.194-213.

DIAS, André Bonsanto. Da modernização à autoridade: a grande imprensa brasileira, entre a ditadura e a democracia – *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, 1964-2014. **Opinião pública**, Campinas, v. 25, n. 3, set./dez., p. 472-494, 2019.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100003>. Acesso em: 06 jun. 2021.

FLOOD, Gavin. **Introdução ao Hinduísmo**. Juiz de Fora: UFJF, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993, 303p.

GASBARRO, N. Nós e o Islã: uma compatibilidade possível? **Novos Estudos CEBRAP**, v. 67, p. 90–108, 2003. Disponível em: http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/101/20080627_nos_e_o_isl_a.pdf. Acesso em: 21 out. 2016.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GOSWAMI, Krishna D. K. **Sri Caitanya Caritmarta**. Com trad. e comentários de A. C. B. S. Prabhupada. Los Angeles: BBT, 1974.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Distribute books, distribute books, distribute books**: history of book distribution in ISKCON (1970-1975). Port Royal: Gita-Nagari Press, 1982.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 1**: Toda uma vida de preparação - Índia/1896-1965. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008a.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. **Srila Prabhupada-lilamrta - Vol. 2**: Plantando a semente - Nova Iorque/1965-1966. Brasília: The Bhaktivedanta Book Trust, 2008b.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

GUARESCHI, P. A. A mídia no campo religioso. In: MOREIRA, A. DA S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. DE G. (Orgs.). **A religião na mídia e a mídia na religião**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2012, p. 87–109.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 49-64, jul.-dez. 2007, p. 49-64.

GUERRIERO, Silas. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna. **Nures**, n. 12, mai./ago. 2009.

GUERRIERO, Silas. **O movimento Hare Krishna no Brasil**: a comunidade religiosa de Nova Gokula. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais), São Paulo: PUC (SP), 1989.

GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos**: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006.

GUERRIERO, Silas. O movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Rever**, n. 1, 2001, p. 44-56.

GUILHERME, Cássio A. S. A. A imprensa como partido político: o caso do jornal O Estado de São Paulo. **Dimensões**, v. 40, jan.-jun. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HJARVARD, Stig. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, 2014, p. 21-44. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44>. Acesso em 20 jul. 2022.

HOBBS, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOOVER, Stewart. A mídia e suas linguagens religiosas. In: MOREIRA, A. da S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. de G. (Orgs.). **A religião na mídia e a mídia na religião**. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2012.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. In: BELLOTTI, K. K.; CUNHA, M. DO N. (Orgs.). **Mídia, religião e cultura**: percepções e tendências em perspectiva global. Curitiba: Prismas, 2016.

HOOVER, Stewart. **Religion in the media age**. New York: Routledge, 2006.

JONES, C. A.; RYAN, J. D. **Encyclopedia of Hinduism**. New York: Facts On File, 2007.

JUDAH, Stilson. **Hare Krishna and the counterculture**. New York: Wiley & Sons, 1974.

KAMINSKI, Leon. Mundo afora, Brasil adentro: a circulação cultural da contracultura e suas apropriações. In: KAMINSKI, Leon (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba: CRV, 2019, p. 19-41.

KAVIRAJ, Krishna Dasa. **Sri Caitanya Caritamrta**. Adi Lila. Com tradução e comentários de Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Disponível em: <https://vedabase.io/en/library/cc/adi/3/19/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KETOLA, K. **An Indian Guru and His Western Disciples**: representation and communication of charisma in the Hare Krishna movement. Helsinki: Academic dissertation, Faculty of Arts at the University of Helsinki, 2002.

KETOLA, Kimmo. The Hare Krishna and the counterculture in the light of the theory of divergent modes of religiosity. **Method & Theory in the Study of Religion**, v. 16, n. 3, 2004, p. 301–320. Disponível em: www.jstor.org/stable/23551300. Acesso em: 24 mar. 2021.

KLOSTERMAIER, K. K. **A concise encyclopedia oh Hinduism**. Oxford: One World, 2003.

KNOTT, Kim. Healing the heart of ISKCON: the place of women. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004, p. 291-311.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LECLERC, Gérard. **A sociedade de comunicação: uma abordagem sociológica e crítica**. São Paulo: Instituto Piaget, 1999.

LLORENTE, M. DEL M. R. **Nuevos movimientos religiosos en Españan**, 2006. Tese (Doutorado em Sociologia), Granada: Universidad de Granada, p. 57, tradução do autor. Disponível em: <https://hera.ugr.es/tesisugr/16160289.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

MACHADO, C. Novos movimentos religiosos, indivíduo e comunidade: sobre família, mídia e outras mediações. **Religião e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2010.

MACIEL, Laura A. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880-1920. In: FENELON, Déa Ribeiro et all (orgs.). **Muitas histórias, outras memórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MARIZ, Cecília L. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 25–39, 2000. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/download/2886/2352>. Acesso em: 20 out. 2016.

MARTINO, L. M. S. Midiatização da religião e Estudos Culturais: uma leitura de Stuart Hall. **Matrizes**, v. 10, n. 3, p. 143–156, 2016. Acesso em: 01 fev. 2021.

MEDONZA, Richard H; WEISS, Arnold. Effects of aculturation into the Hare Krishna Movement on mental health and personality. **Journal of scientific study of religion**. Vol. 29(2), 1990, p. 173-184.

MELTON, J. Gordon. Perspective: Toward a Definition of “New Religion”. **Nova Religio**, 8 (1), 2004, p. 73–87.

MEYER, B; MORGAN, D; PAINE, C; PLATE, S. B. The origin and mission of material religion. **Material religion**, n. 40, p. 207-211.

MILKLOS, Jorge. O sagrado nas redes virtuais: a experiência religiosa na era das conexões – entre o midiático e o religioso. In: BELLOTTI, K. K.; CUNHA, M. do N. (Orgs.). **Mídia, religião e cultura: percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Prismas, 2016.

MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **As representações do Golpe e da ditadura militar brasileira nos editoriais do jornal O Globo (1964-1985)**. Monografia (História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, 51p.

MONIER WILLIAM. **Sanskrit-English Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1899.

MOREIRA, A. da S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. de G. (Orgs.). **A religião na mídia e a mídia na Religião**. Curitiba: Gráfica e Editora América, 2012.

MOREIRA, A. da S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. de G. Apresentação. In: MOREIRA, A. da S.; LEMOS, C. T.; QUADROS, E. de G. (Orgs.). **A religião na mídia e a mídia na Religião**. Curitiba: Gráfica e Editora América, 2012.

MOURA. **Histórias cruzadas**: debates intelectuais no Brasil e em Portugal durante o movimento de Restauração Católica (1910-1942), 2015. Tese (Doutorado em História), Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

MOURA, Carlos André Silva de (et al.) (Org.). **História, narrativa e religiões**: diálogos sob o olhar da cultura. Recife: UPE, 2018.

MOURA, Gustavo Henrique Passos. O *Bhagavata Purana*: sua doutrina e contribuições para a teoria educacional. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017, 124p.

NIEBUHR, H. Richard. **The Social Sources of Denominationalism** (New York & London: A Meridian Book, 1957.

OLIVEIRA, Gisele P. de. Mulheres no movimento Hare Krishna: a tradição do vaishnavismo e a práxis de Prabhupada. In: CARVALHO, L. A. G. de; VALERA, Lúcio (orgs). **O movimento Hare Krishna no Brasil**: estudos em perspectiva. Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

PAIVA, José Ferreira. Trajetória histórica do Jornal do Brasil. **Revista do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Midiáticas Intermídia**. Alagoas, v. 1 n. 2 – jan./jun. 2008, s/p. Disponível em: <https://ichca.ufal.br/grupopesquisa/intermidia/joseferreira.htm>. Acesso em: 03 mai. 2022.

PANIGRAHI, A. K.; SAHU, T. Baladeva Vidyabhushana Prabhu, also known as Govinda Dasa, - a great Vaishnava scholar and philosopher of Odisha. **IOSR Journal Of Humanities And Social Science**, v. 23, n. Issue 5, ver. 10, p. 26–30, 2018.

PRABHUPADA, A. C. B. S. (trad.). **O Bhagavad-gita como ele é**: com tradução e comentários de Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. 6ª ed. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2011.

PRABHUPADA, A. C. B. S. (trad.). **O Srimad Bhagavatam**: com tradução e comentários de Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. São Paulo: BBT, 1995.

RACHEL, A. R. Brasil: a laicidade e a liberdade religiosa desde a Constituição da República Federativa de 1988. **Jus Navigandi**, v. 17, n. 3300. Disponível em: <https://goo.gl/4HHJWd>. Acesso em: 26 dez. 2018.

RAGO, Margareth. A história repensada com ousadia. In: JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 9-13.

ROCHFORD JUNIOR, E. B. **Hare Krishna in America**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985.

ROCHFORD JUNIOR, E. B. Factionalism, group defection, and schism in the Hare Krishna Movement. **Journal for the scientific study of religion**, 28(2), 1989, p. 162-179.

ROCHFORD JUNIOR, E. B. Hare Krishna in America: growth, decline, and accommodation. In: MILLER, Timothy. **America's alternative religious**. Albany: State University of New York Press, p. 215-221, 1995.

ROCHFORD JUNIOR, E. B. Demons, karmies, and non-devotees: culture, group boundaries, and the development of Hare Krishna in North America and Europe. **Social Compass**, v. 47, n. 2, 2000, p. 169–186.

ROCHFORD JUNIOR., E. Burke. Airports, conflict, and change in the Hare Krishna movement. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004.

RODRIGUES, Elisa. A emergência dos novos movimentos religiosos e suas repercussões no campo religioso brasileiro. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, v. 12, n. 1 e 2, p. 45–58, 2009.

ROSEN, Steven. **The lives of the Vaishnava saints**: Shrinivas Acharya, Narottam Das Thakur, Shyamananda Pandit. Vrndaban: Rasbihari Lal & Sons, 2002.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALDANHA apud SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. Ética. São Paulo: Contexto, 2009, p. 120.

SANDRONI, P. (org.). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Beste Seller, 1999.

SANTIAGO FILHO, Elio R. O gradiente seita-igreja como paradigma da cultura. *Estudos de Religião*, v. 29, n. 2, jul./dez. 2015, p. 93. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/5344>. Acesso em: 04 dez. 2020.

SARDELLA, F. **Modern hindu personalism**: the history, life and thought of Bhaktisiddhanta Sarasvati. New York: Oxford University Press, 2013.

SCHWEIG, G. M. Krishna: the intimate deity. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. **The Hare Krishna Movement: The postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University press, 2004.

SILVA, Eliane. Apresentação. In: SILVA, Eliane. M.; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo S. (Orgs.). **O estudo das religiões**: entre a história, a cultura e a comunicação. São Bernardo do Campo: Metodista, 2014.

SILVEIRA, M. S. da. **Hari Nama Sankirtana**: Etnografia de um processo ritual. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

SILVEIRA, Marcos S. da. New age & neo-hinduísmo: uma via de mão dupla nas relações culturais entre Ocidente e Oriente. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências**

Socias e Religião, v. 7, n. 7, p. 73–101, 2005. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2278/983>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

SILVEIRA, Marcos S. da. O “neo-hinduísmo” de Calcutá e a orientalização do Ocidente: notas a respeito da dinâmica histórica de trânsitos religiosos contemporâneos. In: L. Macagno; F. R. Ribeiro; P. S. Schermann (Orgs.); **Histórias conectadas e dinâmicas pós-coloniais**. Curitiba: Fundação Araucária, 2008.

SILVEIRA, Stefano José Caetano da. Uma síntese da inflação no Brasil entre 1979 e 1994. **Revista Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n. 37, p.132-147, jan./jun. 2013.

SOARES, Luiz Eduardo. Revoluções no campo religioso. **Novos estudos CEBRAP** [online], v. 38, n. 1, 2019, p. 85-107. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010009>. Acesso em 25 ago. 2020.

SOUZA, Patrícia Rodrigues. **Religião material**: o estudo das religiões a partir da cultura material. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019, p. 107.

SOUZA, Ronivaldo M. de; MIKLOS, Jorge. Por uma crítica da religião desencantada: midiatização do sagrado na sociedade de consumo. **Paulus: Revista De Comunicação Da FAPCOM**, v. 2, n. 4, 2018, p. 59–70. Disponível em: <https://doi.org/10.31657/rcp.v2i4.67>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SPANNENBERG, Ana C. M; BARROS, Cindhi V. B. Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil. **Observatório**, v. 2, especial 1, p. 230-250, mai. 2016, p. 252-253. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1693/8713>. Acesso em: 02 mai. 2022.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William S. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Paulinas, 2008.

SULLIVAN, Bruce M. **Historical Dictionary of Hinduism**. Lanham & London: Scarecrow Press, 1997.

THAKURA, Bhaktisiddhanta S. **Brahmana and vaisnava**. New Delhi: Vrajraj Press, 1999.

THAKURA, Vrndavana D. **Sri Caitanya Bhagavata**. Brasília: Associação BBT Brasil, 2010.

THOMAZ, Angélica T. **Estratégias missionárias do movimento Hare Krishna Vrinda na cidade de São Paulo**, 2015. Monografia (Bacharelado em Teologia), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

TINAZ, Nuri. A Social Analysis of Religious Organisations: The Cases of Church, Sect, Denomination, Cult and New Religious Movements (NRMs) and Their Typologies. **Islâm Arastirmali Dergisi**, Sayi 13, 2005, p. 163-108.

TROELTSCH, Ernst. **Social Teaching of the Christian Churches**. London: Allen & Unwin, 1931.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VALERA, Lúcio. **A mística devocional (Bhakti) como experiência estética (rasa):** um estudo do Bhakti-Rasāmṛta-Sindhu de Rūpa Gosvāmī, 2015. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

VALERA, Lúcio. História e memória dos primeiros anos do movimento Hare Krishna no Brasil. In: CARVALHO, Leon A. G. de; VALERA, Lúcio (Orgs.). **O movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva.** Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

VALLVERDÚ, J. V. El movimiento Hare Krisma: precedentes históricos y doctrinales. **Ilu. Revista de ciencias de las religiones**, , n. 3, p. 275–303, 1998. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=665897>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

VIOLIN, Marcelo H. ***Hari's son***: uma interpretação histórica das canções devocionais de George Harrison de 1970 a 1973. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) 129p. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

VIOLIN, Marcelo. *Om Hari Om*: diálogos possíveis entre George Harrison e o movimento Hare Krishna. In: CARVALHO, L. A. G; VALERA, Lúcio (orgs.). **O movimento Hare Krishna no Brasil: estudos em perspectiva.** Foz do Iguaçu: Unila, no prelo.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Lisboa: Presença, 2001.

WEBER, Max. **Economy and Society.** Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1978.

WILSON, B. (ed.). **The social impact of new religious movements.** New York: Union Theological Seminary, 1981.

YINGER, Milton J. **The Scientific Study of Religion.** New York: The Macmillan Company, 1970.

Sites consultados

AMIGOS DE KRISHNA [Facebook]. Disponível em: <https://www.facebook.com/Amigos.de.Krishna>. Acesso em: 25 jul. 2022.

BACK TO GODHEAD. Disponível em: <https://back2godhead.com/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 88.930, de 31 de outubro de 1983.** Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-88930-31-outubro-1983-438951-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 nov. 2020.

CARTA DE SANKIRTANA [online]. Disponível em: <http://cartadesankirtana.com.br/>. Acesso em: 26 mai. 2021.

CENTRO CULTURAL VRINDA [site]. Disponível em: <http://vrindabr.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CHANDRAMUKHA SWAMI: 40 anos de renúncia. Disponível em: <https://chandramukhaswami.com/sobre/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CINÉPOLIS estreia documentário sobre Hare Krishna em circuito nacional. **Cineplaneta**. Disponível em: <https://www.cineplaneta.com.br/cinepolis-estreia-documentario-sobre-hare-krishna/>. Acesso em: 30 maio. 2018.

DÉCADAS de 20 e 30. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

DÉCADA de 40. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_40.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

DÉCADA de 50. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_50.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

DÉCADA de 60. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_60.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

DÉCADA de 70. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_70.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

DEVOTEE CARE EDUCATION. **About devotee care course**. Disponível em: <https://devoteecare.org/course>. Acesso em: 18 jun. 2021.

DICIONÁRIO MICHAELIS [online]. **Estuporar**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estuporar>. Acesso em: 16 jun. 2021.

GIRIDHARI DAS [Youtube]. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/GiridhariDas/featured>. Acesso em 25 jul. 2022.

H. D. GOSWAMI. **About**. Disponível em: <https://www.hdgoswami.com/about/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ISKCON BRASIL [Facebook]. Disponível em: <https://www.facebook.com/iskconbrasil>. Acesso em: 25 jul. 2022.

ISKCON BRASIL [Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCnB_O5uEm8-Blm3xevgzesw. Acesso em: 25 jul. 2022.

ISKCON DESIRE TREE [site]. Disponível em: <https://iskcondesiretree.com/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

ISKCON NEWS. Disponível em: <https://iskconnews.org/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

ISKCON NOTÍCIAS [online]. Disponível em: <https://iskconnoticias.org/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

JORNAL HARE KRISHNA [online]. **IPBYS Contact List of Bhakti Centers World Wide**. Disponível em: <http://jornalharekrishna.com.br/2013/05/ipbys-contact-list-of-bhakti-centers.html>. Acesso em: 25 jul. 2022.

KRISHNA [site]. Disponível em: <https://pt.krishna.com/>. Acesso em 25 jul. 2022.

KRISHNA [site]. **Endereços e contatos – ISKCON Brasil**. Disponível em: <https://pt.krishna.com/endere%C3%A7os-e-contatos-iskcon-brasil>. Acesso em: 25 jul. 2022.

KRISHNA [site]. **Livros online**. Disponível em: <https://pt.krishna.com/livros-online>. Acesso em: 25 jul. 2022.

KRISHNA. **Os sete propósitos da ISKCON**. Disponível em: <http://pt.krishna.com/os-sete-prop%C3%B3sitos-da-iskcon>. Acesso em: 26 mar. 2021.

KRISHNA FM. Disponível em: <https://www.krishnafm.com.br/>. Acesso em 25 jul. 2022.

KRISHNA STORE. Disponível em: <https://krishnastore.com/>. Acesso em: 16 abr. 2021.

KRISHNA WEST. Disponível em: <https://krishnawest.com/>. Acesso em: 04 mai. 2021.

MAYAPUR TV. Disponível em: <https://www.mayapur.tv/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO [verbete]. **FGV DPDOC**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/estado-de-sao-paulo-o>. Acesso em: 03 mai. 2022.

PRIMEIRA metade da década de 80. **Folha de São Paulo** [site]. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_80_84.htm. Acesso em: 26 abr. 2022.

SANKIRTAN newsletter point system. **FAQ – Frequently Asked Questions**. Disponível em: <http://wsnl.net/WSNfaq.htm#missingq>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SRI CHAITANYA SARASWAT MATH [site]. Disponível em: <https://scsmathbrasildotcom.wordpress.com/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

THE BHAKTIVEDANTA BOOK TRUST. **Institucional**. Disponível em: <http://www.bbt.org.br/bbtorg/inst.html#>. Acesso em: 05 abr. 2021.

THE BHAKTIVEDANTA BOOK TRUST [site]. **Templos e centros urbanos**. Disponível em: <http://www.bbt.org.br/templo/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Encyclopædia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/matha>. Acesso: 13 jan. 2021.

TV SANKIRTANA [Youtube]. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCXZYXyRtq8TI_muxs4IEq7w. Acesso em: 25 jul. 2022.

VANIPEDIA. **Timeline or Srila Prabhupada's life**. Disponível em: https://vanipedia.org/wiki/Timeline_of_Srila_Prabhupada%27s_Life. Acesso em: 23 mar. 2021.

VOLTA AO SUPREMO [online]. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/>. Acesso em 27 jul. 2022.

VOLTA AO SUPREMO. Sri Sri Siksastaka. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/artigos/obras-completas/sri-sri-siksastaka/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

WORLD SANKIRTAN NEWSLETTER. **Early history for Brazil**. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm>. Acesso em: 22 fev. 2019.

WORLD SANKIRTANA NEWSLETTER. **World records for book distribution from 1979 to 2021**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnwrec.htm#pageCT>. Acesso em: 10 jan. 2022.

WORLD SANKIRTANA NEWSLETTER [online]. **World records for book distribution from 1979 to 2021**. Country records: total literature. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsnwrec.htm#pageIP>. Acesso em: 25 jul. 2022.

YEARLY history for Brazil (Last updated on 08/21/2021). **World sankirtana newsletter** [online]. Disponível em: <http://www.wsnl.net/hist/wsn01015.htm#pageq>. Acesso em 25 jul. 2022.

Artigos de revistas e jornais da ISKCON

ACHARYADEVA, Srila. A lógica do absoluto. **Cultura védica**. São Paulo, n. 1, 1986, p. 8.

AULA dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva em 11/11/80 (continuação). **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982. Néctar da semana, 2fls.

BACK TO GODHEAD. New York: International Society for Krishna Consciousness, vol. 1, n. 1. Disponível em: https://back2godhead.com/newpdf-17-36/030_1966_01-01.pdf. Acesso em 01 abr. 2021.

BACK TO GODHEAD. New York: International Society for Krishna Consciousness, vol. 1, n. 13, jun. 1967, p. 57. Disponível em: https://back2godhead.com/newpdf-17-36/030_1966_01-01.pdf. Acesso em 01 abr. 2021.

CAMPANHA contra as drogas. **Era Dourada**. Rio de Janeiro, dez. 1991, p. 4.

CARTA DE SANKIRTANA, n. 6, 11-16 mai. 1981.

CARTA DE SANKIRTANA, n. 14, 05-11 jul. 1981, capa.

CARTA DE SANKIRTANA, n. 35, 06-13 dez. 1981.

CARTA DE SANKIRTANA, n. 37, 21-27 dez. 1981.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 2, n. 43, 29 nov./05 dez. 1982.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 3, n. 10, 04-09 abr. 1983.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 3, n. 40, 21-27 nov. 1983.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 4, n. 04, 05-11 mar. 1984.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 4, n. 39, 26 nov./02 dez. 1984.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 5, n. 1, 14-20 jan. 1985.

CARTA DE SANKIRTANA, ano 5, n. 07, 25 fev./03 mar. 1985.

CITAÇÕES de Prabhupada sobre a primeira Maratona de Natal da ISKCON. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982.

CONTINENT totals: 1979 to 2021. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnscsa.htm>. Acesso em 14 abr. 2021.

CULTURA VÉDICA, São Paulo, n. 1, 1986.

DASA, Advaita. A importância da distribuição de livros. **Carta de Sankirtana**, n. 24, 14-20 set. 1981, f. 1.

DASA, Adwaita. Néctar do Nordeste. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 1, 31 jan./05 fev. 1983, 2fls.

DASA, Adwaya. Livros grandes, a solução para os 10.000 pontos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 27, 03-09 set. 1984.

DASA, Adwaya. Um clichê indesejável. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 05, 17-24 fev. 1985, 1f.

DASA, Ambhujaksa. Sob qualquer circunstância, pregue (continuação). **Carta de Sankirtana**, n. 11, 15-21 jun. 1981, 1f.

DASA, Atisundara; DASA, Radha-Govinda. Problemas, mudanças, soluções. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998. Palavras dos editores, p. 3.

DASA, Chandramukha. Néctar de São Paulo. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 06, 26-31 mar. 1984. Néctar da semana, 1f.

DASA, Chandramukha. Néctar de São Paulo Mandir. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 40, 03-09 dez. 1984, 1f.

DASA, Chandramukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982. Néctar da semana, 2fls.

DASA, Chandramukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 44, 06-12 dez. 1982, 1f.

DASA, Chandra Mukha. Néctar do Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983, 1f.

DASA, Dhanvantari. Buscando Krishna, o eterno companheiro dos devotos. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 11, 20-25 abr. 1982, 1f.

DASA, Dyvianga. “Até que cada homem, mulher e criança...”. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 15, 22-29 abr. 1985. Néctar especial, f. 2.

DASA, Hari Cakra. Néctar especial: Salvador *Mandir*. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 37, 14-21 out. 1985, 1f.

DASA, Isvara. Festival de Vyasa-Puja. **Carta de Sankirtana**, n. 25, 21-27 set. 1981, 1f.

DASA, Isvara. Nota do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 11, 15-21 jun. 1981, 2fls.

- DASA, Isvara. Nota do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 12, 22-28 jun. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 14, 05-11 jul. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 18, 02-08 ago. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 19, 02-08 ago. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 22, set. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 24, 14-20 set. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 31, 09-15 nov. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 33, 24-29 nov. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, n. 36, 14-20 dez. 1981, 1f.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 1, 10 fev. 1982.
- DASA, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 2, 8-14 fev. 1982.
- DASA, Isvara Dasa. Nota do editor. **Sankirtan Brasil**, n. 5, 04-10 mai. 1981, 1f.
- DASA, Jagad Vicitra. Notícias do Nordeste. **Sankirtan Brasil**, n. 5, 04-10 mai. 1981, 1f.
- DASA, Jaimini. Entrevista como Jaimini *prabhu*, o secretário regional da zona Norte-Oeste da Itália como Paravyoma *prabhu*. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 35, 30 set./06 out. 1985, 1f.
- DASA, Kaivalya Swarupa. Néctar de Nova Sutala Loka. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 44, 01-13 jan. 1985, 1f.
- DASA, Paravyoma. Brasil adi-lilamrta (a história fala por si mesma). **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 05, 17-24 fev. 1985. Néctar de *sankirtana*, 1f.
- DASA, Paravyoma. Brasil adi-lilamrta **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 10, 19-25 mar. 1985. Néctar de *sankirtana*, 1f.
- DASA, Paravyoma. “Confirmado: Hridayananda Maharaj realmente era extático, incrível e transcendental”. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 17, 06-12 mai. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.
- DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte II. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 09, 11-18 mar. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.
- DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte III. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.
- DASA, Paravyoma. Os primórdios do *sankirtana*, parte IV. Nasce uma nova criança na sociedade: a ISKCON do Brasil. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 12, 02-08 abr. 1985. Brasil *adi-lilamrta*, 1f.
- DASA, Raktaka. Néctar de Santos. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 31, 29 set./06 out. 1984, 1f.
- DASA, Raktaka. Néctar de Santos. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 45, 09-14 dez. 1985, 1f.

DASA, Rasananda. Néctar de São Paulo. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 1, 31 jan./05 fev. 1983, 1f.

DASA, Rasananda. Segredos de São Paulo. Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

DASA, Srestha. Especial do Rio: A maratona purifica os motoristas do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982, 1f.

DESAFIO ESPIRITUAL, ano 1, n. 1, 1982.

DEVI DASI, Gopi Gita. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva no dia 04 mar. 1982 em Mayapur-dhama (continuação). **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 12, 18-24 abr. 1983. Néctar da semana, f. 3.

DEVI DASI, Govindarasa. Vale a pena pensar. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai. 1998. Fórum vaishnava, p. 7-8.

DEVI DASI, Seva. Why we distribute books? **Back do Godehead**. Philadelphia: The Bhaktivedanta Book Trust, v. 19, n. 8, jul. 1984, p. 24-27.

DE VOLTA AO SUPREMO, 1980, n. 6.

E O QUE acontece no Norte? Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

E O SANKIRTANA de Nova Gokula? Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

GINSBERG, Allen. **Back to Godhead**. New York: International Society for Krishna Consciousness, vol. 1, n. 3, 01 dez. 1966, p. 05-09. Disponível em: https://back2godhead.com/newpdf-17-36/032_1966_01-03.pdf. Acesso em 01 abr. 2021.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula dada por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 20, 19-24 jun. 1982. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula de Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 4, 22 fev./01 mar. 1982. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda. Aula do *Bhagavad-Gita* (18.70) [dada em Nova Gokula em 25 ago. 1983]. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 03, 05-11 mar. 1984. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do *Bhagavad-Gita*, capítulo 8, verso 7 dada no dia 18 abr. 1982. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 2, 07-12 fev. 1983. Néctar da semana, f. 1-2.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do *Srimad Bhagavatam*, 22 ago. 1982. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 30, 29 ago./5 set. 1982. NÉCTAR de Srila Acharyadeva, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Consciência de Sankirtana. **Sankirtan Brasil**, n. 2, 2fls., 12-18 abr. 1981, f. 2.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, 23 jul. 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 21, 20-26 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula do Bhagavad-Gita (18.73) [dada em] 28 ago. 1983 em Nova Gokula. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 23, 23-29 jul. 1984. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação de uma aula dada por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 18, 02-08 ago. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação do *darshan* dado por Srila Acharyadeva e, 19 nov. 1984 no Rio de Janeiro. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 41, 10-16 dez. 1984. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Construir o império de Prabhupada sobre sua base, a pregação [aula dada na Flórida]. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 26 mar./01 abr. 1985. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em São Paulo, Parte I. **Sankirtan Brasil**, n. 4, 26 abr./02 mai. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em São Paulo, Parte II. **Sankirtan Brasil**, n. 5, 04-10 mai. 1981. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 25, 21-27 set. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 31, 09-15 nov. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 7, 11-16 mai. 1981. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 32, 16-23 nov. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 1, 10 fev. 1982. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan de Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 12, 22-28 jun. 1981. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan de Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 41, 28 nov./04 dez. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan de Srila Acharyadeva no Rio de Janeiro dia 19 nov. 1984. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 40, 03-09 dez. 1984. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 29, 19-25 out. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 34, 10-16 out. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Srila Acharyadeva em Nova Gokula. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 30, 12-19 set. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 25, 21-27 set. 1981. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 7, 11-16 mai. 1981. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Ensaio para a Carta de Sankirtana. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 39, 02-08 nov. 1982. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Especial: recado de Srila Acharyadeva para a maratona de Natal, numa conversa telefônica com Iswara Swami, dia 29 de novembro de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 40, 21-27 nov. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 2.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar de Srila Acharyadeva. **Sankirtan Brasil**, n. 3, 1f., 19-24 abr. 1981.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 2.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial: trecho final da aula dada por Srila Acharyadeva, em São Paulo no dia 17 de agosto de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 28, 08-14 ago. 1983, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p. 2.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Se você não está inspirado, o que há de errado? Aula de Srila Acharyadeva dada em Gainesville. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 07, 25 fev./03 mar. 1985. Néctar especial da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Telefonema de Srila Acharyadeva a Isvara Swami em 1º de julho de 1983. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Tenha confiança enquanto está em *sankirtana* [Aula dada em Gainesville, Flórida]. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 13, 08-14 abr. 1985. Néctar especial, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Trecho de uma aula dada por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Srila Acharyadeva. **Carta de Sankirtana**, n. 16, 20-27 jul. 1981. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Trecho final da aula dada por Srila Acharyadeva em Miami [“Um verdadeiro devoto deve salvar as pessoas do inferno”]. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 03, 28 jan./03 mar. 1985. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Uma caminhada com Srila Acharyadeva no Parque do Ibirapuera em São Paulo. **Carta de Sankirtana**, n. 10, 08-14 jun. 1981. Néctar da semana, f. 1.

GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Um verdadeiro devoto deve salvar as pessoas do inferno. Aula dada por Srila Acharyadeva em Miami. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 02, 21-27 jan. 1985. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 3, 14-19 fev. 1983. Néctar da semana.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros! **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 5, 28 fev./05 mar. 1983.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 7, 14-19 mar. 1983.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 8, 21-26 mar. 1983, 1f.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 9, 28 mar./02 abr. 1983.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 16, 16-22 mai. 1983. Néctar da semana.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983, f. 3. Carta de 14 de fevereiro de 1973.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 18, 30 mai./05 jun. 1983, 3fls.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. [Trecho do livro] Distribua livros! Distribua livros! Distribua livros!. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. Que haja um templo [Trecho do livro Srila Prabhupada Lilamrta, v. 5]. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 24, 11-17 jul. 1983. Néctar da semana.

GOSWAMI, Satsvarupa Dasa. Que haja um templo [Trecho do livro Srila Prabhupada Lilamrta, v. 5]. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 26, 25-31 jul. 1983. Néctar da semana, 1f.

GOSWAMI, Tamal Krishna. Cap. 16 – A onda sísmica do *sankirtana*. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 25, 08-14 jul. 1985. O servo do servo, 1f.

GURU da seita Hare Krishna está no Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 19 dez. 1978. Local, p. A-6.

HARE KRISHNA INFORMA. Santos, ano I, n. 1, abr./mai. 1985, p. 5.

LATIN America: yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnscsa.htm>. Acesso em 14 abr. 2021.

LIVROS, fitas, posters – catálogo. **Cultura Védica**, Pindamonhangaba, n. 7, 1988, p. 12.

MÍDIA transcendental. **Cultura védica**. São Paulo, n. 1, 1986. Notícias da ISKCON, p. 6.

NÉCTAR de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 13, 03-09 mai. 1982, capa.

NÉCTAR especial de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 3, 14-19 fev. 1983, f. 2-4.

NÉCTAR do Rio. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 13, 25 abr./01 mai. 1983. Néctar da semana, f. 2.

NOTA dos editores. **Desafio espiritual**. Rio de Janeiro, n. 1, p. 2.

OBSERVAÇÃO importante. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 39, 28 out./03 nov. 1985. Individuais, f1.

O QUE dizem nossos leitores. **Cultura Védica**. São Paulo, n. 3, 1986, p. 2.

OS NÚMEROS não mentem jamais. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 49, 10-15 jan. 1983, 2fls.

PRABHUPADA, A.C.B.S. Néctar de Srila Prabhupada. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 35, 28 out./04 nov.

PRABHUPADA, A. C. B. S. Trecho de uma carta de 23 de dezembro de 1973. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 17, 23-29 mai. 1983, f. 3.

PRABHUPADA, A. C. B. S. Várias citações de cartas de Srila Prabhupada mostrando sua devoção e força para estabelecer o *sankirtana yajna* por todo o mundo. **Carta de Sankirtana**, n. 33, 24-29 nov. 1981. Néctar de Srila Prabhupada.

PRESIDENTE Sarney ganha *Bhagavad-Gita*. **Cultura Védica**. São Paulo, n. 3, 1986, p. 9.

SANKIRTANA: nós e o público [Entrevista com Hridayananda Dasa Gosvami]. **Volta ao Supremo** [online] [s.d.]. Disponível em: <https://voltaaosupremo.com/entrevistas/entrevistas-com-outros-convidados/sankirtana-nos-e-o-publico/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SANKIRTAN BRASIL, n. 1, 15. abr. 1981, f. 1.

SEGREDOS do Rio de Janeiro. Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.

SLAUGHTERHOUSE Civilization. **Back to Godhead** [online]. Disponível em: <https://back2godhead.com/slaughterhouse-civilization/>. Acesso em 14 jul. 2021.

SMULLEN, Madhava. The story of Prabhupada Marathon. **ISKCON News**, 13 dez. 2008. Disponível em: <https://iskconnews.org/the-story-of-the-prabhupada-marathon,884/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

SWAMI, Chandra Mukha. Fanatismo na pregação da consciência de Krishna. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998, p. 19.

SWAMI, Chandra Mukha. O templo e a congregação [entrevista]. **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998, p. 12-13.

SWAMI, Dhanvantari. Apelo ao *sankirtana* e os 10.000 pontos: o processo de render-se ao guru é o processo de progredir na consciência de Krsna. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 20, 03-09 jun. 1985, f. 1.

SWAMI, Isvara. Carta “confidencial” aos “prabhus, CGBc e presidentes [de templo]”. São Paulo, 21 dez. 1984. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 42, 17-23 dez. 1984.

SWAMI, Isvara. Comentário geral. **Carta de Sankirtana**, ano 5, edição extra da maratona de junho, jun. 1985, f. 1.

SWAMI, Isvara. Dia 1º de julho: um ano de renovação. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 19, 25 jun./01 jul. 1984. Néctar da semana, f. 2.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 17, 01-06 jun. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 18, 07-12 jun. 1982, 2fls.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 20, 19-24 jun. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 21, 25-30 jun. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 22, 01-06 jul. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 23, 12-18 jul. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 26, 02-07 ago. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 29, 23-28 ago. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 30, 29 ago./5 set. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 33, 20-26 set. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 40, 08-15 nov. 1982, f. 2.

SWAMI, Isvara. O troféu a melhor maratona. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982. Notas do editor, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 43, 29 nov./05 dez. 1982, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983, f. 2.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 8, 21-26 mar. 1983, f. 2.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 9, 28 mar./02 abr. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 12, 18-24 abr. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 15, 09-15 mai. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983, f. 2.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 21, 20-26 jun. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 22, 27 jun./03 jul. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 23, 04-07 jul. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 31, 18-25 set. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. n. 35, 17-23 out. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 38, 07-13 nov. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 39, 14-20 nov. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 3, n. 43, 12-18 dez. 1983, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 08, 08-14 abr. 1984, f. 2.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 09, 15-21 abr. 1984, f. 1.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 20, 02-08 jul. 1984, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 35, 28 out./04 nov. 1984, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 37, 12-18 nov. 1984, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor especial: diretamente de Srila Acharyadeva em Miami. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 43, 24-31 dez. 1984, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 44, 01-13 jan. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 03, 28 jan./03 mar. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 09, 11-18 mar. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 13, 08-14 abr. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 23, 17-23 jun. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 24, 01-07 jul. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 29, 19-26 ago. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 31, 02-09 set. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 34, 23-29 set. 1985, 1f.

SWAMI, Isvara. O troféu a melhor maratona. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982. Notas do editor, 1f.

SWAMI, Isvara. Notas do editor: maratona transcendental de Natal. **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 43, 18-24 nov. 1985, 1f.

SWAMI, Paramgaccit. Néctar de Vitória. **Carta de Sankirtana**, ano 4, n. 30, 23-28 set. 1984, 1f.

SWAMI, Paramgaccit. Onde está a competição entre os templos? **Carta de Sankirtana**, ano 5, n. 32, 09-15 set. 1985, 1f.

SWAMI, Ramesvara. Tradução da carta de novembro da BBT. **Carta de Sankirtana**, ano 2, n. 45, 13-19 dez. 1982. Néctar da semana, 1f.

TEMPLOS: Campos (RJ). **Sat sanga**. Pindamonhangaba, n. 5, abr./mai/ 1998. Agenda, p. 4.

TRECHO de uma aula dada por Sua Graça Mahavira Prabhu. **Carta de Sankirtana**, n. 35, 06-13 dez. 1981, 1f.

TRECHOS de algumas cartas de Srila Prabhupada para Srila Acharyadeva.

ÚLTIMOS lançamentos da BBT. **Cultura védica**, São Paulo, n. 1, 1986, p. 3.

UMA BREVE declaração sobre a filosofia da consciência de Krsna. **De volta ao Supremo**. São Paulo: BBT, Edição n. 2, 1976, p. 14.

UMA CAMINHADA com Srila Acharyadeva no Parque do Ibirapuera em São Paulo. **Carta de Sankirtana**, n. 10, 08-14 jun. 1981. Néctar da semana, f. 2.

SANKIRTAN Brasil, n. 3, 19-24 abr. 1981. Néctar da semana.

UNITED States: yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsn01059.htm>. Acesso em: 07 abr. 2021.

VISITE a Índia de graça. **Hare Krishna Informa**, Santos, ano I, n. 1, abr./mai. 1985, p. 8.

VOLTA AO SUPREMO, 1994, n. 4

VOLTA AO SUPREMO, 1995, n. 6.

WORLDWIDE book distribution: Yearly history - total literatures distributed and book points. **World Sankirtana Newsletter**. Disponível em: <http://wsnl.net/hist/wsnworld.htm#graph>. Acesso em: 07 abr. 2021.

Artigos de revistas e jornais seculares

ADVOGADO defende o Hare Krishna e se diz adepto do movimento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 fev. 1977. Grande Rio, p. 17.

AMARAL, Zózimo Barrozo do. Verde que te quero verde. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 set. 1986, Cidade, Zózimo [coluna], p. 02.

A MORTE do guru: Hare Krishna, uma seita na orfandade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 nov. 1977. Caderno B, p. 05.

ANA Davis reafirma acusações ao Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jun. 1977. Grande Rio, p. 13.

ANGELI. In: DOTTO, Wagner. Punks, hippies e hare krishnas dividem centro de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1986. 3º Caderno, Cidades, p. 24.

ANGELI. **The best of chiclete**: série tipinhos inúteis n. 1. São Paulo: Circo Sampa, mar. 1991.

ÂNGELO Sérgio, o monge depõe em nome de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Grande Rio, p. 17.

A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

ARGENTINA não proíbe Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jan. 1977. 1º caderno, p. 24.

BARAN, Katna. Hare Krishna, Goura chegou à Assembleia do Paraná. **O Estado de São Paulo** [online]. São Paulo, 11 out. 2018, Política/Eleições. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,como-a-bicicleta-levou-goura-a-assembleia-legislativa-do-parana,70002544309>. Acesso em: 25 jul. 2022.

BELIK, Hélio. Ambientalistas discutem Partido Verde. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 jul. 1985. Geral, p. 10.

“BOAS festas”, um salário extra. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 07 dez. 1975, p. 56.

BONFIM, Beatriz. O canto da paz é baixo no Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 set. 1986, Caderno B, p. 02.

BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

CASARÃO em Santa Tereza abriga discípulos de Krishna. **O Globo** [Botafogo], Rio de Janeiro, 14 mar. 1989, p. 26.

CHALITA, Márcio. A estranha conversão de Ana Davis. **Manchete**, Rio de Janeiro, 05 fev. 1977, p. 108-109.

CÔNSUL: “Meu filho pode estar na Hare Krishna”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jan. 1977. O País, p. 08.

COURI, Norma. As seitas da aflição brasileira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 ago. 1977. Revista de Domingo, p. 15-16.

COUTINHO, Wilson. Da “Região Norte” à “Zona Rural”: o animado território da arte carioca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 out. 1984. Caderno B, p. 01.

DAVIS, Ana. A verdade sobre os Hare Krishna. **Manchete**, Rio de Janeiro, 02 jul. 1977, p. 32-36.

DELEGADOS sugerem o fechamento da “Hare Krishna”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 04 ago. 1977. Grande Rio, p. 12.

DELEGADO tira menor do templo da Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 jul. 1977. Grande Rio, p. 10.

DINES, Alberto. Cupões, ideias, ecos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jan. 1977. 1º Caderno, Nacional, Jornal dos Jornais [coluna], p. 10.

DINES, Alberto. Direitos e deveres. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 mar. 1977. 1º Caderno, Nacional, Jornal dos Jornais [coluna], p. 12.

DOTTO, Wagner. Punks, hippies e hare krishnas dividem centro de SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1986. 3º Caderno, Cidades, p. 24.

EX-KRISHNA usa Justiça para rever filha que a mãe levou para a seita. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 jul. 1986, 1º Caderno, p. 16.

FANATISMO religioso leva 383 pessoas ao suicídio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 nov. 1978. 1º Caderno, Internacional, p. 12.

FERRARI, Nadir do Valle. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

FERREIRA, Sônia Nolasco. Foi cantando Hare Krishna que eles enriqueceram. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Domingo, p. 03.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 10 dez. 1987. Cidades, p. A-19.

FONTES FILHO, Armando. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 set. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

FORTUNA, Reginald José Azevedo [charge]. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 07 jul. 1977 [recorte]. In: ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.331, f. 393.

HARE Krishna defende-se em carta a jornais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 22.

HARE Krishna é acusado de criar idiota. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. 1º Caderno, p. 06.

HARE Krishna em campanha à paisana. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1977. Capa, p. 01.

HARE Krishna espera vender no Natal Cr\$ 3 milhões em livros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1977. Grande Rio, p. 15.

HARE Krishna já se tornou uma rotina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1985, 1º Caderno B, p. 17.

HARE Krishna: mongeterapia, alimentos crus e argila para limpar a aura. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 07 fev. 2010. Tema do dia, p. A3.

HORTA, Luiz Paulo. Um velho poema moderno. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 fev. 1977. Livro [encarte], p. 04.

JAGUAR. Os Hare Krishnas, os seguidores do Deus brincalhão. **O Pasquim**. Edição 404. Rio de Janeiro, 25 a 31 mar. 1977, p. 10.

JAIR, Leniel. No cultivo da terra, a regra ideal de viver. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 set. 1976, p. 41.

JOTA [tirinha]. In: KRISHNA: quem tem medo dessa religião? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

JOVEM vai contar ao juiz sua vida na Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. Grande Rio, p. 11.

JOVENS praticam ritos orientais e instalam restaurante místico. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 jun.1974. Primeiro Caderno, p. 5.

JUIZADO tira devoto de Krishna do templo para ser tratado. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. Grande Rio, p. 14.

JUIZ não tira filho da adepta de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1977. Grande Rio, p. 12.

JULGAMENTO da revolução. **O globo**. Rio de Janeiro, 07 out. 1984.

KRISHNA: quem tem medo dessa religião? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 35.

LABOURIAU, Maria Eugênia. É fácil fazer incenso. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1985, Domingo [encarte], p. 26.

LIBERATI, Bruno. Cartoon [s.n.]. In: COUTINHO, Wilson. Da “Região Norte” à “Zona Rural”: o animado território da arte carioca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 out. 1984. Caderno B, p. 01.

LIBOS, Hilton. Abriu o farol, elas aparecem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jan. 1977. Folha Ilustrada, p. 22.

MACHADO, Helô. As novas missionárias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 fev. 1976. Nova Mulher, p. 35.

MÃE apela ao Cardeal para filha retornar à religião. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jan. 1977. 1º Caderno, p. 06.

MÃE processa seita por aliciamento de menores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jan. 1977. Grande Rio, p. 09.

MÃE que tirou a filha do templo Krishna quer ir a Falcão para proibir seita. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, Cidade/Estado, p. 14.

MÃE vai pedir a juiz para processar monge da seita Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 jun. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 13.

MARCELO deixa o Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. Capa, p. 01.

MEDEIROS, Carlos. Fantasmática. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 set. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

MENORES no Krishna só com licença dos pais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 fev. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 16.

MONGE canadense do Krishna terá que abandonar o País. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1977. Grande Rio, p. 11.

MONGES americanos desfilam cantando canções indianas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 04 out. 1972. 1º Caderno, Nacional, p. 17.

MORRE o líder da “Krishna”. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 nov. 1977, p. 14.

MOVIMENTO Hare Krishna vai pedir proteção policial para o seu templo na Tijuca. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, p. 30.

MOURÃO, Gerardo Mello. As raízes do saber. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 jan. 1983. Opinião, p. 29.

NA AREIA, o espaço é de liberdade para as crenças. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 jan. 1987. Grande Rio, p. 13.

NATALE, Denise. No campo, a vida em comum. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 jan. 1982. Especial, Agenda, p. 23.

NEVES, Maria Laura. Hare Krishna versão light. **Época**, São Paulo, 20 nov. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/B9GaKG>. Acesso em: 28 mai. 2016.

NÓBREGA, Gláucio A. Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 fev. 1977. O País, Cartas dos leitores, p. 02.

O IMPÉRIO dos devotos de Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Capa, p. 01.

OLIVEIRA, José Carlos. Ana (ex-Krishna) Davis. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 08 jul. 1977. Caderno B, p. 04.

OLIVEIRA, José Carlos. Pais e filhos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 06 fev. 1977. Caderno B, p. 05.

OLIVEIRA, Roberto. Maior templo Hare Krishna da América Latina é refúgio para quem quer sossego em SP. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 25 ago. 2013, Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1331678-maior-templo-hare-krishna-da-america-latina-e-refugio-para-quem-quer-sossego-em-sp.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OLIVEIRA, Roberto. Santo daime se expande e invade crenças. **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 02 dez. 2007, Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0212200724.htm>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OS ESTRANHOS jovens que convivem com a cidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06 abr. 1986. Capa, p. 01.

OS JOVENS procuram uma saída. **O Globo**, Rio de Janeiro, 03 jul. 1977. Jornal da Família, Debate, Religião, p. 02.

PAIS versus Hare Krishna. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 abr. 1977. Folha Ilustrada, p. 30.

PENTEADO, Léa. Ana Davis: sou palha da rua. Me prostro aos pés de Krsna para pedir misericórdia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 mar. 1977. Cultura, p. 33.

PENTEADO, Lea. Uma história de empregadas domésticas. E de patroas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 set. 1977. Cultura, p. 33.

POLÍCIA apura denúncias e promove devassa na seita Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 jun. 1977. 1º Caderno, Cidade, p. 12.

POLÍCIA busca em seitas de Salvador moça sumida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 jan. 1977. Grande Rio, p. 16.

POLÍCIA retira menor do templo H. Krishna apesar de autorizado pela mãe. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 09 jul. 1977. 1º Caderno, p. 22.

QUEDAS e muita irritação no centro na passagem pelas obras dos “calçadões”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 set. 1976. Local, p. 14.

REPÓRTER confirma no DGIE acusações à seita Hare Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 jul. 1977. Grande Rio, p. 12.

RYFF, Sérgio. É tudo em nome da fé: mortes, suicídios coletivos, sacrifícios rituais, cerimônias macabras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 nov. 1978. Caderno B, p. 01.

SANTOS, José Alves. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 03 fev. 1977. Cartas, p. 10.

SILVA, Ana Maria Leopoldo e. Gurus orientais são cultuados na cidade. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 out. 1983. 3º Caderno, Geral, p. 26.

SILVA, Walter. Show de Caetano: preguiçoso e redundante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 ago. 1975. Folha Ilustrada, p. 48.

SOARES, Dirceu. São Paulo: o último caso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 abr. 1977. Folha Ilustrada, p. 30.

SOUSA, Maria Eduarda Alves. Uma conspiração contra a família. In: A NOVA questão religiosa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.

SSP envia a Falcão relatório sobre Krishna. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 jul. 1977. Grande Rio, p. 13.

SWAN, Carlos. Hare, Hare. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1984. Grande Rio, p. 10.

VENTURA, Ruth Dias. Hare Krishna. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 fev. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.

VIEIRA, Cristina Doria. A fé e a religião traduzidas pelos jovens. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 jun. 1988. Jornal da família [encarte], p. 03.

ZACCONE, Orlando. Quando o filho gera um novo pai. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 ago. 1988. Jornal da família [encarte], p. 01.

Cartas e entrevistas

CAVALCANTI, José (Advaya Dasa). Entrevista [via internet] realizada em 24 mai. 2021.

GOSWAMI, Tamal K. **Letter to Ramesvara**. Vndavana, 26 jun. 1977. Disponível em: [https://vanisource.org/wiki/770626 - Letter to Ramesvara from Tamal Krsna](https://vanisource.org/wiki/770626_-_Letter_to_Ramesvara_from_Tamal_Krsna). Acesso em: 08 abr. 2021.

GUERRIERO, Enéas (Isvara Dasa). Entrevista [via internet] realizada em 28 jun. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. et all. **Conversation B – Calcutta**. Calcutá, 16 jan. 1977. Disponível em: <https://vanisource.org/wiki/770116 - Conversation B - Calcutta>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. **Interview**. São Francisco, 16 jul. 1975. Disponível em: <https://vanisource.org/wiki/750716 - Interview - San Francisco>. Acesso em: 08 abr. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Alanatha**. Bombay, 23 dez. 1976. Disponível em: <https://vanisource.org/wiki/File:761223 - Letter to Alanath.JPG>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Gurudasa**, Los Angeles, 06 abr. 1970, f. 1 (tradução nossa). Disponível em: <https://vanisource.org/wiki/700416 - Letter to Gurudasa written from Los Angeles>. Acesso em: 03 mai. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Hridayananda**. Paris, 04 jun. 1974. Disponível em: <https://vanisource.org/wiki/File:740604 - Letter to Hridayananda.JPG>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Hridayananda**. Evanston, 01 jul. 1975. Disponível em: <https://vanimedia.org/w/images/a/ac/750701 - Letter to Hridayananda.JPG>. Acesso em: 18 mai. 2021.

PRABHUPADA, A. C. B. S. **Letter to Yogesvara Dasa**, Bombai, 28 dez. 1971, f. 1.

Fontes de arquivos e acervos documentais

ACERVO BBT BRASIL (Pindamonhangaba-SP). Carta à Ambujaksa Dasa enviada por uma mãe. São Paulo, 1977[?]. Notação 18IBR_RPCM1, f. 9.

ACERVO BBT BRASIL (Pindamonhangaba-SP). Informe público. Rio de Janeiro, 1981. Notação 18IBR_RPCM2, f. 06-07.

ACERVO BBT BRASIL (Pindamonhangaba-SP). Informe público por Lúcio Valera (Presidente Geral da ISKCON Brasil). Rio de Janeiro, 06 jul. 1982. Notação 18IBR_RPCM1, f. 24.

ACERVO BBT BRASIL. **Carta de Herbert Duschenes (professor de História da Arte da Faculdade de Artes Plásticas de São Paulo) endereçada à Ambujaksha Dasa**. São Paulo, [s.d].

ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Atividade da seita “Hare Krishna” (parecer final do Ministério da Justiça)**. Brasília, 25 jan. 1980. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.305, p. 139.

ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Formalização da Sociedade Internacional para a Consciência de Krsna do Brasil no Diário Oficial do Estado de São Paulo**. 08 mar. 1975. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.303, p. 108.

ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Memorando emitido por Oemar Lopes de Rezende (coordenador da Secretaria Municipal de Fazenda do**

Rio de Janeiro) ao setor de fiscalização. 16 fev. 1976. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.303, p. 121.

ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Ofício n. 0231/77 – CCP/DPF enviado por Moacyr Coelho (Diretor-Geral do Departamento da Polícia Federal) ao Ministro da Justiça Armando Falcão.** Brasília, 25 ago. 1977. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.305, p. 33-34.

ARQUIVO PÚBLICO NACIONAL. Ministério da Justiça. **Parecer n. 211/79 da Consultoria Jurídica elaborado por Adahilton Dourado (Diretor da Divisão de Pareceres e Estudos da Consultoria Jurídica do MJ).** Brasília, 21 dez. 1979. Notação BR RJANRIO.TT.0.JUS.PRO.305, p. 133-134.

Outros tipos de fontes

BRASIL. **Decreto-Lei, nº 3.688, de 03 de outubro de 1941.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm. Acesso em: 03 abr. 2022.

CAYMMI, Dorival. **Samba da minha terra** [1min. 54seg.]. LP Eu vou p'ra Maracangalha. Odeon, 1957.

GRIESSER, John; GRIESSER, Jean; ROSS, Lauren [Dir.]. **Hare Krishna!** The mantra, the movement and the swami who started it all. Abramorama e Inner Voice productions. Alachua, Fl, United States of America: 2017. Legendado, bobina cinematográfica.

APÊNDICE 1 – DICIONÁRIO DE VERBETES ISKCONIANOS

Nº	VERBETE	SIGNIFICADO
1.	Abandonar o corpo	Morrer; desencarnar; deixar de ter um corpo físico material; processo em que a alma (sempre existente) deixa o corpo (de existência temporária). Ex.: “[Ele] abandonou seu corpo, atropelado, enquanto fazia <i>sankirtana</i> nas ruas do Rio”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 4, n. 20, 02-08 jul. 1984, 1f.
2.	Amaciar	Repreender verbalmente; dar orientações a alguém tido como subordinado. <i>Amaciada</i> – ver: “chakrada”.
3.	Arrepiar	Fazer algo incrível, grandioso, digno de exaltação; derrotar filosoficamente ou teologicamente um oponente; distribuir grande quantidade de livros no <i>sankirtana</i> . Ex.: “J.V. é o nosso grande herói da semana, onde pegou o primeiro lugar [na maratona de <i>sankirtana</i>] (...). Em poucas palavras, ele ‘arrepiou’”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 5, n. 45, 09-14 dez. 1985, 1f.
4.	Austeridade	Execução de sacrifícios em favor da divindade ou do guru; atividades que exigem dedicação e abnegação para se alcançar avanço espiritual; pré-requisito para aqueles que almejam “pureza espiritual”. <i>Austero</i> – diz-se daquele que praticou austeridades; diz-se daqueles que são bons devotos.
5.	<i>Bhoga</i>	Alimento não-santificado ou não-oferecido a Krishna em sacrifício; qualquer objeto ou item de consumo que não tenha ligação com vida espiritual;
6.	Blupiar	Deixar de fazer parte do movimento Hare Krishna; Abandonar a vida no templo e o convívio com devotos; desconverter-se. Ex.: “[...] é nos templos onde se faz menos <i>sankirtana</i> que sempre há mais problemas e devotos blupitados”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 5, n. 23, 17-23 jun. 1985, 1f. “‘Bloop’ is the sound the soul makes when it falls into the material world. (Devoto entrevistado por ROCHFORD JUNIOR, 2007, p. 161).
7.	Caído	Diz-se do devoto que não possui plenas capacidades espirituais; aquele que não consegue seguir todos os princípios e práticas espirituais, ainda que se esforce para tal; A alma que “caiu” do mundo espiritual para o mundo material; Aquele que mantém uma consciência materialista da vida. Ex.: <i>Eu sou o mais caído...</i>
8.	Caiu	Aquele que não conseguiu continuar sendo devoto; aquele que deixou de seguir seus votos, princípios ou práticas espirituais; ver: “Caído”.
9.	Chakrada	Uma advertência verbal ou reclamação de uma autoridade espiritual – tido como representante de Vishnu (o possuidor da <i>chakra</i> ¹¹¹⁷); ouvir um “sermão” de autoridade superior.
10.	Coletar	Fazer <i>sankirtana</i> ; sair para vender livros; venda de artefatos (religiosos ou não) ¹¹¹⁸ . Ex.: “[...] são mais de 30 sankirtaneiros

¹¹¹⁷ A *chakra*, na mitologia hindu, é a arma pertencente ao deus Vishnu que ele utiliza para derrotar seus inimigos, os *assura*.

¹¹¹⁸ Por vezes, a “coleta” era entendida apenas como a comercialização de artigos – que poderia ser com valores fixos ou pedidos de doações “A BBT depende de um fluxo constante de *laksmi*, e é preciso que vocês organizem os templos de tal maneira que o *sankirtana* de dezembro seja excelente, e também que continuem em janeiro sem parar para “coletar”, que não vamos admitir de nenhuma

		coletando fortemente para a construção do novo templo”. E O SANKIRTANA de Nova Gokula? Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? Carta de Sankirtana , ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.
11.	Condicionado	Indivíduo cujas ações e consciência se restringem aos modos da natureza material (<i>gunas</i>); indivíduo que não possui consciência espiritual; materialista. Ex.: “ <i>Normalmente um homem ordinário fica animado na associação de belas mulheres, sua esposa, amigas e isto é vida material. Vida condicionada</i> ”. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan concedido por Srila Acharyadeva em Nova Gokula. Carta de Sankirtana , ano 2, n. 40, 08-15 nov. 1982. Néctar da semana, 1f.
12.	Contaminação	Impureza; pecados; apegos materiais que atrapalham a vida espiritual; defeitos. Ex.: “[...] Se você está fazendo <i>sankirtana</i> e não está desfrutando, se não está em êxtase, isso é devido a sua contaminação”. GOSWAMI, Hridayananda. Aula do <i>Bhagavad-Gita</i> (18.70) [dada em Nova Gokula em 25 ago. 1983]. Carta de Sankirtana , ano 4, n. 03, 05-11 mar. 1984. Néctar da semana, 1f.
13.	Contaminado	Tornado impuro; profanado; dessacralizado ou desespiritualizado; o que não está cem por cento sob a plataforma espiritual; algo ou alguém que contém máculas materiais. Ex.: “ <i>Srila Prabhupada disse certa vez que quando os devotos fazem negócio eles têm a tendência a se contaminarem</i> ”. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Srila Acharyadeva. Carta de Sankirtana , n. 1, ano 2, 10 fev. 1982. Néctar da semana, 1f.
14.	Demônio	Ser sobre-humano ou humano que é contrário às virtudes espirituais; aquele que não é espiritualista; Aquele que não segue ou é contrário aos princípios <i>vaishnava</i> ; Ver: <i>Karmi</i> .
15.	Desvio	Pensamento, pregação ou conduta que representa uma contravenção à teologia, filosofia ou regras da tradição religiosa defendida por Prabhupada; heresia.
16.	Entidade viva	Ser individual; alma; é utilizado tanto para definir o ser que habita os corpos humanos, quanto os animais, minerais, além de seres fantásticos como deuses (<i>deva</i>), demônios (<i>asura</i>) ou fantasmas (<i>bhuta</i>).
17.	Êxtase	Grande prazer espiritual; euforia espiritual; estado de consciência semelhante ao <i>samadhi</i> dos iogues. Ver: “Extático”.
18.	Extático	Qualidade do que é extasiante; Práticas, palavras, objetos ou pessoas que causam êxtase ou júbilo espiritual. Ex.: “ <i>É muito extático ver todos os devotos com esta consciência de sair e pregar sem se importar com as exigências corpóreas, sem se preocupar com falsas posições [...]</i> ”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 2, n. 17, 01-06 jun. 1982, 1f.
19.	Falso ego	Identificar-se com o corpo material e ao que diz respeito a concepção não-espiritual de vida; desvio de pensamento ou conduta da vida espiritual; aquele que possui uma identificação ilusória com o corpo.
20.	<i>Grhamedhi</i>	O chefe de família materialista que visa apenas a satisfação do próprio bem-estar da família, sem se importar com os princípios espirituais ou com os devotos.
21.	Ilícito	Aquilo que não é apoiado pelas escrituras ou princípios religiosos; contravenção religiosa.

		<i>Sexo ilícito</i> – sexo que vai de encontro aos princípios religiosos; sexo praticado fora do casamento ou sem o objetivo da concepção de filhos; sexo que visa somente a satisfação sexual.
22.	Inflado	Orgulhoso; Soberbo; prepotente; aquele que está ilusoriamente convicto de suas próprias qualidades e façanhas. Ex.: “[...] <i>não vamos ganhar a maratona [de sankirtana] pensando que somos os maiores e ficamos tão inflados [...]. Temos que ser humildes [...]</i> ”. DASA, Rasananda. Segredos de São Paulo. Da série: O que acontece nesta maratona pelos templos do Brasil? Carta de Sankirtana , ano 2, n. 42, 22-28 nov. 1982, 1f.
23.	Karmi	Aquele que gera <i>karma</i> ; o não-devoto; pessoa de atitudes ditas demoníacas ou contrárias às virtudes espirituais. Ex.: “ <i>Existem pouquíssimos devotos em comparação com os bilhões e bilhões de karmis demoníacos que existem no mundo</i> ”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983, f. 1.
24.	Lakshmi	Lakshmi originalmente é a deusa da fortuna e consorte de Vishnu no panteão hindu; na ISKCON é o nome dado ao dinheiro que é proveniente ou que se destina a manter ou fomentar as práticas espirituais, os templos, seus programas e devotos; dinheiro empregado de acordo com os princípios espirituais. Ex.: “ <i>É hora de super-purificá-los fazendo este dinheiro virar lakshmi aos pés de Krishna</i> ”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 2, n. 44, 06-12 dez. 1982, 1f.
25.	Materialista	Aquele que não é adepto das práticas da vida espiritual; não-espiritualista (sentido pejorativo).
26.	Maya	Ilusão; materialismo; estado em que o indivíduo não se encontra em conexão com o sagrado; propensão a desfrutar dos sentidos ou do prazer material; aquilo que causa uma consciência mundana da vida e do mundo; a força inimiga a ser combatida pela consciência de Krishna. Ex.: “ <i>A mente está sempre querendo se desviar do serviço [devocional] e desejando fazer outra coisa. Isso é maya</i> ”. GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Aula do <i>Bhagavad-Gita</i> , capítulo 8, verso 7 dada no dia 18 abr. 1982. Carta de Sankirtana , ano 3, n. 2, 07-12 fev. 1983. Néctar da semana, f. 1.
27.	Mental	Estado em que um devoto oscila de sua consciência espiritual; pensamentos que levam o devoto a incertezas em relação a sua fé ou devoção; <i>entrar numa mental</i> ; <i>especulação mental</i> . Ex.: “[...] <i>para tais devotos era algo muito penoso sair a sankirtana, e eles tinham grande “mental”</i> ”. DASA, Paravyoma. Brasil adilamrta Carta de Sankirtana , ano 5, n. 08, 03-10 mar. 1985. Néctar de <i>sankirtana</i> , 1f.
28.	Néctar	Prazer ou júbilo espiritual; bem-aventurança; emoção advinda da prática espiritual. Ex.: “ <i>a competição de sankirtana é néctar sempre, no começo, no meio e no fim</i> ”. SWAMI, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , ano 2, n. 47, 27 dez. 1982/02 jan. 1983, f. 1.
29.	Nectáreo	Diz-se daquilo que é ou produz o estado de prazer espiritual; excelente; maravilhoso.
30.	Paixão	Uma das três qualidades ou tipos de energia da matéria (<i>guna</i>); a energia material responsável pelo vigor, heroísmo, disputa, sensualidade, força. <i>Apaixonado</i> – diz-se do devoto que está agindo sob o modo material da paixão.
31.	Prajalpa	Conversas que não tratam de assuntos espirituais; assuntos mundanos; bobagens.
32.	Queda	Situação em que um devoto deixou temporária ou permanentemente o seu status de devoto; falha na manutenção

		dos princípios, regras e práticas espirituais; a “queda” é uma mácula no currículo do devoto, motivo de vergonha e traz a esse o status de “caído” (ver: “caído”).
33.	Queimar	Difamar; tornar impróprio para a prática ou pregação espiritual. “Queimar um devoto” - Ato de fazer com que um devoto perca a sua fé; desconverter outro devoto com má pregação. “Queimar um lugar” - Ato de um devoto fazer má pregação ou de ter uma má conduta em um dado local, de modo que as pessoas passem a ver o movimento Hare Krishna de modo negativo no lugar. Ex.: <i>“Em primeiro lugar, que o sankirtaneiro seja um cavalheiro. Ele não pode queimar o lugar, não pode fazer nada ilegal”</i> . GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Néctar especial do ano: entrevista exclusiva com sua divina graça Srila Acharyadeva e alguns devotos do Brasil gravada no dia 04 mar. 1983 em Gainesville, Estados Unidos. Carta de Sankirtana , ano 3, n. 6, 07-12 mar. 1983. Néctar da semana, p 4.
34.	Rendido	Diz-se do devoto que está em plena comunhão com Krishna; que não se desvia da sua fé e prática espiritual; devoto integralmente dedicado à vida espiritual; aquele que segue todas as instruções e normas do guru, das autoridades e da ISKCON. Ex.: <i>“Se durante todo o dia fazemos atividades que executamos para a ISKCON isso é rendição”</i> . GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. Carta de Sankirtana , ano 3, n. 18, 30 mai./05 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.
35.	Sankirtaneiro	Aquele que realiza o <i>sankirtana</i> ; distribuidores ou vendedores de livros e artigos religiosos.
36.	Shakti	Energia ou potência espiritual; poder que possui um devoto de grande vigor espiritual. Ex.: <i>“Um verdadeiro vaishnava é reconhecido pela sua pregação, isto é, pela potência que ele tem de convencer os outros ou por quantos livros ele pode distribuir para as almas condicionadas. Isto se chama krsna-shakti (shakti de Krishna)”</i> . DASA, Isvara. Notas do editor. Carta de Sankirtana , n. 32, 16-23 nov. 1981, 1 f.
37.	Shudra	Classe servil na Índia védica; trabalhadores braçais; diz-se daquele que não tem objetivos nobres na vida; na ISKCON, diz-se daquele que não é conhecedor dos ensinamentos espirituais; pessoa desprovida de inteligência; ignorante; diz-se do devoto que não tem as melhores qualidades espirituais (que seriam as dos “ <i>brahmanas</i> ”). Ex.: <i>“Quem não tem este espírito, de fazer cada vez mais para Krsna, é mais ou menos um shudra”</i> . GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Darshan dado por Sua Divina Graça Hridayananda Goswami Acharyadeva. Carta de Sankirtana , n. 15, 12-19 jul. 1981. Néctar da semana, 1f.
38.	Sofisticado	Diz-se do devoto que adotada hábitos, praticas ou pensamentos que são fora do padrão estipulado pela ISKCON, ainda que continue com suas praticas devocionais; aquele que adota costumes “modernos”, mesmo sendo devoto. Ex.: <i>“E se alguém pensa que é tão inteligente, tão sofisticado e retira de sua vida espiritual essas austeridades e sacrifícios, na verdade, estará cortando de seu próprio coração a consciência de Krsna”</i> . GOSWAMI, Hridayananda Dasa. Continuação da aula de Srila Acharyadeva, dada em Los Angeles, em 23 de julho de 1980. Carta de Sankirtana , ano 3, n. 19, 06-12 jun. 1983. Néctar da semana, 1f.
39.	Transcendental	Aquilo que transcende à natureza material; algo espiritual; aquilo que proporciona prazer espiritual.

APÊNDICE 2 - GLOSSÁRIO

Acharya – “aquele que ensina pelo exemplo”; guru fundador de uma linha de sucessão discipular; na ISKCON, Prabhupada é considerado o “acharya-fundador”. Nos dez anos que se seguiram após a morte de Prabhupada, a ISKCON adotou o sistema de “acharyas zonais” que dividia o mundo em zonas de atuação em que apenas um guru ou acharya zonal determinado para aquela área poderia iniciar discípulos.

Ashrama – monastério; na ISKCON, dormitório dos membros internos de um templo; umas das quatro ordens de vida religiosa na cultura védica.

Atma – o ser individual; a alma.

Avatara – encarnação ou manifestação da divindade em uma forma específica.

Bhagavad Gita – “a canção do Senhor”; o livro mais amplamente conhecido da literatura religiosa indiana; é um excerto do épico Mahabharata. Prabhupada traduziu e comentou uma edição desse livro com o nome de *Bhagavad Gita como ele é*.

Bhagavan – o aspecto pessoal da divindade.

Bhakta – aquele que possui *bhakti*; na ISKCON, os iniciantes que ainda não passaram pela cerimônia de iniciação espiritual.

Bhakti – devoção.

Bhakti-yoga – o “loga da devoção”; na ISKCON, a expressão também é utilizada como “serviço devocional”.

Bhaktisiddhanta Sarasvati – guru de Bhaktivedanta Swami Prabhupada e fundador da Gaudiya Math.

Bhaktivinodha Thakura – um dos gurus anteriores da linha de sucessão de Prabhupada e um dos modernizadores do vaishnavismo *gaudiya*, entre os séculos XIX e XX; pai de Bhaktisiddhanta Sarasvati.

Brahmachary – monge estudante celibatário que segue as diretrizes de um guru de acordo com a tradição do sistema *varnashrama*.

Brahmacharini – na ISKCON, monja estudante celibatária que segue as diretrizes de um guru; tradicionalmente, não havia monjas na cultura védica.

Brahman – o transcendente; o espiritual; o Ser ou a Realidade Absoluta; a totalidade divina.

Brahmana – sacerdotes ou brâmanes; uma das quatro ocupações (*varnas*) dentro do sistema *varnashrama*; na ISKCON, os devotos que passaram pela primeira e segunda iniciação espiritual são considerados sacerdotes brâhmanas.

Chaitanya – fundador do Vaishnavismo Gaudiya; considerado por essa tradição como uma encarnação de Krishna.

Dasa – “servo”; sobrenome adquirido pelo devoto no momento da iniciação espiritual.

Dasi – “serva”; sobrenome adquirido pelo devoto no momento da iniciação espiritual.

Dharma – dever social ou religioso. Diksha – ritual de iniciação espiritual.

Dhoti – roupa indiana tradicional para homens utilizada também pelos membros da ISKCON. A cor alaranjada ou açafrão dos *dhotis* representa o celibato.

Gaudiya – relativo à região da Bengala (*Gauda*).

Gaudiya Math – instituição fundada por Bhaktisiddhanta Saraswati, em 1920.

Goura Purnima – festival que celebra o aniversário de “aparecimento” de Chaitanya, segundo o calendário védico lunar.

Goswami – título honorífico concedido a um sannyasi ou pessoa considerada santa. Grihastha – chefe de família no sistema *varnashrama*.

Guru – mestre espiritual.

Guru-kula – “casa do mestre”; modelo de ensino do período védico; na ISKCON, as escolas destinadas ao ensino de nível básico e/ou religioso para crianças e adolescentes da instituição.

Harinama – na ISKCON, canto de mantras em público acompanhado de instrumentos e dança;

Jagannatha Puri – cidade indiana da região de Orissa que abriga um dos mais famosos templos *vaishnavas*.

Japa-mala – cordão com 108 contas, semelhante a um rosário, utilizado para acompanhar a contagem da entoação repetida de mantras.

Jiva – o ser ou entidade viva.

Kali-yuga – última das quatro eras ou períodos de tempo dentro da cosmologia védica. Nessa era, a civilização humana sofreria uma grande degradação ética, moral e religiosa.

Karma – lei de ação e reação na plataforma material.

Kirtana – canto de mantras, geralmente acompanhado de instrumentos e dança.

Krishna – a Divindade suprema para os *vaishnava gaudiya*; um dos *avatara* de Vishnu.

Kshátriya – reis, administradores e guerreiros; uma das quatro ocupações (*varna*) dentro do sistema *varnashrama*.

Maha-mantra – “o grande mantra”; o mantra Hare Krishna.

Matha – monastério; clã monástico.

Mataji – “mãezinha”; pronome de tratamento respeitoso endereçado às devotas na ISKCON.

Maya – ilusão causada pela energia material; o materialismo.

Mayapur – lugar onde teria nascido Chaitanya e onde se localiza a sede da ISKCON mundial, em Nabadwip, Bengala Ocidental, Índia.

Mlecha – “incivilizados”; os não hindus.

Moksha – salvação; libertação do ciclo de *samsara*.

Mudha – “tolo”; ignorante.

Murti – deidade ou forma divina manifesta em uma imagem.

Padayatra – procissão tradicional no Hinduísmo em que grupos visitam lugares sagrados.

Prasada – alimento consagrado;

Puja – “adoração”; ritual de oferta de elementos para uma *murti*.

Pujari – sacerdote que realiza o *puja*.

Rasa – gosto; sabor; doçura; “experiência estética”.

Sadhana – disciplina; prática religiosa diária.

Sadhu – pessoa santa; devoto.

Sampradaya – tradição ou linhagem religiosa instituída por um guru.

Samsara – ciclo de reencarnações.

Sanatana-dharma – religião ou dever eterno de um indivíduo.

Sangha – associação ou congregação de religiosos ou devotos.

Sankirtana – “canto congregacional de hinos devocionais”; movimento iniciado por Chaitanya; na ISKCON, pode significar tanto a prática do canto de hinos em conjunto, quanto a prática da venda de livros (ou outros artigos) em locais públicos com pedido de doações.

Sannyasi – um monge celibatário da ordem de vida renunciada no sistema *varnashrama*.

Shaiva – seguidor do Shaivismo ou Shivaismo, uma das quatro grandes tradições do Hinduísmo tradicional que tem Shiva como a divindade suprema.

Shakta – seguidor do Shaktismo, uma das quatro grandes tradições do Hinduísmo tradicional que tem a Deusa ou Mãe divina (Devi ou Shakti) como a divindade suprema.

Shudras – servos ou prestadores de serviço; uma das quatro ocupações (*varnas*) dentro do sistema *varnashrama*.

Smarta – seguidor do Smartismo, uma das quatro grandes tradições do Hinduísmo tradicional que se constitui em uma tradição monista ou pantefista.

Swami – título honorífico concedido aos *sannyasi*.

Tilaka – barro de lugares sagrados, utilizado pelos *vaishnavas* para desenhar símbolos na testa e no corpo.

Vaisha – comerciantes, agricultores e criadores de animais; uma das quatro ocupações (*varna*) dentro do sistema *varnashrama*.

Vaishnava – seguidor do Vaishnavismo, uma das quatro grandes tradições do Hinduísmo tradicional que tem Vishnu – incluindo as suas manifestações ou encarnações (*avatara*) – como a divindade suprema; relativo ao Vaishnavismo.

Vanaprastha – posição dentro do sistema *varnashrama* para aqueles que se retiraram ou aposentaram dos afazeres domésticos e familiares para se dedicar a vida religiosa.

Varnashrama – sistema social surgido no período védico que dividia a sociedade em quatro divisões ocupacionais (*varna*) e quatro divisões religiosas (*ashrama*).

Vedas – conjunto dos quatro livros (*Rg, Sama, Atarva* e *Yajur*) que deram origem às tradições que viriam compor o que se convencionou chamar de Hinduísmo; o termo pode se referir, também, ao vasto número de literaturas que se sucederam ao período védico e que buscaram se basear ou renovar o conteúdo dos Vedas.

Vrindavana – vilarejo onde teria vivido Krishna, segundo a literatura védica; lugar considerado como réplica da morada espiritual de Krishna nesse mundo e que abriga hoje centenas de templos dedicados à Divindade.

Vishnu – a divindade suprema e adorável para o Vaishnavismo.

APÊNDICE 3 – NÚMERO DE REPORTAGENS E SEÇÃO DE CADA JORNAL

FOLHA DE SÃO PAULO: NÚMERO DE REPORTAGENS POR SEÇÃO E ANO

Ano →	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	Total por seção
Seção ↓																			
Capa												1	1		1				3
Cartas/Opinião						1						1							2
Cultura		1		1		10			2	1	1	5	2			3	1		27
Geral												2	1	5					8
Local					2		2			1				1	1	1	2	1	11
Nacional						2													2
Internacional					1														1
Política/Economia							1												1
Polícia	1										1								2
Outros					1		1				2						2		6
Total por ano	1	1	0	1	4	12	4	0	2	2	4	9	4	6	2	4	5	1	63

JORNAL DO BRASIL: NÚMERO DE REPORTAGENS POR SEÇÃO E ANO

Ano →	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	Total por seção
Seção ↓																			
Capa																1	1		2
Cartas/Opinião						18								1	1				20
Cultura	1					4	1	3	1	1	1		8	1		6	4		31
Geral		1				9	1			2				1	1				15
Local					1	5						2			4	3	2		17
Nacional	1					1											3		5
Internacional						3	1				1	1	2			2		1	11
Política/Economia															1				1
Polícia																			0
Outros				1		5				1				1	1	2	1	2	14
Total por ano	2	1	0	1	1	45	3	3	1	4	2	3	10	4	7	14	11	3	115

O ESTADO DE SÃO PAULO: NÚMERO DE REPORTAGENS POR SEÇÃO E ANO

Ano →	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	Total por seção
Seção ↓																			
Capa																			0
Cartas/Opinião																		1	1
Cultura															1		2	1	4
Geral						2													2
Local				1			1			1									3
Nacional																			0
Internacional											1	2	2		1				6
Política/Economia					1	1											1		3
Polícia																			0
Outros					1										1				2
TOTAL	0	0	0	1	2	3	1	0	0	1	1	2	2	0	3	0	3	2	21

O GLOBO: NÚMERO DE REPORTAGENS POR SEÇÃO E ANO

Ano →	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	Total por seção
Seção ↓																			
Capa						8													8
Cartas/Opinião					3	2			1				1		1				8
Cultura	2		1			4		1	2		1		2	4	1	2	4	7	31
Geral																			0
Local					1	37	1	1			1	1	3	2	1	1	4	3	56
Nacional						2				2									4
Internacional	1				1	2	3		2	2		1	1				4		17
Política/Economia																		1	1
Polícia																			0
Outros	1					5											2	1	9
Total por ano	4	0	1	0	5	60	4	2	5	4	2	2	7	6	3	3	14	12	134

SEÇÕES DE JORNAL EM QUE SE MENCIONA O MOVIMENTO HARE KRISHNA

Jornal	FSP	JB	OESP	OG	Total por seção
Seção					
Capa	3	2	0	8	13
Cartas/Opinião	2	20	1	8	31
Cultura	27	31	4	31	93
Geral	8	15	2	0	25
Local	11	17	3	56	87
Nacional	2	5	0	4	11
Internacional	1	11	6	17	35
Política/Economia	1	1	3	1	6
Polícia	2	0	0	0	2
Outros (encartes, família, esportes, etc.)	6	14	2	9	31
Total de reportagens	63	115	21	134	334 ¹¹¹⁹

TOTAL DE REPORTAGENS POR SEÇÃO E ANO DOS QUATRO JORNAIS

Ano →	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	Total por seção
Seção ↓																			
Capa	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	1	1	-	1	1	1	-	13
Cartas/Opinião	-	-	-	-	3	21	-	-	1	-	-	1	1	1	2	-	-	1	31
Cultura	3	1	1	1	-	18	1	4	5	2	3	5	12	5	2	11	11	8	93
Geral	-	1	-	-	-	11	1	-	-	2	-	2	1	6	1	-	-	-	25
Local	-	-	-	1	4	42	4	1	-	2	1	3	3	3	6	5	8	4	87
Nacional	1	-	-	-	-	5	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	-	11
Internacional	1	-	-	-	2	5	4	-	2	2	2	4	5	-	1	2	4	1	35
Política/Economia	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	6
Polícia	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Outros	1	-	-	1	2	10	1	-	-	1	2	-	-	1	2	2	5	3	31
Total por ano	7	2	1	3	12	121	12	5	8	11	9	16	23	16	16	21	33	18	334

¹¹¹⁹ Desse total, apenas 238 reportagens foram consideradas relevantes para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

APÊNDICE 4 - DEFINIÇÕES SOBRE O MOVIMENTO HARE KRISHNA NOS JORNAIS

Nº	Definição	Autor(a) da definição	Referências
1.	"[...] adeptos do movimento Hare Krishna, culto nascido há 480 [...]".	Reportagem	MONGES americanos desfilam cantando canções indianas. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 04 out. 1972. 1º Caderno, Nacional, p. 17.
2.	Culto; culto hindu	Reportagem	ORIENTALISTAS esperam vinda de Avatar no Natal. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 25 nov. 1973. 1º Caderno, Culto Oriental [sic], p. 27.
3.	Hare Krishna como "um modo de vida ao seu alcance"; um "modo de viver".	Anúncio da <i>House of India</i>	HARE Krishna é um modo de vida ao seu alcance. O Globo , Rio de Janeiro, 21 ago. 1974. Cultura, p. 30.
4.	"grupo religioso"	Reportagem	A CRESCENTE onda verde dos vegetarianos. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 31 mar. 1975. Caderno B, Comportamento, p. 4.
5.	"Grupo" ou "subproduto" da "geração Caetano [Velloso]"; "seita oriental da moda"; "religião".	Reportagem	SILVA, Walter. Show de Caetano: preguiçoso e redundante. Folha de São Paulo , São Paulo, 08 ago. 1975. Folha Ilustrada, p. 48.
6.	"seitas religiosas"	Reportagem	"BOAS festas", um salário extra. O Estado de São Paulo , São Paulo, 07 dez. 1975, p. 56.
7.	"Religião, doutrina, filosofia, seita?"; "Movimento Krsna"; "movimento" e "filosofia" (definição das adeptas).	Reportagem	MACHADO, Helô. As novas missionárias. Folha de São Paulo , São Paulo, 04 fev. 1976. Nova Mulher, p. 35.
8.	Seita indiana	Reportagem	JAIR, Leniel. No cultivo da terra, a regra ideal de viver. O Globo , Rio de Janeiro, 09 set. 1976, p. 41.
9.	Religião	Reportagem	QUEDAS e muita irritação no centro na passagem pelas obras dos "calçadões". Folha de São Paulo , São Paulo, 26 set. 1976. Local, p. 14.
10.	nefasta "seita", "culto", "agrupamento", "comunidade", "religião" ou "princípio filosófico" denominada Hare Krishna.	Nadyr Ferrari (carta)	FERRARI, Nadyr do Valle. Hare Krishna. O Globo , Rio de Janeiro, 29 nov. 1976. O País, Cartas dos Leitores, p. 02.
11.	"centro de ioga hare-krishna"	Reportagem	KOTSCHO, Ricardo. A cidade esquece tudo, todos só falam em Coríntians. O Estado de São Paulo , São Paulo, 04 dez. 1976, p. 28.
12.	"movimento pró-Krishna"; Uma patologia "mística religiosa".	Guido Ferrari (carta)	FERRARI, Guido. Hare Krishna. O Globo , Rio de Janeiro, 09 dez. 1976. O País, Cartas dos Leitores, p. 02.
13.	"[...] doutrina importada e nefasta, contrária aos bons costumes, às leis, que visa corromper os princípios religiosos, morais e cívicos dos jovens, desvirtuando suas mentes"	Nadyr Ferrari	MÃE apela ao Cardeal para filha retornar à religião. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 17 jan. 1977. 1º Caderno, p. 06.
14.	"Religião"	Reportagem	BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A nova

			questão religiosa. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.
15.	"Filosofia que tem como meta a elevação espiritual";	Ambujaksa Dasa	BORGES, Humberto. O poder temporal chamado a combater Hare Krishna. In: A nova questão religiosa. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.
16.	"nefasta organização internacional"	Nadyr Ferrari	SOUSA, Maria Eduarda Alves. Uma conspiração contra a família. In: A NOVA questão religiosa. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 20 jan. 1976. Caderno B, p. 05.
17.	Religião (criticando à perseguição de OG contra o HK)	Reportagem	DINES, Alberto. Cupões, ideias, ecos. Folha de São Paulo , São Paulo, 23 jan. 1977. 1º Caderno, Nacional, Jornal dos Jornais [coluna], p. 10.
18.	"Seita diabólica, importada, nefasta e subversiva"; "satânica seita".	Nadyr Ferrari	FERRARI, Nadir do Valle. Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 24 jan. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.
19.	"seita religiosa"	Reportagem	RELATÓRIO sobre a seita Hare Krsna. O Globo , Rio de Janeiro, 25 jan. 1977. Capa, p. 01.
20.	"seita religiosa orientalista"	Reportagem	ARGENTINA não proíbe Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 29 jan. 1977. 1º caderno, p. 24.
21.	"seitas", como a Hare Krishna, "são iguais a entorpecentes".	José Alves Santos (Carta)	SANTOS, José Alves. Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 29 jan. 1977. Cartas, p. 10.
22.	"Seita", "Religião"	Reportagem	SANTOS, Daniel dos. Krsna: balançando as colunas do templo. Folha de São Paulo , São Paulo, 04 fev. 1977. Folha Ilustrada, p. 32.
23.	"Filosofia oriental"; "Seita religiosa"	Reportagem	JUIZADO de Menores estuda situação dos que aderiram à seita Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 04 fev. 1977. 1º Caderno, p. 23.
24.	"filosofia de vida fundada no conhecimento védico"; "força religiosa".	Amando Fontes Filho (advogado da ISKCON)	ADVOGADO defende o Hare Krsna e se diz adepto do movimento. O Globo , Rio de Janeiro, 08 fev. 1977. Grande Rio, p. 17.
25.	"um verdadeiro império do incenso e orientalismo nos Estados Unidos".	Reportagem	OS NOVOS místicos: o Oriente no Ocidente. O Globo , Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Domingo, p. 01.
26.	"O movimento mais vitorioso".	Reportagem (corresponde nte de OG nos EUA)	FERREIRA, Sônia Nolasco. Foi cantando Hare Krsna que eles enriqueceram. O Globo , Rio de Janeiro, 13 fev. 1977. Domingo, p. 03.
27.	"Seita"; "Religião".	Gláucio Nóbrega (carta)	NÓBREGA, Gláucio A. HARE Krsna. O Globo , Rio de Janeiro, 14 fev. 1977. O País, Cartas dos leitores, p. 02.
28.	"seita da discórdia"	Nadyr Ferrari (carta)	Nadyr do Valle Ferrari. Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 15 fev. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.
29.	"seita religiosa"	Reportagem	JUIZ de Menores leva a Laudo o processo contra Hare Krsna. O Globo , Rio de Janeiro, 17 fev. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 10.
30.	"movimento que mais salva os jovens da toxicomania".	Ruth Dias Ventura (carta)	VENTURA, Ruth Dias. Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 2 fev. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.
31.	"Seita"; "poderosa organização internacional"	Reportagem	HORTA, Luiz Paulo. Um velho poema moderno. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 2 fev. 1977. Livro [encarte], p. 04.

32.	"Seita religiosa"	José Alves dos Reis (Carta)	REIS, José Alves dos. Hare Krishna (II). Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 03 mar. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.
33.	"Religião"	Chamada de capa	A CONVERSÃO da repórter Ana Davis. O Globo , Rio de Janeiro, 09 mar. 1977. Capa, p. 01.
34.	"Religião"; "seita"	Reportagem	PENTEADO, Léa. Ana Davis: sou palha da rua. Me prostro aos pés de Krsna para pedir misericórdia. O Globo , Rio de Janeiro, 09 mar. 1977. Cultura, p. 33.
35.	"Império"	Maria Ignês Santiago	HARE Krishna é acusado de criar idiota. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 25 jun. 1977. 1º Caderno, p. 06.
36.	"movimento".	Reportagem	MOVIMENTO Hare Krishna vai pedir proteção policial para o seu templo na Tijuca. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 26 jun. 1977. 1º Caderno, p. 30.
37.	"um cancro social que está destruindo várias famílias".	Nadyr Ferrari e Maria Ignês Santiago	MÃE vai pedir a juiz para processar monge da seita Hare Krsna. O Globo , Rio de Janeiro, 27 jun. 1977. Grande Rio, 2º Clichê, p. 13.
38.	"seita"; "religião"	Reportagem	POLÍCIA apura denúncias e promove devassa na seita Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 29 jun. 1977. 1º Caderno, Cidade, p. 12.
39.	"antro de vagabundos"	Maria Ignês Santiago	POLÍCIA apura denúncias e promove devassa na seita Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 29 jun. 1977. 1º Caderno, Cidade, p. 12.
40.	"seita norte-americana"	Reportagem	ANA Davis reafirma acusações ao Krsna. O Globo , Rio de Janeiro, 30 jun. 1977. Grande Rio, p. 13.
41.	"religião maldita".	Nair de Carvalho (acusadora)	ADVOGADO da Hare Krishna diz que vai interpelar os que vêm denunciando a seita. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 30 jun. 1977. 1º Caderno, p. 14.
42.	"Religiões orientais"	Paulo Márcio (psicólogo)	OS JOVENS procuram uma saída. O Globo , Rio de Janeiro, 03 jul. 1977. Jornal da Família, Debate, Religião, p. 02.
43.	"Filosofia"	Reportagem	POLÍCIA retira menor do templo H. Krishna apesar de autorizado pela mãe. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 09 jul. 1977. 1º Caderno, p. 22.
44.	"seita hindu"	Reportagem	GOMES, Sérgio. Juventude: o impasse de uma geração desconhecida. Folha de São Paulo , São Paulo, 02 ago. 1977. Folha Ilustrada, p. 33.
45.	"Religião, não. Ciência que ensina a conhecer Deus e a amá-lo".	Amalatmana Dasa	GOMES, Sérgio. Juventude: o impasse de uma geração desconhecida. Folha de São Paulo , São Paulo, 02 ago. 1977. Folha Ilustrada, p. 33.
46.	"Religiões orientais"; "novos movimentos espirituais".	Reportagem	COX, Harvey. A grande virada para as religiões orientais. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 07 ago. 1977. Revista de Domingo, p. 12-15.
47.	"Sou contra essas seitas orientais que proliferam no Brasil porque não são hindus. São fundadas por um bando de vigaristas internacionais, deturpadores das verdadeiras e nobres"	Frei Raimundo Cintra – definido como especialista em História das Religiões	COURI, Norma. As seitas da aflição brasileira. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 07 ago. 1977. Revista de Domingo, p. 15-16.

	tradições hindus, com base na meditação” (p. 15).		
48.	“Sociedade religiosa”.	Armando Fontes Filho (advogado da ISKCON) (carta)	FONTES FILHO, Armando. Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 27 ago. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.
49.	Uma das “novas religiões”.	Liana Duval (atriz)	AMÂNCIO, Moacir. As forças ocultas do palco. Folha de São Paulo , São Paulo, 09 set. 1977. Folha Ilustrada, p. 33.
50.	“Seita religiosa”; “religião”.	Reportagem	JUIZ susta a pedido de mãe casamento da filha com um integrante da Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 14 set. 1977. 1º Caderno, p. 24.
51.	“religião de 5 mil anos de existência”.	Ambujaksa Dasa	JUIZ susta a pedido de mãe casamento da filha com um integrante da Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 14 set. 1977. 1º Caderno, p. 24.
52.	“Religião”; “Congregação Religiosa”.	Armando Fontes Filho (carta)	FONTES FILHO, Armando. Hare Krishna. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 29 set. 1977. Caderno B, Cartas, p. 02.
53.	“Movimento religioso”; “seita”; “movimento religioso dito orientalista”.	Reportagem	A MORTE do guru: Hare Krishna, uma seita na orfandade. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 16 nov. 1977. Caderno B, p. 05.
54.	“Nosso movimento é uma universidade espiritual prática e teórica. E nós, estudantes espirituais”.	Ambujaksa Dasa	HARE Krsna espera vender no Natal Cr\$ 3 milhões em livros. O Globo , Rio de Janeiro, 14 dez. 1977. Grande Rio, p. 15.
55.	“Religião”; “uma furada”; “uma exploração”; “viagem sem volta”.	Mauro Antônio Guerra (ex-devoto do templo do Rio)	EX-DEVOTO acusa Hare Krsna de tornar os jovens robôs. O Globo , Rio de Janeiro, 25 jan. 1978. Grande Rio, p. 10.
56.	“seitas orientais”	Reportagem	FANATISMO religioso leva 383 pessoas ao suicídio. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 21 nov. 1978. 1º Caderno, Internacional, p. 12.
57.	Uma das “religiões contemporâneas”.	Reportagem	MOTTA, Nelson. Homens e artistas na década da fé. O Globo , Rio de Janeiro, 11 mai. 1980. Domingo, p. 09.
58.	“Ordem”	Reportagem	OS ADEPTOS da Ordem Hare Krishna... O Globo (Tijuca), Rio de Janeiro, 28 set. 1982. Anote, p. 04.
59.	“movimento Hare Krishna – seus integrantes o definem como uma cultura, uma filosofia, uma religião”.	Reportagem	SILVA, Ana Maria Leopoldo e. Gurus orientais são cultuados na cidade. Folha de São Paulo , São Paulo, 02 out. 1983. 3º Caderno, Geral, p. 26.
60.	“Seita religiosa”; “organização”.	Reportagem	SEITAS religiosas ainda sem controle do governo. Folha de São Paulo , São Paulo, 16 out. 1983. 3º Caderno, Necrologia, Geral, p. 26.
61.	“Religião”	Reportagem	PAULISTANOS aprovam namoro como forma de relacionamento. Folha de São Paulo , São Paulo, 10 jun. 1984. 3º Caderno, Geral, p. [3?].
62.	“movimento religioso de origem hindu”.	Reportagem	HARE Krishna já se tornou uma rotina. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 24 mar. 1985, 1º Caderno B, p. 17.

63.	“movimento cultural que pretende suprimir a defasagem entre o desenvolvimento material e a vida espiritual”	Lokasaksi Dasa	HARE Krishna já se tornou uma rotina. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 24 mar. 1985, 1º Caderno B, p. 17.
64.	“movimento Hare Krishna”.	Reportagem	HARE Krishna: em casa, uma vida diferente. O Globo , Rio de Janeiro, 31 mar. 1985. Grande Rio, p. 18.
65.	Uma das “tribos urbanas” de São Paulo	Reportagem	DOTTO, Wagner. Punks, hippies e hare krishnas dividem centro de SP. Folha de São Paulo , São Paulo, 06 abr. 1986. 3º Caderno, Cidades, p. 24.
66.	“Seita”; “movimento”.	Reportagem	SWAN, Carlos. Divina graça. O Globo , Rio de Janeiro, 08 jun. 1986. Grande Rio, p. 08.
67.	“sociedade religiosa séria”.	Darcy Mendonça (carta)	MENDONÇA, Darcy Veiga. Hare Krishna O Globo , Rio de Janeiro, 01 set. 1986. O País, Cartas dos leitores, p. 04.
68.	“crença”	Reportagem	FIÉIS de rito esotérico saúdam nova era na praia. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 17 ago. 1987. 1º caderno, Cidade, p. 10.
69.	“Milenar religião”.	Reportagem	HARE Krishna protesta contra os soviéticos. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 16 set. 1987. 1º Caderno, Internacional, p. 08.
70.	“religião”; “fé”.	Reportagem	VIEIRA, Cristina Doria. A fé e a religião traduzidas pelos jovens. O Globo , Rio de Janeiro, 12 jun. 1988. Jornal da família [encarte], p. 03.
71.	“Religião”; “Filosofia”; “movimento”.	Reportagem	ZACCONE, Orlando. Quando o filho gera um novo pai. O Globo , Rio de Janeiro, 14 ago. 1988. Jornal da família [encarte], p. 01.
72.	“Religião”	Reportagem	UM HOMEM das cavernas do século XX. O Globo [Tijuca], Rio de Janeiro, 13 set. 1988, p. 21.
73.	“Religião”	Reportagem	HOMEM da caverna. Folha de São Paulo , São Paulo, 30 set. 1988, p. G-3.
74.	“Militância”	Reportagem	PETTA, Rosângela. Congresso da UNE volta a agitar. Jornal do Brasil , Rio de Janeiro, 10 out. 1988. 1º Caderno, Brasil, p. 05.
75.	“movimento indiano”.	Reportagem	MÚSICA e meditação no templo Hare Krishna. O Globo [Tijuca], Rio de Janeiro, 06 dez. 1988, p. 48.
76.	“religião”	Reportagem	OS CASAIS que são felizes para sempre. De novo. O Globo , Rio de Janeiro, 23 jul. 1989. Jornal da família [encarte], p. 03.
77.	“movimento”; “religião”.	Reportagem	CAMPANHA eleitoral anima a orla marítima. O Globo , Rio de Janeiro, 13 nov. 1989. O País, p. 03.

